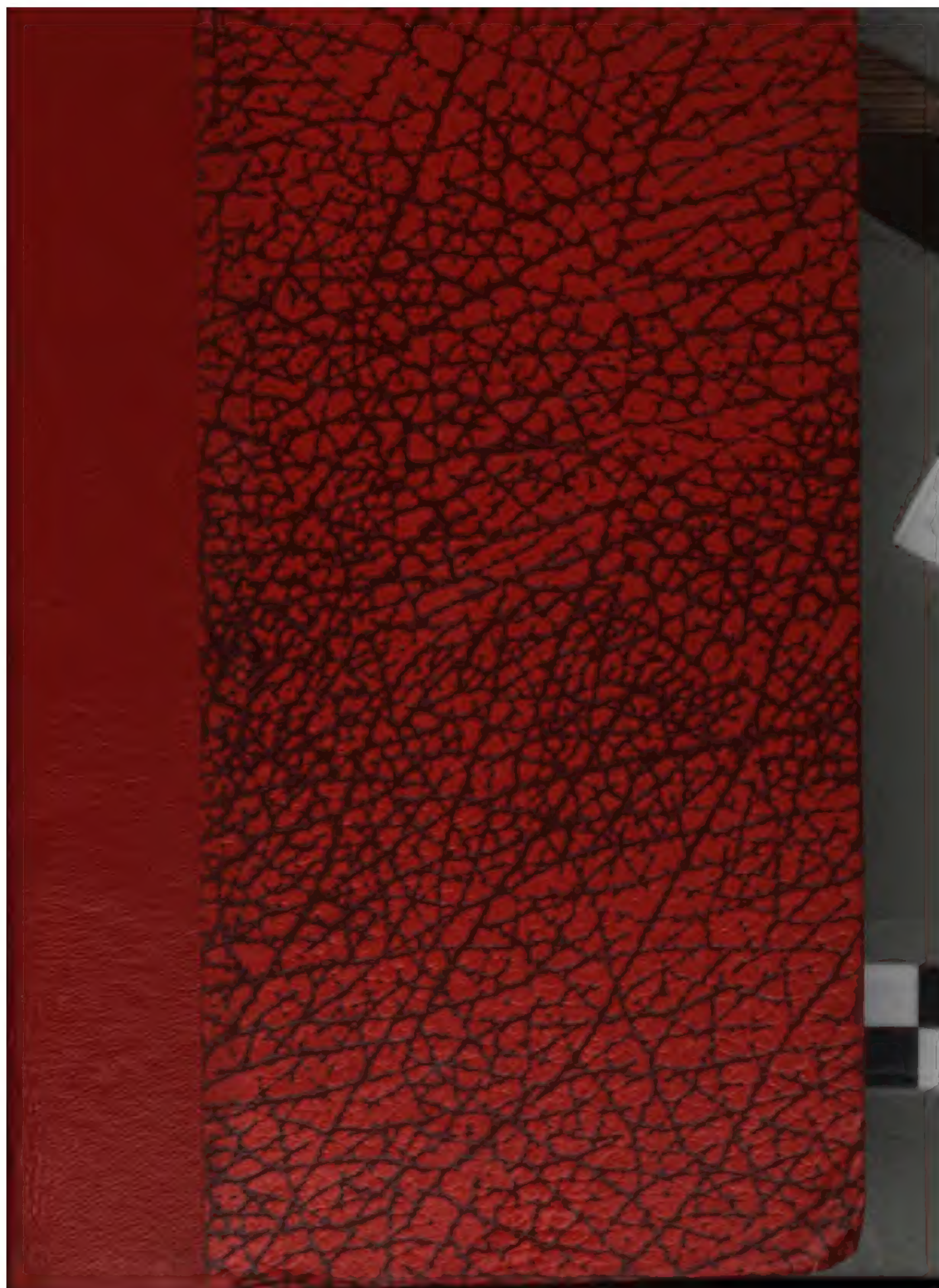
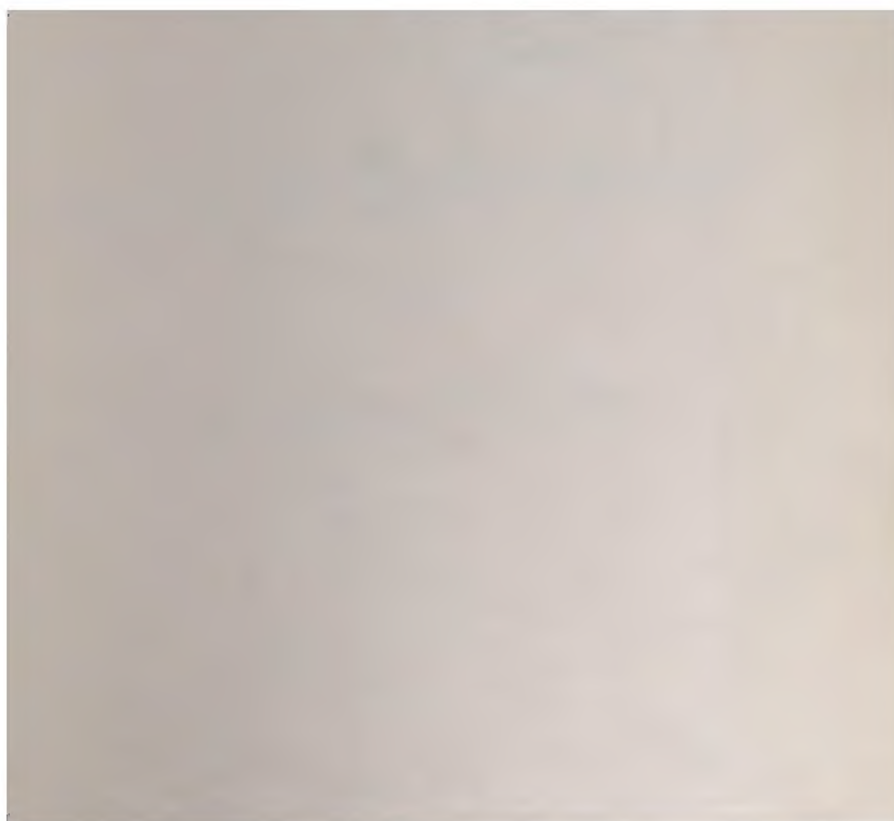

Google







APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA



[redacted]

APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

POR

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

A. R. GONÇÁLVEZ VIANA

APOSTILAS

AOS

DICIONÁRIOS PORTUGUESES

TÔMO I





LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA — A. M. TEIXEIRA & C.^TA
20, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 20

1906



Pôrto — Imprensa Portuguesa — Rua Formosa, 112

À EXCELENTÍSSIMA SENHORA

)NA CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS,

A QUEM AS LETRAS PORTUGUESAS TANTO DEVEM,

como tributo e homenajem da sua admiração
e do seu respeito

DEDICA ESTA OBRA

O AUTOR.



PREFÁCIO

Não há para nenhum idioma vivo dicionário que se possa dizer completo, mesmo até a data da sua ultimação. Uma parte não pequena do léxico, já no que respeita a vocábulos, já no que se refere a acepções, fica sempre omissa, e êsses tesouros da língua teem de ser completados por trabalhos avulsos, que só depois se encorporam em novas edições dos dicionários já existentes ou em obras novas da mesma espécie.

Com a publicação destas Apostilas venho também contribuir para a futura compilação de outro dicionário, em que se tenha em vista aumentar o copioso cabedal de termos portugueses, mais ainda do que se fêz no Nôvo Diccionário da língua portuguesa, de Cândido de Figueiredo, o mais abundante de quantos se teem publicado em Portugal, mesmo descontando muitas dições que figuram nele sem que sejam ou tenham sido portuguesas.

Todavia, assim como tive em mira acrescentar mais dições e acepções, fruto de longos anos de estudo e de leitura, procurei igualmente criticar, mormente com relação a etimolojia, muito do que na nossa língua se tem escrito. Não me ocuparei todavia dos devaneios insensatos que tanto avultam em certas obras leesicolójicas, mas apenas do que mereça discussão séria e proficua, porque os autores criticados foram escrupulosos na redac-

PREFÁCIO

Não há para nenhum idioma vivo dicionário que se possa dizer completo, mesmo até a data da sua ultimação. Uma parte não pequena do lécsico, já no que respeita a vocábulos, já no que se refere a acepções, fica sempre omissa, e êsses tesouros da língua teem de ser completados por trabalhos avulsos, que ao depois se encorporam em novas edições dos dicionários já existentes ou em obras novas da mesma espécie.

Com a publicação destas APOSTILAS venho também contribuir para a futura compilação de outro dicionário, em que se tenha em vista aumentar o copioso cabedal de termos portugueses, mais ainda do que se fêz no NÔVO DICCIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, de Candido de Figueiredo, o mais abundante de quantos se teem publicado em Portugal, mesmo descontando muitas dições que figuram nele sem que sejam ou tenham sido portuguesas.

Todavia, assim como tive em mira acrescentar mais dições e acepções, fruto de longos anos de estudo e de leitura, procurei igualmente criticar, mormente com relação a etimolojia, muito do que na nossa língua se tem escrito. Não me ocuparei todavia dos devaneios insensatos que tanto avultam em certas obras lecsicolójicas, mas apenas do que mereça discussão séria e profícua, porque os autores criticados foram escrupulosos na redac-

ção das suas monografias, ou dos seus dicionários ou glossários.

A ordenação das palavras e locuções aqui tratadas é rigorosamente alfabetica; mas, como na discussão ou exposição de doutrina acêrca de cada vocábulo figuram, para termos de comparação principalmente, outros vocábulos em número consideravel, que são explicados simultáneamente com os de cada epigrafe, o leitor encontrará no fim da obra um indice, também alfabetico, de todos êles, com a designação daqueles a que ficaram subordinados, ou em cuja discussão se introduziram.

No decurso da obra tive muitas vezes de citar palavras e formas pertencentes a idiomas cujos sistemas graficos diferem muito do romano, de que usamos; e fui conseguintemente obrigado a transliterar os caracteres dêsses sistemas em letras romanas. Para êste fim escolhi os versaletes, emtanto que as palavras latinas as cito em romano espacejado, e as do latim popular, hipotéticas ou reais, e do latim barbaro as figuro em caracteres itálicos, igualmente espacejados para sobressairem no texto.

Na transliteração do alfabeto grego substitui pelo sinal de aspiração (ʻ) o H que, em harmonia com a transcrição romana, se costuma empregar na figuração das letras gregas θ, φ, χ, transliterando-as eu portanto com os símbolos monogramáticos Tʻ, Pʻ, Kʻ, em vez de TH, PH, CH; do mesmo sinal me sirvo para a representação do espírito áspero, que, à maneira dos romanos, é uso designar pelo H latino. Dissolvi também o ξ grego nos seus elementos, KS, à semelhança do que sempre se fêz com o ψ, PS.

No alfabeto devanagrico, ou indico, represento semelhantemente as aspiradas por (ʻ), Gʻ, por exemplo, e em tudo mais sigo muito de perto a transliteração do indianista português Gui-

lherme de Vasconcelos Abreu; com a diferença de figurar por minúsculas, promiscuamente com os versaletes designativos das letras, os sinais das vogais, quando estas não são iniciais de sílaba, mas acompanham a letra consoante, formando parte integrante dela: assim transcrevo, por exemplo, KAŚOI, e não, KAŚOI.

No alfabeto arabico represento por versaletes as letras, e por minúsculas intercaladas as três vogais, ou moções escritas, quando o são, *a i u*. Como êste alfabeto é mais numeroso que o romano e contem letras representativas de sons que são estranhos ao português, e alguns mesmo a qualquer idioma não semitico, tomei por base para a sua transliteração o alfabeto hebreu, menos numeroso e já perpetuado tradicionalmente no grego e no romano, transliterando os caracteres hebraicos, quanto possível, pelas letras que lhes correspondem históricamente no abecedario latino; e ampliei com artifícios, sempre os mesmos, o numero de caracteres necessários para a transliteração do alfabeto arabico, quer na sua aplicação ao árabe, quer na sua acomodação a idiomas de outras famílias que o usam, todas as vezes que me foi indispensavel citar vocábulos de qualquer dêsses idiomas. Para o malaio, contudo, seguindo autorizados exemplos, preferi dar transcrição europeia, caracterizadamente portuguesa, dos sons, e não das letras.

Devo advertir que a transliteração dos alfabetos semiticos muitas vezes não representa a pronúncia: é mera convenção com base historica, já o disse. É por isso que, desatendendo na transliteração do hebreu muitas das minuciosas convenções e particularidades da notação massorética, figuro sempre por K, P, T tanto as consoantes momentâneas iniciais de sílaba, como as contínuas correspondentes, finais de sílaba, à semelhança do que já se pratica a respeito de B, G, D.

Dêste modo, o alfabeto hebraico é transliterado da seguinte maneira, conforme a ordem dos seus caracteres:

A B G D E U Z H Ṭ I K L M N S O P Ṣ Q R X T

O acento circunflecso subscrito diferença da última letra a nona, e da décima quinta a décima oitava. Em fim de sílaba K, P, T, G, D valem respectivamente pelas letras arábicas que transcrevo por ч, F, §, Y, ẟ, e que vou descrever ja em seguimento. O B em tal situação vale por *b* intervocálico português.

O alfabeto arábico é assim transliterado:

A B T § G H ч D ẟ R Z S X Ṣ Ꝺ̣ Ṭ Ẓ O Y F Q K L M N E U I ᵃ

O ᵃ elevado denota o chamado *emza*, ou consoante explosiva faucal. O circunflecso já ficou explicado no alfabeto hebraico, como designando as letras, denominadas enfáticas, S Ṭ, e aqui mais Ꝺ̣, Ẓ. O símbolo ч *(q)* representa o valor do **j** castelhano actual; o § o **th** inglês surdo de *think*, **z** castelhano com pequena diferença, ẟ o **th** sonoro inglês de *they*, aprossimadamente o nosso *d* intervocálico. O H é uma aspiração surda, mais funda e mais perceptível do que a aspiração expressa por **h** em inglês ou em alemão: E, essa mesma aspiração, porém acompanhada de voz; em fim de palavra é, conforme os dialectos, proferida como *á*, ou como *é*. O H, o ч e o E inicial de sílaba aparecem representados por *f* na Península. O G vale por *dj*, e no árabe do Ejipto por *g*, qualquer que seja a vogal que se lhe siga. O Y é um *g* fricativo, proferido no veu do paladar, e nos vocábulos arabicos que passaram á Península Hispánica foi substituido quasi constantemente por *g*, *gu*. O Q é um K pronunciado também no véu do paladar, com grande ênfase: às vezes equivale a *g*, ou ao emza *(ᵃ)*. O X

tem o mesmo valor que o *x* português de *xadrez*. O ɛ expressa aqui uma articulação formada mais abaixo da farinje, sem representante nas linguas europeias, e que se eliminou na passajem dos vocábulos arábicos para os idiomas da Península Hispánica.

Quem mais amplas informações desejar obter acêrca da representação peninsular dos sons arábicos lerá com muito proveito as seguintes obras, exemplares a todos os respeitos: Dozy & Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869, Introduction, II; Eguílaz y Yanguas, ESTUDIO SOBRE EL VALOR DE LAS LETRAS ARÁBIGAS EN EL ALFABETO CASTELLANO, Madrid, 1874; David Lopez, TEXTOS EM ALJAMIA portuguesa, Lisboa, 1897, principalmente esta última, por ser portuguesa e digna de todo o encarecimento.

O alfabeto arábico aplicado ao persa tem mais quatro letras, que são aqui transliteradas por P, Č, J, Ġ, e em que Č figura o valor do *ch* português do norte, castelhano e inglês, quási *tx*, e o Ġ o *gui* do português *guiar*. O J tem o seu valor normal na nossa lingua. Em turco há mais o V com valor de *v*.

Para os idiomas da India que se escrevem com caracteres arábicos, como o indostano, temos ainda a acrescentar as chamadas letras cacuminais, que, do mesmo modo que no silabário devanágrico, são representadas pelas bases T D N L (R), com um ponto subscrito, ṬḌṆḶṚ, e se proferem no ponto em que pronunciamos o *r* de *caro*.

Outros sinais convencionais são *ĥ* para *h* aspirado (*h'*) sonoro, e Ṅ (*n*) para denotar o *ng* final de sílaba nas linguas germánicas, como o inglês ou o alemão, isto é a consoante nasal póstero-palatal, um *n* proferido com a raiz da lingua no ponto em que articulamos o *k*, e que em português se ouve, associado a *k* ou *g*, em *franco*, *frango*.

Na maioria dos casos, quando qualquer destas letras de valor

desusado ou convencional aparece na citação de vocábulos peregrinos, o valor dela é apontado em nota, para comodidade dos leitores.

É sabido que o **z** e o **j** no castelhano actual valem por consoantes fricativas surdas: a primeira genjival, como o **th** inglês de *think*; a segunda velar, como o **ch** alemão de *bach*, ou ainda mais funda, pelo menos no castelhano como é rigorosamente pronunciado na Castela-Velha. Na Andaluzia o **z** equivale ao nosso *ç*, que como som e como letra desapareceu do castelhano normal moderno.

Na antiga ortografia e pronúncia castelhana o *z*, o *j*, o *ç* e o *x* tinham os valores que lhes damos em português.

Advertirei ainda que a curva fechada subscrita às letras *ą* e *ę* representa o valor que elas teem nas palavras portuguesas *dą dę*; e que êste mesmo sinal sobrescrito a *i*, *u* denota que estas duas vogais não formam sílaba por si, mas com a vogal que as precede ou segue, constituindo a parte fraca dos ditongos decrescentes, como em *paĭ*, *paŭ* (*pái*, *páu*), ou dos ditongos crescentes, como em *fĭar*, *sŭar* (*fiar*, *suir*). Os ápices sôbre *ö ü* significam *ö*, *ü* alemães, *eu* (aberto), *u* franceses; *ǫ* o *ö* fechado alemão de *schön*, *eu* francês de *feu*. Os ápices sôbre o *ï* designam o *i* guturalizado de *navio*, como esta palavra se pronuncia em vários dialectos açorianos, o *y* polaco.

Para os vocábulos pertencentes a idiomas cujas letras não representam nem fonemas nem sílabas uso de transcrições, quanto possível, portuguesas, e o mesmo faço com outros idiomas que são analfabéticos, como por exemplo o tupi, os cafriais, etc.

O sinal (¦) quere dizer «derivado de», e êste mesmo invertido (¦), «que é orijem de».

A ortografia seguida no texto desta obra é a que expus,

discuti e defendi na Ortografia Nacional, dada à estampa em Lisboa no ano de 1904, e já adoptada pelo Dr. Júlio Cornu na 2.ª edição da sua preciosa Gramática historica portuguesa publicada no Grundriss der romanischen Philologie, bem como últimamente pela snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos o que a consagrou, e ainda pelo snr. Alberto da Cunha Sampaio, na revista Portugalia.

Ficou pois sancionada por aquelas duas maiores autoridades actuais em filolojia portuguesa, e com isto me contento.

Na reprodução de documentos antigos, principalmente anónimos, busquei uniformizar a escrita por padrão artificial, sim, mas a meu ver correcto, evitando quanto pude escritas diversas do mesmo vocábulo, ou de formas análogas, no mesmo documento.

Nas inúmeras citações, com que me abono, segui rigorosamente o modo de escrever que encontrei impresso, e raríssimas vezes o assinalo ou critico, por mais incongruente que êle seja, ou me pareça.

É do meu dever tributar aqui a minha gratidão ao senhor G. de Vasconcelos Abreu, meu antigo mestre na especialidade de estudos orientais que abalisadamente cultiva, por muitas ponderações e observações judiciosas que me subministrou, e bem assim pelo escrúpulo intelijentíssimo com que me aussilíou na revisão de uma grande parte das provas. Agradecimento e louvor devo igualmente ao benemérito editor desta obra e ao estabelecimento onde é impressa, pelo esmêro e solicitude com que para a sua laboriosa composição tipográfica teem diljentemente contribuido.

Das erratas sòmente faço menção especial, quando são essenciais à intelijência do texto.

A. R. Gonçalvez Viana.



nhola [1], que alî se emprega *ábate* interjectivamente, em frases como as seguintes. «*Ábate que me caigo*. *ábate que lo cojo*, «cautela que eu caio», «cautela, quē o apanho», tudo formas do mesmo verbo *abarse*.

Curioso rifão é um em que *abas* está por «abrigo, sombra»: *ás abas dos ciganos roubam os aldeanos* [2]; como interessante é também a forma *aldeanos*, por *aldeãos*, *aldeões*, mantida pela rima.

Devemos todavia conjecturar que não é *aldeanos* castelhanismo, pois ainda é usada na Índia portuguesa a forma *aldeano*, abonada por Monsenhor Rodolfo Dalgado no seu interessante estudo sôbre O DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA [3]. — «Com ajuntamento dos Aldeanos da Camara», «Communidades Aldeanas» —.

(a)bada

Qualquer que seja o sentido em que os nossos escritores antigos empregaram êste vocábulo, ou designando a fêmea do rinoceronte, como é a opinião geral, ou referindo-se a outro paquiderma análogo, como declara Rafael Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, tem-se-lhe atribuído duas orijens diversas, uma arábica e a outra malaia, e no Glossário de palavras e frases anglo-índias de Yule e Burnell [4], dá-se em certo modo preferência à primeira. A aceitar-se a orijem arábica, teríamos de acentuar *ábada*, e assim o indica o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, conquanto declare ser termo indiano êste, o que é quanto ser pode vago, pois as línguas da Índia são muitas, pertencentes, pelo menos, a três ou quatro famílias absolutamente distintas.

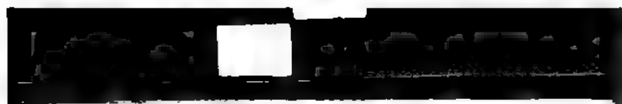
---

1 O snr. A. Baselga, natural da província de Badajoz.

2 REVISTA LUSITANA, vol. VII, p. 148.

3 *Ib.* vol. VI, p. 76.

4 «The usual form *abada* is certainly somewhat in favour of an Arabic origin»: *Hobson-Jobson*, being a GLOSSARY OF ANGLO INDIAN COLLOQUIAL TERMS AND PHRASES: Londres, 1886.



APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES

alba

Êste vocábulo, tam português, que nas suas várias acepções não tem correspondente exacto nas outras línguas românicas, é de orijem muito problemática. Os nossos dicionaristas teem-lhe atribuido étimos diferentes. Pondo-se de parte fantasias diversas que fora inútil citar, aquele que maiores probabilidades oferece em seu abôno é o apontado por F. Adolfo Coelho [1] do seguinte modo: — «Hespanhol *álabea*, rumo *alaús*, ramo], curvo na madeira *alaús*, encurvamento`, goteira; do basco *al abea*, o que pende ou goteja» —.

Haveria muito que ponderar sôbre o enunciado desta etimolojia, mesmo sem insistir em rumo, em vez de ramo, por ser evidente erro tipográfico.

Limito-me ao seguinte: nem *alabear(se)* significou jamais «gotejar» ou «goteira» em espanhol ou em vasconço, nem *álabea* é palavra espanhola, mas sim *alabeo* (= *alabeo*), que o Dicionário da Academia define assim: — «vicio que toma una tabla ú otra pieza de madera, torciéndose de modo que su superficie no esté toda en un plano» —.

O mesmo Dicionário dá como orijem do verbo *alabearse* («empenar-se a madeira»), de que *alabeo* é substantivo verbal expressando acto, a palavra *álabe*, com vários significados, e cujo

[1] Diccionario manual etymologico da lingua portugueza.

Se considerarmos que outra forma portuguesa dêste vocábulo é *bada*, somos levados a concluir que o acento é na sílaba *ba*, e neste caso teremos de optar pelo malaio *bádaq* «rinoceronte», como étimo. Um parónimo dêste vocábulo, *ábada* derivado de *aba*, deve ser marcado com a inicial *á* para se diferençar do que faz o objecto dêste artigo e se pronuncia *abada*, com *a* surdo inicial.

Além do passo com que Bluteau abona o vocábulo, e da indicação que faz da Etiópia Oriental de Frei João dos Santos, para justificar a outra forma *bada*, pode ainda autorizar-se o seu emprêgo com as Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa província do Japão, do Padre António Francisco Cardim [1]: —

«O benjoim amendoado desce pelo rio abaixo do reino dos Laos, com as pontas de abada» —.

F. Méndez Pinto usa da forma *bada* no seguinte passo da Peregrinação, referindo-se à Ásia insular: — «outros muitos animaes muito piores ainda que as aves, como são alifantes, badas, liões, porcos, búfaros e gado vacum em tanta quantidade, que cousa nenhũa que os homens cultivem para remedio de sua vida lhe deixaõ em pé» — [2].

A letra final, *q*, da palavra malaia *bádaq* é quási imperceptível e é proferida na farinje.

abafador, afogador; abafar, afogar

Guilherme de Vasconcelos Abreu, num erudito artigo, publicado no Correio da Noite, de 25 de outubro de 1886, referiu-se à *seita dos abafadores*, e descreveu em que consistia *abafar o moribundo*, o que reputava prática relijiosa da antiga seita dos herejes Cátaros («puros»), afim de impedirem o que

[1] Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 251.
[2] Capítulo XLI.

esta a morrer de cometer pecado, depois de receber pela imposição das mãos do sacerdote o *consolamento*, correspondente à extrema unção da Igreja Católica. No mesmo artigo se vê que esse homicídio relijioso foi, e ainda é atribuído a seitas judaicas, tanto em Portugal, como fora dêle, mas especialmente em Bragança e na Covilhã, onde abundam os cristãos novos. Aí vemos também a razão pela qual tam nefanda prática foi assacada aos judeus, com fundamento em outra prática judaica, inofensiva, de meter debaixo da cabeça do moribundo uma almofadinha de penas de galinha, para o *ajudar a bem morrer*.

O indivíduo que no norte é chamado *abafador*, denomina-se na Beira-Baixa *afogador*, com o mesmo significado infamante, que, se é real, entende o douto professor não poder com justiça atribuir-se a seita nenhuma pròpriamente judaica. É sabido que os verbos *abafar* e *afogar* se encontram em uma acepção comum, a de «sufocar», conquanto tenham outras em que não são sinónimos.

O termo *afogador*, como correspondente a *abafador*, vem assim definido na Revista Lusitana[1]: — «Christão novo encarregado de estrangular ou abafar com as roupas da cama os moribundos da mesma communhão religiosa; pois, segundo é corrente, passa como preceito de certa seita judaica que os proselytos não devem morrer, mas serem mortos. O afogador cumpre a triste e repugnante missão com a serenidade com que o sacerdote pratica os actos mais santos do seu ministerio. Nos concelhos de Penamacôr e Covilhã, onde abundam os chamados christãos novos, são apontados pelo povo os afogadores. Conta-se que muitas pessoas teem sido instadas pelos moribundos para que os não abandonem emquanto não expirarem, horrorizados com a idea do estrangulamento» —.

---

[1] V. I, n. [illegible] 1892, p. 244. Notas sobre a linguagem vulgar da Aldeia de Santa Margarida (Beira-Baixa), por A. Alfredo Alves.

Se considerarmos que outra forma portuguesa dêste vocábulo é *bada*, somos levados a concluir que o acento é na sílaba *ba*, e neste caso teremos de optar pelo malaio *bádaq* «rinoceronte», como étimo. Um parónimo dêste vocabulo, *abada* derivado de *aba*, deve ser marcado com a inicial *à* para se diferençar do que faz o objecto dêste artigo e se pronuncia *abáda*, com *a* surdo inicial.

Além do passo com que Bluteau abona o vocábulo, e da indicação que faz da Etiópia Oriental de Frei João dos Santos, para justificar a outra forma *bada*, pode ainda autorizar-se o seu emprêgo com as Batalhas da Companhia de Jesus na sua gloriosa provincia do Japão, do Padre António Francisco Cardim [1]: —

«O benjoim amendoado desce pelo rio abaixo do reino dos Laos, com as pontas de abada» —.

F. Méndez Pinto usa da forma *bada* no seguinte passo da Peregrinação, referindo-se à Ásia insular: — «outros muitos animaes muito piores inda que as aves, como são alifantes, badas, liões, porcos, búfaros e gado vacum em tanta quantidade, que cousa nenhũa que os homens cultivem para remedio de sua vida lhe deixaõ em pé» — [2].

A letra final, *q*, da palavra malaia *bádaq* é quási imperceptível e é proferida na farinje.

abafador, afogador; abafar, afogar

Guilherme de Vasconcelos Abreu, num erudito artigo, publicado no Correio da Noite, de 25 de outubro de 1886, referiu-se à *seita dos abafadores*, e descreveu em que consistia *abafar o moribundo*, o que reputava prática relijiosa da antiga seita dos herejes Cátaros («puros»), afim de impedirem o que

---

[1] Lisboa, Imprensa Nacional, 1894, p. 251.

[2] Capitulo XLI.

esta a morrer de cometer pecado, depois de receber pela imposição das mãos do sacerdote o *consolamento*, correspondente à extrema unção da Igreja Católica. No mesmo artigo se vê que êsse homicídio religioso foi, e ainda é atribuído a seitas judaicas, tanto em Portugal, como fora dêle, mas especialmente em Bragança e na Covilhã, onde abundam os cristãos novos. Aí vemos também a razão pela qual tam nefanda prática foi assacada aos judeus, com fundamento em outra prática judaica, inofensiva, de meter debaixo da cabeça do moribundo uma almofadinha de penas de galinha, para o *ajudar a bem morrer*.

O indivíduo que no norte é chamado *abafador*, denomina-se na Beira-Baixa *afogador*, com o mesmo significado infamante, que, se é real, entende o douto professor não poder com justiça atribuir-se a seita nenhuma pròpriamente judaica. É sabido que os verbos *abafar* e *afogar* se encontram em uma acepção comum, a de «sufocar», conquanto tenham outras em que não são sinónimos.

O termo *afogador*, como correspondente a *abafador*, vem assim definido na Revista Lusitana [1]: «Christão novo encarregado de estrangular ou abafar com as roupas da cama os moribundos da mesma communhão religiosa; pois, segundo é corrente, passa como preceito de certa seita judaica que os proselytos não devem morrer, mas serem mortos. O afogador cumpre a triste e repugnante missão com a serenidade com que o sacerdote pratica os actos mais santos do seu ministerio. Nos concelhos de Penamacôr e Covilhã, onde abundam os chamados christãos novos, são apontados pelo povo os afogadores. Conta-se que muitas pessoas teem sido instadas pelos moribundos para que os não abandonem emquanto não expirarem, horrorizados com a idéa do estrangulamento» —.

[1] Vol. II, 1890-1892, p. 244. Notas sobre a linguagem vulgar da Aldeia de Santa Margarida (Beira-Baixa), por A. Alfredo Alves.

abafarete

Emprega-se êste vocabulo, em linguajem de giria parlamentar, para designar o acto de pôr termo a uma discussão, mediante moção de confiança ao govêrno, ou requerimento para se considerar a matéria discutida: — «Se não houver *abafarete*, — e é muito provavel que o haja — a discussão sobre a troca de telegrammas deve proseguir por toda a proxima semana» —[1].

É evidente a orijem da expressão, que provem do verbo *abafar*, no sentido de «sufocar».

abismo

No Economista de 4 de janeiro de 1891, dei-se como usualissima uma acepção dêste vocabulo, que não é fácil apurar qual seja, pelo modo por que ali se empregou, e é o seguinte: — «Dizem do Algarve: chove a valer. Não ha falta que não dê em fartura. No entretanto, como ha sempre discordantes, os das alturas querem mais agua, porque os *abysmos*, expressão muito popular, estão seccos» —.

A palavra *abismo* provém de uma forma superlativa latina *abyssimus*, do adjectivo abyssus, correspondente ao adjectivo grego ABUSSOS, que se observa nos Setenta, ou versão grega do Velho Testamento hebreu, onde traduz o adjectivo BOHU, que na Vulgata, ou versão latina, é interpretado por inanis: terra autem erat inanis et uacua, em grego KAI OE ĒTTOS ABUSSOS KAI AP'ASKEVASMOS. O grego ABUSSOS é um adjectivo negativo do substantivo BUSSOS, «mar fundo», na Iliada de Homero (XXIV, 80). No Novo Testamento a HĒ ABUSSOS do texto [2] corresponde na *Vulgata* inferni, «as profund(id)a(de)s», que é o

---

[1] O Seculo, de 9 de agosto de 1905.

[2] Cf. W. Pape, Griechisch-deutsches Wörterbuch, Brunsvique, 1880.

adjectivo internus, superlativo de infer, «que fica por baixo»[1], mas substantivado.

abozinado

Este adjectivo muito bem formado do substantivo *bozina*, assim como *abotinado*, de *botina*, *afunilado*, de *funil*, abona-se com o seguinte trecho, extraído do jornal O Século, de 13 de janeiro de 1902: «. . .elle. . . de barrete verde, orlado de vermelho, calça abuzinada, ar gingão. . .» —.

É locução mais curta e mais expressiva, que a usual, *calça de boca de sino*.

abrasado

Este participio do verbo *abrasar* é usado na África Occidental Portuguesa num sentido muito especial, como vemos no VI Relatorio da Liga Filafricana[2], páginas 34:

«un de ses sekulus qui se trouvait par hasard à Kabala... fut *abrasado* (en portugais local); c'est-à-dire, il fut appelé au monde des esprits par le revenant de Petelu assassiné» —.

absent(e)ista, absent(e)ismo

Neologismo empregado por Alberto Sampaio no seu trabalho, por todos os títulos notavel, As «villas» do Norte de Portugal[3]: «Só mais tarde, tornando-se absenteistas os proprietários, o regime cultural tomou caracter differente»—.

É copiado êste vocabulo do francês *absentéiste*, de introdu-

[1] V. M. Theil, Dictionnaire latin-français, Paris, 1880.
[2] La Ligue Philafricaine.
[3] *in* «Portugalia», I, p. 2[illegible]2.

ção recente, formado de *absentéisme*, que é derivado do inglês *absenteism*, conforme E. Littré [1].

Melhor forma fôra sem dúvida *absentista*, com absorção do *e* de *absente*, «ausente», à semelhança, por exemplo de *dentista* que se não profere, nem escreve *denteista*.

A GAZETA DAS ALDEIAS usou *absenteismo* — «cesse o absenteismo, que o proprietário... explore directamente» — [2].

O NOVO DICCIONÁRIO DA LINGUA PORTUGUÊSA admitiu no Suplemento o termo *absenteismo*, dando-o como brasileiro.

Melhor seria com certeza *absentismo*, sem aquele *e* a dificultar a pronunciação, visto que de *protestante* dizêmos *protestantismo*, e não *protestanteismo*.

abside, ábside

Na REVISTA LUSITANA [VI, p. 95] mostrou J. Leite de Vasconcelos que a acentuação usual desta palavra, *abside*, é errada. Teòricamente tem razão: em latim o *i* de ABSIS, ABSIDIS deve ser longo, como o era em grego o de APSIS, APSIDOS, «ligação», do qual os romanos o tomaram. O facto, porem, é que quasi todos, se não todos, os lecsicógrafos portugueses acentuam *ábside*, naturalmente para se conformarem com o uso dos arquitectos, e esta acentuação é commum ao castelhano e ao toscano. No ultimo livro, que trate de arquitectura, escrito em português acentua-se graficamente *ábside*, contra o sistema ortografico do autor, que raras vezes marca acentuação [3], do que se depreende insistir ele em que deva ser assim acentuado. Conquanto em questões de linguajem não tenhamos por dever seguir caprichos ou particularismos de quem não tenha a competência especial nessas questões, não devemos, contudo, dispensar absolutamente o seu voto.

[1] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE.

[2] de 9 de julho de 1905.

[3] Augusto Fuschini, A ARCHITECTURA RELIGIOSA DA EDADE MEDIA, Lisboa, 1904, *passim*

acabador

O Novo Diccionario da Lingua Portuguêsa inclui êste vocabulo, dando-lhe como definição — « o que acaba ».

É insuficiente esta definição (que aliás era bem escusada por ser intuitiva) para o sentido em que êste substantivo é tomado, e que parece trivial, conquanto tecnico, no anúncio n.º 321 B, publicado no jornal O Seculo, de 19 de abril de 1901 — « Acabador. Com as melhores referencias *aliás*, abonações, informações] do trabalho... admitte-se na fabrica de lanificios » —.

Pelo teor do anuncio vê-se que é um « operario a quem se incumbe o acabamento, ou ultima mão em uma peça de tecido de lã ».

acarrejar

Em Caminha tem o sentido especial de « fazer fretes ». Vem já consignado em diccionarios como equivalendo a *carrejar*.

acarretador (Algarve)

O emprego particular que na provincia mais meridional do continente português adquiriu esta palavra deduz-se claramente da seguinte definição, dada por J. Núñez no seu estudo Costumes algarvios [1]: — « Tem o nome de *acarretador* o individuo que anda recolhendo o trigo para o moinho, para cuja conducção se serve d'uma muar ou d'um carro onde transporta os saccos » —.

Acém

Este termo de carniçaria, ou açougue, é usualmente escrito *assem*, escrita com certeza incorrecta, conquanto seja a adoptada por Bluteau no Vocabulario portuguez-latino, e repetida

---

[1] in Portugalia, t. I, p. 388.

ainda no Suplemento, acompanhada porém da que tenho por preferivel.

O termo, como quási todos os que pertencem aos ofícios de magarefe, esfolador, etc., deve ser de orijem arábica, e aos *s* arabicos correspondeu sempre *ç* em português.

O arabista José Benoliel sujere-me como étimo, entre outros menos provaveis, ÉSN, «gordura», que na realidade vem incluido por Belot no Vocabulário arabe-francês [1], com a significação de «graisse», e no Dicionario arabe-francês de Cherbonneau [2], com as de «graisse, embonpoint».

A definição do termo português é, conforme o DICCIONARIO CONTEMPORANEO: — «parte do lombo da vacca, ou do boi, entre a pá e a extremidade do cachaço» —.

Veja-se febra.

acenha, azenha

Os dicionários consignam em geral ambas as formas, dando quási sempre a preferência à segunda, que é, a bem dizer, a única literaria modernamente. O povo emprêga communmente a primeira, e em escrito recente, J. Nunez [3], referindo-se ao Algarve cita as duas: — «mas ha tambem os (moinhos) chamados de rodizio e as azenhas ou *acenhas*» —. Vê-se que a forma com *c* é a local, e está mais conforme com o seu étimo arábico.

Os lexicógrafos que teem tratado dos termos arabes que passaram às linguas hispânicas, a começar em João de Sousa [4], deram ha muito a etimolojia dêste vocabulo, AL-SANIE, e êste arabista aponta como mais correcta a forma *assania*, no foral dado por D. Afonso Henriquez à cidade de Coimbra, mas escreve

[1] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 692, col. I.
[2] DICTIONNAIRE ARABE-FRANÇAIS, Paris 1876, II, p. 716, col. II.
[3] COSTUMES ALGARVIOS, in «Portugalia», I, p. 388.
[4] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

nha. No Glossario de Engelmann e Dozy [1], citam-se, a par da castelhana *acena*, as formas portuguesas *azena*, *azenia*, *asenha*, mas duvidosas, e o *assania* citado, dando-se como étimo AL-SA-NIG, com A longo, e acusando-se a prонúncia dêste como *e*, que é peculiar da Peninsula Hispânica. Eguilaz y Yanguas, no seu Glossario, [2] precioso nomeadamente pelas muitas abonações antigas que o ilustram, apônta mais a forma castelhana *aceña*, que confirma a preferência que se deve dar ao *c*, com preterição do *z*, e as catalãs *cénia*, *sinia*, malhorquina *cinia*, valencianas *sénia*, *sinia*, galega *acea*, confirmando, porque a adopta, a forma arabica com A longo, valendo na Peninsula por *e*.

No Riba-Tejo é também *acenha*, pronunciado *acênha*, com *e* fechado, e não com *a* surdo como em Lisboa, a forma popular, que devera ser preferida por mais correcta; sendo presumivel que a erronea ortografia com *s*, *asenha*, concorresse para a falsa pronuncia e escrita *azenha*, que literariamente se difundiu, considerando-se hoje, em geral, como defeituosa a pronunciação e escrita com *c*, unica popular e fiel ao étimo.

Achada, chada

Esta palavra, que nada tem que ver com o verbo *achar*, de problematica origem, pois é simplesmente derivada do radical latinum, *applanata*, já recentemente entrou nos nossos diccionarios, com o significado de «chã, chapada, planície elevada, planura». O dr. Gonçálvez Guimarães [3] adoptou-a, para substituir o termo moderno e de duvidosa propriedade *planalto*, em que se procurou arremedar o francês *plateau*, que João

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE. Leyda, 1869.

[2] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886, *sub v.* ACEÑA.

[3] ELEMENTOS DE GEOLOGIA, Coimbra, 1897.

Felix Pereira diligenciou acomodar a português com a forma *plató*, a qual vingou por algum tempo, mas hoje, e ainda bem, está quasi desterrada. Almeida d'Eça usa também o termo *achada* na sua CHOROGRAPHIA.

O passo em que o erudito professor, a quem acima me referi, emprega os dois termos reza assim: — «e finalmente as achadas ou planaltos de Moncorvo» —.

É precioso aquele livro pela propriedade de linguajem, toda portuguesa de lei, e muito bem explicada, no que se refere a terminologia.

O vocábulo *achada* figura na toponímia, como se pode ver no DICCIONARIO CHOROGRAPHICO de João Maria Baptista [1], e é a denominação de um largo, e de uma rua de Lisboa, que, respectivamente, veem apontadas, com os números 1 e 2, no quadrado *65* da PLANTA DE LISBOA, publicada em 1880 em português, francês e inglês. São essas denominações largo da Achada, rua da Achada, e ficam para os lados do Castelo de S. Jorge.

Conquanto, que eu saiba, o verbo *achar* não seja empregado actualmente em parte alguma do território português no sentido correspondente ao castelhano *allanar* < *applanare*, no copioso Glossário do dr. A. A. Cortesão [2] encontramos o participio passivo *achaado*, de um verbo *achaar*, da mesma origem, abonado com o seguinte exemplo: — «De guisa que em breve foi todo achaado» (Azurara, CRÓNICA DO CONDE DOM PEDRO) —.

Em Mértola diz-se *chada* < planata, e é possível que seja esta a forma primitiva, a que se soldasse o artigo feminino, como em *arra*, *arraia*.

Sôbre *achada* com outra significação, veja-se **achar.**

[1] VI volume da CHOROGRAPHIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, p. 3, col. 1, Lisboa, 1878.

[2] SUBSIDIOS PARA UM DICCIONARIO COMPLETO (HISTÓRICO-ETYMOLÓGICO) DA LINGUA PORTUGUESA, Coimbra, 1900.

achaque

Ao exemplo de *achaque* na acepção de «pretexto», aduzido no DICCIONARIO CONTEMPORÂNEO, pode acrescentar-se o seguinte passo das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO [1], do Padre Antonio Francisco Cardim: — «foi intimada nova sentença de destêrro, tomando por achaque um incendio que na sua côrte... sucedera» —.

Sobre a etimolojia dêste vocabulo, que desde Marina e João de Sousa [2] se afirma ser árabe, com o que concordaram Dozy e Engelmann [3], e Eguilaz y Yanguas [4], veja-se o que diz Korting [5], citando Canello, que lhe atribui orijem germanica.

Com efeito o *ch* com que sempre se escreveu esta palavra, tanto em portugues como em castelhano, é incompativel com o étimo arabico a que o subordinam e que tem por primeira consoante *x* (ش).

achar, achar (substantivo)

A etimolojia dêste verbo, que maiores probabilidades oferece, é, sem dúvida, o latim *afflare*, que entre outras acepções incompativeis, tem a de «bafejar», que tambem pouco se coaduna com as muitas que êle apresenta na nossa lingua. Pelo sentido, pois, deveriamos repelir êste étimo, e é isso o que F. Adolfo Coelho e Candido de Figueiredo fizeram nos seus dicionários, não obstante a coincidência de se encontrarem em outros dialectos romanicos

---

[1] Lisboa 1894, p. 181.

[2] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leide, 1869.

[4] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada 1886.

[5] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1891, p. 71, col. II.

varias formas a esta correspondentes, por exemplo o romeno *afl*.[1] e com o mesmo significado.

Todos, porém, teem confessado que o étimo é tentador, e que pela sua constituição formal lhe corresponde perfeitamen cf. *chama* | flamma, *cheirar* | flagrare.

Vejamos, porem, se, mesmo fonéticamente, o vocabulo pód subordinar-se a esse étimo. O correspondente verbo em castelhan moderno é *hallar*, pronunciado *alhar* (cf. *llama* | flamma), e portanto poderiamos supor que aquele *h* seja etimolojicamente erroneo, como o é o de *henchir* | implere, «encher». Todavi em muitos vocábulos o *h* é ainda proferido em vários dialectos, tais os andaluzes e os estremenhos, e era-o dantes quando tin sido precedido de formas em que anteriormente figurava o *f*.

Ora êste verbo *hallar* tinha antigamente a forma *fallar*, o que torna inadmissivel que procedesse de afflare: pois, ainda que admitissemos a pouco provável inserção de uma vogal anaptictica a desunir o grupo de consoantes *ffl*, do que resultar uma forma hipotética *affalare*, necessaria para explicar o *a* da primeira silaba, deixaria de existir o dito grupo, a que em cas telhano corresponde *ll* (*l* palatino) e em português *ch* (flam ma, *llama*, *chama*).

Ve-se, portanto, que o étimo proposto carece de explicaçã satisfatoria, mesmo foneticamente, e que o verdadeiro esta aind tam longe de ser averiguado, como o do verbo correspondente en outras linguas romanicas, *trovare* italiano, *trouver* francês, acere do qual tanto se tem escrito.

De *achar* provém o participio *achado* e *achada*. Estes par ticipios substantivados diverjem de significado: o masculin *achado* quere dizer «aquillo que se acha»; o femenino *achad* significava dantes — «Coimas ou penas, que se levão aos que fa zem algum furto, roubo, ou detrimento nos lugares, fruto

1 Hasdeu derivou *afli* do grego [illegible]. Du peuple roumain ou valaque, 16e Congrès de la Société d'archéologie française [illegible]. «Com [illegible]»

[illegible]as que estão contadas, ou são alheias; quando os Authores [illegible] achados, ou descubertos na execução deste crime » —[1].

Isto diz Santa Rosa de Viterbo, abonando-se com as ORDE[illegible]. O vocabulo porém ainda é usado em Trás-os-Montes no [sen]tido de « multas », como sou informado por individuo de Miran[d]a, e este facto não está acusado em nenhum dicionario, que [eu s]aiba.

Pôr uma achada corresponde lá actualmente ao que em [Lis]boa se diz vulgarmente *pregar uma condenação*, isto é, « im[pôr] uma multa ».

Achar, substantivo, como nome de uma conserva de frutos, [...] em azeite e vinagre com outros adubos, é o persiano [...] (= *achar*), que pelo malaio passou ás linguas europeas[2]. [Gar]cia da Orta descreve-o[3].

acinzeirado (encinzeirado)

Este vocabulo é um neologismo que não está incluido em [nenh]um dicionario da lingua, mesmo no mais copioso dêles, o [Nov]o DICCIONARIO de Candido de Figueiredo. Digo ser neolo[gism]o, individual talvez, porque outro da mesma significação e [cons]trucção aproximada *encinzeirado*, suposto não figure tam[bém] nos dicionarios, é todavia muito usado pelo povo, pelo menos [em] Lisboa. Eis aqui a abonação: « Havia desaparecido o nevoeiro [e o] dia apresentava-se esplendido, cheio de sol, vendo-se apenas [no] horizonte [...], sobre as aguas, o *acinzeirado* que produz o [calor] forte »[4].

---

[1] ELUCIDARIO DE TERMOS, FRASES, ETC. QUE ANTIGAMENTE SE [...] Lisboa.

[2] Marcel Devic, DICTIONNAIRE ETYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE [ORI]ENTALE, Paris 1876.

[3] COLOQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA INDIA, [illegible], 1891, p. [illegible].

[4] O SECULO [illegible] de dezembro de 1900.

Açougue

Quando a anarquia e a guerra civil começaram a desencadear-se no império de Marrocos, nos periódicos e revistas estrangeiras apareceram frequentes descrições dos domínios do xarife que eram avidamente traduzidas nos jornais portugueses, com maior ou menor vernaculidade.

Liam-se então, reproduzidas com todas as letras com que os estranjeiros as figuravam, muitas palavras e denominações arábicas, e entre elas me lembro de ter visto *sokk*, como designação de «mercado».

A nenhum dos indivíduos que para português vertiam essas interessantes notícias ocorreu que êste vocábulo já existia cá há um milénio, com forma portuguesa, *açougue*, a qual, se no uso corrente de hoje apenas significa a loja onde se vende a carne, principalmente a de reses bovinas e ovinas, em tempos anteriores servia para denominar um mercado qualquer. Ao sentido especial e restrito que a palavra adquiriu se refere sem dúvida um articulista, que, pela maneira por que se expressa, parecia não ignorar que tivera outros sentidos: — «A accepção que vulgarmente se dá à palavra açougue logo nos evoca, com arrepios e nauseas, os logares de venda de carnes» —[1].

O Glossário de Engelmann e Dozy[2], a páginas 228, subordinado à inscrição *azoque*, castelhano, *azougue*, português, e portanto fora do seu lugar, porque o étimo desta é diferente [AZ-ZAUQ], diz-nos: — «Dans la signification de marché (diminutif *azoguejo*), c'est un autre mot arabe, à savoir *as-souc*, ou *as-sóc* (AS-SUQ) qui a le même sens» —.

E em seguida mais êste trecho, que é de Dozy: — «Dans le Fuero de Madrid... *azoche*. En portugais *açougue* (anciennement-

[1] O Século, de 30 de março de 1902.

[2] Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe. Leide, 1869.

vient *açougue*, qui signifiait autrefois *marché* en général, mais qui plus tard designait specialement: le marché où l'on vendait de la viande, la boucherie. De ce mot vient le terme *açougagem* sur lequel on peut consulter S.ª Rosa» —.

Como não é o vocabulo *açougagem*, o qual, conforme o abalisado autor do Elucidario [1], significava um tributo imposto aos vendedores, mas sim a palavra *açougue* o que por agora nos interessa, se recorrermos ao precioso repositório, que Dozy tanto encarece, (*éminent savant portugais*, lhe chama), o que, seja dito, não era seu costume, achamos lá esta informação: — «Açougue. Assim se chamarão os lugares, onde antigamente se vendião, e compravão todas, e quaesquer mercadorias» —.

O Suplemento ao Novo Diccionario de Candido de Figueiredo consigna esta acepção lata do vocabulo por um modo mais genérico, pois o define, com a cota de *antigo* — «arruamento de mercadores», o que me parece temerário, pois lhe falta abonação.

Em todo o caso, é de aplaudir a inserção do sentido mais lato do vocabulo, visto como nem ainda no primeiro, e até agora unico, volume do Diccionario da Academia [2], para o seu tempo monumental, se faz menção deste significado.

Dispenso-me de citar, ainda que interessantes, as considerações apresentadas por Eguilaz y Yanguas sôbre esta palavra, por se basearem em que desconheceu as acepções que ela tinha antigamente em Portugal, muito mais latas, que as que lhe atribui de — «carniceria, que es la que tiene la voz portuguesa» — [3].

A conclusão, pois, é que *açougue* designou mercado, principalmente de comestiveis, e que, portanto, é escusado empregar-

---

[1] Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES, QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USARÃO, etc., Lisboa, 1798.

[2] DICCIONARIO DA LINGOA PORTUGUEZA, Lisboa, 1793.

[3] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

mos, com letras gritas, o termo *sokk*, malissimamente ortografado, quando quisermos designar tais mercados nos países barbarescos; e isto com tanto mais razão, quanto é sabido que, no sentido restrito de mercado, loja, onde se vendem carnes, a denominação mais usual hoje é *talho*. Já o mesmo jornal, O SÉCULO [1], disse — « Mas a realidade é que não temos senão açougues, e precisamos de ter talhos ».

Assim seja!

acudia, acudia

No NÔVO DICCIONARIO admitiu-se êste vocábulo, precedido de asterisco a indicar que a sua inserção em dicionários portugueses é feita pela primeira vez. Não é exacta a afirmação, porque a J. Inácio Roquete no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS [2] infelizmente o incluira com a seguinte definição: — « † ACUDIA, acudie, insecte lumineux de l'Amérique méridionale ». O sinal que precede o vocábulo indica também a sua primeira inserção. Que ânsia de novidade!

A definição dada pelo lexicógrafo português suprimiu o meridional, pois nos diz tam somente: « ACUDIA, inseto luminoso, da América ». Deu-lhe pois muito mais dilatada vivenda. Feliz bicho!

Rufino José Cuervo na ROMANIA [3] deu-nos a história dêste curioso termo, que até época muito recente figurava em todos os dicionários franceses, onde os dois lexicógrafos portugueses o foram buscar, em má hora, sem indagarem se algum escritor nacional o havia empregado, sem o quê, fosse êle francês, que não é, nenhum direito havia de o registar.

Eis o resumo do interessante artigo de Cuervo.

No primeiro e único volume do Dicionário da Academia Es-

1 de 20 de março de 1902, citado atrás.
2 Paris, 1855.
3 Vol. XXIX (1900), p. 574 e ss.

espanhola, reimpresso em 1770, vem uma advertência, em que se ponderou o erro cometido por Trévoux, no seu dicionário e na Enciclopédia, ao incluir o vocábulo *acudia*, que foi tomado como nome por De la Coste, na sua infeliz versão [1] da História das Índias de Antonio de Herrera. O texto rezava assim, referindo-se a certo pirilampo de Cuba: — «tomabanle de noche con tizones, porque acudía a la lumbre, y llamándole por su nombre, acudía, y es tan torpe que en cayendo no se podía levantar» —.

O texto é claríssimo, pelo menos para qualquer espanhol ou português. De la Coste traduziu-o para francês, do estupendo modo que se vai ver: — «L'on prenait ces animaux de nuit avec des tisons ardans, parce qu'ils venoient voltiger autour de la lumière; leur propre nom est *acudia*» —.

Este *acudia*, com esta forma, ou com a de *acudia*, e também *acudio*, ora masculino, ora feminino, foi passando de uns para outros dicionários, e no Universal de Boiste [2], com a forma *acudia*, era assim definido: — «insecte volant et lumineux des Indes Occidentales» —.

Littré teve o bom juízo de o não admitir, cautela que, por [illegible], já tivera o dicionário da nossa Academia, cujo primeiro volume, único publicado em 1793, é um bom livro, para o seu tempo.

É pois necessário proscrever semelhante vocábulo, falsíssimo, de todos os dicionários portugueses que venham a publicar-se.

Citarei, a título de curiosidade, outro disparate de versão, de procedência igualmente francesa. M. A. Marrast traduziu em 1866 o notabilíssimo estudo de Guilherme de Humboldt PRÜFUNG DER UNTERSUCHUNGEN ÜBER DIE URBEWOHNER SPANIENS, — Investigações acêrca dos primitivos habitadores da Espanha —, com o título RECHERCHES SUR LES HABITANTS PRIMITIFS DE L'ESPAGNE, A L'AIDE DE LA LANGUE BASQUE [3], tradução

1 1660-1671.

2 1857.

3 Paris 1866.

bastante correcta, e acompanhada de algumas valiosas no[tas]. A paginas 45 lêmos o seguinte extraordinario trecho: — «Le[...] des Jaccetans (Ptol. II, 6, p. 48), de *lizarra*, en dialecte de [Sou]bourd *leizarra* cendre. Cette étymologie pourrait être ta[xée] d'arbitraire si l'Ibérie n'eût renfermé deux localités du nom [de] *Fraxinus*, l'une en Lusitanie et l'autre chez les Bastetans».

Eran las dos y sin embargo llovia!

O leitor preguntará espantado e perplexo em que o ha[ver] nas Espanhas duas povoações com o nome de FREIXO (FRAXINUS) concorre para se admittir como provavel que *Liss[a]*, [nome] de outra povoação, se possa identificar com um vocabulo, *le[izarra]*, cujo significado se declara ser «cinza»!

A explicação é esta. Em alemão *Esche* quere dizer «freixo», e *Asche* «cinza». O tradutor tomou *Esche* por *Asche*, e comet[eu] esta inadvertencia, pouco desculpavel, visto que o disparate [lhe] devia ter dado nos olhos, e porque tinha todos os meios de a[ve]riguar o significado próprio do vasconço *lizar*, (= *leizar*), de[cla]rando-se, como se declara, «Procureur impérial à Oloron Sa[inte]-Marie (Basses Pyrenées)», isto é, em terras vascongadas. O [...] *lizar*, em vasconço corresponde ao *fraxinus* latino, *frêne*, e não *cendre* em francês, *freixo* em português.

adega, bodega, botica; boticario, botiquim

Em ultima analise, existe como étimo extremo destes tres vocabulos diferentes o grego THÊKÊ, substantivo derivado da raiz do verbo TITHÊMI [1], cujo aoristo, ou preterito indeterminado, é ÉTHÊKA, e a significação «pôr no seu lugar». O substantivo THÊKÊ quere pois dizer «arrecadação». Palavras portuguesas, de origem artificial, em que o étimo grego figura menos alter[ado], são *hypotheca*, e o muito moderno *pinacotheca*, que para nós vo[...]

[1] W. Pape, GRIECHISCH-DEUTSCHES HANDWÖRTERBUCH. Brunsvique, 18[illegible].

[illegible] francês *[illegible]*, o qual, pela sua parte, é provavelmente [illegible] do alemão *[illegible]*.

Os romanos receberam dos gregos o vocabulo apotheca ([illegible]), com o significado de «armazem de arrecadação, [illegible]almente de mantimentos»[1]; e dêste se derivaram na Pe[illegible] Hispânica, *adega* e *bodega*, ambos os quais querem dizer «[illegible] de arrecadação de vinhos em cubas», desaparecendo no [illegible] a sílaba átona *po*, e no segundo o *a* inicial. O ultimo [illegible] depois do castelhano ao português num sentido pejorativo, [illegible] bem explicado por Bluteau, pelas seguintes palavras: — «[illegible] palavra castelhana, que val o mesmo, que *Adega*; e de [illegible] fizeram os Castelhanos *Bodegon*, que val o mesmo, que [illegible] na Adega, aonde quem não tem quem lhe faça [illegible], o acha as mais das vezes mal guisado. Por isso cha[illegible] vulgarmente a Bodega: *O mal cozinhado*. Por Bodega [illegible] hũa taverna a modo de barraca, ou cabana, que se [illegible] no campo com paos, e pannos, em ocasião [illegible], ou festa popular, ou outro concurso, aonde se cozinha, e [illegible] o comer ao povo»[2].

«[illegible]» deriva Bluteau, com razão, do francês *boutique* — «[illegible] o nome geral de todas as lojas, em que estão mercancias [illegible]»[3], e na realidade assim é, e era, tanto em francês, [illegible] em português, nós ainda hoje chamamos *[illegible]*, [illegible] loja de miudezas diversas, expressão que provavelmente [illegible] de Macau, e ai quereria dizer o mesmo, e na qual o [illegible] deve corresponder ao chinês *[illegible]*[4], «conservas», ou [illegible] vocabulo analogo.

Em italiano, tambem a palavra *bottega* quere dizer «loja de [illegible] em geral», e o proprio denominativo *botequim* provavel[illegible] antes, *botiquim*, indica que o termo *botica* se não limitava a [illegible] «farmacia».

1 M. [illegible], Dictionnaire latin-français, Paris, [illegible]
2 [illegible]
3 [illegible]

A forma *boutique* francesa não tem aspecto de ser imediatamente derivada do latim apotheca, visto que tem *i* por ē, e *que* excepcionalmente por *ca*, em vez de *che*: cf. *cheval* ¦ caballum, *vache* ¦ vacca.

E. Littré[1] é de parecer que o vocabulo tivesse vindo de Italia, atenta a queda do *a* inicial, o que nos leva a crer que o castelhano *bodega* provenha igualmente de *bottega* toscano, onde tal supressão é freqüente (Cf. *badessa*, por *abbadessa*). Esta solução, porem, ainda não explica o *i*, a que não encontro outra explicação senão esta:

O vocabulo passou de Italia a França por intermédio de uma forma dialectal que fosse *botica*, ou *bottica*, em vez da toscana *bottega*, e assim se explicaria igualmente o português *botequim*, visto como em veneziano se diz *boteghin*, por «lojinha»; e presumivelmente os primeiros *botequins* pertenceram a italianos, assim como as primeiras perfumarias e as primeiras pastelarias. Essa forma *bottica*, ou *botica*, cuja existência resta averiguar em qualquer dialecto italiano em contacto com a população grega, receber-se-ia desta, quando já certissimamente o Ē havia adquirido o valor de *i*, que tem no grego moderno, e já tinha no medieval, de modo que a palavra APOTʹĒKĒ, fosse pronunciada, como hoje em dia o é pelos romaicos, *apoşiki*[2].

Bluteau, no Suplemento, rejistando o substantivo *Butiqueiro*, diz:—«Em Goa e outras cidades da India Oriental, Butiqueiro é tendeiro, porque os portuguezes da India chamam Butica á loge, ou tenda. Em Goa, Butiqueiros vendem toda a casta de comestiveis, e tambem mezinhas [remédios], tabaco, etc. (Querendo comprar de hum China Butiqueiro). Fr. Jacintho, Vergel de plantas 143»—.

O próprio vocábulo *tenda*, que a princípio significava «barraca», ao depois «loja», veio por fim a especializar-se no sen-

[1] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

[2] O sinal ş indica a pronúncia do *th* inglês de *thing*, pouco mais ou menos o c castelhano antes de *e*.

tivo, ja hoje quási obsoleto, de «loja onde se vendem comestiveis», o que no Porto se diza *loja de pêso*, e em Lisboa mais modernamente se denominou *mercearia*, palavra que do mesmo modo variou muito de sentido com o tempo, pois antes queria dizer «loja de capela» [1], como o *merceria* espanhol.

Adema, adémia

No Elucidario de Santa Rosa de Viterbo figura êste vocabulo com remissão a *almenas*, com o qual o douto frade o identifica, um tanto hesitante.

Pela definição que dá do último, isto é, — «alemedas, passeio, ou rua de quaesquer arvores frondosas e copadas» —, confrontada com o que atribui a *ademas*, é impossivel a identificação, pois estas são definidas por êle próprio nos seguintes termos — «Em muitos documentos que fallão no Campo da Gollegã, e nas ribeiras de Torres, Brescos, e outras no termo de Santiago do Cacem no Deccenio de XV, e XVI se chamão *Ademas* as terras planas, e de vega, ou seara, e mesmo quaesquer outras reduzidas a cultura» —.

Ora *adema*, ou *adémia* ja eu o defini, como sendo usado em Coimbra, por informação de Guilherme de Vasconcelos Abreu, que o empregou na Gran Bibi [2]: — «O campo ... é ademea situada entre montanhas» —.

Veja-se em *adil*.

adiça, adiceiro

O Novo Diccionario [3] de Cândido de Figueiredo traz o termo *adiça* «com o significado» «mina de ouro», capitulado de antigo: não incluia porém *adiceiro*, que o proprio autor empregou depois no Diario de Noticias de 11 de junho de 1904.

---

1 V. Blut. an. d.

2 Lisboa, 1898, p. 15.

3 Novo Diccionario da Lingua Portuguêsa, Lisboa, 1898-1900.

adil

Esta palavra, já apontada no Suplemento ao Novo Diccio nario, e assim definida ali, como transmontana:— «o mesmo q *pousio*. Diz-se «*um adil*»; mas, especialmente: «*estar* ou *fi a terra de adil* (Termo de Miranda)» —.

Logo após êste, consignam-se tambem o verbo *adilar* e o participio passivo *adilado*. Nenhum dos tres está, porem, a nado, por não entrarem tais abonações no plano do diccionario que é de sentir, mormente em vocabulos de novo colhidos.

Para o primeiro tenho eu notada abonação, de escritor tr montano [1], e é a seguinte: — «vê a luz, vagando inquieta e s çante, da alma penada de Santa Cruz, que percorre... milh de vezes aquelle urzedo, esteval e adil, da fralda á cumiada».

Se bem que o termo é referido ás terras de Miranda Novo Diccionario, não se encontra êle no Vocabulario etimo jico, que forma de páj. 145 a 225 a Parte v do volume ii Estudos de Philologia Mirandesa de J. Leite de Vasc celos; e, atento o escrúpulo e minuciosidade com que o seu a compôs esta notabilissima obra, é de supôr que o termo não propriamente mirandês, mas geral transmontano, e como ta incluí eu no vocabulário de Rio-Frio que publiquei no prim volume da Revista Lusitana [2], (p. 203), onde o defini, «te de pousio», acrescentando: «Cf. *ademia*, *adema*, terra no s de monte», ou, «entre monte e rio, susceptivel de qualq lavoura» —.

Este ultimo, com a forma única *adema*, vem apontado Novo Diccionario, mas capitulado de antigo.

Veja-se êste vocabulo.

---

[1] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Moureira, in «Rev de educação e ensino», 1891, e tambem tirado em separado, simultaneame

[2] Materiais para o estudo dos dialectos portugueses, Fa de Rio-Frio.

adua

[Ê]ste vocábulo, que se pronuncia *adua*, é dado como antigo, [p]elo Diccionário Contemporâneo com a significação de «rela[illegible]» e pelo Novo Diccionário, como alentejano, querendo dizer «[ma]tilha de cães». Ambos lhe atribuem como étimo um *ad-dalla*, [ará]bico, o segundo, porém, com um ponto de interrogação, e com [ra]zão, visto que, a estar bem escrito o vocábulo arábico, o *l* não [te]ria desaparecido, por estar duplicado.

Nos meus apontamentos tenho esta palavra como usada em [Ca]stelo Branco com a seguinte significação: «chão público onde [estão] porcos, chão porqueiro e pago em comum». Infelizmente [nã]o está abonada esta definição, que provavelmente foi dada de [illegible] que não sei já por quem.

Ainda no Novo Dicc., e em seguida a *adua*, lêmos *aduada*, [co]mo termo beirão, definido desta maneira «manada (de por[cos])». É evidente derivado de *adua*, que é diferente de outro [vocábul]o, *anuduva*, *anudeva*, incluído em ambos os dicionários [ci]tados, com a significação de uma espécie de imposto, e sôbre o [q]ual se podem consultar com muito proveito, além de Bluteau e [o] Suplemento, o Elucidário de Santa Rosa de Viterbo, e principalmente o Glossário de Dozy e Engelmann, bem como o de Eguí[laz] y Yanguas, anteriormente citados, e cujo étimo, também ará[bico], é diferente ([illegible]), e difícil de se acomodar com a forma [...].

No Suplemento ao Novo Dicc. dão-se mais os seguintes [e]sclarecimentos para o entendimento do significado de *adua*, «reba[nh]o»: «local onde os porcos, pertencentes a diversos habitan[tes] da mesma povoação, permanecem durante o dia. Colhido no [F]undão». Este esclarecimento aproxima-se bastante da minha [inf]ormação acima referida.

Disse que *addalla* não pode ser a escrita certa do vocábulo [ará]bico que se dá como étimo; na realidade, João de Sousa [1],

---

[1] Vestígios da Língua Arábica em Portugal, Lisboa, 1830.

ou antes Frei José de Santo António Moura, que reviu e augmentou a 2.ª edição, que cito sempre por já não ter a primeira, transcreve o vocábulo com um só *l*, *Addula* (AL-DULE), e dá uma excelente definição, que tudo congraça, e é pena não haver sido aproveitada: — «Rebanho de bois e bestas de qualquer Villa ou Cidade, que sahe a pastar, pastoreado por hum ou mais individuos aos quaes hum dos donos paga mensalmente um tanto por cabeça» —.

Bluteau [1] diz ser palavra alentejana, significando «matilha» como termo de caçador.

O termo *adua* está empregado no seguinte documento oficial. — «Art. 1. Associações de proprietarios ou hereos das levadas na Ilha da Madeira, ou de qualquer outra região onde haja o mesmo regimen de aguas, ou das *adúas* são reconhecidas como associações legaes para todos os actos juridicos, especialmente para por meio dos seus juizes, direcções ou commissões directoras, quando devidamente auctorizadas pela assembléa dos consortes, ou como proprietarios adquirir, por qualquer titulo legitimo, os bens immobiliarios precisos, com destino á conservação, accrescentamento ou melhor aproveitamento dos mananciaes de agua dessas levadas» — [2].

Tanto as águas, como as aduas, são bens comuns.

adufe

Vem incluído no DICC. CONTEMPORANEO e muito bem definido, sem abonação porém antiga, ou moderna, visto que o instrumento ainda é usado, em Evora, por exemplo, onde o ouvi tocar na noute de Santo Antonio, ha uns cinco anos.

Como abonação pode servir a seguinte: — «Ouviam-se já des-

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ-LATINO, Lisboa, 1712.

[2] CARTA DE LEI DE 25 DE JULHO DE 1888.

... pelas ruas [de Lisboa], pandeiretas e adufes para as bandas ... — [1].

Alocações clássicas podem ver-se no volume único do Diccionário da Academia, no qual é dado erradamente o étimo arábico, que os mais lecsicógrafos teem copiado, quando podiam vê-lo ... em João de Sousa [2] *addufe* (ou *addute*), isto é, AL-DUF, e ... *adduto*, que no Dic. da Academia é êrro tipográfico, ou lapso.

afagar, fagueiro

Vários étimos teem sido propostos para êste vocábulo, partindo todos os nossos lecsicógrafos da acepção «acariciar», que desde Bluteau lhe é dada, ou exclusivamente, ou como a primária; nenhum deles se deu ao incómodo de averiguar se tais étimos se compadeciam com as correspondentes formas em outras línguas românicas, *halagar*, castelhana, antiga *falagar*, catalã ... *par*.

O CONTEMPORÂNEO absteve-se de aventar um despropósito qualquer, como houvera sido prudente que o fizesse com tantos outros vocábulos. F. Adolfo Coelho [3] fez avisadamente apenas a comparação com as formas castelhanas, antiga e moderna. Cândido de Figueiredo [4] deu mais um passo identificando o vocábulo ... com uma forma sem *a* inicial, abonada com Filinto Elísio, ... que é mais compatível com a castelhana *falagar* (cf. *cabeça* e *cabaça*), e no Suplemento aduziu outra acepção que ... lhe foi indicada — «desfazer as asperezas, aplanar» —, ... a etimolojia proposta em tempo, e depois rejeitada, pelo ... Julio Cornu [5], (ad)faciem *lagare*, para lhe substituir outra

---

[1] António de Campos, LUIZ DE CAMÕES. 2.ª Parte, XIV

[2] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

[3] DICCIONARIO ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

[4] NOVO DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUÊSA.

[5] Romania IX, p. 131, (1880).

inadmissível fonética, e mesmo ideolójicamente, fallax [1], porque o *l* geminado não haveria desaparecido em português, e em castelhano teria produzido *l* palatal (*ll*), visto que o vocábulo é em ambas as línguas de orijem evolutiva, popular; e ainda porque é sempre de bom aviso em palavras desta espécie averiguar se há um sentido material por elas expresso, e que em regra é a sua primeira acepção, da qual as outras são desenvolvimento.

Outras etimolojias teem sido propostas por diferentes romanistas abalisados, como Frederico Diez, João Storm, Gastão Paris, e outros citados por Körting [2], nenhuma das quais porém satisfaz completamente, nem resolve as dificuldades fonolójicas que o vocábulo apresenta, comparadas que sejam as formas portuguesas *afago*, *afagar*, *fagueiro* (*fagueiro* ou *faguero*) às castelhanas *falagar*, *halagar*, *halago*, *halagueño*, a catalã *afalagar*, e a asturiana *afalagar*. Até agora, portanto, a mais plausível é ainda a primeira proposta por Cornu, apesar das suas pequenas dificuldades fonéticas, principalmente se tivermos em atenção que o sentido em que o vocábulo é usualmente tomado de «acariciar», não pode ser o primitivo, o qual sem dúvida foi o que ainda perdura como termo de marcenaria, isto é, «pôr à face, alisar» ou mais rigorosamente, como terminolojia técnica já restrita esta acepção lata, «chegar ao (mesmo) nível a madeira ensambladа, alisando-a, ou, como dizem, afagando-a».

Já em tempo, na revista belga *Muséon*, porém menos circunstanciadamente, me referi a esta etimolojia ao dar alí conta dos estudos de gramática portuguesa, publicados, como já disse, em 1880, na Romania, pelo actual professor de línguas e literaturas românicas na universidade de Graz, para a qual foi transferido da de Praga, onde rejia cadeira análoga. Mencionei então apenas a mais os vocábulos castelhanos *lagotear*, *lagotero*, «bajular, bajulador», cuja relação com o de que trato aqui me parece agora incerta.

---

[1] Grundriss der Romanischen Philologie, I, p. 756, n.º 131.

[2] Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn 1891, ano.

Assim, todas as investigações que no futuro se fizerem sôbre a etimolojia dêstes vocábulos devem, a meu ver, basear-se numa forma peninsular *falagar*, significando «alisar».

afreimar

O Nôvo Dicionário traz esta forma, remetendo o leitor para *afleimar*, e desta para *afleumar*, aparentemente mais próssima de *fleuma* [phlegma, e à qual dá como definição «tornar fleumático, pachorrento».

Não me parece que as remissões estejam bem feitas, pois nos Açôres êste verbo quere dizer «inflamar-se, piorar», e parece extraordinário que o étimo dêle seja o que se lhe atribui: seria mais corrente dar-lhe como étimo imediato o substantivo *freima*, que o mesmo dicionário inclui no respectivo lugar, e em dúvida deriva de *flegma*.

Em todo o caso ficará consignada aqui a acepção em que é tomado, pelo menos em S. Miguel, o verbo *afreimar*, derivado de *freima*, que vem já em Bluteau, no sentido em que hoje empregamos *fleimão*, de phlegmone, vocábulo grego, adoptado em latim [1].

agostadouro

Êste vocábulo não está incluído nos nossos dicionários, nem mesmo como provincialismo, apesar de muito bem formado e muito expressivo. Merece bem que aí se lhe dê cabida.

Abonação excelente é a seguinte, que encontramos na primorosa publicação intitulada Portugalia, vastíssimo repositório de dições, usos e indústrias do nosso povo, e cujo segundo volume está já sendo publicado: — «Entretanto o rendeiro antigo tem ainda o direito de aproveitar o agostadouro da seara última...

---

[1] *Vide* O Seculo, de 5 de julho de 1901.

comendo-lhe a espiga e sementes com o gado suino que entender, e bem assim com o numero de bois ou bestas estrictamente necessarias ao acarreto respectivo» —[1].

Êste substantivo pressupõe a existencia de um adjectivo *agostado*, particípio passivo de *agostar*, derivado de *agosto*, e que não sei se existe em português, mas vem apontado no Dicionário da Academia espanhola, com a seguinte definição, que aclara o sentido da palavra portuguesa — «pastar el ganado durante el verano en rastrojeras ó en dehesas» —.

A forma *agostadouro* portuguesa corresponde à castelhana *agostadero*, que o Dicionário da Academia não incluiu, mas que é usada, pelo menos, na província de Badajoz, onde, como estou informado por pessoa daquella província, a meúdo é confundida com *abrebadero*, «bebedouro».

agra, agro: campo; agrela, agrelo

Palavras muito corriqueiras no norte de Portugal, não só como nomes comuns, mas também na toponímia, com alguns derivados, dos quais proveem apelidos, por demais conhecidos. Lêmos no primeiro volume de publicação a que já nos referimos, Portugalia, o seguinte, em uma monografia a todos os respeitos digna do maior encarecimento: — «*ager*... na última [acepção] e também da sub-unidade, apparece repetidas... vezes em *agro*, *agra*... *agrelo* ou *agrela*» —[2].

Água:

Certos derivados dêste vocábulo e várias acepções dêles ainda não entraram nos dicionários, e por isso apontarei aqui alguns.

---

1 J. Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, p. 280.

2 Alberto Sampaio, As «villas» do norte de Portugal, p. 123 e 581.

aguado

Este particípio passivo do verbo aguar *(àguár)* tem em Camões a significação de «guloso».

aguardente

Esta palavra, que em Lisboa é pronunciada *águardente*, em vários pontos do país revela ainda a consciência da sua formação por parte de quem a emprega, pois é pronunciada *àguàrdente*, devendo os que assim a proferem conservar os dois elementos separados na escrita por hífen: *água-ardente*. Na Collecção de Legislação Portugueza, referente aos anos de 1753-1762, Suplemento, ainda se imprimiu *agoa ardente*.

A lei de 14 de junho de 1901, publicada no Diario do Governo de 15 do dito mês e ano, traz uma interessante nomenclatura das várias espécies de aguardentes (ou *águas ardentes*), que tem por bases a graduação centesimal, a matéria prima de que são destiladas, a procedência, e as denominações por que são conhecidas geralmente, quer no comércio, quer no público. Inútil fôra reproduzir aqui essa nomenclatura, mas não o é recomendar que na feitura de novo dicionário da língua, ou na reedição de algum dos já publicados, ela seja tida em atenção com as rigorosas definições que ali são dadas.

aguista

Este vocábulo para ser bem figurado, no que respeita à sua pronúncia, deveria ser escrito com três acentos *àgùísta*: o primeiro, grave, para indicar que o *a* se profere aberto; o segundo, também grave, para avisar que se profere o *u*, e o terceiro, agudo, como sinal de que o *i* não forma ditongo com aquele *u*, isto é que êle se não lê *aguista*, nem *agüista*. Basta porém o que marquei na epígrafe.

[redacted]

comendo-lhe a espiga e sementes com o gado suino que entender, e bem assim com o numero de bois ou bestas estrictamente necessarias ao acarreto respectivo» —[1].

Êste substantivo pressupõe a existencia de um adjectivo *agostado*, participio passivo de *agostar*, derivado de *agosto*, e que não sei se existe em português, mas vem apontado no Dicionário da Academia espanhola, com a seguinte definição, que aclara o sentido da palavra portuguesa — «pastar el ganado durante el verano en rastrojeras ó en dehesas» —.

A forma *agostadouro* portuguesa corresponde à castelhana *agostadero*, que o Dicionário da Academia não incluiu, mas que é usada, pelo menos, na província de Badajoz, onde, como estou informado por pessoa daquella província, a meúdo é confundida com *abrebadero*, «bebedouro».

agra, agro: campo; agrela, agrelo

Palavras muito corriqueiras no norte de Portugal, não só como nomes comuns, mas também na toponímia, com alguns derivados, dos quais proveem apelidos, por demais conhecidos. Lêmos no primeiro volume de publicação a que já nos referimos, Portugalia, o seguinte, em uma monografia a todos os respeitos digna do maior encarecimento: — «*ager*... na última [acepção] e também da sub-unidade, apparece repetidas... vezes em *agro*, *agra*... *agrelo* ou *agrela*» —[2].

Água:

Certos derivados dêste vocábulo e várias acepções dêles ainda não entraram nos dicionários, e por isso apontarei aqui alguns.

---

[1] J. Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, p. 280.

[2] Alberto Sampaio, As «villas» do norte de Portugal, p. 123 e 581.

aguado

Êste particípio passivo do verbo aguar *(àguár)* tem em Caminha a significação de «guloso».

aguardente

Esta palavra, que em Lisboa é pronunciada *àguardènte*, em vários pontos do país revela ainda a consciência da sua formação por parte de quem a emprega, pois é pronunciada *àguàrdènte*, devendo os que assim a proferem conservar os dois elementos separados na escrita por hífen: *água-ardente*. Na Collecção de Legislação Portugueza, referente aos anos de 1753-1762, Suplemento, ainda se imprimiu *agua ardente*.

A lei de 14 de junho de 1901, publicada no Diário do Govêrno de 15 do dito mês e ano, traz uma interessante nomenclatura das várias espécies de aguardentes (ou *águas-ardentes*), que têm por bases a graduação centesimal, a matéria prima de que são distiladas, a procedência, e as denominações por que são conhecidas geralmente, quer no comércio, quer no público. Inútil fôra reproduzir aqui essa nomenclatura, mas não o é recomendar que na feitura de novo dicionário da língua, ou na reedição de algum dos já publicados, ela seja tida em atenção com as rigorosas definições que ali são dadas.

aguista

Êste vocábulo para ser bem figurado, no que respeita à sua pronúncia, deveria ser escrito com três acentos *àgùísta*: o primeiro, grave, para indicar que o *a* se profere aberto; o segundo, também grave, para avisar que se profere o *u*; e o terceiro, agudo, como sinal de que o *i* não forma ditongo com aquele *u*, isto é que êle se não lê *aguista*, nem *agùista*. Basta porém o que marquei na epígrafe.

É de introdução recente e significa «o indivíduo que está em sítio de águas medicinais, para fazer uso delas:—«Vi um telegramma do gerente da empreza de Mondariz, dizendo que os hospedes se oppõem á ida de aguistas do Porto»—[1].

É provável que seja castelhanismo. Também se diz *agùista.*

agude, agúdia, agúida

O Contemporaneo define *agúdea*, como «formiga de asas» e dá como variante *agude*. O Nôvo Diccionário dá a mesma definição da forma *agúdia*, e atribui-lhe, em dúvida, o étimo *agudo*.

José Joaquim Núñez no seu escrito Dialectos algarvios, publicado na «Revista Lusitana» [2] apresenta-nos as seguintes formas do mesmo vocábulo, e de um seu derivado:—«*aguidão*» especie de formiga. Embora o sufixo *ão* seja próprio de aumentativos *aguidão* designa uma formiga de grandeza inferior á de agudia, que o povo diz *aguida*, como tambem *aguidão*»—.

Faltam aqui acentos indispensaveis para se lerem bem os dois vocabulos, [illegible], pois de outro modo o *u* deixará de ser proferido, errando-se a pronuncia dos dois vocábulos. A forma [illegible], por [illegible], é analoga á [illegible] seguinte *aibto*, por *hábito*. É [illegible] conhecido êste, em português, de o *i* atono penúltimo de um esdrúxulo passar á sílaba acentuada, formando ditongo, resultando muitas vezes dessa passagem vocábulos paroxitonos: [illegible] *desvairar* por *desvariar* [illegible] de planta, [illegible], de area, etc.

[illegible]

Êste [illegible] apontadas nos dicioná-[illegible] ao chão [illegible], como palavra

[illegible]

alentejana, mas que eu ouvi também em Vizela e foi consignada no CONTEMPORANEO.

No volume único do Dicionário da Academia [1] vem indicada esta significação, pelas seguintes palavras: — «*alluir, subverter*» —. Da três abonações, uma das quais, colhida nas DÉCADAS de João de Barros, é apropriadíssima: — «Dizia que com punhados de terra sem mais armas, os seus *alagarião* a Fortaleza» —.

É difícil saber o sentido exacto em que o Padre Cardim emprega o que parece um substantivo rizotónico derivado dêste verbo, no seguinte passo — «mandou publicar o rei de Cochinchina uma chapa ou provisão contra a lei de Deus e contra os padres da Companhia de Jesus, a qual foi a primeira que aquelle reino se pôs em publico e se fixou á porta da igreja que os padres tinham em Taifó. Cahiu a porta com os alagos, e deu a aldeia ao padre, que na casa estava, deante de um mandarim, culpando-o de tirar a chapa» — [2]. Confrontado o vocábulo *alago* com *alagar* no passo de João de Barros, citado, deduz-se que é um substantivo verbal, significando talvez «ruina».

Em Leiria *alagar* é usado no sentido de «deitar a baixo», por exemplo, *parede alagada*, «derribada».

alavão, alabão

D. Rafael de Bluteau, no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, dá à primeira destas formas, que escreve ALAVAM, o significado «manada das ovelhas que dão leite» —, considerando o termo alentejano.

J. Inacio Roquete rejistou êste vocábulo no seu dicionario português-francês [3], como adjectivo: — «(gado) brebis qui donne

---

[1] Lisboa, 1793.

[2] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa 1894.

[3] DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS. Paris, 1855.

du lait (pour faire le fromage)» —. Cândido de Figueiredo no Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa inclui-o como provincialismo, definindo-o assim: «gado que ainda mama» —. Não sei com que fundamento lhe é dada aí esta acepção, que todavia não contesto.

O Conde de Ficalho, numa série de artigos publicados na interessantíssima revista de Serpa «A Tradição», intitulados O elemento árabe na linguagem dos pastores alentejanos[1], consagrou duas colunas ao termo, examinando a sua significação em todos os aspectos, e diz-nos que a pronúncia constante dos pastores é *alavão*. É natural que no norte do reino, se a palavra lá é usada, ela se pronuncie com *b*. Critica o doutíssimo escritor as definições dadas por vários lexicógrafos, portugueses ou estrangeiros, estes últimos principalmente arabistas, e define o termo do seguinte modo: — «*alavão* no Alentejo significa unicamente o rebanho que dá leite pela ordenha, nunca aquelle em que os borregos ainda mammam. O nome do rebanho anda ligado sempre ao facto de dar leite para os queijos: começa a chamar-se *alavão* no dia em que os borregos se apartam, deixa de se chamar *alavão* no dia em que a ordenha cessa. Esta é a significação da palavra no Alentejo, seria interessante saber o sentido que lhe dão na Serra da Estrella, onde as coisas se passam de modo um pouco differente» —.

Creio inútil acrescentar uma palavra que seja a tam lúcida e decisiva descrição, feita por quem tinha toda a autoridade e todas as competências para a fazer certíssima.

Diz-se ali, citando João Sousa[2], que o vocabulo é arabico, *al-laban*, «o leite» —. Pois, apesar dêste étimo tam claro, Eguílaz y Yanguas[3] atribui-lhe como orijem *ar-raf*, conforme diz: «mediante el conubio de *r* por la *l*, y de la *f* por la *v*» —. Já el

[1] I, p. 98-101 (1899).

[2] Vestígios da língua arábica em Portugal.

[3] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada, 1886.

...m o mesmo acêrto poderia derivá-lo do latim ovis, com mu-
...nça de *o* em *al* e de *vis* em *acao*: *Alfana vient d'equus, sans* ...*ute!*

Para que se não suponha que os nossos dicionaristas foram ...nsatos em atribuirem ao termo *alavão*, ou *alabão*, o signifi-...do de «rês que ainda mama», devo acrescentar que no Dicio-...rio árabe francês de Belot [1] se dá ALLABAN com a significação ... «mamar» (sucer le lait), como derivado de LABAN, «dar a ...ber leite»: o que talvez os levasse à conjectura criticada pelo ...nde de Ficalho; é possível também que em alguma parte do ...ino a palavra tenha aquela acepção.

alberto

Este nome proprio, conforme informação pessoal que me de-...m, significa no Alentejo «cantaro pequeno». Não me sou-...ram dizer, porem, o motivo por que lhe foi imposto. Te-...s mais substantivos comuns, derivados de nomes de pessoas, ...o *guilherme* «especie de plaina», já apontado em vários dicio-...rios portugueses, e muito modernamente, *tancredo*, como de-...gnando um candeeiro pintado de branco, que serve para indicar ... pontos da via publica, onde há parajens dos carros eléctricos, ... Lisboa, e que lhe foi dado por comparação popular com um ...tumbanco estranjeiro, que apareceu nas praças de touros, muito ...entemente, todo vestido de branco, tal qual uma estatua de ...sso ou pedra. Confronte-se ainda *josézinho*, que no principio ... seculo passado designava uma espécie de capote:

> Ideia que por moda querem
> Que lhes rejatam versinhos,
> Tem por modas de mais gosto
> Convulsões e josèzinhos [2].

[1] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 717, col. II, 718, ... I.

[2] Nicolau Tolentino, CARTA A UM CABELLEIREIRO; Obras, II, Lisboa, ...01, p. 144.

alcouce

Êste termo, ainda hoje não de todo desusado, vem definido no Elucidario de Viterbo [1] como — «casa em que se dão commodos para lascivos commercios» —. Da-lhe o douto lexicografo como etimo um arabico *Alcoued*, «alcoviteiro» —, o que não explica o *ce*.

A etimolojia proposta por Dozy [2] *alcoceita*, dá razão do *c* mas é inadmissivel por ter a mais a silaba... *ta*, que levaria caminho, sem se saber porquê. Eguilaz y Yanguas [3] propõe para substituir a de Dozy, que não admite, a que escreve *alqoç*, «domus ex arúndine», casa de canas», que tampouco se pode aceitar, porque sendo a palavra antiga na lingua, como o prova a inclusão dela no Elucidario, a 7.ª letra do abecedario arabe, equivalente ao *j* castelhano actual, estaria representada por *f* em português, e não por *c* [4], e ao *ou* corresponderia *au* em árabe.

O único vocabulo que pode satisfazer às leis fonéticas que regularam a admissão de vocabulos arabicos em português, recebidos por audição, é, que eu saiba, qaus «arco», e é possivel que a situação de algum prostibulo perto, ou dentro de um arco, ou de uma arcada, tivesse dado orijem a ser denominado assim qualquer bordel.

Em Coimbra houve uma porta de Belcouce [5], no tempo de

---

[1] Elucidario das palavras, termos e frases que em Portugal antiguamente se usarão, Lisboa, 1798.

[2] Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869.

[3] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[4] A. R. Gonçalvez Viana, Deux faits de phonologie historique portugaise, Lisboa, 1892, p. 10.

[5] A. de Campos, Luís de Camões, *in* «O Seculo», de 10 de junho de 1900.

Caraíes, e êsse nome deveria significar em árabe «no arco» (BALQAIS).

alcunha

Este vocabulo é hoje por nós empregado no sentido em que os castelhanos usam *apodo*, os franceses *sobriquet*, os ingleses *nick-name*; porém antes estava mais em harmonia com a sua aplicação na lingua de onde o tiramos, o árabe, e a que modernamente se dá ao termo *cognome*. O Dicionário da Academia, volume único, assim o declara, e autoriza-se com um trecho de João de Barros; errou-lhe, porem a etimolojia arabica, a qual diz ser *alquenna* (*sic*). Não é isso.

Garcin de Tassy, na sua interessante memória sôbre os nomes e titulos muçulmanos [1], diz a páj. 6-7, que cada arabe tem em geral, pelo menos, três nomes: 1.º o *ālame*, o nome próprio, de baptismo, como dizemos, (prénom): 2.º *kunia*, o sôbrenome (surnom), mas que designa paternidade, ou filiação, e é composto quási sempre com a palavra *abu*, «pai», ou *ibn* «filho», seguida do nome daquele, ou dêste; 3.º o *lāqab*, ou verdadeira alcunha, no sentido desta palavra, hoje em dia.

Este etimo ja tinha sido indicado nos VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL [2], transcrito *alconia*. É a mesma cousa.

Com o significado de cognome encontra-se a palavra *alcunha* em português em Damião de Góis [3]: — «e ha Infanta dona Isabel, que casou com o Duque Philippe de Borgonha, dalcunha ho bom».

Covarrubias, contemporaneo de Mariana (seculos XVI e XVII), dá como antiquada *alcuna* — «vale linage, casta, descendencia; latine, genus, stemma. Es muy usado término en la lengua

---

[1] MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, Paris, 1878.

[2] 2.ª Edição, 1830.

[3] CHRONICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. III.

castellana antigua, asi en las crónicas como en las leys y contractas» —[1].

aldeagante

Palavra trasmontana ainda não colijida nos dicionarios portugueses, no significado de «viandante», «caminhante». «Se seguir o caminho em direcção á Cova da Lua vê o aldeagante (individuo errante) outro milagroso castigo — é um lameiro (prado) convertido n'um profundo lago» —[2].

No Suplemento do NOVO DICCIONÁRIO de Cândido de Figueirêdo vem esta palavra, bem como o verbo de que deriva, *aldeagar*, mas noutra acepção: — «pessoa alegre, desinvolta». Colhido em Lagoaça — «falar á tôa; alanzoar; tagarelar; falar com animação; gracejar ruidosamente» —.

Antecede-os nesse copioso dicionário o substantivo *aldeaga*, como termo beirão, assim definido: — «tarelo, tagarela, palradôr» —.

Difícil será decidir qual é a acepção primária, se a que é dada nesse dicionário, se a que acima apontámos, autorizada. Desconhecido é igualmente o seu étimo.

aleixar

Êste verbo, afim do castelhano antigo *alexar*, moderno *alejar* (pron. *alehar*), derivado de *lexos*, *lejos*, cuja orijem parece ser, conforme F. Diez [3], o latim laxus, e a significação «afastar»,

---

[1] apud Ramon Menéndez Pidal, ANTOLOGIA DE PROSISTAS CASTELLANOS, Madrid, 1899, p. 105.

[2] Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DE MÓFRECITA, in REVISTA DE EDUCAÇÃO E ENSINO, 1891.

[3] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1870, p. 148.

«deitar a longe», segundo a expressão camoniana [1], vem abonado por F. Adolfo Coelho no seu estudo intitulado A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS, publicado na revista Portugalia (I, p. 485): — «Quem dos seus se aleixa a Deus leixa» —. É interessante o conceito do adajio, como o é a existência dêste verbo em português, que assim ficou documentada.

alfa

Êste vocábulo, não colijido em nenhum dicionário da lingua, vemo-lo abonado e definido num estudo de Albino dos Santos Pereira Lopo, intitulado BRAGANÇA E BENQUERENÇA, publicado no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa [2], e reza assim o texto: — «era costume nas vesperas de Entrudo, quando se iam revistar as «alfas», ou os marcos divisorios das propriedades particulares, ir o homem mais velho de Donae abrir no «Sagrado» uma pequena cova como signal de que o povo estava de posse d'elle» —.

Com respeito ao que o autor chama O Sagrado lê-se algumas linhas antes: — E como tradição dos «Loca Sacra» dos povos desta epocha [pre-romana] tem sido considerado o local a que os habitantes de Donae chamam «o Sagrado», que é um pequeno castro de forma elliptica, coberto de frondosos carvalhos... a norte da povoação... Denominam-no tambem... «Igreja Velha»... a igreja desappareceu, mas o sitio onde ficou lá se conhece ainda hoje, formando uma pequena depressão e é a ella que mais particularmente chamam o «Sagrado» —.

---

[1] Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo,
Se enfraqueça e se vá deitando a longe. —

LUSIADAS, IV, 101.

[2] 17.ª Série, 1898-1899, p. 198.

No vocabulário que faz parte do estudo que publiquei no vol. I da «Revista Lusitana» [1], já eu incluira, como sendo usado em Moimenta, o vocábulo *alfa*, o qual, segundo a informação que dali me fôra prestada, como declarei, significa, marco entre bens comuns e particulares.

No Suplemento ao Nôvo Dicionário foi incluído, como termo antigo, o plural *alfas*, no sentido de «fronteiras».

alfacinha; tripeiro

São conhecidas as significações dêstes dois vocábulos, que por derisão se aplicam, respectivamente, aos naturais de Lisboa e Porto, naturalmente porque em cada uma destas cidades se dá preferencia a certos manjares, na primeira à salada de alface, na segunda a um guisado feito de dobrada de vaca. É tambem provavel que tais alcunhas lhes fossem por escarnio postas por indivíduos nascidos em povoações convizinhas.

Abonação de ambos os termos é a seguinte: «Vemos que a Exposição de Paris é tambem o que mais preocupa a attenção tanto do «alfacinha» como do «tripeiro»» [2].

É de notar que *lechuguino*, em castelhano, derivado de *lechuga* < lactuca, «alface», se aplica a um «peralvilho» em Espanha.

A palavra *alface*, é de orijem arábica, como se sabe desde João de Sousa [3] (AL-HAS), e também é usada em varias partes de Espanha, conforme Eguilaz y Yanguas [4]. Por outra parte, *leituga* em português equivale a *alface brava*.

---

[1] 1887-1889. — FALAR DE RIO-FRIO (Trás-os-Montes), p. 203.

[2] O SECULO, de 30 de abril de 1900.

[3] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

[4] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

alfândega

Esta palavra é ha muito tempo empregada em Portugal e seus dominios com a significação dada geralmente na Europa latina ao vocabulo *aduana*, assim mesmo em castelhano, *dogana* em italiano, *douane* em francês, isto é, «repartição em que se arrecadam direitos das mercadorias, para que se considerem livres para o seu consumo». Antes, porém, *alfândega* queria dizer «albergaria» [1], sendo a mesma dição que a castelhana moderna *fonda*, «hospedaria», isto é a palavra arabica (AL-FANDAQ), FUNDUQ, derivada do grego medieval PANDOKEIOS [2].

alfavaca, alfabega, alfadega

Este termo usual de botânica, o qual procede, conforme o afirma o unico do Diccionario da Academia, citando Pedro de Alcala, do arabe *habaca*, «manjericão», é aplicado a duas plantas inteiramente distintas: só, serve para designar uma planta aromática, e com um epiteto, *alfavaca de cobra*, é o nome popular de uma parietária.

Conforme informação fidedigna, designa no Riba-Tejo, quer com esta forma, quer sem o prefixo *al*, «a flor da oliveira», *fava*, e neste sentido não figura em nenhum diccionario, que eu saiba.

Em arabe, segundo o Vocabulario árabe-francês de Belot [3], a forma é, transcrita, HABAQ, e portanto, o vocábulo dado por Pedro de Alcala tem a mais o sufixo de unidade.

---

[1] Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO DAS PALAVRAS QUE ANTIGUAMENTE SE USARÃO, Lisboa, 1798.

[2] Henrique Yule, THE BOOK OF SER MARCO POLO, THE VENETIAN, Londres, 1875, I, p. 401.

[3] VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893, p. 101, col. II.

O étimo arabico dado no Nôvo Dicionário, *alcabaqua* é errado evidentemente no *c* por *u*, e não sei de onde foi copiado.

Em castelhano, conforme o Dicionário da Academia, existem duas formas *alfábega* e *albahaca*, numa das acepções da palavra portuguesa *alfavaca*. Na primeira dessas formas o q foi reproduzido por *g*, que parece ter sido em varios vocábulos a sua pronúncia no dialecto arábico das Espanhas (Cf. **açougue**, *q. v.*); na segunda, que pressupõe uma forma mais antiga *albajaca*, houve metatese entre as duas silabas internas.

Relacionemos estes vocabulos todos.

No Novo Dicionário vem inscrita esta palavra, com a significação de «manjerona» e sem acento marcado, o que induz ser preceituada a pronúncia *alfadéga*, e cita-se um dicionário manuscrito arquivado na Tôrre do Tombo; Cândido de Figueiredo acrescenta: «supponho que é alteração de *alfabega* uma das formas castelhanas correspondentes a nossa *alfavaca*».

No Suplemento, porem, o vocabulo é outra vez inserido e marcada a pronuncia *alfadega*, com a seguinte explicação: — «ainda hoje se usa, designando o mangericão de fôlhas largas, ou a mangerona».

Segundo as informações que tenho, designa sòmente, pelo menos em Coimbra, «manjericão de fôlha larga», e não, «manjerona».

No mesmo Suplemento declara-se que *alfabega* por *alfavaca* é também português, usado em Vizela.

O Dic. da Ac. Esp. acentua *alfábega*.

O povo diz *majaricão*, e não *manjericão*, e dêle deriva uma forma deduzida, *mejarico*.

alfeça, alfece; alferça, alferce

Bluteau, no Suplemento ao seu Vocabulario portuguez latino, da ao vocábulo *alfeça* a significação de «safradeira, ferramenta de ferreiro», e descreve-a pelas seguintes palavras: — «Tem figura redonda, com altura de uma mão travessa. Serve

...abrir os olhos das enxadas, alvioens, machados, e martellos, ...põe-se em cuma quando estão em braza» —.

Francisco Adolfo Coelho, no seu artigo, a todos os respeitos ...elente, intitulado Alfaia agricola portugueza [1], dá-nos ...fece como sinonimo de *picareta*, estribando-se nos — «nossos le...cólogos» —, mas infelizmente não nos oferece gravura dessa ...lfaia.

J. I. Roquete, no Diccionario da lingua portugueza, que ...um simples vocabulário, define *alfeça* como ferramenta de fer...ro, tal qual Bluteau, e *alferce* como «enxadão, alvião, picareta».

O Contemporaneo e o Novo Diccionário repetem isto ...esmo, mas êste ultimo dá a forma subsidiária *alfece*, a par de ...*feça* e chama a atenção para *alferce*.

Efectivamente, a palavra *alicerce*, actualmente usada, tinha ...mo forma antiga, considerada mais correcta, *alicece*, hoje de...sada; e na realidade o *r* não existe no seu étimo arábico, alasas, ...ural de alasas como declara o Glossario de Engelmann e Dozy [2], ...o plural é o vocabulo mais frequentemente usado em portu..., onde a forma com *r* não é fácilmente explicável.

A ser exacta a étimolojia apresentada por Coelho e colhida ...n E. e Dozy, alfa's (onde o sinal ' está pelo *emzel*, ou indica...o de que o a vale por consoante, formando a segunda letra ...deal do trilitero, e que bem se ouve na pronunciação, seria ...o *r* a imitação de tal consoante, e conseguintemente lejítima a ...a inserção, tendo pois as palavras *alfece* e *alferce* a mesma ...igem.

Como, porem, tal motivo se não pode alegar para que se ...plique o *r* de *alicerce*, e como, por outra parte o Glossario ci...tado da para *alfece*, como possivel étimo, o berbere afassen, ...ural de afus, «cabo de ferramenta» [3], é temerario, sem inves...tigação ulterior, identificar os dois vocabulos, *alfece* e *alferce*.

---

[1] in Portugalia, I, p. 400.

[2] Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869, *sub v.* alizace, castelhana.

[3] *Ib. sub v.* alfeizar.

alfóstico, alfóstigo, fóstico

Esta palavra, bem acentuada em Roquete [1], aparece deformada no CONTEMPORANEO com a pronuncia *alfostigo*, que também inconsideradamente foi copiada para o Nôvo Dicc. Em castelhano as formas são *alfóstico*, *alfóstigo*, *alfóncigo*, todas esdruxulas. Outra forma portuguesa é *fístico* (Roquete), omissa nos outros dois dicionários, mas que no Vocabulário de Bluteau está mencionada, marcada a pronunciação como esdruxula igualmente (*fístico*).

Para português, como para castelhano, procede imediatamente do árabe (ALFOSTAQ), correspondente ao grego PISTAKION, latim pistacium, do qual proveio o francês *pistache*, e que em última analise é vocabulo semitico. Os árabes trouxeram-no talvez da Persia. Os franceses receberam-no da forma italiana *pistacchio*, que concorre com *pistacchio* para designação do mesmo fruto ou da arvore que o produz.

alfresses, *alfreses*

No Elucidario de Viterbo vem êste vocabulo (*alfrezes*) assim definido: — «Alfaias e moveis de uma casa» —, abonado com o seguinte trecho: — *Calças, Alfeses, especias, bacias, agomis* e outras cousas que tragem pera si —, documento de 1352 —.

O Nôvo DICCIONARIO incluiu-o no Suplemento como antiquado e ampliou-lhe o significado com — «variedade de panos ricos, própria para armações; certos enfeites do vestuario» —.

Num curioso artigo de Sousa Viterbo, intitulado AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUEZAS [2], e onde, seja dito de passajem, as gravuras representando candeias não vem a proposito, pois êste vocabulo nos textos aduzidos tem

---

[1] DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

[2] *in* Portugalia, I, p. 365-368.

…o significado antigo de «vela»; nesse artigo, dizemos, ao citar o documento, estrata dêle varios vocabulos, entre os quais, porém, não figura o que nos interessa aqui e no mesmo documento vem citado por estas palavras: — «folha douro e de prata alfrezes trenas, retros...» — o que seria inintelijivel se *alfrezes* ali estivesse por alfaias, moveis.

Parece pois ter razão o Novo Dicc. em lhe atribuir a acepção citada, ou a de «guarnições» para vestiduras, ou tapeçarias. Eguilaz y Yanguas [1] traz este vocábulo, e da-lhe o étimo arábico ALFARXE, «tapetum»; e deve ser no sentido de «tapete» que ali esta empregada a palavra, ou noutro muito perto deste.

Ve-se por aqui tambêm que a escrita com *z* é erronea, pois no documento o *z* esta por *ss*, visto proceder do x arábico: *alfresses* (e não, *alfreças*), de ALFARXE, sôbre o qual veja o leitor ORTOGRAFIA NACIONAL, paj. 113, em que se provou que a ortografia dos antigos escritores é com *ss* e não com *ç*, e na sua correspondencia a x arabico se fundamentou a excepção aparente do português em palavras dessa orijem.

No Dicionario árabe-francês de Belot [2] dão-se como correspondentes franceses de FARXE «lit, natte; matelas».

Assim *alfrezes*, no artigo a que me referi, é êrro de transcrição e não sera o unico do texto aduzido.

algar(a)via

Esta palavra, que no uso actual quere dizer «modo confuso de falar, linguajem estranjeirada, ou estranjeira», é defeituosamente definida no CONTEMPORANEO: — modo de falar próprio dos habitantes do Algarve —, acepção que ninguem lhe da, e que seria disparatada, pois não é tam indistinta e especial a pronuncia

---

[1] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

[2] Verbo, p. 551, col. 1.

dos naturais daquela formosa provincia, que justificasse tal de-
minação.

O Nóvo Diccionário define bem: — «linguajem árabe: c
fusão de vozes; cousa (melhor fôra linguajem) difícil de e
tender» —.

O *a* depois do *r* é uma vogal, como técnicamente se
anaptíctica, ou intercalar, desunindo o *r* do *v* (cf. o pop
carapinteiro, por *carpinteiro*).

Alguevia, ou *algaravia*, é o arabe ALGHRBIE, e quere d
«o árabe». A primeira fórma sem a vogal intercalar figura
um adajio citado por F. Adolfo Coelho, no seu estudo sô
A Pedagogia do povo português [1]: — «Em casa de mo
não falles algarvia» —.

No Roteiro da viagem de Vasco da Gama [2] a pala
aravia tem o mesmo significado: — «e alguns delles nã
sabem alguma pouca d'aravia» —.

O *g* esta ali como figurando a pronúncia da 18.ª letra
abecê arabico, o ع, que acima transcrevi por *gh*; ao passo que
Algarve a mesma letra está pela 19.ª, que transcrevo por
e que é um *g* fricativo proferido no palato mole: AL-GARB
poente», vocábulo diferente e que só remotamente é afim
GHARB, «arabe».

Outra forma do vocabulo *alguravia* é *algravia*, com o *a*
-*gar*- elidido, citada por Bluteau [3], e abonada com Bernar
«Não imaginemos que ha aqui mais *Algravias*, nem co
escondidas, e secretas». (Luz e Calor, p. 249) —.

A definição dada pelo doutissimo lexicologo é perfeita:
Termo Arabico, que significa a lingoa que os Arabios fallam.
Onde o Contemporaneo foi desencantar a significação que l
da, é que ninguem poderá descobrir.

O derivado *alg(a)raviada* é mais usado popularmente do q
o primitivo. Cf. *alarve*, que significou «o árabe».

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 488.

[2] Lisboa, 1861, p. 46.

[3] Vocabulario portuguez-latino, *sub v.* Algaravia.

alhora!

Esta interjeição, contraída provávelmente de *olhe ora!*, é dada por Henrique Lang [1] como usada nos Açôres.

alias

Femea do elefante: Frei Gaspar de Santo Agostinho, Itinerario da India, cap. XV. Esta nota foi-me subministrada pelo snr. Guilherme de Vasconcelos Abreu.

aljamia, aljemia: aljam(i)a?

A primeira forma é a preferida pelo arabista David Lopez [2], e na escrita a que se emprega em castelhano; mas nos nossos antigos escritores parece que era mais usada a segunda. Duarte Nunez de Leão, por exemplo, diz: — «e ainda entre Mouros, que a tem por sua algemia a lingua castelhana» .

Denominava-se assim o castelhano, o português, qualquer das linguas romanicas da Peninsula Hispânica, por oposição a *algaravia*, (q. v.) que era o árabe. A *aljamia*, ou *aljemia*, conforme vemos em Eguilaz y Yanguas [3] designava tambem o arabe corrupto falado pelos mouros de Espanha. Aggamie é o femenino de aggami, que significa «o que fala lingua [romanica], de Espanha», e neste sentido o vemos empregado no trecho citado pelo douto arabista espanhol — «Ordenamos i mandamos que pasados tres años, el qual dicho tiempo damos para que puedan

---

[1] Revista Lusitana, II, p. 52.

[2] Textos em aljamia portugueza, Lisboa p. 189.

[3] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada 1886.

los Moriscos aprender á hablar i escribir nuestra lengua castellana, que dicen ellos *aljamia* etc.» Ley 13, tit. 2.º, lib. VIII. *Nueva Recopilación* » —.

A palavra significa também «assemblea», mas esta talvez tenha de acentuar-se *aljamia*, visto que a forma dada por Viterbo no Elucidário é *aljamas*, «congregações».

aljube, aljibé (?): aljube

O Novo Dicionário inclui as duas formas, abonando sòmente a primeira, que parece ser a verdadeira. Outra abonação dela é a seguinte, em que se contém a sua definição, como termo de marinhas de sal: — «D'ahi [a água salgada] passa para outros tanques menores, chamados algibes» — [1].

A palavra já existia coljida em outros dicionários, com a significação de «cisterna onde se recolhe a água da chuva», como se lê no Contemporaneo.

Existe também em castelhano *aljibe*, hoje pronunciado *alqibe* [2], e parece ser uma forma paralela de *aljube*, o qual em árabe quere dizer «calabouço», e pròpriamente «furna» (Alcubb). No sentido de prisão é bem conhecido em Lisboa êste nome, por ser o de uma cadeia quási fronteira à do Limoeiro; mas o vocábulo continua a ter o significado geral de «prisão pública».

aljofaina

Esta palavra, ou sem o prefixo *al*, simplesmente *jofaina*, que significa no castelhano hodierno «bacia de lavar as mãos, a cara» (pronunciada *qofaina*), é, conforme todos os etimólogos, a forma deminutiva arábica Gufaine, deminutivo de Gifne, «alguidar», com, ou sem o artigo Al.

---

[1] O Século, de 10 de junho de 1901.

[2] *q* representa o valor do *j* castelhano actual.

Não incluiria aqui êste vocábulo, se o não visse escrito no artigo As Olarias do Prado, de Rocha Peixoto [1], no seguinte passo, em que parece indicar ser português: — «Atribuiu-se o albornoz a uma importação da India e americana, aos arabes o alguidar, a aljofaina e a almotolia» — .

alma

Esta palavra, além do sentido geral que expressa, tem muitos sentidos, quer só por si, quer acompanhada de epítetos, e quasi todos, se não todos, teem sido apontados nos dicionarios.

Um de que ainda não vi menção e que é difícil perceber qual seja, encontrei-o no seguinte passo de uma fôlha diária, que há muito tempo se converteu em mensal, mudando a sua antiga índole para outra mais conforme com o título [2]: — «O *Jornal de Estarreja* conta o seguinte caso: «Um d'estes dias foi encontrado junto as *almas* de Cristello... um pobre homem quasi nu, preso a um pinheiro» — . ¿Será *painel das almas?*

No Portugal Antigo e moderno [3], de Pinho Leal, obra que, a par de muitos desacertos, contém muita matéria utilíssima, procurei debalde no artigo *Estarreja* e naqueles para que faz chamadas, *Antuã, Beduido, Laranjo,* qualquer referência às *almas*, de que fêz menção o dito jornal. Cf. **alminhas**, *q. v.*

almandra, almandrilha

Num anúncio, publicado no periódico O Economista, de 4 de novembro de 1882, encontra-se o segundo vocabulo, não coligido, significando uma especie de «contaria», ou «avelorio».

---

[1] In Portugalia, I, p. 241.
[2] O Economista, de 12 de agosto de 1885.
[3] Lisboa, 1873-1880.

Almandra é definido no Nóvo Dicc. como vocábulo antigo, com as significações de «colcha, alcatifa», que não estão abonadas, mas sem duvida foram adoptadas do Elucidario de Viterbo, onde se conclui com estas palavras a inscrição:— «Parece que Almandra é colcha ou alcatifa de linho e lã. Vide Ducange v. Tirctanus»—.

Eguilaz y Yanguas [1] admite o vocábulo, citando o Elucidario, e deriva-o de um arábico al-manta, que seria o mantum a que se refere Isidoro Hispalense [2], o que não tem visos de probabilidade, pois não explica nem o *d*, nem o *r*. Parece ter relação com *almafrudrura*, cujo étimo está ainda por averiguar, apesar do seu aspecto arábico.

Almandrilha vem já no Suplemento ao Nóvo Dicc. definida como «conta alongada», e abonada com Capêlo e Ivens [3], mas a citação foi omitida e é assim: —«O explorador póde levar comsigo missanga grossa, missanga miuda, Maria segunda (¹), que é indispensavel, cassungo (¹) de variadas côres, almandrilha (²) apipada e riscada»—.

As notas dizem:—«(¹) conta encarnada pequena, interiormente branca, de 0,003 de diametro»—. «(¹) conta de bordado»—. «(²) conta alongada de 0,01 de comprido»—.

O adjectivo *apipado* «em forma de *pipo*» vêmo-lo tambem aplicado a contaria, junto ao substantivo *coral*, em um anúncio publicado no jornal O Economista, de 4 de novembro de 1882.

Almandrilha parece não ter relação com *almandra*.

alma-negra, ou anjinho

É nas ilhas da Madeira e de Porto-Santo o nome de uma ave, como vemos na valiosa monografia do P. Ernesto Schmitz

---

[1] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[2] Etymologiarum seu originum libri xx.

[3] De Benguella ás terras de Iacca, Lisboa, 1881, I, cap. I, p. 6-7.

intitulada Die Vogel Madeiras. O nome desta ave na nomenclatura zoolojica é, conforme o dito autor, *Bulweria Bulweri* [1].

almanxar; almeixar, almeixiar, almixar, almexar, almexiar

O Nôvo Dicionário inclui a segunda destas formas, com chamada à primeira, que ortografa *almanchar*, mas que se deve escrever *almanxar*, se na realidade a forma é lejítima, e define-a do modo seguinte: — «(prov[incialismo]) logar onde se seccam os figos» —. A escrita erronea com *ch* foi copiada da citação que já vou fazer.

Nos meus apontamentos tenho a forma *almeixiar*, que encontrei no Economista de 5 de novembro de 1885, em citação do Jornal da Manhã, a qual é assim: — «Roda depois para o almeixiar onde é lançado em esteiras [o figo]» —.

O vocabulo vem já entre os aditados por Moura aos Vestigios da lingoa arabica em Portugal, de João de Sousa [2], e dá-se-lhe como étimo o arabe almanxar, e como definição a seguinte: — «O estendedouro. Assim se chama no Algarve á eira, onde se põem os figos, e outras fructas a seccar» —.

O Glossario de Engelmann e Dozy [3] traz a forma *almanchar*, de Moura, remetendo porém para *almixar* castelhana (hoje escrita almijar e pronunciada *almiyar*), usada na Andaluzia, derivando-a do arabe al-mixarr, deduzido do radical xarra — «exposer quelque chose au soleil afin de le sécher» —, «expor ao sol para secar».

Dozy anota Engelmann, declarando lejítima a forma portuguesa *almanxar*, procedente de outro verbo naxara «estender», e acrescenta: — «mais comme on étend les choses qu'on veut sé-

[1] in «Ornithologisches Jahrbuch», 189[illegible], i fasciculo.

[2] Lisboa, 1830.

[3] Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869.

cher (Ibn-al-'Awwam, I, 669 emploie le participe *manchour* en décrivant la manière dont il faut sécher les figues), *almanchour* a reçu le sens de séchoir, lieu où l'on fait sécher les toiles, etc. (Bocthor) » —.

O douto arabista diz mais que *almixar* deve ser corrutela de *almanxar*, porque o verbo *xarra* no sentido de «secar» não era popular, e porque a forma devera ser *almaxar* «sequeiro», e não *almixar*, que significaria «aquilo com que se seca».

Seja como fôr, vê-se que as duas formas existem, e que a segunda se deverá escrever *almixar*, *almexar*, *almaxar*, ou mesmo *almexiar*, mas não, *almeix(i)ar*.

almeidina

Esta palavra, que parece derivada artificialmente do nome próprio *Almeida*, veio no ECONOMISTA de 7 de agosto de 1885 explicada como querendo dizer — «borracha branca de Mossamedes» — .

almeixar, almixar

V. em **almanchar.**

alminha, alminhas

No singular, significa no Minho o «mealheiro das almas»[1]; no plural «painel das almas». V. **almas.**

almuadem, *almuédano*, *muezzin*

No Suplemento ao Nôvo Diccionário declara-se, com razão, ser afrancesada a forma *muezzin*, que para aí usam escritores pouco lidos em livros portugueses de boa nota. A forma, porem,

[1] Arnaldo da Gama, O SEGREDO DO ABBADE, p. 56.

…e no mesmo dicionário se propõe para a substituir nenhuma …tajem **trama**, pois equivalia a trocar um galicismo por um …telhanismo, sendo ambos inúteis porque existe a forma portu…esa *almuadem*, pronunciada *almuádem*, ou *muádem*, sem o …tigo, a qual perfeitamente corresponde à arábica AL-MUADIN, …egoeiro». É o indivíduo incumbido de chamar, do alto do …orão da *mesquita*, os fiéis às rezas diárias. O próprio autor …avia rejistado no corpo do dicionário êste vocábulo, escrevendo-o **…muhadem**, com um *h* a mais.

Alberto de Oliveira emprega a forma *mueddin*, que é leji…ica, porem, inutil, visto que a palavra já de há muito existe …ortuguesada, como disse: — «E de repente surgiram em todos …s minaretes... os vultos direitos e phantasmaticos dos *mued…ins*» —[1].

Cumpre notar que também emprega no mesmo escrito, aliás …e grande interêsse, as formas *minarete* e *soco*, errónea esta em …ez de *açougue (q. v.)*

A forma francesa *muezzin*, que tem de ser pronunciada …*ezine*, e não *muezẽ*, explica-se porque a nona letra do alfabeto …rabico é proferida por muitos barbarescos defeituosamente como …z em vez de lhe darem o seu verdadeiro valor, o do nosso *d* …ntre vogais, diferente do *d* inicial, a que corresponde a oitava. Por todas estas razões, e ainda porque o acento tónico é em fran…ês deslocado para a última sílaba, se vê que a mais perfeita …epresentação do árabe ALMUADIN é o português *almuádem*. …letra D representa aquela nona letra. V. **muezzin**.

almoçadeira

Em Caminha êste vocábulo significa o que em Lisboa se …hama *chicara de almôço*.

A propósito de *chicara* veja-se **chávena**.

1 O SECULO, de 23 de outubro de 1905.

almofada, almofadinha

No sul do reino chama-se *almofada da cama*, ou *almofadinha*, ao que no centro e norte se denomina *travesseira*, isto é, «a almofada que na cama se põe sôbre o travesseiro», que em francês se chama *oreiller*.

Esta acepção é já antiga, pois o Padre António Francisco Cardim no XVII século emprega o vocábulo neste mesmo sentido —«o dormir era sôbre uma esteira velha, um pau ou pedra por travesseiro e almofada»—[1].

aloés

Hoje é moda acentuar-se êste vocábulo, como se fosse latino, *áloès*, pronúncia inadmissível em português. A acentuação antiga era *aloés*, e nenhuma razão plausível existe, que justifique o pedantismo da pronúncia moderna. Frei Gaspar de Santa Cruz escreveu:—«babosa, ou erva aloés»—[2]. Sôbre êste vocábulo veja-se a erudita nota do Conde de Ficalho aos COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DROGAS DA INDIA, de Garcia da Orta [3].

alôjo

Esta dição, talvez usada no sul com o significado de «alojamento», e muito bem formada, é um substantivo verbal rizotónico, isto é, com o acento tónico sôbre a última sílaba do radical, e vem exemplificado no seguinte passo da ETHNOGRAPHIA

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 206.

[2] ITINERÁRIO DA ÍNDIA, cap. IX.

[3] Lisboa, 1892, vol. II, p. 60 e seguintes.

Alto Alemtejo, de J. da Silva Picão [1]: — «com pateo, ou ...lle, ao rez do chão, outros com sobrados, reunem em ge... ...ojo sufficiente para uma lavoira mediana»—. Refere-se o ...e aos montes, ou «casais», e a citação contém abonação ...ica para a palavra *sobrado*.

Todo o estudo, que é de muito interêsse, abunda em termos ...egiões locais, o que lhe dá grande valor como documento ...eográfico dialectal.

aloquete

É uma forma derivada com *a* prostético, variante da palavra ...quete, já rejistada em vários dicionários, com o significado de ...adeado de argola». A. A. Cortesão abona a forma *aloquete*, ...m um passo de Camilo Castelo-Branco [2].

alquilar, alquilé

Tanto o primeiro dêstes vocábulos como o segundo são cas...lhanismos, significando o primeiro «alugar», e o segundo *(al...quiler)*, «aluguer», ou com assimilação do *r* ao *l*, «aluguel»; ...as em português tomaram o sentido restrito de «alugar» e ...aluguer», com relação a cavalgaduras. Modernamente, *alquilé* ...gnifica especialmente a pessoa que se ocupa em compras, ven...das e trocas de jumentos, cavalos, ou gado muar: os espanhois ...hamam-lhe *chalán*, os franceses *maquignon*.

O vocábulo *alquilé(r)* é indubitávelmente arábico, entanto ...ue o português *aluguel*, *alugar* provém do latim ad-locare, ...om uma mudança, de *o* em *u*, anormal e inexplicada.

---

[1] in Portugalia, I, p. 356.

[2] Subsidios para um diccionário completo... da língua por...tuguesa, Coimbra, 1900.

alquitete

Êste aportuguesamento popular da palavra culta *arquitecto* tomou já uma acepção especial, que lhe dá direitos a figurar nos dicionários, como palavra independente e expressiva. Eis aqui um exemplo: — «O imperio dos mestres d'obras, vulgarmente conhecidos por *alquitetes*, foi sem duvida a causa primaria d'essa variedade de gaiolas que por ahi se vêem, e a que se dá o pomposo nome de *predios* e *palacetes*» — [1].

altamado

Tenho, sem abonação, êste vocábulo nos meus apontamentos como termo çaloio, com a significação «de tudo, de todos, uns por outros»; exemplo, *panos altamados*, «de todas as qualidades». Parece ser uma contracção de *alta* e *mala*, de que se formasse um verbo *altamar*, do qual se deduzisse êste particípio passivo, empregado como adjectivo.

Numa das Satiras do portuguesíssimo Nicolau Tolentino lê-se [2]:

Feita a geral cortesia,
Pé atras, segundo a moda,
Daremos a mãe e a tia,
E depois a toda a roda
Alto e malo a senhoria.

O Nôvo Diccionario rejista a expressão *altamala*, no sentido de «à pressa», «sem escolha» e aventura-lhe como étimo, mas em duvida, *ala* + *mala*, o que é inadmissivel. Declarando o seu autor que a locução é antiga, sem abonà-la, é manifesto que não

---

1 O Dia, de 18 de julho de 1905.
2 Obras, I, p. 178.

podia ter por étimo uma palavra que é de introdução moderna, (?)ada, e pouco empregada pelo povo.

alude

Este vocábulo, usado por Gonçálvez Guimarães para traduzir o francês *avalanche*, é assim definido pelo douto professor:— «Os crystaes ou frocos de neve, accumulando-se uns sobre os outros no mesmo local, comprimem-se reciprocamente em virtude do seu pêso, e agglutinam-se... para se formarem esses perigosos *aludes* (= fr. *avalanches*), que se precipitam pela encosta da montanha, arrastando com a sua massa grandes pedregulhos, lascas de rochedo e tudo quanto se lhes depara na passagem; até que a final, quando a temperatura excede o limite de 0°, a fusão da neve torna-se inevitavel, e a agua passa a incorporar-se em qualquer torrente ou ribeira vizinha, ao mesmo tempo que os materiaes solidos se depositam pela maior parte» —.

À palavra *aludes* lê-se no pé da pájina a nota seguinte:— «Nas regiões montanhosas da Hespanha este phenomeno é designado pela palavra *alud*, de emprêgo hoje corrente na litteratura scientifica, donde a transcrevemos, por nos parecer mais conforme com a indole da nossa lingua do que o fr. *avalanche*. A palavra é de origem árabe, e decompõe-se no artigo *al* e na raiz *ud* que significa precipitar-se ou cair pesadamente. Em italiano diz-se *valanga* e em all. *Lawine*» [1].

Na Selecta de Autores franceses que, editada pela casa Aillaud & C.ª em 1897, foi presente ao concurso de livros escolares e aprovada, pusera eu uma nota ao trecho n.º 20 [2], extraido de Eliseu Reclus, com o nome de «Une tourmente dans les Alpes».

Não sabia eu então que o autor dos Elementos de Geolo-

[1] Elementos de Geologia, 2.ª ed., Coimbra, 1897, p. 167

[2] p. 146.

OLA tivesse tido a mesma lembrança, sem um saber do outro. A minha nota é assim concebida — «*déblayé par les avalanches*» varrida pelas *avalanches*. «Não há, ao que parece, voca-«bulo português que traduza êste; em castelhano chama-se-lhes «*aludes*, palavra que poderia passar para português. *Avalanche* «significa mole de neve e gêlo, que vae, lentamente ao princi-«pio, precipitadamente depois, deslizando pela serra abaixo e «despedaçando tudo que encontra no caminho» —.

No singular, a adoptarmos o vocabulo espanhol, teremos de escrever um *e* final, *alude*: cf. *saúde* com o castelhano *salud*, *cidade* com *ciudad*.

Quanto à etimolojia árabe, parece-me duvidosa. A Academia espanhola, no seu Diccionario dá como étimo o latim *alūta*, «pele curtida», o que é absurdo como sentido, sendo já por si a forma incompatível com a espanhola.

Como abonação de *alude* em português, já em sentido figurado, temos a seguinte: — «era um dilúvio, um alude de perguntas» — [1].

Outro étimo, alluuium, que já foi aduzido, conquanto satisfatório no significado, é formalmente inaceitavel, visto como o *u* latino não poderia dar o *d* final castelhano, o qual, a ser latino o étimo, pressupõe uma terminação -utem: cf. *salud* ¦ salutem.

alustre

Em Bragança usa-se êste vocábulo no sentido de «relampago» [2].

alvela, alvéloa, arvéloa, *alverôa*

Esta galantissima ave, que tantos nomes tem, conforme as rejiões da nossa terra, é em Lisboa conhecida pelo de *arvéloa*.

---

[1] MISS TEMPÊTE, tradução portuguesa, II parte, XI, in «O Seculo», de 13 de abril de 1901.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 67.

de Gil Vicente, a forma é, porém, *alvela*, como vemos no Auto das Fadas:

> *Alvela* Esta avezinha formosa
> Faz que aguarda,
> Mas, pardeos, muy bem se guarda;

o que perfeitamente condiz com o adajio citado por Bluteau no Vocabulario portuguez-latino: — « Diz o adagio portuguez, quem mata *Alveloa*, sabe mais que ella... » — No Voc. vem o vocabulo acentuado como Alvèola, isto é *alvéola*, que é a acentuação comum; mas o Novo Diccionario consigna uma forma *alvéola* como provincial, abonando-a [1].

O radical desta palavra é, sem dúvida, *alvo* | lat. albus: o modo de derivação, todavia, é difícil de explicar. F. Adolfo Coelho [2], parte da forma *alvela* como mais correcta, de *alva* + sufixo *ela*. Todavia, se confrontarmos as formas *baga* (ant. *bagoo*) com *mágoa* | macula, teremos de concluir que *alveloa* é a forma inicial portuguesa, e que dêste modo o seu étimo é obscuro.

ama

Esta palavra, cuja identificação e orijem são problemáticas, se encontra, com significações muito aprossimadas, em idiomas de famílias diferentes e irredutíveis a um só tipo, como são o vasconço *ama*, « mãe », o hebraico (A)ĒM, « mãe », a par de AMĀ, « serva, móça », e o alemão *amme*, « ama de leite » sem que se possa supor proveniência directa de uma delas a respeito de qualquer das outras; esta palavra, digo, além de outras acepções que tem recebido em português, e das quais as mais comuns são « ama de leite », e « patroa », adquiriu no Brasil significado enteiramente oposto ao segundo, e naturalmente deduzido

---

[1] Suplemento.

[2] Diccionario etymologico da lingua portugueza, Lisboa.

do primeiro, como se vê do passo que vou transcrever: — «Che-
guei de regresso a casa, quando a nossa *ama* (criada), veio cha-
mar-me para o jantar» — [1].

Análoga a esta especialização, e talvez orijem imediata dela,
é a palavra *ama*, quando se emprega na locução *ama de cha-
ves* ou na castelhana *ama de llaves*, «governante»; funda-se em
se tal ama é serviçal do patrão ou patroa, é por outra parte
quem governa a mais criadajem.

Aparentada com esta locução é ainda *ama da roupa*, que na
ilha de Sam Miguel se usa para designar «lavadeira» [2].

ámago, amago

Júlio Cornu dá como étimo a êste obscuro vocábulo, de que
formas antigas cita, *meiagoo, maiagoo, maagoo, meoogo, me-
meogo*, o latim medius locus, «lugar do meio» [3]. A ser
o étimo, que na forma actual está bastante desfigurado, temos
de supor que a acentuação actual é errónea, e que a verdadeira
seria *amágo*. Não era de estranhar que, tendo saído do uso vivo
a palavra, os doutos a revivessem com êrro de acentuação, como
aconteceu a *pantano (q. v.)*, hoje acentuado *pântano*, não obs-
tante a forma femenina *pantána*, e o castelhano *pantáno*,
mostrarem qual era a verdadeira acentuação.

amassaria

Esta dicção já foi no Nôvo Diccionário apontada, com o
significado de — «casa, logar onde se amassa farinha» — mas

[1] «Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco»,
in O Século, de 8 de julho de 1900.
[2] O Século, de 5 de julho de 1901.
[3] V. tambem Revista Lusitana, III, p. 150.

ação. Está autorizada com o seguinte passo de J. Inácio Ferreira Lapa [1], escritor douto e escrupulosissimo na pureza e propriedade da linguajem: — «A amassadura a braço é geralmente praticada na mesma casa em que se acha estabelecido o forno de cozer; algumas vezes êste trabalho verifica-se em casa contígua que tem o nome de *casa da amassaria*» —.

Não é pois neolojismo o emprêgo dêste vocábulo no seguinte passo, que transcrevo do curioso estudo de J. da Silva Picão, ETNOGRAFIA DO ALTO ALEMTEJO [2]: — «AMASSARIA. — É a casa do fabrico do pão de todas as qualidades, que se consome no monte [casal]. Tomando-se por base a importancia do consumo, temos em primeiro logar o pão de centeio, denominado *marrocate*, que se dá aos creados e «maltezes»; em segundo o pão de trigo, o *branco* e *ralo*, que é respectivamente para amos e creados de portas a dentro; em terceiro e ultimo, as *perrumas*, pão de farelos de centeio com que alimentam os cães de gado» —.

Se *perrumas* não é aqui êrro tipográfico por *perrunas* e portanto castelhanismo, como outros da linguajem dessa provincia, pois em castelhano *perruna* é também — «especie de pan muy moreno y grosero, que ordinariamente se dá á los perros [3] [cães]; se não é êrro tipografico, repito, e parece que não, pois o vocábulo já está registado no CONTEMPORANEO, é êle uma forma curiosa do adjectivo femenino *perrũa*, de *perrum*, substantivado, na qual se deu a consonantização do nasalamento da vogal *ũ*, como em *uma* de *ũa* [lat. una, em vez de se dar a apócope do *a* final, como em *commum*, fem. pelo antigo *comũa*, ou a desnasalização do *ũ*, como em *comua* substantivo, *lua*, antigo *lũa* [luna, e ainda camoniano.

Apesar da definição generica, dada no Nôvo Dicc. parece que o vocabulo *amassaria* se não aplica ao local em que se tra-

---

[1] TECHNOLOGIA RURAL, Lisboa, 1868, p. 243.

[2] In Portugalia, I, p. 538.

[3] DICCIONARIO DE LA LENGUA CASTELLANA, de la Real Acad., Madrid, 1899.

balha nas *massas* alimentícias, visto que a TECHNOLOGIA RU
não faz menção dêle na Secção Aletriaria, com que dá quási
ao livro.

J. Leite de Vasconcelos define a *perruma* do seguinte mo
— «pão feito de farelo, sem fintar, de bagaço, etc., para os
de gado» — [1].

ámbria

Êste termo de gíria, relativamente moderno, não é mais
o castelhano *hambre*, «fome», mal pronunciado, e tem a me
significação.

amigo-fechado

Termo da África Oriental Portuguesa, *chamuar (q. v.)*.

amoroso

No Minho e nos Açores, quere dizer «liso», «macio».

amuado

É palavra muito conhecida, e muito usada, como significa
— «o que desgostado se afasta, e persiste no enfado, sem m
festar a causa. He proprio dos rapazes» — [2].

Acrescentarei que tal hábito ainda é mais próprio das m
nas, pequenas, ou já crescidinhas.

É esta palavra o particípio passivo do verbo *amuar(-s*
também se emprega como adjectivo, com o mesmo signifi
virtual do verbo de que deriva.

---

[1] REVISTA LUSITANA, II, p. 36.

[2] R. Bluteau, VOCABUL. PORT.-LATINO.

Bluteau dá-lhe como étimo o substantivo *mu* — «animal duro ...teimar» —, isto é, *mulo, macho*; e parece que é certo, por ...co lisonjeira e delicada que seja a expressão, com tal orijem, ...cada a alguma das gentilíssimas damas que teem a graciosa ...cia de se enfadarem com aqueles a quem bem querem, e da ...l diz o épico amador:

> Que se aqueixa e se ri num mesmo instante,
> E se torna entre alegre magoada.[1]

...Outro menos épico, mas não menos amavioso e conhecedor de ...o suaves astucias, o terno e apaixonado Torquato Tasso, falando ...maga Armida e do seu Reinaldo, na Jerusalém Libertada, diz:

> Teneri sdegni, placide e tranquille
> Repulse, e cari vezzi e liete paci,
> Sospiri, parolette, e dolci stille
> Di pianto, e sospir tronchi, e molli baci.

Para se consolarem, as damas podem subordinar o verbo ...*uar* ao francês *moue (faire la moue)*, que, para ser mais ...unto, basta que seja francês, conquanto o étimo que para esta ...gua se lhe atribui pareça ser tambem comparação com irra...onal, o holandês *mouwe*, parente de *meeuwe* «gaivota».

Tornando aos nossos *amuado* e *amuar*, já o mesmo Bluteau ...s dá outro significado, ainda na lingua comum usualíssimo, o ...e bem se vê na citação que faz: — «Se o tumor *Amuar*, ...não madurar» —; hoje dizemos «amadurecer», isto é «atra...r-se em resolver», e neste sentido, ou análogo, o vemos em...pregado no COMMERCIO DO PORTO de 18 de julho de 1885, ...ferindo-se ao atraso produzido pelas trovoadas no amanho do ...l: — «É provavel que as marinhas fiquem amuadas por mais ...inze dias» —.

---

[1] LUSIADAS, II, est. 38.

amuso

Neolojismo que vemos indicado na REVISTA LUSITANA [I, p. 161], com a significação «contrário ás musas».

anamica (adj. fem.)

Êste adjectivo vêmo-lo empregado na Obra do Padre Anto Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PRO VINCIA DO JAPÃO [1]: – «o padre Gaspar do Amaral... que nest anno se applicou á lingua anamica» –, isto é, à lingua d *Annam*, ou *Aname*.

É duvidoso se a terminação *am* se há de ler ali como *ame*, ou *ão*. Conveniente seria que assentássemos em pronuncia e escrever *Aname*, para se não confundir êste nome propr com o comum *anão, anã*, e com tanto mais razão, quanto certo que de *Siam* (=*sião, siã*, ou *siame*) fizeram os noss escritores *Siames* [2], os povos de *Siame*, diferençando nos dest modo o reino de *Siame*, do monte e castro de Sião em Jer salem.

Teriamos pois: *anámico* | *aname* | *Aname*; *siamês*, *sia mico* | *siame* | *Siame*: formas bem portuguesas e perfeitamen deduzidas.

Disse que deveriamos diferençar *Siame* da *Sião* bíblica. assim o creio necessário; não porém, como já incautamente s fêz, adoptando para a última a forma *Sion*, conquanto a latin seja SION, copiada do grego SIÔN, transcrição da forma hebraic SIUM, porque a forma *Sião* já há muito é portuguesa, e foi em-

1 Lisboa, 1894, p. 75.

2 *Ibid*, p. 288, *mãe siame*; PEREGRINAÇÕES, de Fernám Méndez Pint cap. LVII, e *passim*.

pregada em rima por Luís de Camões, na formosissima redondilha que principia assim:

> Sobolos rios, que vão
> Por Babilonia, me achei,
> Onde sentado chorei
> As lembranças de Sião.

ancestral: avito

Êste barbarismo tem a pouco e pouco penetrado na linguajem pretensiosa ou afrancesada dos jornais, e por, incúria de certos escritores, ainda mal até em obras didácticas. Foi tomado directamente do francês *ancestral*, onde é neolojismo, que Littré ainda não rejista. A palavra é inglesa *ances'tral*, derivada de *ances'tor*, o qual provém do francês antigo *ancestres*, hoje *ancêtres* (latim antecessor). O adjectivo inglês *ancestral* é assim definido por Webster: — «relating or belonging to ancestors or descending from ancestors» —que se refere a antepassados ou lhes pertence, ou deles descende —: faz parte de uma familia de vocábulos composta de *ances'tor*, *ancesto'rial*, *ances'tral*, *ances'tress* e *ancestry*. Em inglês, pois, esta muito bem, e em francês ainda se tolera. Em português, porém, é tam absurda a sua adopção, como a do ridiculo *feerico*, tambem muito do gôsto dos literatos estranjeirados, pois nenhum radical português lhe serve de encôsto ou explicação. O termo português que lhe corresponde, conquanto latinismo, é *avito* ¦ auitus, -a, -um ¦ auus, «avô», tanto no sentido de «pai do pai», como no de «avoengo», «ascendente», «antepassado», ja rejistado como termo poetico por J. I. Roquete [1], e no CONTEMPORANEO, que o abona com Alexandre Herculano. — «Por medo ou conveniencia haviam renegado da religião avita» [2].

---

[1] DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.

[2]

Martinho Brederode usa duas vezes o vocábulo *avito* nos seus formosos poemetos, intitulados Sul [1]:

> O Fado, o mysterioso, a v i t o encanto,
> Das guitarras, a noite, por ahi;
> Vozes de treva, tremulas de pranto,
> Fontes gementes, onde o Sol não ri!
>
> Que choras tu, ó Mar, que heroica historia
> Evoca a imprecação da tua voz?
> És tu chorando a nossa a v i t a gloria,
> És tu, ó Mar, és tu ou somos nós?

O Nôvo Diccionário deu-lhe também cabida, assim como ao extravagante *ancestral*, o que é de sentir, pois o devera ter repudiado, ou pelo menos criticado no Suplemento, como fêz a outros vocábulos estranjeirados.

anchão

Em Goa esta palavra significa «boião» [2].

ancinho, ancinhar

Além da sua acepção usual de um instrumento rústico, de que no Riba-Tejo derivaram o verbo *encinhar*, equivalente a *engravinhar*, o que ai significa «limpar com ancinho», designa êste vocábulo na rejião do Mondego uma rede, como vemos na revista Portugalia [3]: —«Rede de suspensão que se emprega principalmente para a captura do berbigão»—.

---

[1] p. 86 e 137, Lisboa, 1905

[2] «Revista Lusitana», VI, p. 76 Dialecto português de Goa por Monsenhor Rodolfo Dalgado, que lhe não aponta etimo plausivel.

[3] I, p. 881.

Sôbre esta palavra diz F. Adolfo Coelho, na mesma Revista, o seguinte: — « A palavra... é, creio, a mesma que a italiana *uncino*, croque, remontando ambas a um latim vulgar *hamicinus*, do latim hamus anzol » —, que o mesmo escritor [1] deriva de outro deminutivo de hamus, *hamiciolus*.

Todavia, para *ancinho* a etimolojia mais aceitável, e já proposta, é o latim uncinum. Efectivamente, se o étimo primordial fosse hamicinus para *ancinho*, *hamiciolum* para *anzol*, como se explicaria que do *c* latino, resultasse no primeiro vocábulo *z*, e no segundo, *c*, sendo em ambos os casos o *c* pretónico no latim?

A favor de uncinum milita ainda a circunstáncia de a forma popular ser *encinho* no sul, *incinho* no centro do reino: cf. *inguento* e *imbigo*, por *ungüento* e *umbigo*.

Há outra consideração de maior pêso ainda, e é a seguinte. Do *c* ou *ti* latino resultou *z* em portugués, logo que antes daquele havia uma vogal, o que muito bem exemplifica a palavra *anzol* { *hamiciolum*.

Se *hamicinum* fosse o étimo de *ancinho* teríamos, em vez desta forma com *c*, outra com *z*, *anzinho*, como aconteceu com ... e também com *onze*, *quinze*, *benzer*, *cinza*, em todas as quais o *c* latino era precedido de vogal, undecim, quindecim, benedicere, *cinicia*: visto que, por exemplo, uncia deu *onça*, sapientia, *sabença*, credentia, *crença*, etc., porque nestes, como em *ancinho* { *uncinum*, o *c* não estava precedido de vogal. A conclusão é que hamicinum não pode ser o étimo de *ancinho*, como hamiciolum o será de *anzol*.

andejar, andejo

O Nôvo Diccionário rejista o verbo *andejar* no Suplemento, com o significado « vaguear », e abona-se com Francisco Manuel

[1] *Ibid.*, p. 635.

do Nascimento. O adjectivo *andejo* já estava incluido em outros dicionários, na acepção de «quem anda muito» (CONTEMPORANEO), e em sentido figurado «versatil, desvairado». Conforme informação, no Alentejo e em Coimbra MULHER ANDEJA quere dizer «rameira» e esta expressão tanto pode filiar-se no sentido natural da palavra, e corresponde neste caso ao francês *coureuse*, como no figurado «volúvel, mudável». Todavia, Bluteau no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, admitindo a locução *mulher andeja*, interpreta-a do modo seguinte: — «Andeja, ou Andeira, ou Andadoura, Molher andeja, chamamos vulgarmente à que não para em casa, e sempre anda pella Cidade, de huma parte para outra» —, o que perfeitamente se harmoniza com o adajio, *ce madre andeja, nao vou a parte alguma onde a nao veja*, apontado por Delicado [1] e rejistado no Dicionario publicado pela Academia de Lisboa, vol. único.

andorinha

Esta forma é explicada por F. Adolfo Coelho como derivada do latim hirundinem, isto é *hirundi(ni)na* [2], e melhor, a meu ver, por J. Leite de Vasconcelos, como um adjectivo hirundinea, com metátese nas primeiras sílabas, *hindurinea*, | hirundo [3], igualmente.

Qualquer que seja dos dois étimos o preferido, actuou em ambos a influência do verbo *andar*.

aneiro

Êste adjectivo, deduzido em português de *ano*, ou derivado do latino *annuarium*, por annuale | annus (cf. *pa-*

---

[1] ADAGIOS PORTUGUEZES, Lisboa, 1651.
[2] REVISTA LUSITANA, I, p. 135.
[3] *ib.* III, p. 268.

...ro (januarium), é definido, no Novo Diccionário, do modo seguinte: — « dependente da maneira como corrêr o anno; contingente, incerto » —.

Todavia, no trecho que se vai ler o significado é bastante diferente, e não foi ainda apontado, que eu saiba: — « Possuo ... malapeiros antigos que são anneiros, isto é, dão muito ... anno, e no seguinte não dão nada » —[1].

Pelo contrario, *cadaneiro* quere dizer « que produz cada ano, todos os anos ».

Tanto um como o outro adjectivo são muito expressivos, ... pela oposição que entre si apresentam. V. **cadaneiro, cada.**

anglicano, ánglico

Este adjectivo, que usualmente só se aplica às palavras *religião*, *igreja*, para significar *igreja anglicana*, a oficial de Inglaterra, foi por Manuel Severim de Faria empregado com o substantivo *lingua*, para expressar a forma mais antiga do inglês, que ... ao anglo-saxão, e que eu na Selecta de leituras inglesas[2] denominei lingua ánglica: — « as causas publicas se não ...assem senão na lingoa anglicana » —[3].

Os ingleses chamam *Anglian* ou *Anglo-Saxon*, ao que eu denominei *ánglico* ou *lingua ánglica*, idioma germánico usado ... meados do século VI e meados do XII, abranjendo portanto ...centos anos.

ani(e)lado

No « Archeologo Português » [4] em um artigo de José Pessanha intitulado O Calix de ouro do Mosteiro de Alcobaça, faz-se

---

[1] Gazeta das Aldeias, 1905, p. 247.
[2] Discursos politicos, in « Dicc. da Academia », I, XXX, col. 2.
[3] Lisboa, 1897, p. 287.
[4] V, p. 4.

menção de «um tecido de ouro *anilado*» —. É evidente que anilado está por *anielado*, isto é, esmaltado, e que em *anilado* se deu a absorção do *e* átono no *i* igualmente atono. Anielado é o particípio passivo do verbo *anielar*, mal formado do substantivo *nielo*, «esmalte preto», que rejistou o NOVO DICCIONARIO, como procedente do latim nigella, o que deve ser exacto, mas por intermédio do italiano *niello*.

Anilado, como significando «esmaltado», vem já em Bluteau[1], devidamente abonado com um passo da Crónica de El-Rei Dom Manuel.

É de estranhar que nem o CONTEMPORANEO, nem o NOVO DICC. rejistassem o vocábulo neste sentido, que também escapou ao Dicc. da Academia.

anta: antela, antinha; mamoa, mámoa,
mamuinha, mamunha, mamuela, mamaltar; montilhão; madorra.
orca: arcainha, *q. v.*

Sôbre todos estes vocábulos, quer primitivos, quer derivados, ver-se há com muito proveito o opúsculo de J. Leite de Vasconcelos, intitulado PORTUGAL PRE-HISTORICO[2], páj. 46-48, para o qual remeto o leitor que deseje obter noções exactas e minuciosas acêrca dêstes termos portugueses de nomenclatura arquitectónica pre-histórica, e das suas rigorosas definições.

Com respeito à orijem do vocábulo *anta*, eis o que nos diz Guilherme Smith: — «*antae:* pilares quadrados que se acrescentavam em geral às paredes laterais de um edifício, de cada lado do portal, para ajudarem a formar o pórtico. Raras vezes se encontram estes termos (o latino e o correspondente grego PARASTÁDES) no singular, porque o fim a que se destinavam as antas

---

1 VOCAB. PORT. LAT.

2 O numero 106 (1885) da «Bibliotheca do povo e das escolas», meritória colecção do editor David Corazzi, de barateza inexcedível.

era que ficassem fronteiras e sustentassem as extremidades de um mesmo teto» —[1].

antenal; mangas de veludo

Este vocábulo empregado como substantivo, e que própriamente parece ser um adjectivo substantivado, derivado de *antena*, não ocorre, que eu saiba, em dicionário algum da língua portuguesa, mas só num bilingue.

Na interessante e fidedigna obra de Jurien de la Gravière, Les Anglais et les Hollandais dans les mers polaires et dans la mer des Indes [2], a páj. 148 do tômo I lêmos o seguinte: — «Vers le 20 mars, on avait vu beaucoup de ces oiseaux de la grosseur d'un oison [«patinho»], que les Portugais nomment *antenales*. Maintenant on était entouré de *mangas de veludo*, — manches de velours, — qu'on appelle ainsi parce qu'au bout de leurs ailes il y a quelques marques noires imitant le velours, le reste étant blanc et gris. La rencontre de ces oiseaux est un indice certain qu'on n'est pas loin de la partie orientale du Cap [Cabo da Boa-Esperança]» —.

Refere-se o autor à narrativa de Linschoten.

Se as duas expressões *antenal* (pl. *antenais*, e não *antenales*) e *mangas-de-veludo*, como denominações vulgares, impostas provavelmente por marítimos, figuram, ou não, em escritores portugueses do século XVI, ou posteriores, e se ainda são usuais em qualquer parte do reino, é o que não ousarei afirmar, nem negar. Entendi, contudo, não desaproveitar a ocasião de tomar delas apontamento, para base de futuras indagações. Apresentarei mais o seguinte:

---

[1] G. Smith, Smaller Dictionary of Greek and Roman antiquities, Londres, 1871.

[2] Paris, 1890.

No DICCIONÁRIO PORTUGUEZ-FRANCEZ de J. I. Roquete [1] vemos inserida a palavra ANTENNAL, como portuguesa, traduzida para francês por— «antenale, albatros: oiseau de mer» —.

apale

Esta palavra, pertencente à língua dos cafres da Beira, na África oriental, é assim definida nuns interessantes estudos publicados no JORNAL DAS COLONIAS [2], acêrca de usos e costumes de Marromeu, por Jorje Epifânio Berkeley Cotter, funcionário ao serviço da Companhia portuguesa:— «Quando um *apale* (rapaz) chega á edade de oito a dez annos» —.

apanha(s)

Na publicação periódica PORTUGALIA [3] vem a seguinte descrição do tear ordinario, usado no distrito de Viana-do-Castelo, na qual apenas suprimo os algarismos que se referem ao desenho, que aqui não reproduzo.

— «As duas *pernas de prumo da frente*; as duas *pernas de prumo das costas*; as duas *mezas*; os dois *capiteis*; as duas *tramações dos capiteis*; os dois *pombos* do orgão do panno; o *orgão do fiado* ou das costas; o *orgão do peito*; o *orgão do panno*; os dois *malhetes do orgão do peito*; os dois *pombos do orgão das costas*; a *roda dentada do orgão do panno*, e sua *espera*; as duas *varetas das queixas*; a *maçã* ou *peça das queixas*; as duas *peças das queixas*; o *eixo das queixas*; os dois *moitões para as lisseiras*; o *travessão dos moitões*; as quatro *chavelhas para o orgão das costas*; as duas *apanhas*, *premedeiras* ou *pedaes*; o *tempereiro*; os dois *compostouros*; as *lisseiras*,

[1] Paris, 1855.
[2] 30 de maio de 1905.
[3] I, p. 374.

Aponto aqui em itálico os termos constantes desta nomenclatura vulgar, que ainda não foram ou colijidos em lécsicos portugueses ou neles definidos nestas acepções; considerando não registados os termos ou acepções que não figuram no mais completo desses lécsicos, o NOVO DICCIONÁRIO, ou no VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO de Bluteau, tam rico em meudíssimas definições de termos vulgares.

apani(a)guado

Passando por alto como inaceitável a palavra *pano* que o NOVO DICCIONARIO propõe por étimo do verbo *apanicar*, para o qual remete *apaniguar*, identificando-os, vejo que duas etimologias teem sido propostas para o nome que encabeça êste artigo: a primeira, por Duarte Nunez de Leão [1], a-pan-e-água; a segunda por F. Adolfo Coelho [2], exposta nos seguintes termos: «*A* pref. e thema *pani* pão; para a formação que nada tem que ver com *aqua*, como suppoz N. Leão, vid. **Apaziguar** e **Sanctiguar**» —. Seguindo êste raciocinio, vemos em **Apaziguar**, no mesmo dicionário:— «*A* pref. e *pacificar*, cf. para a forma *apaniguado* por *apanificado*, *averiguar* de *verificar*, ant. *amortiguar* de *mortificar*, etc.

«Não seria muito facil suprir o *etc.*, e apesar de tam perentória afirmativa, tanto *amortiguar* de *mortificar*, como *averiguar* de *verificar* não são tam seguros, que não precisem larga explicação, a qual ali se não encontra em nenhuma das palavras apontadas para confronto, nem nas remissões feitas em *sanctiguar*.

Ora, as formas *averiguar*, *santiguar*, *apaziguar*, *amortiguar* são naturalmente erros de interpretação de *gu*, que do antigo expediente ortográfico por *g* passaram às ortografias posteriores, alterando a pronunciação, por ma leitura, pois se o *u* houvesse

[1] Convém saber: ORIGEM DA LINGOA PORTUGUESA, cap. VIII.

[2] DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO.

de ler-se, a sua escrita antiga teria sido *quo*, como em *logo* por *logo*, *aquoa*, por *água*. Esta indução é confirmada pela circunstância de nenhum dêsses vocábulos ser popular, sendo dois dêles obsoletos, *amortiquar*, *santiquar*.

Se porém a todas essas dições se podem atribuir as formas reais *amortigar*, *apazigar*, *averigar*, *santigar*, o mesmo não acontece com *apaniguado*, particípio passivo aparente de um verbo *apaniguar*, que parece não existir, e cuja forma antiga é *apaniaguado*, confirmada pela castelhana *(a)paniaguado*, de que proveio. Em Fernam Méndez Pinto lêmos: — « E sem embargo de tudo isto o padre [Francisco Xavier] se embarcou nesta mesma nao para a China, mas bem differente do que ouvera de yr se fôra com Diogo Pereyra, mas elle ficou em Malaca, e a nao foy toda por conta do capitão e dos seus **apaniaguados**, e com capitão pôsto de sua mão, e o padre foy **ingreme**, sem autoridade nenhũa, ás esmolas do contramestre e sem levar outra cousa mais que só hũa loba que levava vestida » — [1].

Êste passo é, em todos os pontos de vista, de muito interêsse, não só por se referir ao apóstolo das Indias, mas ainda como texto de linguajem, pois contém, além de outras locuções vernáculas, o vocabulo *apaniaguado*, e *ingreme* num sentido muito especial, desusado hoje, e que talvez possa contribuir para se aclarar a sua orijem e verdadeira acentuação, pois a literária *ingreme* está em oposição com a popular *ingrime*.

A forma completa, pois, da palavra de que estou tratando vemo-la aqui, *a-pan-i-agua-do*, aportuguesamento da castelhana *(a)-pan-i-agua-do*, visto que é nesta língua, e não na portuguesa, que *pan* quere dizer « pão ». Assim, *ser de alguem apaniaguado* equivalia ao que hoje dizemos « estar ás sopas de alguem ».

Vê-se bem que tinha razão o grande humanista do século XV-XVI, D. Núnez de Leão, e que bem fêz Bluteau [2] em

---

[1] PEREGRINAÇÃO, Lisboa, 1829, cap. CCXV.

[2] VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO, *sub. v.* PANIGUADO

a seguir, explicando-o nestes termos: — «Aquelle que como doméstico da casa, recebe todos os annos do senhor della alguma cousa para seu sustento. Chama-se «assim» porque antigamente a ração do paniaguado era pão e agua. Nos livros das Ordenações está Panigado, e Apanigado, mas o author do Repertor. das Ordenaç. diz Paniaguado» —. D. Nunez escrevêra, *loc. cit.*: — «Apaniguado, de pane et aqua, quasi paniaguado» —.

¿Foi isto uma conjectura, um desejo de interpretar etimològicamente um vocábulo, cujo verdadeiro sentido se perdera e cuja formação se ignorava? É esta a opinião de F. Adolfo Coelho, e neste caso *apaniguar* seria uma forma parassintética, um derivado com prefixo e sufixo.

Nos termos em que D. Núnez e Bluteau a analisaram é ela, pelo contrário, um caso, mais raro nas linguas románicas, de polisíntese, isto é, uma palavra composta, flexionada como se fôra simples, tal como, por exemplo, *afidalgado* | *fidalgo* | *filho-de-algo*, e em cuja composição os elementos estão em relação circunstancial.

Se analisarmos os verbos citados por F. Adolfo Coelho, e que transcrevi mais acima, vemos claramente que em nenhum dêles a terminação *-guar* está com o radical, na mesma relação, que em *apani(a)guado*. Três teem por primeiro elemento adjectivos *vero*, *morto*, *santo*, e significam «fazer que fique verdadeiro, morto, santo». O outro tem por base o substantivo *paz*, e quere dizer «fazer que fique em paz». Ora, *apaniguar*, ou *apaniaguar*, se existisse, não equivaleria a «fazer que fique (em) pão», e portanto essa derivação que se pretende dar a *apaniguado* é absurda, comparada com a dos vocábulos com os quais se confrontou.

Se as formas *averiguar*, *amortiguar*, *apaziguar*, *santiguar* se podem substituir pelos seus equivalentes formais e significativos *verificar*, *mortificar*, *pacificar*, *santificar*, outro tanto não aconteceria a *apaniguar*, que não corresponderia a *panificar* no sentido, como lhe não corresponde na formação.

Por todos estes motivos parece preferivel adoptar a explicação dada por Duarte Núnez e perfilhada por Bluteau, a qual é

exactamente a que os dicionários castelhanos dão ao *paniguado*[1], de que procede o português *apaniguado*, sem verbo de que seja participio, mas como adjectivo substantivado.

Para confirmação do que fica exposto aduzirei uma informação decisiva. No excelente estudo de Paulo Groussac, intitulado LE COMMENTATEUR DU LABERINTO [de João de Mena], lêmos o seguinte: — « Il s'agit de la petite rente appelée *pan y agua* remplaçant l'ancienne ration en nature des chevaliers pauvres *(paniaguados)* agrégés à une commanderie » —. E em nota acrescenta, citando Dormer, PROGRESOS DE LA HISTORIA EN ARAGON (Çaragoça, 1680, paj. 540), um trecho da carta de Fernám Nuñez, o Pinciano, a Zurita, em que lhe diz: — « De la tardanza de mi libramiento estoy en sospecha si ha venido alguna suspensión de Sa Majestad [Carlos V] en que nos quite ese p a n y a g u a que nos daba » —.

Creio ser decisiva a citação.

aparadeira

Em Caminha, e provavelmente em outras partes da provincia do Minho, dá-se êste nome a uma bandejinha que apara os pingos da vela, no castiçal. É pois êste um termo excelente para traduzir o vocábulo francês *bobèche*, substituindo-o em português.

Nem é de estranhar a formação e aplicação dêste derivado femenino do verbo *aparar*, visto que já temos o correspondente masculino *aparador*, que pelo sentido menos que aquele se liga ao expresso pelo verbo.

aparamentos

Esta forma, equivalente a *paramentos*, não vem rejistada nos nossos dicionarios, e está para o substantivo *paramentos*, como

[1] DICCIONARIO DE LA REAL ACADEMIA, 1899.

verbo *aparamentar*, já colijido, para o verbo *paramentar*. Abona-se com o seguinte trecho do Padre António Francisco Cardim: — «preparou-se a varanda de alcatifas, e cadeiras de veludo bordado para os dois fidalgos, outra diferente para o embaixador, posta na cabeceira, com outros aparamentos vistosos» — [1].

ápeto, atom

O conhecido etnógrafo A. Tomás Pírez, na revista PORTUGALIA [2], publicou um seu estudo descritivo dos amuletos usados pelos povos do concelho de Elvas. Entre outros vocabulos interessantíssimos vem apontado êste numa rima popular: «Onde esta o ap[e]to e o atom / não faz o demo seu tom». Antes diz: — «Usam o aipo e o *atom (Talaspia)*, mettidos em bolsinhas, ao pescoço, para preservarem do feitiço e do demonio» — .

É singular esta forma *ápeto*, e não, *apto*, a medida do verso o está indicando, para designar o *aipo*, e não atino com a sua orijem. Outro tanto direi de *atom*, que apresenta uma terminação rara no português do sul.

É evidente que o grupo *pt* é inadmissivel em vocábulos de orijem popular, e por isso ou se haveria reduzido a *ato* (cf. *atar* | aptare), ou uma vogal anaptíctica desuniria, como desuniu, as duas consoantes incompatíveis.

apojar

Êste verbo é usado no Algarve, com a pronúncia *apojár* (o átono na 2.ª silaba), e a significação «demorar-se». O étimo é naturalmente podium, como supõe J. Leite de Vasconcelos [3].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 50.

[2] I, p. 618-622.

[3] REVISTA LUSITANA, VII, pag. 107.

Apolentar

Este termo está registado no Novo Dicc., assim definido — «engordar com polenta» —.

A polenta, no mesmo dicionário é descrita do seguinte modo: — «papas de farinha com manteiga e queijo ralado» —; e no Suplemento acrescenta-se — «**polenda** o mesmo que *polenta*. Em Veneza, é uma pasta grossa, feita de farinha de milho com água e sal, e serve de pão em certas refeições. Parece que também há polenda de farinha de castanhas» —.

Efectivamente a *polenta* que lá comi era a que aqui se descreve. Quanto à forma *polenda*, é sabido que em certas partes de Itália *nd* alterna com *nt*, ou o substitui, onde houve influência do grego moderno, no qual *nt* se profere *nd*, em meio de palavra, ou de um para outro vocábulo, e como *d* no princípio de vocábulo.

O termo *polenta* já era usado pelos romanos, aplicado a um «mantimento que se fazia de farinha de cevada torrada e preparada de diversos modos» [1].

Conforme Petrocchi, a forma mais usada é *polenda*; mas eu, em Veneza, ouvi chamar-se-lhe *polenta*.

Não é porém da *polenta* romana ou italiana que eu tratarei aqui, visto não ser tal nome conhecido cá pelo povo, e se fiz a citação referida, extratada do Nôvo Dicionário, foi apenas para pôr em dúvida, visto não estar ali abonado o vocábulo, a existência do verbo *apolentar*, com a significação que lá se lhe atribui.

Nos meus apontamentos tenho o verbo *apolentar*, colhido na tradição oral, como termo da Beira-Baixa, querendo dizer «palpar

---

1 Magnum Lexicon, Lisboa 1810, onde se abona com Ovídio, Tibul. [illegible] Marcial. V. também Septem linguarum Calepinus, [illegible]

as pontas dos dedos a fruta, para experimentar se esta dura ».

É duvidoso que êste verbo com tal significado se possa relacionar com o substantivo polenta latino.

apo(u)sentamento

É este um dos poucos vocabulos portugueses em que *o* corresponde a *au* latino, sem derivação imediata do castelhano, como *bobo (q. v.)*, ou do latim popular, como *pobre* ¦ *popere*, pauperem. Outro é *apoquentar*, e seus derivados, cujo tema é *pouco*. Todavia, é esta uma condensação moderna do ditongo *ou*, pois as formas antigas eram *apouquentar*, *apousentar* — « hũa escada de pedra per honde sobem as casas de apousentamento do dito castello » —[1].

Outros vocábulos são *foz* ¦ faucem, *afogar* ¦ *effaucare*, e poucos mais [2].

aquela, aquelar

Assim como empregamos o substantivo *cousa* para suprir um nome, que na ocasião nos não ocorre ou não sabemos, e *coiso* por pessoa, do mesmo modo que os francêses usam *machin* ¦ *machine*, e ainda como usamos *aquela* por « afeição »; usam em Caminha *aquela*, querendo significar « pessoa rica » e *aquelar* por « fazer qualquer cousa », e em sentido restricto por « limpar ». São exemplos da vitalidade criadora que ainda possui a linguagem na boca do povo inculto.

[1] Auto de posse do castelo de Sines, de 24 de novembro de 1533, in ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, X, p. 101.

[2] V. J. Cornu, Grammatik der portugiesischen Sprache, 2.ª edição, in GRUNDRISS DER ROMANISCH PHILOLOGIE, Estrasburgo, 1906, I, p. 937.

araça, araçá, araçai

Esta palavra, que o Dicc. Contemporaneo e o Nôvo Dicc. acentuam *araçá*, e o Dictionaire portugais-français de J. I. Roquete [1] escreve *araçaz*, vêmo-la escrita sem acento gráfico, *araça*, entendendo-se que será lida *aráça*, no «Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco» [2]. Designa diversos vejetais e seus frutos, e deve ser palavra indíjena do Brasil.

Como, porém, no Vocabulario y Tesoro de la lengua guarani, ó mas bien tupi [3], do Padre Antonio Ruiz de Montoya, ela figura na II Parte com as formas Araçá, definida como *Especie de guayabas*, e Araçai, *Arbol destas guayabas*, vê-se que a verdadeira acentuação é a que os dicionarios citados indicaram. Por aí vemos também que o nome da árvore é ampliação do nome do fruto, e portanto denominação distinta, o que os ditos dicionários não apontam. A palavra não foi incluída no Diccionario de vocabulos brazileiros, do Vizconde de Beaurepaire-Rohan [4].

aragão, pai-dos-caixeiros

Em uma correspondência do Brasil lia-se êste vocábulo, empregado como substantivo comum e explicado pelo seguinte modo: — «sino grande da igreja de Sam Francisco de Paula, que dá o toque para se fecharem os estabelecimentos no Rio de Janeiro» —. Outro nome que tem o festivo sino é *pai-dos-caixeiros*.

Eis aqui o trecho do qual extraí a definição: — «O meu amigo talvez não saiba que as 10 horas da noite corre aqui um grande

---

[1] Paris, 1855.

[2] *in* O Seculo, de 8 de junho de 1900.

[3] Nueva edicion, Paris-Viena, 1876.

[4] Rio-de-Janeiro, 1889.

o da igreja de S. Francisco de Paula, o que indica a hora a e são obrigados a fechar todos os estabelecimentos que não em licença especial. Chamam geralmente a êste toque — *o Arao* —, ou *o pae dos caixeiros*... a segunda [denominação] aro é que provém de ser aquella a hora que os caixeiros acam a tarefa da noite » —.

A orijem da primeira denominação dá-se na mesma corresondência por estas palavras: — « Deriva-se de ter sido um chefe policia d'aquella cidade que estabeleceu que o sino corresse dez horas » —[1].

aragoês, aragonês

Hoje dizemos *aragonês*, limitando-nos a transcrever o castelano *aragonés*, muito bem derivado de *Aragón*, naquela lingua. portuguesa, porem, visto que o nome próprio de que se forma adjectivo está aportuguesado, e bem, no uso comum, *Aragão*, dito adjectivo deve ser *aragoês*, como se dizia e escrevia dantes. — « Porque como os Aragoeses que tem a mesma lingoa que castelhanos » —[2].

A forma *aragonês* é um castelhanismo, como o são *leoes* ¦ *leonés* ¦ *León*, *castelhano* ¦ *castellano* ¦ *Castiella*, forma antiga, correspondente à moderna *Castilla*, « Castela », pois antigamente diziamos *castelão*. Luis de Camões, porém, usou da forma espanholada *castelhano*:

> Deu sinal a trompeta castelhana
> Horrendo, fero, ingente e temeroso
> Ouviu-o o monte Artabro, e Guadiana [3].

O nome próprio do rio é castelhanismo também, pois a forma

---

[1] O Economista, de 12 de agosto de 1885.
[2] Duarte Nunez do Leão, Origem da Lingoa Portuguesa, cap. xxv.
[3] Os Lusiadas, IV, 28.

portuguesa é *Odiana*. Cf. *Odemira*, *Odeceixe*, *Odelouca*, nas quais a palavra arábica UAD, «rio», está condensada em *odi*, *ode*.

Com efeito, Rui de Pina [1] e Damião de Góis, por exemplo, escreveram Odiana [2], e não *Guadiana*, que a pouco e pouco se foi difundindo, a ponto de ser hoje a única forma, pelo menos escrita, em português.

O mesmo aconteceu com *Badajoz*, que diziamos *Badalhouce*, escrita e pronúncia mais conforme com a arabica BATALIUS. Vê-se porém que esta última designação geográfica entrou em português pelos olhos, e não pelos ouvidos, por isso que pronunciamos aí o *j* e o *z* ao nosso modo, e não ao do castelhano actual.

arcainha: arquinha

É êste mais um termo vulgar para designar a *anta* ou *arca* e vêmo-lo assim definido em uma monografia intitulada MATERIAES PARA O ESTUDO DO POVO PORTUGUEZ [3]: — «Os proprietarios e visinhos... deram o nome de *arcainhas* aos monumentos, e também o applicaram aos sitios em que se achavam» —.

Arcainha parece ser um deminutivo de *arca*, mas diferente de *arquinha*, que tem a significação de «maquineta» — «deu uma arquinha de prata, para estar nella um Santissimo Sacramento» — [4]. V. **anta**.

arco celeste, arco-da-velha, arco-da-chuva, arco-de-Deus, arco-iris

A primeira destas denominações é erudita, como a última, e coincidem ambas com as castelhanas, igualmente cultas. O nome

---

[1] CRONICA DE DOM AFONSO V, cap. 138.

[2] CRÓN. DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. VI. V. tambem G. Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL, p. 199. Lisboa, 1904.

[3] in Portugalia, I, p. 13.

[4] O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, V, p. 8.

gar em português é no continente *arco-da-velha*, que Fr. Heitor xo [1] explica haver sido dado — « porque na Lei velha disse s que nas nuvens poria êste arco por sinal de paz entre si s homens » —. Assim será; mas nesse caso teria esta denoação também orijem não popular.

Os outros dois nomes, *arco-de-Deus* e *arco-da-chuva*, veem ontados pelo Dr. Hugo Schuchardt nos Estudos Crioulos [2], do o primeiro analogo ao explicado por Heitor Pinto, porém nos artificial, e o segundo de carácter enteiramente popular, e por si mesmo se explica. Não sei se algum dêles é também do no reino.

areisco, arisco

Êsse adjectivo, cuja orijem é o substantivo *areia* (cf. *pedrisco*, *pedra*), é hoje quasi sòmente empregado em sentido translato, uivalendo a « rebelde », « arredio », « bravio ».

Como já temos a locução *terra areisca*, *terra arisca*, rejistada o Contemporaneo, e em que o adjectivo citado tem o seu signiado natural, poderíamos muito vernàculamente substantivar e femenino, subentendendo a palavra *(pedra)*, *areisca*, ou *isca*, usando dêste adjectivo substantivado para designarmos que por galicismo se diz *grés*, e que A. Gonçálvez Guimarães [3] quer se diga, com menos propriedade, *arenito*. Os espanhóis hamam-lhe com muito acêrto *(piedra) arenisca*, como chamam calcáreo *(piedra) caliza*, e eu tenho nos meus apontamentos ada outro nome, *pedra-grão*.

Assim, se continuam os geólogos e os mineralojistas a darhe nome francês, não é por falta de nomes portugueses: *pedraão*, *arenito*, *arenisca*, *(pedra) areisca*, *pedra arisca*, os últios dos quais, com serem portugueses lejítimos, coincidem per-

---

[1] *apud* Bluteau, Voc. port. latin.
[2] Kreolische Studien, ix, p. 129.
[3] Elementos de Geologia, 2.ª ed., Coimbra 1897, p. 130, n. *q. v.*

feitamente com a denominação espanhola *arenisca*, e com a inglesa *sandstone*, ou alemã *sandstein*, que ambas significam «pedra-areia».

Poderia portanto usar-se simplesmente *areisca*, como substantivo, suprimindo-se a palavra *pedra*, como aconteceu a *cantaria*, que dantes era adjectivo, pois se dizia *pedra cantaria*, como vemos em Rui de Pina. — «E tanta ordem e diligencia se pôs nisso acêrca da pedra cantaria, e cal, e madeira» — [1].

argamassa

Qualquer que seja o étimo dêste vocabulo, que também existe em castelhano, *argamasa*, o certo é que se deve escrever com *ss*, e não com *ç*, atenta a forma espanhola, e haja, ou não, ali a palavra *massa*; ao contrário do nome que dão a um bolo, *maçapão*, em que tal vocabulo não existe, pois em castelhano se diz *mazapán*, o que prova dever escrever-se em português com *ç* e não com *ss*.

A palavra *argamassa*, como termo de calão, quere dizer «comida», o que se encontra documentado pelo trecho seguinte: — «Lavaram-me, cortaram-me o cabello, mas a respeito de *argamassa*... pão e agua, porque era dia de jejum» — [2].

arlequim

No Suplemento ao Nôvo Diccionario inscreveu-se êste vocábulo, como de gíria, com a significação de — «restos de carne, peixe ou de qualquer iguaria, que ficam das refeições, dos criados das casas ricas» —. Duvido da existência em português de semelhante palavra, que creio foi empregada numa afamada tra-

---

[1] Crónica de El-Rei Dom Afonso V, cap. CXLII.
[2] O Dia, de 25 de setembro de 1902.

ção do romance de Eugénio Suë Os MISTERIOS DE PARIS, na qual se procurou, bem ou mal, verter todas as muitas expressões de gíria que ali se encontram, inventando-se umas, aportuguesando-se outras temeràriamente, com o fim de reproduzir, com uma afectada e imajinária exactidão, as locuções do *argot* francês. Fr. *arlequin*, nesse calão parisiense, quere dizer, pouco mais ou menos, o que os espanhóis denominam *ropa vieja*, isto é, conforme a definição de Emílio Littré: — «debris de repas, et surtout debris de viandes, ainsi dit parce que ce plat, que l'on vend pour la nourriture des animaux domestiques et que les pauvres ne dedaignent pas, est composé de morceaux assemblés au hasard» —[1]. O nome pois foi-lhe imposto por comparação com a vestimenta dos arlequins, feita de remendos de várias côres.

armada

— «É com elle (o visgo) que se apanham nas *armadas* os pintasilgos e pintarroxos... As armadas são unicamente feitas às aves que costumam de preferencia pousar nas pontas dos ramos» —[2].

Cf. *armadilha*, e *armar aos passaros*.

armamento; armar, armado

Êste substantivo conhecido, derivado do verbo *armar*, tem, além dos seus diversos significados, mais ou menos relacionados com o étimo primordial *arma*, outro muito especial, exemplificado pela seguinte definição: — «Curioso amuleto composto de *sinosaimão*, meia lua e coração; deve ser de ferro ou aço e traz-se

---

[1] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

[2] G. Pinho. ETHNOGRAPHIA AMARANTINA. A Caça, *in* Portugalia, [illegible]

feitamente com a denominação espanhola *arenisca*, e com a inglesa *sandstone*, ou alemã *sandstein*, que ambas significam «pedra-areia».

Poderia portanto usar-se simplesmente *areisca*, como substantivo, suprimindo-se a palavra *pedra*, como aconteceu a *cantaria*, que dantes era adjectivo, pois se dizia *pedra cantaria*, como vemos em Rui de Pina. —«E tanta ordem e diligencia se pôs nisso acêrca da pedra cantaria, e cal, e madeira» —[1].

argamassa

Qualquer que seja o étimo dêste vocábulo, que também existe em castelhano, *argamasa*, o certo é que se deve escrever com *ss*, e não com *ç*, atenta a forma espanhola, e haja, ou não, ali a palavra *massa*; ao contrário do nome que dão a um bôlo, *maçapão*, em que tal vocábulo não existe, pois em castelhano se diz *mazapán*, o que prova dever escrever-se em português com *ç* e não com *ss*.

A palavra *argamassa*, como termo de calão, quere dizer «comida», o que se encontra documentado pelo trecho seguinte: —«Lavaram-me, cortaram-me o cabello, mas a respeito de *argamassa*... pão e agua, porque era dia de jejum» —[2].

arlequim

No Suplemento ao Nóvo Diccionário inscreveu-se êste vocábulo, como de giria, com a significação de «restos de carne, peixe ou de qualquer iguaria, que ficam das refeições, dos criados das casas ricas» —. Duvido da existência em português de semelhante palavra, que creio foi empregada numa afamada tra-

---

[1] Cronica de El-rei Dom Afonso V, cap. CXLII.
[2] O Dia, de 25 de setembro de 1902.

ção do romance de Eugénio Suë OS MISTÉRIOS DE PARIS, na qual se procurou, bem ou mal, verter todas as muitas expressões de gíria que ali se encontram, inventando-se umas, aportuguesando-se outras temerariamente, com o fim de reproduzir, com uma afectada e imajinária exactidão, as locuções do *argot* francês. Ora, *arlequin*, nesse calão parisiense, quere dizer, pouco mais ou menos, o que os espanhóis denominam *ropa vieja*, isto é, conforme a definição de Emílio Littré: — «débris de repas, et surtout débris de viandes, ainsi dit parce que ce plat, que l'on vend pour la nourriture des animaux domestiques et que les pauvres ne dédaignent pas, est composé de morceaux assemblés au hasard» —[1]. O nome pois foi-lhe imposto por comparação com a vestimenta dos arlequins, feita de remendos de várias côres.

armada

— «É com elle o visgo, que se apanham nas *armadas* os pintasilgos e pintarroxos... As armadas são unicamente feitas às aves que costumam de preferencia pousar nas pontas dos ramos» —[2].

Cf. *armadilha*, e *armar aos passaros*.

armamento; armar, armado

Êste substantivo conhecido, derivado do verbo *armar*, tem, além dos seus diversos significados, mais ou menos relacionados com o étimo primordial *arma*, outro muito especial, exemplificado pela seguinte definição: — «Curioso amuleto composto de *sina-saimão*, meia lua e coração; deve ser de ferro ou aço e traz-se

---

[1] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

[2] G. Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 96.

ao pescoço para preservar de ataques epilepticos» —[1]. Quere dizer «guarnição completa».

Armado, indicando «vestido de armadura», usava-se dantes não só com relação às pessoas, mas também aos cavalos, correspondendo neste caso ao que em francês se dizia *bardé* — «E sairam logo delles quatrocentos de cavalo em cavalos armados» —[2].

Armar no sentido do francês *monter*, que modernamente por galicismo se traduz por *montar*, significa «dispôr e ligar as peças de um qualquer maquinismo (por exemplo), de maneira que fiquem todas conjugadas e no seu lugar».

armazém

O povo diz *almazém*, e diz bem, mas já não é tempo de remediar a emenda falsa. Os nossos autores antigos escreveram sempre *almazem*, como, por exemplo, Rui de Pina: — «foi enviar-lhe (ao infante Dom Pedro El-rei Dom Afonso v) com muita estreiteza requerer entrega das armas do seu almazem» —[3].

Êste passo do cronista patenteia claramente a influência exercida pelo vocábulo *arma* na deturpação da palavra *almazém*.

Bluteau, conquanto já rejiste *armazém*, forma preferida pelos lexicógrafos modernos, dá a primazia à antiga forma, que é ainda hoje a castelhana, *almacén*, do árabe AL-MAHZAN, ou AL-MAHZAIN[4], do qual os franceses tiraram também o seu *magazin*, com supressão do artigo AL. A palavra arabe significa «(casa de) arrecadação», e é um substantivo verbal, correspondente à nossa terminação *-ouro*, isto é, designa o lugar onde se exerce a

---

[1] PORTUGALIA, I, p. 605.

[2] Rui de Pina, CRONICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXLI.

[3] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XCIV.

[4] O *y* é transliteração da 5.ª letra do abecedario arábico, equivalente ao *j* castelhano actual.

ação expressa pelo verbo de que deriva, convém saber, HAZANA, «arrecadar».

Nem pode duvidar-se de que a forma *armazém* sofreu a influência do vocábulo *arma*, visto que, se na palavra *argola* o artigo arabico AL está representado por *ar*, é porque houve dissimilação do *l* da última sílaba: cf. o sufixo *al*, como em *vocal*, que passa a *ar*, quando no radical há *l*: ex.: *regular*, dissimilação que já se dava em latim.

O *n* da palavra árabe, que por ser final passara em português a nasalizar a vogal que o precedia, reaparece no verbo *armazenar*, como acontece em *vintena* comparado com *vintem*, em *ajardinar* comparado com *jardim*.

A etimolojia de *almazém* foi já apontada por João de Sousa [1].

aro

Na Beira-Alta, e Alto-Minho é o nome que se dá ao cinto que circunda e aperta os queijos discoides, e que no sul se chama «cincho» [2].

arrasta, arrastador

O NÔVO DICCIONÁRIO rejista o primeiro dêstes vocábulos duas vezes, a primeira no corpo da obra, com a significação de «zorra», como termo transmontano, a segunda no Suplemento, como palavra do Riba-Tejo, significando a — «corda com que se laçam os bois pelas hastes». V. **corda**.

O segundo dêstes vocábulos não vem, que eu saiba, especialmente consignado em nenhum dicionário, e não obstante isso, designa êle na ilha da Madeira o «ascensor».

É evidente que, tanto uma como a outra palavra, se derivam

[1] VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

[2] REVISTA LUSITANA, II, p. 33.

do verbo *arrastar*, sendo a primeira um substantivo rizotónico, do tipo *lavra* | *lavrar*, *espera* | *esperar*, a segunda um adjectivo verbal substantivado como *coador* | *coar*, *atacador* | *atacar*, *assentador* | *assentar*, etc.

Em castelhano o verbo correspondente tem a forma *arrastrar* | *rastro*, e nesta não se deu a dissimilação que observamos nas formas portuguesas, com relação ao seu étimo latino rastrum; *rastro* em português é desusado.

Numa acepção especial, filiada na mesma terminologia, há em espanhol a palavra *arrastradero*, que se aplica ao sítio por onde se arrastam para fora da praça-dos-touros os animais mortos na corrida. Como é sabido, o sufixo *-ero* corresponde a *-ouro* em português, e designa o lugar onde se exerce a acção expressa pelo verbo, como em *lavadero* | *lavar*, port. *lavadouro*; *quemadero* | *quemar*, port. *queimadouro* | *queimar*; *abrevadero* | *abrevar* «dar de beber», «abeberar», port. *bebedouro* | *beber*.

(de) arredio; arredar

Esta locução adverbial, formada com a preposição *de* e o adjectivo *arredio*, pronunciado, em geral, *arrèdio*, no Continente, o que dificulta a sua identificação com o latim errativum (Cf. *sàdio*, antigo *saadio* | sanativum), tem na ilha de S. Miguel a significação «de longe» [1], que parece deduzida da que apresenta o verbo *arredar*, o qual todavia se não pronuncia *arredár*, mas sim *arredár*.

Como em castelhano *arredar* se diz *arredrar* | *a d- retrare* | retro (?), e *arredio*, ao contrario, tem nesta lingua a forma *radio*, incompatível com o mesmo étimo, é claro que *arrèdio* tem de separar-se de *arredar*, com o qual o parentesco é apenas aparente, sendo a coincidencia quási absoluta de forma

---

[1] V. O Século, de 5 de julho de 1901.

s duas palavras *arredar* e *arredio* puramente casual, conver-
gencia do efeito das leis fonéticas que operaram nos seus étimos
tinos.

No verbo *redrar* ¦ *rutrare* ¦ rutrum (?), ou de retro (?)
o se deu a dissimilação de que oferece exemplo *arredar*, com
perda do *r* do grupo *dr* ¦ *tr*, se o étimo oferecido por Coelho [1]
certo, do que duvido.

Em resumo, *arrèdio* pode considerar-se como provávelmente
derivado de erratiuum, o que é corroborado pelo castelhano
dio (cf. *entrèvado* por *entravado*), e de todo independente
de *arredar*, *arredrar*, que pode ser desenvolvimento de *re-*
rar ¦ *reiterare*, sendo neste caso *redra* um substantivo verbal,
zotonico.

arredores

Esta palavra tem no Algarve (Lagos pelo menos) uma acep-
ção especial, que julgo não estar consignada nos nossos dicioná-
rios, mas que vemos perfeitamente definida no seguinte trecho:
—«A meia altura d'ellas (mós) ha uma travessa d'uns quatro
dedos de largo, a rodeal-as, excepto no sitio em que cahe a fari-
nha; chamam-lhe os *arredores*»—[2].

arrelicas, arreliquias

A segunda destas duas formas populares, a par da culta *re-*
liquias), e que parece devida a se haver soldado a esta o artigo
(cf. *arraial*), é assim aduzida por J. Leite de Vasconcelos:—
«Na moderna tradição portuguesa não conheço amuleto algum

[1] Dicc. Man. Etym. da lingua portugueza.

[2] J. Nunes, Costumes algarvios: Os moinhos, in Portugalia, t.
p. 586.

craniano; apenas tem voga as *arrequias* dos ossos de santos trazidas em *saquinhos* ao pescoço » —[1].

A primeira, redução do esdrúxulo a vocábulo paroxítono (cf. *povo*, ant. *pòvoo* (populum, *bravo* (barbarum) está definida, em sentido mais especial, no seguinte passo: — « AS ARRELICAS. Um pequeno objecto de prata, em que estão promiscuamente representadas a meia-lua, a figa, o signo-samão, o coração, a chave, a argola, tudo encimado pela effigie de Nossa Senhora » —[2].

A escrita ultra-etimolójica *signo-sámao* não deve iludir qualquer pessoa que conheça a denominação dos dois triângulos combinados, o *pentágono*, a qual se pronuncia *sino-sà(i)mão*, e que procede do latim signum Salomonis, o que é sabido. Como ninguém escreve *sino*, *sineta*, *sineiro*, com *g* nulo, por isso chamo àquela escrita ultra-etimolójica.

A palavra *arreliquias*, *arrelicas* é semi-erudita, visto que se manteve nela o *q* latino: cf. *aguia* (aquila.

arrenega, greve, grevista

O vocábulo francês *grève* tomou já foros de cidade em Portugal, o que não é de estranhar, pois o costume, bom ou mau conforme o conceito ou o interêsse de cada um, e cuja crítica não seria apropriada nesta simples resenha de palavras e locuções, o costume, digo, veio de fora, e por emquanto ainda se não enraizou cá. Esta forma de protesto colectivo e solidário, a que os franceses chamaram *grève*, do nome de uma praça, a de *Grève*, onde se reuniam os ganhões que vinham ajustar-se para trabalhar, denomina-se *huelga*, « folga » e *pare*, « parajem », em Espanha, e cá poderia chamar-se (*as*)*sueto* [3]. A palavra *greve*, porem, está

---

[1] PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 36.

[2] Portugalia, I, p. 619

[3] — « Na quarta-feira (depois da Pascoa) que alguns lentes consideravam dia de sueto ou *assueto*, como então se dizia » — . Antonio de Campos, LUIS DE CAMÕES, in « O Seculo » de 10 de julho de 1900.

em perfeita concordância formal com outras, como *neve*, *breve*, *leve*, e não ha pois motivo, para a rejeitar. Sucedeu-lhe como a outro vocábulo também francês, *morgue*, que, pela sua forma simples e facil de proferir e de conservar na memória, nunca popularmente será substituída pelo longuissimo *necrotério*, apesar de que a existência de *cemitério* poderia favorecer a adopção.

Outro vocabulo castelhano para designar *sueto*, ou *folga*, mas que não vem rejistado no Dicionário da Academia Espanhola, é *buena*, abonado pelo trecho seguinte, ainda que português:— «Era o que faltava, perderem-se as horas de buena a compôr a tarimba» - -[1].

Tudo isto vem, ou não, a propósito de um sentido particularissimo, um tanto calão, em que vimos empregado o substantivo verbal *arrenega* | *arrenegar*, correspondente popular, mas tambem classico do verbo *renegar*, usado, por exemplo, na obra do Padre Antonio Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus na provincia do Japão[2].

Esse sentido particular induz-se do seguinte trecho:— «E outros dias anda a gente na *arrenega*, e não trabalha» —[3].

Esta aqui o vocabulo, na acepção de «folga» ou «folgança».

É sabido que *arrenegar-se* tem na linguajem familiar o significado de «zangar-se», e que uma *pessoa arrenegada*, é aquela que facilmente se irrita, que mostra mau modo, a quem os franceses chamam *bourru*, e os ingleses *cantankerous*.

arribas

Conquanto muito usado êste vocábulo, no plural (cf. *riba* e *(ar)raia*), no sentido de «fragas à beira-mar», correspondente per-

---

1 Ethnographia do Alto-Alentejo, *in* Portugalia, I, p. 542.

2 Lisboa, 1894, p. 64.

3 O Dia, de 30 de março de 1903.

feito do francês *falaises*, não o vi ainda rejistado, em tal acepção restrita, em nenhum dicionário português.

Usei dêste termo, para traduzir *falaises*, nas notas á SELECTA DE AUTORES FRANCESES [1], a p. 148.

arrilhada

Nos meus apontamentos, mas sem abonação, tenho êste vocábulo, como usado em Montemor-o-Novo, com a significação de «bico de ferro da aguilhada».

Não está consignado nos dicionários portugueses, que eu saiba, nem tampouco em outra acepção, usada, como me informa o editor dêste trabalho, desde Cezimbra até a Nazaré. É uma especie de raspador composto de ferro triangular, de um palmo de comprimento, cuja base é o gume, e em cujo vértice se insere um cabo de madeira: serve para arrancar da rocha a *serrada*, ou minhoca de agua salgada. Serve para isco a serrada.

arrio, arriós, arrioz, arriol

A terceira destas formas é definida no NÔVO DICIONÁRIO como significando — «pedrinha redonda com que se joga o alguergue; pelouro de arcabuz». — No Suplemento ao mesmo copioso dicionário diz-se ser — «jôgo de rapazes com a pedra do mesmo nome» —, equivalendo portanto ao citado *alguergue*.

Como o mesmo dicionário dá também a forma *arriol* trasmontana, parece-se que temos aqui um caso como o de [illegible] e [illegible] a escrita *arrioz* deve ser [illegible] [illegible] al. ao vocabul[illegible]

[1] [illegible]

mo arabico muito problemático: mas o outro, *alguerque*, é sem vida de tal proveniéncia.

¿Qual é porém a orijem de *arrió*, *arriós*, ou *arriol*, e qual seu primitivo significado, pois vemos que tem três: «pedra donda», «pelouro (de pedra) para arcabuz», e um «jôgo em e figura uma pedra como elemento»?

Vê-se perfeitamente que o desenvolvimento de significação da mitiva «pedra esferica» poderia ter-se dado, por uma parte licando o vocábulo a qualquer pedra redonda, ou arredondada, r outra denominando o jôgo pelo instrumento dêle, como dizes *a malha*, pelo *jôgo da malha*.

Para a investigação do seu etimo não é porém indiferente a dem por que se desenvolveu a significação primordial desta pavra.

Como, para justificar a acepção de «pedra», não ha nem em im, nem em arabe, nem em qualquer lingua germanica vocálo que possa apresentar-se como orijem dêste, que parece ser igo na lingua, é-nos licito procurá-lo em outro idioma, do al o português haja recebido palavras, ainda que raras, e com e estivesse em possivel contacto.

Não resisto à tentação de, como simples hipótese, o considear um dos poucos vocabulos vasconços que passaram a Portul, assim como na realidade passou *esquerdo*, formas antigas, *querdo*, *ezquerdo*, castelhana *izquierdo*, em vasconço *ezer* ¦ *esku*, «mão» e *oquer*, «torto, canho»; palavra que tanto português como em castelhano substituiu as antigas dições *estro*, *siniestro* ¦ sinistrum, a primeira das quais ainda dura em port. como substantivo, com a significação de «bal», «hábitos ruins» e a segunda em espanhol, com a de «desas». Outra palavra de orijem vasconça parece ser *gualdir* ¦ *gal-* «perder(se)».

Neste idioma pirenaico *pedra* diz-se *arri*, que vemos no apedo *Arriaga*, procedente de Espanha, e que la é também o me de um lugar na provincia de *Alava* (ou *Álava*, como acenam os castelhanos, ao contrario da acentuação orijinal), e de ejos nos suburbios de *Vergara*, Vitória, Guernica, tudo nas

feito do francês *falaises*, não o vi ainda rejistado, em tal acepção restrita, em nenhum dicionário português.

Usei dêste termo, para traduzir *falaises*, nas notas á SELECTA DE AUTORES FRANCESES [1], a p. 148.

arrilhada

Nos meus apontamentos, mas sem abonação, tenho êste vocábulo, como usado em Montemor-o-Novo, com a significação de «bico de ferro da aguilhada».

Não esta consignado nos dicionários portugueses, que eu saiba, nem tampouco em outra acepção, usada, como me informa o editor dêste trabalho, desde Cezimbra até a Nazaré. É uma especie de raspador composto de ferro triangular, de um palmo de comprimento, cuja base é o gume, e em cujo vértice se insere um cabo de madeira: serve para arrancar da rocha a *serrada*, ou minhoca de agua salgada. Serve para isco a serrada.

arrió, arriós, arrioz, arriol

A terceira destas formas é definida no NÓVO DICCIONARIO como significando —«pedrinha redonda com que se joga o alguergue; pelouro de arcabuz».— No Suplemento ao mesmo copioso dicionário diz-se ser —«jôgo de rapazes com a pedra do mesmo nome»—, equivalendo portanto ao citado *alguerque*.

Como o mesmo dicionário dá também a forma *arriol* trasmontana, segue-se que temos aqui um caso como o de *eirós* ¦ *eiró* ¦ *areola*, e conseguintemente a escrita *arrioz* deve ser ortografia errónea. Cândido de Figueiredo atribui ali ao vocábulo um

[1] Lisboa, 1897.

Vascongadas, onde também se encontra o radical *arri* em *Arrila*, nome de povoação naquela e na de Guipúzcoa [1].

O sufixo *-aga* de *Arriaga* tem valor colectivo, equivalendo o derivado a «pedreira, ou pedraria, pedregal» (V. em **arnhaga**).

Se, porém, partirmos da hipótese que a acepção primitiva haja sido «espécie de jôgo», neste caso ser-nos há inútil ir procurar o étimo a idioma tam exótico, pois o temos muito à mão na fonte principal do nosso vocabulário. Em castelhano o jôgo a que nos referimos denomina-se *rayuela*, forma diminutiva de *raya* «risca», do latim radia, plural de radium (cf. *pimenta* ⟨ pigmenta, pl. de pigmentum), e êste nome procede do traço ou risco feito no chão pelos jogadores, e que serve de meta para a projecção da pedra, arremessada com uma pancada de um pé, emquanto o outro está no ar. Ora, à forma *rayuela*, corresponde em português *raiola*, ou *rayoula* (cf. *lentejoula* com *lentejuela*, *tejolo* com *tejuelo*), e do primeiro, *raiola*, com a adjunção do artigo *a* (cf. *arraia* ⟨ *raia*), resultaria a forma *arraiola*, da qual proviria *arraió* (cf. *abuela* com *avó*), e pela condensação do ditongo (cf. *rial*, *arraial*) *arrió*, cujo plural *arriós*, sendo depois tomado como singular: [cf. *eiró(s)*, e a forma popular *poses*, por *pós*], *ilhó(s)*, *ilhós(es)*, *(q. v.)*.

Como, porém, a palavra é masculina, o processo de derivação pode ainda, com menor probabilidade, ter sido o seguinte: *radiolum* ⟨ *raiolo*, ⟨ *raiol*, ⟨ *riol* ⟨ *rió*, menos plausível visto que por êle se não poderia explicar nem o *a* inicial, nem o *ó* aberto (cf. *avó* ⟨ *avolum*, *Paçó* ⟨ PALATIOLUM, *Mosteiró* ⟨ *monasteriolum*, com *Grijó* ⟨ *ecclesiola*).

Em qualquer caso a forma *arrioz*, com *z*, é injustificável.

---

[1] «Geografía General de España», DICCIONARIO DE TODOS LOS PUEBLOS DE ESPAÑA, Madrid, 1862, p. 26, col. I.

arrunhar, arruinhar, arrunhar

É forma converjente de dois vocábulos enteiramente distintos.

1.° *arrunhar* | *arruinar*.

2.° *arrunhar*, correspondente ao proençal *redonhar*, francês *rogner*, de *ad-rotundeare*, verbo derivado de rotundum, «redondo».

Veja-se REVISTA LUSITANA, II, p. 82, onde José Leite de Vasconcelos, em nota, deixou o caso perfeitamente averiguado, acrescentando mais a forma minhota *arruìnhar*, tetrassílabo, para explicar *arrunhar*=«*arruinhar*», e para a qual deve ter havido outra forma ainda, intermedia, *arruĩar*.

artemajes

Esta palavra, popular no Alto-Alentejo, vem assim definida no belo estudo de J. da Silva Picão, intitulado ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO [1]:—«São para a rapaziada fazer artemages (nome que em calão local significa exercicios gymnasticos e acrobaticos»—.

(altesa) artesa, artesão

No estudo de J. da Silva Picão, já por vezes citado aqui, e que se intitula ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALENTEJO [2], vem êste vocábulo:—«*altesas* de madeira e alguidares de barro para os amassilhos»—.

É corrutela de *artesa*, que vemos rejistado no CONTEMPORANEO, e no NÔVO DICCIONARIO, mal escrito com *z* em vez de *s*.

[1] *in* Portugalia, I, p. 542.
[2] *in* Portugalia, I, p. 539.

Em castelhano, como em português, *artesa*, ainda que actualmente com pronunciação diversa dada ao *s*, quere dizer: caixa de quatro faces iguais, que vai estreitando para o fundo, e serve para amassadouro do pão.

O étimo é desconhecido, pois o grego *ártos* que se lhe atribue não oferece confiança alguma. De *artesa* vem *artesão*, como termo de arquitectura, o qual tambem se deve escrever com *s*, como em castelhano *artesón*.

arujo

Em Trás-os-Montes é o mesmo que «argueiro».

Em castelhano *orujo* é o «bagaço da uva».

arvoar

Êste verbo quere dizer, conforme os dicionários «enlouquecer». D. Carolina Michaëlis já lhe deu a orijem: é o latim *herbulare*, «envenenar»[1] com hervas». Cf. *hervar*, no mesmo sentido, por exemplo em *frechas hervadas*.

asada, asado

A forma masculina dêste adjectivo substantivado, como nome de um vaso com asas, já está consignada no Nôvo Diccionário e é muito freqüente no norte do reino. A forma femenina parece ser usual no Alentejo, visto que a encontramos empregada por J. da Silva Picão, na Ethnographia do Alto-Alentejo[1]: — «azadas para a coagulação do leite, para a coalhada, como vulgarmente se diz» —[2].

---

[1] Revista Lusitana, I, p. 298.

[2] *in* Portugalia, I, p. 540.

Há aqui mais a rejistar a abonação do termo *coalhada*.

Parece que nem *asada*, nem *asado* são usados no centro do ...ne, ou pelo menos em Lisboa.

O Dicionário da Academia define *asado* como «panela com ...as».

É sabido que *asa* é o a n s a latino e que, além do significado d'êste, compendia também o de a l a, que depois de ter passado a ...s desapareceu enteiramente do uso, visto que o latinismo *ala* tem ...ntido muito restrito. Exemplo de *aa* ainda o encontramos no ...teiro da Viagem de Vasco da Gama [1]:—«non tem penas ...as aas»—.

ascoitar

Esta forma popular minhota, correspondente à do sul *escutar*, ...rma antiga *escuitar*, e como esta derivada do latim a u s c u l- ...re, é quasi igual à galega *escoitar*, que vemos empregada ...stes hiperbólicos, mas formosos versos, consagrados por Alberto ...rcia Ferreiro [2] à Corunha, ao avistar esta cidade:

Choret, qu'eu non saberia,
—¡e San Pedro non m'escoite!.—
d'escoller, qu'escollera,
¡si entrar n-a Cruña de noite
ou entrar n-o ceo de dia!

Este elojio à formosa cidade galega em nada é inferior ao ...nsagrado à risonha Granada:

Hizo Dios à la Alhambra y à Granada,
Por si le cansa un dia su morada.

[1] Lisboa, 1861, p. 14.

[2] Follas de papel, Madrid, 1892.

aselha

Conquanto êste vocábulo não seja tam evidentemente um deminutivo de *asa* como parece e os lecsicógrafos modernos o afirmam, tem o significado de «asa pequena de vasilha» no trecho seguinte [1]: — «Manufacturados os primeiros vasos sob a inspiração floral ou dos fructos, apodes, sem aselhas e cabos» —.

A acepção usual é «laçada», o que em inglês se diz *loop*, e substitui a *casa*, para se abotoar um vestido, entrando nela o botão. J. Cornu deriva-o de ansicula.

asneiro, asneira

Como adjectivo quere dizer o que procede de *asno*, «burro». O Novo Diccionario define assim: — «diz-se da bêsta que procede de burro e égua, ou de cavallo e burra» —. Não é exacta a definição; a verdadeira contém-se na seguinte citação: — «Evitaria a creação de algumas caudelarias, onde se ensaiasse a criação de muares asneiras (filhas de cavallo e burra), muito mais resistentes a *horse-sickness* do que as [muares] eguariças (filhas de burro e egoa)» — [2].

Vê-se: 1.º que as bêstas são muares; 2.º que há diferença, determinada pela mãe, que é quem dá o nome: se é jumenta, a muar é *asneira*, se é égua, *equariça*.

Já Bluteau mostrava bem que havia distinção, ao citar Galvão, Tratado da Gineta: — «As bestas muares egoariças e *asneiras*» — [3].

assedajem

Êste vocábulo, ainda não incluído nos dicionários, é assim definido por Belchior da Cruz no seu interessante estudo muta-

---

[1] Rocha Peixoto, As olarias do Prado *in* Portugalia, t. I, p. 228.

[2] Jornal das Colonias, de 15 de julho de 1905.

[3] Vocabulario portuguez latino, *sub* v. asneiro.

dustria caseira de fiação, tecelagem e tingidura de subs-
extis no districto de Vianna do Castello » [1], e onde tantos
termos se encontram: — « A assedagem é uma operação
por fim endireitar e apurar os filamentos (do linho),
ndo a separar d'elles quaesquer substancias estranhas,
arestas. Faz-se com *cardas* ou *pentes*. As cardas do
m o nome especial de *sedeiros* » —.
rovavelmente formado pelo autor, derivando-o natural-
le *assedar*, já definido em vários dicionarios. *Asseda-*
eria talvez preferível, se *assedajem* se não divulgou

assobio: assobiar, sobiote

ndo que êste verbo procede do latim ad-sibilare, e
onúncia predominante antes era *assoviar*, com *v* e não *b*.
o *i* latino foi produzido pela influência da labial.
ubstantivo *assobio*, ou *assovio*, ora designa o acto de
r », ora o instrumento com o qual se produz o « assobio »
, e a que tambem se chama *apito*, em castelhano *pito*.
a desconhecida.
ote, é um deminutivo do tipo *caixote*, *franganote*, *re-*
em Trás-os-Montes é nome de um apito de metal, ou
ra [2].
bio d'agua, é uma espécie de ocarina, de barro, com a
imita o canto do cuco [3].

assorear, assoreamento

verbo e o substantivo dêle derivado são muito usados
mente, ora escritos, com *ss*, como considero ser a verda-

Portugalia, I, p. 371.
Trindade Coelho, ABC DO POVO, p. 5.
ocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 235.

deira ortografia, e mesmo a mais commum, ora com ç, *açorear*, que tenho por errónea, pois é impossivel que tais vocábulos provenham de *açor*, ou de *Açôres*. O étimo, não provado, mas provável, será *a-sorear*, sendo *sorear* uma contracção de *soarear*, pois à preposição e ao prefixo latino **sub** correspondia no português antigo *sô*, e não *sob*, que é de introdução moderna, talvez feita por Alexandre Herculano.

Eis aqui dois exemplos, que abonam o verbo e o nome: — «O mar não cessa de lamber a areia que forma a praia de Espinho. Nas chamadas Pedras do Brito deixou a descoberto cachopos, que desde tempos immemoraveis se achavam assoreados» — [1] — «No anno de 1895, em poucos mezes os assoriamentos tomaram tal incremento...» — [2].

No primeiro dêstes trechos, vê-se bem a significação e a proveniência presumivel da palavra.

A hipotese de que em *assorear* haja como principal elemento a palavra *areia* é corroborada pelo facto de também se empregar a expressão «o rio está areado»; cf. o francês *ensabler*.

(a)tabefe

É um vocábulo de orijem arábica, que em português ora se diz com o artigo arábico, ora sem êle (cf. *zarcão* e *azarcão*); designa, como é sabido, um preparado de leite, que o Diccionario Contemporaneo descreve dêste modo: — «massa formada por manteiga e caseina, levantada, pela addição de uma certa dóse de coalheira, do soro do leite que ficou depois de separado o coalho» —.

Na Revista **Portugalia** [3] está abonado o termo como usado,

---

[1] O Economista de 5 de janeiro de 1890.

[2] **Portugalia**, I, p. 609.

[3] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, a p. 540, vol. I.

Alentejo: — «tacho grande de cobre para o almeice (soro) ir ume e produzir o atabefe» —.

A palavra *almeice*, ou, segundo a forma mais usual, *almece*, nhém arabica, AL-MAIS, «soro de leite», à qual a forma alenna é mais fiel.

atazanar, *atenazar*

Este verbo costuma ser corrijido nos dicionários em *atenazar*, o derivado de *tenaz*.

O NOVO DICCIONARIO, no Suplemento, consigna a forma *ataar* como a verdadeira, e na realidade é ela a única empregada povo. Parece ser o árabe LA TAZANA(I), correspondente ao mechaboeris do sexto mandamento do decálogo na Vulgata. Não é pois metátese de *atenazar*, a qual seria pouco presuel, visto a palavra *tenaz* ser do dominio popular, com esta a, ou com as de *tanaz*, *atanaz*, no singular, ou no plural zes, como substantivo, nome de um conhecido instrumento, no uso actual melhor corresponde ao francês *pinces*, visto *tenailles* nesta lingua quere dizer *torquês*. Todavia, como amenta em diversos oficios, continua *tenaz* a ter os significantigos, que vemos em Bluteau [1].

No periódico do Pôrto, intitulado A REVISTA, de 15 de abril 1905 (ano II, n.º 10), publicou a insigne romanista D. Caro Michaelis de Vasconcelos um interessantissimo artigo acêrca nosa lejenda, em caracteres góticos minúsculos, das Capelas erfeitas do mosteiro da Batalha, infinitamente repetida com as variantes gráficas, e que tem espertado a curiosidade e do a sagacidade de tantas pessoas. Nesse erudito estudo olui a notavel escritora pela interpretação *taňas serey* = *tenaz*, interpretação que satisfaz completamente ao sentido, mas a no espirito ainda uns vizlumbres de duvida, pois a ser

[1] VOCABULARIO PORT. LATINO.

aceita, temos de considerar o *s* (!) final de *tenaz* incluído no inicial de *serey*, visto que não é possível encontrar na lejenda mais que um *s*; além disto, temos de admitir que um mesmo símbolo se há de interpretar no primeiro vocábulo como a figuração emblemática de uma *tenaz*, e no segundo por *y*, sendo elas sempre tam semelhantes entre si. Na realidade, a hipótese é muito engenhosa e muito bem estabelecida; está ainda longe, porém, de demonstrada a exactidão dessa leitura. O conceito total do emblema e da letra seriam portanto correspondentes à conhecida divisa italiana *chi dura vince*.

Crawford, no curioso e ameno livro que, com o título TRAVELS IN PORTUGAL e o pseudónimo Latouche, publicou em tempo, considerava a famosa lejenda como anagramática, e encontrava nela uma frase elíptica latina, *arte tineis*, devendo ler-se, portanto, para êsse efeito a segunda letra como sendo *t*, e não *a* como a quinta.

No número da citada REVISTA, correspondente a 15 de julho de 1905 voltou a questão da lejenda a ser tratada. Brito Rebêlo, em data de 15 de maio do mesmo ano expôs os resultados da sua investigação, a qual, é fôrça confessar, deixou bem clara a significação dêste enigma.

Para o erudito investigador a lejenda não é grega, nem latina, nem portuguesa: é francesa, como as de todos os ínclitos infantes, e nesta língua cortesã representa a divisa de El-Rei Dom Duarte, fundador das Capelas Imperfeitas, pois mandou dar comêço às obras delas em sua vida, comêço que teve execução. A lejenda, que principalmente adorna o arco da entrada, enlaçada nos ramos de hera que são o motivo predominante da sua ornamentação, mas que também se vê em outras partes do mosteiro, é na sua opinião, difícil de refutar, o mote *tan que seray* «enquanto viver», segundo membro de outro em cuja interpretação Brito Rebêlo não foi a meu ver tam feliz, e que não mencionarei aqui. A êste resultado não chegou Rebêlo por exame especial e detido das muitíssimas repetições da célebre lejenda, mas sim em virtude da leitura de um documento, arquivado na Tôrre do Tombo, e publicado após o dito estudo, o qual consiste

a uma quitação passada por Estêvão Vás, com autorização do Infante Dom Pedro, a João Vasques Bombarral, que exerceu o ofício de copeiro da Casa Real, e tinha confiada à sua guarda essa baixela, cuja descrição consta do mesmo documento. Como nas varias peças da dita baixela, além dos ornatos e lavores minuciosamente descritos, estava gravada a divisa francesa de Dom Duarte *tam que seray, tan que serey*, com diversas ortografias, compara Rebêlo essa divisa com a lejenda, e conclui serem identicos os dois letreiros.

Conquanto pareça completamente explicada com esta aprossimação a lejenda da Batalha, em um aviso citado no indicado número da REVISTA prometeu-se que o conhecido crítico de Joaquim de Vasconcelos responderia ao artigo de que fiz extensa e bem merecida menção.

atuado

J. Leite de Vasconcelos, no vol. II da REVISTA LUSITANA p. 43, dá êste vocabulo alentejano como derivado de attenuatum ⟨ attenuare ⟨ tenuis. É provável que a forma antiga fosse *atũado*.

augueiro, agüeiro

A forma correcta é sem dúvida a segunda, mas a primeira, com retrocessão do *u* do *gu* para a primeira silaba, formando ditongo com *a*, é a local popular: — «Accessoriamente os oleiros das duas regiões [Trás-os-Montes, e Minho] dispõem ainda d'um *augueiro*, pote já inutilisado, com a agua de que carecem frequentemente no trabalho» —[1].

---

[1] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, in Portugalia, II, p. 76.

avelar: avela

Palavra que muitos dicionários dão como verbo, significando *engelhar*, e nenhum como substantivo comum, pois como próprio é bem conhecido o apelido, que deriva de *Avelar*, nome de uma vila, de três lugares, de um casal e de uma quinta[1]. Ora *avelar*, como substantivo comum, significa, à imitação do *avellanar* castelhano, que também é denominação de um casal, um sítio plantado de *aveleiras*, e daí provieram os nomes de povoações ou sítios referidos.

O verbo *avelar* deriva igualmente de *avelã (avelanar)*, C. *acerejar* < *cereja*, e é parelho do verbo *avellanar* castelhano, que também quere dizer «engelhar, secar, como a avelã». Por outra parte, *avelã* português, *avellana* castelhano são o latim a u e l l a n a, ou a b e l l a n a, adjectivo derivado do nome da cidade de Abella, ou Avella, e já os romanos chamavam ao fruto da aveleira n u x a v e l l a n a, por o receberem daquela cidade da Campânia.

O verbo *avelar*, querendo dizer «melar», vêmo-lo empregado neste trecho: —«As uvas, como a chuva chegou as raízes das **cêpas, avellaram e... apodrecem»—**[2].

Está, pois, aqui num sentido absolutamente oposto àquele em que geralmente se emprega, isto é, «encolher por falta de humidade».

Neste ultimo significado usam na ilha de Sam Miguel o verbo *azouqar*, aplicando-o à fruta que começa a apodrecer [3].

O NÔVO DICCIONÁRIO inclui o vocábulo *avela* como usado na Índia, com o significado de «arroz torrado». Nada tem, contudo,

---

1 João Maria Baptista, CHOROGRAPHIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, vol. VI, Lisboa, 1878.

2 O SECULO de 25 de setembro de 1901.

3 V. O SECULO, de 5 de julho de 1901.

este termo com o verbo *avelar*, pois é palavra malabar, como se declara na REVISTA LUSITANA, VI, páj. 77 [1].

aventar

Além das várias acepções, quer naturais, quer figuradas, já registadas nos dicionários, cumpre acrescentar a de «botar fora», usada no Alentejo (Vila-Viçosa).

avergoar

No NÔVO DICCIONARIO vem incluido êste verbo, muito expressivo, derivado de *vergão*, que o CONTEMPORANEO define nos termos seguintes: —«Verga grossa || Marca ou vinco resultante de uma pancada forte e sobretudo da que é dada com vara ou ferrague»—. A orijem do vocabulo é evidentemente *vêrga*, do lat. virga. Modernamente, encontramos o verbo *avergoar*, na tradução de um conto não sei de que autor, nem em que língua escrito, e que em folhetim foi publicado no excelente periodico semanal portuense GAZETA DAS ALDEIAS; intitula-se «Os horrores da Sibéria». O trecho é assim: —«[os cavalos] arremeçaram-se numa corrida furibunda, soltando de quando em quando roucos relinchos, arrancados pélo chicote que lhes avergoava as poderósas ancas»—.

Neste sentido ouvi eu empregar outro verbo muito pitoresco, não colijido no Nôvo Dicc., *cardear*. Ouvi esta expressão, há vinte e tantos anos, a um cocheiro de dilijéncia, indo de jornada de Alcobaça para a Nazaré. Reparando eu nuns vincos que os cavalos (*burros* lhe chamava êle) tinham no pêlo, preguntei-lhe o que aquilo era; ao que me respondeu: «estão cardeados do açoute».

---

[1] DIALECTO INDO-PORTUGUÊS DE GOA, por Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado [illegible]

Aqui o verbo *cardear* tem exactamente o mesmo sentido de *avergoar*, isto é, «vincar», e a primeira acepção deve ter sido «fazer nódoa negra», visto que o adjectivo *cárdeo* significa «arroixado, denegrido», correspondendo ao castelhano *cárdeno* como o vemos empregado por Espronceda no Diablo Mundo[1].

É de notar também que a palavra *roixo*, que antes significava «encarnado», hoje é pelo povo muito bem aplicada à cor que os franceses chamam *violet*, e que por cá se teima em arremedar com *violeta*, sem se atender a que a forma popular para o nome da flor é *viola*, e não *violeta*.

Sentido analogo e opposição semelhante à expressada por Espronceda nos versos do Canto a Teresa, no Diablo Mundo, que acima citei, vêmo-lo entre a palavra *roixo* e a locução *cor de rosa*, nos seguintes do canto IV do Dom Jaime, de Tomás Ribeiro:

> Que as tuas faces mimosas
> Combanidas do martirio
> Cobriram frescura e rosas
> As roixas tintas do lirio!

Com o significado de *vergão*, existe o substantivo *cardeal*.

O adjectivo *roixo*, como designando côr mais escura que a encarnada, é muito usado em português, por ex.: *roixo-lírio*, *roixo-rei*, *roixo-terra*, *roixo-túnica*, etc.

Referi-me a tradução de um conto, e aproveitarei o ensejo para algumas observações a êste respeito. Disse que essa tradução é esmerada, direi igualmente que nem sempre é feliz; assim no trecho que citei, *furibunda* seria com vantajem substituida por *furiosa*, *louca*, *desordenada*, como *ancas possantes* é preferível a *poderosas ancas*. Acrescentarei ainda: O sistema de acentua-

---

1 Cuando ya su color tus labios rojos
En cardenos matices cambiaban;

Quando já dos teus labios o rubor
Em roixa e negra côr se transmudava;

adoptado na Gazeta das Aldeias é o de Cândido de Figuei-
, convem saber: todos os esdruxulos, todos os agudos termi-
dos em vogal e os vocabulos enteiros terminados em consoante
tuam-se gráficamente; além disto *e* e *o* fechados são sempre
rcados com o circunflecso, para se diferençarem de *e* e *o*
rtos. Pôsto isto, parece que alguns dos vocábulos russos en-
merados na descrição deveriam ser marcados nesta conformi-
de, mas não o são: *izbá*, e não *isba*, é a cabana dos campo-
ses russos, *dugá*, e não *duga*, é em russo «arco», e aplica-se
uele em que, por cima da cabeça do cavalo, se dependura
a campainha. Semelhantemente, *Fedor* como está escrito pa-
ce cousa muito feia; isto nem é russo, nem português: em
sso diz-se *Fiódor*, e em português *Teodoro*. Na mesma narra-
o chama-se ao cocheiro *jemskik*, vocábulo que não existe em
sso; cocheiro diz-se *iamarchik*, que se pronuncia *ièmestchi-*
e assim varias outras palavras.

Não se cuide, porém, que isto envolva grande censura; ao
ntrario: são pequenos desprimores numa versão que é por
zes primorosa, e sempre feita com o maior escrúpulo, e vasto
hecimento das riquezas do nosso idioma, bem como aproveita-
ento discreto e abundante das suas rigorosas propriedades de
pressão; se assim não fosse, nem mereceria a pena fazer men-
o aqui da versão a que me refiro.

azeite, azeitona, azeitoneira

Estas palavras, evidentemente relacionadas, figuram entre as
guas romanicas únicamente nas duas da Peninsula Hispánica,
castelhana, e a galega-portuguesa. São arábicas, significando a
meira, al-zait, o mesmo que em português, e a segunda,
-zaitune, tanto o fruto, *azeitona*, em castelhano *aceituna*,
mo a arvore, que por singularidade tem, no português *oli-*
ra, no castelhano *olivo*, orijem latina, o l i v a, que quere dizer
fruto. Não sei se jamais àquela se chamou *azeitoneira*, em
stelhano *aceituno*, como seria de esperar.

Outro emprêgo da palavra *azeitona* é ser nome de uma árvore da Africa portuguesa, boa para construções, de porte elevado, que chega ás vezes a 25 e a 30 metros de altura [1].

Com relação aos vocábulos *azeite* e *azeitona* diz Alberto Sampaio, na sua erudita e curiosa monografia, intitulada As VILLAS DO NORTE DE PORTUGAL [2] o seguinte: — «admittindo-se que *azeite*, sendo um termo especial, não só tornou oleo (*oleum*) uma palavra generica, mas ajudou tambem a sustentar *azeitona*» —.

Ao nome da vila de *Azeitão*, dá João de Sousa a mesma orijem.

Azeite em português tem emprêgo mais restrito do que em castelhano, pois apenas se aplica ao *de oliveira*, ao *de purgueira* e ao *de peixe*, entanto que em castelhano, não só se diz *aceite de higados de bacalao*, «oleo de figado de bacalhau», mas tambem se aplica a muitos outros óleos.

Um adjectivo derivado de *azeitona*, *azeitonado*, serve para qualificar certos peros-camoeses muito lustrosos, que teem na casca uma mancha, maior ou menor, mais escura, que na realidade parece de óleo, e com esta acepção particularissima não está êste adjectivo rejistado nos dicionários portugueses.

O derivado *azeitoneira*, *azeitoneiro*, prato para azeitonas, já foi inscrito em varios dicionarios.

De orijem arabica do mesmo modo parece ser a palavra que designa a oliveira brava *zambujo* ou *zambujeiro*, em português, ZANBUG, *acebuche* em castelhano, onde tem a mais o artigo AL-, que também vemos no nome de vila de *Azambuja*, ao passo que em *zambujal*, *azambujal* se lhe acrescentou o sufixo colectivo *-al*, como em *laranjal*, *pinhal*, etc. Dozy [3] põe em dúvida que ZANBUG, ou AL-ZANBUGE, *azzembuja*, que vem em Pedro de Al-

---

[1] V. O ECONOMISTA, de 5 de agosto de 1885.

[2] *in* Portugalia, I, p. 319.

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1866.

alá, seja vocábulo arabico, opinando ser antes berbere arabizado, o que Eguilaz y Yanguas [1] refuta, atribuindo-lhe, ao contrário, como étimo o latim **acerbus**, o que é enteiramente infundado. É sabido que êste arabista, de grande competencia no seu campo de investigação, a nenhuma autoridade tem jus como romanista, e assim o demonstrou todas as vezes que a etimolojias latinas se referiu.

João de Sousa [2] deu a *zambujo* como étimo o arábico já citado, e o Dicionário da Academia fêz o mesmo.

azevinho

No Tramagal esta palavra designa uma casta de uva muito miuda, que nunca chega a amadurecer.

Na lingua comum é o nome de um arbusto, e como tal está incluido em todos os dicionários. É uma forma deminutiva, ou talvez antes adjectival, correspondente a *azevo*, de que derivou o nome de lugar *Azevedo*, e dêste o apelido conhecido.

F. Adolfo Coelho, Júlio Cornu e outros dão como étimo de *azevo*, em castelhano *acebo*, o latim **aquifolium**, como *trevo* de **trifolium**. É fôrça porém confessar que, se pelo que respeita à terminação *-evo* já é difícil de explicar satisfatóriamente a transformação de **folium**, é a bem dizer insuperável a dificuldade que apresenta o primeiro componente **aqui-**, para dêle provir *ace-*, *aze-*, e *acebo*, *azevo*:

Para vir de lá até cá
Mudou muito no caminho [3].

[1] Glosario de voces españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[2] Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

[3] Alfana vient *d'equus* sans doute,
Mais il faut avouer aussi,
Qu'en venant de là jusqu'ici,
Il a bien changé sur la route.

azinhaga

Os nossos etimólogos dão como orijem dêste vocábulo um nome árabe, que foi primeiro proposto por João de Sousa [1] escrevendo porém *Azenhaga*, sem por isso todavia pretender que tenha alguma cousa que ver com *azenha (q. v.)*. Diz ser a palavra portuguesa corrutela de uma forma arabica AL-ZANQE, que transcreve *Azzancha*, e relaciona com uma raiz verbal ZANAQA, «apertar, estreitar». Os mais dicionários, a começar no da Academia, limitaram-se a copiar o étimo, com *ch* e tudo, sem darem mais razões do seu dito, nem da mudança de símbolo na transcrição.

Ora, em português existe um nome de árvore muito conhecido, *azinho*, em castelhano *encina*, que tem por orijem o adjectivo *ilicinum*, derivado de ilex, em latim com a mesma significação. Julio Cornu dá êsse adjectivo como étimo do português *azinha*, e D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2] perfilha esta opinião, que me parece irrefutável. Na forma castelhana o n está pelo *l* da dição latina.

Temos pois em português as formas *azinha*, para o fruto e para a árvore, *azinho*, *azinheira*, esta última derivada com o sufixo *-eira*, muito usual para designar árvores, arbustos, etc., como em *castanheiro*, a par de *castanho*, *castanha*, *pinheiro* de *pinho*, *pinha*, etc. É sabido que em castelhano se designa em geral pela terminação *-o* a árvore, e pela terminação *-a* o fruto, por ex.: *naranjo* e *naranja*, *manzano* e *manzana*.

Resta averiguar se *azinhaga* poderá ser um derivado de *azinha*, ou *azinho*, que primeiro designasse um caminho por entre *azinhos*, e ao depois tomasse o sentido menos especial de «caminho estreito entre árvores», e mais genérico ainda, de «caminho estreito», como aconteceu com *alameda*, que primeiro

---

1 VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

2 REVISTA LVSITANA, III, p. 135.

...*a* «rua de álamos», depois «rua de árvores», e por fim ... rua», «um caminho», o fr. *allée*.

Mas como se ha de explicar o sufixo *-aga*? Não existe êle ... nenhum vocábulo português derivado, pois mesmo em ... *(q. v.)* é primitivo. Creio ser o sufixo vasconço *-aga*, ... colectivo, e também se aplica a arvoredo, como em *lizar-* ... «freixeal», { *lizar*, «freixo». *Arteaga*, { *arte* «azinho», ... de lugarejo na província de Navarra.

Cf. *Arriaga* e *v.* **arriol.**

Azinhaga, como *Azinhal* e *Azinhais*, figura abundante... na toponimia portuguesa, onde sem dúvida não quis o ...eiro dizer «caminho», mas sim *azinhal*.

babaré

O Novo Diccionario consigna esta palavra como desusada, ... a significação de «rebate, aviso de que há ladrões na vizi...nça», e declara — que é termo asiatico, o que é muito vago, ... se lhe descobrir o étimo.

Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado, no seu estudo sôbre o ...lecto indo-português de Goa insere o termo como goense ... a seguinte definição: — «grito emittido batendo na bocca ... a palma da mão; rebate (*bob* em k[oncani]. — Do k[oncani] ... *(é*. vos ativo] de *bābā*», [menino] —.

Veja-se **cucuiada.**

babiruça, babirussa

Esta palavra, que o Contemporaneo escreve erróneamente ... um só *s* e manda pronunciar *babiruza*, com maior êrro ...da, é directamente tirada do francês. A palavra é malaia, ...posta de *babi* «porco», e *rusa* (pron. *rúça*), «veado». Pode... também escrever-se em português com *ss*, *babirussa*.

bacalhau: bacalhaus, bacalhoeiro, bacalhoa; badejo

Há perto de trinta anos D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [1] identificou esta palavra, em castelhano *bacallao* e *bacalao*, com o latim artificial *baccalaureus* e o francês *bachelier*, derivado de **baccalarius**, e do qual procedem tanto o castelhano *bachiller*, como o português *bacharel*: cf. a forma antiga *chançarel* | *chancelier*, o que hoje se diz *chanceler*.

A aplicação de um termo com a significação de «bacharel» a denominar um peixe não é caso único, pois o mesmo peixe se chama também *(a)badejo*, palavra que é um diminutivo castelhano de *abad*, «abade», e foram sem dúvida os trajes daquele e dêste que determinaram as denominações: cf. *batina* por *abatina*, «a veste do abade». Temos ainda outra denominação análoga em *peixe-frade*; e com relação a aves, o francês *moineau* «pardal», deminutivo de *moine*, «monje», obedece a mesma suposta semelhança com o traje, como acontece igualmente, com as denominações portuguesas de aves, *cardeal*, *viuva*, etc.

Outro nome do bacalhau em espanhol é *curadillo*, e a esta expressão dá a ilustre romanista *(ib.)* como étimo o substantivo *cura*, «padre». Todavia, *curadillo* não é mais que o deminutivo de *curado*, participio passivo de *curar*, «conservar por meio de fumo, sal, exposição ao sol» etc., participio que se adjectivou e ao depois se substantivou, como aconteceu a *pescado*, *pescada*, *pescadinha*, que proveem do verbo *pescar*.

Como em holandês a palavra que denomina aquele peixe é *kabeljauw* (pron. *cabeliáu*), supuseram alguns que o vocábulo português ou castelhano fosse o holandês, com metátese das duas primeiras sílabas; é porêm provável que, ao contrario, seja o holandês que sofreu a metátese, derivando-se portanto das formas peninsulares, e com tanto mais razão, quanto é certo haverem os espanhóis e os portugueses conhecido o dito peixe e a sua

---

[1] STUDIEN ZUR ROMANISCHEN WORTSCHÖPFUNG, Lipsia, 1876, p. 1[illegible]

ada antes dos holandeses, devendo-se ter ainda em atenção o vocabulo holandês, desusadamente extenso para ser primi- nesta lingua, também se não pode decompor em elementos ificativos.

Littré [1] refere-se a esta palavra nos seguintes termos: — BILLAU (kabillô, *ll* mouillé) ou CABLIAU (kabliô) *s. m.* Nom né dans les marchés à la morue fraîche... ETYM. Wallon *auw*, namurois *cabouau*, holl. *kabeljauuw*, dérivé par renver- ent de *bacailaba*, nom basque de la morue, d'où l'espagnol *alao* et le flamand *bakkeljau*» —.

Foi isto, pouco mais ou menos, traduzido do que a respeito *cabliau* dissera Frederico Diez no Dicionário etimolojico das guas romanicas. Dom Rafael de Bluteau [2], porém, já muito es escrevêra o seguinte: — «Peixe do mar septentrional da erica a que os biscainhos derão o nome, quando o trouxerão Europa... Bacalhao, e Badejo são o mesmo: o Bacalhao hé o põem ao ar a secar nas partes da America, donde se pesca. Badejo nos vem mais fresco» —. É êste último o que também denomina *bacalhau frescal*.

Custa-me ter de contradizer Bluteau, Diez e Littré, com re- o à orijem vasconça do vocábulo.

Verdade é que Bluteau apenas asseverou que os biscainhos puseram êste nome, sem afirmar que pertencesse à lingua Vascongadas; e na realidade, êle é tam vasconço como é andes. E senão, vejamos: a forma vasconça citada por Littré, *calaba*, é simplesmente o castelhano *bacallao*, com a forma *alau*, seguida do artigo *a*, e a mudança do *u* final em *b*; o de *gau*, «noute», *on*, «bom», e *a*, artigo, se faz, em vários ectos do mesmo idioma, a saudação *gabonà*, por *gau on a*, a noute!». *Bacailau* não é explicavel em vasconço, e mesmo figura no dicionário de Van Eys [3], nem como termo verná-

---

1 DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, *sub v.* CABILLAU.

2 VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO.

3 DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, 1873.

culo, nem sequer como castelhanismo. Nem é de admirar: uma grande parte do vocabulário vasconço castelhano é, ou outro mais antigo, latino.

O peixe e o seu nome foram mencionados por Pedro Martyr de Anguiera (Anghiera), geógrafo italiano que viveu em Espanha no século XVI e compôs em latim várias obras de merecimento acêrca de viajens, descubrimentos e etnografia. É citado por H. P. Biggar, na excelente monografia em que reivindica para os portugueses a exploração marítima da Groenlândia, primeiro chamada Terra do Lavrador, e a do Canadá. Intitula-se a monografia VOYAGES OF THE CABOTS *(Cabotos*, ou *Gabotos)* AND CORTE-REALS e foi publicada na «Revue Hispanique»[1]. Pedro Mártire, pois, atribui ao vocábulo *bacalhau* orijem americana por estas palavras:—«Bacallaos Cabottus ipse illas terras appellavit, «eo quod eorum pelago tantam repererit magnorum quorun-«dam piscium, tynnos emulantium sic vocatorum ab indigenis «multitudinem, ut etiam illi navigia interdum detarderent»— «Caboto denominou aquelas terras dos Bacalhaus, porque no mar que as banha encontrou grandes cardumes de enormes peixes, parecidos com os atuns, e assim chamados pelos indíjenas, e tantos eram que estorvavam o navegar das embarcações».—Biggar acrescenta com muita razão:—«This origin of the word can hardly be correct. It is more likely that the Spanish and Portuguese sailors gave the name»—.

Efectivamente, o vocábulo, com esta ou outra forma parecida, nem em groenlandês ou ésquimo, nem em qualquer dos idiomas dos índios bravos daquelas rejiões americanas se encontra.

Nestes termos, não há remédio senão contentarmo-nos por emquanto com o étimo *baccalaureus*, há trinta anos proposto, como disse.

A palavra *bacalhau* indica ainda um açoute usado no Brasil, e com esta definição já se encontra no DICC. CONTEMPORANEO, mas sem estar aí abonada. O trecho seguinte apresenta a palavra

[1] T. x (1903), p. 556.

...m esta significação: — «empunhou o bacalhau, e como ins...mento da lei, fez correr o sangue d'aquelle que já foi seu ...mão na desgraça!» —[1].

No plural indica esta palavra um enfeite de cambraia branca, ...ado nos fins do seculo XVIII pelos homens. Foi a forma que ... deu o nome, como também o deu às casacas muito compri...s usadas pela mesma época e que se chamaram em Portugal ...acas-de-rabo-de-bacalhau.*

Outra significação analoga de *bacalhau* é a seguinte: — «ca...ras de punho (chamadas de bacalhau)» —[2]. Êste nome foi-lhes ...do em razão da forma que tem o espaldar.

O femenino de *bacalhau* é *bacalhoa*, formado, assim como o ...bstantivo *bacalhoeiro*, de um tema *bacalhõ*, *bacalhao*, como ...a de *leão*, *pavoa* de *pavão*, *cordoeiro* de *cordão*, *latoeiro* de ...*ão*, *relojoeiro* de *relojão*, pois de *relojo*, ou *relójio* seria *relo...iro*, ou *relojieiro*, como de *livro*, *livreiro*.

bacia; bacio; bátega

Estas palavras, que proveem do latim da decadência *bassi...um*, mas cuja orijem é problemática ainda, tem em português ...nificações várias, subordinadas todas à noção de «vaso». A pri...eira indica forma de vaso mais larga e menos funda, a segunda ... contrário, menos largura e maior profundidade, diferença de ...ntido que em geral expressa a forma masculina, com distinção ...a femenina, quando em português existem ambas para um só ...cábulo orijinário: cf. *canela* e *canêlo*, *cêsta* e *cêsto*, etc.

Acepções destas duas formas, hoje desusadas, são as seguin...es: *bacia*, «prato grande e largo de metal, que se tanje com ...ma vaqueta, e supre o sino, entre vários povos da Ásia». Neste

---

[1] O Economista, de 4 de dezembro de 1885.

[2] Marcelino de Mesquita, O Tio Pedro.

sentido foi o vocábulo empregado por Fernám Méndez Pinto [1], e por António Francisco Cardim [2], no seguinte passo: obedecem [os habitantes da ilha de Áinão] ao sinal, parando ou marchando ao som da bacia» — .

É o que hoje indevidamente chamamos *tanta*, que na Índia significa «tambor». O verdadeiro nome da bacia de arame que se tanje com vaqueta é *gom*.

Outro nome português do mesmo instrumento é *bátega*: — «Vigia toda a noute com batega e soldados» — [3]. É êste que deveria substituir o erróneo *tanta*.

Bacio: O que também chamamos pratos fundos, tejelas. José Pestana, na monografia O CALIX DE OURO DO MOSTEIRO DE ALCOBAÇA, publicada no «Archeologo Português» (v) diz: — «D. Manuel ordenara ao seu thesoureiro ... que entregasse a Fructos de Goes os dois bacios dourados, e o gomil» — .

O Elucidario de Santa-Rosa de Viterbo [4] diferença assim *bacio* de *bacia*: — «BACIO na provincia de Traz-dos-Montes ainda conserva o seu antigo significado; pois chamam *Bacios* aos pratos. Mas note-se, que antigamente *Bacio* se tomava por todo o vaso de boca larga, como gomis, canecas, etc., e nisto se diferençavão das *Bacias*, que erão de mais bojo, e fundas, e aquelles erão mais chatos, espalmados, a modo das nossas bandejas» — .

Esta definição parece estar em contradição com o uso actual dos dois vocábulos, visto que na *bacia*, como forma feminina, a superfície predomina sôbre a altura, o que é o oposto do *bacio*.

---

1 PEREGRINAÇÃO, cap. CLXI.

2 BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 229.

3 P. Antonio Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 103.

4 ELUCIDARIO DAS PALAVRAS TERMOS E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USARÃO, Lisboa, 1798.

bádur, badur

O Nôvo Dicionário dá êste vocábulo com a significação de — «chefe indígena de algum districto, dependente do Estado da India portuguesa» —, escreve-o porem **Badhur**, e como o não acentua graficamente, subentende-se, em harmonia com o sistema de acentuação grafica empregado pelo lecsicografo, que se há de ler *badúr*. O termo é persiano BAHADUR, «valente» [1], e o *h*, antepenúltima letra do respectivo abecedário e que aqui represento por E maiusculo, foi deslocado para depois do *d*, quando a escrita orijinal o marca antes, formando a segunda sílaba com o A. A acentuação e a escrita portuguesas devem ser *bádur*, e assim, sem *h*, ortografaram os nossos antigos escritores.

bafo, bafejar, abafar, bafio

Êstes vocábulos são entre si indubitávelmente aparentados, e para o primeiro dêles existe em castelhano a forma *vaho*, na qual o *v* é provávelmente capricho ortografico em vez do *b*, que a fórma portuguesa demonstra ser a verdadeira inicial, visto que, ao contrario do castelhano, o português diferença perfeitamente *v* de *b*, do Mondego para baixo.

F. Diez [2] pretende que seja voz imitativa e como ainda se lhe não descobriu étimo plausivel, apesar de que as vozes onomatopoéticas são por via de regra suspeitas, quando não são meramente interjectivas, à falta de melhor, aceitaremos provisóriamente o parecer do fundador inexcedido da filolojia románica.

Bafo tem uma significação muito diferente, porém, no seguinte passo: — «Por monturos classificam-se os ferragiaes contiguos ao monte [casal], ou os bafos do monte, como tambem

---

[1] V. Garcin de Tassy, MÉMOIRE SUR LES NOMS PROPRES ET LES TITRES MUSULMANS, Paris, 1878, p. 42.

[2] ETYMOLOGISCHES WORTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1869, II.

alguns lhes chamam, se não lhe encontram a feição propria da ferragiaes» —[1].

baforeira, bêvera; abeberar

Tem-se fantasiado étimos extravagantes para êste termo vulgar de botánica, e todavia D. Carolina Michaëlis de Vasconcel[los] já deu o verdadeiro, bifera(ria), na REVISTA LUSITANA, [I], páj. 298, assim como *bêvera* ⟨ bifera, em castelhano *brev[a]*. O verbo *(a)beberar*, porém, corresponde ao castelhano *abrev[ar]*, francês *abreuver*, ant. *abeuvrer*, italiano *abbeverare*, de ad + bibere, por intermédio de uma forma transitiva *adbiberar[e]*.

baga, bagada, bágoa, bago

Em galego a palavra *bágoa* significa «lágrima». Em português comum dizemos *bagas de suor*; mas no Minho *bagad[as]* querem dizer «lágrimas»[2]. Esta última forma é derivada, e pre[s]supõe a existência de *baga* na acepção de «lágrima», correspo[n]dente ao vocabulo galego citado.

A orijem de todas estas formas é o latim bacula, plural de baculum ⟨ *bágoo*, antigo, moderno *bago*, que foi depois substituído pelo latinismo *báculo*, quando se refere à insignia episcopal.

No Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO vê-se inscrita a palavra *bago*, como adjectivo, abonada com um passo da D. BRANCA de Almeida Garrett, paj. 23, não sei de que edição para o conferir: — «... o abbade, homem prudente, que o *bago* regedor metteu em meio da contenda...» —.

---

[1] J. S. Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 280.

[2] Fui ao jardim da alegria
Espalhar [as] minhas penas:
Onde as bagadas cairam
Rebentaram açucenas.

FOLKLORE TRANSMONTANO *in* Portugalia, II, p. 16[?].

Ora neste passo, refira-se êle a que se referir, *bago* é o substantivo, e *regedor* o adjectivo, sem a menor dúvida, e *bago* deve aí estar por *báculo*. Não há pois tal adjectivo.

bailique; bailéu

O Nôvo Dicc. inclui êste vocábulo como de giria, com a significação de «quarto na prisão: tarimba». Neste último sentido, que me parece ser o próprio e mais usual, encontra-se a palavra, perfeitamente definida, no jornal O Seculo, de 28 de abril de 1902: — «A prisão [no Aljube, ou cadeia para as mulheres, em Lisboa] semelha qualquer das enxovias do Limoeiro [cadeia para os homens, na mesma cidade], pois que lá se vêem em solta os mesmos *bailiques*, especie de taboleiros, que, girando sobre um fulcro, descem da posição vertical para se armarem em largos leitos» —.

Parece haver relação de forma entre êste vocábulo e a palavra *bailéu*, «estrado, suspenso por cordas em que se colocam os trabalhadores para fazerem obras nos edifícios», e que tem outras várias acepções, que se podem ver no Dicc. Contemporaneo. Apesar da afirmação em contrário, feita nos dois dicionários citados, não creio que haja a mínima relação entre êstes dois vocábulos e o verbo *bailar*.

Ambos êles tem forma de derivados de um primitivo *bailo*, que em tal sentido não existe, que eu saiba.

bainha: bainhar, abainhar, embainhar, vajem

Este substantivo, do latim uagīna (> *baĩa* > *bainha)* significa tanto a da espada, faca, etc., como a dobra que se faz na extremidade de um vestido, e na qual se metia antes um cordão para lhe dar consistência, ou franzi-lo. Os puristas distinguiam *abainhar*, «fazer *bainha* em vestido», de *embainhar* «meter a espada na *bainha*». No uso comum ninguém faz já tal distinção,

pois em ambos os casos se emprega *embainhar*, e *abainhar* tornou-se obsoleto.

No Minho o antigo *abainhar* diz-se hoje em dia *bainhar*, sem prefixo.

O substantivo *vajem*, é um alótropo, ou forma diverjente do mesmo étimo uagina, com deslocação do acento tónico *(vagína)*, e que tem outras formas, *vaje*, *baje*, e designa a *bainha*, ou folhelho dos legumes.

Tanto no francês *gaîne*, como no castelhano *vaina*, o acento foi igualmente deslocado para a primeira sílaba de uagina.

bairro, bairrista, *bairrismo*: barro, barreira, barreiro, barroso, barrista

A palavra *bairro* é de procedência arábica BAR, «terra», BARI, «de fora», e a sua primitiva acepção, ainda usual em Espanha *(barrio)*, foi de «suburbio»; a de divisão interna de uma cidade é posterior: cf. a expressão, «fora da terra», e o substantivo castelhano *afueras*, «cercanias, arredores».

Do mesmo modo, o derivado *bairrista* tem também as duas acepções; na segunda significa o habitador do mesmo *bairro*; na primeira, vemo-lo exemplificado no seguinte trecho: — «Lamego 12. Existem ainda por estes sitios uns restos da antiga barbaria bairrista, que faz ver no povo visinho o inimigo, cujos odios se transmittem, intensamente selvaticos, de geração em geração» —[1].

É palavra muito expressiva para designar o indivíduo cujo amor à terreola natal é levado ao extremo odioso de aborrecer os naturais das terras próssimas; e à semelhança desta formação poderíamos denominar *bairrismo* êsse capricho e timbre intransijente e exclusivista.

---

[1] O Economista, de 16 de novembro de 1890.

Santa Rosa de Viterbo [1] define assim o vocábulo *bairro*:— ugar pequeno, quinta, Aldéa, casa de campo, ou de abegoa- —.

Esta definição é a que no Dicionário da Academia Espa- la [2] vemos, com pequena diferença, atribuir-se à palavra *bar-* na segunda acepção, em que é sinónimo de *arrabal*:— rupo de casas ó aldehuela dependiente de otra población. que está apartado de ella»—.

A palavra *barro*, portuguesa e castelhana, parece ter a mesma gem, e o mesmo se pode dizer de *barreira*, no sentido de lugar de se colhe o barro, como vemos empregado o vocábulo no es to de Rocha Peixoto intitulado As OLARIAS DE PRADO [3]:— dquirida a argilla necessaria nas *barreiras* de Cabanellas»—.

O nome de vila, ao sul do Tejo, *Barreiro*, deve de ser uma ma masculina, da mesma dição, e outro tanto podemos dizer *Barreiros* ou *Barreiras*, nomes de muitas povoações portu- sas, de *Barroca*, e de *Barrosa*, *Barroso*, *Barrosa*, *Barrosão*, ectivos substantivados em nomes próprios.

Barroso como substantivo comum é nome de um peixe, que bem se chama *quelme* [4].

Outro vocabulo da mesma familia, empregado noutro escrito Rocha Peixoto, na acepção de fabricantes e pintores de figuras barro, é *barrista*.—«os barristas do seculo XVIII, os coro- stas de Gaya, e os oleiros do Prado»—[5].

Barros tem no Alentejo uma significação especial, que se contra no seguinte passo da ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEM- JO, de J. S. Picão:—«As planicies que ficam a leste entre vas e Badajoz e aquella cidade e Campo Maior chamam-se-lhe

---

[1] ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, TERMOS E FRASES QUE EM PORTU- L ANTIGUAMENTE SE USARÃO, Lisboa, 1798.

[2] Madrid, 1899.

[3] in Portugalia, I, p. 236.

[4] ICHTHYOLOGIA, por D. Carlos de Bragança, in O DIA, de 7 de junho 1904.

[5] in Portugalia, I, 583.

[sic] barros em virtude da natureza do solo, em geral bastante argilloso» —[1].

bajoujo, bajoujar

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2] já determinou a formação dêste vocábulo: *bajoujar* é o latim *baiolıare*, por *baiolare*, que figura na Vulgata, com assimilação de *-li-* ao *j* da sílaba anterior, o qual é consonantização e afriçção do *i* de baiolus.

Bajoujar é pois idéntico a *bajular*.

baldio, valadio, vadio; baldo, baldar, balde, baldão; Valdevinos

Alberto Sampaio, no valioso estudo intitulado As villas do norte de Portugal [3] diz: — «outro termo equivalente [a maninho] quasi popular é baldio, que parece provir do ajectivo allemão *bald*» —. Semelhante conjectura carece de fundamento, pois se lhe opõe manifestamente a significação do vocabulo português, e a do citado advérbio alemão. Êste, conforme Frederico Kluge [4], tem por base um adjectivo alto alemão antigo, o qual significa «rápido, afouto, valente» *(schnell, kühn, tapfer)*, o inglês *bold*, e de que procede o italiano *baldo*, «afouto» e o nome próprio *Balduim*, de que em português se fêz *Valdevinos*, provávelmente por intermédio de um nominativo latino Balduinus, ou *Valduinus*, *Valdevinus*.

Em Évora há uma rua de *Valdevinos*, que certamente pro

[1] *ib* I, 272.
[2] Revista Lusitana, III, p. 133.
[3] *in* Portugalia, I, p. 117.
[4] Etymologisches Worterbuch der deutschen Sprache, Estrasburgo, 1889.

de do nome próprio, e não do apelativo, com o significado *vadio*, estroina», em que hoje se usa, na lingua comum.

A palavra *baldio* é sem dúvida o adjectivo arábico BALADI, derivado do substantivo BALAD, «terra, país», de que proveio o castelhano *baladi*, «reles, de pouco valor», significado que também não é estranho à forma arábica.

O termo *baldío*, castelhano, além da sua significação mais comum, correspondente à que tem o português *baldio*, quer como adjectivo, quer como substantivo, de «comum e inculto» oferece a mais a de «vagabundo» «*vadio*», e êste último vocábulo considero-o eu também derivado do *baladi* arábico, e não do latim *uagatinum* | *uagare*, como até agora se tem suposto. Note-se ainda que o povo usa *vadio*, no sentido de «comum».

Assim constituo a descendência portuguesa do árabe BALADI, com as seguintes vozes: *baldio*, com supressão da vogal da 2.ª silaba; *valadio*, com a simples mudança do B em *v*: diz-se do telhado feito de telhas sôltas, sem cal nem argamassa e é oposto ao termo *telhado mouriseado* (note-se), no qual se empregou a argamassa, ou cal-e-areia: *vadio* (pron. *vàdio*), com supressão do L, e conseqüente *a* aberto na silaba átona, «cf. *paceiro* por *palaceiro*. De *vadio* procedem *vadiar*, *vadiajem*, etc.».

Resta averiguar se os vocabulos da familia *baldo*, *balda*, *baldar*, *de balde* teem a mesma orijem, como parece, conquanto se possam subordinar a outro étimo arabico, BAṬIL, «vão, inútil».

É difícil determinar o sentido em que o epíteto *vadio* foi empregado por António Francisco Cardim, no seguinte trecho:— «Os dois levantados [insurrectos] Li e Cam ficaram com cinco provincias do norte [da China], o tartaro com a côrte de Pequim, e pouco a pouco foi conquistando todas as outras provincias, de que em breve se viu senhor, não por fôrça de armas, mas por fraqueza e deslealdade dos chinas, que só com cortar o cabello faziam profissão de tartaro, e chegavam onde elles podiam; porque se tem por certo que na China não entraram trinta mil

tartaros, mas seus exercitos constariam pela maior parte de chinas vadios e disfarçados» —[1].

¿Quere dizer «gente dos campos»?

balguesa

— «Hoje [os barcos moliceiros] adoptam a vela chamada *balgueza*» —[2].

balhão, bailão; bailadeira; balhadouro

O Novo Diccionário rejista uma acepção especial deste vocábulo, que no seu sentido natural significa «o que muito baila». Essa acepção é a de «fadista», que vemos abonada no seguinte trecho: — «O *Taboada*, um bailão ali do sitio, convidou o *Navalhadas*, seu collega, com duas ditas [navalhadas] no peito» —[3]. É conhecido o sestro do fadista de andar sempre jingando e em brigas é notoria a sua lijeireza, quer no arremeter, quer em fujir, quer em furtar o corpo às investidas do contendor. Em castelhano *bailón*, como termo de giria (*germania*), quere dizer «ladrão velho».

A palavra *bailadeira* de que os franceses fizeram *bayadère*, vem no Suplemento ao Vocabulario portuguez latino de Bluteau assim definida com muita exactidão: — «Bailadeiras se chamão na India as mulheres publicas, que habitão nos Pagodes, porque todas bailão e cantão. *Oriente Conquist., tom. 2 pag. 25*» —.

Os dicionários portugueses em geral omitem esta particu-

---

[1] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 25.

[2] Luís de Magalhães, Os barcos da ria de Aveiro, in Portugalia, II, p. 59.

[3] O Economista, de 22 de agosto de 1885.

de sentido; todavia o dicionário português-francês de
quetê [1] incluiu o termo, com a mesma definição já dada
teau.
badeiras se denomina o ponto do rio Tejo, perto de Caci-
marjem esquerda, onde o movimento das águas é consi-
Nesta acepção vemo-lo abonado neste trecho: — «Quando
12 do corrente appareceu o cadaver da infeliz Casimira á
agua no sitio das bailadeiras» — [2].
a forma de *bailao*, «jingão» é *balhao*, como popular-
balhar substitui *bailar*, e vemo-la empregada no mesmo
o [3]: — «e lá foi todo bailhão para o calaboiço» —.
termo de Leiria há um descampado chamado *charneca do*
oiro, onde é crença que se reunem as bruxas em *sambleia*
o, como se diz no norte, para ai celebrarem as suas fol-

e advertir que na linguajem local *baile* se diz *balho*, e
entemente *balhar*, de que *balhadoiro* é nome do logar
se exerce a acção do verbo, como em *lavadouro*, de
matadouro, de *matar*, etc.

balufera

rumento músico africano, conforme a menção que vimos
jornal O Economista, de 5 de agosto de 1885: — «En-
[na secção portuguesa da exposição de Antuérpia] o *balu-*
fe já vira na secção do Senegal (colonias francesas). Êste
ento curioso, especie de marimba, compõe-se de uma serie
as de madeira justa-postas sobre uma dupla ordem de
de diversos tamanhos. Batendo-se-lhes produz-se uma
de escala irregular» —.

Paris, 1855.
O Século, de 29 de agosto de 1899.
10 de setembro de 1900.

tartaros, mas seus ...
chinas vadios e distat...
¿Quere dizer «gen...

—«Hoje los ba...
balquera»—[2].

balhão.

O Nóvo Diccio...
cabulo, que no seu ...
Essa acepção é a d...
trecho: — «O *Tabu*...
lhadas, seu collega.
E conhecido o ...
e em brigas e notó...
fujir, quer em furta...
telhano *bailon*, co...
«ladrão velho».
A palavra *bail*...
vem no Suplemen...
Bluteau assim de...
se chamão na Ind...
des, porque toda...
pag. 25» —.
Os dicionario...

[1] Batalha ...
[2] ...

On

... . . É n'ella o banheiro publico» —[1].
...anhu». No Pôrto chama-se antes à
...la forma.

banzé

... que quere dizer «folgança, função» e
...ito», pode ser o japonês *banzai* «viva!»,
...gheri Pedroso: — «Ainda há gente bôa
... que fazem *banzé* nos jornaes» —[2].
...a significa «pregão».

..., baptizo, bautizar, bautismo

...ntigas e ainda populares portuguesas teem
...latino, assim como o teem por *c* em *auto*,
...*zar*, *bautismo*, *Bautista*. Depois entraram
... alatinadas *baptizar*, etc., nas quais, porém,
...nulo, mas o não foi antes, visto que o *a* átono
...*bàtizar*, *Bàtista*, etc.: cf. *activo*=*àtivo*. Nulo
...no substantivo alentejano *baptizo*, «baptizado»,
...lo trazido de España, onde se diz *bautizo*.

barão, varão, varonil

...que seja a etimolojia do primeiro dêstes vocábu-
...que o seu significado nos Lusíadas (I, 1), é o de
...oroso», e não simplesmente o do latim uir, a que

...E UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE
...Seculo», de 17 de junho de 1900.
...e setembro de 1902.

damos como correspondente *varão*, que dêle não deriva, sendo pelo contrario o mesmo que o *Barão* dos LUSIADAS. A identidade resulta do significado que tem o adjectivo *varonil*.

Nos antigos Cantares de gesta franceses *baron* designa «homem de grande valor e alta jerarquia», e no Livro dos Salmos (seculo XIII) francês encontra-se o adverbio *baronilment*, «varonilmente»[1].

Em latim existia o substantivo baro, baronis, com significação de «homem tôsco, homem vigoroso».

É claro que *varão*, aumentativo de *vara*, nenhuma relação tem com esta palavra.

barbado

Termo brasileiro, cujo significado se depreende do trecho seguinte: —«Saber menos, não prejudicava; saber mais desqualificava o individuo, dificultava-lhe a collocação. Passava á categoria de *barbado*, isto é, de suspeito» —[2].

bare: matuca

Vemos êste vocábulo num sentido muito especial, como usado na Zambézia, no seguinte trecho:—«Nestes territórios e especialmente nos situados entre Tete e Zumbo, encontram-se... vestigios de antigas explorações auriferas, conhecidas na Zambézia sob a denominação de «bares» e ás quaes alludem todos os nossos antigos auctores, que escreveram sobre aquelle paiz» —[3].

Por exemplo, Frei João dos Santos, ETIOPIA ORIENTAL, liv. II, cap. 11 a 13, no último dos quais se encontra um vocábulo não

---

1 Emilio Littré, HISTOIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, II.
2 O SECULO, de 20 de setembro de 1905.
3 O SECULO, de 31 de março de 1900.

...olgido nos nossos dicionários: — «Tambem se tira ouro de pedras, a que chamam ouro de matûca, como já dissemos que se tirava no reino de Manica. De todas estas sortes de ouro, o de lascas feitas em raminhos, ou esgalhos, êsse é o mais fino, e de mais quilates, e o que chamam de matûca é o mais baixo de todos, e o de menos quilates» —.

barlaque, barlaquear-se

Nas Notas ethnographicas sobre os povos de Timor, de J. S. Pereira Jardim [1], vemos definido o substantivo, e abonado o verbo português, que se formou dêle: — «O barlaque é a compra da mulher, que vale tanto mais quanto maior for a gerarchia a que pertence» —.

— «Se for christão, casa-se com uma, e barlaqueia-se com quatro» —.

barra

Além de muitos outros significados, era o nome de uma moeda de convenção, em Benim, com o valor de 500 réis [2].

barreleiro

Na praia da Nazaré dá-se êste nome, derivado de *barrela*, a uma tripeça de madeira, com tabuleiro de perímetro circular, rematado lateralmente por um prolongamento quadrado, e sulcado por dois ou três regos. Serve para a lavajem da roupa.

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 357.
[2] Relatorio de Jacinto Pereira Carneiro, *in* «Annaes do Conselho Ultramarino», II.

era bastante, o rio porém arrebatado» —[1]. É um derivado do verbo *bastar*, como *basto*, no sentido de «espesso, grosso». Substantivo da mesma orijem é *bastio*, o qual no Alentejo é «mouta fechada», e em Trás-os-Montes significa «pinhal rasteiro».

O adjectivo *basto* parece derivar-se do latim vastum[2], ou, como propôs J. Cornu, de pastus, participio passado passivo de pascor, o que me parece menos provavel.

bastos

Em uma resenha de termos pertencentes à jíria dos ladrões do Pôrto, publicada no jornal O Economista, de 28 de fevereiro de 1885, vem êste vocabulo com a significação de «mãos». É palavra pertencente ao caló, ou dialecto dos ciganos de Espanha, como muitos outros de *calao*, incluindo êste nome da jíria de malfeitores e da ralé, alguns dos quais se tem difundido em linguajem mais elevada, tornando-se gerais, mas conservando o seu sabor pitoresco. Muitos serão incluidos neste trabalho, com os seus correspondentes nesse dialecto. *Basto* é em caló *bate*, *baste*[3], e nele significa, na realidade, «mão».

Em outro dialecto cigano, o da Roménia, tem a forma *cast*[4].

batata, semilha, castanhola

A primeira destas palavras, ao contrário do que é uso no continente, quere dizer na ilha da Madeira «batata doce», porque a outra se denomina *semilha*; eis aqui um exemplo: — «Um

[1] Batalhas da Companhia de Jesus na provincia do Japão, Lisboa, 1894, p. 38.

[2] Revista Lusitana, iv, p. 273.

[3] El Gitanismo, por Francisco de Sales Mayo, Madrid, 1870.

[4] Grammaire, dialogues et vocabulaire de la langue des Bohémiens ou Cigains, por J. A. Vaillant, Paris, 1868, p. 53.

correspondente de Boaventura escreve que está sendo abundante a colheita da semilha (batata)» —[1].

Em Trás-os-Montes êste tubérculo é designado pelo nome de *castanhola*, aumentativo de *castanha*:

Lhebemus nossa merenda
(Yera de trigo bĩẽ guapo!);
Para cenar a la nuite,
Las castanholas num saco.

Esta quadra vai emendada na pontuação, pois a da obra de donde a extratei está errada:

Lhebemus nossa merenda
(Yẹra de trigo bĩẽ guapo!)
Para cenar a la nuite.
Las castanholas num saco. [2]

bate

Esta palavra na India portuguesa quere dizer «arroz em casca», em concani bhat(a), e não «arroz descascado», como se vê no Nôvo Diccionario. O que o vocábulo também lá significa é «arroz cozido», como em indostano. Em malaio chama-se *pádi*, ao arroz em herva na terra, e é natural que seja a mesma palavra, a qual, porem, parece orijinária da India, pelo menos no sentido de «arroz cozido». Sôbre êste objecto, veja-se Burnell & Yule, A Glossary of Anglo-Indian words and Phrases [3], *sub. v.* **Paddy.**

O que é singular é que *bate* seja o nome que em Caminha

---

[1] «Noticias da Madeira», *in* O Economista, de 5 de agosto de 1891.

[2] José Leite de Vasconcelos, Estudos de Philologia Mirandesa, II, Lisboa, 1901, p. 32.

[3] Londres, 1896.

se dá ao *pão-de-ló*, outra locução de orijem obscura; parece não ter a mínima relação com o *bate* asiático, a não ser na coincidência casual da forma.

batel, batela; batelo; bote, bateira

O Suplemento do Nôvo Diccionário rejistou o segundo dêstes vocábulos com a significação de — «barco chato, de pequenas dimensões, usado ao norte do Minho» —. Parece ser uma variante mais antiga de *batel* | *batellum* | *batum*, latinização do alto alemão antigo *bot*, de que também procedeu *bote*, se êste não é importação posterior do inglês *boat* hoje pronunciado *bôut*, mas no inglês médio proferido *bòòt*, [1] em anglo-saxão *bát*, isto é, *bàat*.

Batelo, no Ribatejo, designa um aparelho para tirar água dos poços, e parece ser vocábulo independente dêstes.

Bateira é nome conhecido de *barca*, que navega no Tejo, e figura em todos os dicionários.

batoque

Não respondo pela forma, visto que o periódico onde a encontro vem crivado dos mais inverosímeis erros tipográficos. No entanto, entendo que devo rejistar êste vocábulo (talvez *batuque*) na acepção nova que se lhe atribui no trecho seguinte: — «Os batoques de que usam na guerra são de três especies. O *goma*, o *cinzete* e o *biribiri*» — [2]. (V. êstes vocábulos).

Batoque será, pois, um tambor.

---

[1] V. Henrique Sweet, The Students Dictionary of Anglo-Saxon, Ocsónia, 1897; A history of English Sounds, Londres, 1874, p. 95.

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

batuque, bataúda

O primeiro dêstes vocábulos vem em todos os dicionários modernos, como significando «dança de pretos»; o segundo parece ter significado analogo no trecho seguinte das Notas etnográficas sôbre os povos de Timor, de J. S. Pereira [1]: — «Depois começa a vida de noctambulo: horas e horas de batuque... cantigas de batauda» —.

beata, beateiro

O primeiro dêstes termos, chulo, vem já rejistado no Nôvo Dicionário, como algarvio, com a significação de «ponta de cigarro». É tambem usado em Lisboa, com o mesmo significado, e dêle provém o derivado *beateiro*, que está perfeitamente definido no seguinte trecho do jornal O Seculo, de 28 de maio de 1902: — «para dar aos *beateiros*, que durante a noite percorrem os passeios e as portas dos cafés á procura de pontas de cigarro e de charuto» —.

bebedouro

Êste vocábulo significa, não só a vasilha onde as aves domésticas bebem, mas tambem o sítio onde os animais livres vão de ordinário beber.

Na realidade, a terminação *-douro* indica o local em que se exerce a acção expressa pelo verbo, a cujo radical essa terminação se junta, como *lavadouro* «o sitio onde se lava», *matadouro*, «o lugar onde se mata», etc. Em castelhano corresponde-lhe a terminação *-dero*, e assim dizem *abrebadero, lavadero, matadero*, etc.: «... empregam... o visgo *(q. v.)* branco, collocando as

[1] *in* Portugalia, I, p. 357.

varas no chão ao longo dos *bebedouros*, sitios onde as aves costumam ir beber, de forma que estas não possam chegar à agua sem lhes tocar» —[1].

bedem, bedém

O Diccion. Contemporaneo define esta palavra como significando — «capa de esparto ou junco, para livrar da chuva» — Não me consta, que estas capas caracteristicas, que provavelmente importámos do Japão, onde são muito usadas, tenham em qualquer parte do reino êste nome; sei que são conhecidas pelos seguintes: *c(o)rossa*, ou *c(o)roça*, *palhota*, *capa de palha*. O Nôvo Diccionario define o vocabulo como — «tunica mourisca, curta e sem mangas: capa palhiça, ou de coiro ou esparto, contra a chuva» —. Da, pois, em um dos significados a definição do Contemporaneo, mas atribui lhe outra, como primaria, a de «tunica mourisca».

J. I. Roquete[2], mais prudentemente, limitou-se a dizer que é «capa de mouro», *manteau maure*; mas antes, no Diccionario da lingua portugueza[3], dissera ser — «capa mourisca, ou de agua» —.

Sem contestar absolutamente a segunda acepção, direi somente que desejaria vê-la abonada.

Quanto à primeira acepção, Bluteau[4] dá apenas o significado «capa» ou — «capa de agoa» —; mas não diz que seja feita de palha, ou cousa semelhante, antes se abona com João de Barros e Diogo de Couto, por sua ordem nestas duas citações: — «Vinha vestido ao modo Mourisco, camisa branca, e seu *Bedem* em cima; Hum *Bedem* de setim preto, com grandes cadilhos» —

[1] J. Pinho, Ethnographia Amarantina, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 97.

[2] Dictionn. port. français, Paris, 1855.

[3] Paris, 1848.

[4] Voc. port. latino.

A palavra é arábica, como todos declaram, e Engelmann e Dozy [1] dizem ser BADAN, «túnica sem mangas».

Pareceria que a verdadeira acentuação devera ser *bédem*, e não, *bedém*, como todos marcam.

Todavia, se o vocábulo nos veio dos países berberiscos, é possível que a sílaba acentuada seja a segunda, se bem que breve a vogal dela.

Aqui apresento outra abonação do vocábulo: — «bem vestido com sua camisa mourisca e um bedem por cima de tudo, e o capelo metido na cabeça, por cima da touca» — [2].

beduí, beduim, *beduíno*

As únicas formas portuguesas são as duas primeiras: a terceira é uma versão mal feita do francês *bedouin*. Bluteau [3] dá no Suplemento a forma BEDUIM, remetendo o leitor para BIDUIM, e ai cita também beduinos. E esta feição da palavra que, ainda mal, aceitaram Roquete, o CONTEMPORANEO e o NÔVO DICCIONARIO, conquanto êste último registe também *beduim* no Suplemento. O vocábulo é, como se sabe e todos dizem, arábico, BADAUI, de BADIIE [4], «nómade no deserto», de BADU, «deserto». Ora, assim como de *rubi* se fêz *rubim*, e não *rubino*, assim de *beduí*, se fêz *beduim*, mas não *beduíno*, forma que os escritores antigos não conheceram.

beijo; beijinho; beijocador

O primeiro derivado, deminutivo, significa em sentido restrito, não só uma *cacaca*, mais pequena e estreita, que se faz

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESP. ET PORT. DÉRIVÉS DE L'ARABE.

[2] J. Camara Manuel, MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, p. 102, Lisboa, 1894.

[3] VOC. PORT. LAT.

[4] Belot, VOCABULAIRE ARABE-FRANÇAIS, Beirute, 1893.

nas Caldas-da-Rainha, mas também um amuleto, com o feitio e o tamanho de uma ameixa, como vêmos na revista Portugalia, I, páj. 620.

Beijocador, nome verbal de ajente do verbo *beijocar*, freqüentativo de *beijar*, designava no seculo XVIII um «sinal postiço ao canto da bôca» [1].

bejoga, bijoga, bojega

O termo transmontano *bejoga* é o latim *uesucula*, e a forma da Beira-Alta, que lhe corresponde na significação, é *bojega* | uesicula, conforme J. Leite de Vasconcelos [2], significando qualquer dêles «empôla nos pés». É possivel, porém, que ambos procedam de uesicula, e que houvesse metátese das vogais, como houve na forma algarvia *boleta*, em vez da geral *belota* por *bolota*, do árabe BaLUTE. O *o* da 1.ª silaba é devido em *bojega* a influência do *b*, e na forma *bijoga* o *i* a influência do *j*, pelo quê melhor escrita será *bejoga*, visto como o *e* surdo vale por *i* surdo em conjunção com uma consoante palatina, aqui o *j*: cf. *chegar* pronunciado *chigar*, *privilejiado*, para *prẹvelijiado*, e assim muitas vezes escrito erróneamente.

bejula

—«Bebida fermentada, feita de farinha de milho, ou de outro qualquer mantimento»—[3]. É termo da África Oriental Portuguesa.

---

[1] A. Campos, O MARQUEZ DE POMBAL, *in* «O Seculo», de 7 de abril de 1899.

[2] REVISTA LUSITANA, II, p. 105.

[3] Diocleciano Fernandez das Neves, ITINERÁRIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 49.

belfa

Esta palavra, que antigamente queria dizer «fera» e se de- do latim bellua, como o italiano *belva*, significa actual-te em Leiria *melga* (de medica) mosquito grande, a que os ceses chamam *cousin*.

A abonação da palavra no seu antigo significado é a seguinte: «e uirom belfas marynhas que eram fortes e esquivas» —[1].

belhó

O nome dêste bôlo, conforme J. Cornu, deriva-se de *biliola* libiola, e na opinião de D. Carolina Michaëlis de Vascon-os de *piliöla* ¦ pila.

Todavia, como o *e* se profere aberto, *bèlhó*, ambas as etimolo- são pouco prováveis.

Para *filhó* já eu propus em tempo *foliöla*, sendo o *i* devido consoante palatal seguinte:

Francisco Adolfo Coelho, no DICCIONARIO MANUAL ETYMOLO-co, deriva *belhó* de *beignot*, *beignet* francês, forma deminutiva *bigne*, *beugne*, «tumor», e acrescenta como comparação *ca-amaço*, por *canhamaço*, para explicar o *lh* por *nh*, advertindo mbem que o *e* de *belhó* é aberto, como o *ei* de *beignot*.

Todavia, em *calhamaço* por *canhamaço*, de *cánhamo*, houve ssimilação da nasal *m* da silaba seguinte, facto que se não odia dar com *belhó*, a proceder de *beignot*.

Conquanto sejam dignas de atenção as ponderações de F. A. oelho, parece que temos de ir buscar a outra fonte a orijem da palavra.

Se acertei em atribuir a *filhó* o étimo *foliöla* ou *folliöla*,

---

[1] Otto Klob, A VIDA DE SANTO AMARO, texte portugais du XIVe siè-cle, in Romania, t. XXX, p. 508.

creio não estar longe da verdade considerando *bèlhó* como
vada de uma forma latina *balaneŏla*, deminutivo de
neum, forma adjectival substantivada, derivada de bal
«castanha». A sucessão de formas seria então: balaneola
naleola: baneleola: *baelhola: baelhó: bèlhó.*

bengala, pingalim

São os portugueses o único povo europeu que chama
tão *bengala*. Primeiro se denominou *cana de Bengala*, p
a haste feita de cana-da-India; depois suprimiu-se o pri
termo: «Que cousa he esta, senhor Afonso de Alboque
quisestes que dissessem as regateiras de Lisboa que vós to
primeiro terra neste vosso Calecut de que fazéis a El-rei
Senhor tantos espantos? Ora eu irei a Portugal, e direi
Alteza que com esta cana de Bengala na mão, e com
barrete vermelho que trago na cabeça, entrei em Calecut:
não acho com quem pelejar, não me hei de contentar, sen
ir as casas de Elrei, e jantar hoje nellas» —[1].

Saiu-lhe cara a basófia, e aos desgraçados que o acomp
ram, pois quasi todos foram mortos com êle, o *marichal* D
nando Coutinho, que assim desdenhava dos traiçoeiros naire

Pengalim parece ser um deminutivo de *bengala*, com
dança da inicial.

bem-aventurado, bem-aventurança

Estas duas palavras teem de escrever-se com uma lin
visória, para que não sejam lidas *be-maventurado, be-mav
rança.*

---

[1] João de Barros, Da Ásia, Decada II, liv. 4.°, cap. 1.

benjoim, beijoim

A etimolojia dêste vocábulo foi primeiro dada por Garcia da [Orta], nos COLOQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA INDIA: é o [ára]be LUBAN GAUI, «incenso de Java». Na segunda forma, que [é] mais usual, influiu a palavra *beijo*.

bento

Em Viseu esta palavra quere dizer «curandeiro»: — «O dono [da] casa tem um filho doente ha muito tempo... por suggestões [de] amigos lançou-se nas mãos de um bento» —[1].

berço

Esta palavra, cuja etimolojia é incerta, mas que para portu[gu]ês, como para o galego *berce*, parece ter tido orijem francesa, [ain]da que remota, pois em castelhano o mesmo objecto se chama [cu]na | cunae, figura no trecho seguinte em uma acepção não [re]gistada nos dicionarios: — «o pessoal... tenciona cotizar-se para [co]locar berços nas sepulturas das duas victimas» —. Êstes [be]rços são uns gradeamentos em tôrno do coval, e nos quais se [dis]põem plantas de ornato, ou vasos com elas.

besigue

No Suplemento ao NÔVO DICCIONARIO inseriu-se uma palavra [bi]zigue, que ai é definida como certo jôgo de cartas, dando-se-lhe [se]m duvida como étimo bis e signo.

---

[1] O VIRIATO, in «O Economista», de 4 de setembro de 1884.

como acontece com *didal, tisoiro,* formas populares, *dedal, tesouro.*

bétele, (bétere, betre, betle)

a melhor escrita portuguesa, porque é a mais antiga, *bétere, betre,* e não *betel.* Não há dúvida também que tónico é na primeira sílaba, como o encurtamento *betre* o mostra, e não na segunda, como marca o DICC. CONTEM- erróneamente, êrro que por lapso escapou ao erudito e o autor dos SUBSIDIOS PARA A LEITURA DOS LUSIA-

Méndez Pinto usou três vezes a forma *bétere,* por ex.: que são hũas certas folhas como de tanchagem» —[2]. António Francisco Cardim, pelo contrário, deu a prefe- *bétele* — «a êste fim lhe deram na prisão veneno em »—[3].
palavra trouxemo-la nós da India; é da língua malabar, o Glossário de Yule & Burnell [4] significa «fôlha sim- *ila* (de *veru,* «simples», e *ila,* «fôlha»).
ma *bét(e)re* explica-se perfeitamente. Suprimido que da segunda sílaba de *bétele,* resulta *betle,* e *tl* não é sons tolerável em português; além disto, como os *tt,* me dravídico figuram, são cacuminais, o *l* passou a *r* guês, por ser cacuminal também esta consoante na nossa

de de Ficalho, no seu opúsculo FLORA DOS LUSIADAS [5], referindo-se à menção feita na estança 58 do VII Canto

...ca, 1904, p. 206.
...EREGRINAÇÃO, cap. CLXXVII.
...ATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS. Lisboa, 1894, p. 111.
...LOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.
...a, 1880.

do poema à verde folha da herva ardente, escreve *betle* aduz o outro nome, arábico, pelo qual foi conhecido dos nos *atambor* (AL-TANBUL), e que no ROTEIRO DA VIAGEM DE VA DA GAMA [1] se emprega para a designar: — «e tinha a mão querda huma copa d'ouro... na boca engaço de humas er que os homens desta terra comem pela calma, a qual cham atambor» —. É de advertir que êste nome é indio tamb mas árico, e não dravídico; é o sânscrito TAMBÛLA, arabiza depois aportuguesado.

Veja-se o vasto comentário do Conde de Ficalho aos Co QUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS, de Garcia da Orta, na morosa edição da Imprensa Nacional [2] dirijida pelo Conde; aí encontrarão todos os esclarecimentos, que seria longuíssimo rep duzir aqui: o índice, perfeitamente organizado, encaminhar leitor na averiguação de tudo o que resumidamente expus.

beto (=bêto)

Por informação do snr. Francisco Teixeira, natural de M dela, êste vocabulo designa em Trás-os-Montes uma espéci meia-pá de madeira, correspondente à *raquette* francesa. C êle se joga o *toque-emboque*.

Beto é tambem ali o nome de um jôgo, parecido co *cricket* inglês.

betume

Em Caminha, e provávelmente em outros pontos do Mi se não em toda a provincia, *betume*, ou *batume*, quere d «caldo grosso».

---

[1] Lisboa, 1861, p. 59.

[2] Lisboa, 1891-1892, dois volumes, afora a introducção intitulada G CIA DA ORTA E O SEU TEMPO, um vol., Lisboa, 1886.

bexigas

A variola já assim é denominada pelo Padre António Franco Cardim, que lhe chama «*peste*»:—«No anno de 1637 houve na ilha [de Áinão] uma universal peste de bexigas, de que morreu muita gente»—[1].

O nome lhes proveio das vesiculas que na pele se formam, do latim vesica, «empôla», com a mudança do *s* em *x*, por influencia do *i*, e a do *c* em *g*, por estar depois de vogal: *fogo* ¦ focum, e *Xisto* ¦ Sixtus.

À terrível doença chamam os médicos *variola*, não se sabe por que razão, visto a palavra ser artificialmente fabricada, derivando-a de *varius*, pois em latim não existia; parece, pelo contrário, que devera acentuar-se *variòla*, como a comparação com o francês *(petite) vérole*, o castelhano *viruelas*, e o italiano *vaiuòlo* o está indicando.

O que é de estranhar é que, entre as nove pragas que a soberana de Pohjola desencadeou sôbre os fineses, por lhe terem arrebatado ardilosamente o *Sampo*, ou «penhor de prosperidade», como se conta no Kalevala, não estejam incluidas as bexigas, que parece não eram conhecidas na Finlândia. Essas pragas foram: Pleuresia, cólica, reumatismo, tísica, úlcera, sarna, cancro, peste, e a última e peor de todas, a que não tem nome, o demonio da *enveja* [2].

bezerro

Termo de Leiria, e provávelmente de toda a Estremadura central —«buraco feito por uma fagulha, no fato, quando se está a engomar, a cozinhar, a meter pão no forno, etc.» —[3].

---

[1] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 239
[2] Kalevala, runa 45.
[3] Informação do snr. Acácio de Paiva, dali natural.

bica; biquinha; bico; bicuda, bicudo, bicudez

Além dos significados colijidos em vários dicionários, t[...] palavra *bica* mais dois: em Caminha quere dizer «sêmea [...] e na ilha da Madeira (Pôrto-Santo) é o nome de uma p[...] *(Anthus trivialis)*, à qual também se ali chama *biquinha*. [...]

Por outra parte, a forma masculina *bico* tem, alem d[...] apontadas, mais as seguintes acepções: Caminha: «beijo»; [...] deira: «focinho de cavalo». Geral: «aves de capoeira»: [...] gallinheiro é provido de poleiros suficientes para repous[...] *bicos*» —[1].

Em calão: «moeda de dois tostões».

Termo faceto: «bebedeira», como nestes versos de M[...] Roussado:

> — Como a scena é de taberna,
> Armei os versos em bico —.

Bicuda: «galinhola»: — «Já chegaram as *bicudas*, com[...] chamam os caçadores» —[2].

Bicudo: difícil, ex.: *tempos bicudos, negócio bicudo*.

Bicudez: (neolojismo faceto): — «apesar da bicudez do[...] pos» —[3].

bicha, bicho; bichar, bicharengo, bicheiro

Bicha: Trás-os-Montes: «víbora».

Ilha da Madeira: «milhafre».

Geral: figura de dança, em que todos os pares dão as [...] uns aos outros em fileira.

---

[1] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, in P[...]galia, I, p. 545.

[2] O Seculo, de 1 de novembro de 1901.

[3] O Dia, de 26 de setembro de 1902.

Bicho: peliça para o pescoço:—«Peles, romeiras, bichos [1]. É o que em francês se chama *boa (=boá)*.

Bicho do arceiro, ou *boieiro*, Pôrto-Santo (Puffinus Anglorum): «mergulhão», ave.

Bichar: «criar bicho a fruta»:—«Elvas, 30... A colheita da azeitona está começada, e é apenas uma meia novidade, se tanto, porque ultimamente bichou a de alguns vidonhos (redondal, conserva e cordovil)»—[2].

Bicharengo: Certã: «texugo».

Bicheiro: já rejistado no Nôvo Dicionário, como termo alentejano, com a seguinte definição:—«tubozinho de lata, por onde sái a extremidade superior da torcida das lanternas. (De *bicha*, por allusão á torcida)»—.

O étimo é sem dúvida o castelhano *mechero*, de *mecha*, «torcida», o qual tem significação análoga, e que provávelmente passou ao Alentejo, por audição, como muitos outros castelhanismos ali usados.

Difícil de identificar é o animal a que Fernám Méndez Pinto [3] chama *bicho de voo*, no que o compara ao morcego. Não me atrevo a alcunhar a descrição de fabulosa, para que me não caiba na cabeça a carapuça a que linhas antes êle alude na sua interessante narrativa:—«gente que vio pouco do mundo, por que esta como vio pouco, tambem costuma a dar pouco crédito ao muito que outros virão»—.

Eis a descrição do *bicho de voo:*—«Vimos aquy tambem hũa muito nova maneyra, & estranha feyção de bichos, a que os naturaes da terra [Batas, na Polinésia] chamão Caquesseitão, do tamanho de hũa grande pata, muyto pretos, conchados pelas costas, com hũa ordem de espinhos pelo fio do lombo do comprimento de hũa penna de escrever, e com asas da feição das do morcego, e o pescoço de cobra, e hũa unha a modo de esporão

---

[1] Anúncio no jornal O Século, de 14 de novembro de 1902.

[2] O Economista, de 4 de dezembro de 1892.

[3] Peregrinação, cap. XIV.

de gallo na testa, e o rabo muyto comprido pintado de verde e preto, como são os lagartos desta terra. Estes bichos de voo, a modo de salto, cação os bugios, e bichos por cima das árvores, dos quais se mantem»—.

Devemos confessar, que como descrição leva a palma às de Cuvier: assim ela seja a verdadeira!

bigode, *mostacho*

A palavra *bigode* é antiga na lingua, e existe também em castelhano com a forma *bigote*, ou antiga *vigote*. No DIÁLOGO ENTRE LAIN CALVO Y NUÑO RASURA, texto castelhano do XVI século (1570), publicado na «Revue Hispanique», t. x. (1903), encontram-se ambos os vocábulos:—«Otro estilo an tomado estos nuevos alcavaleros [judios] de poco tiempo aca, pasearse tiesso quatro dellos en cuadrilla *[sic]*, oliendo olores, putos de almizcle, algalia, benjui, perfumes, encrespandose los cabellos para arriba, i tirando sus viles vigotes i mostachos, por parecer mas valientes i rrobustos»—[1].

O termo *mostacho* veio para o castelhano, como para o francês *moustache*, do italiano *mostaccio* ou *mostacchio*, hoje em geral substituído nesta língua por *baffi*, e cuja orijem parece ser o grego moderno MOUSTÁKION, ou MOUSTÁKA, que tem a mesma significação que já tinha no grego antigo MÚSTAKS, juntamente com a de «beiço de cima»[2]: cf. *barba* em português, que quere dizer «a ponta do queixo» e «o pêlo da cara».

Ao mesmo passo, porém, que Luís de Camões já emprega o plural do vocábulo *bigode* nos LUSIADAS, Torquato Tasso, na Jerusalém Libertada, serve-se de uma circunlocução para o designar:—«Lascia barbuto il labbro e'l mento rade»—.

---

[1] p. 177.

[2] W. Pape, GRIECHISCH-DEUTSCHES HANDWÖRTERBUCH, Bronsvique 1880.

> Persas feroces, Abassis e Rumes,
> Que trazido de Roma o nome tem,
> . . . .
> Em sangue português juram descridos
> De banhar os bigodes retorcidos — [1].

Já antes, Gil Vicente usou o deminutivo *bigodezinho:*

> Pero — Êlle pôs desta maneira
> A mão na barba e jurou
> De meus dinheiros pagá-los.
> Vasco — ¿Essa barba era enteira
> A mesma em que te jurou,
> Ou bigodezinhos ralos? — [2].

A orijem do castelhano *vigote* parece ser a palavra *viga*, cujo nificado é o mesmo que em português; pelo menos é esta a nião da maioria dos etimolojistas, mas bastante problemática.

bilhafre

Esta variante de *milhafre* é usada por Francisco Rodríguez lo na CÔRTE NA ALDEIA [3].

Na ilha da Madeira designa o «francelho».

A mudança de *m* inicial em *b*, e *vice-versa*, conquanto pouco quente, não é sem exemplo em português: cf. *berrão* com *rrão*, *bicheiro (q. v.)*, «canudo para a torcida, com *mechero* stelhano, que tem o mesmo significado»; *batota* «tavolagem» m *matute*, «candonga» em castelhano, etc.

---

1 OS LUSÍADAS, X, 68.
2 FARSA DOS ALMOCREVES.
3 Diálogo III, ed. de 1774, p. 56.

bilró

É uma interjeição usada em Sam Miguel, dos Açôres, com a significação de *bravo!* [1].

biri-biri

—«Os batoques *[q. v.]* de que usam na guerra são de três especies... O *biri-biri* tem a forma de um charuto grosso e curto, com a ponta cortada: é enorme e geralmente tem os dois extremos cobertos com pelle. Amarra-se a uma arvore ou poste e é tocado com bocados de pau. O *biri-biri* é que dá signal para as povoações visinhas de que ha guerra ou preparativos para ella ...Tocado em combate, do lado do maior diametro, dá signal de avançar, e do lado do menor, signal de retirada... O *biri-biri* desempenha ainda, entre as populações selvagens, o horroroso serviço de cepo de carrasco» —[2].

bisbis

Na ilha da Madeira é o nome de uma ave, que também é conhecida por *abibe*, termo já colijido no CONTEMPORANEO.

biscato, biscalho, biscalheira

Biscalho se chama ao alimento que as aves levam no bico para os filhos; outras formas do mesmo vocábulo são *biscate* e *biscato*, e todas estas três formas teem aspecto de ser derivadas

---

[1] O SECULO, de 5 de julho de 1901.

[2] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

um primitivo *bisco*, ou *besco*, do latim uescus «magro», como propõe em dúvida o Nôvo Diccionário. A existir a palavra *besco*, a escrita dos derivados deveria ser *bescato*, etc.

Biscalheira, em Arcos-de-Val-de-Vez, é o nome que se dá a uma vara raxada na extremidade e destinada a colhêr o *biscalho*, que nesta acepção quere dizer «fruta pendente da árvore»: outro nome é *ladra*, que provávelmente se aplica quando a fruta não é colhida com permissão do seu dono, o que parece acontecer muito frequentemente [1].

biscouto, biscoito; biscoiteira

Alem do conhecido significado do primeiro vocábulo, aduz mais o Suplemento ao Nôvo Diccionário o de—«seixo, fragmento (de pedra)»—como antigo, e abona-o com o seguinte passo da Historia Insulana:—«... se chama êste caminho do Pedregal, por ser de huma, e outra parte de biscouto de pedra»—[2].

Nos meus apontamentos tenho êste vocábulo, com a seguinte explicação: «Termo dos Açôres: a camada de lava ondulada, que cobre certos terrenos». *Biscoitos* é também o nome de uma localidade na Ilha Terceira, e dêste substantivo comum lhe veio com certeza o nome.

Biscouteira: «redoma com tampa volante, para arrecadar biscoutos, bolachas, bolos». É um excelente neolojismo, já divulgado, para traduzir o vocábulo francês *bonbonnière*.

biselho

Quere dizer «atilho» [3].

---

[1] Veja-se J. Leite de Vasconcelos, Respigos camonianos, p. 46.
[2] II, p. 80.
[3] Trigueiros Martel, Culturas horticolas.

bitácula

Como termo de calão, «o nariz».

bitafe. V. pitafe

bitar

Voz transmontana, que quere dizer «entornar».

bisnaga

O Nóvo Diccionário diz provir êste vocábulo do árabe *bastinage*, de orijem latina, pastinaca. É natural que os arabes encontrassem a palavra na Península, e a afeiçoassem à sua pronunciação. Ora, o latim pastinaca deveria passar ao português, ou ao castelhano, com abrandamento do *c* em *g*. *pastinaga*. Não existindo em árabe nem *p*, nem *g* póstero-palatal (como em *paga)*, mudaram a primeira consoante para *b*, e a última para *ǵ*, palatal africata, quási igual a *dj*, pois é esta a pronúncia clássica da 5.ª letra do seu alfabeto, que no Ejipto se profere como o *g* de *gato*, e em vários pontos da Barbaria como o *j* português. Dêste modo, o romanço peninsular *pastinaga* passou a bastinage, e dêste procedeu o português *bisnaga*, com supressão da 2.ª sílaba átona *ti*. Cf. *Beja* do latim Pax, ou Pace(m) no acusativo (Pax Iulia), conforme demonstrou David Lopez no seu belo estudo Toponymia arabe de Portugal [1].

---

[1] *in* «Revue Hispanique», t. IX, p. 39, (1902).

bisaro, bizaro; sedeúdo, molarinho

Este termo, que o Recenseamento Geral dos gados [1] escreve *bisaro*, e cujo étimo é desconhecido, sendo difícil fiesar-lhe ortografia, designa uma raça de porcos própria do norte do reino, e assim definida na mesma interessante publicação oficial: —«cabeça comprida e estreita; orelhas tambem muito compridas e pendentes, chegando a dois terços e mais da extensão da cabeça. O pescoço é delgado: a extensão que vae desde a nuca a origem da cauda é muito consideravel, chegando a medir 1,40 e mais: linha dorso-lombar muito convexa ou arqueada; peito muito estreito e achatado ou espalmado, assim como o ventre, que é muito mais alto que largo. As pernas são tambem muito altas e ossudas. As cerdas são compridas e grossas, sendo a côr geralmente preta. Ha-os tambem brancos e malhados, e tendo somente a frente aberta, uma lista branca sobre a agulha das espaduas, e baixo calçados.

São geralmente muito corpulentos.

Os porcos de cerdas ou pellos mais densos compridos e grossos são chamados sedeudos (sedeudos), ou cerdosos; e aquelles em que ellas são menos grossas e compridas, mais raras e a pelle mais fina se chamam *mollarinhos*» —.

blasonar

Este verbo está definido em um sentido especial no jornal O Seculo, de 12 de agosto de 1900, nos termos seguintes: — «Ao entrarem nos logares destinados á realização das justas, o rei d'armas descrevia, em voz alta, os emblemas do escudo do cavaleiro vindo, e assim se ficava sabendo quem elle era. A isto se chamava *blasonar*» —.

---

[1] Lisboa, 1873.

A forma *blasonar*, em qualquer acepção, e a apontada parece ser a primitiva, é castelhanismo, pois ao *blasón* castelhano corresponde em português *brasão*, substantivo do qual se derivaria um verbo *(a)brasoar*, e não *blasonar*.

bobo

Júlio Cornu [1] atribui a orijem dêste vocábulo ao latim pupus, «rapazinho». Não creio: ao *ū* longo corresponde *u* em português, e não *o*.

Parece-me que para o português veio êste vocábulo do castelhano *bobo*, em que ainda perdura como adjectivo usual, no sentido em que empregamos *tólo*, e que procede nessa lingua do latim balbus, «gago». Que a palavra portuguesa não pode derivar-se imediatamente do mesmo étimo que a castelhana prova-se com a circunstáncia de que, a ser directa a derivação, a forma portuguesa seria *boubo*, como é em mirandês, com ditongo: cf. *outeiro*, cast. *otero*, de altarium, *poupar*, de palpare, *mouco*, de Malchus.

Outra circunstáncia que concorre para aceitarmos a proveniência castelhana é que *bobo*, em português, quere dizer apenas «jogral», e não produziu derivados, por ser termo de significado muito restrito, e de aplicação especial; entanto que em castelhano êle tem várias acepções, e deu orijem a nada menos de onze derivados por suficso, e três por preficso. Nesta lingua teve vitalidade: em português foi e é uma palavra estéril.

boçudo

Êste adjectivo, que suponho não ter existência independente, vemo-lo empregado junto ao substantivo paus, *paus boçudos*.

[1] Grundriss der Romanischen Philologie, I, p. 726, n.º 27.

…ção assim definida: — «mocas usadas como arma de guerra do gentio da África Occidental Portuguesa» —[1].

bofarinha, bofarinheiro: V. bufarinha

bogacho

Na Beira-Baixa quere dizer «novêlo» [2].

Em Lisboa chama-se *bogachinho* ao resto de um novêlo, quando já perdeu a forma globular: cf. *bogalho*.

boi; boi-bento; boi (de)-cavalo, boi de monta(da)

Na procissão do Corpo-de-Deus, celebrada em Caminha, vai deante um boi, nédio, formoso e corpulento, enfeitado de flores, com uma altíssima cruz, formada também de flores, erguida entre as armas. Chamam-lhe o *boi-bento*, como lá me disseram.

Boi (de)-cavalo, ou *boi de monta* ou *de montada* se denomina na nossa África aquele que lá substitui o cavalo, como montada. A primeira expressão está abonada no jornal O Economista, de 11 de agosto de 1885, e é a mais usual; a segunda é empregada na obra de Henrique de Carvalho, Expedição portuguesa ao Muatiânvua [3].

bolçar

A forma antiga dêste verbo é *boomçar*, *bonçar*, o que indica claramente o seu étimo *uomitiare*, como já o aponta D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na Revista Lusitana, I, páj. 299.

[1] P. Saturnino, Conferência feita na Sociedade de Geografia de Lisboa … de maio de 1900, publicada nos Avulsos.

[2] Informação do editor, natural de Almeida.

[3] Lisboa, 1890.

boliço

O vocábulo *reboliço* é muito usado; não assim pe primitivo, que era freqùente dantes, e que vemos empr cronista Rui de Pina: — «encomendárão ao Daião que com ella [a Rainha], para que quisesse repousar á vont dar causa a *boliços*, de que tanto mal se podia segui

bolo; bóla

Bolo-de-vinte-e-quatro-horas se chama em Aveiro perie de arrufada, que leva 24 horas a aprontar-se: te ovos e açúcar.

No Alentejo denomina-se *bóla* o chamado «queijo d que em outras partes se diz *queija*.

a boma, (e não) o boma

É palavra da África Oriental Portuguesa, e o seu está exposto no seguinte passo do JORNAL DAS Co 24 de dezembro de 1904: — «no *boma* ou forte se guarda» —.

Deu-se-lhe aqui o género masculino, infundadament línguas cafriais não diferençam géneros gramaticais, e pela sua terminação, é femenina em português.

bomba, bombo, bumbo, zabumba

Êstes vocábulos, mais ou menos onomatopoéticos, i tativos de sons, com os seus derivados, como *bomba*

[1] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LIII

ro, dariam causa a uma extensa monografia, (tam abundante e minuciosa como a que Hugo Schuchardt consagrou aos derivados do latim cochlea [1]) a começar pela interjeição *bum!*, só, e repetida, *bumbum!*

Consignarei aqui apenas o seguinte:

A forma *bumbo* é a popular, talvez por influência da interjeição, e ampliada ainda com a sílaba *za-* prefiesada, o que aproxima o vocabulo do castelhano *zambomba* (pr. *ṣambomba*), nome que em Espanha se dá ao instrumento grosseiro e importuno a que em português se chama *ronca*, o qual consiste numa caixa de resonancia mais ou menos cilindrica, aberta num tôpo, e coberta no outro com uma pele esticada, a que está preso internamente um cordel encerado, pelo qual se corre a mão para o fazer soar.

A forma tida por culta, *bombo*, designa um tambor ou caixa, antigamente muito alto, hoje de altura inferior ao diâmetro, o qual se tanje com uma maçaneta.

A palavra parece que veio para cá do italiano, como outros nomes de instrumentos: em italiano da-se o nome de *bombo* a uma nota musical, repetida, sem variação alguma *(ronca)*, e o bombo, na realidade, não dá mais que uma nota, se nota musical se pode chamar o soído de uma pancada, sempre a mesma.

Em razão da forma, dão os pescadores da tartaranha, no Tejo, seixalenses e barreirentos, o nome de *bumbo* a uma selha alta onde expõem à venda o peixe no mercado da lota, no Aterro da Boa-Vista.

Os *bumbos* são feitos de um barril serrado ao meio, e portanto, de cada barril fazem-se dois bumbos, ou selhas dessas.

---

[1] ROMANISCHE ETYMOLOGIEEN, II, *in* «Sitzungberichten der Kaiserlichen Akademie der Wissenschaften in Wien», 1899.

bombaça

No estudo de Rocha Peixoto intitulado Os PALHEIROS DO LITTORAL [1] lê-se: — «D'uma cobertura de duas aguas (de duas correntes), telhada, raro cólmo, irrompe, para escoante do fumo da cozinha, uma bombaça, quando não é uma simples abertura ou mesmo nada» —.

Antes [2] dissera o mesmo escritor, referindo-se a edificações portuguesas várias: — «Dos telhados, resaltando á frente sôbre cachorros de madeira, recortadas e ligadas ao frechal... sobem chaminés de tipos varios, como a bombaça (Minho e Douro) ou as que semelham tumulos (Alemtejo), minaretes e zimbórios (Algarve); n'outros nem existem: é na serra, onde as paredes parecem uniformemente vestidas de fuligem» —.

Estes dois trechos completam-se um ao outro.

É pois a *bombaça* uma espécie de chaminé, e é vocábulo ainda não rejistado em dicionários.

A propósito direi que o povo pronuncia melhor que os cultos a palavra *chaminé*, pois diz cheminé, do francês *cheminée*; a forma literária *chaminé* é devida a falsa analojia com *chama* | flamma, vocabulo com o qual não tem nenhuma relação.

O francês provém de *caminata* | caminus, palavra que os romanos receberam dos gregos.

bombeiro

Designa êste vocábulo, nas marinhas do sal, um tabuleiro sôbre o comprido, com um cabo, e um pau roliço atravessado de meio por dois buracos abertos nas paredes laterais.

---

1 *in* Portugalia, I, p. 87.
2 *ib.* p. 83.

Vem figurado no jornal O SECULO, de 10 de junho de 1901, tamente com outras alfaias usadas na lavra do sal.

bomboteiro

Esta palavra, usada no Funchal, é o aportuguesamento, com ufixo *-eiro* do vocábulo inglês *bumboat*: — «Logo que fundeou «Donne-Castle», foi rodeado por grande quantidade de barcos, duzindo bomboteiros. Dá-se este nome aos homens que se pregam na venda, a bordo, dos productos da ilha, entre os es aguardente e vinho» —[1].

bondoso, bondadoso

Bondoso significa o que tem *bondade*, e também existe o jectivo *bondadoso*, de que o primeiro é forma simplificada [2].

Não são poucos estes casos de haplolojia em português, e emplos analogos temos em *saudoso* por *saudadoso*, de *saudade*, *idoso* por *caridadoso*, de *caridade*, *cuidoso*, por *cuidadoso* *cuidado*, sendo a segunda forma do adjectivo a mais usual je, mas que o não era no tempo de Camões depreende-se do prêgo que fez de *cuidosos*:

> Do futuro castigo não cuidosos [3].

Outro caso de haplolojia com polissíntese é, por exemplo, *dalgo*, por *filho de algo*.

Para evitar a haplolojia, ou simplificação dos vocábulos meante supressão de uma sílaba, quando duas sílabas consecuti-

---

1 O SECULO, de 2 de março de 1900.

2 J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 272.

3 OS LUSIADAS, III, p. 132.

vas começam pelos mesmos elementos consonânticos, muda-se a meúdo a vogal surda da primeira delas, em outra mais distinta; assim temos: *didal*, por *dedal* ; *dedo*, se não de d i g i t a l e, pois dizemos *dedeira*, sem haplolojia; *jijum*, e *jujum*, por *jejum*; *pipino*, por *pepino*, etc.

Haplolojia notável é a que simplificou antigamente *considerar* em *consirar*, que vemos, por exemplo, em Rui de Pina, CRONICA DE EL-REI DOM AFONSO V (cap. II). O povo, ainda hoje, porque o verbo nas formas arrizotónicas, como o infinito, tem um e escrito, que se não lê, pois pronunciamos *considrar*, e não, *considerar*, conjuga-o nas rizotónicas sem esse *e*, dizendo *considro* por *considero*, assimilando-o a *vidro*, de *vidrar*, que não é *vídero*.

bonideco

Esta expressão adverbial, usada nos Açores no sentido em que empregamos *de boa vontade*, ou em francês *volontiers*, tem orijem erudita: é o latim b o n o e t a e q u o, com supressão do o do primeiro vocábulo.

bonzo

É vocábulo japonês, e como tal sempre foi considerado, havendo sido introduzido na Europa pelos portugueses. É frequente nos nossos escritores, quando se referem à China, Japão, Aname, Siame, Camboja, a toda a parte da Asia onde impera, como relijião dominante, o budismo, mais ou menos adulterado. — «Depois da morte de seu pai foram os b o n z o s que assistiram ao pagode» —[1].

Os nossos dicionários e os alheios dão como étimo a esta voz peregrina a forma japonesa *bozu*; mas a verdadeira escrita seria

---

[1] Antonio Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894.

bónzu, dando-se ao *ou* o valor que tem em português.
é desta forma, porém, que o vocábulo foi tirado, mas sim
outra dialectal, *bónzu*, o que explica a vogal que adquiriu
português.

É freqüente esta adjunção de *n* às consoantes sonoras entre
s, em certos dialectos da lingua do Japão, e assim se moti-
as escritas portuguesas *Nangassáqui*, *Cangoximá*, etc.

O mesmo aconteceu ao vocábulo *biombo*, em japonês *biôbu*,
biómbu.

boqueirão

O NÔVO DICCIONÁRIO rejista êste substantivo como nome de
peixe, cuja vivenda é no Algarve e nos Açôres.

Todavia, no jornal O ECONOMISTA, de 14 de setembro de 1888,
do o CAMPEÃO DAS PROVINCIAS, de Aveiro, lêmos: — «No
cado não ha positivamente nada. Um pouco de boqueirão
restava das ultimas pescas, vendeu-se logo que aqui chegou
0 reis o milheiro» —.

Parece portanto que se encontra em outras águas mais ao
.

Em castelhano há *boquerón*, que o Dicionário da Academia
reve do seguinte modo: — «Pez del orden de los malacopte-
s abdominales, muy comun en el Mediterráneo, de unos ocho
ímetros de longitud, cuerpo largo («comprido») y compri-
, verdoso por el lomo («lombo») y plateado en lo demas, y
que se prolonga hasta detrás de los ojos» —. Parece ser
último característico o que lhe deu o nome. Ignoro se o
que em português se chama *boqueirao* é êste mesmo.

bôrco (pl. bórcos); emborcar

Tanto no DICCIONARIO CONTEMPORANEO, como no NÔVO
CIONARIO dá-se êste vocábulo por somente usado na locu-
adverbial *de bôrco*, o que inspirou a Julio Cornu a etimolo-
de porco, bastante singular e inverosimil. No Suplemento ao

Nôvo Dicc. relaciona-se *borco* com *bolcar*, dado no corpo do dicionário como vocábulo transmontano, com o significado de «fazer cair, voltando» —. *Bôrco*, porém, existe como substantivo independente.

No meu trabalho sôbre o falar bragançano, inserto no I volume da Revista Lusitana, a páj. 212 [1], incluído no vocabulário transmontano que ali publiquei, rejistei o verbo *emborcar*, comparando-o com o castelhano *volcar*, «tombar» um carro, por exemplo, e o português comum *emborcar*, subordinando-os todos ao latim *inuoluicare*, de uoluere. Ainda mantenho a mesma opinião, que é confirmada pelo substantivo *bôrco*, «tombo» empregado no seguinte trecho: — «[cambalhota] de cima para baixo aos bórcos como cobras» — [2].

bordão

Esta palavra, na acepção de «modo-de-dizer que se repete a miúdo, tornando-se habitual, e a bem dizer inconsciente», e que em castelhano, com a mesma relação figurada, se diz *muletilla*, é já antiga em português, pois a vemos empregada neste sentido por António Francisco Cardim nas Batalhas da Companhia de Jesus [3]: — «o bordão com que se defendem nas respostas é dizer que assim está nos seus livros» —.

bornudo

«Ave de formosas pennas» — [4]. Difícil definição para se poder identificar, pois tanto poderia ser um pavão, como um canario: em todo o caso, a ave, descrita com tanta parcimónia, é da Africa Oriental Portuguesa.

---

[1] 1887-1889.

[2] Marcelino de Mesquita, O Tio Pedro.

[3] Lisboa, 1894, p. 259.

[4] Diocleciano Fernandez das Neves, Itinerario de uma viagem á caça dos elephantes, Lisboa, 1878, p. 58.

borracheiro

Este vocábulo está definido no Nôvo Diccionário como signi-
ado: — «fabricante ou vendedôr de borrachas» —.

Tem, porem, outro sentido, que não está rejistado: é «o in-
íduo de Rio-Maior que daquela povoação conduz vinho para
obaça», naturalmente em odres, ou b o r r a c h a s. Assim me
rmou uma criada natural daquela freguesia.

Que o mesmo nome se da na Ilha da Madeira aos trabalha-
es ocupados em analogo mester prova-se com um bilhete pos-
ilustrado, o n.° 111 da colecção B. P., o qual representa uma
ia de homens, com borrachões ao ombro, junto ao casal, em
a parede exterior estão enfileirados alguns cascos, com um
tampos virado para essa parede e o outro para os homens:
enda diz: — «MADEIRA BORRACHEIROS» —.

Ha porém uma diferença entre os *borracheiros* do Riba-Tejo
os da Madeira: é que estes transportam em borrachões o mosto,
lagares para as adegas, entanto que os outros, em iguais
lhas, conduzem o vinho já feito, como fica dito.

bostear: bosteiro

O Nôvo Dicc. rejista êste verbo, como sinónimo de «embos-
», derivado de *bosta*.

Na India portuguesa, conforme informação do capitão-de-mar-
guerra Júlio Elesbão Pereira Sampaio, que ali serviu por muito
po, *bostear* significa: «revestir de bosta as paredes» —.

O Nôvo Diccionario define o vocábulo *bosteiro* do modo se-
inte: — «escaravelho que vive na bosta» —.

O Contemporaneo contentara-se com dar o vocábulo, cuja
gem e evidente, como sinónimo de *escaravelho*, e creio que
ie razão. Com efeito, na Gazeta das Aldeias, de 24 de se-
mbro de 1905, lê-se: — «O escaravêlho, como a maioria das
ecies do género, sustenta-se dos dejectos dos herbívoros, prin-

cipalmente da bosta dos bois e dos cavallos. Dahi lhe veio nome popular de *bosteiros*, por que a gente das aldeias ma usualmente os conhece» —. Vê-se, portanto, que não é nome qualquer espécie diferente, mas sim alcunha que lhe foi po em razão dos seus hábitos. Nem êle vive na bosta, o que traria existência muito precária; se a busca, é para alimento não para fazer nela vivenda.

A mesma útil publicação acrescenta: — «Julgou-se dura muito tempo que o escaravêlho preparava esta bola (que for da bosta) pâra nella depôr os ovos, mas está recentemente pr vado que ella é única e exclusivamente destinada á alimentaç do insecto» —.

Como a Gazeta das Aldeias segue à risca o sistema acentuação e quási pontualmente o ortográfico adoptado no No Dicc., ao leitor do centro do reino depara-se por vezes indicaç de pronunciações que lhe são estranhas, e nas linhas que tra crevi há duas dessas: a primeira que, conquanto diversa da é corrente em Lisboa, é menos singular, *escaravêlho*, que capital se pronuncia *escaravâlho*: e a outra, mais inespera *gênero*, que em todo o litoral no sul, desde o extremo Alga até Figueira da Foz, pelo menos, se profere *género*, com *e* ab na sílaba predominante, que é a primeira.

Entendo ser defeituoso êste sistema de uma parte do re impôr pela escrita as suas pronunciações locais ao resto das p víncias, mormente à capital, que decerto as não seguirá. É razão disto que eu, apesar de adoptar um sistema rigoroso acentuação gráfica, marco sempre com o sinal geral do ac tónico, o agudo (´), as vogais *a*, *e*, *o* antes de consoante na por o seu valor variar muito de uns para outros pontos, e com o circunflexo, que particular e únicamente serve para in car, em caso de necessidade, o *e* e o *o* que são proferidos c fechados em toda a parte [1].

---

[1] *V.* sôbre êste assunto Ortografia Nacional, do autor, Lis 1904, p. 179-181.

bota-d'água

calçado, apropriado a resistir à agua, especialmente nas a vau, esta já designado com êste nome no Suplemento ÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, referente aos anos -1762, em um aviso de 23 de outubro de 1753: — «se dê mentos de Dragões do seu Exercito botas de agoa» —.

bouça

palavra, formalmente, parece provir de baltea, plural do adjectivo baltens, baltea, balteum, substantivado, latim significa «o que cinje», e do qual o MAGNUM de José António Ramalho [1] nos diz ser mais usado bstantivo no plural. É definida no DICC. CONTEMPORA-no termo minhoto, com a significação de — «terreno onde matto para adubo, por não ser proprio para cultura» —. monografia de Alberto Sampaio AS VILLAS DO NORTE DE AL. [2] lêmos o seguinte: — «as bouças *(bauzas, bustelos)* eciam o matto para a cama dos animaes, e a lenha» —: deduz que a acepção é mais lata.

braga, bragal

meiro dêstes vocábulos, do latim braca, e mais trivial-racae no plural, como acontece entre nós também com geminados, de que se faz uso, por ex.: *calças, óculos, çapatos*, etc., não designa em português, como na lingua provém, «calças compridas, até os pés», mas calçotas

---

[1] lisboa, 1819.
[2] Portugalia, I, p. 324.

curtas, ainda mais que os calções, como as que usam os se-
res de madeira. Designa também, no singular, a argola de
ou grilheta onde prendia a cadeia de ferro dos condena
trabalhos publicos, e que se via frequentemente ha cinq
anos em Lisboa nos calceteiros, quando o oficio dêstes er
sempenhado por bandos de galeotes, acorrentados a dois e d
que se denominavam tambem *grilhetas*. V. **calceta.**

Alberto Sampaio, na excelente monografia As Vila
Norte de Portugal [1], refere-se dêste modo aos dois voca
da epigrafe: — «A terminologia da cultura, cura, fiação e
dura do linho no norte de Portugal tem a mesma proce
romana: assim bragal, designando tanto a roupa branca
o pano que lhe é destinado, e braga, bragas (de *braca*, p
gallo-latina), massar (*massare*, esmagar as hastes do linho
topa (*stuppa*), tomentos (*tomentum*), espadella (diminuti
spatha), espadar ou espadelar (bater com a spatha ou espa
estriga (*striga*), fuso (*fusus*), maunça ou mança (*manunc*
de *manuntium*, ou de *manicia*, pl. de *manicium*), e roca (r
got., em esp. *rueca*, em ital. *rocca*) — todos estes termos p
do latim, excepto o ultimo, cuja origem germanica nas tr
guas é singular» —.

No Elucidario de Santa Rosa de Viterbo vem um
discurso sôbre o termo *bragal*; nem aí, porem, nem em ne
outro dicionario vejo apontada uma acepção especial que
esta palavra, e é o «pano com que se cobre a farinha dep
amassada» — [2].

breca

O significado dêste vocabulo é *caíbra*, e a êle se deve
bordinar as varias locuções compendiadas no Suplement
Nôvo Diccionario: *levado da breca* «travêsso»; *foi-se*

---

1 *in* Portugalia, t. I, p. 317.

2 Revista Lusitana, t. VI, p. 126.

eca. «foi-se espantado»; *faz cousas da breca*. «faz cousas diabólicas», «como se estivesse atacado de cãibras».

brejo, brejeiro *(=brèjeiro)*

O étimo do primeiro dêstes vocábulos é desconhecido, pois o ...s plausivel, em grego [illegible], «paul», oferece grandes di...uldades foneticas e mesmo históricas, para de leve poder acei...-se.

De *brejo* parece provir *brejeiro*, com *è* aberto átono na pri...eira sílaba, isto é, sem enfraquecer o *é* do radical, o que aliás ...ede quasi sempre antes de consoante palatal, quando o *e* é ...rto: cf. *frècheiro*, de *frecha*, *sèjeiro*, de *sêje*, *vèlhice* de *velho*; ...em obsta a esta lei *enquejoso*, de *enquêja*, pois o *e* antigamente ...a fechado, como procedente do *i* de invidia, e o ser aberto ...vem de se haver tomado como substantivo verbal.

Não me ocorre em que dicionario português se explicava *bre...ro* como derivado de *brejo*, «porque nos brejos se fazem ...-as brejeiras»—.

Este adjectivo significa «obsceno», e «ordinário», e neste ...tido se empregava para denominar certos cigarros do antigo ...ntrato de tabacos, anterior a 1864, feitos com pessimo e fetido ... picado, escorrendo melaço, e com as mortalhas de ruim pa..., manchado de nódoas alambreadas, do reçumar da humidade ... tabaco: custavam a três 5 réis. Parece que ainda hoje assim ... denominam os cigarros piores, comprados já feitos, como se ...preende do seguinte passo, primor de observação rigorosa:— ... jugão e andar de fadista, cigarro *brejeiro* sempre ao canto ... bocca, cuspindo a meudo por entre os dentes»—[1].

---

[1] O SECULO, de 10 de setembro de 1900.

brelho

O latim imbrex, imbricis, que provém de imber, imbris «aguaceiro», e significa «telha» (| tegula), está provávelmente representado em francês pela palavra *brique*, e em italiano por *bricca*, «barranco por onde a água se despenha», e que num sentido especial foi talvez o étimo imediato do termo francês. Em português temos no Minho um vocábulo, não derivado directamente do imbricem, mas do deminutivo imbriculum: é *brelho*, «(fragmento de) tejôlo», colijido por J. Leite de Vasconcelos, que lhe atribui, com razão, esta etimolojia [1].

Vocábulos modernos da mesma orijem são *imbricar*, *imbricado* | imbricare. Outra etimolojia proposta para o francês *brique* é o inglês *brick* | *break* «quebrar».

brendo

Na Beira-Baixa denomina-se assim uma espécie de garfo, de quatro a seis dentes, fabricado de madeira pelo carpinteiro, em oposição a *tomadeira (q. v.)* [2].

brinco, brincar

Ou *brincar* provenha de *springan*, no sentido de «pular», e de *bli(n)kan*, no de «gracejar, entreter-se», sendo portanto formas converjentes; ou proceda de um só dêstes verbos germanicos, sendo a segunda acepção desenvolvimento da primeira; ou ainda, o substantivo *brinco* significando «pinjente» seja o latim uinc(u)lum, independente portanto de *brinco*, substantivo ver-

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 207

[2] Informação do editor, natural de Almeida.

bal rizotónico do verbo *brincar:* o que é certo é que êste em português adquiriu significados em que o seu correspondente castelhano *brincar,* «pular», o não seguiu, pois na segunda acepção se diz ali *jugar, juguetear.*

Entre o povo, no continente, o verbo *brincar* era usual no sentido de «bailar», e ainda hoje não perdeu de todo essa acepção, que vemos exemplificada na seguinte quadra, vulgar há cinqüenta anos:

Ó menina das laranjas,
¿Você que dá e que tem?
Você está tam coradinha,
Você brincou com alguém.

Êste significado conserva o substantivo verbal na Índia portuguesa, em Goa pelo menos, como se lê no seguinte trecho de uma correspondência de lá, publicada no jornal O SECULO, de 26 de julho de 1902: — «Danças chamadas *brincos*, populares, de christãos brahamenes *[sic]*, moiros e outros gentios, com suas musicas caracteristicas» —.

O mesmo substantivo, que também significa «brinquedo de criança», foi por Antonio Francisco Cardim empregado num sentido muito especial, o de «galantarias», «bujigangas», correspondente ao francês *bibelots*, e que o traduz perfeitamente: — «Era força ir o padre ao paço beijar a mão ao principe pela mercê, e apresentar-lhe agradecido alguns brincos da Europa e China» —[1].

Brincos da China é tambem expressão de que já se servira Fernam Méndez Pinto, no mesmo sentido de «galantarias»: — «o embaixador comprou muitas peças ricas e brincos da China que aquy se vendião muyto baratos, em que entrou grande quantidade de almizere, porcellanas finas, seda, retrós, e pelles de arminhos» —[2].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 145.
[2] PEREGRINAÇÃO, cap. CLXVI.

(de) bruços

Êste modo adverbial, cuja significação é «de peito para baixo», «estendido com o rosto para o chão», e à qual corresponde o castelhano *de bruces*, é explicada imperfeitamente por *buz*, com fundamento em que os dicionarios castelhanos consignam também a variante de *buces*, que suponho não ser lejítima. Com respeito ao *buz* com o qual o relacionam, pode ver-se o DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO de F. Adolfo Coelho, o qual resume a argumentação de Diez, que aqui não repito, por me parecer de pequenissimo pêso.

A expressão parece não ser antiga em português, visto que Bluteau a não incluíu [1]. Partindo desta omissão, suponho que a locução, muito trivial hoje, e da qual se derivou o verbo *debruçar-se*, proveio de Espanha, por intermedio do castelhano, o qual, todavia, não derivou verbo da sua expressão *de bruces*, como aconteceu em português com *debruçar*.

A orijem dêste modo adverbial parece-me ser o vasconço *buruz* (pronunciado *buruç*), caso modal de *buru*, «cabeça». É certo que o Dicionario vasconço-francês de Van Eys [2] só dá a êste caso modal *buruz* a significação «de cor», «de cabeça», como também dizemos; é possivel, porém, que, assim como por meio do mesmo sufixo *-ez*, de *oñ*, ou *oin*, «pé», se forma *oñez*, *oinez*, «a pé», a forma *buruz*, significasse «de cabeça para baixo», e que dessa acepção restrita, em qualquer parte das Vascongadas o caso modal indicado viesse a significar também «de cara para baixo».

É isto uma simples hipótese, que me parece mais aceitável do que a proposta por Diez, e por isso aqui a rejisto, para fundamento de mais rigorosa investigação.

---

1 VOCABULARIO PORTUGUEZ LATINO.

2 DICTIONAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873, *sub voc.* **buru**.

bruxa, bruxo; bruxulear

Instintivamente se faz a aprossimação dos dois primeiros vo-ulos com o terceiro. Até agora, porém, as investigações etimo-cas levam-nos a considera-los distintos. Da-se como etimo mais -imil do *bruxulear*, português e castelhano antigo, *bruju-r*, (pron. *bruxulear*) castelhano moderno, em ultima análise verbo latino *p e r u s t u l a r e*, que seria orijem tambem do -ano *brustolare*, *bruciare* e *brusciare*, os quáis, como o fran-antigo *brusler*, e o moderno *brûler*, significam «queimar», arder».

Não mencionarei aqui outras hipóteses, a não ser a titulo de -osidade, e por ser de quem é, a de João Storm, a qual con-e em admitir a influência do germánico *brunst*, «queima», -va-lo de *brennen*, «queimar», num latim *b u s t i a r e* | b u s t u m, -ueira» (cf. c o m b u r e r e, «queimar»), de que resultaria uma -a nova no latim popular *b r u s t u l a r e*, *b r u s t i a r e*, de que -derivariam as formas italianas e a francesa.

Se algumas conjecturas mais ou menos plausiveis se teem -o acêrca da etimolojia de *bruxulear*, nenhuma se apresentou -la de *bruxa*, que apresente probabilidade; não serei eu de -e quem tente nem mesmo descerrar o véu que encobre a -em dêste interessante e tam popular vocábulo, porque me -am absolutamente investigações que ofereça ao leitor como -o de opinião minha.

Chamarei apenas a atenção para os seguintes factos. O fenó-no denominado *fogo fátuo* não tem nome vulgar conhecido -todo o pais, e sómente em alguns pontos dêle me consta lhe -am *alminhas*, porque em geral é frequente nos cemitérios -a aparição. Outro tanto acontece em Espanha.

Ora não é crivel que tam visivel fenómeno ficasse sem nome, que os especialistas lhe pusessem a alcunha que agora tem, -nhecida do povo miúdo porém, e que é um arremêdo ala-do da expressão francesa *feu-follet*. A minha conjectura é -existe em *bruxa* e *bruxulear* intima conecsão; e, signifi-

cando o verbo *bruxulear*, «lampejar», dar clarões incertos e de intensidade variável, êle seja derivado de *bruxa*, tendo esta palavra sido, em qualquer tempo ou lugar, tanto em Espanha como em Portugal, a designação popular do fenómeno.

Parece-me que neste sentido se devem nortear as investigações que se façam para descortinar o étimo do vocábulo *bruxa*, considerando-se *bruxulear* um derivado romanico-peninsular dêsse vocábulo.

Como subsidio para essa investigação apresento aqui um texto extraido de obra antiga de muito interêsse, e que serve de amparo à minha hipótese. «Por conclusion noto aqui, que aquella vision nocturna que en algunos Paises llaman *Hueste*, y quieren que sea procesion de b r u j a s, es mera fabula, a que dieron ocasion las exalaciones encendidas, que los Fisicos llamam *Fuegos fatuos*. El vulgo, viendo aquellas luces y no pudiendo creer que fuese cosa natural, la atribuyó á la operacion diabolica»[1].

A *hueste*, «hoste», a que o autor aqui se refere, é a *Estantiga*, em castelhano *Estantigua*, a p r o c i s s ã o d e m o r t o s da superstição medieval, *das wütende Heer*, acêrca da qual se lerá com muito proveito o que D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos escreveu no vol. III da Revista Lusitana, e onde deixou perfeitamente averiguada a etimolojia do vocábulo, *hueste antigua*.

É sabido que no Brasil se chama ao fogo-fatuo *caipora*, termo tupi *(Cahapora)*, que também designa o deus das selvas, protector dos animais silvestres, hostil ao caçador, a cuja manifestação os indios bravos atribuem o dito fenómeno, conforme todas as probabilidades.

Concluirei com uma observação justa. Pondera-me em carta o snr. Acácio de Paiva que é talvez temerária a suposição de que *bruxa* algures no reino se aplique ao *fôgo fátuo*, visto que

---

[1] Theatro Critico Universal. Discursos varios en todo genero de materias para desengaño de errores comunes, escrito por el M. I. S. D. Fr. Benito Geronimo Feijoo Montenegro, t. II, 66, p. 196, MDCCXLV.

parte nenhuma o vocábulo designa *alma-do-outro-mundo*, ...do certo que na opinião do vulgo o poder ou condão fatal da ...xa lhe provém do diabo, e que ela é sempre criatura viva e ...ifica.

bubela

Por êste nome se designa em Trás-os-Montes a *poupa*, como ...vê do trecho seguinte: — «Outra [tradição], a da *bubela* (poupa) ...sfarçada milagrosamente em Nossa Senhora» —[1].

Incluí, no vocabulario transmontano que publiquei no I vo...me da «Revista Lusitana» [2] o mesmo vocábulo, e para aqui ...anscrevo a sucinta observação que ali lhe consagrei: — «*bu-...la*, poupa (ave): latim *upŭpella*, deminutivo de *upŭpa* pela ...eda do *u* [inicial] e abrandamento de *p* em *b*: cf. port. *bispo*, ...stelhano *obispo*; port. *baço*, catalão *ubach*, opacium, opa-...um. Em galego é também *bubela*, em mirandês *boubela*, em ...stelhano *abubilla*, havendo-se dado igual abrandamento de *p* ...n ambas as sílabas, como se deu no italiano *bubbola*, que per-...u a vogal inicial. Tanto a forma portuguesa, como a miran-...sa e as dialectais italianas *poppa*, *popo* fazem pressupor uma ...rma latina *uppupa*» —. Depois, em nota acrescentava: — ...O dr. Hugo Schuchardt [3] admite upúpa, que não explicaria o ...tongo *ou*, nem a reduplicação da consoante ou o *o*, dialectais ...alianos» —.

bucho, bucha

Êste vocábulo no sentido de «estómago», como no de «mús-...lo da coxa e do braço», provém do latim musculum, que já

---

[1] Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DE MÓFREITA, *in* «Revista ...Educação e Ensino», 1891, p. 544.

[2] FALAR DE RIO-FRIO, p. 205.

[3] LITTERATURBLATT FÜR GERMANISCHE UND ROMANISCHE PHILO-...OGIE, 1883, 3.

tinha o sentido expresso na segunda acepção, conquanto a pr
mitiva significação fosse «ratinho», como deminutivo de mu
«rato». Em castelhano à acepção de «músculo» correspon
muslo, e à de estómago *buche*, ambos os quais teem a mesm
orijem latina, sendo formas diverjentes naquele idioma.

O Suplemento ao Nôvo Diccionário aduz tambem uma form
femenina, *bucha*, que escreve *buxa*, abonando-se com Camilo Ca
telo Branco; mas esta escrita é evidentemente errónea.

buço, embuçar, boçal, rebuçado

No Nôvo Diccionário atribui-se, em dúvida, como étimo
êste verbo, o substantivo *buço*. D. Carolina Michaëlis de Vascon
celos opina por êste étimo, cuja orijem seria o latim bucceu
adjectivo postulado, me parece, por buccea, «bocado» ¦ bucca
Conforme a douta romanista, *embuçar-se* querera dizer «cobri
a metade inferior do rosto até ao buço com capa ou capote» —
Em confirmação dêste modo de ver aduz a mesma escritora
formas castelhanas agora escritas *bozo*, *embozo*, *rebozo* e se
derivados, e de *buço* deriva *buçal (boçal)*. Assim sera, conqua
a forma portuguesa com *u* por *u* latino seja um óbice impo
tante, por existir o vocábulo *boca*, no qual dêsse *u* resultou *ô* no
malmente. Por outra parte, parece-me violenta a metáfora, q
atribuiria ao participio de *rebuçar* o significado que tem o sub
tantivo *rebuçado*. Em todo o caso é enjenhosa a hipótese, e of
rece bastantes probabilidades, visto não ser admissível que *buço*
português, tenha orijem diferente do *bozo* castelhano, o que pre
supõe igual parentesco nos competentes derivados.

bufarinha, bufarinheiro

O primeiro dêstes termos é definido por Cândido de Figuei
redo, no Nôvo Diccionário, como significando — «cosmeticos d
pouco valor; bugiganga; quinquilharias» —; e o segundo com
— «vendedor de bufarinhas» —.

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [1] dá como primitivo *farias*, de que proviria *bufarinha*, como de *escrevania*, *es-revaninha*, de *endemoniado*, *endemoninhado*.

A esta conjectura há apenas a opor que nos dois vocábulos ...dados como termos de comparação a nasal *nh* foi ali atraida ...la nasal da silaba anterior, e prevaleceu a palatal *nh* e não a ...nasal *n*, em virtude do *i*, que é vogal palatal; assim se explica ...e uinum desse *vĩo* e depois *vinho*, ao passo que de unam ...oveio *ũa* e depois *uma*, por ser o *u* labial. Ora, não se deu a ...imeira dessas condições, para que de *bufarias* resultasse *bufa-...inhas*, e conseguintemente é duvidoso que o vocábulo português ...*farinheiro* seja o correspondente formal do castelhano *buho-...nero*, que com êle condiz na significação; e portanto o étimo pro-...osto esta longe de demonstrado, apesar de ser tam tentador, que ...ocorreria a Bluteau, que se expressa dêste modo: «*Bufari-...nheiro*. Deriva-se do Castelhano *Buhonero*, e êste de *Bufonero*, ...orque segundo Cobarruvias vẽ de hũs toucados, que em Castella ...e chamam *Bufos*, e por outro nome *Papos*. O Bofarinheiro ...va a sua tenda as costas em huma arquinha, chea de varias ...indezas, como são fitas, pentens, estojos, etc... Segundo o ...ágio, Cada *bofarinheiro* louva os seus altinetes» — [2]. O étimo ...xtremo seria o latim bufo, do qual tambem procede *bufão*.

Por tudo isto se vê que a definição do Nôvo Diccionário é ...exacta, por muito restrita.

Quando eu era criança pequena, aí por 1847, percorria as ...as de Lisboa um bufarinheiro, com a competente *arquinha* ...u tabuleiro de tampa de vidro, que num pregão cantado, com ...uitas variações, mas sempre as mesmas, anunciava a mercancia ...uma lenga-lenga extensissima, a qual começava assim: «Pentes ...e tartaruga, travessinhas; pentes da moda bonitos para as se-...horas; etc...»; findando sempre dêste modo: «Va lá leques, ...ques para as senhoras!».

---

[1] *in* Revista Lusitana, III, p. 135.

[2] Vocabulario portuguez latino.

bufo

Esta palavra, que designa uma ave nocturna, foi transferida metafóricamente para indicar um indivíduo da polícia secreta, do mesmo modo que nos tempos de D. Miguel os esbirros da ronda nocturna se chamavam *morcegos*. O termo *bufo*, neste sentido, está abonado no seguinte trecho: — «Tinham sido os dois bufos... que me tinham mandado prender» — [1].

bul; bule

Como vocábulo de jíria torpe, com a significação do latim anus, é o caló *bul*, que quere dizer isso mesmo; cf. *chaleira*, no mesmo sentido obsceno.

Como peça do aparelho em que se serve o *chá (q. v.)*, o vocábulo *bule* é malaio. Pódem perfeitamente diferençar-se os dois termos, escrevendo aquele sem o *e* final, e formando-lhe o plural, conforme a regra geral, *buis*.

buliceira

Nos arredores de Lisboa quere dizer «chuva meúda». O termo foi colhido da tradição oral pelo snr. Martinho Brederode.

É a chuva, como que peneirada, a que chamamos *moinha*.

burel

Como o seguinte trecho é definição perfeita da significação dêste vocábulo, para aqui o transcrevo: — A lã no districto de

---

[1] O Século, de 23 de abril de 1902.

Viana[1] é própria para o burel, que antes de ser submettido á fola é um tecido de lã simples, raro a ponto de se contarem facilmente os fios, por entre os quaes se vê o dia» —[1].

burra

Em Leiria: «saliência de terra fora do limite de uma propriedade»[2].

burro, burrinho

O Novo Diccionario, o mais copioso que existe em português, dá o vocabulo *burro* em nada menos de dezasseis acepções diversas, incluindo-se as que foram acrescentadas no Suplemento. Aqui apresento mais uma, que se deduz do seguinte trecho: — «Perto da chaminé estão os *burros* (bancos rusticos de pernadas de azinheira)» —[3].

O deminutivo *burrinho* é usado no norte para designar uma «frijideira de barro com cabo».

É sabido que os nomes de animais são a meúdo transferidos para objectos nos quais se supõe haver dêles aparência; tais são: *cachorro, macaco, bujio, machos, cegonha, cão* (de espingarda), *gatilho, cavalo* (na vinha), *burra; bordão* { burdonem, «mulo».

Exemplo disso já o vimos na inscrição anterior.

bus: v. chus

---

1 Portugalia, I, p. 377.

2 Informação do Snr. Acacio de Paiva, dali natural.

3 J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 542.

butaca

No Relatorio official de João de Azevedo Coutinho, acer da campanha do Barué em 1902 [1], encontra-se êste vocabul que parece ser africano: — «A entrada de Manuel de Sousa pa a *butaca*» —, e em nota explica-se: — «butaca, throno» .

É singular a exacta conformidade desta palavra com a cast lhana *butaca*, assim definida no Dicionário da Academia Esp nhola, sem se lhe apresentar etimolojia: — «Sillón de brazos, a mohadillado, entapizado, cómodo y comunmente con el respal echado hacia atras» .

Só se o vocábulo foi de Espanha para a África com os *here- ros*, nome com que os nossos jornalistas teimam em alcunhar *hererós (q. v.)*.

búzio

Êste vocábulo, que provém do latim **buccinum**, desig como se sabe, uma concha univalva, que em muitas partes d África serve de moeda.

Em Ajuda 1 búzio valia 0,15 real, e 2:000 buzios denomina vam-se *um pêso de buzios* [2], perfazendo 6:000 buzios 1$000 r

Os buzios na India denominam-se *caurins*. *(q. v.)*.

Búzio, na acepção de «mergulhador» parece ser outro voc bulo, e em castelhano diz-se *buzo*, de orijem desconhecida.

cabaça, cabação, cabacinha, cabaço

A orijem dêstes vocábulos é ignorada: sabe-se apenas q em castelhano têm o primeiro uma silaba a mais, *calabaza*.

---

[1] Jornal das Colonias, de 9 de julho de 1904.

[2] Carlos Eujenio Correia da Silva, Uma viagem ao estabele mento portuguez de S. João Baptista d'Ajuda em 1865, Lisboa, 18

nos levaria a crer que a antiga pronúncia portuguesa fosse *aça* (cf. *faqueiro* e *fàqueiro*, castelhano *halagueño*, *afagar*, t. *halagar*).

Na Chamusca, e naturalmente em todo o Riba-Tejo, o au-ntativo *cabaçao*, plural *cabações*, designa «pimento grande», oposição a *cornicho*, que quere dizer «pimento pequeno», e é mparável ao francês *cornichon*, o qual denota uma espécie pepino pequeno, e como o termo português se deriva de *rnu*, *corno*, de que são formas deminutivas.

Cabaço, em Caminha e outras partes do Minho, é uma me-da de 12 litros, equivalendo portanto ao antigo *alqueire*.

Cabaço, no sentido de «virjindade», é o vocábulo quimbundo *bisu*, deminutivo de *quibasu*, «pedaço, talhada, lasca», e é ado em Angola com a mesma significação, que de lá passou ra português, na linguajem de indivíduos que ali o aprende-m: *cubasa* quere dizer «raxar».

Cabacinhas (de cheiro) eram há uns cinquenta anos, em isboa, umas capsulas de cera, feitas em fôrma, imitando várias utas, cheias de água aromatizada, e com as quais se jogava o ntrudo nas salas entre gente fina, arremessando-as; quebran-do-se elas com o embate, derramavam o conteúdo na cara, ou fato de quem levava com elas.

Era um brinquedo engraçado e inofensivo, que ao depois foi stituído por projécteis muito mais grosseiros, como ovos de ema, ou cheios de farinha ou pós, e outros arremessos não nos abrutados.

No Alentejo *levar cabaço* significa ser rejeitado em preten-ões de namôro. É modo-de-dizer castelhano, *llevar calabazas*.

cabana, cabanela, cabanal, cabanão, cabaninha

O primeiro dêstes vocábulos é o latim vulgar *capanna*, e stá muito difundido em todas as línguas românicas, com ex-cepção do romeno, havendo dado orijem a muitas formas deriva-das por sufixos.

Eis aqui algumas definições e abonações da palavra *cab*
extratadas de várias monografias de muito interêsse publ
na revista Portugalia. — «No Alentejo o termo de cab
um nome generico que se aplica indistintamente a todos os
rões toscos e espaçosos que se adaptam a quaesquer usos»

— «CABANAS. Por este nome designam-se as seguintes
rentes accommodações: a loja dos carpinteiros de carros
dos, o deposito de madeiras, as arrecadações de vehiculos e
ria de lavoira, as arribanas para gados, etc., etc.» — [2].

— «Cabanas no onomastico locativo portuguez é ainda
nominação de algumas freguesias e aldeias que... tiver
sua origem em barracas de tabuado» — [3].

— «Cabanelas, Cabaninhas e Cabanões formam uma to
mia de similar procedencia» — [4].

Cabanal em Trás-os-Montes significa «alpendre»,
vemos do trecho seguinte: — «disse zangado a seguinte
uma noite no cabanal (alpendre). Oxalá se afundasse est
meiro» — [5].

Cabano, cabanilho, cabaneiro, designando varias form
cêstos, são com *cabana* apenas aparentados por afinidade, e
os dois primeiros veja-se neste livro a palavra **CÔVO.**

cabeça, cabeceira, cabeçalha, cabeçalho, cabecilha, cabecin

Tem muitíssimas acepções o primeiro vocábulo, do latim
gar *capitia*, plural neutro de *capitium*, tomado como
nino, o que é freqüentissimo nas linguas românicas, e der
de caput, capitis, «cabeça».

---

1 2 José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO,

3 4 Rocha Peixoto, HABITAÇÃO, p. 84.

5 M. Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, in
vista de Educação e Ensino», 1891.

Entre outras acepções assinalarei aqui algumas mais especiais, e raras vezes indicadas em dicionários.

Cabeça: «quem manda», correspondente ao francês *chef:*— «A principal igreja que visitei naquellas provincias [do reino de Aname] foi a de um christão, cabeça de aldeia, chamado Paulo» —[1].

Ainda hoje se diz *cabeça de motim*, locução muito usual.

Neste sentido usam os espanhois *cabecilla*, que por imitação deu o português *cabecilha*, castelhanismo, pois o sufixo deminutivo *-ilho*, *-ilha*, não é português.

Cabeça é usado com a significação de peça de gado, *rês*, sendo êste último a palavra árabe RAS, «cabeça», empregada nessa língua com o mesmo significado, que também passou ao castelhano *res*, mas igualmente designa «*o cabeça de tribo*».

No sentido de *rês*, com referência a gado suíno, é mais usual no Alentejo o termo *cabeça:* — «A avaliação dos montados faz-se por cabeças, quer dizer pelo numero de porcos adultos, que engorda a bolota em cada anno» —[2].

Outro sentido especial do vocábulo *cabeça*, acompanhado de uma locução adjectiva, é *cabeça-de-pau*, para designar os indivíduos que teem lojas de móveis usados:— «as casas dos *cabeças de pau*, nome de gíria por que são conhecidos os negociantes de *tarecos*» —[3].

Com a mesma significação de *cabeça*, «principal», usou-se também *cabeceira*, como vemos em Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V (cap. X):— «seria povo e gente meúda, que sem cabeceiras não teriam fôrças, nem dariam ajuda» —. Nesta acepção ainda o encontramos modernamente, no RELATÓRIO de Carlos Eujénio Correia da Silva [1866], com referência ao Daomé. É forma muito aproveitável e expressiva, que pode ser

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 170.

[2] J. Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in «Portugalia», I, p. 275.

[3] O SECULO, de 18 de novembro de 1901.

empregada actualmente, conquanto a significação mais trivial seja a «de parte superior», como *cabeceira da mesa, cabeceira do leito, cabeceira(s) de um rio*, etc.

— «*Cabeçalha:* Dos jugos [dos carros] destaca-se breve a decoração profusa que os caracterisa na região [Minho], os arcos, ensogaduras e tendilhas, a chavelha e o pigarro, a sóga emfim» —[1].

É palavra derivada de *cabeça*, e significa «o temão, ou lança de um carro de bois», e também, em especial, «a parte deanteira dêsse temão».

Uma forma masculina dêste vocábulo, *cabeçalho*, designa, além de *cabeçalha*, o título, títulos ou dizeres a que se subordinam vários averbamentos, e que ocupam a parte superior da fôlha, o que os franceses chamam *en-tête*.

Cabecinha é um deminutivo evidente de *cabeça*, e além de outros significados, deduzidos do vocábulo de que é formado, tem também o de — «farinha grossa que resulta do rolão passado por peneiro largo [de pano aberto] para o separar da sêmea» —, como diz o DICCIONÁRIO CONTEMPORANEO. Na pauta de consumo (de Lisboa), anterior a 1880, o produto da moenda do trigo era classificado em quatro espécies: *farinha espoada, farinha expurgada* de sêmea e farelo, *rolão*, e *cabecinha*, a cada uma das quais competia uma taxa de imposto diferente, de mais para menos; a sêmea era livre de imposto.

Como nome de ave é o vocábulo *cabecinha*, acompanhado de vários epitetos que o diversificam, muito usado na Ilha da Madeira, como vemos na monografia de P. Ernesto Schmitz, intitulada DIE VÖGEL MADEIRAS [2]: — *cabecinha encarnada*, «pintassilgo», no Estreito; — *cabecinha negra*, «toutinegra» em Gaula; — *cabecinha rosada*, «pintassilgo», na Fajã.

É sabido que *toutinegra (q. v.)* significa também «cabeça preta», capite nigra.

---

[1] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 253.

[2] *in* «Ornithologisches Jahrbuch», X, 1899, I, II.

cabelo, cabeleiro

Na língua comum *cabelo* ora é colectivo, correspondendo ao [fran]cês *chevelure*, ora nome de unidade, equivalente ao francês [che]*veu*. Nesta última acepção usa-se em vários pontos do Minho, [co]mo por exemplo, o derivado *cabeleiro*. É galicismo usar [cabe]*leira*, na acepção de *chevelure* francês, pois corresponde a [per]*ruque*: deve traduzir-se *chevelure* por *cabelo*, ou *cabelos*. Em [caste]lhano, porém, usa-se neste sentido *cabellera*, pois «cabeleira» [se] diz *peluca*.

cabide, cavide

Em alguns dicionários portugueses é dado como étimo dêste [vocá]bulo o latim capitulum, deminutivo de caput, de que [v]eio a palavra *cabido*, antigamente *cabidoo*, da qual *cabide* [vem] a ser forma divergente, ao que se opõe não só o significado [de] capitulum, mas até a forma do vocábulo *cabide*.

Santa Rosa de Viterbo, no seu ELUCIDARIO DAS PALAVRAS, [TER]MOS, E FRASES QUE EM PORTUGAL ANTIGAMENTE SE USÁRÃO [(Li]sboa M.DCC.XCVIII) *sub voc.* CAVIDADO, a que dá como defini[ção] — «Evitado, acautelado, resguardado» —, indica a palavra [cavi]*de*, como provindo daquela, e define-a: — «o lugar, onde os [vest]idos, e outras cousas se põe a seguro do pó, e do mais que [os] pode inficionar, e destruir» —.

É evidente que *cavidado* é participio passivo de *cavidar*, [que] pressupõe o latim *cauitare, frequentativo de cauere, [cujo] participio cautus é contracção de cauitus, como é sabido. [Semant]olójicamente o étimo satisfaria: morfolójicamente, porém, é [inad]missível. É rara em português essa formação, que consiste [em] derivar-se um substantivo concreto de um participio passivo, [com] perda da terminação caracteristica dêste, *-ado*, e a suficsa[ção] de *e*, convém saber, substantivo do tipo *aceite*. Todavia, a [for]ma antiga do vocábulo é *cavide* [1], e não *cabide*, como hoje

[1] Fernam Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CCXV.

se usa, e ainda Bluteau (VOCABULÁRIO PORTUGUEZ E LATINO) é a única que cita.

Da definição de *cavide*, dada por êste douto lecsicógrafo e escritor de há dois séculos, se verá quam infundada é a esplicação do vocábulo proposta por Santa Rosa de Viterbo e que acima transcrevi: — «He nas estribarias huma taboa pregada em a parede, em uns buracos da taboa metidos huns paos, para nelles pendurarem os freios» —. (VOC. PORT. E LAT.).

Esta definição é exactíssima, e a aplicação do vocábulo, ou, melhor dito, da armação que êle designava, a outros usos é posterior.

Desviados por inaceitáveis os dois étimos apontados, capitulum, que tem sido o mais admitido, e *cavidado* que ninguem aceitou a Viterbo, teremos de ir buscar a outro idioma, dos que ministraram palavras ao lécsico português, um étimo plausível, se não perfeitamente justificado.

Ninguém ignora que existem na nossa língua uns mil vocábulos de procedência árabica, demonstrada principalmente por Engelmann e Dozy [GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869], de grande parte dos quais ja havia sido averiguada por João de Sousa e José de Santo António Moura [VESTIGIOS DA LINGUA ARABICA EM PORTUGAL] [1]. Deve haver, há com certeza, número maior dêles, abstraindo mesmo dos nomes próprios de lugares, incluidos em grande cópia no lécsico dos arabistas portugueses, mas excluidos do Glossário que citámos, e que até hoje é o trabalho mais completo e mais bem feito que existe nesta espécie, visto que o de Eguílaz y Yanguas [2] apenas lhe leva vantajem no grande número de abonações.

Nas minhas peregrinações pelos nossos vocabulários talvez tenha ensejo de avolumar a parte arábica do nosso lecsico.

---

[1] Lisboa, 1830.

[2] GLOSARIO DE VOCES ESPAÑOLAS... DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

Existe em árabe um radical, Q-B-D, o qual tem como significado principal «agarrar, pegar em qualquer cousa», e que, com a 2.ª letra duplicada, Q-B-Ḍ, quere dizer «apanhar e pôr de parte», conforme o Dicionário arábico-francês de Belot[1]. Aí vemos o substantivo derivado, MAQBIḌ, com o significado de *manche, anse*, «cabo, punho, pega». São os *paus* da definição de Bluteau. Outro derivado do mesmo radical, QABḌA, com igual significado, encontra-se no Dicionario francês-arábico de Cherbonneau[2], e não explicaria o nosso *cabide*; mas no dicionário arábico-francês do mesmo autor[3] encontramos MIQBIḌ, plural MAQĀBIḌ «manche, poignée; anse» —.

Creio ser esta a orijem do nosso *cabide*. Nos países barbarescos o prefixo *ma* é muitas vezes reduzido na pronúncia ao *m*, *[m]qabid'*,[4] e poderia ter sido considerado como o artigo português indefinido *um*, separando-se do resto do vocábulo, que ficou palavra independente: cf. a locução *uma tuta e meia*, por *mututa e meia*. O *b*, segunda letra do radical trilitero, modificou-se em *v* (cf. *alcavala*, *alvaiade*, etc.), e resultou pois o vocábulo *cavide* dos nossos antigos escritores e admitido por Bluteau, sendo a forma *cabide* posterior, devida talvez à influência de *cabido*, erudita provávelmente (cf. *aspar*, em vez de *raspar*).

Há uma quinta ao pé da Chamusca, cujo nome, pelo menos popular, é *Cabide*, talvez do Cabido, e neste nome parece ter influido a palavra de que trato aqui.

Na Beira-Alta *cabide* tomou a forma popular *cabido*, de que resultou uma forma converjente, ou homeótropo[5].

---

[1] Beirute, 1893, p. 613, I col.

[2] Paris, 1884, p. 322, col. II.

[3] Paris, 1876, 2.° vol., p. 911, I col.

[4] V. Caussin de Perceval, GRAMMAIRE ARABE VULGAIRE, Paris, 1880, p. 17, e Lerchundi, RUDIMENTOS DEL ARABE VULGAR, Tangere, 1889, p. 13, 14.

[5] Já publicado na REVISTA LUSITANA, VI, 1900-1901, com leves diverjencias.

caboclo

É sabido que êste vocábulo designa um índio do
É dado por F. Adolfo Coelho [1] como termo tupi mas
encontra no Dicionário tupi-guarani de António Ruiz de
toya [2]. Eis a sua abonação:

— «Ao gentio manso, ou reduzido á civilisação, se co
desde logo a denominar *caá-boc*, que quer dizer — tirado
cedente do matto, donde nos veio o vocabulo *cabôco*, como
hoje o pronuncia o homem rustico ou *cabôclo*, como já o
o portugues brasilico» — [3].

cabouco

Além de outros significados, designa também, no No
reino, «**estribo de pau**».

cabreiro

Emprega-se como adjectivo, junto ao substantivo
queijo cabreiro, para designar o queijo feito de leite de
Em qualquer mercearia se encontra rotulado com êste nom
tenho porém nota de trecho com que o abone.

cabresto

Nome de um calabre nos moinhos algarvios, e não
também das mais provincias: — «Quando se carece de fer

---

[1] DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTU
Lisboa, s/data.

[2] VOCABULARIO Y TESORO DE LA LENGUA GUARANI (Ó MAS
TUPI) Viena-Paris, 1878, nueva edicion.

[3] Teodoro Sampaio O TUPI NA GEOGRAPHIA NACIONAL, 8.º
1901, p. 67.

...ar as velas ao moinho... prende-se o mastro a uma argola ...a na parede, servindo-se para isso d'um calabre chamado *ca-...sto* » —[1].

cabrita

É um termo do Douro, na acepção especial em que vou ...emplificá-lo: — «Cabrita, leitor de longas terras, é o costume ...e aquelle que compra uma junta de bois em feira pagar uma ...nveniente quantidade de vinho a todos os que entraram na ...ansacção, quer como partes principaes, quer secundarias» —[2].

cabula (=*cabúla*)

Conforme informação da minha criada, natural da Chamusca, ...*bula* designa lá «meda de trigo, com forma piramidal».

caça, caçar

Como termo de pesca, não colijido nos nossos dicionários, en-...ntra-se definido na monografia de Pedro Fernández Tomás, ...ntitulada A PESCA EM BUARCOS [3]: — «Estas redes... são dis-...postas verticalmente em longas caças ou aparelhos de 50 a 80 ...redes cada um» —.

É sabido que em várias partes do reino, onde as povoações ...não avistam o mar e a pesca é só de rios, se diz *caçar peixe*, ...em vez de *pescar*, termo que é lá desconhecido. *Caçar*, de *cap-...tiare* { capere, significa própriamente «apanhar».

---

1 J. Nunez, COSTUMES ALGARVIOS, *in* «Portugalia», I, p. 387.
2 O PENAFIDELENSE, de 14 de março de 1882.
3 *in* «Portugalia», I, p. 148.

caçamba

É termo brasileiro, que vem definido no Nôvo Diccio como «alcatruz»; no respectivo Suplemento acrescentam-se as seguintes acepções: — «balde prêso numa corda enrolada sarilho ou nora, para se tirar água dos poços; (ext.) qual balde: estribo em forma de chinela» — .

Falta ainda outra acepção em que o vocábulo é usad Brasil e que vemos no Bosquejo de uma viagem no int da Parahyba e de Pernambuco: — «meu filho mal accomo na sua *caçamba*, à moda do paiz: tosco caixote de madeira, rado, sobre uma das ilhargas do animal, e equilibrado por caixote, collocado na outra ilharga e tarado com carga» — [1]

cachalote, cacholote, caixalote, queixalote

Êste termo, o francês *cachalot*, aportuguesado artificialm designa um cetáceo, com dentes, e daí provém provàvelme nome. H. Stappers [2] da-lhe como orijem o castelhano *cach* que é, sem dúvida, o catalão *quixalot*, deminutivo de *quix* então *caixal*, que se pronuncia como a palavra portuguesa *ral*, e tem a mesma significação, isto é, «dente (molar)», em castelhano se diz *muela*.

Em português da-se-lhe também a forma *cacholote*, q Inácio Roquete inseriu [3], e que parece ser uma aprossimaç vocábulo *cachola*, «cabeça de peixe».

---

[1] *in* «O Seculo», de 8 de julho de 1900.

[2] Dictionnaire synoptique d'étymologie française. 2.ª e Paris, s/data.

[3] Dictionnaire portugais-français. Paris, 1855.

cacharolete

Palavra muito conhecida, como termo de botiquim, e já estada no DICCIONARIO CONTEMPORANEO, que a define com ...tidão — «bebida alcoólica formada pela mistura de diversos ...res» —. Eis aqui uma abonação do seu emprêgo: — «O Termo, ...ollares, o grog e o cabaz, o cacharolete e o geripiti, ou seus equivalentes, não servem lá» [nos bailes da Ópera, em ...telas — [1]

É uma nomenclatura completa de venenos, principalmente ...ando tomados em lojas de bebidas.

cacho

Esta palavra, a que o NÔVO DICCIONÁRIO atribui orijem in...ta e o DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO uns étimos muito ...oblemáticos, foi por Frederico Diez [2] considerada romanização ...spanica do latim capulus, «punhado, mancheia», mediante a ...ma *caplus*, comparando-o a *ancho* | amplus. Todavia, já ...r J. Leite de Vasconcelos foi ponderado que dos grupos latinos ...elhais *-cl-*, *-pl-*, *-tl-*, *-fl-* só resultou em português e castelhano ... quando êsses grupos estavam em latim precedidos de con...ante, como, por exemplo, em *macho* | *masc'lum*, *encher*, *...nchir* | implere, *inchar* | inflare, etc.

Na realidade, uma excepção aparente, *cach-orro*, não provém ...e cat'l-us, pois é metatese das duas primeiras sílabas do vas...nço *chacur*, deminutivo de *çacur*, «cão». Catulus, pois, de...eria produzir *calho* em português, *cajo* em castelhano, como ...*tulus* deu *velho* e *viejo*, *manuplum*, *mólho* e *manojo*, ...*vacla*, *navalha* e *navaja*, etc.

---

[1] DIARIO DE NOTICIAS, de 20 de fevereiro de 1903.

[2] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN ...nn, 1870, II, b.

Não obstante esta ponderosa circunstáncia, é ainda capaz o étimo que, por emquanto, apresenta maiores probabilidades menos para o português *cacho*. O próprio Leite de Vasconcelos, que formulou a lei, não hesitou em derivar *cacheira* de *capularia* e *cacheiro* de *capularium* [1]. Outro tanto não direi para o castelhano *cacho*, ao qual corresponde, segundo parece, o português *caco* | calculus.

Além de outras acepções da palavra portuguesa *cacho*, já registadas nos dicionários, tenho a acrescentar uma, a de «espiga de trigo depois de esbagoada», a qual lhe é dada no Riba-Tejo, como estou informado por pessoa fidedigna, que a empregou deante de mim, e preguntada, assim ma explicou. Esta acepção relaciona-se com outra usada no Alentejo, dada no Nôvo Dicionário, da qual é variante, e que vem a ser — «espigas ou restos de espigas, que resistem á primeira debulha e que se juntam para formar *eiras de cachos*» —.

Cachorro designa varios objectos, com significados já apontados nos dicionários, e um deminutivo no plural, *cachorrinhos* é nome que se dá no Riba-Tejo à «herva moleirinha» (fumaria officinalis).

cachola; cacholeira

Em Lisboa designa o primeiro dêstes vocábulos «cabeça», principalmente «cabeça de peixe». Em castelhano *cholla* é um termo chulo que significa sómente «cabeça de gente».

Parece haver relação entre os dois vocábulos; todavia não é facil de explicar a primeira sílaba da palavra portuguesa, cujo étimo, bem como o da castelhana, é desconhecido.

Cacholeira, que só muito a mêdo se poderá considerar como derivado de *cachola*, pelo menos no sentido que damos a êste vocábulo, é o nome pelo qual é conhecida uma casta de chou-

[1] Revista Lusitana, II p. 31

...o, «enchido fumado, em que entram aparas de carne de porco, ...sturadas com pedaços da entranha».

cachondé

Mistura de areca, âmbar, açúcar e outros ingredientes, para ...ascar, que serve para perfumar a bôca, e é muito usada na ...ndia e na Malasia [1].

(andar aos) cachopinhos

Diz-se, nos arredores de Lisboa, do andar usual dos coe...os, aos pulinhos, não porém da corrida desabalada que seguem ...ando são perseguidos.

A informação foi-me dada pelo snr. Martinho Brederode.

cachucho

Como termo faceto, quere dizer «anel grosso de ouro». Deve ...ser o mesmo vocabulo que o espanhol *cachucho*, que na jiria ...stelhana, ou germania, significa «ouro».

A etimolojia dada por Salillas [2], latim capsula, é absurda.

cacifo

— «O cacifo em que [os caçadores] levam o furão para o ...onte é um pequeno cesto de vime em fórma de cabaça, com ...rta de madeira» — [3].

[1] Hugo Schuchardt, KREOLISCHE STUDIEN, IX.

[2] Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, LENGUAGE, Madrid, ..., p. 276.

[3] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, ... p. ...

cacimba, cacimbo

O primeiro dêstes vocábulos tem duas acepções:

Como termo da África Portuguesa, tanto Ocidental, onde se orijinou, como Oriental, para a qual foi levado pelos portugueses, é, como define o NÔVO DICCIONARIO, — «pôço que recebe a agua pluvial, filtrada por terrenos circumjacentes, e da qual se servem as povoações» —. Neste sentido é o quimbundo *quixima*, (e não *quichima*, como está escrito no dito dicionário): — «A ilha dos Elephantes... dista 18 milhas de Lourenço Marques... A agua que bebem [os leprosos da *gafaria*, e não, *gafeira*, como se intitulou, pois êste vocábulo é o nome da doença] é fornecida por cacimbas» —[1].

Como se vê, trata-se da África Oriental.

A segunda acepção, «chuva meúda», é mais usada no Continente do que na África Ocidental, onde lhe chamam de preferência *cacimbo*.

É naturalmente outro vocábulo diverso, mas não sei dizer qual. Veja-se *cachimbo* em **tabaco**.

cacique, cacico, caciquismo

Esta palavra, de orijem americana, caribe, segundo se afirma, que em castelhano denota «cabeça de tribo», é de uso raro em português. No entanto vemo-la empregada com referência ao Brasil no seguinte trecho do BOSQUEJO DE UMA VIAGEM NO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO [2]: — «Carirys, raça indolente, sem embargo essencialmente bellicosa, como... o eram... os tabajuras e os petyguares, a que pertenceram alguns caciques alliados dos portuguezes, como o celebre Camarão (Poty)» —.

---

[1] JORNAL DAS COLONIAS, de 24 de julho de 1905. V. **gafo.**

[2] *in* O SECULO, de 17 de junho de 1900.

É preferível o emprégo dêste vocábulo ao de *chefe*, que em tal sentido é galicismo, conquanto muito generalizado já para se poder desterrar.

Bluteau [1] rejistou outra forma do mesmo vocábulo, *cacico*: ignoro se foi por aportuguesamento arbitrario, ou porque assim a encontrou também em castelhano.

O termo *cacique* em Espanha designa um influente eleitoral que exerce pressão e domínio em certa rejião, e dêle se derivou *caciquismo*; ambos os termos já de Espanha passaram a Portugal.

caço; cacete

Este termo, correspondente ao castelhano *cazo*, e cujo derivado deminutivo *cazuela* produziu o português *caçoula* (cf. *lentejoula* e *lentejuela*, *tijôlo* e *tejuelo*), designa «colher de concha» no Alentejo, e provávelmente em outros pontos do reino, visto que o Nôvo Dicc. rejista a palavra, sem limitação. É o instrumento que os espanhóis denominam *cucharón*, aumentativo de *cuchara*, «colher».

A orijem do vocábulo *caço*, que também figura em toscano, *cazza* e *cazzo* (=*catço*), é duvidosa.

O *cazzo* italiano, que, além de outras acepções obsoletas, tem um significado obsceno, deu talvez orijem ao verbo português *caçoar*, o qual, como *mangar*, foi tambem termo obsceno, mas se vulgarizou, obliterando-se a significação imunda que tinha. No entanto, é conveniente que, à cautela, quem quere usar limpa linguajem evite o emprego de qualquer dêstes dois verbos, ou dos seus derivados, substituindo-os por *zombar*, *escarnecer*, *motejar*, *chalaç(e)ar*, etc.

De *caço*, no sentido de «moca», vem provávelmente a palavra *cacete*, e não do francês *casse-tête*.

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Suplemento.

cada

Esta palavra, que, sem a menor dúvida, tem por origem o grego ΚΑΤΑ, o qual já aparece no latim dos escritores eclesiásticos, no mesmo emprêgo que tem em português e castelhano, *verbi gratia*, na locução da Vulgata, cata mane, «cada manhã», é uma verdadeira preposição invariavel, e não adjectivo como os gramáticos a classificam e como o é o francês *chaque*, ou o italiano *qualche*. A prova é que se usou antigamente antes de nomes no plural, como por exemplo nesta frase: — «cada huns tinham seu senhor» [1] — «gentes darmas que cada hãos dariam» — [2].

Emprêgo bem evidente de *cada* como preposição é o seguinte trecho castelhano, do titulo XXVI da Partida II: — «Et por este son llamados quadrilleros (em português *coireleiros*, *quadreleiros*; *quadrilheiro* é castelhanismo); porque cada uno dellos han de saber las herechas que cayeren en la su quadrilla» — [3].

É claro que o sujeito gramatical do verbo *han* (e não, *ha*) é o substantivo plural *quadrilleros*, e não o pronome singular *uno*; portanto o pronome não é aqui *cada uno*, mas sim *uno* sómente, governado pela preposição *cada*.

Em antigo toscano encontra-se *catuna (cat'una)*, equivalendo ao moderno *ciascuna*, [4] o que confirma aquele étimo, proposto por Diez e aprovado por todos os romanistas.

Ainda hoje, valendo por advérbio, se emprega *cada* em frases elípticas, como a que vou citar, e que, a meu ver, é um tre-

---

[1] Roteiro da viagem de Vasco da Gama, Lisboa, 1861, p. 37.

[2] Rui de Pina, Cronica de El-rei Dom Afonso v, I, cap. LX.

[3] Julio Puyol y Alonso, Una puebla en el siglo XIII, in «Revue Hispanique», XI, p. 288: — «erecha llaman en España á las emiendas que los homes han de rescibir por los daños que resciben en las guerras» . [ib. e]

[4] Versão toscana do Livro de Marco Paulo Veneto, Milão, 1856, p. 12

isnio defeituoso: — «Esta fornada representa 3 carros de loiça, o oleiro vendera a 12$000 reis cada» —[1].

Formando com *que* locução adverbial, vemos *cada* nos dois os seguintes, citados nas «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL: —Item, Marina de Varzea recebeu Petro Ouriguiz por filo dea li una casa in que pousa cada que y vem» — «cani ada que os pedirem» —[2]: isto é, *toda a vez que, quando*.

No seu estudo sôbre o LIVRO DE ALEXANDRE, publicado no o IV da Romania (1875), Morel-Fatio, cita a frase — «Sal de cada cal (des tours) e. mil combatentes» —, e acrescenta: «Cette expression ne convient pas au passage, il faudrait *de la una*». É evidente que o douto hispanista desconhecia a tempo a locução portuguesa *cada qual*, correspondente à ana *cada cal*, e muito popular: —

> O ciranda, o cirandinha,
> Toca, toca a ciranda,
> Deem todos meia volta,
> Cada qual ao seu lugar».

Mas não é só popular, é também literária, e Bluteau teve o dado de a rejistar — «Cada hum, e cada hũa, ou cada qual. *que*... *Unusquisque*» —. No Suplemento aduz, no lugar petente, as seguintes locuções: — «Cada qual com seu igual; a qual em seu oficio; cada qual sente o seu mal» — e ainda as três, menos características.

Um adjectivo muito curioso, de construção parassintética, é *aneira*, que se aplica no Douro à «árvore que dá fruto todos anos». V. **aneiro.**

---

[1] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, in Portugalia, I, p. 267.

[2] Portugalia, I, p. 780 e 783, extraídos de PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Inquisitiones, p. 413, 1 col., e p. 514, 1 col.

cadafalso

Êste vocábulo é hoje usado quási exclusivamente na [illegible]
restrita de «patíbulo».

Antes, porém, significava um «estrado alto, armado em [illegible]
para actos solenes».

Nas ilhas dos Açôres designa *cadafalso* uma casa, de[illegible]
às festas do Espírito-Santo. São os cadafalsos geralment[illegible]
dos em sítios chamados *ramadas*, porque se adornam co[illegible]
des e ramos.

Neste sentido vemos o vocábulo empregado no segui[illegible]
cho: — «explica a camara que *cadafalso* nos Açôres é o [illegible]
edificio, também chamado theatro, onde se armam alg[illegible]
perios do Espirito-Santo» —[1].

Veja-se **imperio.**

cadeira

Além das várias acepções rejistadas nos dicionários p[illegible]
palavra, vemos no jornal O Economista, de 5 de agosto d[illegible]
que na Africa portuguesa designa uma «arvore de ond[illegible]
trahe borracha» —.

cadelo (=*cadêlo*)

Esta palavra é definida como «cão pequeno» e pro[illegible]
um deminutivo *catellum*, por catulus, sendo a forma [illegible]
lina correspondente à feminina *cadela* =*cadéla*, com a m[illegible]
usual em português; cf. *canêlo* e *canéla*. Além dêste sig[illegible]
o Nôvo Diccionário dá-lhe mais o seguinte, como te[illegible]
nhoto: — «cruzêta de pau, prêsa ao adelhão e sacudida [illegible]
em movimento» —. Neste sentido parece ter sido empre[illegible]

---

[1] O Seculo, de 8 de julho de 1901.

revista Portugalia [1], no seguinte trecho: — «Este [o tabuleiro] inclinado sobre o olho da mó, é posto em movimento por um pausinho circular, o *cadello* » —.

É um dos muitos nomes de animais aplicados a objectos: v. em **burro.**

cadilho, cadilha

Como é sabido, *cadilhos* é termo muito conhecido e há muito tempo para designar uma espécie de franja, ou guarnição entrançada e pendente. O femenino *cadilha* parece ter significado análogo àquele com que se define a primeira acepção de *cadilhos* nos dicionarios, isto é, — «fios do urdume que não levam trama, e formam no final da teia uma como franja» — [2]. Na revista Portugalia [3] le-se: — «O desenvolvimento dos fios [da urdidura] até este torno do conjuncto *(cadilha)* de fios tem o nome de *sygnal* » —.

Um exemplo antigo do emprêgo de *cadilhos*, como significando certa guarnição, pode ver-se em **bedem.**

cafajeste, cafazeste

O Nôvo Diccionário rejista a primeira destas formas, definindo-a do seguinte modo: — «(bras[ileirismo]) homem de ínfima condição: indivíduo sem préstimo» —. No Suplemento, porém, acrescenta — «(bras[ileirismo] esc[olar]) aquelle que não é estudante e que, em Coimbra, se denomina *futrica* » —. Na primeira acepção vemo-lo empregado no Bosquejo de uma viagem ao interior da Parahyba e de Pernambuco [4]: — «Conheço esse

---

[1] I, p. 387, Moinhos.

[2] Dicc. Contemporaneo.

[3] I, p. 374.

[4] *in* O Seculo, de 17 de junho de 1903.

vaqueiro. É um D. Juan dos meus sítios: *cafazéste* de m... exemplar de anthropologia criminal... Ladrão de mulheres...

Por êste trecho ficamos sabendo que o *e* da sílaba tónica é fechado. Ignoro absolutamente a orijem do vocabulo, que apenas é brasileiro e desconhecido enteiramente em Portugal, não tem aspecto de ser nem abanheenga ou de outro idioma de índios da América do sul, nem tampouco oriundo de qualquer das línguas africanas, cafriais ou outras.

cágado

O extravagante nome que em português se dá a êste quelónio, e que os pudibundos escritores modernos velam, para disfarçar, com uma inicial grega, *kágado*, não figura em outro idioma, nem com esta forma, nem com qualquer que com ela se pareça, a não ser em japonês, onde o vocabulo *kámazu* significa, segundo Hepburn [1] — « *frog* (rã), *toad* (sapo) » —. Ora no norte de Portugal o cágado é chamado *sapo concho*, isto é, « de concha ».

A palavra *cágado* já figura em Gil Vicente, no « Auto das Fadas » (sortes):

> *Cágado:* Quem tiver êste animal
> Não é muito que o leixe,
> Pois não é carne nem peixe.

Portanto, a não ser mera coincidência como tantas outras, foi o nome levado de cá para o Japão, com mais alguns poucos vocábulos, e não de lá trazido como outros, tais *biombo*, ... *mão*, *catana* (*q. v.*), e poucos mais.

Não sei com que fundamento o coordenador do Livro da

---

[1] A Japanese-English and English-Japanese Dictionary, Toquio, 1897: em letra romana.

Marinharia, de João de Lisboa [1], no i indice acentua duas vezes *Cágado* (o ilhéu 1.° e 2.°). O texto traz *Caguado*, a páj. 120, *Caguado* e *Cagado* a páj. 136. É natural que em ambos os passos a leitura seja *cágado*, a não ser que por diferenciação o vocabulo haja mudado de sílaba acentuada, o que o coordenador deveria advertir, se o sabe com certeza e tem maneira de o demonstrar; de outro modo, foi uma temeridade pecol empregar ali na penúltima silaba acentuação, que é a normal quando na palavra se não marca outra, para, provavelmente, inducir uma leitura errada.

O dr. Júlio Cornu relaciona *cágado* com uma forma latina *cacitus*, citando em seu abono Isidoro Hispalense [2]. O passo dictatório é: — LUTARIAE, ID EST IN COENO ET PALUDIBUS VIVENTES — «lodosos, isto é, que vivem na lama e nos charcos». As transformações que a palavra *cacitus* sofreu, para chegar à forma portuguesa ainda vernacula, hão de ter sido: *cacidu: cac'du: caq'du: cáquedo: cágado*, se a etimolojia é certa, como parece.

Caguda, que, segundo o Nôvo Dicionário, designa no Alentejo —travinca, com que ás vezes se prende o chocalho á coleira» —, é sem duvida um femenino de *cáquedo*, por *cágado*. É frequente, como já disse, o uso de nomes de animais aplicados a objectos, em atenção à semelhança, verdadeira ou suposta, da forma ou de qualquer atributo dêles.

Essa orijem evidente tem o epiteto de *pregos de asa de mosca*, por exemplo. V. **burro.**

cagairo

Êste termo da Beira-Alta quere dizer «ânus, ou mucosa anal».

---

[1] Lisboa, 1903.

[2] Grundriss der romanischen Philologie, i, p. 746.

cagarra

Na Ilha da Madeira é sinónimo de *pardela*, *(q. v.)*.

caida

É o participio passivo do verbo *cair*, substantivado no feminino e hoje quasi desusado, porque se contraiu em *queda*, como *mestre* de magistrem, *caente* em *quente*, *acaecer* em *aquècer*, no sentido em que antigamente era empregado, de «acontecer», e bem assim no de «aquentar» | *acalentar*, que subsiste em outra significação, e deve de ser castelhanismo, em razão da manutenção do *l* medial.

Dizemos todavia *descaida*, *recaída*, formas derivadas nas quais se não deu a contracção de *aí* em *e*.

caijeira

Êste vocábulo usado em Arcos-de-Val-de-Vez, apontado já no Suplemento ao Novo Diccionário, atribuindo-se-lhe aí como étimo provavel *calijem*, foi já explicado perfeitamente por J. Leite de Vasconcelos [1] como procedendo de caliginaria | caligo, caliginis. As formas intermédias seriam *caligiaria*, *caijaira*, *caijeira*.

caim

Êste nome próprio é empregado como apelativo na ilha de Sam Miguel, no sentido de «mau homem», como vemos declarado no jornal O Seculo, de 5 de julho de 1901.

---

[1] Revista Lusitana, iv, p. 275.

caique

Costuma escrever-se esta palavra com *h* medial, a desunir as duas vogais *a* e *i*, e não porque seja nela orgânico, etimolójico.

O vocabulo é turco, QAIQ, conforme Marcelo Devic, no Suplemento ao dicionário francês de Emilio Littré [1]; ai vemos definida esta palavra do seguinte modo: — «CAIQUE, petite embarcation en usage dans l'Archipel et à Constantinople» —.

Bluteau nao rejista o vocabulo, e difícil será dizer hoje quando ele entrou na lingua e por que via, para se tornar vulgaríssimo no Algarve, a não ser que chegasse lá por intermedio dos mouros dos países barbarescos.

Dozy [2] define dêste modo o vocabulo, que não incluiu no Glossário de palavras espanholas e portuguesas derivadas de arabe [3], o que parece excluir a minha hipotese: — «embarcação pequena, usada no mar Negro. É a palavra turca *kâik*, a qual passou a muitas outras línguas; veja-se Jal, *Glossaire Nautique, sub v. caïc, caïco, caiq, caique*. Em Constantinopla é o caique uma embarcação bonita e lijeira, com um ou mais remeiros, e muito comum; aos particulares não é permitido guarnecê-la com mais de cinco remeiros; os ministros do Sultão, e os embaixadores estranjeiros podem empregar sete remadores» —.

J. Inacio Roquete no dicionário português-francês [4], não sei com que fundamento, traduziu *caique*, por — «*quaiche*, petit bâtiment du Tage, de la côte de Portugal et de la Manche» —, entanto que Littré define *quaiche*, como sendo — «petite embarcation des mers du nord» — [5], mandando pronunciar *kèche*.

---

[1] DICTIONAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876.

[2] OOSTERLINGEN, Haia, 1867, p. 46, em holandês.

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Paris, 1869.

[4] Paris, 1855.

[5] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

cairo: Cairo

Êste termo, que designa uma substância vejetal tenacissima, de que se fazem cordas e calabres, trouxemo-lo nós da India, com o objecto que tem êste nome.

É a fibra da casca do côco, e a esta chamam os malabares na sua língua *kayar*, do verbo *kayara* «estar entretecido».

João de Barros [1], diz que parece feito de *couro*, e, na opinião dos autores do Glossário de palavras anglo-indias [2], a semelhança dos dois vocabulos deve ter contribuido para a aceitação do primeiro. Todos os nossos cronistas da Ásia fazem menção do emprégo que desta fibra faziam os indios.

Nada tem esta palavra que ver com *Cairo*, cidade no Ejito maometano, a qual em árabe se chama AL-QAEIRE (pron. *alqâhira*) «a vitoriosa».

càiro

É vocabulo transmontano e significa «dente canino, colmilho». É o latim *canariu* | *canis* «cão», conforme J. Leite de Vasconcelos [3] e as formas intermédias hão de ter sido * *caneiro*, *caeiro*.

caixa

Êste termo, designativo de uma moeda asiática, é frequente nos nossos escritores dos séculos XVI e XVII. Conforme Fernam Mendez Pinto [4], valia real e meio: — «duas caixas, que erão tres reis da nossa moeda» —.

---

[1] DA ASIA, DÉCADA III, livro III, cap. 7.

[2] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

[3] REVISTA LUSITANA, II, p. 116.

[4] PEREGRINAÇÃO, cap. CIX.

A palavra encontra-se já em sânscrito, com a forma KARṢA, e é natural que os portugueses a recebessem ou directamente do tamul *kasu*, ou por intermédio do marata ou do concani, como se diz no Glossario de Yule & Burnell [1] *(q. v.)*.

caixa-d'agua

Em Evora quere dizer «*mãe-d'agua*», isto é, «deposito de agua». A expressão é comparável à castelhana *arca de agua*, que tem o mesmo sentido.

cajuri *(cajury)*

Arvore da India Portuguesa: «a população rural do districto de Damão usa... as aguardentes de flor de mauá... e as de cajury»[2].

calambá, calambac, calambuco

O NOVO DICCIONARIO remete a primeira forma para outra, *calambuba*, a que portanto dá a preferência: com pouco fundamento, porém, visto que na PEREGRINAÇÃO de Fernam Méndez Pinto a palavra está escrita *calambaa* [3], representando portanto o malaio *kalambaq*, mas com o acento na ultima silaba.

É duvidoso se *calambuco* [4], ou *calambuque*, designava a

---

1 A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, *s. v.* Cash.

2 F. A. Ernesto Fernández, O REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 2.ª serie, p. 221.

3 Cap. XLI.

4 *Ib.* XVIII.

mesma substância vejetal aromática, e sôbre êstes dois vocábulos pode consultar-se o VOCABULÁRIO de Bluteau, onde tambem se rejistou a forma *calamba*.

Garcia da Orta escreveu *calambac*: — «Chama-se *agalugem* e *haud* em arabio; e os Guzarates e Decanins *ud*, que é casi o arabio; os Malaios *garro*, e estes chamam ao muyto fino *calambac*. A arvore é como a oliveira, e ás vezes muyto maior; fruto nem frol não lhe sey» —[1].

Veja-se sôbre esta essência aromatica o erudito comentário do Conde de Ficalho, a paj. 60-65 da edição dos COLÓQUIOS, citada em nota. Outro nome do cheiroso pau era *aquila*, vocábulo cuja acentuação é duvidosa, e que sem dúvida proveio, como supõe o douto comentador, das formas indicas *agar*, *agur*, *agil*, modificações do sânscrito AGURU, — «que os árabes converteram em *agaladjin* [AYALAGIN] («agalugem» de Orta)» —. Pela forma arábica da palavra se vê que a acentuação tem de ser *agalujém*, e não, *agalújem*. Mas será *agalugem* êrro tipográfico por *agalagem?*

Pelo contrário, a forma sanscritica AGURU, com o *u* breve, aconselha-nos a acentuar *águila*, o que explica a confusão que se deu entre êste nome e a palavra latina aquila, «águia», e motivou a extravagante denominação inglesa *eagle-wood*.

calão

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO, conforme o seu costume, atribui a esta palavra um étimo extravagante: diz-nos que provem de *cala* + *ão*. Que será êste *cala*, e mais êste *ão* é o que se não fica sabendo, e cada um suporá o que mais lhe agradar; mas pode conjecturar-se que, visto *calar* querer dizer — «não falar» —, e — «*ão*, sufixo subst. derivado de verbos» — denotar

---

[1] COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA INDIA, II, Lisboa, 1892, p. 58.

...io, segundo o mesmo dicionário, *calão* deve significar «a ...ão de não falar», convém saber, «de estar calado». Bonita ...a lójia!

Na realidade, *calao* é o *caló* espanhol, que designa «o ci...no» (plural *calés*, femenino *callí*, pl. *callías*) e o dialecto dêles ... sua própria linguajem.

O caló concorreu bastante para a formação da jíria portu...esa e castelhana. Sôbre êste objecto vejam-se as seguintes ...ras: F. A. Coelho, Os CIGANOS DE PORTUGAL, e Rafael Sa...llas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, EL LENGUAJE [1].

Outra acepção de *calao*, que deve ser vocábulo diferente, ...mo-la no seguinte trecho: — «As mangas partem da boca do ...o (rêde), em posições oppostas... diminuindo... na ponta... ... *calao*» [2].

calceta, calcetar, calceteiro

O NÔVO DICCIONARIO define *calceta* como sendo — «grilheta, ...ela com que se prendia a perna do condemnado» —, e tam...m — «o condemnado a trabalhos forçados» —.

O vocabulo *calceta* parece ter orijem castelhana, sendo pro...velmente o termo de germania, ou jíria de malfeitores espa...ois, *calza*, «grilheta», corrente com que se prendem os en...cerados; na mesma jíria *calcetero* é o nome que os presidiários ...vam a quem prendia essas correntes aos presos [3].

Os galeotes, a que me referi no artigo **braga**, eram também ...nominados simplesmente *grilhetas*, por alusão à cadeia que os ...rrentava. Em malaio, pelo mesmo motivo, chamam-se *óran...ante*, «gente (de) grilheta», e esta denominação designa, por

[1] Lisboa, 1892; Madrid, 1896.

[2] Fernandez Tomás, A PESCA EM BUARCOS, in Portugalia, I, p. 151.

[3] Rafael Salillas, EL DELINCUENTE ESPAÑOL, EL LENGUAJE. Ma...d, 1896, p. 276.

amplificação de sentido, nesta lingua um qualquer «preso em cadeia publica».

Em meados do seculo passado os *grilhetas*, ou *calcetas*, acorrentados a dois e dois por uma cadeia de ferro (grilheta), de metro e meio de comprimento, presa à perna por uma argola (calceta ou braga), eram ocupados em ranchos no calçamento das ruas, e foram êsses ranchos que, por desenho e direcção superior do general Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, governador do Castelo de Sam Jorje, executaram o formoso mosáico da Praça de Dom Pedro, ou Rossio de Lisboa: foram êles os *calceteiros*, e tanto êste nome, como o verbo *calcetar* e seus derivados, *calcetamento*, *calcetaria* daí procedem.

Muitos dêsses individuos, cumprida que foi a pena, continuaram a exercer essa profissão, em que tam peritos se mostraram.

A tradição perpetuou-se, aperfeiçoando-se, e hoje em dia esse ofício é tam honrado e tam honroso como qualquer outro manual, e tem-se difundido em muitas outras cidades e vilas do reino.

caldeiro, caldeirada, caldeireiro

Eis aqui abonações destes três vocábulos, em sentidos especiais:

—«Para que a duração das redes seja maior, usam os pescadores mergulhal-as n'uma infusão de casca de salgueiro, para o que possuem... grandes vasos de cobre *(caldeiros)*, onde as redes são mettidas»—[1].

—«Da outra parte [da pesca] que pertence aos pescadores que formam a companha, tira-se um terço para a *caldeirada*. É o peixe reservado para as refeições dos pescadores»—[2].

---

[1] Portugalia. A pesca em Buarcos, I, p. 153.

[2] *ib.* p. 154.

... acabar com o uso das senhas aos caldeireiros (cozedores de cortiça)» —[1].

caleiro

Em Trás-os-Montes é a «goteira do telhado».

calha

«Essa corrediça assenta sobre uma viga, mais forte e mais larga, que se chama *draga* ou *calha*» —[2].

calhau

O étimo mais provável, tanto da palavra portuguesa como da francesa *caillou*, ambas as quais teem aspecto de derivados por meio dos sufixos *-au* e *-ou* (*-u* | *-òu* | *-ol*), é um primitivo *calho*, *cail* | calculum, «pedrinha», mediante a evolução seguinte: *calclum: calclo: calho*, para o português, e *calcle: cail*, para o francês.

cali (Marromeu)

África Oriental Portuguesa: — «Os nomes dos principaes objectos de uso domestico são *cali* (panela d'agua) . . . » —[3]. Não posso deixar de citar a coincidência de *kuáli* em malaio também ser o nome que dão à panela onde se faz o caldo e sopas.

---

[1] O Economista, de 13 de setembro de 1892.
[2] O Seculo, de 2 de outubro de 1901.
[3] Jornal das Colonias, de 4 de julho de 1903.

calo

No Alentejo êste termo significa uma extensão de terreno arjiloso, encravado entre outras formações. É evidente a orijem do termo: destaca-se, por diferença de aspecto, êsse retalho entre os terrenos circunjacentes, como um calo realça na pele. Comparação análoga, mas com relação a dureza, levou a aplicar-se a mesma denominação à «grossura de terra, entremeada e presa pelas raízes das varas, que se forma em tôrno das videiras que se cortaram na poda», sentido êste ja consignado no Nôvo Dicionário.

calombo; carimbo; carcunda

Calombo no Minho significa «abóbora». O Nôvo Diccionário diz-nos que como termo brasileiro quere dizer — «tumor, inchaço duro em qualquer parte do corpo» —, e atribui-lhe em duvida orijem africana. O aspecto é na realidade cafrial, mas o vocabulo não parece quimbundo, pois nesta lingua *calomba* quere dizer «mulher infecunda», conforme Joaquim da Mata [1]. Não seria porem de estranhar que o fosse, pois esta e outras linguas bantas ministraram e ainda ministram copioso vocabulario à nossa.

O prefixo *ca* é deminutivo em quimbundo, e a palavra muito usual *carimbo* é simplesmente o deminutivo de *quirimbu* «marca» [2], como *carcunda* é o quimbundo *caricunda*, «costinhas», «o das costas», e significa «quem tem as costas defeituosas» e o próprio defeito.

[1] Ensaio do Diccionario kimbundu-portuguez, Lisboa, 1893.
[2] *ib. sub voc.* **kirimbu.**

calote

Êste vocábulo, no sentido de «dívida não paga», parece ser francês *culotte*, como termo de jôgo do dominó, o qual designa «as pedras com que cada parceiro fica na mão, por as não poder colocar».

Também se diz naquele sentido *caurim*, *(q. v.)*.

caluete

O Nôvo Diccionário rejista como inédito êste vocábulo, que escreve *calvete*, o que é êrro manifesto, pois o vemos escrito nos nossos cronistas da Ásia também *caloete*, e é sabido que do **o** se serviam dantes, em caso de dúvida, quando o **u**, que na forma, quer escrita, quer impressa, se confundia com o **v**, se poderia lêr como hoje lêmos êste. É sabido também que o **v** era o desenho inicial, **u** o medial e final da palavra, tendo ambos promiscuamente os dois valores, e sendo o **u** para o da vogal *u* a miúdo substituído por **o**, se ficava no meio da palavra, pelo expediente gráfico **hu**, principalmente se no começo dela: *huuar*, por exemplo, assim diferençado de *viver* [1].

O termo é malabar *kaluekki*, e designava o instrumento de um suplício atroz, descrito por Fernám Mendez Pinto, nos seguintes termos: — «porém o moço foi espetado vivo em um caluete de arrezoada grossura, que lhe meterão pelo sesso, e lhe saíu pelo toutiço» — [2].

Para se ver quanto os nossos escritores eram escrupulosos em representar, conforme a ortografia do seu tempo, os nomes e vocábulos peregrinos que intercalavam nas suas relações e des-

[1] V., do autor, Ortografia Nacional, Lisboa 1904, p. 61, 99, 108, 215 e 218.

[2] Peregrinação, cap. CLXXVII.

crições, cumpre advertir que o vocabulo malabar, que na letra da terra se escreve *kaluekkī*, é pronunciado *káluitti* [1].

Bluteau ortografou também erroneamente *calvete*, pelo quê se fica sabendo que antes do Nôvo Diccionário já a palavra havia sido rejistada.

Repito que a escrita *caluete* tira todas as dúvidas, mesmo que não soubéssemos pelo seu étimo, como sabemos, que alí o u não tinha o valor de *v*, mas de *u* vogal.

camacheiro

É termo usado no Funchal, com a significação de «vento leste». A orijem desta denominação é evidente. Chama-se-lhe assim porque êsse vento sopra ali do lado da freguesia de Camacho, capela de Santa Cruz, fora da cidade. Cf. (vento) *palmelão* { *Palmela*, «o sueste», no Tejo.

cama-quente

— «Dá-se em horticultura o nome de cama quente a todo o amontoado de adubo constituido por fôlhas sêcas ou detritos varios proprios pára entrarem em fermentação e desenvolverem calôr» — [2].

camara, camarim, camarinha, camarote, beliche, caramanchão

O termo *camarim*, derivado do italiano *camerino*, significa nos teatros portugueses, como nos de Itália, o quarto em que se

---

[1] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886.

[2] GAZETA DAS ALDEIAS, de 20 de agosto de 1905

actores se vestem e preparam para a cena. É já antigo na nossa lingua, pois vem mencionado neste sentido no Aviso de 17 de julho de 1751 [1], relativo ao teatro da Opera.

Outro tanto acontece a *camarote*, como se vê no mesmo Aviso: — «os camarotes a que Sua Magestade não deu certeza, destribuirá V. Ex.ª» —.

O italiano deu ao português grande número de termos de arte. (V. **poltrona**).

Camarote, como termo de bordo, no mesmo sentido que *beliche* (de orijem oriental, provávelmente malaia, *biliq*, «alcova»), é natural que italiano seja também, mas já foi usado na Peregrinação (cap. ccxiv). É possivel que *beliche* represente o malaio *biliq kechil*, «alcova pequena», com deslocação do acento do adjectivo para o substantivo, e supressão do *q*, quasi imperceptivel, e da terminação *il*. Em italiano *camarote-de-bordo* diz-se *camerino*.

Camarim é excelente tradução do francês *boudoir*, e nesta acepção foi muito usado, significando «quarto reservado, secreto»: e é como tal que o termo se aplica ao andor coberto em que, por exemplo, a imajem do Senhor dos Passos da Graça vai cada ano processionalmente para a igreja de Sam Roque, em Lisboa, na segunda sexta-feira da quaresma.

Camarinha está empregado num sentido especial no seguinte passo do Bosquejo de uma viajem no interior da Parahyba e de Pernambuco [2]: — «no interior da nossa «camarinha», coberta de telha vã, como é geral no norte do Brazil» —.

Com efeito, no Suplemento ao Nôvo Diccionario vemos êste vocabulo definido do modo seguinte: — «(bras. do N.) quarto de dormir; pequena prateleira no canto da sala» —.

Na Beira-Baixa *camarinha* é o «quarto de dormir».

Camarinha é tambem o nome de uma baga, fruto de uma planta do mato, a que no Alentejo se chama *copo-d'água*.

---

[1] Collecção de legislação portugueza, 1750-1762, p. 338.

[2] *in* O Seculo, de 2 de junho de 1900.

Outra palavra composta, não derivada, de *câmara* é *camanchão*, de *camaranchão*, com metátese das sílabas medias, formado de *câmara ancha*, com elisão do *a* final de *câmara*, e mudança de género gramatical: cf. *mulherão*, substantivo masculino, aumentativo do femenino *mulher*, *casão*, masc., de *casa* femenino.

A palavra *câmara*, que deu avultado número de derivados em todas as línguas românicas, é o latim *camĕra*, *camara*, do grego KAMARA.

camba, cambo, cambal, cambeira, cambeirada, cambada, cambulhada, cambulhão

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, incluiu a palavra *cambeiras*, com a seguinte definição: — «(t. da Bairrada), a farinha mais fina que, nos moínhos de agua, se evola [?] da mó, pousando nas paredes e objectos circunjacentes» —.

Acrescenta um derivado *cambeirada*, como tambem pertencente ao vocabulario daquela rejião, definindo-o — «arremesso de cambeiras ou enfarinhadela com cambeiras, nos folguedos do entrudo;... pequena porção de farinha» —.

¿Porque se chama, porém, *cambeira*, ou *cambeiras*, a essa farinha finíssima?

No corpo do dicionário incluiu-se o termo *cambal*, assim definido: — «resguardo de pano, madeira ou farinha, para que se não espalhe a farinha que se vai moendo» —.

Bluteau dissera: — «Cambais chamão os Moleiros à farinha (segundo imajina quem mo disse) que poem em roda da pedra que moe, como reparo da que se está moendo; ou são umas lombas, que pela mesma sorte se poem» —[1].

A palavra deve provir de *camba*, a que o mesmo dicionário

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Suplemento

as seguintes definições: — «peça curva das rodas dos carros, …as: nêsga: (ant.) moinho de mão; pequena cambota» —.

Camba parece derivar-se do latim campe, termo grego que …nificava «curvatura».

O ELUCIDARIO de Santa Rosa de Viterbo diz-nos que antiga…ente *camba* era: — «moinho pequeno, molinheira, moinho de …ão» — e *cambal* — «a farinha, que faz labio na mó debaixo» —.

Na monografia MOINHOS [1] vemos o seguinte trecho em que … descreve o que são *cambeiras*: — «por sobre estes [os *arre…res, q. v.*] assenta… um anteparo de madeira, a que dão o …me de *cambeiras*» —.

Creio ficarem assim bem estremadas, com as citadas defini…ões e com êste trecho, varias acepções das palavras *camba*, …*mbal*, *cambeira*, *cambeirada*. De *camba* e *cambota* há cla…ssimas definições no DICCIONARIO CONTEMPORANEO.

Com relação a *cambada*, — «enfiada de coisas penduradas no …smo gancho, cordel, etc.», como declara êste último dicionário, …arece ser um derivado colectivo de *camba*, *cambo*, porque tais …jectos, fazendo pêso, obrigam o cordel, vara, etc., a curvar-se; … de *cambo*, que significa «enfiada, vara (curva, geralmente de …lgueiro)» —. *Cambada*, «sucia», tem a mesma orijem.

Outros derivados são *cambulhada*, *cambulhão*, que pressu…em uma forma *cambulho*, ou *cambulha*, da mesma orijem.

cambola

No «Jornal das Colonias», de 27 de maio de 1905 [2] encon…ra-se êste termo, próprio da África Oriental Portuguesa, perten…nte ao vocabulário das linguas bantas, e que assim é ali de…nido — «corda feita com fibras vejetais».

[1] in Portugalia, I, p. 386.

[2] CAMPANHA DE BARUE EM 1902, relatório oficial.

cambolar, cambolação, cambolador

O NÔVO DICCIONÁRIO traz o segundo dêstes vocabulos, com a significação de — «engajamento (?) de comitivas de carregadores do interior da África» —.

O étimo de *cambulhada*, que em dúvida lhe da, é inadmissível. Tanto o segundo como o terceiro vocabulo pressupõem o verbo *cambolar*, que não é mais que o aportuguesamento do verbo quimbundo *cucombola*, «negociar, traficar», de que se derivou o substantivo *cambolador*, correspondente ao quimbundo *ritombo* [1], «negociante».

caminheira, caminhão

O NÔVO DICCIONÁRIO rejista como provincialismo o vocabulo *caminhão*, no sentido de «carro do quatro rodas».

Outro substantivo, do mesmo modo derivado de *caminho*, é nome aplicado a uma espécie de locomotiva, como se vê do trecho seguinte: — «Ha dias effectuou-se em Inglaterra a experiencia d'uma caminheira para o Soldão [aliás, Sudão]... Com um carro atrelado levando dentro mais d'uma tonelada de peso a caminheira pegou-se diversas vezes» — [2]; — «pessoal e material relativos ás caminheiras e outras machinas a vapor» — [3]

camisa-de-onze-varas; camisão

Como já foi explicado na REVISTA LUSITANA [4], esta estranha denominação queria dizer — «a alva dos padecentes» —.

---

[1] Héli Chatelain, GRAMMÁTICA ELEMENTAR DO KIMBUNDU, Coimbra, 1888-1889, p. 121. — D. Cordeiro da Mata, ENSAIO DE DICCIONARIO KIMBUNDU-PORTUGUEZ, Lisboa, 1893

[2] JORNAL DAS COLONIAS, de 21 de outubro de 1905.

[3] DIARIO DE NOTICIAS, de 30 de janeiro de 1906.

[4] vol. VI, p. 129.

Camisão, na ilha de Sam Miguel, significa «disfarçado, hipócrita, sonso».

Notarei aqui, a propósito de *alva*, que êste vocábulo não designava só a — «veste de padecentes nos antigos autos de fé» — como diz o Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO, mas principalmente a camisa branca, que levava vestida «o padecente que ia a enforcar, como ainda a vestiram os últimos que em Lisboa padeceram essa pena, Matos Lôbo e Diogo Alves, antes de meados do seculo passado».

camocho

Termo de calão que quere dizer «tostão».

campa, campã, campana, campainha, campainheiro

O primeiro dêstes vocábulos tem duas acepções, a primeira, «(laje que cobre a) sepultura», não é fácil de subordinar a um étimo.

Na segunda acepção, é um primitivo suposto, formado pelo que se considerou derivado, *campa* | *campaa* | campana, *campana*, ainda usado no concelho de Pinhel, e que já em latim significava «sino» [1]; como *venta*, foi induzido de *venta* | *ventana*, e *aço* | *aceiro*, que era o nome do metal, como actualmente o é em castelhano *acero*. Supôs-se, em vista da terminação, que a palavra estava na mesma relação que *ferreiro* com *ferro*. Também se disse *azeiro*, e Alexandre Herculano empregou *azeirado*, no sentido em que usamos o castelhanismo *acerado* [2].

Campanus em latim é um adjectivo, empregado por exemplo em aes Campanum, e em (uasa) Campana.

---

[1] F. Wölflin, *in* JAHRESBERICHT FÜR DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, p. 126.

[2] — «A seta de um epigramma azeirado» —, O BOBO, II.

Um derivado de *campainha* é *campainheiro*, que no concelho de Vila-Nova-de-Ourém, e provávelmente em todo o distrito de Santarém, designa o vendedor de campainhas e chocalhos para gado, na feira, e que anuncia a fazenda tocando alternadamente duas campainhas que empunha, uma em cada mão.

campido; campo, campina, campinação

É um particípio passivo substantivado de *campir* — «fazer a perspectiva do horizonte em um quadro» —, como define o Novo Dicionário. J. Gomes Monteiro, na Carta acerca da Ilha dos Amores [1], empregou aquele substantivo explicando-o: «a confusa distribuição dos elementos que entram no quadro, a falta dos campidos, como lhe chama Philippe Nunes, isto é os longes, os ceos, os horisontes» —.

O verbo *campir* é de orijem italiana, *campire*, como muitíssimos termos de arte. (V. em **poltrona**).

Campo, além de muitas outras acepções, que dos dicionários constam, tem uma muito especial em português, a de «espaço onde pode caber alguma cousa, ou alguém; eis um exemplo: — «custando a acreditar como alli [sala da audiencia do tribunal em Vila-Franca] possa viver *[sic]* umas dezenas de pessoas, no espaço de algumas horas, sem ar, sem campo, entre bancos e estrados» — [2].

De *campo* se deriva *campina*, e dêste talvez um verbo *campinar*, que deu orijem ao substantivo *campinação*, que vemos empregado por M. Ferreira Ribeiro [3]. — «As polainas de laços são as melhores e mais uteis nos trabalhos de campinação, passagem de florestas, etc.» —.

---

[1] Porto, 1849, p. 60.

[2] O Seculo, de 3 de maio de 1900.

[3] Regras e preceitos de hygiene colonial, p. 90.

cana-verde; cana, caninha, canicinho

O Novo Diccionário inseriu êste termo composto, dando-[illegible] a significação restrita de — «canção popular do Minho» —, [illegible]pção em que toda a gente o conhece. Todavia, no seguinte [illegible]certo a locução tem, sem dúvida, outro significado, que talvez [illegible]sa aclarar o nome que puseram à cantiga minhota: — «ainda [illegible]vera os vinhos, ou *canna-verde*, produzidos por vinhas doen-[illegible]» —[1].

Cana, por «aguardente de cana de açúcar», vemo-lo empre-[illegible]do no seguinte passo: — «Dê-nos canna» —[2].

Caninha, como designando a *cana-doce*, ou cana-de-açúcar, [illegible] assim definida no jornal O Economista, de 3 de maio de 1891: — «Constou que o snr. Brandy mandara vir de Moradnagar, [illegible]dia, sementes de cana «Alapoor Jowart» que pertence a uma [illegible]sta inteiramente nova e produz assucar e aguardente. Diz a [illegible]ecia que resiste muito á seca e pode por isso ser plantada em [illegible]rrenos onde haja falta d'agua. Não é da familia Sarghos, a que [illegible]amam caninha. Forma soqueira e dá semente» —.

O deminutivo *canicinho*, na ilha de Sam Miguel, quere dizer [illegible]motejo», como o vemos muito plausivelmente explicado no jornal [illegible] Seculo, de 5 de julho de 1901: — Estar com o canicinho [illegible]agua, estar a brincar, a gracejar. Pela forma açoriana se vê [illegible]e a nossa locução «estar com a carinha n'agua», que realmente [illegible]o faz sentido, é corruptela da seguinte: «Estar com a caninha [illegible]'agua», de facil comprehensão» —.

Estes modos de dizer triviais, que se empregam tendo-se em [illegible]sta o teor da frase enteira, e não o valor dos seus elementos, [illegible]o muito sujeitos a ser deturpados, substituindo-se qualquer [illegible]sses elementos por outro, cujo valor fonético seja quási equi-

---

[1] O Seculo, de 5 de outubro de 1902.

[2] Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de [illegible]rnambuco, in «O Seculo», de 17 de junho de 1900.

valente: é o que aconteceu a outro anexim, «não se pescam trutas a bragas enxutas», onde bragas é geralmente substituído por barbas.

canado

Na Beira-Baixa tem êste nome a «armação de canas ou ramos, em tôrno do carro, para conter o estrume»[1].

É um derivado — evidente de *cana*.

canajeira

É um termo que designa nas marinhas uma espécie de pá, que veio figurada no jornal O SECULO, de 10 de janeiro de 1901.

canastro

Esta palavra, formação masculina correspondente à femenina *canastra*, designa em geral o arcabouço, a armação, o esqueleto, e nestes significados traduz perfeitamente o *carcasse* francês, o qual só é português, no uso comum, com a forma *carcassa*, talvez melhor *carcaça*, no sentido de «cousa, pessoa velhíssima».

Em sentido especial designa no Minho a palavra *canastro* o mesmo que *espigueiro* ou *caniço*, isto é, «um celeiro provisório, o qual consiste em uma construcção levantada sôbre estacas ou pègões de pedra, e em que se arrecadam espigas e maçarocas, ficando a salvo da humidade e dos animaes daninhos».

cánave, cáneve, canaveira

Estas duas formas, a segunda das quais está para a primeira como *cámera* para *cámara*, são os lejítimos derivados do substan-

---

[1] Informação do editor, natural de Almeida.

tivo latino femenino cannabe[m], e foram ao depois substituídos pela forma castelhana *cânhamo (cáñamo)*, procedente de outra forma latina neutra cannabum, com assimilação parcial do *b* ao *nn*.

Do adjectivo *cannabaceum* [1] provém o derivado *canhamaço*, também acastelhanado, popularmente modificado em *calhamaço*, por dissimilação da nasal inicial da 3.ª sílaba: *nh* passou a *lh*, isto e, a nasal palatal à liquida palatal, por dissimilação regressiva da nasal labial *m*.

O Nôvo Dicionário define *canaveira* por estas palavras: — «(ant.) logar onde cresce o cânave? canavial? Cf. Sousa. *Ann. de D. João III*» —.

canavieira

Na Ilha da Madeira dá-se êste nome ao *carro de roca*.

candeia, candeeiro, candil (1); candil (2)

Hoje, na linguajem comum significa o primeiro vocábulo uma lampada pequena de folha, com um gancho para se dependurar; e *candeeiro* toda e qualquer lampada, que em geral não é de suspensão, mas que tambem pode estar suspensa. Antigamente não era assim.

Candeia designava o que actualmente chamamos *vela*, e *candeeiro* o «fabricante de velas, o cirieiro», como hoje dizemos. Isto se vê claramente dos seguintes trechos de um artigo publicado por Sousa Viterbo na revista Portugalia [I, p. 366-368], analisando uma carta réjia de Dom Afonso v: — «e entre as [candeias] que vinham de fora eram especialmente reputadas as *candeas de rezar* de Aragão — que os candeeiros moradores na dita vila de Santarem» —.

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, II, p. 31.

Ao fabricante de candeeiros de metal chamou-se ao depois *candeeireiro*. Sousa Viterbo [1] adverte haver diferença entre *candeeiro*, — «o official que faz candêas de cera, a que hoje chamamos *rolo*» — e cerieiro «que fazia velas, tochas, e brandões» —. Aliás, *cirieiro* { *cirio*.

Candeia, no sentido de «vela», foi empregado por Damião de Góis: — «lhe pedirão algumas mercês, as cartas das quaes assinou, tendo na mão ezquerda a candea, e na outra a pena com que assinava» — [2].

Ainda muito depois escreveu Cardim: — «pedindo que á hora da morte os ajudem metendo-lhes a candeia na mão» — «foi benzer as candeias á igreja de Homac, convidando os portugueses para a festa» — [3]. Ainda hoje se diz *A Senhora das Candeias*.

Outro trecho, que dissipa todas as dúvidas, é o seguinte: — «O curioso *andor das candeias* foi salvo... Este andor era conduzido na procissão das marafonas ou dos pães bentos... O andor ia adornado de vellas de cêra, que perfaziam o peso do rolo com que se devia cercar a muralha da cidade [de Guimarães]» — [4].

Candil, de orijem imediata arábica QANDIL, mas remota do grego KANTALA (?) [5], significa um candeeiro-de-mão. O NÔVO DICIONÁRIO, alem desta acepção conhecida, aduz outra: — «(pesca a) phosphorecência das águas» —.

Como, porém, não está abonada, creio ser informação errada, e que o vocabulo *candil*, está por *candeio*: «luzeiro que se usa na caça ou na pesca, para atrair a presa».

---

[1] ELUCIDARIO DOS TERMOS... QUE EM PORTUGAL ANTIGUAMENTE SE USARÃO. Lisboa, 1798.

[2] CHRONICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, cap. IX.

[3] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO. Lisboa, 1894, p. 23 e 162.

[4] O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902.

[5] Dozy & Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORT. DERIVES DE L'ARABE.

Quanto a outras acepções de *candil*, as primeiras que se dão no mesmo dicionario: — «medida de capacidade, na India» —, e «antiga moeda asiática» — são vocábulo distinto dêste: deveria ali ser subordinado a inserção separada, conforme a economia adoptada nele. Qualquer dessas acepções pertence ao vocabulo malabar *kandi*, que é o marata K'ANDI, unidade de pêso de 250 kilos prossimamente [1]. A forma portuguesa *candil* foi erradamente induzida do plural *candis*: cf. *javali*, *javalis*, com *funil*, *funis*.

caneca, caneco

É um par de nomes, um masculino e outro femenino, como há tantos na nossa língua: *caneca* é um vaso pequeno de louça, cilíndrico, com maior altura que diámetro, e guarnecido de asa; *caneco* é uma espécie de barril de madeira, de forma cónica, e aberto por cima, no que no Norte se diferença do barril própriamente dito, que geralmente tem dois tampos.

Todavia os canecos de madeira para água, no Porto, teem dois tampos, mas são semelhantemente cónicos, e não com a forma de dois cones unidos pelas bases, como os dos aguadeiros de Lisboa, e os que servem a transportar vinho, aguardente, vinagre, etc.

canga, cangalhas, cangalho, cangueiro

Alem de indicar uma espécie de jugo para os bois, usado no sul do reino, designou, por analojia de forma ou de aplicação, a tabua que serve de suplício na China. No curioso livro BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, do Padre António Francisco Cardim [2], vem mencionado o dito tor-

[1] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886, *sub v.* **Candy.**

[2] Lisboa, 1894, p. 85; v. tambem a p. 185, 190, 217.

mento por êste nome: — «lhe tinha lançado ao pescoço uma canga, com dois pesados paus, a modo de escada.

Desta palavra se derivaram, segundo parece, *cangalho*, e *cangalhas*, armação geminada que se põe no dorso das cavalgaduras, para transporte de cêstos, canastras, barris, etc., e que pode ser de ferro, ou de madeira: — «colocam-lhe por sobre a albarda [do burro dos aguadeiros] as cangalhas, nome que aqui [Algarve] se dá a um objecto feito mais vezes de madeira que de ferro» —[1].

Exemplo de *cangalho*, na acepção primitiva de — «cada um dos dois paus que ajustam e seguram a carga ao pescoço dos bois» —, como define o DICC. CONTEMPORANEO, é o seguinte: — «tinha ido proximo de um ribeiro arrancar um pedaço de madeira, para d'ahi fazer um cangalho» —[2].

Cangalho, como é sabido, significa também um objecto velho, inútil, e desta acepção proveio o verbo *escangalhar*, «desmanchar, destruir».

A orijem do vocábulo *canga* é o verbo *cangar* | *coniugare*[3].

O substantivo *canqueiro* vem já inscrito no NÔVO DICCIONARIO numa acepção especial, «barco chato, usado no Tejo», atribuindo-se-lhe por orijem a palavra *canga*. No mesmo dicionário está rejistada outra acepção, como própria do Brasil, — «preguiçoso, negligente» —. Nos meus apontamentos, sem abonação porém, porque levou esta sumiço, encontro *canqueiro* como barqueiro de certa embarcação, que nunca abre caminho, desviando-se, a outros barcos mais pequenos, evitando únicamente os que são maiores, para não soçobrar.

---

[1] PORTUGALIA, I, p. 385.
[2] O ECONOMISTA, de 22 de outubro de 1892.
[3] J. Leite de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, II, p. 34.

cangarra

É natural que seja êste vocábulo, usado na Africa Oriental Portuguesa, um aumentativo de *canga*, (cf. *bocarra* | *bôca*), e usado, termo indijena: — «transportam o ferido em combate, na *cangarra* (padiola de ramos)» — [1].

cangosta: v. **congosta**

cánhamo: v. **cánave**

canho, canha, canhona

No Minho *canhos* são «sobejos de comida».

Para os outros significados de *canho*, e seus derivados, veja-se o Nôvo Dicionário e o seu Suplemento.

Comparavel a *canho* no sentido indicado é o termo alentejano *canhas*, rejistado no dito dicionário, com a significação de — «migas que, depois de feitas, se comem com leite» —, acepção que confirma o étimo *caneus, canea, caneum*, adjectivo derivado de canis, «cão», provavelmente porque tais migas se dariam a cães, para os desmamar, pois vemos no mesmo dicionário que no Douro *canhol* significa cão pequeno, *canĕŏlum*. O vocabulo trasmontano *canhona*, «ovelha», é naturalmente ainda um derivado do mesmo adjectivo latino, no parecer de J. Leite de Vasconcelos, talvez por ser mais fraca, comparada ao carneiro [2].

---

[1] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, *in* «Jornal das Colónias», de 19 de agosto de 1905.

[2] Revista Lusitana, II, p. 116

[illegible]

Termo da Africa oriental Portuguesa. — «Os [illegible] usam *cabo de guerra [q. v.]*.»[1]

[illegible]

É termo de Timor. — «O [illegible] [illegible] Nota: [illegible] mistura de alcool e [illegible]»[2]

canja

Este termo indiano, que em todo o Portugal se difundiu [illegible] designar o caldo de arroz, principalmente feito com [illegible] presunto, mas que tambem se emprega quando [illegible] diluta, vem no Supplemento ao Novo Diccionario [illegible] verdadeiro etimo apontado, mas esqueceu notar que a [illegible] acepção que ao vocabulo é dada no corpo do diccionario [illegible] barcaça do Nilo, de quilha [illegible] não é do [illegible] Tetum[?] asiatico [illegible], pois nada tem que ver com o [illegible] concani *kanji* procedente do tamul *kanri*, [illegible] em inglês [illegible] aplicavel ao caldo indicado para [illegible] franceses empregam a forma *canne* tirada do portuguez, [illegible] inglêses [illegible] que directamente conheceram da India.

O Padre Coeurdoux parece ter sido quem primeiro deu em França a forma [illegible] de Canje: «Le Canje c'est de l'eau dans laquelle on a fait cuire le riz.»[3]

---

1 [illegible]

2 J. S. [illegible] Notas [illegible] [illegible]

3 Lettres édifiantes [illegible] [illegible]

canoura

Êste termo não está, que eu saiba, colijido em dicionário gum da lingua. Vejo-o empregado sem mais explicação no seinte trecho de um jornal de Elvas, transcrito no ECONOMISTA 3 de outubro de 1888: — «Esta [azeitona] saindo da c a n o u r a maquina de tulhar] cae sobre um cylindro liso» —. Parece r um «canudo».

cantadoura

Além dos muitos derivados de *canto* e *cantar* cumpre rear mais êste, que vemos empregado no seguinte trecho da nografia de Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO: [1] — «Por zes o tradicional carro de bois exhibe-se em rara particularizao de minudencias. No c h a d e i r o e a vincos limitam-se as e d a s do resto do leito e da c a b e ç a l h a; esta obliqua [2] naralmente até encontrar o t a m o e i r o; os fueiros ornam as e d a s; nos logares respectivos indicam-se as c a n t a d o u r a s; rodeiro acentua-se o m i u l; nas c a m b a s, ás vezes, aparecem m e i a s - l u a s» —.

Este trecho é obscurissimo em virtude do uso de termos cnicos, populares e pouco conhecidos, insertos em um discurso, qual os verbos empregados são, pelo contrário, pertencentes linguajem convencional e artificial, como *exhibe-se*, *obliqua*, *entua-se*, *limitam-se*, *ornam*, aproveitados em acepções que o são as suas naturais. Espacejei todos os termos desusados, e procurarei explicar com aussilio do dicionário. Principiando r *chadeiro*, se consultarmos o NÔVO DICIONÁRIO, encontramos uma remissão a *chedeiro*; visto êste, achamo-lo definido como

---

[1] in Portugalia, I, p. 253.

[2] Sôbre esta conjugação errada veja-se ORTOGRAFIA NACIONAL, Lis- 1904, p. 90 e 91.

— «leito do carro de bois» —. *Chêda*, diz-nos o mesmo dicionário ser — «cada uma das pranchas lateraes do leito do carro, nas quaes se encaixam os fueiros» —, e na provincia do Minho — «plataforma do carro de lavoira» —. Parece, porém que *chêdas* sejam as «pranchas», visto que *chedeiro* é o leito, isto é, o que o mesmo dicionário chama *plataforma*. *Cabeçalha* vemos ai, que é o *temão* do carro, ou a parte deanteira dêsse *temão*. *Tamoeiro*, sempre no mesmo dicionario, é — «peça central do carro de bois que se prolonga até á canga e serve de tirante» —. *Cambas* são — «peças curvas das rodas dos carros» —.

Buscando *miul* ou *miulo* no mesmo dicionário, vemos que nos remete para *meul*, onde nos diz que vem a ser — «o mesmo que *meão* do carro» —. Procurado êste, acha-se como definição — «peça central da roda dos carros, na qual se imbebe o eixo» —, explicação que o autor nos poderia dar também em *meul*, para nos poupar a caminhada.

Cantadouras ninguém nos diz o que seja. Portanto se o leitor ainda não entendeu o trecho transcrito, é porque é tam bronco como eu sou.

Segundo informação, *cantadeiras* são a parte do eixo onde prendem as rodas: devem ser as *cantadouras* do trecho.

Cumpre advertir que a descrição é aplicada a uma imitação do carro, como brinquedo, feito de barro.

cante

Na Nazaré equivale a «canto», «cantiga», cf. *descante*. Em castelhano é usual *cante* por *canto*.

cantiga, cántigo

É evidente que esta palavra não provém do plural cantica de canticum em latim, visto que, se êsse fosse o seu étimo, a acentuação seria *cántiga*. Deve pois ser um substantivo verbal

…ino de * *cantigar* | c a n t i c a r e, como *fabrico* o é, mascu-… de *fabricar*, não obstante a palavra *fábrica*.

…m Carregosa usa-se o vocabulo *cántigo*, que é derivado di-… do latim c a n t i c u m [1].

canutilho

…ste vocábulo é fusão de dois: o primeiro português, *canudo*, …undo castelhano, *cañutillo* (pron. *canhutilho*), ou, o que … talvez mais exacto, é o castelhano *cañutillo* que sofreu in-…ia da palavra portuguesa *canudo*.

… significado é o mesmo em ambas as linguas: «canudinhos …dro, para com êles se formarem vários enfeites e guarnições …estidos».

…dvirta-se, porém, que na Bolívia é vulgar a forma *canu-*… [2], dissimilação de *canutillo* (*n* apical por *n* dorsal), mais …ma da portuguesa, do que a literaria castelhana.

capa, capa-de-honras ou capa de Miranda; capindó

…em assim descrita no INQUERITO INDUSTRIAL, de 1881 [3]: …azem tambem umas capas de burel, notaveis pelo seu feitio …al e pelos muitos ornatos, sendo estes formados por capri-… applicações do mesmo tecido, capas que aparecem geral-… nas grandes festividades, e por isso são denominadas *capas …ras*. São igualmente conhecidas por *capas de Miranda*»—. …o museu da Sociedade de Geografia de Lisboa há um ma-…m assim vestido.

J. Leite de Vasconcelos, REVISTA LUSITANA, III, p. 73.

R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BO-…, Bogotá, 1881, p. 532.

vol. II, 3.º, p. 47

Uma forma moderna, a que a palavra *capa* serviu de orige, é *capindó*, que, além do sentido pejorativo que lhe dá o Suplemento ao Nôvo Diccionario, é tambem o nome de uma capa de grande roda, chegando até o joelho, a qual constitui uma parte do uniforme da marinha portuguesa.

Capa é um latim cap(p)a, que produziu numerosos derivados nas diversas linguas románicas, e cuja verdadeira origem é problemática.

capada

— «um dia que me roubéram uma capáda (rebanho)» —[1] Representou-se aqui a linguajem de um pastor da Beira-Baixa.

capaz

Conquanto os dicionários dêem «amplo» como significação primordial dêste adjectivo, é êle menos usado nessa acepção actualmente em português, do que o é em castelhano.

Exemplo dessa acepção primordial é o seguinte: — «41 thayngia (são umas embarcações mais capazes que as suas galés)» —[2]

capelana

Termo da África Oriental Portuguesa — «Panno de 1 braça quadrada que lhes serve de capa» —[3] [aos pretos].

---

[1] Joaquim Manuel Correia, ANTIGUIDADES DO CONCELHO DO SABUGAL, in «Archeologo portugues», x, p. 201.

[2] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, de António Francisco Cardim, Lisboa, 1894, p. 217.

[3] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878.

capitão

Na África Oriental Portuguesa é tomado êste termo em significação muito particular, como vemos no relatório da Campanha do Barué em 1902: — «capitão é o capataz ou feitor sendo indígena» —.

capitel, chapitel, chapitéu

A primeira destas palavras, como quasi todos os termos de artes nobres em português, proveio do italiano, onde se diz *capitello*, do latim capitellum, deminutivo de caput, que juntamente com outro deminutivo mais usado ainda, capitulum, se empregava já para designar «o remate superior do fuste da coluna, ou pilar». Conforme a conhecida lei de que a *ca* latino corresponde *cha, che* francês, capitellum deu nesta língua a forma *chapiteau*, da qual resultou *chapitéu* em português, saindo a outra forma, *chapitel*, o nosso *chapitel*, hoje desusado, mas que ...tos, por exemplo, na Gazeta de Lisboa Occidental, de 2 de maio de 1738: — «... e se reconhecem ainda muytas bases e chapiteis de colunas» —[1].

Capitel designa uma peça de tear, como vemos na publicação Portugalia, I, paj. 374.

capoeira

Como parte do moinho, é êste vocábulo definido do modo seguinte: — «[do frechal] parte um ripado que, indo terminar em ponta, é coberto de palha de centeio e algumas veses folhas de lata; chama-se *capoeira*. É evidente a orijem da denominação: semelhança com o encruzamento das ripas das capoeiras[2].

---

[1] *in* «Archeologo português», V p. 3.

[2] Moinhos, *in* Portugalia, I, p. 386.

capotim

— «Duas braças de fazenda» —[1]. África Oriental Portuguesa.

caqui

Èste neolojismo, que também se escreve *khaki* e de outros modos não menos arrevesados, é o nome de uma fazenda de algodão côr de barro, que actualmente se usa muito em fardamentos das tropas que vão fazer serviço em África.

O vocábulo é persa na orijem, ҺAK, «barro» que passou ao indostano, onde produziu o adjectivo ҺAKI, «barrento, côr de barro»[2]. Eis aqui uma abonação do vocábulo: — «E alto, traz trunfa branca, casaco de kaki com platina e pudvém branco» —[3]

carabelina, cravina

O cravo sinjelo, a que vulgarmente se chama *cravina*, é denominado *carabelina* em Trás-os-Montes. Esta forma pressupõe outra, *crabel*, correspondente ao castelhano *clavel*, mas com vogal anaptíctica entre o *c* e o *r*: cf. as formas populares *carapinteiro, crapinteiro*, por *carpinteiro*, e *canivete*, do alemão antigo *knif*, passando talvez pelo catalão *ganivet*, onde já se houvesse dado a anaptictise do *a*, e que parece um deminutivo, cuja significação actual é «faca».

J. Leite de Vasconcelos deriva *crabelina* directamente de

---

[1] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 26.

[2] Yule & Burnell, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS. Londres, 1886, *sub v.* **Khakee.**

[3] O SECULO, de 1 de abril de 1902.

anna [1], o que me parece provável em vista da existência de aloga forma em castelhano, *clavelina,* indubitávelmente derida de *clavel.*

A palavra *cravina,* no uso vulgar, está abonada por esta forosa quadra de Acácio de Paiva: —

Juntou-se a cravina ao cravo
Entre as mãos d'uma menina;
Quem me dera num raminho
Ser eu cravo, e tu cravina [2].

caramelo, carambelo

Em castelhano *caramelo* é o nome de uma guloseima, a que s chamamos «rebuçado», entanto que *azucarillo* corresponde nosso *caramelo.* Neste sentido, como no de «gêlo», o étimo rece ser calamellum, deminutivo de calamum, «cólmo», m dissimilação do primeiro *l* e supressão do segundo *a* em rtuguês, cal'mellum, *carmelo, caramelo* [3]: *carambelo* está ra *caramelo,* como o português *lombo* para o castelhano *lomo.*

carangueja: caranguejo

Esta palavra tem uma acepção que ainda não foi inserta nos cionários e se vê no trecho seguinte: — «Por este meio a comotiva que vem rebocar um comboio até á *gare* segue sobre carangueja, especie de ponte movediça, e entra na via que se retende» — [4].

Caranguejo é na provincia do Minho «abrunho grande».

---

[1] Revista Lusitana, II, p. 105.
[2] O Seculo, de 12 de junho de 1905.
[3] Revista Lusitana, II, p. 105.
[4] O Economista, de 15 de abril de 1890.

(em) carapuça; (em) pelote

São vulgares estas expressões, significando a primeira «com a cabeça descuberta» e a segunda «nu», como também se diz «em pêlo».

A segunda ainda se poderia explicar pelo seguinte modo: *pelote* é apenas um aumentativo facéto da palavra *pêlo*, referido já também por gracejo à p e l e.

Não me parece que seja assim.

Nos SUBSIDIOS PARA UM DICCIONÁRIO COMPLETO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, preciosos pelo grande numero de citações, está incluído o vocábulo *pelote*, com referéncia a *pelico*, onde se lê o seguinte:—«Darem a cada huum dos ditos pobres para vestyr pelotes e ssayas em cada huum ano, e de dous em dous annos pelicos e cerames á estanferee (Figanière, *Mem. das R. de P.* p. 292)»—.

Vê-se daqui que p e l o t e s não eram p e l i c o s, e que estes por sua natureza deviam ter maior duração, o dôbro da dos outros, e tanta como os ceramos, comparados com as saias, que durariam menos que estes últimos.

Conforme o Elucidário de Viterbo *pelote* era capa forrada de peles,—«á differença da que não era forrada»—.

A descrição minuciosíssima, porém, dos pelotes que pertenceram à guarda-roupa de El-rei Dom Manuel [1], por nenhum modo confirma esta definição: poucos pelotes são forrados de peles, entre as dezenas e dezenas dêles, escrupulosamente descritos, número quási infindo de vestiduras ricas de aparato, que contrasta singularmente com a escassez de roupa branca, quasi toda em mau uso, relacionada no mesmo interessantissimo inventário, e que me trouxe à memória, quando pacientemente o li, um rol de roupa qui vi escrito na parede caiada de uma hospedaria na cidade da Guarda, no qual se enumeravam doze colarinhos, seis

---

[1] ARCHIVO HISTORICO PORTUGUEZ, vol. II, p. 399 e ss.

pares de punhos, seis camisas, quatro gravatas, e um só par de peúgas. A par dêste rol, por outra letra, lia-se o seguinte comentario: — Por fora cordas de viola; por dentro, puh! —, muito aplicavel à vestimenta do aparatoso rei.

Prossigamos. Nos muitos pelotes de El-rei, forrados de lãs, de sedas, de çetim, etc., borlados de ouro, debruados de veludo, raros se encontram com peles, e estas de somenos valor, e sómente como guarnição, por exemplo: — «Item outro pelote de çetim avelutado preto de fralda e mea debruado de çetim preto com prefis de gatos com as mangas e quartos forrado(s) de fustam pardo e a fralda de pano encarnado e de baixo do forro fustam das mamgas e corpinho esta *(está)* outro forro de damasco emcarnado o quall forro das mamgas não chega a baixo por quamto servyram nelle bocaes de martas» —.

Devia de ser muito bonito. O que mais me surpreendeu à primeira leitura, na minha qualidade de tam amigo de gatos como Madame Michelet, foi a devoção, a graça de enfeitar com focinhos do meu animal predilecto a tal garrida vestimenta, o que um pouco me congraçou com a penúria de roupas brancas do monarca. Como, porém, os pelotes com caras de gatos, de perfil, como que a disfarçar o serem todos cegos de um ôlho, fossem nada menos de cinco, todos a seguir, estranhei tanto gato junto; e como em outro *item* se leia — «Outro pelote de çetim preto com prefis de gato e o corpinho e mangas forradas de fustam pardo e a fraldda de pano encarnado» —, concluí que êste gato e aqueles gatos eram as peles dêles, e que os prefis eram as frentes, as bandas, como hoje se diz, ou as ourelas das tais vestimentas. Pobres gatos, que deram pêlo e peles para tantos enfeites! Santa Rosa de Viterbo no ELUCIDARIO refere-se a *(manto) gatum*, e acrescenta: — «talvez forrado de pelles de gato» —. *Cordeiros*, por peles de *cordeiro*, foi também usado.

Concluí ainda outra cousa importante, e é que o pelote nunca foi capa, forrada ou por forrar, visto que tinha corpo, mangas e saia; mas sim uma espécie de sobrecasaca moderna, sôbre a qual se podia vestir, para abafo ou por luxo, uma roupa, ou roupão, ou pôr uma capa: e assim se explica o gastarem-se num ano os

pelotes, e só em dois os pelicos, os quais seriam então as vestiduras de cima, que por menos trazidas duravam mais.

Enganou-se portanto o bom Viterbo, e para nos convencermos disso nem mesmo era necessária tal conclusão, visto que aquela peça, que no rico tesouro da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães se arrecada e se amostra como sendo o pelote de Dom João I, nem de perto nem de lonje se pode considerar capa ou capote.

Assim, ir em pelote quis dizer o mesmo que hoje *ir em corpo bem feito*, sem segundo casaco, ou qualquer outra vestimenta de agasalho, e daí *ir nu*.

Passemos à expressão *em carapuça*, que se interpreta por modo analogo.

Êste vocábulo é assim definido por Bluteau [1]: — «Especie de capacete de pano, com aba estreita por deante» —. Pode ver-se em qualquer retrato de Luis XI de França, e foi moda que durou bastante tempo. Por cima dela punha-se o chapéu; e assim quem tirava o chapéu ficava *em carapuça*: e como quando se deixou de usar carapuça quem tira o chapéu fica em cabelo, ou em careca, conforme a sua fortuna, *em carapuça* passou a significar em cabelo, ou, com a calva à mostra.

No uso actual a palavra *carapuça* e o seu derivado masculino *carapuço* significam, com lijeira mudança ou modificação de sentido, «qualquer cobertura mole, para a cabeça, com forma já a ela acomodada, sem abas ou pala, e que serve para a tapar».

Com relação à orijem e formação, é o vocábulo em última análise afim do castelhano antigo *caperuça*, moderno *caperuza*, (com o receio da consoante da última sílaba), tendo-se dado na palavra portuguesa metátese das duas sílabas mediais; e deve de ser um derivado terciário de *capa*, visto que em castelhano antigo temos *caparaçón*, do que derivou o francês *caparaçon*, e em latim bárbaro existe documentada a forma *caparo*. Cf. ainda o francês *carapasse*, «casca de crustáceo», no qual se deu igual

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

metátese *-rapa-* em vez de *-para-*, comparado com o castelhano *caparazón*.

Fernám Méndez Pinto na PEREGRINAÇÃO empregou, pelo menos duas vezes, a palavra *carapução*: — «dez ou doze Janiçaros de carapuções verdes» —[1]; — «vestidos de hũa cacheyra muyto felpuda, com seus carapuções do mesmo nas cabeças» —[2].

carcás

Êste vocábulo tinha dantes um sentido diverso do que se lhe dá actualmente, pois significava — «bomba composta de duas ou tres granadas, com metralha, tudo envolto em estopas banhadas em betumes e outras materias oleosas, e por fora um pano breado, a qual se mette n'uma lanterna, na qual vái lume aceso» — [3].

Hoje em dia emprega-se na literatura como sinónimo de *aljava*, mas o povo não conhece o termo. Em francês é *carquois* (— *carcua*), e no texto italiano do Livro de Marco Paulo Véneto *tarcasci*, termo que Henrique Yule explica do modo seguinte: — «É transcrição do persiano *tarkaxi*, e o *c* inicial da palavra francesa procede talvez da constante confusão do *c* com o *t* em manuscritos» —[4].

A forma persiana, conforme Marcelo Devic [5], é *terkex*, vocabulo composto que quere dizer «estôjo para frechas» e que passou para árabe com a forma TARKAX, da qual provêem as europeias.

---

[1] cap. X

[2] cap. CXXIV.

[3] António de Morais e Silva, DICCIONARIO DA LINGUA PORTUGUEZA, Lisboa, 1823.

[4] THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, newly translated and edited with notes and other illustrations, Londres, 1875, I, p. 358.

[5] DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DES MOTS D'ORIGINE ORIENTALE, Paris, 1876, *sub v.* CARQUOIS

Quanto ao seu sinónimo *aljava*, arábico é também, AL-GAAB, que tem a mesma significação [1].

cardanho, cardenho

Termo de jiria, «furto»: — «Quando [a ladra Giraldinha] fazia um *cardanho*, tratava de fugir de Lisboa» — [2].

Parece um derivado artificial do verbo *cardar*. A escrita é duvidosa, visto que na capital *-anho* e *-enho* teem a mesma pronunciação; todavia, no Riba-Tejo pronuncia-se *cardânho*.

careca

É, no seu sentido natural, um termo burlesco para designar a «calva», e um «calvo».

Além do emprêgo figurado, já inscrito no NÔVO DICCIONÁRIO, de — «môço de praça de toiros, encarregado de abrir a gaiola aos toiros que vão ser lidados na arena» —, tem outro sentido esta palavra, conforme se vê no SECULO, de 29 de março de 1902: — «*careca* é, no norte, aquelle que deita fogo ás peças de artifício» — .

Tanto uma como a outra acepção é natural que provenham de indivíduos calvos, que em algum tempo exerceram um desses mesteres. A mesma orijem temos de atribuir a palavras como *carrasco*, por exemplo, que de apelido passou a designar o «algoz», por ter havido um com êsse nome, derivado, como muitos outros, de nome de terra, a qual o recebeu de arvore que nessa terra era acidente notável.

Quanto à etimolojia de *careca*, direi só que tem aspecto cafrial o vocábulo (cf. *carcunda*, *q. v.*) [3], mas não é qumbundo, visto não haver nesta lingua *r* senão antes de *i*.

---

[1] Eguílaz y Yanguas, GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL, Granada, 1886.

[2] O SECULO, de 1 de dezembro de 1901.

[3] V. em **calombo**, e **carrasco**.

caril

Esta palavra, que significa um adubo muito condimentado, usado na India e no sul da Ásia, é o canarim *karil*, «môlho», correspondente ao támul *kari*, de que os inglezes derivaram o seu *carrie* [1] (pron. *cări*): — «E deste *coquo* pisado, e tirado o leite... cozem arroz com elle, e he como arroz de leite de cabras. Fazem comeres das aves e carnes (a que chamam *caril*)» — [2].

A orijem desta palavra parece ser o concani *kori*, a que se daria um plural *caris*, do qual se deduzisse ao depois o singular *caril*: cf. *funil*, plural *funis*, e *candil*, (*q. v.*).

Este condimento é muito usado em toda a India, e modernamente mesmo na Europa. A sua composição, conforme o livro de José Maria de Sá, PRODUCTOS INDUSTRIAES DO COQUEIRO [3], é a seguinte:

«Coentro	20 grammas
Raizes frescas de gengibre	15 »
Semente de dormideira	5 »
Pimenta redonda	4 »
Açafrão	4 »
Canela	1 »
Semente de cominho	1 »
Alhos	2 dentes
Cravo da India	8 sementes
Cardamomo	5 »
Pimenta longa	á vontade
Limão	uma metade

[1] Burnell & Yule, A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

[2] Garcia da Orta, COLÓQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA ÍNDIA, Lisboa, 1891, p. 238.

[3] Nova-Goa, 1893, p. 72.

Forma-se uma massa de todos estes ingredientes, moendo-os primeiro separadas, e depois juntamente, e ajunta-se o leite d'uma metade de coco. Estas quantidades bastam para preparar o caril d'uma ave ou d'uma libra de carne» —.

carinhosa

Em Vila-Real-de-Santo-António designa êste adjectivo, substantivado, um «capuz de senhora».

carioca

O Nôvo Diccionário dá duas acepções a êste vocábulo brasileiro: — «pessoa preta ou mulata; pessoa do Rio-de-Janeiro» —. Na segunda acertou; na primeira creio que não, e ainda menos na etimolojia que lhe atribui. — «N[ome] p[roprio] de uma ribeira» —.

Conforme o Vizconde de Porto-Seguro [1], o epiteto *carioca*, de *cari* «branco» e *oca*, «casa» — casa do branco — foi pelos indijenas tupis aplicado a uma ribeira do Rio-de-Janeiro, perto da qual se estabeleceram os primeiros colonos portugueses, e ao depois, por ampliação a todos os naturais do Rio-de-Janeiro, denominação por êles aceita e que passou ao Continente, servindo em tempos para os designar, não só a êles, mas a todos os indivíduos nascidos no Brasil.

Conforme o referido autor, a palavra *carí* era empregada pelos tupis meridionais para se intitularem a si próprios, e até aos europeus, com quem conviviam em boa paz.

Vê-se, portanto, que a acepção «preto» ou «mulato» não pode estar compreendida no vocábulo *carioca*, a não ser por vitupério.

---

[1] L'Origine touranienne des Américains. Tupis-Caribes et des anciens Egyptiens, Viena, 1876, p. 2.

Na minha infância era facultativo de nossa casa um brasi-ro, natural do Rio-de-Janeiro, por nome Caldas, a quem toda gente chamava *O Carioca*. Era branco, muito alto, bom mé-co, e por sinal hábil marceneiro. É a idea que dêle conservo.

carlagã

Fazenda da India [1].

carmoso

Termo de jíria em Lisboa: um tostão: — «Dê-me agora só *carmoso*... não sabe o que é?... cinco chetas» —[2] [vinténs].

carneiró, *ou* carreiró, carreirote [3]

Na Ilha da Madeira, certa ave (Anthus trivialis).

carocha *(=carócha)*, carocho *(=carôcho)*

Carocha é nome vulgar de um coleóptero pentâmero, carábus, e, conforme o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, o seu corres-ndente masculino designa uma espécie mais pequena, e também peixe, que recebeu naturalmente êste nome por ser negrão: *carapau negrão*.

---

[1] Diocleciano Fernández das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á ÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 94.

[2] O DIA, de 25 de setembro de 1902.

[3] Ernesto Schmitz, DIE VOGEL MADEIRAS, in «Ornithologisches Jahrb.», X, 1899, I-III.

Como adjectivo, *carôcho*, femenino *carocha* quere dizer «escuro, preto», e dêste adjectivo provém que ao gato preto se dá em geral o nome de *carocho*, nome que, naturalmente pela mesma razão, se aplica em Caminha a um barco pequeno de pesca, o qual, como tive ocasião de ver, é pintado de preto.

Carocha se chamava a mitra que se punha na cabeça dos penitentes, condenados pela Inquisição, quando iam para o patíbulo. Essa mitra era de papelão, e nela se pintavam figuras de diabos monstruosos, requinte de perversidade, inventado para desviar a compaixão que poderiam inspirar aqueles infelizes, despertando um sentimento contrário de horror e asco em quem os visse. A esta mitra alude Gil Vicente no VELHO DA HORTA:

—Com cent' açontes no lombo,
E ũa carocha por capela

É singular a analojia que se dá entre *carocha* e o adjectivo *caro*, comparados estes dois vocábulos com *barato* e *barata* insecto, o qual provém de **blatta**, latino.

carola, carolo

A palavra *carola* tem três acepções, uma das quais independente, e que portanto deve ser considerada como vocábulo distinto.

Temos pois: *Carola (1)*: «dança de roda».

É o francês *carole*, o inglês *carol*, o italiano *carola*, que é um vocábulo próprio das línguas célticas, como pretende Skeat[1]; ou o latim *chorcola*, como outros pretendem.

Carola (2): do latim **corolla**, deminutivo de **corona**.[2]

[1] A CONCISE ETYMOLOGICAL DICTIONARY OF THE ENGLISH LANGUAGE, Oxónia, 1887.

coroa, que os padres abrem no cabelo, no alto da cabeça, o *coroquilho*. Por extensão: «o individuo que tem coroa aberta», o padre: o *irmão* que, de cabeça descuberta, acompanha as procissões, com capa e tocha; a cabeça descuberta: o individuo que se compraz em figurar em festividades relijiosas; o devoto; o entusiasta por qualquer causa, e que se presta, por vaidade, por interesse, ou por dedicação, a tomar parte activa em qualquer sociedade, grémio, partido, facção, etc.».

Carola (3), como nome próprio, é abreviatura de *Carolina*.

De *carola*, cabeça descuberta, derivou-se um masculino correspondente, *carólo*, com *o* tónico fechado, como é de regra, que quere dizer: «pancada na cabeça».

O substantivo *carólo*, «maçaroca esbagoada, pão de farinha grossa, papas de farinha grossa de milho, etc.», é decerto outro vocabulo.

Carólo, além das acepções contidas nos dicionarios tem mais, pelo menos em Lisboa, a de uma massa grossa, de farinha de trigo e agua, de que usam os çapateiros, ou usavam ainda até há pouco tempo.

carpinteiro

Como termo teatral, significa «o indivíduo que arma o cenário no palco».

carranca

Êste vocábulo português tam expressivo, e cujos matizes de significação estão perfeitamente compendiados no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO do insigne Rafael Bluteau, é considerado por todos os nossos lecsicógrafos como uma modificação de *cara*, sem nos declararem os processos de derivação que o produziram, e por que motivo o *r* se profere e escreve dobrado, sendo certo que nas línguas das Espanhas jamais se confundiram *rr* e *r*.

Não aventarei étimo algum, mas apenas chamarei a atenção para o vocabulo sanscritico KARAṄKA, o qual, segundo Monnier

Williams [1], significa «crânio, cabeça» (the skull, the head), e além disso, note-se, uma casca de côco, vazia, e preparada para servir de copo, ou vasilha (a cocoa-nut hollowed to form a cup or vessel).

Em outra inscrição do mesmo dicionário, em TĀMBULA, «bétele», vemos a seguinte explicação: — «*Tāmbūla-karan'ka*, the *Pan-dan* or betel-box (this box generally resembling a karan'ka or hollowed cocoa-nut)» — [2].

Esta singular coincidência, e já vou explicar em que ela consiste, autorizaria talvez a suposição de que o vocabulo tivesse vindo da India, não digo directamente do sânscrito, mas de qualquer das línguas vernáculas de lá, principalmente se a palavra não existe em outro dos vários idiomas da Península Hispânica com êste significado, nem em nenhuma outra do domínio românico.

A coincidência está no seguinte facto:

Carranca quere dizer «cara feia», e *côco*, como é sabido, significava em português, e hoje ainda em castelhano, o que actualmente chamamos *papão*, isto é, uma figura de catadura ruim, com que se mete mêdo às crianças. Os portugueses, ao verem pela primeira vez o fruto do coqueiro, compararam-no a uma dessas caras de arremeter, e aplicaram-lhe o nome com que desde então é conhecido em toda a Europa.

É esta a orijem que lhe dão João de Barros, Garcia da Orta; e o ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA, sem primeiro o nomear, descreve-o do seguinte modo: — «As palmeiras dam uma fruta... como mellões, e o miollo... he o que comem e sabe como junça avellanada» — [3]. Mais adeante, porem, já o designa pelo seu nome: — «e o mantimento era coquos» — [4].

Eis aqui o final do interessante passo de João de Barros, no

---

[1] A SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY, Oxonia. 1872.
[2] *ib.*, p. 369, col. III
[3] Lisboa, 1861, p. 28.
[4] *ib.* p. 91.

al descreve longamente o *côco* e o *coqueiro*. — «Esta casca per de aquelle pomo recebe o nutrimento vegetavel, que é pelo pé, n uma maneira aguda, que quer semelhar o nariz pôsto entre us olhos redondos, por onde elle lança os grelos, quando quer seer: por razão da qual figura, sem ser figura, os nossos lhe amaram côco, nome imposto pelas mulheres a qualquer cousa, o que querem fazer médo ás crianças: o qual nome assi lhe ou, que ninguem lhe sabe outro, sendo o seu proprio, como lhe Malabares chamam, Tenger, e os Canaris Narle» —[1].

Garcia da Orta [2] diz: — «e nós, os Portugueses, por ter uelles três buracos, lhe pusemos o nome *coquo*: porque parece sto de bugio ou de outro animal» —.

Ora, significando *karanka* «cabeça» e «noz de côco», re-esentando a boceta do bétele em geral uma cabeça ou crânio, *ranka*, e tendo os nossos denominado *côco* a *tenga* ou *narle* Ind a, por semelhar uma cara feia, é possivel que o vocabulo *ranka* passasse para cá com a significação de cara disforme, mo aquela que as bocetas do bétele semelhavam, e que os ssos julgaram ver no fruto.

Repito que isto é apenas uma conjectura, cuja probabilidade muito precaria, e desaparecerá se o vocábulo *carranca* fôr ais antigo na lingua que as nossas relações com a India: para e não suceda o que aconteceu à palavra *varanda*, que se pôs indiana, quando ela já existia em português e em cas-lhano, antes de aparecer nas narrações dos nossos descubrimen- do seculo XV e XVI.

Devo ainda advertir que, se *carranca* não existe em caste-ano, nem com as significações portuguesas nem com outras, contra-se em galego, querendo dizer, conforme o dicionário e Cuveiro Piñol [3], — «carrancas — patizambo, contrahecho, de

---

[1] DA ASIA, DECADA III, l. III, cap. 7, Lisboa, 1777.

[2] COLOQUIOS DOS SIMPLES E DAS DROGAS DA INDIA, I, p. 234, Lisboa, 1891.

[3] DICCIONARIO GALLEGO, Barcelona, 1876.

piernas especialmente»; e — «carrancudo — (ant.) tieso, espetado» —.

O vocábulo *côco* designa nos Açóres «inhame»[1].

carrapiço

Em Trás-os-Montes significa «pedaço de velo difícil de carmear (desembaraçar)».

No Nôvo Dicionário é êste vocábulo dado como provincial, com o sentido de — «espécie de pequenino ouriço, que encerra as sementes de certas ervas e que se agarra facilmente ao fato da gente e á lan do gado lanígero» —.

carrapito, carrapiteiro

Conforme informação da minha criada Maria do Rosario, natural da Chamusca, designa êste nome, no Riba-Tejo, a roseira brava.

A significação primordial de *carrapito* é «chifre».

carrasco, carrasca, carrascão

Carrasco é um termo de botánica vulgar, a que cientificamente corresponde quercus coccifera, e dêste vocábulo, cujo étimo é desconhecido, mas ao qual corresponde em castelhano *carrasca*, se derivam os substantivos *carrasqueiro*, *carrascal*, «sitio em que existem carrascos», *carrasca*, «lenha», «casca de pinheiro», e «espécie de oliveira», e os adjectivos *carrasquenho*, *carrascão* (vinho), etc.

Com o primitivo *carrasco*, ou seus derivados, se denomina-

[1] Revista Lusitana, II, p. 47.

tem muitos lugares em Portugal: *Carrasca, Carrascal, Carrascais, Carrascalinho, Carrascas, Carrascosa, Carrasqueira, Carrasqueiro, Carrasco*; e é sabido que nomes de plantas contribuem consideràvelmente para a toponímia em todos os idiomas, e nomeadamente nas línguas romanicas. Freqüente é também que esses nomes de localidades passem a apelidos de família, e dêste modo é muito usual o de *Carrasco*. Dêste apelido, conforme Bluteau, proveio a acepção que, como substantivo comum, tem êste vocabulo em português: — «Desde o tempo de Belchior Nunes *Carrasco*, que na cidade de Lisboa era Algoz, chamou o vulgo aos Algozes *Carrascos*» —[1].

Algoz dizem os arabistas ser o nome de uma tribo turca, cruelíssima, cujos indivíduos eram empregados pelos mouros nos mesteres de carniceiros e de verdugos. Esta última palavra é também um enigma.

Körting [2] diz-nos ser um latim vulgar *viriducum*, derivado de viridem, «verde». Designava *verdugo* uma «vara verde» (cf. *verdasca*), que servia de açoute, e de instrumento de tortura passou o nome a designar o homem incumbido de a aplicar.

Deve ter-se em atenção que, havendo tantos nomes de lugares formados em Espanha com o substantivo *carrasco* e seus derivados, e sendo o apelido *Carrasco* lá vulgar, a começar no bacharel *Sansao Carrasco*, amigo de Dom Quixote, não tem em castelhano o vocábulo *carrasco* a acepção de «algoz», o que confirma o étimo proposto por Bluteau.

Digna de reparo é também a coincidência de o algoz de Luís XVI de França se chamar *Sansão*, e ser *carrasco*; entanto que o *Sansão Carrasco* do Dom Quixote era excelente criatura. O espanhol era *Sansão Carrasco*, o francês era *Sansão* e foi *carrasco* de veras.

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

[2] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, 8758.

carregar, cárrego, carga, cargo, descarregar

Do verbo *carregar* derivou-se um substantivo verbal mo-nico, que deveria ser *carréga*, mas que, na realidade, é carre Análogo a êste há, em português, *folgar*, *folga*, a par de *fô* que melhor se escrevera *fôlgo*, para evitar uma excepção que se-gundo a pronúncia comum, seria só ortográfica. Em castelha o verbo correspondente a *carregar* é *cargar*, em que se deu a elisão da vogal medial, como aconteceu em português com *fol-gar* ¦ follicare, como *carregar* ¦ carricare.

Acepção especial de *carregar* é esta que vemos na publicação Portugalia [1]: «A fiandeira põe a roca à cinta, depois de carregada», isto é, «depois de lhe ter pôsto o linho, que vai fiar».

Cargo é derivado masculino de *carregar*, em qualquer acep-ção em que seja tomado, incluindo a de certa fogaça, ou arma-ção piramidal enfeitada de bolos, flores e frutas, que se vende em leilão nos arraiais, ou festas populares a algum santo.

O verbo *descarregar* tem várias acepções que se relacionam com *carga*.

Antigamente tinha ainda outra, em relação com *encargo*, *cargo*, ou *cárrego*, como se dizia: — «Dêste cometimento do In-fante ficou El-rei descarregado e mui ledo» [2], isto é, «exone-rado, aliviado».

carreirão

O sufixo *-ão* é em português, como em espanhol o seu cor-respondente *-ón*, com u sem infixo, *z*, *c* (*homenzarrão*), au-mentativo, e conseguintemente vocabulos como *cordão* oferecem todas as probabilidades de ser de orijem francesa, onde, ao cor

---

[1] I, p. 372.

[2] Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. LXXXIX.

trário, o sufixo *-on* é deminutivo, *oison* = «petit de l'oie»; conquanto em algumas dições tomadas a esta língua, o sufixo português *-ão*, que se deu como correspondente ao *-on* francês, readquirisse em português, por analojia, o seu valor próprio, do que é exemplo *salão*, derivado de *salon*, sendo que em português é aumentativo de *sala*, e em francês orijináriamente um deminutivo de *salle*.

A regra, porém, não é geral, visto que em Trás-os-Montes *carreirão* e deminutivo de *carreiro*, no sentido de «caminho para carros», e no Algarve *agüïdão*, é deminutivo de *agüïda*, *aguadia (q. v.)*.

Que a palavra *carreirão* é deminutivo, e não aumentativo, como poderia conjecturar-se, prova-o a menção expressa que vou citar: — «A subida do rio até ao cabeço que conduz á chã ou praina, faz-se por atalhos ou carreirões de grande acclive...» —, e em nota: — «deminutivo de «carreiro», caminho de carros» —[1].

carrejar, carrejo

São formas duplas com *carrear*, *carreio*. Todavia, *carrejo* tem um significado muito especial como termo da Estremadura, correspondente ao castelhano *acarreo*: é o que os ingleses designam com a palavra *drift* | *draw*, «arrastar, puxar» isto é, são as varias substâncias que as águas correntes trazem em suspensão até que as depositam, e o depósito que consiste nessas substâncias assim *carrejadas*. É termo muito expressivo, usado no Ribatejo, e com vantajem da vernaculidade da nomenclatura científica poderia ser adoptado em geolojia.

---

[1] Manuel Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

carretilho

Na Beira-Baixa dá-se êste nome ao «carrinho de mão»[1], que os franceses chamam *brouette*, termo de que o beirão é tradução excelente, que merece ser generalizada. É um evidente deminutivo duplo de *carro* } *carrête* } *carretilho*.

carriço, carriça: encarriçado

No Suplemento ao Nôvo Diccionário vemos a primeira destas formas, como termo da Bairrada, com o mesmo significado de *carrapiço (q. v.)*.

No corpo do dicionário, porém, fôra essa forma masculina definida como —«planta cyperácea *(carrex ambigua)*»—. A forma femenina é aí dada apenas como designando certa ave, da qual uma espécie se denomina *carricinha*.

Nos meus apontamentos tenho ambas as formas, em significações análogas, mas não em absoluto idênticas, como pertencentes ao vocabulário transmontano (Rio-Frio): *carriça*, «monte de herva, tufo de cabelo»; *carriço*, «indivíduo de cabelo crespo».

Ao adjectivo participial *encarriçado* dá o dito Suplemento como significado o seguinte:—«(prov. beir.). Diz-se da gallinha toda occupada em chocar os ovos. (Talvez por *encarniçado*, se não vem de *acarrado*)»—.

É evidente que procede de *carriço*, e que a aplicação do epíteto à galinha que está no chôco provém de ela ali estar *entufada*, com as penas arripiadas. Vê-se pois que *carriça* e os seus derivados se não limitam a tam pequena parte do reino, como a respeito de qualquer dêstes vocábulos se depreende do que em separado se diz dêles: são mais gerais.

No capítulo que, com o título Raças e tipos humanos, es-

[1] Informação do editor, natural de Almeida.

revi para os «Elementos de Geographia Geral» de Manuel erreira Deusdado, usei do adjectivo *encarriçado* para descrever aspecto do cabelo dos papuas: — «cabelo negro, encarriçado e amaçarocado» — [1].

carrinha

O Nôvo Diccionário dá êste vocábulo como alentejano, iendo-nos que é — «pequena carroça» —. Todavia, no jornal Seculo, de 14 de agosto de 1903, lê-se o seguinte trecho, ue amplia o nome a veículo algarvio: — «outros dirigiram-se a ortimão no transporte caracteristico da região [Lagos], as deominadas *carrinhas*» —.

cartapaço, cartapácio, cartapele

A palavra *cartapácio* está rejistada em todos os dicionários o os dois significados principais, de «caderno de apontamens», e de «livro volumoso e de pouco préstimo».

Conforme F. Adolfo Coelho [2], é um latim da decadência harta pacis, e é termo escolar.

Uma forma um tanto mais portuguesa, *cartapaço*, porém, m em Tras-os-Montes acepção muito diferente, como se vê do guinte passo: — «cartonagem de molduras para estampas de antos, para cartapaços de rocas e camandulas» — [3]. É pois um rtucho de papel, que se põe na roca de fiar.

Outro nome do mesmo amparo é *cartapele*, usado na Beira, omo vemos no Nôvo Diccionário.

---

[1] Lisboa, 1891, p. 219.

[2] Diccionario manual etymologico.

[3] Manuel Ferreira Deusdado, O recolhimento da Mófreita, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

cartazeiro

O individuo incumbido de pregar os cartazes nas paredes[1]

caruma

Êste vocábulo é dado no Nôvo Diccionário com a significação de — «folha de pinheiro» —, isto é, a *agulha* ou *agulheta*. No Suplemento acrescenta-se — «(prov. beir.) a pellicula que reveste as castanhas ainda verdes e tenras» —. O Diccionário Manual etymologico declara ser termo provincial e significar — «resina de pinheiro» —. Creio que a primeira acepção é muito concreta, e, com relação à ultima, tenho-a por inexacta.

Na Soberania do Povo, jornal de Águeda, de 21 de setembro de 1882, lia-se: — «ao pé do lar estava uma porção de caruma e lenha, que se incendiaram ao calor do fogo proximo» —. Por êste trecho é *caruma* um colectivo, que poderá talvez designar «rama de pinho», e não, «uma fôlha de pinheiro».

carunho

No Nôvo Diccionário vem esta voz como transmontana, com a significação de *carôço:* nos meus apontamentos tenho-a como minhota, com o mesmo significado.

casa, e seus derivados

Êste substantivo, que em português únicamente, mas não em todo o reino, significa qualquer dos repartimentos internos de

[1] O Economista, de 13 de novembro de 1887.

uma habitação, além de expressar o edificio todo, como em castelhano ou italiano, sofre inúmeras particularizações de sentido, quer só, quer acompanhado de epitetos, expressos por adjectivos, por aposição de substantivos, ou por complementos circunstanciais. Eis aqui algumas dessas locuções, ainda não rejistadas.

Casa-tôrre: — «Logo em seguida deparam-se-nos as *casas-tôrres* (linguagem do Minho)» — [1].

V. **castelo.**

Casa-palhoça: — «Ha as coberturas de palha centeia nas chamadas casas-palhoças (Amarante, Marco, etc.)» — [2].

Casa-de-entrada: — «A casa de entrada só tem de notavel as *cantarciras* de loiça, estanho, arame e cobre que ornamentam as paredes de alto a baixo, em flammantes estanheitas e sanefas de pinho, tintas de azul e encarnado» — [3].

Ha para apontar aqui, além do colectivo *loiça*, excluindo a de metais, o termo *estanheira*.

Casinha, termo alentejano: — «O nome «casinha» consideramol-o improprio. Na maioria dos montes o alojo está longe de ser um pequeno cubiculo, é pelo contrario uma casa ampla, que accommoda á vontade vinte e trinta homens» — [4].

Casinhola: — «O galinheiro é provido de poleiros sufficientes para repouso dos *bicos [q. v.]*, e de casinholas ou cestos para postura dos ovos» — [5].

Casinholo: — «Em alguns montes o galinheiro serve também de pombal, para o que tem nas paredes os casinholos indispensaveis para a creação dos pombos» — [6].

Caseiro, além de significar quem tomou casal de renda, ou o cultiva por conta do dono, tem, conforme as rejiões, mais dois significados, entre si opostos: *a)* «o senhorio», como em castelhano *casero:* — «O caseiro... lançou o padre fora das casas em

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PREHISTORICO, p. 19.

[2] OS PALHEIROS DO LITTORAL, *in* Portugalia, I, p. 83.

[3] *ib.* ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, p. 537

[4, 5, 6] *ib.* p. 541 e 545.

que morava... o mesmo fizeram mais os tres caseiros, para cujas casas o padre se mudava» —[1].

Nesta acepção parece ser obsoleto.

b) «o inquilino»: — «Os caseiros... foram pagar as importancias dos seus alugueres em notas de 5$000 réis. O senhorio... recebeu as notas» —[2].

Casa designa em português, singularmente, «a abertura em que entra o botão», que em castelhano se denomina *ojal*, em francês *œillet*, que correspondem ao nosso vocabulo *ilhó(s)*, no qual o *i* atono está por *o* por influência da palatal *lh*: *ilho* por *olho* de *ólho*, com um sufixo *ó(s)*.

De *casa* nesta acepção se derivaram *casear* e *caseadeira*, que significa «a mulher que abre as casas no fato e as guarnece ou remata».

O que é menos conhecido é o verbo *casear*, com a significação de «fazer moradas de casas», como o vemos empregado no passo seguinte: — «impoz este tributo ao vinho, para casear Villa Nova» —[3].

casaca, casaco

Casaca, de que se formou, além de outros derivados, um masculino com a significação de qualquer peça de vestuario que se põe por cima do colete ou de outro casaco, veio para Portugal provavelmente de França, onde *casaque* queria dizer um «sobretudo». Para o francês, em oposição ao que afirma Littré[4], escudando-se com Diez, veio *casaque*, presumivelmente designando primeiro «farda», do roupão usado pelos cossacos, que em russo se denominam KOZAKI, pronunciado *kazáki*.

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 241.

[2] O SECULO, de 1 de outubro de 1901.

[3] E. Freire de Oliveira, ELEMENTOS PARA A HISTORIA DO MUNICIPIO DE LISBOA, I, p. 178.

[4] DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

No termo de Lisboa, entre çaloios, um *casaca* quere dizer [illegible] individuo de Lisboa, *da cidade*, que não usa jaleca », naturalmente porque, quando tal apodo foi introduzido na linguajem [illegible]es, a *casaca* era trajo obrigado da gente fina, a toda a hora [illegible] dia, isto é, a *casaca*, o *frac* francês e castelhano, com as abas [illegible]mente na parte posterior e compridas, porque, se eram curtas, [illegible]a peça de vestuario denominava-se *niza*.

Quando eu era rapazote, as pessoas de certa representação, [illegible] que pretendiam tê-la, trajavam sempre *casaca* quando estavam de luto, e ainda há pouco tempo deixou êsse trajo de ser o [illegible]óprio dos funerais e outras solenidades diurnas.

Exemplo de *casaca* como « individuo da cidade » é o seguinte: « um ou outro saloio que não se intimida com o casaca » —[1].

Como se vê, a citação é moderna; mas o termo tende a obliterar-se, em razão de maior convivência entre a gente de Lisboa [illegible] dos subúrbios, e porque a diferença radical no trajar se vai [illegible]olando pouco a pouco numa promiscuidade quasi absoluta: o [illegible]so acrescentou as abas às jaquetas, convertendo-as em *casacos* [illegible]*letos*, e as pessoas de distinção cercearam-nas, de forma que [illegible]escentando-as uns e encolhendo-as os outros, resultou ficarem [illegible] mesmo comprimento. Nada mais igualitário do que as modas, [illegible]inda bem!

casqueira

— « E toda feita [a ratoeira de raposa] de madeira de pinho, [illegible]almente casqueiras ou taboas velhas, afim de incutir menos [illegible]confiança » —[2].

Ha um provérbio que diz: « Ou dá tábua ou casqueira ».

O sentido do proverbio é: « todo o individuo tem uma ser-

[1] O SECULO, de 18 de junho de 1901.

[2] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A caça, in Portuga[illegible] II, p. 90.

ventia qualquer», como a árvore, com relação à madeira, boa ou ruim, que se aproveita dela.

cassungo

Esta palavra, própriamente, significa um povo da Guiné: — «Os principaes povos espalhados pelos sertões, margens dos rios e costas, ou littoral na Guiné são: «os fulos, os jalofos, mandingas, felupes, churos, banhanes, buranes ou papeis, bijagós, cassungos, beafares, nalins, balantas, lapes e sacalages» [1]. Felizmente quem escreveu isto, ortografou tudo à portuguesa, em contrário da pretenciosa moda actual.

Dêste nome étnico se derivou sem dúvida o de uma espécie de contaria, naturalmente bem aceita por tal povo na permuta, termo já rejistado no Suplemento do Nôvo Dicc., abonado com Capelo e Ivens, mas que em vista de um anúncio publicado no Economista, de 4 de novembro de 1882, vou explicar também — «contaria, que se vende aos massos; é de varias côres, tais como branco, preto, encarnado, azul-celeste» —.

castelhano

Quere dizer própriamente de Castela, em espanhol *castellano*, de *Castilla*, antes *Castiella*.

Castelhanismo é tambem esta forma em português, pois antes se dizia *castelão*:

—Aqui jaz Simeon Antom,
Que matou muito castelão,
E debaixo do seu covom
Desafia a quantos são —[2].

[1] O Seculo, de 24 de abril de 1902.

[2] D. Rafael de Bluteau, Vocabulario portuguez e latino, s. v. Covam.

[N]o Algarve é o nome de uma casta boa de figo: — «O mais [p]ratico é o «Berjacote... e o Castelhano» — [1].

castelo; castelário, casteleiro

[A]qui vão mais duas acepções especialissimas desta pala[vra,] devidamente abonadas. — «A mesma aparencia de casaes [...]s, *castellos*, ou *torres* (assim se chamavam as casas de so[lar])» — [2].

— «Castellos se denominavam uns mastros de maçaneta doi[rada] com muitos enfeites de fitas e galhardetes» — [3].

[C]*astelo* é também uma peça de moinho: v. **segurelha.**

[O] derivado alatinado *castelário* | castellum, deminutivo de [cast]rum, a que em português corresponde *casteleiro*, é usado [por] Alberto Sampaio na monografia As «VILLAS» DO NORTE DE [PORTU]GAL: — «os nossos castellos tambem não foram instrumento [de o]ppressão ou rapina, [como os de outros paises em que mais [do]minou o feudalismo] porque serviam de defesa de terras [nas m]ãos dos castellarios ou castelleiros, delegados do rei» — [4].

[ca]stro, castrelo, castrejo, crasto, cristelo, crasta, crasteiro

[O] NOVO DICC. dá-nos os dois primeiros vocábulos, e define [o pri]meiro como — «castello de origem romana» —: cumpre [acresc]entar «ou pre-romana». *Castrejo*, com o femenino *castreja*, [não] o incluiu com a significação de — «natural de Castro-[...]eiro» —. Todavia, tanto *castreja* com o *castrejo*, e assim [tamb]ém *crasto* e *cristelo*, são igualmente substantivos, com sig[nifica]dos analogos, e todos êles muito frequentes na toponimia

---

[1] O JORNAL DA MANHÃ, de 4 de novembro de 1885.
[2] Portugalia, I, p 178.
[3] Antonio de Campos, LUIS DE CAMÕES, II parte, cap. XIV.
[4] *In* Portugalia, I, p 580.

do norte de Portugal, onde por toda a parte os castros as eminências, como é sabido. O último citado, como localidade, costuma escrever-se errôneamente *christello*, absurdamente tivesse alguma cousa que ver com *Christ* tanto aconteceu a *sachristao* e *sachristia*, que provêem sacrum, e não de *Christo*, e, portanto, em qualquer o devem escrever-se sem o *h*, *sacristão*, *sacristia*.

Crasto é pois o mesmo que *castro*, de que é metátese Portugal os monumentos archaicos, luso-romanos ou pre- são conhecidos por diversos nomes: — *castèllo*, *castello* (do latim *castrum*) » —[1].

Crasta significava *claustro*, e é natural que seja latino claustra, de claustrum, de claudere, «encer formas intermédias podem reconstituir-se: claustra | (cf. *agosto* de Augustum) | *crastra*, *crasta*, por dis (cf. *cravo* | clauum, e *rosto* | rostrum).

É vocábulo independente, portanto, de *crasto* [2].

Crasteiro é adjectivo derivado de *crasta*, e foi us dernamente, conquanto provàvelmente colhido em do antigos: — «esse que fora prior crasteiro de Santa-Cru

O vocábulo vem no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRA J. Inácio Roquete, com remissão a CLAUSTRAL [4].

catana, catanar

O último dicionário português publicado, NÔVO DIC DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, de Cândido de Figueiredo, d seguinte maneira o vocábulo *Catana*: — «alfange asiat

---

[1] Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PREHISTORICO, p. 62.

[2] Veja-se A. A. Cortesão, SUBSIDIOS PARA UM DICCIONA PLETO DA LINGUA PORTUGUÊSA, Coimbra, 1900.

[3] António de Campos, LUIS DE CAMÕES, *in* «O Seculo», julho de 1900.

[4] Paris, 1855.

uma espada curva: espada com bainha de madeira, em uso entre os timôres» —, e dá-lhe, em duvida, orijem japonesa. No Suplemento ao mesmo dicionário [2.° vol., p. 775, col. II] atribui-se-lhe orijem italiana presumivel, *cattana*, femenino de *cattano*, contraido de *capitano*, contracção que designaria «espada de capitão». Efectivamente, Petròcchi [1] aduz como desusado o vocabulo *cattano*; todavia, apresenta-nos também *catana*, que define — «sorta di scimitara o di pugnale giapponese» —.

Bluteau, no Vocabulario portuguez e latino, diz-nos: — «Catana, catána. He palavra do Japão. *Vid*. Alfange. Terçado. (Todo o primor vay em alimpar a *Catana* com o rosto sereno & alegre: Lucena, Vida de S. Franc. Xav. fol. 473, col. 2)» —.

Cumpre notar que em Lucena, lugar citado [Liv. VII, cap. 2.°], se acentua *catanã*; como, porem, duas linhas mais abaixo vem um èrro tipografico, «tatisfeitos» por «satisfeitos», e em toda a interessantissima obra mais algumas incoerências de acentuação, seria mester compulsar pacientemente essa edição [Lisboa, 1600], para se averiguar se o dito vocábulo é mais vezes citado, com esta ou outra acentuação. Não o faço agora porque me falta ocasião e tempo, e por ser provavel que o próprio Bluteau, escrupulosissimo como se nos revela em todo o seu famoso Vocabulario, não assentasse na acentuação que indica, sem para isso ter motivos ponderosos, tanto mais que é ela a certa.

A acentuação *catána* é corroborada pela segunda citação abonatoria, tirada do poema Malaca Conquistada, de Francisco de Sá e Meneses, que transcreverei, com os dois versos que a antecedem no poema:

[Com pouca ocasião que procurarão
Descobrirão seu fim sanguinolento]
E nos derão do mal ja tardo aviso
Mil crizes, mil catanas d'improviso.

Canto III, est. 40.

---

[1] Nòvo Dizionàrio universale della lingua italiana, Milão, 1887, t. I.

O Grande Diccionario Portuguez, chamado d
Vieira, reproduz, com cento e sessenta anos de inter
ções de Bluteau, modificando, todavia, a definição d
ai *Catana* é — «alfanje asiático» . O mesmo fi
dicionaristas anteriores e posteriores aos editores d
Diccionario, omitindo as citações e transcrevendo
ção mais lata de «alfanje asiático», a qual provà
sujerida pelas duas ultimas citações, que se não refere

Seria de interêsse compulsar toda a literatura p
tempo de Lucena e imediatamente anterior ou poste
dêste curioso termo, que de tam longe nos veio: po
tentar-me hei com esta, que aproveitei sem maior tr

No vocabulo Alfanje, para onde Bluteau nos r
se acrescenta à definição que a elucide; antes ficou
levando talvez essa remissão os lecsicógrafos posterio
os dois vocábulos como sinonimos, pois nos dizem
designam «espadas curvas asiaticas». Roquete, quer n
Dictionnaire portugais-français [Paris, 1855], o
a traduzir *catana* por *coutelas*, quer no Diccionario
[Paris, 1867], em que a define como *terçado*, supri
cificação de *japonês*, dada e autenticada por Blu
outros tambem fizeram; e no Diccionario de synon
catana, quando dá a sinonimia de *espada*, discrim
maior ou menor artificio, os termos *espada*, *gládio*,

[illegible] nos dizem ser a *catana* «um alfanje asiático», sem limitação de povo ou povos da Ásia que o usassem, mesmo concordando, ou não, em que o vocabulo seja japonês.

F. Diez [1] não dá o vocabulo, nem em italiano, nem em português. Körting [2], em o n.º **1628**, dá-nos o italiano *catana* como presumivelmente modificado de um étimo hipotetico, *captana*, com a significação de — «casacca dei cacciatori» —, ao que o Novo Dicc. em certo modo alude, quando diz no Suplemento: — «designando veste de capitão, e, entre nós, a espada de capitão» —.

O Nôvo Dicc. às definições anteriormente dadas, a que nos referimos, acrescenta que o termo é também aplicavel às espadas dos timores. É possivel que assim seja; é licito, porém, hesitar em admitir essa atribuïção do nome, não só porque não está abonada, mas também porque «espada» na língua dos timores se diz *súric*, conforme o DICCIONARIO PORTUGUEZ-TÉTUM de Sebastião Maria Apparicio da Silva (Macau, 1889); e principalmente por ignorarmos o fundamento com que Sá e Meneses deu este nome às espadas malaias.

Que o vocabulo é japonês, como afirmara Bluteau e aceitaram Morais, Ad. Coelho e Cand. de Figueiredo, não há duvida, pois nessa língua *katana* significa realmente não só «espada», mas também «faca»; pôsto que êste último objecto seja mais especialmente designado por um substantivo composto de *ko*, «criança», e *katana*, isto é, *ko-gatana*, com o abrandamento da inicial do segundo componente, que é de regra, e por uma catacrese ingenua, como a que em malaio se emprega para designar a chave com o epiteto de «filho da fechadura» *(ának kúnchi)*, e o degrau como «filho da escada» *(ának tangga)*. Que o vocábulo *katana* denomina na actualidade não somente a espada levemente curva japonesa, mas até a espada usual de mu-

---

[1] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1869-1870, 3.ª edição.

[2] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1891.

nição, europeia, vemo-lo no vocabulário apenso à gramatica ja-
ponesa de Seidel [1], muito recente, conjuntamente com *ken*...
wakisussi (sic: = uákizáci).

O que ocorre preguntar é se o vocabulo *catana* veio pa
português directamente do japonés, ou por intermédio do itali...
Tenho como certo que a primeira soluçao é a unica aceitav...
não só pela definição de Bluteau e primeira citação com que o
abonou, mas também atentando nas estreitas relações que os
portugueses tiveram com o Japão nos séculos XVI e XVII.

E igualmente ponderosa em favor desta solução a circunstân-
cia seguinte: A tradução italiana, quasi contemporanea, da ...
de Lucena, feita pelo P. Luis Mansoni, como Lucena da Com-
panhia de Jesus (Roma, MDCXIII), traduz no indicado pa...
catana por *scimitarra*, o que testemunha não ter sido ain-
admitido em italiano o referido vocabulo japonês, que natural-
mente passaria de Portugal ao depois para la, por meio da li-
teratura.

Devemos, sem embargo, confessar que Fernám Méndez Pinto
chama sempre treçado *(sic)* á espada dos japões, e ja vimos
que Bluteau lhe dá igualmente esta sinonimia.

Seja como fôr, o vocábulo por tal modo se naturalizou ...
disso ja se queixava Francisco Rodriguez Lôbo no passo que
constitui a terceira citação de Bluteau, que deu o substantivo
derivado *catanada*, como «golpe dessa, ou de outra espada». ...
em sentido figurado, hoje o único vulgar, como equivalendo a
«censura aspera»; porque o vocábulo *catana*, no sentido natural só
se emprega como termo burlesco. Produziu também pelos modos
o que menos sabido é e não está por emquanto mencionado em
dicionários portugueses, o verbo *catanar*, que no Riba-Tejo quer
dizer «ceifar herva» com a gadanha, segundo o que me inform...
a minha criada Maria do Rosário, natural da Chamusca, e se...

---

[1] HARTLEBEN'S VERLAG, Viena, Peste, Lipsia, p. 181.

[2] PEREGRINAÇÃO, III, e *passim*.

...ão, consultado independentemente; e que foi trabalhador rural ...s campos vizinhos daquela vila [1].

cauchu; cacho, cáchu

Na Secção FALAR E ESCREVER do «Diario de Noticias» [2] de ...sboa, com os números DCCXIII e DCCXVI, veem dois artigos ...ferentes ao primeiro dêstes vocábulos, o qual ordináriamente ... escreve, à francesa e errado, *caoutchouc*. Cita-se ali E. Littré ...ra se lhe atribuir orijem americana. Com efeito, o grande es...itor e lecsicografo francês expressa se do seguinte modo acêrca ...êle: — «(ka-ou-tchou; le *c* final ne se prononce jamais...) ÉTYM. ...*ahuchu*, nom indien de cette substance» —, que primeiro de...ira: — «Vulgairement gomme élastique: suc coagulé du *jatro...ha elastica*, *L.* arbre de la famille des euphorbiacées tithyma...e et d'autres plantes, telles que le figuier d'Inde, le jaquier, ...»—.

Na ORTOGRAFIA NACIONAL [3] aludira eu em nota às escritas ...as e erróneas *cautchu*, *cautchuc*, *caoutchouc*, e propusera no ...xto a ortografia aportuguesada *cauchu*, que mantenho, con...anto prefira a êste inutil galicismo algum dos três ou quatro ...mes que temos para a mesma substância, e adeante men...ono. Em qualquer caso, o *c* final, e mesmo o *t* são erros evi...ntes, copiados da defeituosa escrita francesa, indiscretamente ...tada.

Rodolfo Lenz, no fidedigno Diccionario etimolójico de vocábu... chilenos [4], traz a forma *caucho*, referindo-se a ela como estran-

---

[1] Já publicado êste artigo na REVISTA LUSITANA, VI, 1900-1901, de ...o extratei com pequenas alterações.

[2] De 9 e 16 de janeiro de 1906.

[3] Lisboa, 1904, p. 174.

[4] DICCIONARIO ETIMOLÓJICO DE LAS VOCES CHILENAS DERIVADAS ...LENGUAS INDÍJENAS AMERICANAS, Santiago de Chile, 1904-1905, p. 186, ...ra aqui, que ainda não está concluída. O asterisco significa «de uso corrente ...Santiago».

jeira nos termos seguintes: — «* **caucho**, masculino [illegible] el jugo lechoso, resinoso de varias plantas sudamericanas [illegible] cuaja cuando se espone al aire; goma elástica. La palabra [illegible] propiamente chilena, pero conocida en las ciudades por el [illegible] uso industrial de la materia... La voz mejicana *hule*, que [illegible] fica lo mismo, se usa solo para la tela encerada [illegible] *oleado*. Variante: **cautchuc**, poco usado... Etimologia [illegible] el *Standard Dictionary* del indio *cahuchu*. Según una [illegible] de Barberena que no puedo comprobar, la voz seria de la [illegible] de los indios *mainas* de las margenes del Amazonas» [illegible].

O primoroso poeta e prosador Eduardo Augusto Vidal, [illegible] sabe, como poucos actualmente, a nossa lingua, chamou a [illegible] atenção, em carta, para a confusão aparente que nos [illegible] que me referi se faz entre o *cauchu*, ou *caucho*, de que [illegible] tratando, e outro vocabulo, semelhante na forma, *cacho* [illegible] *cho*, de orijem e significado muito diversos, e sôbre o qual [illegible] Conde de Ficalho, nas notas, aos Coloquios dos Simples e [illegible] da India, de Garcia da Orta, nos diz [1]: «O «cate» de [illegible] «cato» da *Pharmacopêa portugueza*, substancia mais [illegible] pelo nome de *catechu*, e um extracto da madeira da [illegible] *Catechu*, Wild. (*Mimosa Catechu*, Linn. fil.) uma arvore [illegible] tante commum na India, mais a leste, nas terras de Burma [illegible] por outro lado na Africa Oriental; é tambem obtido este [illegible] cto de uma especie proxima, *Acacia Suma*, Kurz., que se [illegible] contra igualmente na India. — «Cate», a designação empregada por Orta, é a natural orthographia portugueza do seu nome [illegible] dustani, que hoje escrevem *kat* ou *kath*. Drury diz que a palavra *cate* significa arvore e *chu* succo, donde *catechu*; mas não sei se esta affirmação tem fundamento. Duarte Barbosa... da á mesma substancia o nome de *cacho*, que é a designação tamil, canareza (lingua do Canarà) e malaya, *kashu*, ou *kachû*; e «cate», em[illegible] pregado em Malaca, segundo Orta, é uma simples alteração de *cate*, ou de *cacho*» [illegible].

[1] vol. II, Lisboa, 1892, p. 76.

Acrescentarei algumas considerações a êste douto comentário. No dicionario indostano-inglês de Nataniel Brice [1] encontram-se os vocabulos *kath*, — «an astringent vegetable extract, which the natives eat with betel-leaf — extrato vegetal adstrinjente, que os naturais da Índia' comem com o bétele» —, e ainda outro vocábulo parecido, *kath*, com *a* longo e *t* aspirado cacuminal [2], designando «madeira» e «madeiro» (timber, block).

Monsenhor Rodolfo Dalgado traz o vocábulo **kâta**, (isto é, *katta*), traduzindo-o por «cato, terra japónica», e dá-o como sendo marata, no Diccionario komkani portuguez [3], e no Diccionario portuguez-komkani [4] traduz *cato* por *kât*, sem mais explicação.

A Pharmacopêa portugueza [5], citada pelo Conde de Ficalho, dá-nos a sinonimia seguinte: — «*Cachou*, fr. — *Black catechu*, ingl. — *Katechu*, all. — *Cato*; *Cateeu* [*sic*], hesp.» —, o que nada adeanta.

Quem deixou o caso perfeitamente averiguado foi o copioso e erudito Glossário de Henrique Yule e Artur Coke Burnell, intitulado **Hobson-Jobson**, being a Glossary of Anglo-Indian Colloquial words and phrases, and of kindred terms [6]: — «O *cacho*, *catechu*, *cute*, *cato* ou *cachô* (em inglês *catechu*, *cutch* e *caut*) é uma substancia vejetal, extraída de várias espécies de Acacia, e chama-se em indostano *kat'*; mas a forma *cacho* provém do sul da Índia e é ou o támil *kaxu*, ou o canarim e malaio *kachu*; [e não, *kashu*, *i. e.* *káxu*, como escreveu o Conde por distracção: não há em malaio o som do *x* simples,

---

[1] A Romanized Hindustání and English Dictionary, Calcutá, 1847.

[2] É um *t* proferido no ponto em que pronunciamos o *r* lêne de *caro*, e aspirado.

[3] Lisboa, 1893.

[4] Lisboa, 1905.

[5] Porto, 1887.

[6] Londres, 1886, p. 133 (*q. v.*).

como em *xadrez*, mas sim uma consoante que se parece co n
ch beirão].

Traduzi, resumindo, o que nos diz o Glossário.

Quanto à estranha denominação *terra japónica*, vemos no dito artigo ser *a misnomer*, «equivoco», de Schröder, que em 16..
publicou a Pharmacopea Medico-chymica, e aí denomina e definiu assim esta substáncia vejetal: — «*Catechu, terra japonica, genus terræ exoticæ*» —, quando a dita substáncia, ao depois foi importada do Japão.

Temos pois dois vocábulos diferentes em português, *cachu*, *cáchu*, *cate*, *cato*, voz asiatica, extrato de varias acacias; *cauch* ou, se quiserem *caucho*, voz americana, extrato de várias árvores diferentes, por outro nome *goma elastica*.

Cumpre não confundir um com o outro na escrita, como, do mesmo modo, se não devem confundir na pronúncia.

O *cauchu* denomina-se tambem *borracha*, e *guta-percha* (=*perxa*, e não *perca*, como erradamente se profere: o vocábulo é malaio, *gata-percha*, pron. quási *gueta*, ou *gata-percha* goma da árvore *percha* ou «goma de *Percha*, id e. Çamatra» O nome veio de França para Portugal, e para lá foi de Inglaterra, o que explica a escrita *gutta*, onde o *u* vale próssimamente *â* portugués, como é regra em inglês para o *u* breve em silaba tónica fechada por consoante. Outro tanto aconteceu com o sinónimo *goma-guta*, que também nos veio de Inglaterra por intermedio da França [1].

Outro nome ainda da *borracha*, mais conhecido no norte do Brasil, é *seringa*, denominando-se as árvores que a produzem *seringueiras*, e o plantio *seringal* [2].

A orijem de *seringa*, e bem assim a de *borracha* neste sentido são desconhecidas.

---

[1] Marcelo Devic, Dictionnaire étymologique des mots d'origine orientale, Paris, 1876.

[2] Vizconde de Beaurepaire-Rohan, Diccionario de vocabulos brazileiros, Rio de Janeiro, 1889.

O Conde de Ficalho e também o Glossário citado referi-m-se ao livro de Duarte Barbosa, a respeito de *cate*, *cacho*. lneei-o cuidadosamente, e só pude encontrar nele referência *cacho* à páj. 289, formando o vocábulo composto *cachopucho*, trecho seguinte: — «outras drogarias que nós não conhe-mos, e em Malaca e China saom muyto estimadas, e tem ande valia, silicet cachopucho, e muyto encenso que vem Xaer» — [1].

Refere-se aos reinos de Guzarate e de Cambaia, e é sem úvida êste o passo a que aludiu o Glossario de Yule & Burnell, m a seguinte citação, que transcreveu da tradução inglesa de E. J. Stanley, publicada pela Sociedade Hakluyt, conquanto podesse ter feito do orijinal que incluíu na bibliografia, e certo devia conhecer: — «drugs from Cambay; amongst which ere is a drug which we do not possess, and which they call *ché* and another called *cachó*» — [2]. Os acentos são a mais, e versão está mal feita, como se vê: a substância é uma só.

Antonio Nunez, a quem também cita, chama-lhe *cacho* e *cate*: «O baar de cate, que aqui [India] chamam cacho, he em tudo mo ho arroz, quanto ao pêso» — [3].

Conforme Leoncio Richard [4] *puchok*, (2.º termo de *cacho-cho*) é o nome malaio da *herva cidreira (mélisse)*.

caudel, caudelaria, coudel, acaudélar; caudilho

O substantivo *caudilho* já por Bluteau [5] foi declarado cas-lhanismo, dando-lhe como correspondentes portugueses *guia* ou *pitão*. Escusado era ir tam longe, pois da mesma orijem re-

[1] NOTICIAS PARA A HISTORIA E GEOGRAFIA DAS NAÇÕES ULTRA-ARINAS, Lisboa, II, 1812.
[2] *ib.*
[3] LIVRO DOS PESOS DA INDIA, Lisboa, 1868, p. 22.
[4] COURS DE LA LANGUE MALAISE, Bordeus, 1872, II, p. 102.
[5] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

jistou o mesmo doutissimo escritor a palavra portuguesa *coudel*, a que deu por étimo erròneamente o espanholado *caudilho*. Define-se *coudel*, no VOCABULARIO, do modo seguinte:— «Por ordem... del-Rey D. Affonso V os homens de armas Escudeiros, que serviam a cavallo nos exercitos foram reduzidos a mando, ou capitania de hum Capitão que os repartisse por *Coudeis*, dando a cada *Coudel* vinte. Pelo que chamaram aos Capitaens desta gente *Coudeis*, *Coudel Mor*. Este, como por o regimento da guerra ficava capitaneando a gente de cavallo, depois se veyo a encarregar-lhe a execução das leys, que se fizeram para conservar as boas raças dos cavallos do Reyno, e assim tem a seu cargo os cavallos destinados a cobrir as egoas, e para este effeito obriga huns homens a comprar egoas»—. A seguir a palavra *Caudelaria* é definida—«officio que tem a seu cargo a criação dos cavallos»—.

Ora, tanto *coudel*, como *caudel*, como o *caudilho* acastelhanado procedem de uma forma latina *capitellum* ¦ *ca'ptello*. Em castelhano de *captello* fez-se primeiro *caudiello* (—caudielho), e por contração do ditongo *ie* em *i*, *caudillo* (cf. castellum ¦ *castiello* ¦ *castillo*, e v. **castelhano**); em português *captello* deu *caudel*, e dêste provém imediatamente *coudel* (cf. *touro* ¦ taurum). Portanto, ao castelhano *caudillo* corresponde em português *coudel*, ou *caudel*, do último dos quais procede o verbo *acaudelar*, empregado pelo cronista Rui de Pina:—«Conde, ficai com estes mouros, porque lhe conheceis melhor as manhas, e acaudelai esta minha gente»—[1].

Do primitivo caput, de que se derivou o diminutivo capitellum, resultou o português *cabo*, em quasi todas as suas acepções, e dêste o verbo *acabar*. *(q. v.)*.

O vocabulo *capitel (q. v.)* tem a mesma orijem e entrou na lingua provávelmente por intermédio do italiano *capitello*.

Não vejo o fundamento com o qual o NÔVO DICCIONARIO

[1] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CLV.

a serem *caudel* e seus derivados melhores formas que
l, *coudelaria*, que são mais portuguesas ainda.

caurim

te vocabulo, conforme Yule & Burnell, é o indostano *kaurī*,
marata *kavaḍī*, e é na India o nome de um búzio pequeno
neo (Cyprae moneta), que corre como dinheiro na Asia
ional, e na Africa, onde tambem se chama *búzio (q. v.)*.
guradamente, e com certa graça, designa o mesmo que
(*q. v.*), isto é «divida que se não paga», que o mesmo seria
a em caurins.

cavalaria

lém das significações gerais, que veem em todos os dicioná-
e das especiais rejistadas no Suplemento ao Novo Dicc.,
e acrescentar esta: — «Das herdades em que se não ins-
n centros de lavoira... diz-se que andam de cavallaria» —[1].

cavalheiro, cavaleiro; caval(h)ariça

primeira destas formas é castelhana, como o prova a con-
e palatina *lh* pelo *ll* de caballarium; a segunda é a corres-
onte portuguesa: cf. lat. castellum } português *castelo*,
lhano antigo *castiello*, moderno *castillo* (*ll*=*lh*).
onfusão entre um dos significados que tinha em português
eiro, «o que tem cavalo e nele anda montado», e *cava-*
o, «fidalgo, pessoa de certa categoria», produziu a forma po-
defeituosa *cavalhariça* por *cavalariça*, a qual se deve

---

[1] J. da Silva Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, in Portu-
, I, p. 271.

cautelosamente evitar, pois se *cavalheiro* usurpou algumas d acepções de *cavaleiro*, nunca a quem vai ou anda a cavalo, e por isso, chama ninguém *cavalheiro*, vocábulo êste que em p tuguês não sujere a idea *cavalo* em ocasião nenhuma.

cavaqueira

A palavra *cavaca*, entre outros significados, designa uma pécie de conhecido biscouto, duro, muito leve, cuberto c uma capa de açúcar branco em pó, e principalmente fabricad vila das Caldas-da-Rainha, em que é a especialidade da te quanto a doçaria, e que tem o nome de *beijinho*, quando pequeno, isto é, quási do tamanho de uma cabeça de de A mulher que os fabrica e vende tem lá o nome de *ca queira*: — «Mais uma vez logradas as casas de pasto, cavaq ras, lojas de louça, etc» — [1].

Note-se que a designação se aplica principalmente às bricantes, como vemos pela distinção feita na citação entre *vaqueiras* e *lojas de louça*, não, l o u c e i r o s ou l o u c e i r a s.

caxa, caixa

Como nome de uma moeda de deminuto valor na Índ outras partes da Ásia, falta nos dicionários portugueses. A p vra, conforme Yule & Burnell [2], é o tâmil *kâsu*: — «lhe man logo duas mil caixas» — [3].

---

[1] Diario de Noticias, de 24 de outubro de 1905.

[2] A Glossary of Anglo-Indian words, Londres, 1886.

[3] Antonio Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de J Lisboa, 1894, p. 194.

cazembe

É termo da África Oriental Portuguesa: — «*Cazembe*, com-
dante de ensaca» —[1].

ceifarda, ceifardajem

Estes neolojismos, que não sei se chegaram a difundir-se, am propostos pelo vizconde de Coruche na GAZETA DOS LA-ADORES, em fevereiro de 1883, para traduzirem os termos cezes *fauchard* e *fauchage*, isto é, «certo instrumento para far herva», e essa ceifa.

cemiterio, cementerio

A forma alentejana é *cementério*, talvez por influência cas-hana, e nela se deu a inserção da nasal, por assimilação *m*, como em *mançana* ⟨ matiana, comparado ao portu-s *maça*. A palavra latina é coemeterium, e o *i* por *e* do tuguês *cemitério* teve por fim evitar a haplolojia *cemterio* *terio)*. O vocábulo é de orijem douta, ou semi-douta.

cediço (=*cèdiço*) sediço

Epifânio Diaz, na REVISTA LUSITANA [2], atribuiu a êste ectivo, muito comum no sentido de «em começo de putrefac-, incapaz de consumo, ou fora de uso», o adjectivo latino

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ, in «Jornal das Colo-», de 13 de agosto de 1904.

[2] vol. I, p. 175.

sedititius, alterado em *sedetitius* ¦ sedere, «pousar». Não advertiu porém o douto latinista em que à forma *sed-*, que é já a que dá Bluteau [1], deve corresponder outra mais antiga em português, *ce(e)diço*, análoga à castelhana *cedizo*, como em *carne cediza*, «carne que já tem (mau) cheiro».

António Morais e Silva [2] aduz um exemplo, que mais se conforma com a verdadeira significação de *cediço*. — «Anexim dito sediço; mui velho, sabido e trilhado».

O étimo, pois, deve de ser ceditítius ¦ cedere, «passar, estar gasto», como o aponta o Dicionario da Academia espanhola [3], e conseguintemente há de escrever-se com *c*, e não com *s* inicial, em português.

cêrco

Além das acepções definidas nos dicionários conheço duas, de que vou apresentar exemplo: — «Estas redes são lançadas com dois cabos... e são dispostas ou em linha recta, ou formando cerco» — [4].

— «os cercos... consistiam nisto. Por motivo de voto antigo, e depois da Paschoa, a maioria das pessoas d'uma freguesia, com pendões, cruzes e andores, começava a percorrer os limites da parochia. À frente um grupo de atiradores... disparava frequentemente, em regra no desafio» — [5].

cerne, cernar, cerneira, cernandi

Êstes vocábulos, menos o último, veem perfeitamente definidos no Nôvo Diccionario, e os seus significados são mais ou

---

[1] Vocab. port. e lat.
[2] Diccionario da lingua portugueza, Lisboa, 1823.
[3] Madrid, 1899.
[4] Fernandez Tomás, A pesca em Buarcos, in Portugalia, i, p. 14?
[5] Rocha Peixoto, Portugalia, i, p. 624.

nos conhecidos, relacionando-se os derivados com o seu primi- *cerne* — « a parte interior e mais dura das arvores » —.
O último foi me subministrado por indivíduo que residiu lar- anos na provincia do Pará, especulando com a exploração *seringueiras*, ou arvores productoras de *borracha*, e me que *cernambi* significa lá a « borracha mais grosseira ».

cerandeira, cernir

Na Beira-Baixa denomina-se assim uma « espécie de caixa, xilho ou grade em que trabalha a peneira » [1].
A existência dêste vocábulo em português pressupõe a do *cernir*, « peneirar », como em castelhano.

cetim, citim

Esta palavra, por influência do vocabulo *seda*, já em Blu- [2] aparece escrita com *s* inicial, pelo *c* com que antes se orto- fava, no tempo em que a diferença de pronúncia entre *s* e *ç* era al no reino. Todavia, o grande lexicógrafo ainda cita a forma *tim*, com a definição — « panno de seda » — e remissão à escrita *tim*, onde lhe dá uma etimolojia falsa, a palavra italiana *seta*, produzindo a orijem hebraica que outros no seu tempo lhe davam.
Que o douto frade não tem razão é evidente, visto que *seda* mpre se escreveu com *s*, e *cetim* com *c*.
Na mesma inscrição vêem-se várias espécies de *cetins*, dife- nçados por epítetos, como *cetim raso*, *cetim chão*, *cetim are- lado*, etc. *Raso* em castelhano é hoje o nome dado ao *cetim*.
A orijem do vocábulo, que maiores probabilidades apresenta

---

[1] Informação do editor, natural de Almeida.
[2] Vocabulario portuguez e latino, Coimbra, 1712-1720.

em seu favor, é o arabe ZAITUNIE, adjectivo derivado de nome da cidade de Zaitune, afamada pelo fabrico de tais tecidos. É esta, pelo menos, a opinião de Henrique Yule, na segunda edição da versão inglesa do livro de Marco Paulo Véneto [1].

Já R. Dozy, no Glossário, [2] havia dito o seguinte, a propósito da forma *aceituni*, castelhana, frequente na VIDA DEL GRAN TAMORLAN, de Gonçalez de Clavijo, como designando um tecido que vinha da China: — «C'est l'arabe *zeitouni* . . . La ville chinoise Tsen-thoung, actuellement Thsiuan-tchou-fou, s'appelait chez les Arabes Zeitoun. On y fabriquait des étoffes damassées de velours et de satin, qui avaient une très grande réputation et qui portaient le nom de *zeitouni*. Voyez Ibn-Batouta, IV, 269» —.

Em catalão antigo escrevia-se *atzeytoni*:

— «311 Item un dosser de drap daur domesqui ab lo camp vermey ab les orles de atzeytoni blau, ab senyals Reyals entorn brodat ab sotana de tercepell vermey» — [3].

Não há, portanto, a mínima dúvida que a escrita certa é a antiga com *c*, não *s*. A forma usada por Fernám Mendez Pinto na PEREGRINAÇAO [4], e por outros escritores do seu tempo, *citim*, é devida a assimilação do *e* ao *i* da sílaba seguinte, como em *mintir*, *pidir*, por *mentir*, *pedir*, e *minino*, que vemos constantemente no mesmo autor.

chá, chávena, pires, bule

A palavra *chá* é de orijem chinesa, como a planta, e está muito disseminada nas línguas eslavónicas, *čai* [5] em russo,

---

[1] THE BOOK OF SER MARCO POLO THE VENETIAN, Londres, 1875, t. cap. LXXXII, p. 224, n. 2.

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DERIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869, *sub v.* SETUNI.

[3] Inventari del Rey Marti, *in* REVUE HISPANIQUE, XII, p. 457.

[4] cap. IX, XXI, LII, XIII, XIV, LI, etc.

[5] Com esta letra marcada figuro o som do *ch* castelhano e português do norte, quasi *tx*.

lgaro, por exemplo. O outro nome da planta e sua infusão, *te*, ser êle se orijinasse do termo botánico thea, latinização do inês *ċa*, como creio, quer seja também chinês dialectal, como nam quasi todos os que teem investigado a etimolojia dêste timo vocábulo, foi o adoptado, com pequenas excepções, em tras linguas da Europa, quer romanicas, quer germanicas.

Com a palavra *chá* vieram do Oriente para Portugal os mes das varias peças do aparelho em que êle é servido: *chá-na* é chinês também, *ċa-van*, «vasilha para o chá». *Bule* é o alaio *buli*, «frasco»; *pires*, o indostano *pirix*, malaio *pirin* [1], pratinho», cuja orijem é incerta, mas, com todas as probabili-des, oriental.

Entre todos os idiomas europeus é o português o unico a ar estas denominações, como é sabido, pois nem mesmo em stelhano elas são conhecidas; ai diz-se *te*, *taza*, *tetera*, *platillo*.

Como a palavra *bule* é malaia, e *pires* em malaio existe ualmente, e sendo êste idioma nos seculos XV, XVI e XVII, e nda hoje, de geral comunicação no sul da Asia, é natural que r seu intermedio os recebêssemos nós, ou por qualquer das nguas da India, para as quais houvessem passado, o que no ntanto carece de demonstração. É de notar que ao *chá*, própria-ente dito, ainda hoje se chama *chá-da-Índia*, especialização e ou proveio de que de lá o recebêssemos directamente, ou tão de que por *Índia* se entendesse toda a Asia de que ti-hamos conhecimento, em razão das nossas navegações, conquis-s e comércio. Notavel é também que ainda hoje se ouça regoar *laranja da China*, locução com a qual se diferença da *ranja tanjerina*.

Que o malaio foi dos nossos viajantes e aventureiros conhe-do e praticado prova-se com a circunstáncia de que nas PERE-RINAÇÕES de Fernám Méndez Pinto a cada passo ocorrem

[1] O sinal *n* designa aqui o *ng* germanico, isto é, um *n* proferido no tremo do palato duro com a raiz da lingua. Aplique-se esta nota aos vocá-los citados a p. 241-243, e *passim*.

expressões, nomes, quer próprios, quer comuns, que pelo mala... se explicam, conquanto se refiram à China; e exemplo ... êste passo da mesma interessantissima obra: — «e em lugar ... tôrres ou baluartes tê (os chins) hũas goaritas de dous sobrad... armados sôbre esteos de pao preto, a que elles chamão Caube... que quer dizer pao ferro» — [1]. Ora o vocabulo, ou melhor, voca... bulos citados, e que na realidade significam «pau-ferro», são ma... laios e não chineses: *kaiu*, «pau», e *besi* «ferro».

Voltando ao *cha*, a primeira menção desta bebida, vem... feita, na Europa, por Frei Gaspar da Cruz [2], por estas palavr...

«Qualquer pessoa ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo tem por custume oferecerenlhe em hũa bandeja ... lante hũa porcelana, ou tantas quantas sam as pessoas, com hũa agoa morna a que chamam Cha, que he tamalavez vermelh... muy medicinal, que elles custumam a beber, feita de hũ co... mento de ervas que amarga tamalavez».

Note-se que o curioso frade ainda não conhecia a palav... *chávena*, visto que lhe chama *porcelana*.

A propósito de *chavena* direi ainda que hoje se confun... com *chicara*, mas que dantes não era assim. Ainda na minh... mocidade a *chavena* servia para se tomar o cha, era um vas... mais baixo que alto, alargando para a bôca, e não tinha asa; pela *chicara* tomava-se o cafe, e esta era mais estreita, de form... cilindrica, com asa, como as de agora.

A chavena chinesa tem dois pires: um em que assenta num largo orificio circular, aberto no meio, onde encaixa a base d... chávena, e outro cheio com que esta se cobre, sorvendo-se a be... bida por entre êle e a chavena, aos golinhos.

Bluteau [3] define *chávena*, que escreve *chavana*, sem duvid... a forma mais antiga, do seguinte modo: — «Palavra da Indi... É como meia chicara». Isto confirma em certo modo o qu...

---

[1] cap. XCV. Edição rolandiana, Lisboa, 1829.

[2] TRATADO DA CHINA, cap. XIII, Lisboa, 1829.

[3] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

na eu disse, que os aparelhos do chá, talvez nos viessem da ia; e como é sabido, ainda actualmente chamamos à porcelana uça da India». Quanto a *chavena*, é palavra, segundo dizem, icana, e Bluteau, que a mencionou na definição de *chavena*, tiu a no corpo do Vocabulário e no Suplemento.

Cumpre advertir que *bule*, como termo de jiria, com a sigicação de «ânus», e o caló *bul (q. v.)*.

chacina

Julio Cornu [1] dá-nos como étimo dêste vocábulo o latin cina ⟨ siccus, «sêco», o que não parece muito acertado, ar de o douto romanista o declarar manifesto *(offenbar)*. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [2], para adoçar a pílula, te a influencia do nome proprio *Chacim*, vila da provincia Tras-os-Montes, onde, consoante a informação de um proprie- instruido e idoso da mesma provincia, nos diz que se pre- a muito bem a carne de porco salgada e fumada. Assim será. s nada com isso adeantámos:

Coll'i all egro fanciul porgiamo aspersi
Di soave licor gli orli del vaso,
Succhi amari ingannato intanto ei beve.

Não ponho aqui o remate da formosa estança de Torquato so, por não ter aplicação ao caso sujeito, segundo me parece [3]. Conforme o Nôvo Diccionário *chacim* significa «porco», tando abonação do termo.

Em castelhano existe o vocábulo *cecina*, com significação pa-

---

[1] Grundriss der romanischen Philologie, Estrasburgo, 1888, I, 742.

[2] Revista Lusitana, III, p. 139.

[3] «E dall' inganno suo vita riceve» — Gerusalemme liberata, I, 3.

recida, e cujo aspecto mais se conforma com o étimo ap...
siccina: *secina: cecina*, por assimilação da inicial da 1.ª ...
à da 2.ª.

Cornu dá como forma intermediária hipotetica *sachin*...
que *chacina* seria metatese nas consoantes das duas pri...
silabas: mas não explica como é que de *cci* latino provei...
fenómeno tanto menos admissivel, quanto para o castelha...
cina resultou dêle *ci*, como era de esperar. Cumpre ainda ...
tir que êste fenomeno estaria em circunstancias muito di...
das que se deram em *chuchar* ¦ *ex-suctiare*, pois neste ...
assimilação da inicial da 2.ª silaba à da 1.ª.

Acresce ainda outra singularidade, a conservação de *n* ...
anormal (cf. uinum, castelhano *vino*, português *vinho*, an...
tes *vio*), visto que os vocábulos citados por Cornu para ...
mação, *bovina* e *ovina*, nunca foram nem são evoluti...
populares. Siccina daria *secinha*.

É de notar, apenas talvez como ementa, que a term...
-ina, ora tónica, ora menos frequentemente átona, serve n...
guas eslavónicas para de nomes de animais se formarem ...
tantivos femeninos que designam a carne dêles, como, por ...
plo, em russo *baranina*, «carne de carneiro» ¦ *baran*, *sv*...
«carne de porco» ¦ *svinjá*.

Para que tal terminação seja a que vemos em *chacina* ...
necessário, porém, explicar satisfatoriamente o radical, e ...
trarmos palavra analoga em qualquer dialecto italiano ou ...
pelo qual pudessemos justificar a transmissão.

Averiguado, como me parece estar, que o *cecina* cast...
proveio do latim *siccina*, insistamos um tanto nas signifi...
de *cecina* e de *chacina*, para nos certificarmos se são, ou ...
identicas.

O castelhano, conforme o Dicionário da Academia [1], é ...
definido: — «Carne salada, enjuta y seca al aire, al sol, ...
humo» —. Dêste substantivo derivou-se um verbo, *acecin*...

---

[1] Madrid, 1899.

…lar las carnes y ponerlas al humo y al aire para que enjutas conserven» —; e figuradamente: — «Quedar-se uno, por vejez …tra causa, muy enjuto de carne» —.

O substantivo *chacina* português é assim definido por Blu…[1]: — «Postas de carne salgada, que se guardam, e se con…vam em pipa, tonèl, ou outros vasos» —. Dêste se deriva um …bo, *chacinar*, que Bluteau diz significar: — «Salgar pedaci…os ou postas de carne, e pollas em sal de conserva» —. Não … apresenta sentido figurado no verbo; mas no nome acrescenta: «Fazer chacina em alguem. Fazello em postas» —.

No verbo *chacinar* da-nos uma abonação: — «Em que cha…ão, e defumão todas as sortes de caças e carnes» —.

Há, como se vê, grande diferença nos significados. *Cecina*, … sentido natural, quere dizer «carne sêca por qualquer pro…so, para se conservar»; *chacina*, «carne cortada e salgada, … não, sêca, note-se, único fundamento ideolójico com o qual … poderiamos racionalmente atribuir o étimo proposto, siccina … siccus. Em sentido figurado diferem igualmente as significa…es: do vocabulo castelhano deriva um verbo que expressa a …a de «definhar-se, mirrar», «perder carnes»; do português …tro, que expressa o contrário dêste, convém saber, «fazer ma…ça, carnificina».

Depois de todas estas ponderações concluo:

1.º *Cecina*, castelhano provém de siccina.

2.º *Chacina* deve ter outro étimo, que exclua a idea do …car».

3.º *Chacim*, como nome próprio, procede de *chacim* «porco», … deu-se o caso contrário, é do nome próprio que resultou o …mum.

4.º É duvidoso que *chacina* tenha relação com *chacim*, na …unda hipotese: presumivel na primeira.

5.º Resta averiguar qual seja a etimolojia de *chacim*, se na

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

realidade tem a significação que lhe dá o Novo Diccionario visto não estar ali abonada.

6.º O vocábulo *chacina* é de orijem ignorada.

chafardel

O Nôvo Dicc. dá-nos esta palavra como transmontana, com a significação de *safardana*, que no lugar competente define «biltre».

Em sentido muito diverso dêste, isto é, no de «rebanho», vemo-la empregada, como própria do Alentejo, no seguinte passo: —«um chapeo de terra [terreno pouco espaçoso], que não lhe cabe dentro um chafardel de ovelhas»—[1].

chafarica, chafariqueiro

O Nôvo Diccionario dá ao primeiro dêstes vocábulos duas acepções: —«loja maçónica; baiuca, taberna»—. Subordinado à segunda acepção é o termo *chafariqueiro* no passo seguinte: —«Porto, 11. Com o título *Apprehensão de vinho falsificado — Prisão*, lê-se na Voz Publica o seguinte: —«o visinho partiu para o Porto, e voltou pouco depois trazendo um chafariqueiro emerito. . . »—[2].

Neste sentido usou-se mais recentemente *misturreiro*: —«a protecção que esta resolvido a dispensar aos falsificadores e misturreiros»—[3].

[1] J. S. Picão, Ethnographia do Alto-Alemtejo, in Portugalia, I, p. 275.

[2] O Economista, de 12 de junho de 1891.

[3] O Dia, de 14 de novembro de 1902.

chalar-se

É termo de jíria, que quere dizer «escapulir-se». É uma forma pronominal que nos veio do calo *chalar* «andar».

chama

O significado especial dêste vocábulo em Cezimbra vê-se do seguinte trecho: — «elles [os pescadores de Cezimbra] correram sobre ella [a fôrça militar] insultando-a, e munidos de chamas (pequenos paus) parecia quererem envolver a força» —[1].

chamada

Em Leiria, conforme informação do snr. Acacio de Paiva, quere dizer «braçado de lenha, que se deita no forno»; — «com mais esta chamada fica o forno quente» —. É um derivado, me parece, de *chama*, «labareda», pela que ateia abrasando-se.

chambo

O mesmo que *bangue*, «cânhamo», na Africa Oriental Portuguesa: — «Fumam com delicia e sofreguidão o *chambo*, a que no sul se dá o nome de bangue» —[2].

---

[1] O Seculo, de 15 de abril de 1900.

[2] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

chamiça, chamiço, chamiceiro; chafurdo

Chamiça, conforme o NÔVO DICCIONÁRIO, tem vários significados, e entre êles o de «carqueja». *Chamiço* é ali definido como — «acendalhas; lenha miúda; ramos secos; tição» —. *Chamiceiro* — «aquelle que apanha e vende chamiço» —.

Na Beira-Baixa (Fundão) *chamiceiro* é «o *fogueiro* que mete a lenha no fôrno».

Poderia aplicar-se êste termo, ampliando-lhe a significação, para denominar o que em francês se chama *chauffeur*, nos automóveis, e que o povo, meio a sério, meio gracejando, já aportuguesou em *chafurdo*: — «Emquanto eu ia entretido com o travão [do automóvel] o chafurdo entretinha-se a gritar que se arredassem» — [1].

chamo, chamariz

— «Os reclamos naturaes, *chamarizes* ou *chamos*, como bem se comprehende, não passam de uma ave da especie d'aquella que se vae caçar, e que pelos seus pios ou canto... attrae a outra que a ouviu» — [2].

V. **reclamo**.

chamuar(e)

— «*Chamuares* ou *amigos fechados*; rapazes da mesma povoação e idade, que vão juntos a todas as emprezas perigosas, e que na guerra se não abandonam. São os *chamuares* que trans-

---

[1] O SECULO, **Supplemento**, de 4 de julho de 1905.

[2] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 95.

...rtam o ferido em combate... e que o enterram quando morto. ...oge do lugar do combate» —[1].

chana

Esta forma, estranha em português, pois o femenino de ...*hão* | planum é *chã*, antigo *chaa*, é definida como significando «... planicie ou campina alagada, em Africa» —, num oficio, ...ssinado por Capelo e Ivens, expedido da cidade do Cabo à ...ociedade de Geografia de Lisboa, com data de 22 de julho ...e 1885.

É, pois, mais um alótropo para juntar aos muitos que existem ...m português, e teem por fonte primordial o latim planum. ...ormam diferentes series, que seria longuissimo coordenar com ...odas as formas derivadas e suas variadas acepções. Essas series ...istinguem-se pelas iniciais, que aqui vou apresentar, exemplifi...ando cada uma com um vocábulo típico:

Latim planum	forma mais antiga	*ch:*	*chão*
	posterior	*pr:*	*prão, prâmo*
	secundária	*por:*	*porão (q. v.)*
	recente	*pl:*	*plano*
	castelhana	*llh:*	*llhano*
	italiana	*pi:*	*piano*

changaço

É a parte do atum menos apreciada para cozinhar, isto é, a ...abeça e o rabo. O termo é muito conhecido dos pescadores, ...eixeiros e gente que negoceia em atum. O *changaço* vale sem...pre menos que as outras partes do atum, mais estimadas.

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

chapa: chapada

Qualquer que seja a orijem dêste vocábulo, no sentido de «lámina metalica, fôlha delgada e chata», e cujo étimo mais provável é um *klap*, ou *plak* germánico; com o significado especial de «ordenança, permissão, ordenação, prescrição», e termo asiático, devendo ser o indostano *č'ap* «sêlo, sinete» —. «A chapa se foi publicando por todo o reino» —[1]. *Chapado* queria dizer «assinalado».

Como termo de calão moderno *chapada*, significa «bofetada». — «Vês aquelle gajo? Já em tempos me deu uma *chapada*» —[2].

No sentido de «planicie alta», o vocabulo figura em todos os dicionários.

chapéu, chapel, chapelada

Qualquer dos dois primeiros é de orijem francesa, representando o primeiro a forma *chapeau*, actualmente pronunciada *xapô*, porém na idade media lida como *chapéu*; o segundo, outra forma da mesma palavra (cf. *beau* e *bel*), provindo ambas do latim *capellum*, deminutivo neutro de cappa, como cappela é deminutivo femenino. A primeira forma é hoje corrente para designar «cobertura da cabeça, com fôrma e abas»; a segunda designava um «elmo», como vemos no Suplemento ao Nôvo Diccionario, que aponta vagamente abonação.

A noção de que, a par de *chapéu*, havia a forma *chapel* prova-se com os derivados *chapeleira*, «caixa para chapeus», *chapelinho*, «chapéu pequeno», *chapeleiro*, «fabricante ou vendedor de chapeus», *chapelada*, «cortesia com o chapéu».

Êste último derivado é usado freqüentemente num sentido que os dicionarios não apontam: «masso de listas, deitadas frau-

---

[1] A. Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 104.

[2] O Seculo, de 10 de setembro de 1900.

entamente na urna, no acto eleitoral, pela autoridade que a preside»: — «À parte os sucessos... como chapeladas, no r do argot eleitoral» —[1].

O chapeu tem diversas formas, e é feito de várias substân-s, e conforme umas e outras adquire epitetos pelos quais um péu se diferença de outro, pelo nome especial que lhe dão. te modo ha *chapeu alto*, ou *de copa alta*, mais ou menos ci-drico; *chapeu de côco*, que na Ilha da Madeira se denomina *peu de queijo*; *chapéu à serrana*, duro e com largas abas radas; *chapeu de pasta*, «o que por meio de molas se pode bar, ficando o tampo unido às abas»; *chapeu armado*, «o de bicos», isto é duas pontas da aba; *chapéu de três bicos*, que tem abas triangulares», etc.

Chapeu designa tambem «abrigo, resguardo», e nesta acep-dizemos *chapeu de chuva*, *chapeu de sol*, que dantes se cha-va *sombreiro*, objecto que provavelmente importámos da India, China ou do Japão, onde eram e são muito usados.

Enfim, é este um dos vocabulos franceses que desde tempos ito remotos se aportuguesou e difundiu mais fértilmente, pois duziu grande numero de derivados.

Tambem foi usado em castelhano, como vemos neste retrato um valentão espanhol:

> — Caló el chapeo, requirió la espada.
> Miró al soslayo, fuese, y no hubo nada —.

Esta pintura fidelissima lembra outra do pimpão português, quem Eduardo Garrido disse na cena cómica, representada 1864 por José Carlos dos Santos, A Bengala:

> — Homem bulhento em cafés,
> Que a toda a gente arremete
> Que rapa do *casse-tête*...
> E apanha dois pontapés —.

[1] O Seculo, de 28 de novembro de 1900.

Outro vocábulo francês derivado do mesmo radical é *chaperon*, que deu em português *chapeirão*, em castelhano *chaperón*[1] com a significação de «capuz»:

> — Ao ombro um chapeirão,
> Que pasmava todo o povo —[2].

charabasco, charabasca, charavasca, charabasqueira, charaviscal; chavasco, chavascal, achavascado

Os primeiros quatro dêstes vocábulos, conforme o Novo Diccionario e Suplemento dêle, designam, como termos trasmontanos, «terra de pouco valor ou esteril». O último é definido na monografia de J. S. Picão, Ethnographia do Alto Alemtejo, no seguinte passo: «Ha herdades muito grandes, medianas e pequenas. Entre as maiores, algumas conhecem-se pelo augmentativo de *defeza*, ou por tal se denominam quando se querem engrandecer. As pequenas distinguem-se pelo diminutivo de *malatécas* ou *charaviscaes*, quando por ventura se pretende amesquinhal-as» —[3].

Vemos aqui o vocabulo *defesa* ¦ latim defensa, castelhano antigo *defesa*, moderno *dehesa*, sem o abrandamento do *f* em *v*, que se deu na forma geral *devesa*, como aconteceu com *ávrego* ¦ Africus (uentus), e com *Estêvão* ¦ Stephanus.

Ignoro a orijem da palavra *charavasco*; mas vê-se que *charabasco* é nortismo, com mudança de *v* em *b*, por não existir *v* nos dialectos transmontanos.

Há certa analojia de forma entre estes vocabulos e *chavasco* e *chavascal*, de que apenas se diferençam na silaba *ra* que teem de mais, sendo quasi conformes no sentido, visto que *chavasco* quere

---

[1] Revue Hispanique, x, p. 172.
[2] Bernardim Ribeiro, Ecloga ii.
[3] *in* Portugalia, i, p. 275.

…er «tôsco», e *charascal*, «terreno inculto, cheio de hervas, …tedo». Em castelhano existe o adjectivo *chabacano*, «gros…ro, *achavascado*», e em caló, ou dialecto cigano de Espanha, …*ruan*, com a significação de «herva». Parece haver relação …tre todos estes vocabulos; porém falta explicar por que leis se …ram modificando até chegarem à forma mais extensa portu…esa, *charavascal*.

charachina — chara China

Esta locução é peculiar das PEREGRINAÇÕES de Fernám …endez Pinto, e ainda não foi, que eu saiba, rejistada em dicio…rios portugueses. Ocorre várias vezes naquela formosissima …ra, e nomeadamente nos capitulos XLVII, LXII, sem explica…o, e no cap. LXXVII por forma, que o seu significado fica …anifesto —«abraçandoo então e pedindolhe muitos perdões ao …u modo, que eles chamam de charachina»—.

Ora, como no cap. CLXV o autor, em vez desta locução, usa … uma equivalente, —«ao modo da China»—[1], e no cap. CCI em…regou estoutra locução —«a chara Japão»—, segue se que a voz …*ara* significava «modo», ou, como hoje diriamos, «moda»; que …*ina* não é adjectivo feminino concordando com *chara*, mas …me proprio, como *Japão*, e que a construção em português é …feituosa, pois se elidiu a preposição *de* que a sintasse pedia, …mo aconteceu em *Madre-Deus* por *Madre-de-Deus*, mas sem … haplolojia, ou simplificação da repetição consecutiva de *d*, que … justificasse.

Quanto ao substantivo *chara*, que, como disse, ainda não foi …dmitido nos dicionarios portugueses, é êle simplesmente o ma…io *tara*, «feição, feitio», sendo a supressão da preposição sin…sse malaia.

---

[1] Antonio Francisco Cardim, mais culteranamente, diz —«ao modo si…co»—. BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 45.

O *ĉ* palatal malaio, quási *ti* (*tiara*), foi imitado com o *ch* português, geral então, e ainda hoje beirão, minhoto e transmontano, quási *tx*, como é sabido. Assim representaram os portugueses sempre as consoantes explosivas fortes, palatinas nos vocábulos e nomes asiáticos pertencentes a línguas que as possuam, como as da Índia, o chinês, o japonês, etc.

Exemplos do malaio *ĉara*, citados no vocabulário malaio-francês que constitui a 2.ª parte do Curso de malaio de Leonce Richard [1], são os seguintes: *ĉara rada iaa besar*, «a modo de príncipe» [literalmente, «modo (do) príncipe, que (é) grande»]; *ĉara ingris*, «à (moda) inglesa», êste último perfeitamente análogo ao usado por Mendez Pinto, e por êle aportuguesado.

Camões, nos LUSIADAS [2], empregou *modo* no mesmo sentido porque *moda* ainda então não era moda cá.

Vestido o Gama vem ao modo hispano.

Por aqui se vê que não tem fundamento a conjectura expressa no Glossario de Burnell & Yule [3], que relaciona esta locução com a saudação usual chinesa *ĉin ĉin*.

charão, acharão, (a)charoar, acharoado

O substantivo *charão* designa em português certo verniz da China, e os objectos de madeira com êle revestidos. É próprio da nossa língua, pois os outros idiomas europeus servem-se de várias formas do vocábulo *laca*, que designa em português outro verniz, mais da Índia, e certa resina ou tinta.

---

[1] COURS THÉORIQUE ET PRATIQUE DE LA LANGUE COMMERCIALE DE L'ARCHIPEL D'ASIE, DITE MALAISE, 1872.

[2] Canto II, 97.

[3] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, p. 154.

A palavra não é chinesa ou japonesa, como poderia supôr-se, pois existe em castelhano, *charol*, que também designa «verniz e polimento». Outra forma portuguesa é *acharao*, que se lê no TRATADO DA CHINA de Frei Gaspar da Cruz, cap. XIII: — «estes [sacerdotes] criam cabello e trazem-no no cume da cabeça, arrematado com um pao muito bem feito... envernizado de muito bom verniz, que chamam acharam» —.

De *charao* se derivou o verbo *charoar*, e o participio passivo dêste vemo-lo usado por A. Francisco Cardim: — «bandejas charoadas e douradas» —. Da forma *acharao* tirou-se *acharoar*, e ainda hoje dizemos *fôlha acharoada* [1].

A título de curiosidade apenas, e porque talvez, para estudo mais detido do vocabulo *charao* e da sua introdução na literatura portuguesa, possa trazer alguma luz, apontarei aqui uma das inscrições de entre as cento e vinte de vocabulos chineses usados em malaio, admitidas por Aristides Marre, e é a seguinte:

«*Tchat* — Couleur broyée et detrempée avec de l'huile; teinture, vernis de bois employé par les Chinois et qui provient de l'arbre nommé *rengas* en malais» — [2].

Reunindo os dois *chat-rengas*, com a supressão do *t*, obtem-se *charengas*; mas desta palavra composta vai uma distancia enorme à forma *charao*, que é, repito, inseparável da castelhana *charol*.

Note-se ainda que *tarana* em malaio quere dizer «bandeja», e que o mesmo significado tem *charol* na Bolivia: — «Nuestras *bandejas* son en castellano *fuentes* (travessas), nuestros *charoles* son *bandejas*» — [3].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

[2] MELANGES CHARLES DE HARLEZ, Leida, 1896, p. 193.

[3] R. J. Cuervo, APUNTACIONES CRÍTICAS SOBRE EL LENGUAJE BOGOTANO, Bogota, 1881, p. 376.

charola

Além dos dois significados principais dêste vocabulo, ja apon-tado nos dicionarios portugueses, o de «andor», e o de — «corre-dor semi-circular entre o corpo da igreja e a fabrica do altar-mor» — [1], indicarei aqui mais o seguinte, que sem duvida provem do primeiro citado.

Na ilha da Madeira denomina-se *charola* um *Argo* ou fo[illegible] alta guarnecida de frutas, hortaliças, doces, ovos e garrafas de vinho, que figura nos arraiais, ou *impérios (q. v.)*.

Bluteau, no Suplemento refere-se à *charola* cuberta com — «papel, ou papelão, ao modo de arco, ou abobeda com suas varas atravessadas, em que lhe pegavam os rapazes, e com ella andavão pela Quaresma cantando cantigas da Paixão, porque leva-vão na charola imagemsinhas de barro da Paixão de Christo» —.

Era também um arremêdo de andor.

chaspa

Em Trás-os-Montes é uma espécie de panela ou tacho, com tampa, baixo e largo. Ali da-se o nome de *panela* à que tem três pés, para se lhe acender lume por baixo, ao contrario da *chaspa*, que assenta na tornalha e não tem pés.

chau

É palavra chinesa, e como vemos do trecho seguinte, expressa saudação: — «disse a Aquileu que queria *chao* (que é fazer as cor-tesias de vasalo a rei, que são bem enfadonhas)» — [2].

---

[1] Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO

[2] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 45.

cheiro, cheiros

Êste substantivo, do verbo *cheirar* | flagrare, que é ora transitivo no sentido de «tomar o cheiro», ora intransitivo, no de «deitar cheiro», tem duas acepções que os dicionários não rejistam bem.

Assim o CONTEMPORANEO só no plural dá o vocábulo com a significação de «substancias aromaticas», quando em tal sentido, o vemos empregado no singular pelo Padre Antonio Francisco Cardim: — «queimou cheiro» — [1].

No plural significa êle, em Lisboa pelo menos, quatro hervas aromáticas empregadas como tempêro na cozinha portuguesa, isto é, *salsa, coentro, hortelã* e *segurelha*, e diz-se *um ramo de cheiros*.

A estas plantas parece referir-se Gil Vicente no VELHO DA HORTA, ora no plural, ora no singular:

— Vinha ao vosso hortelão
Por cheiros para a panela .

a couve e o cheiro

O NÔVO DICCIONÁRIO dá ao singular *cheiro* a significação de — «salsa, hortelan, *ou* qualquer outra erva aromática, de applicação culinária» —; mas, pelo menos em Lisboa, a definição é a que apontei.

chela

África Oriental Portuguesa: «fazenda, tecido» [2].

---

[1] BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, p. 236

[2] Diocleciano Fernandez das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 203

cheminé, chaminé

A forma popular e mais exacta *cheminé* encontra-se num documento do XVI século: — «hũa antecamara grande que tem hũa chemine... hũa janela grande peguada com chemine» —. Antes, no mesmo documento, uma variante, também popular no norte do reino: — «hũa sala pequena com chomine» —[1]. O *o* provém do *m* que se lhe segue. A forma hoje corrente *chaminé* é devida a influência da palavra *chama*; porém a forma popular *cheminé* está mais próssima do seu étimo, o francês *cheminée*.

cherelo (= *cherêlo*)

No Minho dá-se êste nome a um peixe pequeno, que parece corresponder ao que no sul se chama *carapau*.

cherundo

África Oriental Portuguesa: «cêsto» [2].

chicopa

Termo da África Oriental Portuguesa: — «*chicopas* — Angonis armados de azagaia e escudo de couro ou de palha entrelaçada» — [3].

---

[1] Auto de posse do castelo de Sines, de 24 de novembro de 1533, in O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, X, p. 101.

[2] Diocleciano Fernandes das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM Á CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, p. 26.

[3] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

chicua, chicero, chituredo, coba (Marromeu)

Especies de cêstos da África Oriental Portuguesa — «*chituredo, chisseiro, coba, chicua* (cestos)» —[1].

Azevedo Coutinho [2] escreve *t'chicero*. A forma preferivel portanto, conforme a escrita usual portuguesa, será *chicero*.

chicuanguê

Incluo aqui esta palavra, sem saber ao certo a que idioma africano de negros ela pertence, qual a sua pronuncia (*¿chicuangue, chicuangu-ê?*) e qual a sua lejitima escrita (*¿chicuanguê, cicuangue?*). No caso de que o *u* se profira depois do *g*, melhor fôra escrevê-la em português *chicuangoê*, ou *xicuangoê*, conforme o som inicial seja o *ch* beirão e transmontano (quasi *tx*), ou o *x* inicial, de *xadrez*, por exemplo.

Encontrei-a definida no seguinte passo: — «A base da alimentação do indigena na maior parte do Estado do Congo, e tambem no nosso enclave de Cabinda, é a farinha de mandioca ou *chicuangue*» —[3].

Note-se o galicismo inútil *enclave*, pelo qual podemos dizer *encrave*, ou *nesga*.

chieira

No Pôrto quere dizer «vaidade, basófia».

---

1 *ib.* 4 de julho de 1903.
2 *ib.*
3 GAZETA DAS COLONIAS, de 16 de dezembro de 1905

chila (caiota), gila

O Nôvo Diccionário apresenta as três formas, que escre *chila*, *chilacaiota* e *gila*, referindo à primeira as outras du não apresenta etimolojia. No perfeitíssimo Diccionário de vo chilenas, de Rodolfo Lenz, que se está publicando [1], encontra o termo *acayota* como usado no Chile. Eis o que acêrca dêle diz o douto filólogo: «**alcayóta**, n. vulg. de una cucurbitác mejicana cuyos frutos sirven para la preparacion de un dulc el cidracayote (Dicc. Ac. cidra acayote) de los españoles (*Cucu bita ficifolia* Bouché). Variantes: *acayota* en Gay, Bot. v e II 403. Forma falsa: *alcajota* Gay Agr. II 112: ortografía fal *acallota*. Etimolojía: Segun Philippi, Anales del Museo N cional, seg. seccion 1892, del nahuatl *tsila cayotli*... seg Ramos 532, en Mejico se dice *chilacayote*, del azteca *tz cayotli*» —.

Cumpre advertir que *nahuatl* e *azteca* são a mesma ling e ainda, que as palavras mexicanas são idênticas, mas com d ferente ortografia, sendo o *tz* e o *ts* iguais a *tç*, e os dois *tl* primeira denominação êrro tipográfico em vez de *tl* da segun que em mexicano é sufixo de unidade, e se profere como u lateral, seguido de *l* sibilante surdo, sem vogal intermedia.

O nome desta casta de abóbora, hoje completamente a matada em Portugal, veio para cá de Espanha, naturalmen como fruto, trazido do México. Vê-se que devemos escre *chila-caiota* em duas palavras.

Quanto à forma *gila*, principalmente usada em Lisboa, provável que seja eufemismo, adoptado para se evitar o ver deiro nome *chila*, que aí adquiriu o significado de «excreme humano», acepção que falta nos dicionários.

---

[1] Diccionario etimolójico de las voces chilenas derivad de lenguas indíjenas americanas. Santiago de Chile, 1904-1905, fasc., n.º 15.

Na ilha da Madeira, conforme informação do snr. João de Freitas Branco, o nome da abobora com que se faz o dito doce é *moganga*, ou trivialmente *boganga*, que tem aspecto africano; aplicando-se a denominação *chila caiota*, ou simplesmente *chila*, ùnicamente ao doce.

Em Lisboa também se lhe chama *abóbora-chila*, e *abóbora moganga*.

chimabanda

Termo da África Oriental Portuguesa: — «Faz ainda parte do mobiliario a *chimabanda* (pilão) onde as mulheres reduzem a farinha a mapira, e a *mapira-manga*, as pedras chatas e planas em que pelo attricto é polvilhada a *mexoeira*, das quais a inferior e fixa tem o nome de *limbué*, e a superior e movel se chama *menacana*» —[1].

V. **mapira** e **mexoeira**.

chincha, chinchorra

«As bateiras *chinchorras*, assim chamadas por serem... as que mais se usam para o lançamento da *chincha*, teem, como os *moliceiros*, a particularidade de ser ornamentadas, á prôa e á ré, de varias pinturas e emblemas» —[2].

Chincha foi, algumas linhas antes, explicado como — «rede de arrastar pequena» —.

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUE EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 30 de julho de 1904.

[2] Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* Portugalia, II, p. 60.

chincho, chincha

Nos Açôres significam «menino e menina, pequenos», e também «cousa pequena».

Em Aveiro *chincha*, que deve ser outro vocábulo diverso, é o nome de uma rede, e também, ao que parece, de certo barco de pesca.

chingue

No Bailundo: — «chingues são casas pequenas» —[1].

chipapala

Quadrúpede da África Oriental Portuguesa, assim descrito por Diocleciano Fernández das Neves: — «Qualidade de animaes a que os landins chamam c h i p a p a l a. Observados de longe parece *[sic]* um boi, e effectivamente os chifres eram exactamente como os dêste animal. O cabello da pelle era côr de castanha e curto como o dos bois e tinha a crina á similhança dos cavallos, porem mais curta. O focinho e as patas eram como os do veado»...[2]

chiqueiro

Esta palavra é definida nos nossos dicionários como «pocilga, lugar onde se recolhem porcos» —.

Todavia, pelo menos no Alentejo, o significado é mais restrito, como se vê da explicação que do termo dá J. da Silva

---

[1] O Dia, de 29 de junho de 1903.

[2] Itinerario de uma viagem á caça dos elephantes, Lisboa, 1878, p. 280-281.

Picão, na Etnographia do Alto-Alemtejo: — «chiqueiro. — Curralorio que encerra dois ou três porcos adultos para se irem engordando a pouco e pouco com os sobejos das comidas... etc.» —[1]. [V. **choço**].

chisca, chisco, chisquinho, chizinho

O Suplemento ao Nôvo Diccionário dá à primeira destas formas, como peculiar da Beira, o significado — «pequenina porção, gôta» —, declarando haver sido colhida no Fundão. O segundo, como termo algarvio, identifica-o com *cisco*, que define *(ib.)*: — «aparas miudas, lixo» —. No Pôrto, como é sabido, esta última acepção é a que corresponde a *cisco* ⟨ ciniscul um [2]. De *cisco* provem *cisqueiro*, que no Pôrto é o nome da *pá* (para a apanha) *do lixo*, a qual também se denomina *apanhador*.

Conforme os meus apontamentos, *chisca*, *chisco* e *chisquinho* significam todos três «pedaço pequeno».

O mesmo Suplemento acrescenta mais outra forma beirã, *chizinho*, com o mesmo significado de «porção pequena».

chitão, chitom

A primeira forma é mais portuguesa, a segunda está mais perto da sua orijem, a locução francesa *chut donc!* «caluda!», e é êste o significado que teem, ou antes, tinham, porque estão quási fora de uso. Foram porém bastante vulgares, e tanto que com a primeira se formou um adájio: — «Com el-rei e a Inquisição, chitão»! —[3].

---

[1] in Portugalia, I, p 545.

[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* «Revista Lusitana», III, p. 140.

[3] Francisco Adolfo Coelho, A Pedagogia do povo português, *in* Portugalia, I, p. 192.

choço (= chôço)

É um masculino deduzido da forma femenina *choça* ¦ latim plutea [1], adjectivo substantivado, designando «armação, andaime, ripado», e cujo *u* nos leva a crer que mesmo a forma femenina se pronunciasse dantes *chôça*, a não ser que a primitiva haja sido a masculina, derivada do neutro pluteum, do mesmo adjectivo, substantivado. Cf. *pôço, pôça*.

Choço no Alentejo tem significação particular, que se deduz do seguinte trecho da Ethnographia do Alto-Alemtejo, de J. da Silva Picão [2] –«O chiqueiro *[q. v.]* abrange o espaço de uns vinte metros quadrados, em parte resguardado por uma alpendrada ou *choço*, onde se abrigam os *cevões*, nome específico por que se designam os suinos assim sustentados [com sobejos de comida]»—.

choramingas, choramigas

Parece-me fora de duvida que a primeira destas formas é a correcta, e a mais popular, quer o seu étimo seja *chorame*, como pretende D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, quer *chora-mingas*, por *chora-minguas*, que me parece mais provável.

choupa, choupo

Talvez as verdadeiras formas sejam *chôpa, chôpo* ¦ clupea, clupeum.

Em três significados dá o Nôvo Diccionario a forma feme-

---

[1] Revista Lusitana, II, p. 37: J. Leite de Vasconcelos, mas já antes dado por Frederico Diez.

[2] Revista Lusitana, III, p. 135.

as: *a)* — «ponta de ferro ou aço; *b)* peixe esparoide: *c)* árvore melhante ao *choupo*» —.

A terceira acepção é o latim pop'lus, por metátese, plopus. A 2.ª acepção é o latim clupea, com o mesmo significado. Exemplo da forma masculina na 1.ª acepção é o seguinte: — Elvas, 20... Foi isto o bastante para que lhe cravasse... no ito um choupo que trazia» —[1].

choutar

Conforme J. J. Núnez, do latim *t(o)lutare*[2]: seria pois o mesmo vocábulo que *trotar*.

chuá

«Onde mora o chuá ou governador [no Aname]» — [3].

chuanga

— «*Chuanga* é o preto que apresenta os contendores a quem solve as questões, e resume ás suas exposições: na Baixa-Zambezia é interprete» — [4].

chucharrão, chocharrão

Sendo ignorada a orijem dêste vocábulo dialectal, é incerta a escrita: — «Levado pela curiosidade, fui examinar um montão

[1] O Economista, de 22 de outubro de 1892.
[2] Revista Lusitana, III, p. 285.
[3] Antonio Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 68.
[4] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, in «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

de pedregulhos que o pastor me indicou, e que era escoria (*chicharrões*, dizia) havendo indicios de ter ali havido algum forno para derreter minerio, o que se explica porque a pequena distancia ha um filão, não sei de que minerio, dando-se ao sitio o nome de Ferrarias» —[1].

Em castelhano existe o vocábulo *chicharrón*, que parece pela forma ser aumentativo de *chicharro*, ou *chicharra*, «cigarra», que o Dicionário da Academia espanhola [2] define do seguinte modo: — «(voz imitativa del ruido de freir) Residuo de las pellas del cerdo, depues de derretida la manteca. Dícese también de la manteca de otros animales y del sebo. // fig. Carne u otra vianda requemada. // fig. y fam. Persona muy tostada por el sol» —. Corresponde nos dois primeiros sentidos ao que chamamos *torresmos*.

Para confirmar o parentesco do vocabulo português *chicharrão* com o castelhano *chicharrón*, vemos que a palavra *pella*, que entra na primeira definição dêste, além do significado natural, que tem, de «banha de porco em rama», adquire também, conforme o dicionario citado, os de — «Masa de los metales fundidos ó sin labrar — Masa de amalgama de plata que se obtiene al beneficiar con azogue minerales argentiferos» —.

O termo dialectal *chucharrão*, ao que parece mais usado no plural, corresponde portanto ao termo mais geral *escumalha*.

O primitivo *chicharra* designa em Espanha tambem o instrumento que em Portugal se denomina *cega-rega*.

Ambos os termos parecem ter orijem onomatopaica, isto é, serão imitação do som.

---

[1] Joaquim Manuel Correia, ANTIGUIDADES DO CONCELHO DO SABUGAL, *in* «O Archeologo português», X, p. 201.

[2] Madrid, 1899.

chué(s), chué-chué

Êste adjectivo invariável, que significa «reles, de pouco preço, ruim», é conforme Júlio Moreira [1], confirmando o que Dozy propusera, o árabe *chuié chuié [sic]*, XUAIE XUAIE, deminutivo de XAI, «cousa».

A aceitar-se a etimolojia, a escrita deveria ser *xué*.

chulo, chula, chuleira

É termo castelhano, que em português como adjectivo adquiriu o significado de «ordinário, brejeiro, quasi obsceno»; em castelhano, porém, designa «moço de matadouro ou de praça de touros, um tanto afadistado». No SECULO, de 23 de fevereiro de 1902, lê-se a locução *à chula*, «ao modo dos chulos, ou das chulas»: — «Ultimamente, vestindo com elegancia umas vezes, e *á chula* outras, parecia regenerada» —.

Chula é o nome de uma dança e de uma música popular, hoje provinciana. *Viola chuleira* é uma viola ordinaria: — «Aqui o portuguez ao zãozão da viola chuleira» — [2].

Conforme Dozy, *chulo, chula* é termo de ciganos, mas de origem arábica XUL, «rapaz». É duvidoso o étimo.

chumbeira, chumbada

Tanto o DICCIONARIO CONTEMPORANEO, como o NÔVO DICC. dão a êste vocábulo o significado de uma espécie de rede. Todavia, nos passos que vão ler-se quer êle dizer «pêso de chumbo da rede»: — «São lançadas (as petisqueiras) em compridas coças

[1] REVISTA LUSITANA, IV, p. 266.

[2] Alberto Pimentel, A PRINCEZA DE BOIVÃO, p. 14.

[q. v.], e aguentadas por boias de cortiça e chumbeiras [1] — «tem pesos de chumbo, *chumbeiras*» — [2].

No mesmo sentido de «pêso de chumbo» é empregado no dito artigo outro derivado de *chumbo*, *chumbada*: — «A tralha superior tem fluctuadores de cortiça, e a inferior pesos de chumbo chamados *chumbadas*» —.

churinar

O Nôvo Diccionario inclui êste vocábulo como de jiria com o significado de «esfaquear». Nunca o ouvi em Portugal, e é possível que seja simples aportuguesamento do francês *chouriner*, que na jiria dos malfeitores de lá tem a mesma significação. A existir no calão português, é o calo espanhol *churinar*, derivado de *churi*, «faca», e que tem um nome de agente derivado do verbo, *churinaró*, «matador», ao qual corresponde o termo de jiria francesa *chourineur*, alcunha de uma das personagens do afamado romance de Eugénio Sue, Les mystères de Paris.

chupão

— «a chaminé ornamental de fuste prismatico e adjunta a ella, caiada de branco, outra chaminé, de secção quadrada, a que chamam *chupão* em todo o Alemtejo e que tem por effeito realisar a tiragem que a chaminé ornamental não effectua convenientemente.

Deve accrescentar-se ainda, que a tiragem por meio dos *chupões* é activissima e por isso, ao passo que não deixa o fumo,

[1] P. Fernandez Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, I, p. 149.

[2] *ib* p. 151.

arrasta o calorico de tal modo, que ainda no verão não aquece demasiadamente o compartimento em que se *foguela* » —[1].

Tanto o substantivo *chupão*, como o verbo *foguear* são vocabulos que merecem ser adoptados na lingua comum, com os sentidos que aqui expressam.

chus

Este advérbio é antigo, do latim plus, e vemo-lo, por exemplo, na Demanda do Santo Graal, « e era muito leterado, mas a donzela chus » —[2]. Ainda hoje é usado na locução *não dizer chus nem mus*, ou *bus*.

¿Que *mus* ou *bus* é êste?

Dois etimos se lhe podem atribuir, conforme se considere mais antiga a primeira ou a segunda forma. A aceitar-se *mus*, poderia ser uma contracção violenta do latim minus, com deslocação do acento, e portanto pouco provavel, existindo na língua o verdadeiro correspondente *menos*, que ainda assim não pode pertencer às orijens dela, atenta a conservação do *n* medial: (cf. *cea* | cena).

Outra explicação aplicável a *bus* seria que a frase fosse muito popular, e recebida em parte dos ciganos de Espanha, em cujo dialecto *bus* quere dizer « mais ». Assim, a locução significaria: « não dizer *mais*, nem em português, nem em cigano ».

Fr. Diez [3] dá como étimo, que se pode ver no Diccionario Manual etymologico de F. Adolfo Coelho, um vocábulo *bus*, *buz*, que se encontra em várias linguas, mas que não concorda com o sentido que tem *bus* na locução referida.

---

[1] Melo de Matos, As chaminés alemtejanas, *in* Portugalia, II, p. 83.

[2] *in* Revista Lusitana, VI, p. 334

[3] Etymol. Wörterbuch der romanischen Sprachen, Bonn, 1869

Exemplo recente de *chus* e *bus* é o seguinte: «Recebeu trezentas varadas... mas outro... levou mil, sem dizer chus nem bus» —[1].

chusma

Já o DICCIONARIO CONTEMPORANEO deu como étimo a êste vocábulo o latim *celeusma*; todavia, não explicou o modo como se realizou a evolução. Deu-o J. J. Núñez na REVISTA LUSITANA [III, paj. 277]: celeusma } *cleusma* } * *cheusma* } *chusma*. Camões empregou a forma alatinada *celeuma*:—

«A medonha celeuma se levanta» —

Hoje faz-se diferença entre *celeuma* e *chusma*, visto que o primeiro vocábulo quere dizer «grita», e o segundo «multidão».

cibo, cêvo

Do latim cĭbum proveio *cêvo*, com ê | ĭ, e v | b medial, como é regra na evolução portuguesa do latim vulgar. Ou por influência literária, ou por distinção dialectal que se propagou, temos formas derivadas do mesmo radical em que figuram *i* e *b* latinos: tais são *cibalho*, *cibato*, e *cibo*, o ultimo dos quais parece puro latinismo. *Cibato* foi empregado por Camões na Canção XVI:

Aqui Progne, de um ramo em outro ramo,
Com o peito ensanguentado anda voando,
Cibato para o ninho indo buscando.

---

[1] GAZETA DAS ALDEIAS, de 25 de março de 1906.

Não sei se *cigalho*, «porção pequena», é ainda um derivado de cibum, com mudança de *b* em *g*, como o andaluz *agüelo* comparado ao castelhano *abuelo* ¦ avólum, e, procedente de *v*, o português *gastar* ¦ *vastare*, *goraz*, de vorace. Apresento isto apenas como simples conjectura, que oferece poucas probabilidades de ser acertada.

ciciar; cecear, ceceoso

Estes dois verbos, diferentes na significação, andam geralmente confundidos nos dicionários, e assim também os substantivos rizotonicos derivados dêles, *ceceio* e *cicio* (=*cicio*).

Ciciar expressa: 1.° sussurro indistinto e ténue; 2.° a fala em segrêdo, sem voz, «ao ouvido», como costuma dizer-se, o *cochichar*, que em francês se diz *chuchoter*. Nesta última acepção empregou Alexandre Herculano o substantivo *cicio*:—«assim o canto melancholico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no cicio de orações submissas»—[1].

Como termo de fonética, *cicio* é a ausência de voz, o que em terminolojia técnica, se diz em francês *le chuche*, em inglês *a whisper*.

As consoantes sonoras, quando proferidas em segrêdo, são ciciadas, ficando muito semelhantes às surdas correspondentes, de modo que *casa* fica quási igual a *cassa*, *vaso*, quási igual a *faço*; o mesmo acontece entre *já* e *chá*, quási iguais, proferidos em segredo.

Em português existem permanentemente vogais ciciadas, ou áfonicas, todas as vezes que *u* (ou *o* =*u*), *e* surdo e *i* estão precedidos de uma consoante surda, quando finais, ou entre duas consoantes surdas; por exemplo: *fato*, comparado com *fado*; *ouço*, comparado com *ouso*; *testar*, comparado com *distar*, etc.

Ceceio é outra cousa: é o defeito, ou antes a particularidade de proferir o *s* como *ç*. Este nome, conforme o carácter de cada

[1] Eurico o Presbytero, xii, O Mosteiro.

dialecto, tem significações mais ou menos especificadas. P... individuo da Beira-Alta *ceceio* designa o proferirem-se os ... os *çç*, à maneira de Lisboa, e não como lá, onde são pronu... dos no ponto em que se profere o *r* brando, o que lhes dá gr... semelhança com *x*, e, em relação ao *z*, com *j*.

Para os individuos de Tras-os-Montes, que diferençam *s* ... e *s* brando de *z*, ceceio é não fazer tal distinção, pronuncian... como em Lisboa.

Para os indivíduos de Lisboa *ceceio* é a pronúncia bras... de *s* e *z* seguidos de consoante, ou finais, com os seus va... alfabeticos, em vez dos de *x*, *j* que se usam no sul de Port... O brasileiro em geral diz *puçtaç*, por *pastas*, *mezmoç* por *me...* (*=mèjmux*).

O contrario de *ceceio*, é o que se chama *chabancas*, par... laridade que consiste em pronunciar os *ss*, como na Beira-A... subcacuminais, no ponto em que *r* brando se profere, isto é ... como *x*, e o *z* quási como *j*.

Ceceio se chama também o defeito, porque esta partic... dade é individual, de aprossimar dos dentes a ponta da lí... demasiadamente.

Em Espanha *ceceo* é a pronúncia do *c* ou do *z*, idêntic... diferentes de *s*, aprossimando a língua dos dentes, como ... cessário para bem articular aquelas letras em castelhano.

Chamam lá também *ceceo*, ou *zeteceo* à pronúncia dos ... dos *zz* como *ç* português, usada na Andaluzia, e nas n... americanas de orijem espanhola.

Em português chama-se *ceceoso* áquele que pronuncia ... com *ceceio*.

cifra, decifrar, zero; algarismo

O primeiro dêstes vocábulos foi o de preferência usad... português, antes da influencia francesa em toda a nossa li... tura, mesmo na cientifica, vai em sessenta anos. O que a ma... das pessoas não sabe é que são um só e o mesmo vocábulo ... e *zero*, que os franceses escrevem *zéro*, pronunciando *zê-ro*, ...

A palavra é arábica, ṣIFR, «vazio, oco», tradução do termo sanscritico xūnia xunia, que tem a mesma significação, e tambem designava a cifra, ou «nulidade, ausência de quantidade», tendo só valor de posição para se localizarem os outros algarismos, no sistema de numeração decimal que os árabes aprenderam dos indios. Com êste valor passou o vocabulo arábico para português e castelhano, sendo nestes representada a consoante inicial por *ç (ce, ci)*, como de regra, na transcrição de qualquer dos dois *ss* arábicos, o lene e o enfático, ou guturalizado, que aqui represento por *ṣ*. Das duas línguas hispânicas, ou da forma alatinada do vocabulo arábico, zephirum ou zephyrum, passou a palavra ao francês *cyffre*, dêste ao inglês *cypher*, e ao italiano *cifera*, do qual foi transplantado outra vez para França com a forma *chiffre*, arremêdo do toscano *cifera*, pronunciado *tchifera*, pois no dialecto veneziano se escrevia *zif(e)ra*, e se proferia *tziffera*, o que estava mais conforme com o valor da inicial arabica e peninsular.

Foi Leonardo de Pisa quem no século XII latinizou êste vocábulo em *zephirum* [1], e os italianos abreviaram-no ao depois em *zero*, talvez primeiramente pronunciado *tséro*, mas actualmente *dzero*, que os franceses adoptaram, acomodando à sua pronunciação a escrita italiana. Em português, como disse, é provável que a forma *zéro* provenha directamente da francesa escrita, com acomodação igualmente à nossa leitura. Os alemães chamam-lhe *nulle*, do latim nulla, «nada».

Massimo Planúdio, monje grego do XIV século, escreveu um livro, que intitulou PSEP'OP'ORÍA KAT' INDOÚS (Calculo entre os Indios), onde diz, a respeito dos algarismos o seguinte: — «Ha só nove figuras, e são estas: 1.2.3.4.5.6.7.8.9, e teem também outra figura que chamam TZIP'RA, e para os indios esta não vale

---

[1] Conforme Libri, *Histoire des Sciences mathématiques en Italie*, t. II, p. 20, citado por F. Woepke, MÉMOIRE SUR LA PROPAGATION DES CHIFFRES INDIENS, Paris, 1863, do qual é extratado em grande parte êste artigo.

nada, e as nove ditas figuras são indicas, e a TZIFRA escreve-se assim O, —[1].

Portanto, desde o XIV século estava a Europa de posse do sistema de numeração dos indios, com as formas arabicas, modificação das indianas, e das quais com pequenas diferenças ainda usamos. A diferença maior é que num dos sistemas arabicos, o asiatico, o algarismo 5 é figurado por O, ou quasi, e a cifra por um ponto (•). Dos arabes os receberam os gregos, os quais os propagaram pela Europa, que adoptou as formas mais cursivas berberiscas, consagradas definitivamente pela imprensa.

Os romanos, como não conheceram a cifra, que pela sua inserção entre os outros algarismos indica o valor destes no sistema decimal, usavam uma tabela quadriculada, chamada abacus, *ábaco* (em grego ἄβαξ), bastante engenhosa na realidade, mas inferior ao uso da cifra em clareza e facilidade para o calculo. Era, pouco mais ou menos, como a figura seguinte, que explico:

1000000	100000	10000	1000	100	10	1
					1	1
	1			1		1
			1	1		1
		1				1
	7		6		2	5
	4		1			1
1		1		1		

[1] Woepcke, [illegible] 123-124. [illegible] grego [illegible]

Onze	11
Cento e um	101
Mil cento e um	1101
Quinze mil e quatro	15004
Setecentos e tres mil e vinte e cinco . .	703025
Quatrocentos e um mil e um	401001
Um milhão dez mil e cem	1010101

Algarismo é vocábulo também arábico, mas deduzido da forma alatinada algorismus, que na Idade Média designava «compendio de aritmetica», e procedeu do nome do autor arabe de um desses compendios [1]. *Cifra* no sentido de «algarismo» é palavra afrancesada; mas é muito portuguesa com o significado de «escrita enigmatica», de que procede *decifrar*.

cigano

Este termo é já antigo na lingua, pois o vemos nas Ordenações Felipinas, no Titulo LXIX do Livro V: «Mandamos que os Ciganos, assi homens como mulheres, nem outras pessoas, de qualquer nação que sejão, que com elles andarem, não entrem em nossos Reynos e Senhorios» . . . .

Gil Vicente, na FARSA DAS CIGANAS, imitou-lhes o falar castelhano andaluzado e estrampeado, com o costumado primor com que em outras peças remedou a pronuncia mourisca e a dos negros da Guiné, bem como os falares provinciais [2].

Ciganas designam também «brincos para as orelhas», naturalmente parecidos com os usados pelas ciganas: «As es-

[1] Marcelo Devic, Suplemento ao Dicionario francês de Littré, *sub. v.* ALGORITHME.

[2] I. A. R. Gonçalvez Vianna, DEUX FAITS DE PHONOLOGIE HISTORIQUE PORTUGAISE, Lisboa, 1892, e CORRESPONDANCE PHILOLOGIQUE AVEC M. PRINCE L. L. Bonaparte (em 1894), in «Revue Hispanique», t. VI, p. 13 (1899).

trellas, annéis, ciganas, circulés ou afogadores » —[1]. O Novo Diccionário já traz o vocábulo neste sentido especial, e define-o: — « arrecadas de um só pingente » —. A definição é pouco clara.

As tribos vagabundas dos ciganos receberam nomes diversos em cada nação.

Os espanhóis chamam-lhes *gitanos*, isto é, *egitanos*, « do Ejipto », e nome idêntico lhes dão os ingleses, *Gypsies*. Os franceses denominaram-nos *Bohémiens*, naturalmente porque para lá vieram, ou disseram que vinham, da Boemia. Em alemão, em italiano, em português, *zigeuner*, *zingari*, *ciganos*, o nome é étnico dêles proprios, conquanto os de Espanha, por exemplo, o não usem já, substituindo-o por *cincalles*.

É pois absurdo designar essas tribos em português com o nome de *boémios*; não o sendo menos disfarçar a palavra *cigano* em *tsigano*, pois o italiano *zingari*, alemão *zigeuner*, ou o romeno *tsigani*, com os sons *tç* iniciais, nada querem dizer que difira essencial ou acidentalmente do termo português, o qual, ao contrário do que acontece em francês, inglês ou espanhol, é a denominação lejítima dessas tribos, já usada até em francês, com a forma *tsiganes*, desde que a palavra *bohemiens* adquiriu a acepção de « tunante, estúrdio ».

Em português tambem se chamou ao cigano *ejipcio*, e *ejitanato* [2].

cigarro; cigarrinho

Para *cigarro*, que primeiro quis dizer « charuto » em português, como no castelhano ainda hoje, veja-se **tabaco**.

Cigarrinho em Santa Cruz, ilha da Madeira, é o nome de

---

[1] O Dia, de 27 de outubro de 1903.

[2] J. Leite de Vasconcelos, Tradições populares portuguesas do século XVIII, in « Revista Lusitana », VI, p. 294, *(q. v.)*.

na ave. sylvia compicillata, conforme Ernesto Schmitz [Die Vögel Madeiras].

Deve ser deminutivo de *cigarra*, e não, de *cigarro*.

cimeiro

Como adjectivo já o rejistou o Nóvo Diccionário.

Na Sertã *porta cimeira* é a «porta de cima», por oposição a *porta da rua*.

cipai(o)

Êste vocábulo, que designa «milícia indíjena» na Índia, aparece escrito por modos verdadeiramente singulares, entre outros o estravagante *sypaes*, com *y*, sem se saber porquê, por exemplo no seguinte trecho: «*Santobá Ran Ranes*... cypae da companhia do Infante»[1].

O vocábulo é persiano sipahi, sipai, «hoste», que parece provir de asp, «cavalo»[2]. Os ingleses escrevem **Sepoy, Seapoy**, lêem *sipói*.

cirata

O Nóvo Diccionário dá a êste vocábulo como significação «espécie de xairel», e declara-o desusado. No Suplemento do Vocabulario portuguez e latino de Bluteau vem um artigo um tanto longo, pelo qual se pode deduzir, da citação que faz, ser já obsoleto no seu tempo e mesmo no de Dom Sebastião. No entanto, vemo-lo ainda empregado no seguinte trecho: — «Esta dignidade [de camarista de Sua Santidade], alem das honras

[1] O Seculo, de 1 de abril de 1902.

[2] Yule & Burnell, A Glossary of Anglo-Indian Words, 1886, 612-613.

prelaticias dá-lhe o direito de montar uma mula branca e a cirata vermelha, e esporas de ouro» —[1]. Bluteau traduz por Pellis ephippiaria. José Inacio Roquete, que, na sua qualidade de eclesiástico de bastante erudição apropriada, deve ser considerado autoridade, no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS[2] declara ser a significação de *cirata* — «bord d'une selle» —.

cirieiro, cerieiro: cirio, cirial

A verdadeira escrita é sem dúvida com *i* na primeira sílaba pois o vocábulo quere dizer «fabricante de cirios». Todavia a escrita com *e* é muito antiga, e à pronuncia naturalmente é devida, pois, como é sabido, numa serie de sílabas cuja vogal seja *i*, sómente o último tem éste valor: os das sílabas antecedentes passam a valer *e* surdo [3], como por exemplo *militar*, *ministro*, que toda a gente, à excepção de um pequeno número de pessoas que escolhem para seu uso pronunciação afectada, não profere o *i* da sílaba *mi* com o seu valor alfabético. Antigamente, mesmo, escrevia-se *melitar*, como se escrevia *cezilho* que é a verdadeira ortografia da palavra. Em *cerieiro*, por *cirieiro*, influiu também a palavra *cera*, visto que os cirios eram e são fabricados desta substancia — «Sabede que Iohani Coelho e Luis Mĩz e Gill Fĩz. e Manoel Gill, cerieiros moradores em essa villa de Santarem» —[4].

Cirio tem outra acepção, a de «romaria», que provavelmente lhe foi dada por motivo de ser levado na procissão algum cirio bento.

---

[1] O ECONOMISTA, de 21 de setembro de 1892.

[2] Paris, 1855.

[3] V. A. R. Gonçalvez Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL, Lisboa, 1904 p. 99-104.

[4] Carta régia de D. Afonso V, in Portugalia, I, p. 366.

O Novo Diccionario dá ao vocábulo terceira acepção, pois nos diz ser nome de cacto.

Quarta acepção diferente de todas estas, e que não pode ter a mesma orijem, lê-se na Ethnographia do Alto Alemtejo, de J. da Silva Picão [1]: — «Os antigos silos (cirios) ou tulhas subterraneas» —.

Cumpre não confundir *cirial*, «tocheiro portátil em que se põe o cirio», com *cereal*, «grão panificável», do latim cerealis | Ceres; como aconteceu a um rejedor, a quem o administrador do concelho pedira uma nota dos cereais que havia em depósito na freguesia, e que respondeu em ofício não lhe constar haver outros *ceriais* além daqueles que acompanhavam Nosso-Pai, quando se ia levar o viatico aos enfermos.

citánia, citaniense, cidade, cividade

Êste termo de arqueolojia prehistórica, o qual desde o congresso de 1880 em Lisboa, e em resultado dos trabalhos preparatórios e subseqüentes com êle relacionados, adquiriu grande notoriedade, é do seguinte modo descrito por pessoa tam competente como José Leite de Vasconcelos, actual director do Museu Etnolojico, acomodado no edifício do mosteiro de Belém: — «Outras designações de ruinas são *cividade*, *cidade* e *citania*... A etymologia de citania tem dado que fazer aos archeologos, mas ella parece-me simples, *salvo meliori:* o português *cidadão* vem de um derivado latino *civitatanus*...: ora desta palavra podia formar-se *civitatania*...» — [2].

Para aceitar-se êste étimo, que me parece muito plausível, basta considerar-se que do latim ciuitatem procedeu primeiro *cividade*, que ainda persiste neste sentido restrito, e que *civi-*

---

[1] in Portugalia, I, p. 530.

[2] p. 62, Colecção de David Corrazi, Bibliotheca do Povo e das Escolas.

dade em castelhano se reduziu primeiro a *cibdad* e depois a *ciudad*, o contrário de Paulus que deu *Pablo*; e assim como de *cividade* proveio o actual *cidade*, assim tambem de um *civitânia* resultou *citânia*.

Martinz Sarmento derivou dêste substantivo um adjectivo: — «firmariam a sua dominação sobre os Ligures citanienses» — [1].

O vocábulo *cividade* é também empregado por Alberto Sampaio, conjuntamente com *citania*: — «as ruinas dos *oppida*, conhecidas hoje tradicionalmente por *cividades, citanias, castros ou crastos*» — [2].

Ve-se que são sinónimos, os quais ficam dêste modo definidos.

civilista

Êste neolojismo foi empregado por Duarte Gustavo Roboredo de Sampaio e Mello, num projecto de lei, apresentado às Côrtes em 1 de março do 1900, acêrca do divorcio: — «Traduziu elle [o Codigo Civil] talvez ao tempo da sua publicação a melhor obra da legislação civilista até então» —.

clamor, cramor, cramação

O Diccionario Contemporaneo já definiu esta palavra num sentido especialíssimo que tem no norte do reino: — «Procissão de preces em que os fieis vão rezando alto em côro» —. É o *pardon* da Bretanha Francesa.

Todavia, a forma, pela qual é conhecida a dita procissão, não é a literaria que dá o dito dicionário, mas sim *cramol* (cf. *frol*, do latim flore) e *caramol* (cf. *carapinteiro*, por *carpinteiro*),

---

[1] Portugalia, I, p. 12.

[2] As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 107.

Sôbre estas procissões típicas veja-se Portugalia, I, páj. 624 e 664: — «Mais do que os clamores, cramoes ou caramoes, acusam os cercos... vestígios menos distantes de relijiosidade» — .

Na ilha da Madeira *cramação* quere dizer «clamores, gritaria».

clan

Esta palavra escocesa (*clann* «filhos», «projénie») muito usada em Inglaterra, onde a tornaram conhecida as afamadas novelas de Gualtério Scott, passou também para França, e de lá foi trazida a Portugal por intermédio da literatura, mesmo científica, com a pronuncia errada *clã*, sendo que a verdadeira é *cláne*.

Se o vocábulo se aplica a escoceses, tem êle cabimento; o que é abuso é trasladá-lo a outras tribos de constituição mais ou menos análoga à dos serranos da Alta-Escócia (Highlanders), de orijem e linguajem céltica.

Acêrca desta expressão escrevi eu a nota seguinte na Selecta inglesa de leituras fáceis, aprovada para o ensino do inglês nos nossos liceus, comentando a expressão *the clan of Mac Donald* do texto: — «da grei de Mac-Donald... O vocábulo clan corresponde ao GENS latino e designa na Alta-Escócia, entre as populações que falam gael, uma «parentela inteira», um ajuntamento de famílias que obedecem a autoridade de um único chefe, e usam appellido commum a todas ellas, presumindo-se descenderem de um só avoengo. Assim, em Mac-Donald, êsse avoengo chamava-se Donald, e Mac significa «filhos», «progenie». O vocábulo clan é em inglês applicado a grupos de famílias de constituição análoga em outros povos, e os franceses já o adoptaram» — [1].

Ora, em português podemos dizer «parentela» ou «grei», para evitarmos o neolojismo. Em sentido muito semelhante usou

[1] Lisboa, 1897, p. 230.

Gabriel de Annunzio, com relação à rejião dos Abruzos, o te[...] talvez local, *parentado* [1].

Qualquer que seja a ortografia que se adopte, é absurd[o es]crever, como é muito comum, o vocabulo *grei* ¦ grex, gre[gis], com *g*, **grey**, quando se escrevem com *i* *lei* ¦ lex, legi[s], *rei* ¦ rex, regis.

claro

Êste vocábulo, como substantivo, significa «intervalo», [...] tem sentido muito especial no trecho seguinte: — «Aos *cl[aros]* que constituem as extremidades das redes, pendem as co[...] cabos de linho, cada um com 30 ou 40^m de comprimento» [...]

clises

É termo de jíria e significa «olhos»; daí procede o [verbo] *clisar*, por «olhar». É o calo *clisé* «olho», com deslocaç[ão do] acento para a 1.ª sílaba.

coa-das-pichas

— «Alem destas redes envolventes volantes usavam os p[esca]dores do Mondego uma outra a que chamam *Coa das pichas*» [...]

cobrinha

No concelho de Vila Nova de Ourém êste deminutiv[o de] *cobra* aplica-se como nome ao que chamamos *alfavaca de c[obra]*, isto é, à parietaria.

---

1 LA FIGLIA D'IORIO.

2 P. Fernandez Tomás, A PESCA EM BUARCOS, in Portugali[a], p. 151.

3 Portugalia, I, p. 480

cocho; copo; coche

Conforme J. Leite de Vasconcelos êste vocábulo, que serve ara designar um «tabuleiro para transportar cal amassada», é ma forma latina, *cop(u)lum*, metátese de poculum, *copo*. Este último será talvez um alótropo do mesmo vocábulo latino *oculum*, que tivesse antes passado pela forma intermediária *ópoo*, com manutenção excepcional do *p* intervocálico, por ser a orma semi-erudita.

A palavra *coche*, «carruajem de estadão», é porém de orijem úngara, *kocsi (=cóchi)*.

codeão

No Alentejo significa êste aumentativo de *côdea* «terra enurecida pela geada» [1].

coicão

Na Beira-Baixa tem êste nome «a parte do carro que assenta o eixo» [2].

colcha, colchão; côcedra, côzedra, cocêdra, cozêdra; coxim

Os vocábulos 3.°, 4.°, 5.° e 6.° são alótropos, formas diverjenes do latim culcitra; se porém a acentuação dos dois últimos ra na segunda sílaba, o que me parece menos provável, atenta a orma italiana *cóltrice*, com metátese, por *cólcitre*, temos de

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, II, p. 22.

[2] Informação do editor, natural de Almeida.

supor como étimo dêles uma forma deminutiva *culcitula* que desse *cocêdra*. Com respeito à queda do *l*, confronte-se *doce* de dulcem.

Colchão é simples aumentativo de *colcha*, que pressupõe uma violenta absorção da sílaba medial *ci* do deminutivo, ou outra forma culcita igualmente dificultosa. Körting [1] propõe também que sejam derivados de collocare, castelhano *colgar*.

Coxim será, segundo o parecer do mesmo autor, o latim culcitinum, o que também apresenta dificuldades.

colheira

Esta peça dos arreios das cavalgaduras veio provàvelmente de Espanha, onde se chama *collera* (pron. *colhera*) ¦ *cuello* (pron. *cuelho*), «colo»: em português deveria dizer-se *coleira*, tanto a do cavalo, como a do cão.

A pronúncia *coelheira* é viciosa, pois o vocábulo nada tem que ver com *coelho*, que em castelhano é *conejo*.

combo

África Oriental Portuguesa: «infelicidade» [2].

comédias

Na praia da Nazaré ouvi assim denominar a «praça dos arlequins».

---

[1] LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.os 2613 e 2813.

[2] Diocleciano Fernandes das Neves, ITINERARIO DE UMA VIAGEM A CAÇA DOS ELEPHANTES, Lisboa, 1878, *passim*.

cómodo

—«O conjunto de herdades que constituem uma lavoira designa-se por cómmodo»—[1].

Confronte-se o emprêgo do mesmo vocábulo para designar os «repartimentos de uma habitação».

companha

—«As *companhas* são grupos de pescadores que se reunem para exercerem a industria da pesca, e se compõem de um chefe, o *arraes*, e dos companheiros»—[2]. Conforme J. Leite de Vasconcelos deriva-se do verbo *companhar* { cumpaniare { cum + panis [3], «pão».

comparança

Êste substantivo, formado de *comparar*, como *esperança* de *esperar*, não vem nos dicionários, e todavia êle concorre popularmente em todo o reino com o literário *comparação*: o mesmo acontece com *declareza*, a par de *declaração*.

compassar

Eis aqui um sentido muito especial dêste verbo:—«Quando o atirador queria fazer uso do arcabuz, abria a caçoleta, «com-

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 271.

[2] *ib.* P. Fernández Tomás, A PESCA EM BUARCOS, p. 154.

[3] REVISTA LUSITANA, II, p. 33.

passava» a mecha, isto é, dava-lhe o comprimento sufficiente para chegar à caçoleta, apertava o gatilho, e o tiro partia» —[1].

condessar, condessa, condessilho

No Suplemento ao Nôvo Diccionário vemos o verbo *condessar*, nos seguintes termos: — «(ant.) guardar, pôr em depósito. (De *condeça*)» —.

Santa Rosa de Viterbo traz effectivamente como antigo o verbo *condesar*: — «Guardar. Daqui **Condessa**, ou **Condessilho**: aquillo em que alguma cousa se guarda. **Condessilho**: o mesmo que *Deposito*, segundo Duarte Nunes do Lião» —[2].

Na realidade, o filólogo citado por Viterbo inclui na lista do cap. XVII da Origem da lingoa portuguesa, como antigo, o indicado *condessilho*.

A. A. Cortesão, no Aditamento aos Subsídios para um diccionario completo da lingua portuguesa, diz-nos: — «Condeça ou condessa ... o arch. ... *condesar* do hisp. *condesar* (do latim *condere*...)» emende-se [na obra]: «o arch. *condessar*, do hisp. *condesar*, do latim *condĕre* .... Cf. tambem o hisp. *condensa* (do latim *condensa*), logar onde se guarda alguma cousa, por exemplo, a despensa, o guarda-roupa, etc.» —.

À parte a preocupação do autor deste utilíssimo repositorio em converter o castelhano numa especie de crivo pelo qual o latim, o arabe, o germanico, etc. hão de passar para chegarem ao português, teoria evidentemente errónea, pois o português, se não é mais antigo, é contemporaneo do castelhano em toda a sua evolução, que é mais fiel quasi sempre às formas originais; à parte êste senão, repito, o autor deixou a claro a origem do

[1] Portugalia, I, p. 603.

[2] Elucidario dos termos e frases que antigamente se usarão, Lisboa, 1798.

vocabulo *condêssa* (com *ss*, e não *ç*) e do verbo dêste derivado, *condessar*.

Como não tenho ao meu alcance abonação portuguesa, e as tenho castelhanas, darei estas: — «Dicen que un religioso habia cada dia limosna de casa de un mercader rico, pan e mantega é mil otras cosas, et comia el pan, é lo al condesaba, e ponia la miel e la manteca en una jarra» —[1]. «E a mi sienpre me tienen ornado, | de entro en buenas cubas condesado»[2].

É claro que *condessa*, no sentido de «cesta de verga, de forma circular ou oval, sem asa, e com tampa ligada», nada tem que ver com outro vocabulo, *condessa*, feminino de *conde* (comitem).

confetto; confetti

Éste participio, do verbo *confazer*, do qual se derivou o verbo *confeitar*, que produziu *confeiteiro* e *confeitaria* (no norte, *doceiro*, *doçaria*) não está colhido nos dicionários, nem como particípio, nem como adjectivo: todavia, vemo-lo muito bem empregado nesta última categoria por F. Adolfo Coelho, no seguinte passo: — «Não sei quando começaram a preparar em Portugal *amendoas confeitas*» —[3].

Bluteau no mesmo sentido usou *confeitado*.

Confeito como substantivo, designando uma espécie de pastilha doce, esférica, deve ser imitação do italiano *confetto*, plural *confetti*.

Em Portugal era uso, e não sei se ainda o é, arremessar *confeitos* aos noivos, ao saírem da igreja, e em Itália servem eles de projectil para jogar o entrudo. A moda passou a França, onde à imitação se fabricam uns discos de papel de várias côres,

[1] Biblioteca de autores españoles, tomo LI, p. 57, col. 1. — CALILA E DYMNA.

[2] DENUESTOS DEL AGUA Y EL VINO, texto do XIII seculo in «Revue Hispanique», XIII, p. 617.

[3] A PEDAGOGIA DO POVO PORTUGUÊS, in Portugalia, I, p. 484.

menos contundentes e mais baratos que os verdadeiros confetti italianos. Vieram para cá os tais discos substituir os atamancados *papelinhos* nacionais, e, como aos franceses não chega a língua para pronunciarem correctamente o italiano *confètti*, estropiaram-no em *confeti*, parvuice que também, por ser francesa, se espalhou em Lisboa, entre a gente que presume de fina.

A se não querer adoptar o nome muito português e tradicional *papelinhos*, o que temos a fazer, o que faz quem quere falar português em Portugal, é dizermos *confeitos*, designando com êste termo não só os doces, mas a sua imitação, tal qual fazem os italianos ao seu *confetto*.

E, a propósito dêste singular, sempre desejaria saber se os que acentuam *confètti*, dirão no singular *confètto*, ou *confèti* [illegible]

congosta, cangosta

Êste vocábulo, cuja forma mais correcta é *cangosta*, porém a mais usual *congosta*, é um exemplo muito característico de polissíntese em português. É um composto, por elisão da sílaba final no primeiro elemento e da sílaba inicial no segundo, pois o seu étimo é *canale* e *angosta* [1], de que resultou *canaangosta* > *canangosta* > *caungosta* > *cangosta* > *congosta*, por fim em virtude de assimilação da vogal da primeira sílaba à da segunda. Cf. para a última destas formas *ò* contracção de *ao*.

Condensação das várias sílabas de um vocábulo exemplifica também *quelha* < *canalicula* > *canalilha* > *canalelha* > *canlelha* > *caelha* > *caelha* > *quelha*.

consertador

— «Para as rêdes de arrasto há mesmo um certo número de indivíduos a que chamam *redeiros*, *aladores* ou *concertadores*

[1] J. Leite de Vasconcelos, Revista Lusitana, IV, p. 273.

exclusivamente se dedicam a este serviço na epoca de mais [a]bundancia de peixe» —[1].

[O] serviço aqui mencionado é o de «consertar e encascar» [re]des, isto é, de emendá-las e tinjí-las.

[S]ôbre a escrita dêste verbo *consertar*, de consertus, par[ticípi]o pretérito passivo de conserere, diferente de *concertar*, [q]ue deriva *concêrto*, «ajuste, combinação», veja-se Orto[graf]ia Nacional [2], páj. 121.

consoar

[E]ste verbo, conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, [deriva]-se de *cum* + *sub* + *unare*, e *consoada*, de cum + sub [+ un]o + ata, sendo -ata a terminação femenina do participio [preté]rito passivo do dito verbo [3]. Estanislau Prato propusera [*consu*]*mata*, ao que se opõe a locução *de consum*, «em comuni[dade]». — «Consoámos por ser dia de quaresma e jejum» —[4]. [*Cons*]*oar*, como pode ver-se nos dicionários, quere dizer «tomar [uma] refeição leve, por preceito relijioso».

[C]f. *assuada*, que, conforme a mesma abalisada romanista, [ve]m de ad + sub + uno [5].

conto, conta, contaria

[A] unidade de contajem de cereal em rama usada em Trás-os-[Mon]tes é a *pousada*, que se compõe de quatro molhos. O termo [é pr]óprio dos arredores de Bragança. O cereal em grão tem por

---

[1] F. Fernández Tomás, A pesca em Buarcos, *in* Portugalia, i, [p...].

[2] Lisboa, 1904.

[3] Revista Lusitana, i, p. 121, 130, iii, 362, 365.

[4] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, [Lisbo]a, 1894, p. 80.

[5] Revista Lusitana, i, p. 130.

unidade a *conta*, que é igual a quarenta alqueires, isto é, uns seis hectolitros.

Uma singularidade da mesma rejião é o número 20, tomado como basico para a contajem, à maneira do vasconço *oguei*, do francês *vingt*, do dinamarquês *tyve*.

Dêste modo *oitenta* diz-se *quatro vezes vinte*, em francês *quatre-vingts*, em dinamarquês *firsindstyve*, «quatro vezes vinte», em vasconço *lauroguei*, «quatro vintes», de *lau(r)* «quatro».

A expressão *conto* só hoje se emprega, com a significação de «milhão», com referéncia a dinheiro, equivalendo *um conto de réis* a «um milhão de réis».

Bluteau [1] insiste em que *conto* não é mais que *milhão*, e que *conto* se diz de réis, e *milhão*, de cruzados, censurando o Padre António Vieira, porque os diferençou.

Fernám Méndez Pinto [2] diz-nos: — «São estas feyras ambas francas e livres, sem pagarem nenhum direyto, pela qual causa concorre a ellas tanta gente, que se afirma que passa de três contos de pessoas» — .

¿Quis o autor dizer «três milhões de pessoas»?

Assim parece, se compararmos esta expressão de número com a que se lhe segue: — «E porque, como disse, os trezentos mil homens que estão em depósito nesta prisão andão todos soltos» — Se só presos eram trezentos mil, não é de admirar que dez vezes êsse numero fosse a gente livre que à feira concorria. Passa-se isto na China, o que deve diminuir o espanto que nos causaria tamanha concorréncia.

Acêrca do termo *conto* num sentido especial, transcrevo, por ser perfeita a definição e a demonstração da orijem, o seguinte trecho do notável estudo de Alberto Sampaio, intitulado As «Villas» do norte de Portugal: — «Os mesmos bens doados não eram privilegiados senão por graça real, pois era o rei quem os *contava* ou *honrava*, prescindindo dos direitos de que faziam

[1] Vocabulario portuguez e latino.
[2] Peregrinação, cap. cviii.

mercê: estes *coutos* ou *honras*, onde em geral não entram os mordomos reaes, conteem talvez os germens dos concelhos, cujos foraes ou cartas serão tambem dados pela corôa» [1].

A palavra *conta* é muito portuguesa, no sentido de «globo pequeno de vidro, louça, madeira, ou outra substáncia, furado para se enfiar».

O nome provém-lhe naturalmente dos globos dessa natureza empregados nos rosários, para «contar» maquinalmente as orações que se vão rezando, correndo-se as *contas* a uma e uma pelo fio ou cordão em que estão encarreiradas.

Toma, como objecto de enfeite, divorsos epitetos que a qualificam. Aqui está um não colijido: – «Conta de leite: Globulo de agata, de côr leitosa e azulada. Amuleto para manter abundante o leite ás mulheres que criam» — [2].

Contaria é um colectivo, uma ou muitas «enfiadas de *contas*».

convidar, convite

Estes dois vocábulos tinham dantes a acepção de «obsequiar, presentear, presente, banquete», cuja reminiscéncia ainda hoje em dia perdura irónicamente: – «o Taboada, um bailão ali do sitio, convidou o Navalhadas, seu collega, com duas ditas no peito» — [3].

Abonação antiga é a seguinte: «ainda oje ey de cear hũ pedaço dessa tua carne, cõ que ey de convidar dous cães que tenho» — [4].

Em Rui de Pina, Cronica de El-rei Dom Afonso v, lê-se: — «E houve aquelle dia convite real de vinhos e fruitas, em

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 579.
[2] Portugalia, I, p. 619.
[3] O Economista, de 22 de agosto de 1885.
[4] Fernam Mendez Pinto, Peregrinação, cap. CXCVIII.

uma notavel perfeição, e assi muitas danças e festas em to[...] noite» — [1].

copa

Na acepção ordinária *copa*, como «arrecadação», só se a[...] ao móvel ou quarto onde se põem a resguardo comidas, lo[...] ou trem de mesa.

No Alentejo porém o significado é diferente, como v[...] do trecho seguinte: — «tudo aquillo está em desordem, [...] como a copa (vestuário)» — [2].

copa, copo

Em Caminha, e provávelmente em outros pontos do M[...] o vocábulo *copo* corresponde ao vaso que mais para o s[...] denomina *caneca*, isto é, vaso cilíndrico, de maior altura [...] diámetro, munido de asa.

Como termo de pesca é uma peça da rêde, e também [...] de uma rêde: — «Destes apparelhos o mais usado em Bu[...] é o *copo* — que serve para a pesca do camarão» — [3].

Copa, pelo que hoje chamamos *copo*, *taça*, vêmo-lo em R[...] Pina: — «o Infante Dom Fernando, por melhor justador, v[...] então o grado, que foi uma rica copa, de que fêz logo me[...] Diogo de Mello» — [4].

Hoje diz-se para aí *record*, à inglesa, e não *grado*, que [...] uma vantajosa substituição do anglicismo, pronunciado à [...] cesa, *recór*. Então, como actualmente, era uma taça o pr[...] grande.

---

[1] cap. CXXXI.

[2] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO-ALEMTEJO, *in* [...] tugalia, I, p. 542

[3] Fernández Tomas, A PESCA EM BUARCOS, *in* Portugalia, I, p[...]

[4] CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXI.

coração; còração

É conhecido em quási todas as suas acepções o primeiro dêstes dois vocábulos.

Em dois sentidos porém não está colijido, que eu saiba, e deduzem-se dos trechos seguintes: — «Possuimos alguns d'esses pesos, *corações* como as tecedeiras lhes chamam» —. São pesos de tear, em forma de coração. — «Quando *Physicus*, há dias, nos ensinou que a forquilha tem onze paus, a tipografia partiu um delles, e não nomeou o principal, — *o coração*, em que se implantam os *dentes* e o *cabo* [1].

O segundo é um neolojismo, derivado do verbo *corar (=còrar)*, que tem de ser diferençado do primeiro, porque a pronunciação do *o* é diversa, proferindo-se aberto, entanto que o de *coração* soa como *u*: — «Entreviamos um bacillo que microscòpicamente revestia a morphologia do da peste — curto, atarracado, còração bipolar, espaço branco intermédio» —[2]. Êste trecho, em que as palavras tomam acepções desusadas, não é decerto modêlo de boa linguajem; apesar disso, porém, o vocábulo *còração*, por *coloração*, está bem derivado do verbo *còrar*, e merece rejisto. Quanto a **morphologia**, que não quere, nem quis nunca dizer «forma», mas sim teoria das formas, ou das formações, não pode, nem deve figurar em dicionários naquela acepção. Singular é tambem o epiteto *atarracado*, aplicado a um organismo só visivel por microscópio.

coral

Os dicionários não mencionam que êste nome, não só designa o «coral verdadeiro», mas também o falso, mesmo sem aposição

---

[1] Diario de Noticias, de 7 de dezembro de 1905.

[2] Ricardo Jorge, A peste bubonica no Porto, 1899, p. 41.

dêste epiteto, que é indispensável que acompanhe *pérola*, quando ela não é verdadeira. Assim, ainda com epiteto que o realça, *coral fino* denota apenas «imitação do coral verdadeiro», como quando denomina uma contaria, *coral-fino Maria*, que se lia num anúncio publicado no jornal O ECONOMISTA, de 4 de novembro de 1882.

coriscar, corisco

É conhecido o étimo dêste verbo, que poderia ser considerado como derivado de *corisco*, quando a verdade é que se deu o caso contrário. *Coriscar* procede do latim coruscare, com dissimilação da vogal átona da segunda sílaba, com relação ao o da primeira; *corisco* é um nome verbal rizotónico, derivado de *coriscar*, já dentro do português.

Corisco, não só na Bairrada, como diz o NÔVO DICCIONÁRIO, mas também em outros pontos e no Brasil, é o que em geral o povo chama *pedra-de-raio*.

corja

Esta palavra, que actualmente significa apenas, em sentido pejorativo e ofensivo, o mesmo que «*matula*», (*q. v.*), «quadrilha» (espanholismo), «turba», é declarado termo da India, com a significação de «vinte», no VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO DE BLUTEAU (1712). Vê-se pois que ha dois séculos ainda não havia adquirido o sentido deprimente que ao depois prevaleceu: — «Sinalou-lhes dez *Corjas* de cotonias. São cotonias lenço da terra, que serve para vestido. A Corja he numero de vinte. 3. part. da Hist. de S. Doming. pag. 337» —. V. **cotonia**.

Era pois *corja* um dos frequentes nomes numerativos, equivalentes aos nossos *dúzia*, *conto*, *mão*, etc., tam usados em muitas das linguas asiaticas, e nomeadamente nas do sul da

Índia, nas malaias, na japonêsa, mas também em persiano, conquanto pertencente à grande família árica.

A etimolojia é questionável, como vemos no Glossário de Yule & Burnell [1], atribuindo-se-lhe uma orijem telinga (dravídica), e outra arábica.

Em Fernám Méndez Pinto ocorre êste vocábulo pelo menos duas vezes [2], e muitas em todos os nossos cronistas da Ásia.

cornaca

É antigo já na língua êste termo, o qual significa «a pessoa que vai guiando o elefante», na Índia.

Bluteau traz o vocábulo, com duas abonações portuguesas, na inscrição CORNACA, e emprega-o também na inscrição ELEFANTE.

O Glossário de Yule & Burnell [3], citando o dr. Rost, dá como étimo o cingala *kurawa-nāyaka* [KŪRAḂA-NĀĪAKA], cuja significação é, segundo declara, «maioral de elefantes».

Vê-se pois que não é galicismo esta palavra, visto que existe em português desde, pelo menos, 1685, data da segunda citação feita pelos ditos indianistas, extraída da FATALIDADE HISTÓRICA, de J. Ribeiro. Galicismo é a abreviação *cornac*, que às vezes se lê, em ruins traduções de francês.

Na edição da História Trájico-Marítima, de Bernardo Gómez de Brito, publicada recentemente na BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, no vol. XLI, duas vezes se imprimiu *comaca* em vez de *cornaca*, a páj. 82 e 83.

[1] A GLOSSARY OF ANGLO INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886, *sub. v.* **corge**.

[2] PEREGRINAÇÃO, cap. LXXIII e CLXVII.

[3] A GLOSSARY OF ANGLO INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

corneta

Como termo de jíria, já antigo, quere dizer «cara»: —

«Venha cá, senhor malhado,
Meta a mão nesta gaveta,
Dê vivas a Dom Miguel,
Senão, parto-lhe a corneta».

coroa

— «Todos [os barcos] são de fundo chato — o que é imposto pela natureza do leito da ria, de grandes espraiados e cheia de bancos de areia ou *coroas*» —[1].

É esta uma acepção da palavra *c(o)roa* que os dicionários não rejistam, e por isso aqui fica apontada.

coroça, palhota, palhoça, capa-de-palhas, capa palhiça

Esta capa, usada tanto em Portugal, como na Nova Caledónia, como no Japão, donde provávelmente veio para cá no século XVI ou XVII, já motivou esta nota a páj. 170, do livro de Jouan LES ILES DU PACIFIQUE[2]: — «Les Japonais et les paysans du Portugal ont des manteaux tout-à-fait semblables» —.

Veja-se um artigo que publiquei, sôbre a língua do Japão, no jornal O SECULO, de 8 de agosto de 1904, no qual me referi a êste especialíssimo abrigo; v. também a palavra **dáimio**.

---

[1] Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in*, Portugalia, II, p. 53.

[2] vol. LXV da BIBLIOTHÈQUE UTILE.

coroplasta

É um neolojismo, que Rocha Peixoto empregou na sua monografia intitulada As olarias do Prado, tirando-o imediatamente do francês *coroplaste*, vocábulo tomado nesta língua do grego KOROPLÁSTÊS composto de KOROS, «moço», e PLASTÊS [1], «fabricante». O significado é «imajinario de figuras de barro ou cera»: — «quando de louceiro o ceramista de Prado passa a coroplasta» — [2].

corpo-santo-de-Pedro-Gonçálvez

Êste composto polimórfico encontra-se mencionado por Jurien de la Gravière: «ces lueurs bleuâtres et sautillantes que les Portugais appelaient *Corpo Santo de Pedro Gonsalvez*, et les Espagnols *Sant-Elmo*» — [3].

Não sei se vem mencionada por enteiro a expressão em qualquer escritor português, mas designa o Corpo Santo, ou *fogo-Sam-Telmo*, a que se refere Camões, nos Lusiadas, Canto v, est. 18: —

Vi claramente visto o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto

corre-caminho

Na ilha da Madeira é o nome vulgar de uma ave, Anthus trivialis, de Lineu [4].

---

[1] W. Pape Griechisch-deutsches Wörterbuch, Brunsvique, 1880, t. i, p. 1487, col. i, t. ii, p. 625, col. ii.

[2] Portugalia, i, p. 250.

[3] Les Anglais et les Hollandais dans les mers polaires, et dans la mer des Indes, Paris, 1890, t. i, p. 144.

[4] P. Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras, 1899.

corre-costas

—«chegaram dois corre-costas que andavam ao serviço d[illegible] auctoridades na praia»—[1]. É termo brasileiro e designa bat[illegible]

corriqueiro

Os dicionários definem êste adjectivo, —«que corre ou circu[illegible] habitualmente: vulgar, trivial»—. Na primeira acepção nem [illegible] usual, nem o vi ou ouvi jamais empregado: no Minho, porém, chama-se *corriqueira* à pessoa que sai de casa frequentemente.

corsa (=côrsa)

Na ilha da Madeira tem êste nome, ou o de *arrasta*, «o carro de arrastar, sem rodas» e seriam termos muito aceitaveis para expressar o francês *traîneau* | *traîner*, «arrastar», que já passou para cá, com a forma *trenó*; cf. *trumó*, ou *tremó* de *trumeau*.

corso (=côrso)

É um italianismo de introdução muito recente, nome de uma rua de grande movimento em Roma: «as ruas do *côrso*, como se deliberou chamar-se ao espaço comprehendido entre o largo de Camões e as ruas do Carmo, do Ouro, e Nova do Almada»—[2]. Esta deliberação, que se não diz por quem foi tomada com tamanha autoridade e intimativa, por emquanto só teve curso

[1] O Economista, de 1 de setembro de 1887, «Correspondencia do Rio de Janeiro».

[2] O Seculo, de 7 de março de 1905.

Lisboa, no carnaval de 1905, entre certa gente que pre- de fina. Parece que o termo não pegou, o que não é de r.

cortada

É termo de marinhas, próprio do Aveiro: — «As marinhas produzem — mau grado dos criados que desejam a cessa- da safra, e tanto que nas cortadas do sul da Ria já houve tiva de *alagamentos*» —[1].

Este segundo termo parece não ter a significação usual, mas outra relacionada com uma acepção especial do verbo *ar. (q. v.).*

cortiça, cortiço, corticeiro

Cortiça é o nome da casca do sobreiro depois de arrancada pedaços grandes; *cortiço* qualquer canudo de *cortiça*, e não, nte o que serve aos enxames de abelhas. «Bate-se o linho a espadela de encontro à beira superior e externa de um dro vertical de casca de sovereiro, chamado cortiço, tendo o mais ou menos 1 metro de comprimento e 0m,3 a 0m,4 de etro» —[2].

Em calão *cortiço* é «casa de habitação».

Corticeiro, «operário que trabalha em cortiça» e, como ctivo, «que se refere a essa industria», são neolojismos, de o conveniente emprêgo: «Tem continuado a greve dos cor- ros da fabrica do sr. Rankin, no Alfeite» —[3].

1 O Economista, de 2 de outubro de 1891.
2 Portugalia, t. p. 170.
3 O Economista, de 23 de setembro de 1892

costume: costumar

Conforme Carlos Eujénio Correia da Silva, em Aju
esta palavra «tributo pago ao rei do Daomé» e festa
Costumar, como verbo transitivo, tendo por co
objectivo um nome, foi usado antigamente, como ve
de Pina: — «Foi algum tanto envolto em carne [o rei]
cuberta disso custumava sempre vestiduras sôltas» —
Presentemente diz-se *costumava usar*.
O emprêgo todavia do particípio passivo dêste v
adjectivo, na acepção de «usual», perdura ainda:
seus armas além das custumadas» —[3].
O costumado, empregado em absoluto, significa «o

costume; trajo, ou traje

Êste vocábulo, que antes se escrevia *custume*, si
usança, hábito». Muito modernamente é empregado
de *trajo*, ou *traje*, por galicismo, não só inútil, mas
porque é um desacêrto, adquiriu voga imediatamente.
neira, não só serviu de título a uma colecção de traje
ses, desenhados por Bordalo Pinheiro com a maior
o ALBUM DE COSTUMES PORTUGUEZES, mas também
classificar uma colecção de bilhetes postais com a mes
ção de *Costumes portugueses*. Ora, *costumes* são *bon*
morijerados ou devassos; mas nunca tal palavra serv
nominar *traje*, e em parte alguma dos domínios por
povo entende semelhante nome em tal sentido, nem

---

[1] UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ
BAPTISTA DE AJUDA, NA COSTA DA MINA EM 1865, Lisboa, 18

[2] CRONICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. 213.

[3] *ib*, cap. XXXIII.

eze de escrever na língua pátria o empregará. Quem o usa ertidamente deve ter em atenção que *traje*, em francês, se *stume*, mas que costume é *coutume*, e lá portanto não de dar a confusão, que o emprêgo dêste escusado galicismo na em português: — «Ne possédons-nous pas quelques vues la caractéristique de tèle ou tèle grande vile, des détails es sur les meurs, les coutumes et les costumes d'une ?» —[1].

cota

termo é dado como transmontano pelo NÔVO DICCIONÁRIO, a significação de — «lado oposto ao gume da ferramenta» —. me parece que a limitação imposta, quer ao significado, a rejião onde o vocábulo é usado, seja exacta. Em Lisboa, a minha infancia, ouvi chamar *cota* à parte oposta ao gume, «fio» da faca, isto pelo que diz respeito à significação; e com o à difusão do termo, vejo que é tambem empregado em s pontos, pelo seguinte passo: — «A espadela é uma espécie doa de madeira, em que se distingue a *cota*, o *fio* ou *gume* unho» —[2].

coté

um termo de jíria cidadã, que talvez provenha de propo- corrutela do inglês cottage, pron. *cot'idje*, e designa uma que não é a própria habitação, mas sim outra, reservada actos secretos, às escondidas da família. Eis aqui uma ação do termo: — «O *coté* da rua da Gloria é num primeiro baixo... tem duas salas exiguas, mal mobiladas, com naes *décors* destas alfurjas proprias para amores de occa- » —[3].

---

[1] LE RÉFORMISTE de 15 de novembro de 1905.

[2] B. D. Coelho, INDUSTRIA CASEIRA DE FIAÇÃO, TECELAGEM E TIN- A DE SUBSTANCIAS TEXTIS, *(sic)*, in Portugalia, I, p. 371.

[3] O DIA, de 12 de janeiro de 1905.

cotio (figo)

Quere dizer «de todos os dias» | quotidie, e figuradamente «comum, trivial». — «A arraia miuda é constituida pelo «Cotio» [figo], que pela quantidade e numero se pode chamar soberano. É o figo de embarque que regula por 800 réis a arroba, ao passo que os primeiros *[berjaçote, sofeno* (?), *castelhano* e] o bello «Inchario», por exemplo, regula por 3000 réis a arroba» — [1].

cotonia

Roupa de algodão. Pronuncia-se *cotonia,* e não, *cotónia,* como indica o Diccionario Contemporaneo; em árabe QUṬNÎE.

cotovia

Como termo de calão, quere dizer «garrafa».

couça

— «Por couça é aqui [Braga] denominado um morcão [lagarto grande] que apparece em alguns cortiços e destroe as abelhas» — [2].

couce

Uma peça do arado: — «Noutros typos d'arado em vez dessa peça inteira, a rabiça, ha duas ou tres ligadas: uma inferior, que se chama *dente* ou *coice,* em que assenta a relha» — [3].

Nesta acepção não vem nos dicionários.

---

[1] O Economista, de 5 de novembro de 1885, citando o Jornal da Manhã.

[2] Gazeta das Aldeias, de 25 de fevereiro de 1906.

[3] Francisco Adolfo Coelho, Alfaia agricola portuguesa, *in* Portugalia, I, p. 407.

coveiro; còveiro

Coveiro é indivíduo que tem por ofício abrir as *covas*, ou *coveais*, nos cemitérios, e é palavra que figura em todos os dicionários. O segundo vocábulo, que se deve diferençar dêste pela acentuação marcada no *o* átono mas aberto, *còveiro*, é termo alentejano, assim definido por quem me prestou a informação: — «cabana junto à malhada, onde se guardam os cabritos, para se lhes ordenharem as mães» —.

côvo, cova, covão: còvão; cofre; alcofa

Meyer-Lübke admite duas formas novas latinas *cophus* e *copha*, derivadas por via de regressão do latim cophìnus, vocábulo de orijem grega, sendo elas postuladas por certas formas populares italianas.

Além dêsses dois substantivos devemos admitir igualmente um adjectivo triforme, cophus, copha, cophum, do qual os dois substantivos citados hão de ser simples mudança de categoria gramatical. O adjectivo a que me refiro tem de supor-se para explicar o adjectivo *côvo*, «fundo, côncavo», que se emprega como qualificativo de *prato* na locução *prato côvo*, a qual designa na Estremadura o que na Beira-Baixa se denomina *prato fundo*, e no norte *prato sopeiro*.

Côvo como adjectivo foi empregado por Bocage:

> Esquentado frisão, brutal masmarro,
> Vagava de Santarém na pobre feira;
> Eis que divisa de lonje em côva seira
> Seus bons irmãos erráticos de barro.

Ao femenino dêste adjectivo, *copha*, temos de atribuir a orijem tam disputada da palavra *cova*, a que se dava a mêdo como étimo caua, sem explicar a transformação; como à forma neutra

cophum se há de atribuir o substantivo *côvo*, meia-esfera de vêrga que serve de gaiola aos galinaceos, nos mercados. Quanto ao substantivo *côvao*, diferente de *covão*, aumentativo de *cova* tem orijem no primitivo cophinus, como o correspondente castelhano *cuévano* (cf. *Estêvão*, *Esteban* ⟩ Stephanus) e o italiano *còfano*, o que ja conjecturara ha tantos séculos Isidoro Hispalense, e do qual *cabanilho*, «cêsto alto e cilíndrico» é um derivado, em cuja forma influiu a palavra *cabana*, de que ainda se tirou *cabano*, por via de reversão a um primitivo suposto.

Vê-se pois que as formas populares latinas *cophum*, *copha* não são já hipotéticas, mas na realidade existiram a par de cophinus, no latim vulgar.

Por outra parte a palavra *cofre* é de orijem imediata francesa e de introdução relativamente moderna e artificial nas línguas peninsulares, como o demonstra a mudança do *n* latino em *r*: cf. pampanus ⟩ *pampre*.

Não param porém aqui os derivados de *cophum*, *copha*, pois existe, pelo menos, outra palavra que, tendo a mesma orijem, passou a português por intermédio do árabe; é *alcofa* (AL-QUFE), que também foi parar a França e Itália, talvez sem tal intervenção; com as formas *couffe* e *coffa*, *cofa*, venezianas.

Temos pois:

Grego KOPHINOS ⟩ lat. literal cophinus ⟩ italiano *còfano*, cast. *cuévano*, port. *côvao*.

Latim vulgar. *cophum*, *copha* ⟩ port. *côvo*, *côva*, cast. *cueva*; árabe QUFE; ital. *coffa*, *cofa*, fr. *couffe*.

Arabe ALQUFE ⟩ português *alcofa*.

Português *côvao* ⟩ *cabanilho*, *cabano*, *cova* ⟩ aumentativo *covão*, ocsitono, e outros muitos mais derivados, *covinha*, *encovar*, etc. e *coveiro*, diferente de *côveiro*, *(q. v.)*.

côvodo, côvedo, côvado

Há muito tempo que êste vocábulo no sentido de *cotovêlo* foi por êste substituído, conservando apenas a acepção de um.

medida de três palmos, que deixou de ser usada, pelo quê passara em breve o termo a ser completamente obsoleto. *Côvado*, em castelhano *codo*, é o latim cubitum, como é sabido, e *cotovelo* um deminutivo, cubitellum, com metátese das sílabas médias. *Côvado* na sua primitiva acepção encontra-se, por exemplo, na DEMANDA DO SANTO GRAAL, com a forma *covodo* = *côvodo*: — «Entom a lançou o mais que póde e quando chegou preto da agua viu hũa mão sair do lago que parecia ates o covodo, mas do corpo nom viu nada» — [1].

coxia

Quer como termo de bordo, quer como vocábulo próprio de teatros é *coxia* de orijem italiana, do mesmo modo que outras muitas dições pertencentes a essas duas nomenclaturas. Em toscano *corsia*, a *coxia* no teatro, é definida assim por P. Petrocchi [2]: — «lo spazio che nella platea d'un teatro è libero dalle panche [«bancos»], e più spezialm[ente] quello di mezzo [«o do meio»]» —.

A forma portuguesa, se não provém directamente de qualquer dialectal italiana, resultou do concurso de *rs* antes de *i*.

cozinha

Êste vocábulo e o seu étimo são bem conhecidos: do latim *cocina*, por coquina, proveio *cozinha*, como de *cocere*, por *coquere*, «*cozer*», que se não deve confundir com *coser* [consuere.

Em Caminha, e outras partes do Minho naturalmente, a palavra *cozinha* designa o «fogão da cozinha».

---

[1] Oto Klob, *in* «REVISTA LUSITANA», VI, p. 341.

[2] NOVO DIZIONARIO UNIVERSALE DELLA LINGUA ITALIANA. Milão, 1887.

crasto: v. **castro**

crebar

Esta forma minhota não é, como poderia supor-se, metátese da usual *quebrar*, cuja significação tem: pelo contrário, na forma geral *quebrar* é que se deu a metátese com relação a *crebar*, mais antiga e mais conforme com o seu étimo latino crepare, confirmando-se a etimolojia que já se atribuía a *quebrar*. O *qu* por *c* na sílaba inicial foi mero expediente ortográfico, para se evitar a leitura *cebrar*.

criar, criado, criança, etc.

Quási todos os dicionários portugueses, modernos pelo menos, escrevem o verbo *criar* com *e*, isto é, *crear*, e, em consequência desta ortografia, rejistam igualmente *creador*, *creado*, *creação*, *creança*, etc.

Alguns autores distinguem duas séries: *Crear*, *creador*, *creado*, *creatura*, *creação* (do mundo), *creança* por uma parte, e *criar*, *cria*, *criador*, *criação* (de gado), *criação* («aves domésticas»), etc.

Nenhuma razão, histórica ou outra, existe que justifique, ou sequer explique esta distinção fictícia: a palavra é uma única, e conquanto o seu étimo seja o latim creare, o facto é que em português o verbo dêle derivado é um só, *criar*, que tem de ser escrito com *i*, e não *e*, visto que nas linguajens rizotónicas, convém saber, nas que têm o acento no radical, a conjugação é sempre com *i* proferido e não com *e*: *crio*, *crias*, *cria*, *criam*, *crie*, *criem*. Seria pois insensato fabricar irregularidades aparentes, que a pronúncia não confirma, entre estas formas rizotónicas e as acentuadas nas desinências, escrevendo estas com *e* valendo *i*: *crear*, *creamos*, *creais*, *creeis*, *crearão*, etc.; ou fazendo distin

ção na escrita dos radicais *crear*, *criar*, conforme a significação, apenas nas linguajens de desinência acentuada.

Dêste modo, a unica solução é conformar em tudo a ortografia com a pronúncia efectiva e que já não pode ser alterada, reduzindo-se a um só, *criar*, os dois verbos *crear* e *criar*, com todos os seus derivados, afins e flecsões: *criador*, *criatura*, *criado*, *criança*, em razão de *cria*.

Deve advertir-se ainda que os vocabulos *criado* (=serviçal) e *criança* nunca tiveram, até epoca recente, outra escrita que não fosse com *i* na primeira silaba, em harmonia com as correspondentes formas castelhanas *criado*, *criança*, *(crianza)* «criação, educação»; conquanto nesta lingua subsista a distinção entre *crear* e *criar*, não só na escrita, mas também na pronúncia, visto que em espanhol o *e* átono não adquire nunca o valor de *i*, como acontece em português antes de vogal, existindo ali na realidade duas séries, na pronúncia e na escrita, as quais se não podem manter em português por aquela se opôr a tal distinção, como vimos: *crear*, *creado*, *creador*, *creatura*: **criar, criador, cria, criadero, crianza, criado,** etc.

Com *i* se escreveu sempre também *criação*, no sentido de «aves domésticas de capoeira», acepção em que vemos o vocábulo, conquanto erróneamente escrito com *e*, no trecho seguinte: — «A creação tem sempre papel preponderante nas receitas de uma exploração rural» —[1].

Os termos *criado* e *criada* modificam-se no significado, conforme a localidade, por meio de epitetos; por ex.: *criada de dentro*, em Coimbra, *criada de sala*, no Pôrto, correspondem, pouco mais ou menos, ao que em Lisboa se chama *criada de quartos*, isto é, «criada que cuida da limpeza».

Criado de acompanhar vemo-lo empregado, com relação ao século XVIII, por António de Campos, mas mal escrito:[2] —«e o falso *creado de acompanhar*, como então se dizia»—.

---

[1] O SÉCULO, de 23 de fevereiro de 1902.

[2] O MARQUEZ DE POMBAL, in «O Século» de 21 de dezembro de 1899.

Recrear, porém, que se conjuga *recreia*, deve escrever-se com *e*.

cristalino

Êste adjectivo, não como termo poetico, mas em prosa, significando «de cristal», foi empregado por Antonio Francisco Cardim, no livro BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS: — «Copos cristalinos de Veneza» —[1].

criveiro

Êste substantivo, designando o «fabricante de crivos e peneiras», não está rejistado nos dicionários, mas faz-se dêle menção no seguinte passo: — «Estas ratoeiras são feitas pelos *criveiros*, que as vendem na praça pelos respectivos preços de 80 e 100 réis» —[2].

cubiculo

No sentido de «cela», «quarto de dormir», conforme o seu significado em latim, vê-se no trecho seguinte das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, páj. 222: — «quatro cubiculos e um refeitorio» —.

cubrir, cuberto, descuberto

Êste verbo é usado no distrito de Bragança com uma sintasse especial, como se pode ver com os dois exemplos que vou dar: *cubrir o chapéu*, «cubrir-se (com o chapéu), pôr o chapéu na cabeça»; *cubrir o capote*, «cubrir-se com o capote, embrulhar-se nele».

---

[1] Lisboa, 1894, p. 44

[2] J. Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in *Portugalia* II p. 89.

Nesta última sintasse usou José Maria da Costa e Silva o verbo *cubrir*, no último verso do poema O ESPECTRO OU A BARONESA DE GAIA, paráfrase do BERNAL FRANCÊS:—

«Ramiro cobre o manto, e retirou-se».

Do imperativo do verbo *cubrir* formaram-se vários substantivos compostos, tipo muito peculiar das línguas românicas e cuja vitalidade ainda perdura, como com outros muitos verbos, por ex.: *guardar*, que deu *guarda-portão*, *guarda-roupa*, etc.

Uma dessas formações, que não foi rejistada, é a seguinte, usada no Ceara: *cobre-peitos*, «*coura* de que usam os camponeses ou *matutos*, especialmente os vaqueiros»[1]. É feita de couro.

Em Lisboa faz-se um doce da casca da abóbora branca, cortada em tiras e cozida em calda de açúcar, a que nas confeitarias se chama *abobora cuberta*, «de açúcar», entende-se.

O termo *cuberto*, neste sentido, parece que se generalizou em várias rejiões a outros doces, pois em Aveiro se chama *doce descuberto* aquele «que não é polvilhado de açúcar», em oposição a *cuberto* no sentido indicado.

cuculada: v. **cuquiada**

cudar

Nos Açôres persiste esta antiga forma, alótropo de *cuidar* ⟨ cogitare: cf. *chuiva* e *chuva* ⟨ pluvia.

cúli, cule, coli

Culi ou *cule* deve em português ser a escrita desta palavra, muito conhecida na Ásia, nomeadamente no Arquipelago Malaio,

[1] Sena Freitas, CATHEDRAL DE BURGOS, 1884.

na China e na Índia. O étimo é incerto, pois uns dizem ser o támil *kuli*, «soldado», outros o turco *kul* ou *kule*, «escravo», ou o nome étnico *koli* [1], «raça» ou povo, no sul da Índia. A escrita *coolie* é inglesada, e, pelas indicações da possível origem do nome, desarrazoada em outra língua que não seja a inglesa, na qual *oo* tem o valor de *u*.

culibeca, curibeca

— «Nenhum d'elles, que saibamos pertence à seita dos *culibecas*. E sabem os leitores o que são os *culibecas*, a respeito dos quaes a insistencia em os fazer influentes e poderosos no animo dos governadores de Angola, seria asquerosa, se não fosse ridicula? Pois são os pacatos e comedidos membros d'uma associação chamada **Gremio Litterario de Loanda...**

Qual seria o governador ... que se julgasse mais seguro tendo o apoio dos *curibecas* do que as sympathias de S. Thomé?» — [2].

A forma correcta há de ser *curibeca*, e não, *culibeca*, se a palavra é quimbunda, como parece, pois nesta língua só há *l* antes de *a*, *e*, *o*, *u*, sendo substituído por *r* brando antes de *i*.

cumerim

O Nôvo Diccionário define êste vocábulo da Índia Portuguesa do modo seguinte: — «desbaste e corte de arvores» —. Parece não ser exacta a definição. Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado traduz a palavra concani *kumeri* por «boucha», e êste vocabulo o mesmo Nôvo Dicc. declara-o provincial e atribue-lhe como significado — «mato que se queima para cultivar a terra que elle occupava» —.

[1] Veja-se Yule & Burnell, A Glossary of Anglo-Indian words and phrases, Londres, 1886, *sub. v.* **cooly.**

[2] Jornal das Colonias, de 22 de julho de 1905.

F. X. Ernesto Fernández, na sua monografia intitulada Regimen do sal, abkary e alfandegas na India Portugueza, define *cumerim* da seguinte forma: — «é o campo da cultura de legumes preparado com a dissipação da matta e adubado com cinza de arbustos do mesmo terreno» —[1].

cunca

O termo, que tem outra forma, *conca*, latim concha, significa em Caminha «tijela».

cupá

O Nôvo Diccionário diz-nos ser o nome de uma planta brasileira. Em Goa é nome de uma qualidade de sal: — «Ainda há uma outra qualidade de sal, leve e finissimo, denominado *cupá*, destinado exclusivamente para o mercado de Bombaim. Este obtem-se fraccionando os taboleiros em pequenas subdivisões» —[2].

cuquiada, cucuiada

Esta palavra foi rejistada por Bluteau, com as abonações devidas: — «(Termo nautico da India) Derão huma *Cuquiada*, que entre elles he appellidar terra por uma denotação de voz. Barr. 1. Dec. fol. 81. col. 1» —[3].

Francisco Adolfo Coelho define-a do modo seguinte, sem citar autoridade: — «*T. ant.* Vozes com que na India se chamava o povo ás armas e que eram propagadas pelas pessoas que as

[1] «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 21.ª serie, p. 256.

[2] F. X. Ernesto Fernandez, Regimen do sal, abkary e alfandegas na India Portugueza, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», serie 23.ª, p. 251.

[3] Vocabulario portuguez e latino.

ouviam. Vozes com que no alto mar se anunciava a approximação da terra. *Fig.* Gritaria, vozearia»—[1]. O Nôvo Diccionario repetiu isto mesmo. No Suplemento porém dá como preferivel a escrita *cucuiada*, e como orijem do vocábulo, que os outros não mencionaram, o támil *kukkuia*, que nos não diz o que significa.

Na edição das Décadas da Asia de João de Barros, feita no 3.º quartel do século XVIII (I, Livro VII, cap. 2), e portanto de menos fé que a que foi vista por Bluteau, lêmos, não obstante, a palavra também escrita com *qu*, sendo provável que, se a pronúncia que se quisesse indicar fosse com *u* proferido, elá houvesse sido ortografada com *cu*, e não com *qu*, em qualquer das edições. A citação é:—«acudio tanto gentio... por trazerem entre si huma maneira de se chamar a que elles chamam *Cuquiada*»—.

Gaspar Correia, nas LENDAS DA INDIA (II, 2, 26), escreve *cucuyada*, e esta escrita não deixa a menor dúvida acêrca da pronúncia que se lhe deva atribuir *cu-cu-iá-da*. —«e o Camal... mandou dar suas gritas, a que chamam cucuyadas»—.

Se a forma *cucuiada* é a certa, a etimolojia proposta por Yule & Burnell [2] tem todas probabilidades de ser exacta: *kukkuya* na língua de Malabar, significa «bradar» (to cry out) conquanto o sufieso *-ada* não seja explicavel, à falta de um verbo *cucuiar*, que não consta existisse, e sem o qual a comparação que os abalisados indianistas fazem com *crisada*, de *cris* «punhal», não convence, pois nesta formação o sufieso inclui a idea de «golpe», como de *faca*, *facada*, e pressupõe um étimo português imediato. Os nossos antigos escritores usaram neste sentido o verbo *apupar*, «bradar chamando», denominando êsse brado *apupo*:—«pelo quê, apupando todos por diversas partes»—[3].

Se porém a forma exacta é *cuquiada* apesar da afirmação

[1] DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.
[2] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS, Londres, 1886.
[3] Historia trajico-maritima, *in* BIBL. DE CLASSICOS PORT., t. XL, p. 51.

de João de Barros, e da afirmação é escrita de Gaspar Correia, o vocábulo poderia ser português lejítimo, porque pelo menos em mais uma lingua romanica êle existe, e para essa não poderia vir da India. Em provençal *couquiado*, e sabe-se que *o* átono é a terminação femenina nos mais dos dialectos da Provença, *couquiado*, digo, quere dizer «cotovia», em francês *cochevis*: cf. *chamariz*, nome de ave, e de um artifício para chamar as aves, e cuja orijem é sem duvida o verbo *chamar*. O vocabulo *couquiado* está abonado com um verso da *Mirèio* de Frederico Mistral:

— O Vincèn, ié faguè Mirèio
D'entre-mitan li verdi fèio,
Passes bèn vite, que! — Vincenet tout-d'un-tèm
Se revirè vers la plantado,
E, sus un amourié quihado
Coume uno gaio c o u q u i h a d o [1]
Destousquè la chatouno, e ié lancè, countènt.

O glorioso poeta provençal numa nota a êste verso acrescenta: *couquihado*, (cochevis, *alauda cristata*, Lin.).

O mesmo poeta, no seu monumental dicionario provençal, intitulado Lou Tresor dóu Felibrige, aduz as seguintes formas do mesmo vocábulo, conforme os vários dialectos: *couquiado, couquilhado, cucullado, cuculado, coucouiado*, e *cugullada* (catalão), *cogujada* (castelhano), e dá-lhe como étimo, que é evidente, *couquiha [...hà]*, latim c u c u l l a, c u c u l l a t u s.

Cita Buffon, que empregou em francês *coquillade*, vocábulo que Littré admitiu como termo de caça, correspondente a *alouette huppée (sp.)*, sem mais definição, nem etimolojia.

No Pichot Tresor, dicionário provençal-francês, de Xavier de Fourvières, vem também *couquiado*, com o correspondente francês *cochevis* [2].

---

[1] Paris, 1882, Canto II, 4.

[2] Avinhão, 1902.

Vê-se que estas formas *couquihado, cugullada,* e *cucuiado,* poderiam ser análogas às duas abonadas portuguesas, *cuquiada* e *cucuiada,* sem, que estas portanto houvessem vindo da Índia. Por outra parte, a coincidéncia pode ser casual, como tantas outras.

curbá

Em São João Baptista de Ajudá é uma selha, que serve de medida para a venda do óleo de palma, e cuja capacidade é variável [1].

curral

Como termo local, vem perfeitamente definido êste vocábulo na monografia As «Villas» do Norte de Portugal, de Alberto Sampaio: — «na serra do Gerez os gados descançam de noite em *curraes,* glebas cercadas de paredes, que só produzem centeio; cada curral tem uma *cabana,* geralmente redonda, para o pastor dormir e cozinhar» — [2]. Cf. *curralorio,* em **chiqueiro.**

curveiro

Na Figueira-da-Foz dá-se êste nome a um «remoinho de água no mar».

çaraça

Bluteau, que só no Suplemento incluíu êste vocábulo, escreve-o com *s* inicial, *saraça,* e define-o assim: — «He hum

[1] Carlos Eujénio Correia da Silva, Uma viagem ao estabelecimento portuguez de S. João Baptista de Ajudá em 1865, Lisboa, 1866.

[2] *in* Portugalia, I, p. 116.

ro de pannos, que vem de Cabo-Verde, e do Maranhão, ados como chita, e servem de cobrir bofetes, camas, etc. inariamente são pintados de vermelho. Os da India são pin-s de negro com bordas vermelhas, vem de S. Thomé e ser-às Portuguezas em lugar de mantos; ha saraça que custa ta mil reis» —.

Transcrevi na íntegra, exactamente porque a definição nos a perplecsos.

Duas vezes se afirma que as *çaraças*, que pela descrição respondiam ao que hoje diríamos *cubertas*, procedem de Tomé; notando-se porém, que são usadas no Brasil (Ma-hão) e na India. Ora, como em Cabo-Verde não houve ca lingua vernácula, ou êste nome foi do reino para lá, como as outras rejiões indicadas, ou a orijem do termo é da India, mais latamente, asiatica, porque brasileiro não pode êle ser, o que os indíjenas das terras de Santa-Cruz só fabricavam dos de penas de aves.

Em malaio existe o vocábulo *sarasa*, o qual designa um te-de algodão [1].

Parece portanto que o termo é malaio, ou de qualquer das guas da Asia, que para malaio passasse, como tantos outros; onseguintemente a escrita portuguesa tem de ser com *ç*, e não *s*, visto que o *s* dos nomes asiáticos, como o dos america-sempre foi pelos nossos autores transcrito com *ç*. Esta rita e orijem são confirmadas pela forma castelhana *çaraça*, ndo a ortografia moderna *zaraza*, vocabulo que o Dicionario Academia Espanhola [2] define assim: — «Tela de algodón muy na, tan fina como la holanda y con listas de colores ó con es estampadas sobre fundo blanco, que se traía de Asia y era y estimada en España» — [3].

---

[1] Leonce Richard, COURS DE LA LANGUE MALAISE, Bordeaux, 1872, rte p. 117, col. 1.

[2] Madrid, 1899.

[3] Este artigo foi acrescentado, e por isso está fora da ordem alfabetica, se advertte no Índice (q. v.).

dacoma

— «As raparigas usam uns brincos grandes de missanga [...] chamam *dacoma*» —[1].

daião, adaião, deão, dião

Daião é directamente derivado do francês *doyen* (=[...] antes, *doiẽ*), o qual procede do latim *decanus*, que em portu[...] deveria ter dado *degão*. Conseguintemente, a forma mo[...] *deão* é encurtamento de outra intermedia, *deiao*, a qu[...] contraiu em *dião*, que deveria ser a escrita portuguesa. [...] *pior* (q. v.).

O *a* de *adaião* é difícil de explicar: «á vista de tod[...] celebraram os esposoiros entre El-rei e a Rainha, nas mi[...] um Daião de Évora, que servia a El-rei de seu físico» —[2].

dáimio

O Novo Diccionario não marca o acento neste voc[...] composto japonês, o que, segundo o sistema de acentuação [...] fica nele usado, quere significar a acentuação *daimio*. Esta [...] tuação porém é errónea. A verdadeira em japonês é *daim*[...] quando muito *daimiô* (*dai-miyau*).

Compõe-se esta palavra dissílaba de *dai*, «grande» e *m*[...] (*miô*), «excelente», e no composto o acento tónico é atraído [...] a sílaba mais longa, a qual é a primeira, por conter diton[...]

Daimio era o título que competia a um cabo de gu[...] cujo rendimento anual excedesse dez mil *cocos* (*koku*) de [...]

---

[1] Jornal das Colónias, de 18 de julho de 1903.

[2] Rui de Pina, Cronica de El-rei Dom Afonso V, cap. LXXV[...]

[3] V. Etude phonetique de la langue japonaise, Lips[...] § 111.

porque a riqueza de cada um, bem como os proventos, tinham por unidade a quantidade de arroz a que montavam as suas rendas. Os dez mil cocos de arroz equivaliam a uns vinte e cinco contos de reis [1]. Até muito recentemente os funcionários públicos eram pagos, pelo menos nominalmente, em arroz, no Japão.

Este vocabulo é de introdução recente em português, para onde veio por via indirecta, provávelmente francesa, por intermedio dos periodicos.

Os vocábulos japoneses de importação directa são poucos, e entre êles *bunzé (q. v.)*, *biombo*, *bonzo*, *catana*, *chávena*, *quimão*, *(kimono)*, *funé*, e poucos mais. *Biombo*, *catana (q. v.)*, entraram no tesouro comum da língua; *quimão*, do qual, por influencia de *queimar*, é variante a forma *queimão*, é ainda usado no oriente, e mesmo na Africa Oriental Portuguesa; *bonzo* tem emprêgo muito restrito, continuando a designar «frade budico»; *funé (q. v.)*, «navio», só foi empregado com referência ao Japão [2].

Objectos que do Japão importámos, mas sem o nome, são «japona», femenino do adjectivo *japão*, «japonês», designando uma especie de «jaquetão» ou «camisola»; a *capa-de-chuva*, *coroça (q. v)*, *palhoça*, *capa palhiça*, que tantos nomes tem, e que em japonês se denomina *hama-kátsupa*, pronunciado *hama-kappa*: convindo notar que a palavra *kappa*, é portuguesa. Outras palavras portuguesas, que deixámos no Japão, são *pan*, «pão», *tabáku*, «tabaco», *berúdu*, «veludo»; e poucas mais serão.

dala

O Diccion. Contemporaneo dá duas acepções a êste vocábulo, que parece de orijem germánica, do baixo-alemão, pro-

---

[1] V. Hofmann, Japaansche Spraakleer, 1867, com uma versão inglesa.

[2] António Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 53 e 54.

vávelmente. Como termo de bordo, diz ser — «calha adjacente á muralha do navio, para dar vazão á agua» —, e com significado mais geral, — «terreno, caminho entre montanhas» —. O Novo Dicc. diz, pouco mais ou menos a mesma cousa. Na última acepção é o inglês *dale*, sueco *dal*, «vale»; e não é natural que os dois significados sejam de um só vocábulo germánico orijinario.

Não é, porem, nenhuma destas significações, já dadas, a primeira das quais fôra apontada por Bluteau [1], que eu vou consignar aqui, mas sim aquela que tem no Pôrto, convém saber «mesa de cozinha, com tabuleiro de pedra, ou lousa». Neste sentido parece ser o francês *dalle*, «laje», a que tambem se atribue orijem germanica [2].

Emquanto investigação ulterior não demonstre pertencerem êstes três significados a um só vocabulo, de que sejam desenvolvimento ideolojico, devem êles ter inscrições separadas nos dicionários.

danda

Termo da África Oriental Portuguesa, que no Jornal das Colonias, de 18 de julho de 1903, vem assim definido: — «pequeno trapo com que [os negros] tapam as partes» —.

daroez, daroês, daruez, darviz, darvizio, dervixe, derviche

Qualquer das três primeiras formas é lejítimamente portuguesa; *derviche* é que nunca o foi na pena dos nossos escritores, que de perto conheceram esses frades mocelemanos.

Bluteau, citando Godinho, Viagem da India, aduz as formas *darviz*, *darvizio*, com remissão a *derviz*, onde nos dá mais *der-*

---

[1] Vocabulario portuguez e latino.

[2] H. Stappers, Dictionnaire synoptique d'étymologie française, Paris, n.º 3062.

[illegible]sio, que parece preferir, abonando-se com a HISTORIA UNIVERSAL de Frei Manuel dos Anjos.

Não tenho à mão êsses dois autores para me certificar se êles assim escreveram o vocábulo, e se, como suponho, o u ali vale *u*, ou, pelo contrario, *v*, como Bluteau o interpretou. O que sei é que a forma portuguesa anterior é *daroez*, ou *darnês*, se quiserem, que representa a arábica-persiana DARUIX. A forma *derviche* foi tomada do francês *derviche*, que deve representar pronuncia turca do vocábulo, pois é em turco que existe o *v*, e não em arabe, ou persiano. Quando mesmo, porém, se adoptasse a pronúncia turca do vocábulo, deve êle escrever-se com *x*, *dervixe*, e não com *ch*, que é transcrição francesa, mas não peninsular, do *xin* do respectivo abecedário.

Modernamente restabeleu-se a forma portuguesa *daruez*:— «tem a Turquia os seus daruezes» [1].

Abonações do vocábulo são, por exemplo, as seguintes:—«bom e fiel daroez — daroezes da casa de Meca» — [2].

data: dádiva

É sabido que êste vocábulo é um latinismo, o participio passado passivo do verbo dare, e quere pois dizer «dada». Com referência a tempo substantivou-se *data*, como em castelhano [illegible] *[illegible]cha* forma antiga correspondente à moderna *hecha*, [illegible] de *hacer*, como *fecha* o era de *facer*, correspondente ao latim facta de facere; nenhuma relação tendo, [illegible] supor-se, visto dizermos *fecho de carta*, com o [illegible] substantivo *fecho*, que são pestulum e pes[illegible] latinos, em galego *pechar*, *pecho*, diferente de *pe[illegible]* [illegible]mo, de *pectare*, «pagar», latim bárbaro muito

---

[1] [illegible] Educação e Ensino», 1892, DO ESPIRITO DAS ORDENS [illegible]

[2] Fernão Mendez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. XXXI e LIX.

[3] [illegible], DICCIONARIO GALLEGO, Barcelona, 1876.

frequente na nossa antiga lejislação, bem com a sua forma portuguesa *peitar, peita* [1], que lhe corresponde. A forma *pecha* portuguesa é tambem castelhanismo, como já advertiu Viterbo [2], quer signifique «paga», quer «defeito».

O vocábulo *data*, além da acepção apontada, tem outras, que tambem se relacionam com a significação primordial de «cousa que se dá», como se pode ver no CONTEMPORANEO: — «data de agua, de bofetões, de impropérios» — e ainda — «porção, dose» — sendo êste ultimo o vocábulo grego DOSIS, que significa «dádiva».

No sentido de «dádiva» vemos empregado *data*, nas BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, do Padre António Francisco Cardim — «divertiu da data» — [3], «recusou a dadiva».

A forma *dadiva*, à qual Frederico Diez [4] atribui por étimo o latim datīua por donatiua, com mudança de acento da 2.ª para a 1.ª silaba, é pelo povo pronunciada *dávita*, ou por influência de *dívida*, ou porque seja esta a forma orijinária da palavra, que também existe em castelhano, e portanto com outro étimo, por emquanto desconhecido; ou porque na realidade se dêa uma metatese das iniciais das silabas postonicas do esdrúxulo, como acontece na deturpação vulgar *diajolo*, por *diálogo*, em razão de se ouvirem mal as duas silabas atonas de um vocábulo douto, que o povo não sabe identificar com outro da sua linguajem vernácula.

decorar, de cor; decorar, decoramento, decoração

O verbo *decorar* tem dois significados enteiramente distintos, aos quais correspondem étimos diversos, devendo portanto separar-se nos dicionários em duas verbas diferentes.

---

[1] Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO.
[2] *ib, sub voc.* **pechoso.**
[3] Lisboa, 1894, p. 145.
[4] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1870, II, 6.

O primeiro, na lingua antiga único, provém da expressão *aprender de cór*, quer êste *cór* seja o latim cor, cordis, «coração», como até muito recentemente se afirmava, principalmente por se lhe comparar a expressão francesa *par cœur*, ou a inglesa *by heart*, que parece tomada à letra do francês; quer a locução *de cor*, castelhana *de coro*, proceda de se aprender de memoria por ouvir repetir por muitos uma leitura, um preceito qualquer, como opina, se não estou enganado, Rufino José Cuervo, com muita probablidade. Confirmação dêste modo de ver seria o seguinte passo: — «y a los que saben escrivir mando que las escrivan, e sepan de coro» — [1].

Efectivamente, sendo corde o tema da voz latina e derivando-se dêle *acordar, discordar*, note-se, e *recordar*, que equivale a «passar pela memória», é natural que, a provir de cor, cordis a locução *de cor, de coro*, ela fosse *de corde*. Nem obsta à etimolojia proposta a perda do *o* final de *côro* em português, visto que a expressão castelhana *de coro*, hoje substituida em jeral por *de memoria*, não pode ter orijem diversa da portuguesa; e por outra parte Gil Vicente empregou *for* por *foro*, castelhano *fuer*, por *fuero*, no formosissimo AUTO DA ALMA: —

Diabo — Ainda é cedo pera a morte;
Tempo ha de arrepender,
E ir ao ceo.
Ponde-vos a for da côrte,
Desta sorte
Viva vosso parecer,
Que tal naceo.

É possivel mesmo que o francês *par cœur* seja alteração ortográfica de *par chœur*, «em côro».

Outra hipótese é igualmente plausivel: uma forma latina popular cor, coris, por cor, cordis, daria orijem ao italiano

[1] «Carta do Padre Mestre Francisco Xavier aos Irmãos de Roma», in MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, Lisboa, 1894.

cuore, ao francês *cœur*, ao português *cór* [1], castelhano *cuer* «coração»; e a locução *de coro* castelhana seria outra forma *corum*, como *fuer*, português *fór*, é o latim *forum*.

O segundo significado do verbo *decorar* é «ornar», e procede do latim decorare, que já tinha a mesma significação como derivado de decus, decoris, «enfeite». É vocábulo de orijem artificial, relativamente moderno na língua, visto que Bluteau o não inseriu, conquanto incluísse no VOCABULARIO o substantivo *decoro*, que, diga-se de passajem, se deve pronunciar *decóro*, e não *decôro*, visto ser vocábulo erudito, e em latim lermos *decōrum* e não *decŏrum*, o que já adverte o SUPLEMENTO ao NÔVO DICCIONÁRIO, comparando *fórma*, palavra douta, com *fôrma*, de orijem popular; *decóro* acentuam Bluteau, Roquete, etc.

O substantivo de acção e resultado, derivado dêste verbo, é *decoração*: todavia José Leite de Vasconcelos usou *decoramento*: — «O decoramento do palco precede sempre a chegada do actor» — [2].

Equivale aqui *decoramento* a *cenário*, italianismo, e ao que os franceses chamam *décor*, palavra cujo emprêgo em português é galicismo escusado e modernissimo, só empregado por quem quere finjir que desconhece a língua da sua pátria, e naturalmente lhe atribui pobreza, que só existe para quem a não estuda como deve.

defender; delivrar

Quem hoje empregasse êste verbo no sentido do francês *defendre*, «proibir», seria apodado de galicista; e todavia nessa mesma acepção a palavra é pelo menos tam antiga em português, como a CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, de Rui de Pina: — «alguns requereram ao Infante licença para ainda lhes

---

[1] Gil Vicente, AUTO DA LUSITANIA.

[2] PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 10.

trem no encalço, mas o Infante o não consentiu, antes lho defendeu, dizendo que os leixassem ir embora» —[1].

Outro tanto acontece com *delivrar*, que o cronista emprega no sentido do *délivrer* francês: — «Dormiu El-rei ali aquela noite, e ao outro dia alegre e contente se tornou a Pena-Fiel, e trouxe preso o dito conde, cuja guarda encomendou ao conde de Penelas, que o teve emquanto não foi delivrado» —[2].

derreto

Esta forma verbal substantivada tem um significado muito especial no lugar de Nossa Senhora das Mercês, concelho de Sintra: — «Pelas 3 horas da tarde começaram chegando as moçoilas, que se dispunham a tomar assento no tradicional muro do *derreto*, esperando ali os seus *conversados*» —[3].

O significado é «namôro», «galanteio».

desastrado, desastre, (des)astroso

O Nôvo Diccionario e o seu Suplemento corrijem o adjectivo *desastrado* em *desestrado*, a que dão por étimo *estro*, alegando, em favor da correcção, *desestrada* no Romanceiro de Garrett, *desestrado* e *desestramento* em Francisco Manuel do Nascimento. Nenhuma abonação mais antiga apresentam, e o facto é que nem estas duas, nem outras modernas que se pudessem aduzir poderiam desterrar a forma *desastrado*, única dada por Bluteau e aprovada pelos lecsicógrafos portugueses posteriores a este, o maior de todos, que subordinou o adjectivo *desastrado* a *astro* na definição que deu: — «Infelice, e em certo

[1] cap. CV.
[2] *ib.* cap. CLXXX.
[3] O Seculo, de 23 de outubro de 1905.

modo Desfavorecido dos Astros, ou sem favoravel Estrella» étimo que repete em *desastre:* — «*Des* negativo... A outra palavra é Astro, que quer dizer *estrella*, e assi *Desastre* querá dizer *sem estrella*» —.

Esta etimolojia ainda não foi desdita por etimologo ou romanista algum, e é confirmada por outro adjectivo derivado de *astro*, *astroso*, «infeliz», tanto em castelhano [1], como em português, e cujo derivado negativo *desastroso* é comparável a *desinquieto*, *desmazelado*, *desábado*, e ao popular *desinfeliz*, por *infeliz* em que o preficso *des*, com ser pejorativo, não implica a idea oposta à que é expressa pelo vocábulo a que se junta.

Às abonações modernas de Filinto e Garrett basta contrapor a abonação antiga de Gil Vicente na peça O Velho da Orta: —

Se os jóvenes amores
Os mais tem fins desastrados — .

É ela suficiente para provar que a forma *desestrado* é um enfraquecimento posterior de silaba átona, comparável a *fantesia* por *fantasia*, *cámera* por *cámara*, popular *estifeito* por *satisfeito*, *castinheiro* por *castanheiro*, apesar de *castanha* ser [illegible] vocábulo inseparável, etc.

Sem nenhuma destas razões, porém, em abono de ser *desastrado* a forma correcta, e derivada de *desastre*, ou de *astro*, como *astroso* e *desastroso*, o simples raciocínio está a indicar que de *estro*, palavra relativamente recente, grega e ultra-literaria, que jamais desceu ao domínio da linguajem vulgar, onde é totalmente ignorada, se não poderia ter derivado, antes da sua adopção pelos doutos, um adjectivo antigo, de uso trivial e que

[1] Em castelhano antigo encontra-se o adjectivo *astrosa*, oposto a *fermosa*, nos seguintes versos dos Denuestos del agua y el vino, de Lope de Moros: — «antes amariyella y astrosa | agora uermeia e fermosa» [in Revue Hispanique, xiii, p. 615].

toda a gente, por mais rude que seja, entendeu e entende, empregou e emprega, acomodando-o, há certo tempo, à mais fácil enunciação *desestrado*, imitada por Filinto e Garrett.

Astro foi vocábulo tam conhecido do povo, provávelmente com a forma *astre*, de importação francesa, tanto em português, como em castelhano, que operou a transformação de stella latino no português (e castelhano) *estrêla*, *estrella*, fazendo que a *estela* se acrescentasse um *r* que stella não tinha.

Mas não fica só nisto o improvável do étimo *estro*, que se propõe. O vocábulo *desastre* existe; existiu o verbo *desastrar*, de que *desastrado* é o particípio passivo, que se adjectivou como tantos outros, a bem dizer, os mais dêles: *estro* é o latim oestrus, vocábulo tomado do grego OISTROS, «moscardo», «tavão», que os gregos, por metáfora, aplicaram a qualquer estímulo exajerado, e depois à inspiração, à veia *profética*, e daí à veia *poética*, no que os romanos, seus copistas, os imitaram. Neste sentido é ou foi a palavra *cucaracha*, «bicho-de-conta», empregada na América Espanhola, na quadra seguinte, que se canta, ou cantava, para expressar que o entusiasmo se apoderara do cantador: —

¡Ay que me pica,
ay que me araña
com sus patitas
la cucaracha!

Em locução analoga dizemos em português de um indivíduo disparatado, sujeito a repentes, que por veneta diz ou faz uma loucura, *está com a mósca, deu-lhe a mósca;* e, desculpem-me os poetas, o estro para os gregos e para os romanos era um repente, uma *veneta*, a manifestação de uma faculdade fora do normal, um condão de poucos e de loucos.

A orijem da locução *está com a mósca* pode ver-se em Bluteau: o caprichoso é por metáfora comparado ao cavalo picado pelo tavão.

Ora, um indivíduo *desastrado, desmañado*, como dizem os

espanhóis, *desjeitoso*, não tem tal defeito, por ter *estro poético*, nem o adjectivo se aplica popularmente a um qualquer *versador*, senão quando êle tem para *versar* pouquíssimo jeito.

Exemplo frisante do verdadeiro valor da palavra *desastrado* encontra-se no seguinte passo: — «alguns vasos de barro, desmaiado, que desastradamente se quebraram» —: isto é, por *descuido* ou *casualidade*.

Havia de ser curioso o querer explicar esta acepção, que é a mais comum, pelo grego *estro* [1], «môsca», ou «veia poética».

Não é portanto *desastrado* o indivíduo falto de *estro*, mas sim aquele a quem falta *habilidade, jeito*, ou cujas acções teem mau resultado, que nasceu com má estrêla.

Desastrado significa também «desairoso», «mal feito de corpo», e nada disto tem que ver com *estro*, vocábulo, repito, que a maioria das pessoas, mesmo de mediana cultura desconhece absolutamente [2], em qualquer acepção que seja.

Disse antes que a forma *desastre* revelava influência francesa, tanto em português, como em castelhano. Efectivamente, como em italiano se diz *disastro*, em que a palavra *astro* não sofrea modificação na vogal final, necessário se torna averiguar porque essa alteração se manifestou nas duas línguas hispânicas, nas quais ao *-um* latino corresponde *-o*. Comparando outros vocábulos portugueses em que se observa a mesma alteração, tais como *milagre* ¦ mirac'lum, segre (antigo) ¦ saec'lum, *monje* ¦ monachum, vemos que se produziu modificação idêntica, e que, por outra parte, eles patenteiam alteração de consoantes, que não é a normal, visto que os vocábulos dos tipos graculum, speculum, são *gralho*, *espelho*, e monachum deu primeiro *mónago* [3] (cf. o castelhano *monigote*, *monaguillo*), ou, se de segunda formação, *bágo(o)* ¦ baculum. Houve pois in-

---

[1] O ECONOMISTA, de 20 de março de 1892.

[2] V. R. Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, Suplemento.

[3] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in REVISTA LUSITANA, III, p. 174.

fluência que perturbou a evolução natural, ou aquelas palavras não provieram directamente do latim.

Entre as linguas románicas que unificaram em *e* surdo postónico o *o* e *u* románicos são a francesa e a provençal as que sobressaiem: é lójico, pois, atribuir a essa procedéncia imediata os vocábulos *milagre, segre, monje*; e com efeito, tais vocábulos aparecem em francês com as formas *miracle, siècle*, e *monje* com a forma *monge* em provençal. Em *milagre* deu-se metátese mútua de *r* e *l* (cf. o castelhano *milagro*), e em *segre* a mudança de *l* em *r* para formar ditongo consonantal português (cf. *grude* | gluten): *monje* é reprodução fiel do provençal *monge*, como é evidente, conquanto haja outra forma, também provençal, *móneque*, e seja talvez licito supor que *monge* seja mais francês que provençal.

Em português antigo há a palavra *mogo*, a qual, conforme o Elucidario de Viterbo [1], significava «marco divisório», termo que perdura no onomástico corografico, já no singular, já no plural, só, ou acompanhado de epitetos, como, por exemplo, *Mogo de Anceães*.

Júlio Moreira [2] relacionou *mogo* com *mogote, magote*, parece-me que sem fundamento, atribuindo-lhe um étimo vasconço *muga*, com o mesmo significado, conforme Frederico Diez [3], e que na realidade foi admitido no dicionário de Van Eys [4]. Eu, porém, estou inclinado a supor que *mogo* é a forma portuguesa do latim monachum, e que a aplicação dêste termo a um marco ou sinal de divisão de terrenos, naturalmente pedra erecta, é perfeitamente análoga à que se fêz, em Lisboa pelo menos, da palavra *frade*, a designar uma coluna de pedra, da

---

[1] Santa Rosa de Viterbo, ELUCIDARIO DOS TERMOS E FRASES QUE ANTIGAMENTE SE USÁRÃO, Lisboa, 1798.

[2] REVISTA LUSITANA, IV, p. 268

[3] ETYMOLOGISCHES WORTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, II, b.

[4] DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873.

altura de um metro, pouco mais ou menos, e cujo remate superior arredondado se assemelhava à cabeça tonsurada de um frade. Ainda hoje em dia se vêem alguns em ruas, contornando praças, adros, ligados, ou não, entre si por correntes de ferro.

A palavra *moço* foi ao depois substituída por *monje*, francesa ou provençal, como *segre*, e o adjectivo dêle derivado *segral* ainda usados por Gil Vicente, cederam o lugar aos latinismos *século*, *secular*.

desbulhar, debulhar

O povo diz *desbulhar*, os cultos *debulhar*, forma a que já Bluteau deu a preferência, conquanto cite a outra, que quási desapareceu dos dicionarios portugueses. Pois é o povo quem diz bem (como quási sempre acontece, quando os vocábulos pertencem à sua linguajem habitual), visto que o étimo é o latim de-expoliare ou dis-spoliare [1], com dois *ss* em vez de um. A forma *desbulhar* corresponde à castelhana *despojar*, que com outro sentido entrou em português: cf. as acepções do verbo francês *depouiller*, que tem a mesma orijem, e o português *filho* com o castelhano *hijo*.

A simplificação de *desbulhar* em *debulhar* é analoga à de *despois*, forma antiga, ainda hoje a única popular, em *depois*, que é a exclusiva literária. Em castelhano, porém, não se conhece outra que não seja *despuès* ⌈ de-ipso-postea [2].

D. Carolina Michaëlis atribuiu a *debulhar* o étimo de-pileare, que também me parece provável.

Com *desbulhar* é conecso *esbulhar* ⌈ expoliare.

---

[1] F. Adolfo Coelho, DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA.

[2] G. Korting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1891, n.º 2401.

desconfiar, desconfiado

Na linguajem usual êste adjectivo quere dizer «que não tem confiança», «que receia ser enganado», por uma particularidade gramatical peninsular, que atribui a particípios passivos significação activa, como *esquecido*, «aquelle que esquece», *atraiçoado*, «aquele que atraiçoa», etc. Está neste caso o vocábulo *desconfiado*, no uso comum de hoje, pois quere dizer, não «aquele de quem se desconfia», mas sim, «quem desconfia», em francês *méfiant*, particípio activo de *(se) méfier*.

No uso antigo, todavia, *desconfiado* tinha outra acepção, que correspondia ao que hoje dizemos *desenganado*, *desesperançado*, e que em castelhano se expressa com o particípio *desahuciado* | *de-ex-ad-fiduciatum*, de fiducia, «confiança», o antigo *fiúza* português: — «chegou muito doente, esteve desconfiado, recebeu os Santos Sacramentos» [1].

Hoje diríamos: «esteve desenganado».

Em sentido analogo usou-se também *desesperado*, equivalendo a *desesperançado*, como se vê neste passo da Cronica de El-rei Dom Afonso v, de Rui de Pina: — «E destas voltas de fortuna que a Rainha D. Lionor viu padecer aos Infantes seus irmãos, foi da esperança que nelles tinha desesperada de todo» — [2]; e na «Relação do naufrajio da nau Sam Tiago», de Manuel Godinho Cardoso: — «assentou o mestre... que se mandasse aquella almadia, porque soubesse o que lhe tinha acontecido, porque não desconfiasse de todo» — [3].

Ainda hoje se diz de um doente, que está *em estado desesperado*.

---

[1] Antonio Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 95.

[2] cap. LXXXIV.

[3] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. XLIII, p. 116.

desistória

Êste pitoresco vocábulo parece ter sido inventado por Fr. Gaspar da Cruz, não está colijido em dicionário nenhum, que eu saiba, e significa «patranhas», «contos»: — «Porque, além do que está dito, tem (os frades budistas na China) muitas desistórias e mintiras gentílicas de homens que se tornaram cães, e depois se tornaram em homens, e de cobras que se tornaram em homens, e outras muitas ignorancias» [1].

desleixado, desdeixado

A forma antiga do verbo *deixar* era *leixar*, de laxare = *lassare*, latino, com vocalização do *c* em *i*, como em *seixo* (saxum = *sacsum*, e palatalização do *a* em *e*, e do *s* em *x*, por influência dêsse *i*, vogal palatal.

A partir do século XVI prevaleceu a forma *deixar* equivalente à castelhana *dexar*, hoje *dejar* (= *deqar* [2]), que se diz provir de de-laxare, etimologia que oferece grandes dificuldades em castelhano, visto que nesta língua o *l* entre vogais permanece.

Memória das duas formas portuguesas *leixar* e *deixar*, são os dois adjectivos *desleixado* e *desdeixado*, que teem, ambos, a significação de «neglijente, descuidado».

deslumbrar

Esta palavra, e seus derivados, assim como *vislumbre*, são de orijem castelhana, visto que é nesta língua, e não em portu-

---

[1] «Tratado em que se contam muito por extenso as cousas da China», cap. XXVII. A 1.ª edição é de 1569; servi-me da Rolandiana de 1829, que é a 2.ª

[2] O símbolo *q* representa aqui a fricativa surda póstero-palatal, valor do *j* castelhano actual.

guês, que o latim l u m i n e m produziu *lumbre*, com mudança de *n* em *r*, e intercalação de *b* entre estas duas consoantes, como aconteceu com *hombre* ¦ h o m i n e m, em português *lume*, *homem*, popular *ome*; e digo l u m i n e m, acusativo masculino, porque l u m e n, acusativo neutro, deu *lume* em português, e não podia produzir *lumbre* em castelhano.

Mudança de género gramatical idêntica temos de atribuir u i m e n para u i m i n e m, para explicarmos a forma castelhana *mimbre*, correspondente à portuguesa *vime*.

Alteração de *n* em *r* com perda da vogal *i* se deu também em castelhano no vocábulo *fembra*, moderno *hembra* ¦ f e m i n a, que em português deu *fêmea* ¦ *femena* por f e m i n a, com perda do *n* entre vogais, que é de regra: cf. *cheio*, antigo *cheo* ¦ p l e n u m, em castelhano *lleno*.

Com *deslumbrar* se relaciona o castelhano *alumbrar*, que em português é *alumiar*.

desmaio, desmaiar, desmaiado

Actualmente *desmaio* equivale a *deliquio*, e *desmaiar* a «perder os sentidos» o que em francês se diz *perdre connaissance*, *s'évanouir*.

Antigamente, porém, *desmaiado* quis dizer «desanimado»: —«Ficou o principe Tai senhor do campo com a morte dos rebeldes, e elle favorecido do pai, jurado principe e herdeiro do reino, d e s m a i a d o s os competidores, obedecido e temido de todos»—[1].

É êste ainda hoje o significado do inglês *dismay*, que, assim como as formas hispânicas, parece provir de um radical germânico *magan*, que vive ainda no inglês *may*, no alemão *mogen* e *macht*, e cuja significação é «poder».

---

[1] A. F. Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 143.

O adjectivo *desmaiado*, com aplicação a côres, equivale a *desvanecido*, «pálido»:—«Amarante, 15. Ha dias, por excavação, appareceram em Paschoaes, na margem direita do Tamega, alguns vasos de barro desmaiado, que desastradamente se quebraram»—[1].

Exemplo de *desmaio*, «desânimo», como em inglês, vê-se em Rui de Pina:—«E os seus que leixou, como souberam da sua partida... foram postos em grande desmaio, e cada um como pôde se apressou de o seguir, não sem grande desmando e nenhum acôrdo»—[2].

desmochar, desmoche

—«Chamam-se *desmochadas* ou *encabeçadas* aquellas arvores, em que se decotou o tronco a pequena altura, de ordinario a 3 ou 4 metros ou no ponto em que se bifurca, conservando-se depois só os ramos que nascem na sua parte mais alta, os quaes são submettidos a córtes periódicos, vindo o tronco a formar em cima, passados annos, uma cabeça ou grossura bastante volumosa... e desta mutilação [a *escamonda*, *q. v.*], ainda mais do que dos desmoches, arruinar muito as arvores e estragar a madeira»—[3].

desvisgar

—«A distancia estão occultos o chefe da armada [*q. v.*] e um ou mais ajudantes, encarregados de preparar e pôr as varas e apanhar as aves, a que aquelle cuidadosamente desvisga as azas com terra... é raro que a ave, obedecendo ao chamo [*q. v.*]

1 O Economista, de 20 de março de 1892.
2 Cronica de El-rei Dom Afonso V, cap. CV.
3 Gazeta das Aldeias, de 11 de março de 1906.

não vá, depois de dar algumas voltas, pousar no ramo, onde a traidora vara se lhe prende ás azas, tolhendo-lhe o vôo» —[1].

V. **visgo.**

deúdo

São já raros os participios em *-udo*, que na língua antiga, eram os próprios da 2.ª conjugação.

Com valor de participios apenas me ocorrem *teúdo e manteúdo*, numa frase já feita, antiquada, mas ainda não de todo desusada: «um cão atravessado, teudo e manteudo Ganymedes de um fidalgo» —[2]. Em Rui de Pina vemos ainda *teúdos*[3] e *deteúdos*[4], em Fernam Méndez Pinto *reteúdos*[5], como se vê, todos derivados do verbo *ter*. De outros verbos, vemos *conheçuda* numa carta de 1308, publicada na REVISTA LUSITANA: — «Coñaçuda (*aliás*, conhoçuda) cousa seya» —[6], e no Alentejo *deúdo* | *debutum*, por debitum[7], italiano *dovuto*.

Com valor de substantivos subsistem alguns dêsses participios, como provincialismos: *mexuda*, «papas de milho» (Beira-Baixa), *Temudo*, como apelido.

Ao mesmo passo que a terminação *-udo* é já rara, na formação de participios passivos, ou de adjectivos verbais, tem ainda vitalidade em adjectivos derivados de substantivos, como *peludo*, de *pêlo*, *felpudo*, de *felpa*, *cabeludo*, de *cabelo*, *trombudo*, de *tromba*, etc.

Do participio *debutum* derivou-se em castelhano *deúdo*, actualmente *déudo*, no sentido de «parente», português antigo

---

[1] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 96.

[2] O SECULO, de 6 de julho de 1904, Bulhão Pato.

[3] CHÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXXXI.

[4] *ib.* cap. XXXVII.

[5] PEREGRINAÇÃO, cap. CXCVI.

[6] Vol. III, p. 294.

[7] *ib.* vol. VIII, p. 39.

divido ¦ debitum, «parentesco muito chegado»:— «e assi por elle ter com a rainha divido mui conjunto» —[1].

devasso, devassar, devassa

Este adjectivo, em sentido material, diz-se do que «não ajusta bem, está sôlto»; é o contrário de *pêrro*, que significa «preso em demasia, apertado, que se não move, ou não cede».

Em sentido moral aplica-se o adjectivo, já como tal, já substantivado, a pessoas, a costumes «soltos, dissolutos».

Na Crónica de El-rei Dom Afonso v, de Rui de Pina, êste adjectivo está empregado na acepção de «aberto, livre, desembaraçado», que perdeu no uso moderno: — «porque o lugar em que estava era campo devasso e sem disposição de se poder defender» [2]. Cf. *devassar*, «descubrir, examinar», *devassa* «inquérito».

diabo-a-quatro, diabrura

— «Punham antigamente em scena peças sacras em que.. faziam apparecer *diabos*... intitulavam-se *Pequena diabrura* — *Grande diabrura*... na *grande-diabrura*... era de rigor apparecerem sempre quatro diabos...» —. Esta informação que é uma definição completa, lê-se no jornal O Bocage, n.º 13, citado na «Revista Lusitana», vi, páj. 128.

Hoje são frequentes as expressões *o diabo a quatro*, *levado do diabo*, que assim ficaram explicadas.

A forma *diabo*, corresponde à antiga *diaboo* ¦ diabolum, com supressão do *l* intervocalico; *diabrura* provém de outra forma do mesmo vocabulo *diabro* ¦ *diab'lum*, com a mudança de *l* em *r*, normal em português nos grupos de consoantes lati-

---

[1] Rui de Pina, Cronica de El-rei Dom Afonso v, cap. lxxiv.
[2] cap. cxx.

nas, das quais a 2.ª era *l* líquido, em palavras de orijem secundária; visto que, nas mais antigas, os grupos latinos *cl*, *fl*, *pl* produziram *ch*, quando iniciais, *chave* | clauem, * *chor* | florem, *chão* | planum, ou depois de consoante, como *macho* | masc'lum, e *lh*, quando intervocalicos, *coelho* | cunic'lum.

dico

Na África Oriental Portuguesa, «cabaça que serve de copo»: v. **cali** [1].

diro

Na África Oriental Portuguesa «prato de pau»: v. **cali** [2].

diserição, discreção

O Diccionário Contemporaneo foi o primeiro, e era de esperar que fosse o último, a dar cabida à segunda destas formas, mandando porém, entre parêntese, que ela seja pronunciada *discrição*. Para quê se alterou a escrita dêste vocábulo, que figurara antes em todos os dicionários da língua, é o que se não sabe: o que porem se sabe e se vê é que tal mudança é disparatada. Efectivamente, se a pronuncia tem de ser com *i*, e não com *e* surdo na segunda sílaba, nenhum motivo plausivel milita em favor da escrita com *e*. Êste vocábulo *discrição* está para *discreto*, como *profissão* para *professo*, como *procissão* para *processo*, como *prisão* para *preso*, etc., e não creio que alguém aconselhe a que se escreva *professão*, *processão*, *presão*, apesar do *e* da segunda sílaba dos adjectivos correspondentes: cf. ainda

[1] Jornal das Colonias, de 4 de julho de 1891.
[2] *ib.*

confissão e *confesso*, não obstante o castelhano *confesion*, logo ao português antigo *confessão*, que ainda lêmos na PEREGRINAÇÃO [1] de F. Mendez Pinto.

Estas formas seguiram a analojia de outras, como *çao*, *petiçao*, *demissao*, *comissão*, e tantas mais.

Abonar a forma *discriçao* com autores classicos fôra fácil; o que havia de ser difícil era encontrar neles o barbarismo *creçao*, que deverá quanto antes ser desterrado da escrita portuguesa, pois a adopção de tal forma ortografica patenteia completa ignorância da história da lingua e do seu desenvolvimento.

Como porém tal escrita é um desacêrto, tem-se propagado na imprensa diária, onde se tornou já chavão impertinente e sensato, quando não sofre ainda maior tortura, alejado em *creçao*.

Outro vocábulo, que na pronúncia do sul, em que o s de sílaba é palatalizado, se confunde com êste, é *descrição*, ortografia clássica escrito com *p*, *descripção*, do latim descriptionem | descriptum | describo.

Neste porem o prefixo é *des-*, e não *dis-*. V. A. R. Gonçálvez Viana, ORTOGRAFIA NACIONAL [2].

dizonho

Significa «respondão».

docíssimo

Na linguajem dos cultos o superlativo de *doce* é *dulcíssimo*, por uma reversão artificial ao étimo latino dulce. No es

---

[1] cap. CCXV.

[2] Lisboa, 1904, p. 78 e 80.

vê-se a forma *docíssimas laranjas* no Bosquejo de uma viagem no interior da Parahyba e de Pernambuco [1]. O povo, entre o qual se foi a pouco a pouco, desde o século xvi, difundindo a forma superlativa em *-íssimo*, não conhece essas derivações artificiais, e de *amigo, pobre*, por exemplo, forma *amiguíssimo, pobríssimo*, em vez dos latinismos *amicíssimo, paupérrimo*.

dójico

Êste vocábulo, o qual designa uma espécie de noviço nas confrarias budicas dos bonzos no Japão, não figura em nenhum dicionario português, nem tampouco francês, com a forma *dogique*, empregada pelo Padre de Charlevoix. É todavia necessário dar-lhe neles cabimento, visto encontrar-se em autores dos seculos xvi, xvii e xviii, que se lhe referiram, avisadamente romanizado, tanto numa, como na outra lingua.

Dois étimos se podem atribuir-lhe. O primeiro é a palavra japonesa transcrita por J. C. Hepburn [2] com a forma *dōgi*, a que dá a significação de — «a boy under 15 years, a child» — «moço de menos de quinze anos, menino». O segundo étimo possivel é pelo mesmo autor transcrito *dōgaku*, e explicado dêste modo: — «learning or studying together with the same teacher, the same studies, a schoolmate» —, isto é: «condiscípulo, aluno na mesma disciplina».

Ainda que à primeira vista o não pareça, atenta a forma da palavra, é o segundo étimo que devemos admitir como o verdadeiro, não só em razão do significado, mais conforme com a definição do vocábulo, mas também porque, sendo o *k* muitas vezes nulo entre vogais, em japonês, nas terminações adverbiais em *-ku*, resulta de *dogaku*, a pronunciação *dogo*, por isso que

---

[1] *in* O Seculo, de 8 de junho de 1900.

[2] A Japanese-English, and English-Japanese Dictionary, Toquio, 1887.

au se profere *ô*, forma perfeitamente concordante com o *dôjo* inserto no vocabulário de 1603 [1], e de que se derivou para português o adjectivo *dójico*, como do grego LÓGIOS, se derivou *lójico*.

O sinal (˅), ou circunflecso invertido, foi empregado pelos jesuitas portugueses que escreveram gramáticas, vocabularios etc., do japonês, assim como outros sinais diacriticos com outras aplicações, nas transcrições de vários idiomas asiáticos, para indicar o *o* longo aberto, visto que o circunflecso designava o *ô* fechado em português. Para o *u* longo usaram porém *ū*.

dolménico

Adjectivo derivado de *dólmen*, ou *dôlmin* como escreveu o Dr. Costa, palavra imediatamente tirada do francês, que artificialmente a derivou de uma lingua céltica. O correspondente português é *anta*, que designa uma construção tumular pre-histórica.

dolório

Em Sam Miguel (Açôres) quere dizer «desgôsto» [2].

dómaa, dóma

Era o antigo nome para designar a semana, do latim hebdomádam, no acusativo, em grego 'EBDÓMADA, com o mesmo significado que o latim septimana, que o substituiu, isto é, «sete dias»; literalmente: «relativo a sete».

---

[1] V. João de Freitas, SUBSIDIOS PARA A BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA, RELATIVA AO ESTUDO DA LINGUA JAPONEZA, Coimbra, 1905, nota.
[2] O SECULO, de 5 de julho de 1901.

domóvi, domovói

[Nó]vo Dicionário introduziu-se o primeiro dêstes vocá[bulos ...] foi colhido nos Elogios Académicos, de Latino Coelho, [...] declara. Está assim definido: — «espírito doméstico que, [...] mythologia moscovita, está velando de além do túmulo [... f]amília que fundou» —.

[E]ngano manifesto nesta definição, seja ela, ou não, de [... C]oelho, mas que pela redacção é evidentemente traduzida [...]s. Ha dois vocábulos russos derivados de *dom*, «casa»: [do]*móvĭ*, «doméstico, caseiro»: o outro é *domovói*, que [...]de a «trasgo», ao *elf* germánico, às *jens (q. v.)* do Al[...]ou-se pois confusão entre um e outro derivado.

doninha, dòninha

[Q]uanto na essência sejam o mesmo vocábulo, deminutivo [...] domina, o uso fê-los distintos, provávelmente porque, [... an]tiga acentuação dos deminutivos em *-inho* era dupla, [... ain]da o é no norte, por exemplo em *còvinha*, pronunciado [...]*ucinha* [...] *cova*, e como o é nos que são formados com o [...] *còvazinha*; ou porque êste nome do animalejo carni[...] veio do norte, com a sua pronúncia especial: desta [...] *dòninha*, e tam sómente êsse nome, deve de ser diferen[...] deminutivo consciente de *dona*, que é *doninha*, profe[...]l com *o* átono = *u*, *duninha*, pouco usado, mas existente. [...]o termo *dòninha* é indubitávelmente um deminutivo [...] no sentido antigo de «dama casada», por oposição a [...] dominicella, «dama solteira», provam-no a denomi[...] furão ou da *dòninha* em galego, *donacinha* [1], como

---

[1] Carolina Michaëlis de Vasconcelos, in Revista Lusitana, III, [...] [Cu]veiro y Arce, Dicc. gallego, Barcelona, 1876.

quem diria em português *donazinha*, e a da doninha em castelhano, *comadreja*, «comadrinha».

dor, dorido, dolorido, doloroso, doroso

Do substantivo *dor* derivamos hoje um adjectivo *dorido* que tem tambem uma forma *dolorido*, mais prossima da latina dolorem, da qual tirámos *doloroso*, mas a que na lingua antiga correspondia *doroso*, directamente derivado de *dor* — «suas continuas lagrimas e dorosas palavras davam claro testemunho do sentimento do seu coração»—[1].

duna

É galicismo êste termo; o português lejitimo é *médão (de areia)*. Infelizmente está já tam arraigado na literatura geral, para onde inconscientemente passou da científica incorrecta e falta de vernaculidade, que será já difícil expunji-lo: «De Aljezur ao cabo de Sines apparece-nos coroada de imponentes dunas»—[2]. Eis aqui exemplos de *médão*: — «Entre Douro e Neiva avultam os medões de A-vel-o-mar *(id est* A-vê-lo-mar)»[3]; e mais antigo: — «Vivem estes Reys arabios entre huns medões de area»—[4].

dundum, dunduns

É esta a escrita que convém adoptar, no singular e no plural, visto ser a única conforme com os habitos ortograficos portu-

---

[1] Rui de Pina, CRONICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XVII.
[2] Portugalia, I, p. 609.
[3] *ib.* p. 610.
[4] Godinho, VIAGEM DA INDIA, 109, citado por Bluteau, VOC. PORT. LAT.

eses, em harmonia com os quais se não escreve *m* antes de *d*, o *m* final se muda em *n* ao acrescentar-se o *s* do plural.

Esta palavra designa uma espécie de pelouro, ou bala de espingarda: — «O arsenal de Dum Dum, perto de Calcuttá, e depois os da metropole começaram a fazer grandes provisões de cartuchos com aquella bala» —[1].

O nome já agora está como está: mas aquela escrita *Dum Dum* inglesa quere dizer *damedame* na portuguesa.

durázio

Êste adjectivo, correspondente do castelhano *durazno* ¦ duracinum, indica, a respeito de frutos, um termo médio entre *mole* e *duro*, estabelecendo-se assim uma gradação de rijeza: *mole, malar, durázio, duro.*

O que é singular é dizermos de uma mulher para cima dos quarenta que é «*já durázia*», e nesta expressão a gradação estabelece-se às avessas, pois a que passou de *durázia* se denomina *madura*, estado de moleza a que se segue *sorvada* e *podre*, a fruta. Para prosseguimento da singularidade déstes epítetos, a *fruta verde* não se pode tragar, e faz mal à saúde: o que se quere é *fruta madura*: exactamente o contrário do que se apetece na porção mais formosa do género humano: quanto mais verde melhor.

ẽaugar

Êste vocábulo transmontano [2], de aspecto bastante singular, pois que é necessário pronunciar-se *ẽ* em hiato com o *u* de *augar*, é um derivado, mediante o prefixo *em*, do verbo *augar* ¦ *auga*

---

[1] O SECULO, de 12 de janeiro de 1900.

[2] Augusto Moreno, VOCABULARIO TRANSMONTANO (MOGADOURO E ...AÇÃO), in «Revista Lusitana», V, p. 45.

por *água*, pronunciação muito usual também em Lisboa, frequentissima no português falado até o XVII século, conforme o prova a escrita *augu(o)a*: o ditongo *au*, isto é, o *u* depois do *a* desenvolveu-se por eco, por influência proleptica, assimilação progressiva ao *u* liquido que está depois do *g*, como na forma popular se desenvolveu um ditongo *ãi*, na palavra *sangue*, proferida *sãingui*, em virtude da influência dêsse *i*, que substituiu o *e* surdo final. Confronte-se esta formação *ẽaugar* com o antigo *ẽader* correspondente do castelhano *añadir* { ad + in + addere, e o castelhano *enarenar*, com o português *arear*. Vocabulos de estrutura analoga são *bem-aventurado*, *bem-aventurança*, *em-aspreear*, *em-aspreamento*, nos quais se deve pôr uma linha divisória, para que se não leiam *be-maventurança*, *e-maspreear* etc. —«vendo que o mastro com a grossura e em-aspreamento dos mares os çoçobrava»[1] —. Morais transformou êste substantivo em *ensapreamento*[2].

A definição dada, *loc. cit.* pela REVISTA LUSITANA ao verbo *ẽaugar*, é a seguinte: —«(pronuncia-se: *im-au-gar*). —Apanharem [as creanças e as bestas: salva seja a comparança!] molestia que as faça definhar, ás creanças por não se lhes dar de qualquer coisa que nos vejam comer, e ás bestas por lhes não darmos também um *mordo* á entrada de uma porta em que parem, ou noutro sitio onde estejam acostumadas a comer. Diz-se de tres maneiras: *enaugar*, *augar* e *ougar*; e em contraposição, respectivamente: *desenaugar*, *desaugar* e *desougar*» —.

Aguar (pron. *águár*), *desaguar* são os vocabulos comuns. Com efeito nada há peor que ficar *aguado*, ou com a água na bôca

No hay desdicha mayor,
. . . .
que una esperanza fallida.

---

[1] Rui de Pina, CRÓN. DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. XXIX e LII

[2] V. J. Cornu, REVISTA LUSITANA, VI, p. 87.

Com *ēaguar*, reduzido a *aguar*, confronte-se o castelhano *enagenar* [inalienare, simplificado em *alhear*, moderno, mas cuja forma antiga era *enlhear* [1].

eça: v. **essa**

eclosão, eclusa

São dois galicismos modernos e absolutamente inúteis, *éclosion* e *écluse*: o primeiro, já censurado no Suplemento ao Nôvo Diccionário, é derivado de *eclore*, do latim exclaudere; o segundo imediatamente tirado de *exclusa*.

Em português são absurdos tais vocabulos, porque o *s* latino antes de consoante permanece nas línguas hispânicas, como em italiano, e de entre as românicas sómente no francês moderno (desde o século XVI) êle foi desaparecendo pouco a pouco, sendo as palavras em que ainda aí o vemos cópia recente do latim literal.

Se, à falta de outro termo, quando o não houvesse (que há, *açude*, do árabe AL-SUDE [2], « represa de água »), ainda era admissível o vocabulo francês, conquanto desconforme com a índole do nosso idioma, por ser preciso nome para construção tam freqüente em terra tam regada como a nossa: é absolutamente disparatado ir-se buscar já feito, e mal feito, um termo abstracto a uma lingua, cuja formação vocabular bastante difere da portuguesa, nas palavras de orijem latina principalmente. Em português diz-se *desabrochar*, quer como verbo, pelo francês *eclore*, quer como nome verbal, pelo francês *eclosion*. Infelizmente, não

---

[1] *enlheado*, em Rui de Pina, Cronica de El-rei Dom Afonso V, cap. CXXIV.

[2] João de Sousa, Vestigios da lingoa arabica em Portugal, Lisboa, 1830.

só como termo de nomenclatura botânica, mas também de nomenclatura zoolojica, em vez de *nascença*, vai-se difundindo a estravagante palavra: — «Nos dias immediatos á eclosão (nascimento) do insecto [gafanhoto]» — [1]. Quem isto escreveu convenceu-se de que *eclosão* era muito bom latim, e como tal, mais apto a substituir por termo mais fino o trivial *nascimento* ou *nascença]*, com que o explicou; porque, na realidade, para portugueses, que só saibam português, com ou sem latim, semelhante vocábulo é verdadeiramente uma charada mal feita.

É de sentir que os nossos professores e escritores técnicos sejam em geral tam pouco escrupulosos na vernaculidade da linguajem, empecendo dêste modo a criação e o desenvolvimento de verdadeira literatura científica, sem a qual a outra literatura é insuficiente para congraçar a ciência com o idioma nacional e fazer dêle uma língua culta. O facto é que a êste respeito quem pode não quere, e quem quere não sabe.

edu

O Nôvo Diccionário diz-nos ser *edu* uma árvore da Índia portuguesa, mas não abona o termo, nem dá maior explicação.

Não sei que árvore seja. Sebastião Rodolfo Dalgado, no Diccionario Komkaṇi-portuguez [2], traz um vocabulo, *eḷ*, com *l* cacuminal, e dá-lhe a significação de «cardamomo». Como êsse *ḷ* cacuminal, que não tem correspondente nas línguas da Europa, a não ser um som analogo em alguns dialectos escandinavos, costuma também ser expresso por *d* (e por *r*), é provável que seja a mesma árvore.

Garcia da Orta não cita êste entre os vários termos indianos para o cardamomo [3].

---

[1] O Seculo, de 8 de junho de 1900.

[2] Bombaim, 1893, p. 69, col. II. *ṅ* é *ng* germânico.

[3] Colóquios dos simples e drogas da India, Lisboa, I, 1891, p. 174.

eido

A orijem dêste vocábulo é o latim adĭtum [1].

eirö(s)

De *areola* | *areia,* por serem as *eirós* transportadas vivas nas selhas, envolvidas em areia molhada. O termo não é geral; *enguia* é o nome dêste peixe na língua comum.

eito

Tem dois significados, com étimos diferentes: *eito,* «serie» | ictum; *eito* «lançamento» | iactum [2].

Não sei a qual dos dois se há de subordinar a acepção que está definida no Nôvo Diccionário, como termo brasileiro, com a significação de — «roça onde trabalhavam escravos» —. A etimolojia ali proposta actum é improvável, visto que dêste procederam as formas portuguesas *aito* e *auto.*

eivigar

Êste vocábulo obsoleto procede do latim aedificare, com a supressão normal do *d* intervocálico, e o abrandamento do *f,* igualmente intervocálico, em *v:* cf. *devesa* | defensa.

---

[1] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* Revista Lusitana, III, p. 62.

[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* Revista Lusitana, III, p. 145-147.

êl

É esta a forma transmontana do pronome *êle*, cujo plural é *eis*, por *êles*. O singular *el* é freqüente em documentos antigos, bem como *aquel*. Em castelhano diz-se *él* ⟨ ille, e no plural *ellos* ⟨ illos. Em português, tanto a forma geral, como a especial, *êle*, *êl* formaram o plural por analojia, *eles*, *eis*, já dentro do português.

eleiçoeiro

Não direi que êste adjectivo esteja muito bem deduzido do substantivo *eleição*, porque a formação é mais própria de substantivos (cf. *pregoeiro* de *pregão*), mas em todo o caso é expressivo: — «O governo que dissolvera, por motivos eleiçoeiros, 36 camaras municipaes» — [1].

elo

Do latim an(n)ellum, forma comprovada pelo castelhano *anillo* ⟨ *aniello*, resultou *ãelo* [2], contraido depois em *elo*: cf. *rela* de *rãela* ⟨ ranella, deminutivo de rana.

embala

Termo do Bailundo: — «a embala (a *libata* onde vive o soba)» — [3].

[1] O SECULO, de 3 de novembro de 1900.

[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA I, p. 301.

[3] O DIA, de 29 de junho de 1903.

embarrar

Vocábulo transmontano, que corresponde ao geral *esbarrar*. Vem já no Nôvo Diccionário, como termo da lingua comum, o que não parece exacto.

embondeiro; empipa

É o nome português da árvore agigantada a que os franceses chamam *baobab*, conforme a nomenclatura científica, Adansonia: — «Chamaram-lhe por isso a *arvore de Lifan* (povoação que os portugueses incendiaram em Timor). Era da familia dos baobabs, imbondeiros e micondós, gigantes vegetaes de que abundam todas as nossas colonias tropicaes» —[1].

É preferível escrever com *e* inicial êste nome africano *(mbondo)*, visto que o *i* inicial, com que também se escreve em português, *imbondeiro*, forma ortográfica que adoptaram o Dicc. Contemporaneo e o Nôvo Dicc., é prefixo significativo nas linguas cafriais, designativo do plural dos substantivos da classe III; como em quimbundo, *kinda*, «quinda, cêsto», *inda*, «cêstos» —[2].

No mesmo caso de transcrição portuguesa *em*, por *m* + consoante, e *en*, por *n* + consoante, iniciais, grupos próprios das línguas africanas da família banta, ou cafrial, estão outros vocábulos, que hajam de ser adoptados em português, como *empipa*: — «Fabricam tambem uma outra bebida adocicada chamada *m'pipa*, resultado da fermentação incompleta da batata doce» —[3].

V. Ortografia Nacional, páj. 256 e 257.

---

[1] Carta de Timor, in «O Seculo», de 16 de janeiro de 1906.

[2] Heli Chatelain, Grammatica elementar do Kimbundu ou lingua de Angola, Genebra, 1888-1889, p. 3.

[3] Azevedo Coutinho, A campanha do Barué em 1902, in «Jornal das Colonias» de 30 de julho de 1904.

emboutar

Na Beira-Baixa significa êste vocábulo «pôr de parte, depois de ter encetado», *abocanhar*.

empacassa, empacasseiro

O Nôvo Diccionário inseriu êstes dois vocabulos, definindo o primeiro — «vacca silvestre das margens do Ganges: búfalo» —; e o segundo — «caçador de búfalos» —.

Tenho muitas duvidas acêrca da exactidão destas definições. A palavra *empacassa* não tem feitio indio, mas antes africano, cafrial, e neste caso poderia ter sido pelos portugueses ou por banianes levada da África Oriental para a nossa India, se se apurasse que ela fosse vernácula num e no outro dêstes dois pontos. Ora, na realidade, *empacassa* não é termo conhecido na India, e nem mesmo, ao que parece, em qualquer rejião da África Oriental Portuguesa.

Com efeito, na lingua de Tete o principal termo com que o búfalo se designa ali é *nháti* [1].

Disse que o termo tem aspecto cafrial, e na verdade é êle vernáculo, porém na África Ocidental e não na Oriental: em quimbundo *pakasa* é o vocábulo pelo qual «búfalo» é traduzido por Joaquim da Mata, no plural *jipakasa*: «boi selvagem; bufalo» — [2]. A sílaba inicial da forma portuguesa *empacassa* indica ser ela tomada de qualquer dialecto do quimbundo, em que o *p* seja nasalizado, fenómeno frequente nas consoantes iniciais

[1] Victor José Courtois, Diccionario portuguez-cafre tetense, Coimbra, 1899, p. 81.

[2] Ensaio de diccionario kimbundu-portuguez, Lisboa, 1893, p. 127.

de vocábulos dessa família de linguas, quando são substantivos principalmente.

Como não é natural que o termo transitasse da costa ocidental de Africa, onde não vão os banianes, para a India Portuguesa, é provável que a vivenda do bicho não seja, nem nunca fosse, as marjens do Ganjes, como nos diz a definição do Nóvo Dicc., pelo menos com semelhante nome. As espécies africanas mesmo são diferentes das da India, e de todas as mais asiaticas.

A. Réville, no livro LES RELIGIONS DES PEUPLES NON-CIVILISES [1], cita os vocabulos *empacasso* e *empacasseiro* no seguinte passo, que me foi apontado pelo snr. G. de Vasconcelos Abreu: —«On parle encore d'une societé qui se serait formée depuis le seizieme siècle chez les Kimboundas *[sic]* sud-est *[sic!]* de l'Afrique, et dont les Portugais appelaient les membres des *Empacasseiros*, parce que chaque initié devait sacrifier un buffle, *empacasso*»—. O autor cita R. Hartmann [2], e refere-se à dita seita como adversária da antropofajia, e que déste modo substituira o sacrificio humano pelo de uma res.

É claro que o vocabulo dado aqui como português o não é, mas quimbundo, segundo vimos. Por outra parte, a vivenda dos povos ambundos, propriamente ditos, a sueste da África, se não é êrro tipografico, mas do autor, *serait de sa part une singulière bévue*, a não ser que parta da hipotese, perfilhada em certo modo por Henrique de Carvalho [3], de que os povos cafriais tivessem vindo do leste para oeste, e que ainda a sueste demorassem naquele século, o que tudo assenta em conjecturas.

Temos porem aqui um passo, que nos subministra mais uma acepção do vocábulo *empacasseiro*, a de membro de uma seita relijiosa indijena, que tinha como credo a abolição dos sa-

---

[1] Paris, 1883, p. 113.

[2] LES PEUPLES DE L'AFRIQUE (Bibliothèque scientifique internationale), Paris, 1880, p. 218 *(q. e.)*.

[3] EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIÂNVUA. ETHNOGRAPHIA E HISTORIA TRADICIONAL, Lisboa, 1890, cap. I, p. 54 e ss.

crifícios humanos, mediante uma prática cultual menos cruel a substituição da vítima humana por um búfalo, *mpakasa*, palavra cafrial que lhe haveria dado o nome imposto pelos portugueses residentes em África, entre os quais fosse aquele animal conhecido também por êste nome aportuguesado, empacassa.

Parece, portanto, serem inexactas as definições que dos dois vocábulos nos dá o Nôvo Dicc., sem as abonar.

Evidente é igualmente que o autor a quem citei, Hartmann, obteve aquela informação de qualquer escritor português; mas nem êle cita a autoridade em que se fundou, nem eu a pude por emquanto encontrar.

Concluirei advertindo que J. I. Roquete, no Dicionário português francês [1] já inscrevera o substantivo *(em)pacassa*, nos termos seguintes: — «EMPACASSA *ou* PACASSA, *f. hist. nat.* empacassa ou pacassa, buffle, bubale du Congo». — Não é provável todavia que Hastmann fosse lá desencantar o vocábulo, que não figura nem no Dicionário francês de Littré, nem também no de Larousse. Parece pois que Roquete, sem autoridade, afrancesou a palavra, que vemos deu como denominação do animal na África Ocidental, e não na Índia.

empapelar, empapêlo

O Nôvo Dicc. da-nos como significado de *empapêlo*, nome verbal rizotónico de *empapelar*, «embrulhar em papel», o significado — «invólucro de papel» —, declarando desusado o vocábulo. Nesta acepção concreta creio que, na realidade, esta fora do uso, se é que em algum tempo foi empregado. Na acepção abstracta, porém, de «acção de empapelar», existe abonação colhida provávelmente em flagrante: — «Na officina de empapello *(sic)*, havia 5 magnificas machinas de cortar papel» — [2]

---

[1] DICTIONAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS, Paris, 1855.
[2] O SECULO, de 25 de abril de 1900

Refere-se o articulista à fábrica de tabacos, denominada de João Paulos Cordeiro, em Lisboa.

empargado

No Riba-Tejo diz-se do «trigo amontoado na meda», conforme informação de pessoa da Chamusca.

empeçar

Êste verbo antigo, correspondente do castelhano antigo *empeçar*, moderno *empezar (=empeșar)* [1] é ainda usado em Trás-os-Montes, talvez por influência espanhola raiana. Nada tem que ver com outro *empeçar*, que o CONTEMPORANEO define — «enredar..., pôr obstaculo... topar...» —.

empena, empenar: v. **pena**

empolgar

Conforme J. Joaquim Núnez, de *impollicare* [2] ⟨ pollex, pollicis, «dedo polegar»: cf. pollicaris, «que mede uma polegada»: O próprio adjectivo português, substantivado, *polegar* é pronunciado normalmente *polgar*, e assim pode ser escrito, como o é o verbo.

encaixe

Em Sam Martinho dá-se êste nôme à *renda*. Em castelhano é *encaje*.

---

[1] ș designa a sibilante surda gingival ou dental, o z castelhano actual.
[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 256.

encalir

No Minho: «engrolar, ferver mal, *entalar*, como se diz em Lisboa, carne ou peixe, para se não estragar, afim de serem cozinhados ao depois».

O Nóvo Diccionário traz êste vocábulo, com definição aprossimada. Atribui-lhe um de dois étimos: latim c a l e r e, que apresenta a dificuldade da permanência do *l* intervocálico (cf. *quente* ¦ c a l e n t e m), que no entanto vemos em *calor* provávelmente de orijem semi-erudita. Aponta como segundo étimo, um hebraico, que não cita, remetendo o leitor para Pereira Caldas.

Não se dê êsse leitor a semelhante busca, partindo com toda a segurança do seguinte princípio: as etimolojias hebraicas de Pereira Caldas, à parte aquelas que toda a gente sabe que o são, tem apenas uma utilidade reconhecida, a de servirem de assunto de riso, se não de lástima: porque de três cousas uma é verdadeira: inventou-as para nosso divertimento, esteve zombando comnosco, ou estava doido quando as publicou.

encanelar

O Nóvo Diccionário incluiu êste verbo, dando-lhe como definição:—«dobrar em canelas ou novêlos; fazer canelas em. acanelar» .

O vocabulo *novelos* é de mais, pois *novelos* não são *canelas*, e neles e n r o l a - s e o fio, não se d o b r a, como nas *meadas* ou *madeixas*.

No trecho seguinte, porém, *encanelar* tem outra acepção. —«Lamego, 21... o ficarem as videiras sem rebentar foi devido a varias influencias atmosphericas, e na maior parte geadas que receberam ja no tempo em que a vide principiava a desen-

olver para a rebentação, e que assim ficaram e n c a n e l l a d a s. — termo que n'este caso usam os lavradores» —[1].

encaraçado

No norte do reino usa-se êste adjectivo participial substantivado, derivado de *caraça*, para significar o que no sul se diz *mascarado*, e antes se dizia *emmascarado*, como vemos no romance de António de Campos, Luís de Camões [Parte II, 14]: — «Iam a cavallo, em trage de disfarce, muito garrido, mascarados, ou emmascarados, como então se dizia» —.

encardir, cardir

Cardida, que pressupõe um verbo *cardir*, de que é particípio passivo, diz-se da madeira que esteve muito tempo debaixo de água, e apodreceu. Esta informação foi-me dada pelo snr. G. de Vasconcelos Abreu. Do verbo primitivo *cardir* se derivou *encardir*, «çujar», hoje em dia e desde muito tempo empregado no sentido de «lavar mal», pois se diz *roupa encardida* aquela em que, depois de lavada, transparece a çujidade anterior.

O verbo *cardir* parece ser afim do adjectivo *cárdeo*, (*q. v.* em **avergoar**).

endoenças

Tanto o Diccionario Contemporaneo, como o Manual Etymologico de F. Adolfo Coelho, como o Nôvo Diccionário de Cândido de Figueiredo, são concordes em atribuir a êste vocábulo, como étimo, o latim d o l e n t i a. D. Carolina Michaëlis

---

[1] O Economista, de 26 de maio de 1891.

explica-o pelo latim **indulgentias**[1]. Com efeito, confira-se o passo seguinte: — «Vendo Vasquo da Gama ho que se passou sesta feira de Indulgencias se fez à vela... se informou da cidade de Melinde, diante da qual foi surgir dia de Pascoa da Ressurreição pela menhã» —[2].

Esta expressão *sesta feira de Indulgencias* volta a ser empregada por Gois no capítulo V da III Parte, citado por Bluteau [Vocabulário, *sub v.* ENDOENÇAS], que já aponta êste étimo, o qual, apesar de certas dificuldades fonolójicas, é indisputavel. O douto lecsicógrafo acrescenta a forma popular *andoenças*, alterada pela influência do verbo *andar*: — «pelo muito que naquelle dia [quinta feira de endoenças] se anda correndo as Igrejas» —.

endrómina(s)

O NOVO DICC., em dúvida, dá como étimo a êste vocábulo que apoda de chulo, o vasconço *androminac*, e como para o comprovar, cita outra forma *andromina*, mais conforme com o castelhano *andrómina*, que naturalmente passou a Portugal no século XVII. O Dicionário da Academia espanhola[3] aponta para étimo o italiano *andirivieni* — «subterfugio» —, e francamente não se lhe podem dar parabens pela invenção.

Examinemos, no entanto, de relance as dificuldades que apresenta o vasconço indicado, conquanto plausível, e que primeiro foi proposto pelo famoso criador da filolojia vasconça, o Padre Manuel de Larramendi, em principios do século XVIII. O vocábulo diz-se composto de *andré* «mulher casada», e *min* «dor, queixa». Ora, *andré* não é *andró*, e o plural *andreminac* teria naturalmente de ser acentuado no *i* de *min*, *andreminac*.

---

[1] REVISTA LUSITANA, III, p. 150.
[2] DAMIÃO DE GOIS, CRONICA DE EL-REI DOM EMMANUEL, I, cap. 36.
[3] Madrid, 1899.

enfarelar

— «Ulteriormente enchem a vasilha [de barro poroso] com rinha de milho e agua, collocam-a ao fogo e, uma hora passada, nsideram obtida a vedação. Está a loiça enfarellada» —[1].

engar, enguiço, enguiçar

O NÔVO DICCIONÁRIO dá a êste verbo a significação de: — «habituar-(se), preferir (um pasto)» —.

D. Carolina Michaëlis tratou dêste vocábulo num artigo muito em deduzido, dando-lhe como significação própria e primordial seguinte: — «*engar-se a alguma cousa* significa *avezar-se ao ue é ruim*» —, e exemplificou êste significado com o adajio: — «ENGOU-SE *a velha aos bredos: souberam-lhe bem, lambeu s dedos*» —, a que corresponde a forma mais moderna — «*Aveou-se a velha aos bredos*, etc.» —.

O étimo proposto pela autora desta luminosa inquirição, ue merece atenta leitura, é o latim *iniquare*[2]. Cf. a etimojia proposta pela mesma romanista para *enguiçar* | *iniquiiare* | iniquum, e que parece indubitável, sendo *enguiço* um bstantivo verbal, rizotónico, dêste verbo.

Júlio Cornu, todavia, opõe com razão a esta etimolojia, *enr* | *inīquare*, outra, enecare, que em latim significa «atormentar», acrescentando o seguinte: — sómente no caso de se encontrar a forma *ēiguar*, se poderia apelar para o étimo *inīquare*[3].

Na realidade, a quantidade longa do segundo *ī*, torna difícil de

[1] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO PORTUGAL, in Portugalia, II, p. 76.

[2] REVISTA LUSITANA, III, p. 151-154.

[3] GRAMMATIK DER PORTUGIESISCHEN SPRACHE, in «Grundriss der manischen Philologie», 2.ª edição, Estrasburgo, 1905, p. 966, nota.

admitir-se o seu desaparecimento, postulado na outra etimolo[gia] a que me referi.

enguiado

Não é claro o sentido dêste epiteto, aplicado á cortiça [n]o trecho seguinte: — «as cortiças *enguiadas* não eram por v[ia] [d]e regra improprias para rolha: sómente valiam menos, por n[ão] poderem ser fabricadas á machina de rolha que dispensa o qua[-] dro» —[1].

Fica no entanto rejistado o vocabulo, se não há nele err[o] tipográfico.

enha — minha

No Nôvo Diccionário vem apontada esta forma, abona[da] com Gil Vicente. Efectivamente, como proclítica, lê-se no «Au[to] da Lusitânia»:

— Florida, enha filha —

— Granado, enha filha —,

como vemos *ta* na «Farsa do Clérigo da Beira»:

Que filho és de bom pai,
E ta mãe boa mulher.

São abreviaturas de *minha, tua*.

É de notar que *enha* é pelo poeta empregado num romance com todas as aparências de antigo, tradicional, para ser can[-] tado, e que os versos são de cinco silabas até a última acentuada

- Donde vindes, filha,
Branca e colorida — .

---

[1] O Seculo, de 19 de julho de 1905.

o *e* de *enha* tem de ser elidido, como provávelmente o era na pronúncia, porque servia apenas de amparo à sílaba *nha*, que não é inicial de vocábulos portugueses. Êste *enha* é pois a redução de *minha* por próclise.

Também no «Auto da barca do Purgatório» figura o feminino *enha*, na boca de um lavrador, que fala linguajem arcaica e viciosa:

E de tudo fiz aquesta,
Como omem diz, avantairo:
Leixei ó cura enha bêsta.

Aqui empregou Gil Vicente, como quási sempre, a redondilha, e o *e* de *enha* tem também de ser elidido.

No Suplemento ao mesmo dicionário dá-se-lhe, porém, um masculino *enho*, que nunca existiu, nem podia existir, pois a forma masculina é *meu*, e não, *minho*, e que foi deduzido infundadamente do *femenino*.

enjendrar, gerar

O verbo *enjendrar* é, como *arranjar*, um galicismo antigo, tanto em português como em castelhano; todavia, para o segundo dêstes verbos sómente em português se dá o galicismo, pois os espanhóis criaram o verbo *arreglar*, que o substitui em quási todas as suas acepções. Não me ocuparei do segundo dêstes verbos, porque, à parte escritores pouco esmerados, todos evitam o seu emprêgo, a não ser nos sentidos populares de «consertar, compor», ou no translato de «alcançar», significados que não tem o verbo *(ar)ranger* francês, o qual significa principalmente «arrumar», em sentido natural ou em sentido figurado. Na acepção de «obter» diz-se em francês *(se) procurer*.

Que, tanto o verbo *arranjar*, como o verbo *enjendrar* são galicismo, prova-se com a sua formação: *arranger* provém de *rang*, substantivo a que em português corresponde o quási

desusado *renque*; vê-se, pois, que a êste primitivo não corresponde aquele derivado.

O mesmo acontece com *enjendrar*. Do latim genus, generis procedia o verbo generare, de que em português proveio gerar, com perda do *n* intervocálico, e que por isto se pronunciava dantes *gèrar*, que J. I. Roquete ainda manda proferir com *e* aberto, e de que o povo fêz *jarar*, obedecendo à influencia que o *r* exerce no *e* átono que o precede: cf. *para* | *pera*). Ainda hoje a pronúncia geral é *gèração*, e não, *ge̜ração*.

Em francês, de ingen(e)rare fez-se *engendrer*, como de gener, generis, «genro», se fêz *gendre*, com *d* intercalar entre o *n* e o *r*, que a supressão do *e* que os separava pôs em contacto. Tal *d* eufónico não pertence à fonolojia portuguesa (cf. *genro*), e portanto *enjendrar* não é português, a não ser como plebeísmo, no sentido de «enjenhar, aldrabar, fabricar mal e sem preceito».

É pois defeituosa a seguinte frase: — «As formas nobres.. que traziam na sua plasticidade evolutiva a possibilidade de engendrar o cavallo, o elephante, etc.» — [1].

Onde se empregou êste verbo afrancesado, deveria ter-se escrito *gerar*, que lhe corresponde na significação e orijem.

Não é porém sem exemplo o emprêgo de tal verbo, em passos de autores antigos, e Bluteau cita dois, ambos os quais, todavia, conteem a idea subsidiária de artifício, que torna a obra imperfeita ou impossível.

enjogar

Êste verbo derivado de *jogo* (=*jógo*), vocabulo transmontano que quere dizer, como forma subsidiária de *gogo* (=*gógo*), «seixo boleado pelas águas que o acarrearam», significa no mesmo dialecto «empedrar, calçar as ruas com jogos».

---

[1] O Seculo, de 25 de setembro de 1905.

enlaga

— «A enlaga [do linho] tem por fim dissolver na agua uma especie de gomma resinosa, que liga entre si as fibras do linho e da casca» —[1].

enoque

No Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa [2] vemos esta palavra, empregada num acórdão municipal de 1862, transcrito em parte pelo autor do escrito, de sumo interêsse, ali publicado: — «todo o cortidor *(sic)*, que não despejar a surrada das pelles no rio e não deitar fora das portas de seus enoques ao rio as misturas que n'estes se fazem incorrerá na pena de 6000 réis, pelo damno que causará á cidade do mau cheiro» —.

Vê-se que a transcrição está modernizada na ortografia, e ficamos na incerteza do que seriam os enoques, vocábulo que me não consta haja sido encontrado em outra parte.

enoz

Ignoro o significado exacto dêste vocábulo que aparece nas Batalhas da Companhia de Jesus, do Padre António Francisco Cardim [Lisboa, 1894, páj. 44], e pode ser êrro de leitura: — «uma enoz de pedra vitorina» —. Vê-se que é uma joia, um enfeite, com forma especial.

---

[1] Portugalia, I, p. 370.

[2] 17.ª Série, 1898-1899, p. 168 — Bragança e Bemquerença, por Albino dos Santos Pereira Lopo.

enristar, enriste

O verbo vem em todos os dicionários; não assim o substantivo dêle derivado, *enriste*, que vemos no seguinte passo da BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS: — «repetiu o algoz o enriste» — [1]. Antes dissera: — «enrista com elle» —.

ensaca

Não é o nome verbal derivado de *ensacar*, que falta nos dicionários, a par de *ensaque*, neles rejistado, mas um termo da África Oriental Portuguesa, cuja definição se vê nos trechos seguintes: — «A gente de guerra era dividida em *ensacas*, comandadas pelos *malukua*, os quaes tinham como auxiliares o *t'chicango*, e o *dembo*, autoridades que correspondem respectivamente aos cazembes, sachecundas e mucatas da Zambezia» — [2]. Antes, lê-se: — «*Ensacas* agrupamento de cypaes commandados por um *cazembe*, correspondente á companhia» —.

Na escrita déstes vocábulos, para que fiquem portugueses, temos de emendar *malucua*, *chicango*, alem do absurdo *cypaes* em *cipais (q. v.)*, ou *sipais*.

ensanzorar

«Nos bivaques, e quando temem surpreza [os cipais], ou se *ensanzoram*, ou construem abrigos ligeiros, com troncos de arvores, ou terra» — [3].

É termo da África Oriental Portuguesa.

---

[1] Lisboa, 1894, p. 192.

[2] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÊ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 13 de agosto de 1904.

[3] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÊ EM 1902, in «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

ensarranhar

No Minho, conforme informação pessoal, «enfarruscar».

entrevistar

Êste neolojismo pretende substituir o estrambótico *interview* inglês, que para cá passou por intermédio do francês, onde é anglicismo; mas tambem não é português, nem cá é preciso. Muito mais antigos, e mais expressivos, temos *visitar alguém, avistar-se com alguém.*

entrujão

Em jíria castelhana *entruchón* quere dizer «sabido, ladino». Existem também *entruchar* e *entruchada*. O verbo é assim definido no Dicionario da Academia [1]: —«atraer á uno con disimulo y engaño, usando de artificios para meterle en un negocio» —.

Conquanto o termo em Portugal tenha grandes ressaibos de linguajem ordinária, direi mesmo chula, a pouco e pouco foi entrando no uso comum; ainda assim afigura-se-me um lapsus calami o seu emprêgo em estilo sério, como o vejo no trecho seguinte, de escritor esmerado: —«O vaqueiro honesto tem sempre ensejo de mostrar a sua boa fé... e o vaqueiro intrujão de conhecer o caminho da... Boa Hora (edifício dos tribunais de justiça em Lisboa)» — [2].

---

[1] Madrid, 1899.

[2] D. Luís de Castro, in DIARIO DE NOTICIAS, de 22 de fevereiro de 1906.

envés

É usado no Minho, com o significado que no sul damos a *avêsso* | a d u e r s u m, como *envés* | i n u e r s e.

enxada

No excelente estudo de Francisco Adolfo Coelho intitulado ALFAIA AGRICOLA PORTUGUESA, publicado na revista P o r t u g a l i a [1], vêem-se os seguintes epitetos, que diferençam outras tantas qualidades de enxadas: *enxada de peto, enxada de picareta, enxada larga, enxada de ganchos*.

enxadrez

É o nome antigo do *xadrez*, que ainda subsiste no adjectivo participal *enxadrezado:*

> – Negro é o pez,
> Negro é o rei do enxadrez — [2].

Em castelhano é *ajedrez*, antigo *axedrez*, de orijem imediatamente arábica, proveniente do sânscrito, por intermédio do persiano, que o recebeu de qualquer lingua vernácula do Indostão.

Em última análise o vocábulo é sanscrítico: ĆATURAṄGA [3], as quatro partes (componentes de um exército), infantes, cavaleiros, carros e elefantes.

---

[1] I, p. 399

[2] Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.

[3] O símbolo ṅ vale pelo *ng* germanico, ou nasal postero-palatal. O vocábulo sanscritico pronuncia-se quasi como se em português escrevessemos *(t)chaturânga*, isto conforme a prosodia convencional, classica na Europa.

enxalabar, enxalavar

Esta rêde é assim descrita no artigo A PESCA EM BUARCOS de P. Fernández Tomás: — «Redes especiaes, tendo na boca um arco de ferro, chamadas *enxalavares*» —[1]. A forma com *b* encontra-se no seguinte passo: — «Um pescador, tendo mergulhado mais uma vez o seu *enxalabar*» —[2].

enxame

Em Leiria aplica-se, em sentido geral e não por metáfora, esta palavra para designar «grupo de gente que anda rezando e visitando os passos no domingo de Páscoa». Esta informação é do conhecido poeta Acácio de Paiva, dali natural.

Como é sabido, *enxame* é o latim examen, «tropel, ajuntamento de gente que segue caminho»; «*enxame de abelhas*» é sentido especial que o vocábulo adquiriu.

enxaravia

O NÔVO DICCIONARIO define êste vocábulo como significando — «toucado de mulheres, principalmente de meretrizes» —, e da-o como termo antigo. Num artigo, publicado por Sousa Viterbo, intitulado AS CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORTUGUESAS [3], vem transcrito um documento de 1454, no qual entre os de outros objectos está mencionado êste nome: — «enxaravias de seda e linho» —.

---

[1] *in* Portugalia, I, p. 152.
[2] O ECONOMISTA, de 26 de outubro de 1885, citando o CAMPEÃO DAS PROVINCIAS, de Aveiro.
[3] *in* Portugalia, I, p. 367.

O Elucidário de Santa Rosa de Viterbo já traz a palavra: — «Tambem se chama *Polaina*. Era a insignia oprobrosa das alcoviteiras. Consistia n'huma *Beatilha de seda vermelha*, que traziam na cabeça, emquanto não partiam para o desterro» —. Cita o Livro v das Ordenações, Título 32, § 6 onde na realidade se lê o seguinte: — «Em todos os casos em que algũa mulher for condẽnada, por alcoviteira em algumas das penas sobre-ditas [nos §§ antecedentes], onde não haja morrer, ou hir degradada para o Brasil, traga sempre polaina, ou enxaravia vermelha na cabeça, fóra de sua casa, e não a trazendo seja degradada para sempre para o Brasil» —.

Do texto citado vê-se que a definição de Santa Rosa de Viterbo tem dois erros. Primeiro, provável: não se depreende claramente se *polaina* é a *enxaravia*, ou outra peça de vestuário; segundo, certo: a *enxaravia* era obrigatoria, quando não havia morte ou degrêdo, e não, como diz, sempre e precedendo o degrêdo.

Conforme Eguilaz y Yanguas é o vocábulo arábico AL-XARBEX «faxa para a cabeça», de XARB «linho delgado». O arabista espanhol acrescenta: — «En la 2.ª [Polaina] es el ár[abe] GARBAS medias» —[1]. Êste último étimo é inexacto, mas legitima a dúvida, de que *polaina* equivalha a *enxaravia*.

ENXÓ(S)

No Alentejo é o nome de uma armadilha de alçapão, para apanhar perdizes.

O NÔVO DICCIONÁRIO, escreve *enxó(s)*, e diz ser termo da Beira-Baixa, com significação análoga. É possível que seja uma acepção especial de *enxó* [latim *asciŏla*, deminutivo de *ascia*.

[1] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL. Granada, 1886.

enxoval, *ajuar*

À primeira vista parecem muito diferentes êstes vocábulos, o primeiro português, o segundo castelhano pronunciado actualmente *ajuar*, com a fricativa póstero-palatal surda do castelhano moderno, em vez da dorsal *x* do português.

No castelhano antigo a forma era porêm *axu(e)ar*, e o *x* tinha então o mesmo valor que tem em português.

Enxoval, não se deriva, como diz o Novo Diccionario, de exuuiae: é o arabe AL-XUAR, «dote», quer em dinheiro, quer em joias, quer em trem de casa [1]. No testamento de Pedro Rodriguez (1419), publicado na Revue Hispanique [x, páj. 230] lê-se: di a leonor rrodriguez axuar bien rico» —.

O *a* representa o artigo arábico AL, com assimilação do *l* à consoante seguinte *x*, por esta ser o que em terminolojia técnica se diz letra solar, porque por ela começa a palavra XAMS, «sol». Letras solares são nessa terminolojia as que se proferem com a ponta da lingua, como *d, l, n, r, s, t, x;* lunares, as outras.

Com relação à mudança de *ax*... em *enx*... da forma portuguesa, cf. a forma valenciana *enxovar*, com a aragonesa *axovar* [2], e ainda o castelhano *azufre, azada*, com o português *enxofre, enxada*. Compare-se também *enxame* e *exame*, ambos do latim examen. Pelo que respeita à inserção do *v*, confrontem-se igualmente as formas castelhanas *loor, loar* com as portuguesas *louvor, louvar*, dantes *loar*, de que proveio *loa*, em latim laudare, e laus, laudis; *ouvir*, português com *oir* castelhano | audire; *goivo* | gaudium, etc. Este *v* intercalar manifestou-se nas formas de orijem latina, depois da queda do *d*, para se evitar o conflito das vogais, ou hiato: a esta causa é

---

[1] Veja-se Eguílaz y Yanguas, Glosario de las palabras españolas de origen oriental, Granada, 1886.

[2] Dozy & Engelmann, Glossaire des mots espagnols et portugais dérivés de l'arabe, Leida, 1869.

devida a sua inserção em *enxoval*. Cf. ainda *viúva*, do latim uidua, passando por *uiua, vıua, viúa*.

Modernamente alguns periodiqueiros, que se envergonham de escrever em português tudo que querem dizer aos leitores, começam a empregar, em vez de *enxoval*, a palavra francesa *trousseau*, nas tediosas descrições que fazem de qualquer casamento rico, nas quais nunca também omitem o ridículo *corbeille*

eólito

— «em todas as epocas da pre-historia se fabricaram eolithos, isto é, peças [de pedra lascada] que apresentam um mínimo de talha intencional» —[1].

O termo é moderníssimo, derivado artificialmente do grego 'ĒŌS, «aurora», e LIT'OS, «pedra», e importa a noção de «primeiros vestijios do talho da pedra feito pelo homem».

êrmo, ermar, ermamento

O substantivo *êrmo* seguiu a acentuação grega ÉRĒMOS, em vez da latina erē'mus, que ao depois passou a ser érēmus. Dêste substantivo derivou-se o verbo *ermar*, de que por neolojismo se fêz *ermamento*, como de *armar*, *armamento*: — «mas que nunca houve ermamento conhece-se com toda a clareza dos documentos da epoca» —.

Significa «despovoamento»[2].

---

[1] O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, vol. X, p. 407.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, in «Portugalia», I, p. 283.

érvodo, érvedo

O Nôvo Dicionário inclui êste vocábulo, com remissão a *ervedeiro*, mas acentua *ervôdo*, o que me parece erróneo, visto que a palavra procede do latim arbūtus, «medronho», arbūtum, «medronheiro».

A existência dêste substantivo é postulada pelos seus derivados, *ervedeiro*, *ervedal*, que com outros figuram no onomástico corográfico. *Érvedo* equivale a «medronheiro», e no Minho chama-se-lhe *ervedeiro*.

esbandalhar, esbandalha

O verbo *esbandalhar* analisa-se como *escangalhar*: *es-band-alh-ar*. Desta forma derivou-se um substantivo rizotónico, de acção, *esbandalha*, que não figura nos dicionários: — «Logo após as primeiras chuvas do outomno procede-se ao que se chama a *esbandalha das morcias*, que consiste em regularizar as terras, aplanando-as» —[1].

Ignoro se o termo é geral, ou sómente alentejano.

esbarar

Termo transmontano, que significa «escorregar»: — «mas o de cima, sentindo pouca fôrça nas mãos, que lhe esbaravam» —[2].

---

[1] Melo de Matos, Cultura dos trigaes no Alemtejo, *in* Portugalia, I, p. 623.

[2] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Mórrbita, *in* «Revista de Educação e Ensino», 1891.

escada, escadaria

A palavra *escada* não provém de scala com mudança de *i* em *d*, que seria absurda, pois o scala latino daria em português *escà(a)*, mas sim de *escalada*, *escaada*, como ja afirmou Julio Cornu.

A noção da orijem da palavra perdeu-se porém, visto que se pronuncia *escadaria* e não *escàdaria*: cf. *paçao* | palacianum, e *faqueiro* ou *fàqueiro*, castelhano *halagüeño* [1].

A forma *escaada*, não contraida, existiu: — «Et todos desta collatione levavam as tabolas e a madeira ao Castello, et faziam o tavoado et as escaadas» — [2]. Notem-se as formas *tabolas* e *taboado*, a primeira com *l*, e a segunda sem êle.

escalavrar

Conforme D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos [3], êste verbo corresponde a um castelhano *descalaverar* | *calavera* | caluaria, com *a* anaptictico. Mas como a *calavera* corresponde em português *càveira*, segue-se que *escalavrar* seria castelhanismo, atenta a permanência do *l*, e o adjectivo participial *escàveirado* que pressupõe um verbo *escàveirar*. Maior castelhanismo será ainda *descalabro*, substantivo verbal espanhol | *descalabrar*.

Cf. ainda *escalvado* | *calvo*.

O étimo proposto pelo CONTEMPORANEO, scalpellare, é improvavel.

---

[1] V. A. R. Gonçálvez Viana, ÉTUDES DE GRAMMAIRE PORTUGAISE, in «Muséon», 1884.

[2] PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA, Inquirições de D. Afonso III, II, p. 416, col. II.

[3] REVISTA LUSITANA, III, p. 178.

escaleres

Como termo de jíria, quere dizer «olhos».

escalfar

Êste verbo significa «cozer em água quente».

O étimo parece ser *ex-cal(idum)-fa(ce)re*, conforme G. Körting [1].

escamalhar

J. Leite de Vasconcelos dá êste verbo como pertencente ao vocabulário de Trás-os-Montes, e com a significação de «escangalhar». Como êste, decompõe-se em *es-cam-alhar* | *cama*, e quere própriamente dizer *des-a-cam-ar* [2].

Cf. *esbandalhar (q. v.)*.

escamel

Na língua comum: «banco de espadeiro». Deve ser o latim scamnellum; mas scamnum | *escano*.

Como termo alentejano significa um moço que avia recados, ou como lá dizem, *mandados* [3].

Há de ser outro o étimo. J. Leite de Vasconcelos sujere o latim casmillus, com metátese do *s*, *scamillus*, forma paralela a camillus, camilla, «donzel ou donzela, que auxiliava o

[1] Citado por G. Rydberg. JAHRESBERICHT ÜBER DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, p. 258.

[2] REVISTA LUSITANA, II, p. 117.

[3] *V.* REVISTA LUSITANA, II, p. 37.

sacerdote nos sacrificios» [1], o que parece pouco provável. No entanto, cf. *escamillo*, castelhano.

escamondar, escamonda

— «No país só tenho visto applicar muito êste tratamento [o *desmoche*, q. v.] aos freixos e aos grandes salgueiros, mas pouco aos choupos, os quaes de ordinario são *escamondados*, isto é, desramados ao longo do tronco» — [2].

escamudo

Êste adjectivo, comparável a *peludo* | *pêlo*, *espadaúdo* | *espádua*, equivale a *escamoso*, mas com uma diferenciação de sentido: *escamoso* quere dizer «que tem escamas», *escamudo*, «que tem muitas escamas»: — «Setubal. 26... Peixe *maneiro* e *escamudo*, por isso apropriado para conservas» — [3].

Refere-se à sardinha.

escanc(a)rar, escánc(a)ras, caranguejo

Êste verbo significa «abrir enteiramente».

O Diccionario Manual etymologico de Francisco Adolfo Coelho nada diz a respeito da sua orijem; o Nôvo Diccionario dá esta como incerta. Pois não é muito difícil acertar com o étimo: basta comparar êste verbo com o toscano *sgangherare* que quere dizer «tirar uma porta dos *lemes*» | *gangheri* | cancer, «caranguejo», e também «varão de ferro, grade», de cuja

---

[1] *Ib.*

[2] Gazeta das Aldeias, de 11 de março de 1906.

[3] O Economista, de 28 de abril de 1891.

deminutivo cancellus procedeu *cancêlo*, e dêste *cancela*. *Cancro* em português designa um grampo de ferro com que se prende a madeira ao banco do carpinteiro, e neste sentido já o VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO de Bluteau traz o termo.

Conforme o Suplemento ao Nôvo Dicc., chama-se igualmente *cancro* uma — «peça de ferro, com espigão, ou sem êlle, para fixar numa parede ou cantaria qualquer trabalho de carpinteiro» —. É natural que o termo tivesse, ou talvez tenha ainda, o significado de «gonzo», como o italiano *gánghero*. De *cancro*, com a vogal anaptíctica *a* entre o *c* e *r*, se formou *cáncaro*, que ainda é hoje a pronunciação vulgar de *cancro*; e dêste *cáncaro* se derivou o verbo *escancarar*, «abrir de par em par», como em italiano de *gánghero*, *sgangherare*.

É sabido que o nome do crustáceo *caranguejo* é forma deminutiva, | *cranguejo* | *cangrejo*, que é a castelhana e antiga portuguesa, e cujo étimo é o cancer latino.

De *escancrar*, forma mais antiga e curta se derivou o nome verbal *escancra*, como o povo o profere em geral, e com a vogal anaptíctica, *escáncara(s)*, que é forma considerada culta; mais deturpada porém que a popular, visto que, a ter-se derivado de *escancarar*, deveria pronunciar-se *escancára*, como a 3.ª pessoa singular do presente do indicativo, com a qual coincidem êstes substantivos verbais: cf. *o fabrico* | *fabricar* | *fábrica*.

O étimo de *sgangherare* foi apresentado por Sofo Bugge na Romania em 1874, e comparou-lhe o português *desengonçado* | *engonço* | *gonzo*; não lhe ocorreu o verbo *escancarar*, que provávelmente não conhecia, e que melhor corresponde ao italiano.

escandalizar

Êste verbo latinizado, scandalizare, do grego SKANDALIZEIN | SKANDALON, «embate, pancada, armadilha», foi empregado por Tertuliano com a significação de «desinquietar, seduzir». Adquiriu acepções várias nas diferentes línguas para as quais passou, e em português a de «ofender», que também tem,

ou teve, em gascão, como vemos na comédia de Molière, LE BOURGEOIS GENTILHOMME:

- Bons boyez qué chacun mé raille,
Et jé suis escandalise
Dé boir ès mains dé la canaille
Cé qui m'est par bous réfusé [1].

Parece porém que mesmo ao francês literário não foi estranho êste significado, pois o próprio Molière empregou nesse sentido o mesmo verbo em texto francês puro:

— Votre paresse enfin me scandalise,
Ma muse, obéissez-moi — [2].

escaparate

Êste substantivo nenhuma relação tem com o verbo *escapar*. Significa um «armário pequeno», o que nós chamamos *mostrador* ou, segundo a terminolojia afrancesada dos caixeiros, *montra* | fr. *montre*, visto que *mostrador* em castelhano corresponde ao que em português se denomina *balcão*.

A orijem do vocábulo é o holandês schaprade, pronunciado *çqápràde*, quási *skaprade*, com a vogal intercalar *a*, e cujo significado é «armário de arrecadação».

Outros vocábulos holandeses passaram às línguas hispânicas, e sem citar os termos de marinha, apontarei, entre outros, *manequim* | *manken* «homemzinho», (queijo) *prato* | *plaat(kaas)*, «queijo chato», por oposição ao esférico, a que chamamos *queijo flamengo*, e que os espanhóis denominam *queso de bola*. Manuel Godinho Cardoso chamou-lhe *queijo de framengos* [3].

---

[1] Acto v, BALLET DES NATIONS.

[2] REMERCIMENT AU ROI, Œuvres, Paris, 1760, t. VIII, p. 168.

[3] BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 31. (Fins do século XVI).

A palavra *prato* significa, do mesmo modo «chato» ¦ *platus, plata, platum* ¦ grego PLATÚS, PLATEÎA, PLATÚ; *chato* é forma mais antiga, da mesma orijem.

escar(a)funchar

Verbo muito popular, com a significação de «esg(a)ravatar». Deriva-se de uma forma latina *scar(i)phunc(u)lare* [1].

escar(a)mentar

Êste verbo é antiqüíssimo, pois já foi usado pelo trovador Rambaldo de Vaqueiros — «Todo 'n soy escarmentado» — [2].

A forma com *a* intercalar é considerada plebeísmo. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos atribui-lhe como étimo o latim experimentare [3], que me parece improvável em razão da mudança singular de *p* em *c*. Júlio Cornu [4] considerou possível ser *escarmentar* derivado de *escarmento* ou *escramento* [5], e êste procedente de excrementum, hipótese inadmissível, a meu ver, atenta a significação. A mim parece-me que a etimolojia será um verbo latano popular *ex-carminitare* ¦ carminare ¦ carmen, carminis, «carda»: cf., emquanto à significação, *escaldado* em português, *escamado*, em castelhano.

Outro étimo, que ofereceria iguais, senão maiores probabilidades, seria Carpentes, «profetizas, adivinhas», nome derivado de carmen, antigo casmen, no sentido especial de «vaticínio»;

---

1 REVISTA LUSITANA, IV, p. 336.

2 Citado por Milá y Fontanals, DE LOS TROBADORES EN ESPAÑA, I, p. 132, n. 11.

3 REVISTA LUSITANA, III, p. 154.

4 GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I, p. 778.

5 *escramentado* em Rui de Pina, CRONICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. CXLII

e neste caso teriamos de supor um verbo *carmentare* frequentativo de *carminare*, «vaticinar», postulado pelo participio do futuro passivo carminabundus, empregado com valor de adjectivo. Outro étimo, que já em 1874 foi proposto por Sofo Bugge na Romania, é *ex-carpimentum* { *ex-carpere*, por excerpere, «apartar, escolher do mal o menor, aproveitar».

Eis aqui uma abonação bastante antiga do verbo *escarmentar* em castelhano: — «Et otrossi tenemos por bien que los de esta puebla [Espinar] que puedan escarmentar e peindrar [*pignorare*]» —[1].

escar(a)pelar

Conforme J. Cornu de scalpellare, com *a* anaptictico. Todavia, temos *carpela* do milho, substantivo, que parece ter dado orijem a éste verbo.

escarçar; esgarçar, *escarchar*

Conforme D. Carolina Michaelis de Vasconcelos [2], o primeiro dêstes verbos, que parecem formas diferentes de um só primitivo, derivar-se-ia de *ex-carptiare* { carpere, «carpir, colhêr» (cf. *caçar* de *captiare*), étimo só admissivel para um dos significados, «tirar a cera das colmeias»; segundo Körting [3], *escarchar* proviria de *ex-quartiare*, «esquartejar». O mais natural pois é, congraçando talvez as duas opiniões, separar, o primeiro *escarçar*, do segundo, equivalente a *esgarçar*, e dar a êste, bem como a *escarchar*, o étimo de Körting.

---

[1] Julio Puyol y Alonso, Una puebla en el siglo XIII, in «Revue Hispanique», vol. XI, p. 250. (Era de 1335, *i. e.* 1297).

[2] Revista Lusitana, III, 143.

[3] Lateinisch-romanisches Worterbuch, Paderborn, 1890, n.º 3006.

escarumba

Esta palavra, que se emprega como motejo com referência a negros, usou-a Rocha Peixoto: — «A torpesa genesica de varios portugueses que carreiam para o continente, do Brasil e da Africa, a progenie escarumba» — [1].

O artigo em que tam estranho vocabulo recebeu foros de literário é de critica, violenta mas justissima, a um livro publicado em França, acêrca de Portugal, livro em todos os pontos de vista misérrimo e ridículo, infelizmente escrito por portugueses.

escasso

Como é sabido, êste adjectivo provém do latim scarsum, e conseguintemente deve escrever-se com *ss*, e não com *ç*: cf. *avesso* | aduersum.

Como substantivo está empregado no trecho seguinte: — «Ha agora mais trabalho na ria, porque muitos braços se empregam na apanha de escassos» — [2]. Ignóro a significação.

escrivão

O povo costumava chamar, com bastante graça, *escrivão da pena grande* ou *comprida* ao varredor das ruas, que se servia de uma vassoura de longuíssimo cabo, e a empregava inclinando êste sôbre o ombro.

---

[1] Portugalia, I, 663.

[2] Campeão de Aveiro, de 8 de setembro de 1886.

escusa-galés

Espécie de embarcação: — «e dêstes [parós] quatro se fizeram e serviram depois de escusa-galés» —[1].

esganar

Êste verbo tem o significado comum de «afogar apertando as goelas». O participio *esganado* significa «sôfrego, avarento». É um derivado de *gana*, palavra que parece não ser muito antiga na língua, visto que Bluteau a não incluiu no seu Vocabulario.

Diz-se *estar esganado com fome*, e nesta locução o participio *esganado* tem a mesma significação virtual que o substantivo *gana*, «grande apetite, grande vontade».

A acepção primordial do verbo *esganar*, «afogar», porem, não se compadece com tal significação. Ora, como é trivial esta outra locução popular «*sou capaz de lhe arrancar as ganas do comer fora*», e nela inquestionávelmente a palavra *gana* quere dizer *goela*; é desta acepção que provém o significado de *esganar* «apertar as goelas». Em castelhano *desganar* significa «tirar a vontade».

A palavra *gana* é de orijem germânica, muito antiga em castelhano, onde ainda hoje corresponde a «vontade, desejo», e de Castela provávelmente foi trazida a Portugal.

De *esganar* se derivou *esgana* «doença nos cães». Cf *esganiçar-se*, em castelhano *desganitarse*.

---

[1] Padre Manuel Bernárdez «Descrição da cidade de Columbo» (Ceilão), *in* Bibl. de Classicos Portuguezes, vol. XLI, p. 92.

esguíçaro, esguízaro

Estas duas formas correspondiam antes a *suíço*. José Leite de Vasconcelos entende serem de procedência italiana [1], e em toscano se diz realmente *svizzero*: é possível que nalgum dialecto, *sghizzero*. Os suíços a si próprios se chamam *Schweizer*, pronunciando quási *xveitcer*.

Suíça, como certo talhe de barba, é o adjectivo *suíça* substantivado, com elipse do substantivo *barba*.

esguicho

— «**Bateiras de pesca.** Ha tres typos: o da bateira de Aveiro e Ilhavo... e os dois typos murtozeiros: a *labrega* e a *chinchorra (q. v.)* a que tambem chamam *esguicho*. Estas duas differem uma da outra em ser a segunda maior e muito mais arqueada e levantada de prôa e ré, approximando-se muito dos barcos do mar da Torreira» — [2].

esmola, esnoga

O étimo de *esmola* é sem dúvida o latim e l e e m o s y n a, vocábulo enteiramente grego, ELEEMOSÝNÊ, «compaixão, dó» ⟨ ELEÊÔ, «ter dó». Os trâmites por onde passou tam longo vocábulo para chegar ao trissílabo actual foram: *e l e m o s n a*, *elmosna*, (*almosna* no LIVRO DE ALEXANDRE: cf. cast. *limosna*), *esmolna*, *esmonla* (cf. *moleiro* ⟨ *mouleiro* ⟨ *molinarium*). Da forma *esmolna* há documento antigo, citado no Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO.

---

[1] O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS, V, p. 3.

[2] Luís de Magalhães, OS BARCOS DA RIA DE AVEIRO, *in* Portugalia, II, p. 61.

Transformações análogas sofreu *sinagoga*, para chegar à forma medieval *esnoga*, ainda hoje em dia usada pelos judeus portugueses: *sinagoga* } *esnaoga* } *esnoga*.

espada, espadela, espadelada, espadilha, espadeiro, espadeirar; espádua; espaldar; espatula; espatela

Espada é o latim *spatha*, em que o *th* foi tratado como se fosse *t* [1]. Dêste vocabulo se derivou *espadela*, que alem de designar uma especie de remo, a que os franceses chamam *pagaie*, é o nome de um instrumento agricola: — «A *espadela* é uma espécie de podoa de madeira, em que se distingue a *cota*, o *fio* ou *gume* e o *punho*» [2].

Espadelada procede de *espadelar*, e êste de *espadela*. *Espadilha*, alem de ser o nome do as de *espadas* em varios jogos de cartas, denota uma ferramenta própria de tecelão: — «uma regoa de madeira chamada *espadilha*» [3]. Serve para formar a urdidura. Deve de ser castelhanismo em ambos os sentidos.

Não são sómente êstes os derivados de *espada*, ou dos seus derivados; há muitos mais, que podem ver-se nos dicionarios. Um dêles é *espadeiro*, «fabricante de espadas».

De *espadeiro*, pronunciado *espadeiro*, com *a* surdo na 2.ª silaba, declaram os mesmos dicionários derivar-se *espàdeirada*, com *a* aberto átono da dita silaba, e que não significa o que a sua formação exijiria, a ser verdadeira a derivação, «pancada dada *pelo espadeiro*, ou *com um espadeiro*, ou *espadeira*, ou *num espadeiro* ou *espadeira*». (Cf. *cutilada*, *catanada*, *punhalada*), mas pancada dada com a *espada*. ¿De onde veio pois a silaba intercalar *-eir-*, visto não dizermos *espadada*, e o *a* ser aberto em *espàdeirar*, *espàdeirada*, sendo surdo em *espadeiro*?

O Vocabulário portuguez e latino de Bluteau resolve esta

[1] Ortografia Nacional, Lisboa, 1904, p. 63.

[2] [3] Portugalia, I, 370-373.

e tantas outras dúvidas. Nele não está rejistado o substantivo *espadeirada*, mas ùnicamente *espaldeiràda*, que é definido: «Quando se dá de prancha com a espada» —. Deriva-se pois *espaldeirar*, *espaldeirada* de *espalda*, «ombros, costas»; e *espaldeirada* pressupõe um primitivo *espaldeira*, ou *espaldeiro*, derivado, como *espaldar*, de *espalda*, «espadua(s)», e também *encosto*, como *cadeira de espaldar*, que vem no mesmo Vocabulário. Pela semelhança de *espalda* com *espada*, suprimiu-se depois o *l*, que os diferençava, no derivado *espàdeirada*, conservando-se aberto o *a*, como teria de sê-lo antes de *l* da mesma silaba, fosse tónico, ou átono; cf. *falta*, *faltar* com *fala*, *falar*.

É de notar que *espádua*, *espalda* são derivados de spathula, diminutivo de spatha, e portanto orijinàriamente o mesmo vocábulo. Assim, *espádua* | spathula, com perda do *l* intervocálico (cf. *mágoa* de macula); *espalda* | *spaluta*, metátese de spathula, como espaldar de spalutare [1].

O outro derivado artificial e recentíssimo de spathula, que era *espátula*, é *espatela*: — «A espatela é uma taboinha inofensiva, que serve para abaixar a lingua, afim de melhor se poder ver a garganta» — [2].

espelir

No Minho, «expirar, morrer».

espera (1)

Forma antiga correspondente a *esfera*. [V. *espera*, na «Ortografia Nacional», do autor] [3]. Formado do sphaera latino, lido *spera*. Foi também o nome de uma peça de artelharia [4].

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 286.
[2] O Dia, de 2 de julho de 1904.
[3] Lisboa, 1904, p. 63-65.
[4] ib.

espera (2), esperista

Substantivo rizotónico do verbo *esperar*. Tem varios significados, e entre êles, é o nome de uma peça do tear, *espera do rolo do órgão do pano* [1].

— «Todas as vezes que entre nós se caça á espera e esta sempre feita a uma determinada especie, o primeiro cuidado do caçador, para ser bem succedido, é impedir por todos os meios possiveis que seja notada a sua presença... nesse caso o *esperista*, nome dado ao caçador de espera, construe... barracas de ramos, em que se embusca» — [2].

O vocabulo *espera* foi também usado antigamente no sentido de «lugar onde se espera», «prazo dado», «sitio ajustado para encontro».

Nesta acepção foi imposto a um cabo na Terra Nova, por ocasião da viajem de Côrte Real, *Cabo da Espera*, denominação que os ingleses converteram em **Cape Spear**, «cabo da lança». Cumpre advertir que o vocábulo inglês *spear*, actualmente pronunciado *spíar*, era há três séculos ainda pronunciado *spêr*. Outras denominações dadas pelos portugueses a acidentes do terreno naquelas parajens foram igualmente alteradas, para que formassem sentido em inglês, tais como **Cape Race**, por *Cabo Raso*, **Ferryland** por *Farelhão*, etc. [3].

esperto, espertar, espertador

O adjectivo *esperto*, que tem muitas acepções, mais ou menos relacionadas com o seu étimo latino expertum, participio pas-

---

[1] Portugalia, I, p. 374.

[2] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* Portugalia, II, p. 95.

[3] F. H. P. Biggar, THE VOYAGES OF THE CABOTS AND OF THE CORTE REALS TO NORTH AMERICA AND GREENLAND, 1497-1503, *in* «Revue Hispanique», X, p. 587, notas.

sado passivo de expergere, «acordar», ou com o verbo *espertar*, teve um significado muito especial, que vemos apontado no seguinte trecho: — «Em me dando autorisação para lhes applicar os *tratos espertos*, eu os farei falar» —[1].

Espertador é o nome que antes se dava, e o povo ainda dá, ao que os cultos chamam *despertador* «relojo com carrilhão para acordar as pessoas a horas certas». — «Um relojio de horas, com seu espertador» —[2].

espevitar, espevitado

Espevitar uma vela ou torcida é «cortar-lhe o murrão». E como a luz depois dessa operação fica mais viva, dizemos que uma pessoa é *espevitada* quando é esperta em demasia, e *língua espevitada* é «língua desembaraçada». Esta última expressão não é moderna, pois a vemos em texto do XVII século: — «Respondeu com grande esperteza e língua muito espevitada» —[3].

espiar, espear

Como o verbo se conjuga nas formas rizotónicas com *i*, e não *ei*, não há remédio senão escrevê-lo sempre com *i*. Todavia, vê-se que houve confusão com os verbos em *-iar*, como aconteceu com *criar* ⟨ creare (*q. v.*).

Deu-se portanto confusão entre êstes dois verbos, de tam diferente significação, pois o primeiro, de orijem germanica, quere dizer «vijiar», e o segundo, conforme D. Carolina Michae-

---

1 Antonio de Campos O MARQUEZ DE POMBAL.

2 Antonio Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 80.

3 Antonio Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, Lisboa, 1894, p. 24.

lis de Vasconcelos, derivado do latim *ex-panare* ¦ panum[1], designa «acabar de fiar a estriga que cinjia a roca» —, segundo a definição do NÔVO DICCIONÁRIO.

O latim panus, queria dizer — «a canela de fiado, ou armo de lã preparada para se fiar» —[2]. De *ex-panare* proviria *espêar* e depois *espear*, que deveria conjugar-se *espeio*, e não, *espio*. Todavia, *espiar*, neste sentido, poderia tambem ser *espiolo*: cf. *liar* ¦ ligare.

espiga, espigo, espigão, espigueiro

O primeiro dêstes vocábulos designa a parte terminal da haste de certas gramíneas em que se conteem os grãos, as sementes; as do milho chamam-se própriamente *maçarocas*, termo que também se aplica ao linho que está enrolado na roca. O terceiro vocábulo, forma aumentativa, quere dizer uma ponta aguçada que se crava em qualquer parte para segurar a peça a que pertence. Neste sentido vemos a forma *espigo*, não rejistada nos dicionários, empregada no trecho seguinte: — «no centro da mó inferior ha um espigo de ferro onde entra a segurelha *[q. v.]* de madeira» —.

É provável que *espigo* não seja própriamente a forma masculina, correspondente à femenina *espiga*, formação alias muito usual (cf. *cêsto* e *cesta*), mas sim, o latim spiculum, deminutivo de *spicum*, ¦ spica, que designava em latim o ferrão de alguns insectos, do lacrau, etc. As formas intermediárias foram *spigulum*, *espigoo*: cf. *bágo(o)*, de baculum.

De *espiga* se derivaram vários vocábulos, tais como *espigueiro*, nome que também se dá no norte ao *canastro (q. v.)* ou *caniço*, mormente se é feito de pedra e cal e não de vêrga ou canas.

---

[1] REVISTA LUSITANA, III, p. 158.

[2] J. Antonio Ramalho, MAGNUM LEXICON LATINUM ET LUSITANUM, Lisboa, 1819.

espilrar, espirrar

A primeira destas formas é popular, e mais conforme com a etimolojia, que é uma forma latina *expirulare* por *expilulare* ¦ pilula (cf. *pirola*, que tem a mesma orijem). A forma imediatamente anterior a *espilrar* é *espirlar* (cf. *melro* ¦ merulum, e *bilro* ¦ *bilo*, que é também ¦ pilulum). *Espirrar* provém de assimilação do *l* ao *r* seguinte.

espinho, espinha

Espinho é o latim spinum (forma de transição *espĩo*): *espinha* o plural spina, tomado como singular feminino, que tem duas acepções principais: o «arcabouço ósseo dos peixes», «borbulha». No norte, para particularisar êste sentido, diz-se *espinha brava*: —«Nasceu-lhe uma espinha brava no hombro direito»—[1].

espojar, espôjo, espojinho

A pronúncia popular é *espǫjár*, com o fechado átono, que se converte em aberto, quando é tónico: *espójo*, *espója*, etc. Oscar Nobiling[2] dá como étimo a êste vocábulo, que significa «rebolar-se no pó, como faz o jumento», e daí, «arrastar-se pelo chão», spodiare ¦ exspodiare ¦ spodium, na significação de «cinza». *Espojinho*, que poderia ser um deminuitivo de *espôjo*, significa «remoinho de vento que levanta pó»:—«Faltava, porém, uma prova mais convincente de que o pó elevado no valle do Orinoco pelos espojinhos (como aqui chamamos no Alemtejo aos remoinhos ou pequenos cyclones que aspiram o pó)»—[3].

[1] Ricardo Jorje, A PESTE BUBONICA NO PORTO, p. 4.
[2] BOLETIM DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, Serie 21.
[3] O SECULO, de 10 de março de 1902.

espreitar

Êste verbo, usado em português sómente, que eu saiba, deriva-o D. Carolina Michaelis de Vasconcelos de *explic'tare* por explicitare: Confronte-se *empreita*, «tecido de palma», de *implic'ta*, por implicita, que confirma a etimolojia; cf. ainda *estreito* ¦ *strictum* [1].

espremedicinho

Êste singular deminutivo, de *espremediço* ¦ *espremido* ¦ *espremer*, aplica-se a um animal mais pequeno e enfezado que outros da sua espécie, em meio dos quais vive.

esquartejar, esquartejadouro

Êste verbo quer dizer partir em quatro quartos, «fazer em postas». Singularmente o emprega António Francisco Cardim, num sentido que é um contra-senso, e é natural que lhe não ocorresse a orijem da palavra:—«ficou o imperio esquartejado em tres partes» [2].

O substantivo *esquartejadouro*, feito à semelhança do *équarrissage* francês, é recente, mas perfeitamente admissivel:

—«O sr. Martinho Guimarães, vereador da fazenda municipal, propoz aos collegas que o transporte para os esquartejadouros, dos animaes que morram na via publica, seja feito em carroças da camara, que não tenham outra applicação»—[3].

O termo era já oficial, visto constar do Decreto de 7 de fe-

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 146.
[2] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 217.
[3] O Economista, de 24 de março de 1893.

vereiro de 1887. Ainda bem que o estrambótico *équarrissage* morreu à nascença!

esquilo, esquio

O nome dêste formoso animal, que suponho não existe actualmente no nosso país, deve ter a mesma orijem que o francês *écureuil*, isto é, em latim *scuirulus*, *scuirolus*, derivado de sciūrus, que era o seu nome latino do grego SKIOUROS; de outro modo seria extraordinário que o *sci-* latino produzisse *esqui-*. A forma é em todo o caso singular, convindo advertir que Gil Vicente escreveu *esquio*, e não, *esquilo*:

Êste não é furão,
Nem gineta, nem esquio,
E um bichinho vadio [1].

Em castelhano chama-se-lhe *ardilla*, mas também se disse *esquilo*, que pelo *l* é mais espanhol, que português.

esquina, esquineta

Como nome de jôgo, não colijido nos dicionários, é o francês *lansquenet* ⟨ alemão *lands-knecht*, «soldado de milícias, e nome de jôgo». V. Júlio Moreira, *in* REVISTA LUSITANA, IV, paj. 267, onde vem a abonação de Camilo Castelo Branco: — «Arranchava com vadios nas noitadas das tavernas onde se jogava a esquineta e monte» —. Parece a J. Moreira ter havido a mui provável influência da palavra *esquina*.

---

[1] AUTO DAS FADAS.

esquinante, esquinote

— «para apertar o fundo das vasilhas ou desengrossa-las empregam [os oleiros] um pau aguçado, o *esquinote* (Baião) ou *esquinante* (Villa Secca)» —[1].

essa, eça

Julio Cornu, nos «Elementos de Filolojia Romànica»[2], e não sei se já antes dêle D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, indicou a etimolojia dêste vocábulo, modernamente escrito *eça*, isto é, errado, como tantos outros. Deriva-se êle do latim ersa, feminino do particípio passivo * ersum, de erigere, e significa portanto «erguida». Com efeito, são numerosos os vocábulos em que a *rs* latino corresponde *ss* em português: tais são *travessa*, *pessoa*, *pêssego* (também erradamente escrito *pecego*), do latim transuersa, persona, (malum) persicum, etc.

Fernam Mendez Pinto[3] escreveu aquela palavra com *ee*: *eessa* = *essa*. — «hum cadafalso... e no meio delle hũa tribuna de doze degraos com hũa eessa quasi ao nosso modo,...» —. A razão desta escrita está em que era necessario diferençar o vocábulo do femenino do pronome *êsse*, *essa*, que no seu tempo, como ainda hoje no norte do reino, era pronunciado *êssa*, sem a metafonia do *ê* em *è*, que se manifestou ao depois no sul, e no centro, de onde era natural Pinto.

O apelido *Eça*, porem, tem de certo outra orijem, e na PEREGRINAÇÃO [cap. CCIII] encontra-se escrito com *ç*, diferençado

---

[1] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, in Portugalia, II, p. 76.
[2] GRUNDRISS DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, I, p. 702
[3] PEREGRINAÇÃO, Lisboa, 1830, cap. CLXVII.

ortanto daquele outro vocábulo. Com ç o escreveram igualmente oão de Barros e Diogo do Couto, nas DÉCADAS DA ÁSIA [1].

estandal

— Nunca tantos estandaes
Ardero' ante o seu altar.

Éstes versos fazem parte de uma poesia do «Cancioneiro da 'aticana» (a 807), transcrita por Sousa Viterbo no seu artigo S CANDEIAS NA INDUSTRIA E NAS TRADIÇÕES POPULARES PORUGUEZAS [2]. Parece designar um «renque de velas acesas».

estanheira

— «Nas guirlandas e estanheiras lá se veem os serviços de obre, arame, estanho, ferro e barro» — [3]. É um cabide para ouça, o que em Espanha se chama *espetera,* em Trás-os-Montes *espeteira* [4].

estarim

É um termo de jíria, que significa «prisão, calabouço».

No caló, ou dialecto dos ciganos de Espanha, *estardó* quere izer «preso», *estaribel,* «prisão».

---

[1] Já publicado êste artigo na «Revista Lusitana», VII, 1900-1901, donde extraído com leves alterações. F. Méndez Pinto nasceu em Montemor-o-Velho, faleceu em Almada.

[2] *in* Portugalia, I, p. 368.

[3] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 538.

[4] Suplemento ao NÔVO DICCIONÁRIO.

estatelado

A êste particípio adjectivado de um verbo *estatelar-se* a Nôvo Diccionário orijem incerta. Com pouca probabilid explica D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos pela forma popu de *estátua*, *estátula*, de sorte que *estatelado* estaria po *tulado*. Seria no entanto singular que um verbo, cuja signific ção é «ficar estendido», fosse tirado de um nome que qu dizer «figura erecta, erguida, em pé» [1]. Mesmo para o p que alterou *estátua* em *estátula*, esta última forma designa se pre «figura de pessoa, em pé» e não, «estendida no ch A etimolojia, pois, está muito lonje de ser evidente.

estatuario, estatutario

Nenhum dêstes adjectivos é português, como derivad *estatuto*. O primeiro, a que infelizmente deu cabida o Nôvo Di cionário no Suplemento, vê-se bem ser um disparate, nã por quem inventado, pois *estatuario* deriva-se de *estátua* e de *estatuto*: o segundo é cópia do francês *statutaire*.

Se se quere à viva fôrça fabricar um adjectivo correlat *estatuto*, deve êle ser *estatuto* | statutus,-a,-um, latino, *estatucional*: cf. *constitucional*: | *constituição*: constitut

Passa-se perfeitamente, porém, sem tal adjectivo, porque é de rigor esta fabricação de adjectivos, que caracteriza mod namente o estilo artificial e aspérrimo de certos escritores, m que deu orijem ao célebre adjectivo *mundial*, e ainda ao m célebre *estadoal*!

---

[1] Revista Lusitana, III, p. 158.

esteira, esteiralho

O étimo mais evidente é o latim storea; mas não se explica
êle o *e* da palavra portuguesa, a não ser que se suponha, o
é violento, uma orijem imediata de um castelhano *estuera;*
ente ¦ *fruente* ¦ frontem (?).
J. Leite Vasconcelos supõe *stataria*, por haplolojia *staria* [1],
certa probabilidade, pois se justificaria o *estera* castelhano,
lmente.
O derivado *esteiralho* vem assim descrito nas NOTAS ETHNO-
PHICAS DO CONCELHO DA FIGUEIRA [2]: — «*Esteiralhos* —
relhos empregados para a pesca da tainha e outros peixes
dores; consistem n'uma porção de esteiras de *bunho*, liga-
umas ás outras» —. O termo não está colijido nos dicioná-

estepe

Esta palavra é russa e entrou em moda, para designar uma
sissima planície naquele país. Não era necessaria, mas não
uito inconveniente. É claro que a foram buscar ao francês
pe os escritores portugueses que a empregaram, com excep-
de um único [3], que sabe perfeitamente russo e a acomodou
rtuguês com a forma *estepa*, como em castelhano ela foi
ada. Cumpre, porém advertir que a palavra russa é STEPÍ,
nciada quási *stiepi*, que é femenina e tem um único *p*,
o os dois com que os franceses a enfeitaram, sem motivo
um. Assim teremos de dizer em português ou a *estepe*, ou a
a, se se prefere: pela minha parte, agrada-me mais a *estepe;*
odo nenhum o *esteppe*, que é um barbarismo.

REVISTA LUSITANA, III, p. 266, nota.
in Portugalia, I, p. 382.
Zófimo Consiglieri Pedroso.

estiar

Em Bragança estiar o gado é «pô-lo à sombra».

estojeiro, estojeira

É um neolojismo muito bem feito, para significar o fabricante ou a fabricante de *estôjos*: — «quando falta trabalho para as ajuntadeiras, estas vão auxiliar as *gravateiras*, luveiras, e estojeiras» —[1].

estou-fraca

— «A *Pintada, Gallinha da Índia, Gallinha da Gu[illegible] Gallinha da Numida* [aliás *Numidia*], *Estou fraca* ou *Meleagris*, é uma curiosa ave originaria da Africa, pertencente á familia dos gallináceos» —[2].

O nome provém-lhe de um grito particular, que é a voz d[illegible]

Estranjeirismos

Em 1902 publicou, pela Livraria editora Tavares Cardoso & Irmão, Cândido de Figueiredo um livro intitulado Os EstranGEIRISMOS.

Esses estranjeirismos são certos vocábulos e locuções em várias línguas, entre elas a latina, que a meúdo se intercalam em texto português, elucidados com explicações que aclaram o sentido deles.

Não é dêsses estranjeirismos que aqui vou dar exemplos.

---

[1] Asilo-Oficina de Santo Antonio, *in* O Seculo, de 21 de julho [illegible]

[2] Gazeta das Aldeias, de 18 de março de 1906.

colhidos em leitura de periódicos principalmente; é dos que são censuráveis por inuteis, e que, principalmente de locução, fervilham na escrita hodierna, em razão das traduções feitas à pressa por pessoas inábeis, que tendo pouca leitura portuguesa, e ignorando a índole da lingua pátria e o tesouro da sua linguajem, mesmo da trivial de que se serve o povo, utilizam a torto e a direito expressões estranhas, sem sombras de propriedade ou necessidade.

Quando tais estranjeirismos eram de vocábulos, José Inacio Roquete assinalava-os por uma mãozinha no seu DICCIONARIO [1], sentenciando-os com um comentário, mais ou mênos severo, consoante o seu emprêgo menos ou mais justificado.

Principiarei pela palavra *estranjeiro*.

Entrou já, até na linguajem oficial, a locução elíptica *ir ao estranjeiro, mandar vir do estranjeiro*, etc. É um galicismo, pois *estranjeiro*, como substantivo, sem mais epíteto, quere dizer «o indivíduo estranjeiro, que pertence a outra nacionalidade». Em português dizia-se *ir fora (do reino), mandar vir de fora*, e pode, com maior clareza e menos vernaculidade dizer-se: *ir a terras estranjeiras, mandar vir de país(es) estranjeiro(s)*, etc.

Apontarei mais alguns estranjeirismos, corrijindo-os.

1.— *Vinho de Bucellas, é* **tudo que ha de melhor** —[2].

Êste galicismo foi, creio, introduzido pelo gracioso comediógrafo Gervásio Lobato, que por outra parte era bem português e vernáculo nas suas engraçadas peças de teatro. A correcção é — *quanto pode ser bom*.

—*Cuja ascendencia* **era tudo o que ha de mais humilde e ignorado** —[3]. Correcção:

—*cuja ascendencia era, quanto possivel, humilde e ignorada* —.

2.—*Com uma pneumonia* **tem guardado o leito** *a Snr.ª*

---

[1] Paris, 1848.

[2] O SECULO, de 14 de setembro de 1902.

[3] *ib.*, de 16 de novembro de 1902.

D. Marianna da Conceição Duarte—[1]. Depreende-se que arrecadou, ou mandou arrecadar o leito a tal senhora, e que passou a dormir em cama-de-chão; ou então, que fêz um solene disparate, mandando guardar a cama, quando mais precisava dela. É um galicismo, a todos os aspectos ridiculo, pois nem *leito* é em francês *lit*, mas *bois de lit*, quando é de madeira, nem em tal sentido se diz em português *guardar*: o que se diz é *ficou de cama*.

3.—**já abandonou o leito**—, quere dizer em português, «já se não serve dêle». A correcção é: *já se levanta*.

4.—*A falta de toda e qualquer informação não permitte* **ajuntar** *credito*—[2]. Crédito não se ajunta, o que se ajunta é dinheiro, quando êle sobeja, o que para quasi todas as pessoas é cousa rara. Correcção: *não permite dar credito*. Traduziu-se mal o francês *ajouter foi*.

5.—**engajadas**... *as forças* [3]: é o francês *engagées*; em português diz-se *empenhadas*, *travadas*.

Vou em seguimento apontar uns poucos de anglicismos, colhidos na mesma folha periódica, o ano passado, a denunciarem tradução de inglês.

6.—*os mais* **sanguineos** *russophilos*:—em inglês *sanguine*, que quere dizer «esperançados».

7.—*A França e a Inglaterra tinham* **arranjado**—(inglês *arranged*), isto é, *combinado*.

8.—*O orgulho japonez constitue um phenomeno tão intenso n'aquelle povo, que deixa de ser apenas objecto* **d'uma** *observação*—. Ha aqui um anglicismo de sintasse, que torna absolutamente inintelijivel o conceito.

9.—*e sobre elles* [os factos consumados] *negoceiem com o Japão, ignorando as pretensões da Russia* (inglês *ignoring*), quere dizer «pondo de parte, desatendendo». Em português *ignorar* significa «desconhecer, não saber».

---

[1] *ib.* de 29 de outubro de 1902.

[2] O Dia, de 25 de junho de 1904.

[3] Diario de Noticias, de 27 de agosto de 1904.

estregar, esfregar

O Nôvo Diccionario dá, como inserção própria dêle, o verbo *estregar*, com a significação de — «transferir para um papel, tábua, etc., com uma boneca embebida em pó de carvão, (um desenho picado)» —.

Como étimo oferece-nos em dúvida *extergar*, do latim tergum; o *extergar*, porém não figura nem no dicionário, nem no Suplemento.

A edição dos Lusiadas da «Bibliotheca Portugueza», numa nota à estança 39 do vi Canto do poema, diz-nos o seguinte: — «*Estregando*, 1.ª e 2.ª ed. Mas he visivelmente erro de impressão, porque em nenhum author classico, nem no mesmo Camões [como se êle não fôra o primeiro classico], fóra dêste logar, se encontra similhante verbo; e quando o poeta o trouxesse do latim *extergere*, ou do castelhano *estergar*, por isso mesmo que o introduzia de novo, escreveria *estergar* e não *estregar*, a fim de ser entendido. Emendamos por tanto *esfregando*, como se lê na ed. de F. de Sousa» —.

Sempre foram muito divertidos êstes comentadores, que resolvem as dúvidas que teem por meio de raciocínios seus, e emendam os textos por conta do autor, com a mais suprema sem-cerimónia.

Na escrupulosa edição de F. Adolfo Coelho [1] a referida estança veio impressa do seguinte modo:

— Vencidos vem do sono e mal despertos,
Bocijando a miudo, se encostarão
Pellas antenas, todos mal cubertos
Contra os agudos ares que assoprarão;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando [estregando], os membros estirarão:
Remedio contra o sono buscar querem,
Historias contão, casos mil referem.

[1] Do Diario de Noticias, 1880, distribuição gratuita.

Teve o douto professor o cuidado de pôr ambos os vocábulos, mas infelizmente deu a preferencia a *esfrejar*, que deveria estar entre o parentese, e *estregar*, fora dele.

Quem escreveu a nota que citei, e cuja autoria não sei a quem pertence de direito, ou de torto, enganou-se no seu castelhano, pois *estregar*, e não, *estergar*, é que se diz e se escreve nesta lingua, e é um frequentativo ou de *extergare* | extergere, «apagar, desvanecer», ou de exterere, «roçar», isto é, *extericare*, mais provávelmente do primeiro, não obstante várias opiniões em contrario [1]. Quanto à metátese do *r* de *-ter* é tam frequente, que não vale a pena justificá-la: cf. *prejuizo* e *perjuizo*, *apretar*, castelhano, e *apertar*, português.

¿E quem disse ao anotador que o vocábulo seria neologismo, se todos os dias termos vulgares passam a literarios?

O português *esfregar* representa o latim ex-fricare, na Beira-Baixa *roçar*. Em castelhano existe *fregar*, mas não, *esfregar*.

estreloiço

Em S. Miguel dos Açôres significa —«rumor repentino e forte»— [2].

estromento

É a forma antiga de *instrumento*, «documento».

É já da baixa latinidade, *strumentum* [3].

---

[1] V. Körting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, 1891, n.os 2948, 3031 e 7818.

[2] O SECULO, de 5 de julho de 1901.

[3] JAHRESBERICHT UBER DIE FORTSCHRITTE DER ROMANISCHEN PHILOLOGIE, VI, I, p. 119. Rui de Pina, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO V, cap. III.

esturião, esturjão

— «Mandaram hontem um magnifico esturjão, ou esturião, mais vulgarmente conhecido por sôlho-rei» —[1].

etário

Extravagante adjectivo: — «Não ha edades poupadas; as victimas veem de todas as classes etarias, desde os 2 annos até aos 80» —[2]. ¿Onde iria o autor buscá-lo?

euplócomo, euplócamo

O Nôvo Diccionário incluiu a primeira destas formas, definindo-a: — «que tem cabêllo fino e encaracolado» —. No Suplemento emendou *euplócomo* em *euplócamo*, que fôra a forma por mim empregada no capítulo Linguas e Raças que escrevi para os Elementos de Geographia Geral, de M. Ferreira Deusdado [3], seguindo a classificação de Frederico Müller [4], que adoptara esta expressão. O epiteto é homérico euplókamos, «com bonitos caracóis (de cabelo)».

e(u)scaldunac, escalduno, escaldune

A primeira destas formas vem no Nôvo Diccionário com o *u* na primeira silaba, que alguns dialectos vasconços rejeitam:

---

[1] O Seculo, de 20 de maio de 1900.
[2] Ricardo Jorje, A peste bubonica no Porto, 1900, p. 55.
[3] Lisboa, 1891, p. 214.
[4] Grundriss der Sprachwissenschaft, I, 1.ª parte.

significa, não, como diz o mesmo dicionário, «vasconço», porque êste adjectivo se não aplica às pessoas, mas à lingua ou ao que com ela se relaciona, como literatura, etc., em castelhano *vas-cuence;* mas sim «vascongado», aplicável às pessoas, lugares, provincias, etc., como o *vascongado* castelhano. Os vascongados chamam-se a si próprios *e(u)scaldunac*, no singular *e(u)scalduná*, como sujeito determinado de verbo intransitivo, *e(u)scaldunac*, como sujeito de verbo transitivo. Ora sendo *á*, *ác*, *'ac* o artigo definido, suprimido êste, fica a forma *e(u)scaldun* plural *euscaldunes*, que são as usuais castelhanas, mais espanholadas *euscalduno, euscaldunos*. Devemos, pois, dizer em português *escalduno* ou *escaldune*, ou *escaldum*, plural *escalduns:* parece-me preferivel a primeira das três. À lingua, o *vasconço*, chamam-lhe *euscara*, e os nossos antigos escritores denominavam-na *biscainho* e aos vascongados *biscainhos*, transferindo o nome de um dialecto e o de uma provincia a todo o dominio da *Euscalerria*, ou terra dos vascongados, as *Vascongadas*, como dizem os espanhois. Os franceses chamam-lhes respectivamente *les Basques*, *le basque*, *le Pays basque*.

A etimolojia do substantivo *euscara* está por averiguar, e Van Eys [1] tem razão em repelir a que foi proposta a mêdo por Guilherme de Humboldt [2], no seu notabilissimo escrito intitulado «Investigações acêrca dos habitantes primitivos das Espanhas», isto é, que provenha de um verbo *eusi*, com a significação de «ladrar», e por extensão «falar», pois não é natural que qualquer povo designasse a sua fala própria com semelhante nome. Às linguas estranjeiras, isto é, à castelhana e à francesa, com as quais estão em contacto, chamam os euscaldunos *erdera*, que conforme Humboldt, significa, «(a lingua) da terra», por oposição à própria, a euscara ou vasconça.

---

[1] W. J. van Eys, DICTIONNAIRE BASQUE-FRANÇAIS, Paris, 1873.

[2] Wilhelm von Humboldt, PRÜFUNG DER UNTERSUCHUNGEN ÜBER DIE URBEWOHNER SPANIENS, 1821.

extinguidor (extintor)

É um neolojismo, que poderia ser substituido por *extintor*: — «No domingo ás 3 horas da tarde realisa-se no Terreiro do Paço a experiencia dos extinguidores Leixis [*sic*, alias, Lewis] do sr. Corloden Roman» —[1].

facha

«Apenas subsistiram [os brandões], através de todo o progresso industrial... as lumieiras de colmo que de noite guiam nos caminhos e logares escuros e ainda as *fachas* com que, para certa pesca, se desvairam os cardumes (Cavado, Tamega, etc.)» —[2].

Facha, femenino interessante de *facho*, que quási não é usado pelo povo, equivale aqui ao que também se chama *candeio*, masculino de *candeia* | latim candela, «vela».

A palavra *facha* procede do latim fac(u)la, e o *cl* latino produziu *ch* português, como se fosse inicial (cf. *chave* | clavem), por estar amparado pelo *l* (cf. *abelha* | apic(u)la). Cumpre diferençar na escrita, como no norte diferençam na pronuncia, esta palavra, do vocábulo *faxa*, «cinta», de fascia: cf. *feixe* | fascem.

fachis

É muito conhecido êste termo em Macau, pois designa as duas varetas com que os chineses comem, e que lhes servem de garfo. É palavra chinesa de Cantão, *fa-chi*, que passou ao japo-

[1] O Economista, de 26 de outubro de 1886.
[2] Rocha Peixoto, Illuminação popular, *in* Portugalia, II, p. 38

nês, em que se profere *fài-ci*. Os portugueses costumam usar o vocabulo no plural, como é naturalíssimo, visto nunca se empregar uma só dessas varetas. Fernam Mendez Pinto chama-lhe pauzinhos: —«Em suas cortesias são (os chins) homens de muito primor: no modo de vestir, assi homens como mulheres, muyto honestos, e muy bem tratados, per que geralmente se fazem muytas sedas no reyno; a terra é muyto fertil e muy abundosa de mantimentos, fruytas, agoas, muyto singulares jardins muyto frescos, toda maneira de montaria e caça: não poem mão no comer, mas todos geralmente, pequenos e grandes, comem com dous pauzinhos por limpeza»—[1].

Os malaios denominam o dito talher ĉikap (pron. quasi *chucap*)[2].

Farei aqui uma observação a uma nota, que, com o número (5), vem na memoria de que extratei o passo de Fernám Mendéz Pinto, constante da carta, que é nela o documento **L**.

O texto, que fielmente transcrevo, como la está, reza assim: —«Tem mais elRey oyto fidalgos de seu conselho muyto letrados e de grandes prudencias, com os quaẽes *[sic]* despacha todos os negocios do Reino, tambem estes nunqua saẽ fora da terceyra cerca por nhũm caso ate a morte, a estes chamão vlãos [?] (5)»—.

A nota (5) diz:—«Na traducção hespanhola publicada em 1555 vem escripto *Ulao*: «tendo [?] en esta reputacio le manda llamar de qualquiera prouincia de su reyno en que esté y le mete en el cargo de Ulao». Deve ler-se *vlao*, porque nesse tempo se escrevia *v* por *u* e *u* por *v*»—.

Informação errada: o que se escrevia era **v** inicial por *u* e *v*, e **u** medial por *v* e *u*. A emenda, portanto, é temeraria. *Ulao* ou *Ulau* deve ser a forma certa, mesmo porque *vl* seria grupo de letras impossível em chim.

---

[1] Cristovão Aires, FERNÃO MENDES PINTO, Lisboa, 1904, p. 118.

[2] MELANGES CHARLES DE HARLEZ, Leida, 1896, p. 193.

fada, fado, fadar, fadario, fadista

Fado é o latim fatum, «destino, sina»; *fada*, o plural dêste, *fata*. No sentido de *sortes ventureiras*, «para saber a sina», foi empregado por Gil Vicente no Auto das Fadas, isto é, «auto das sortes:» —

«Dae ora prazer
A quem vos bem quer,
E dae boas falas
Nas encruzilhadas» —.

Sina (q. v.) é também o latim *signa*, plural de signum, que os espanhóis dizem *sino*.

De *fado*, no sentido de «sina», se deriva *fadar*, *fadário*. *Fado* tomou um sentido fatalista para denotar o «destino incontrastável, o *mau fado*, desculpa muito cómoda, invocada pelo povo, para disfarçar a pusilanimidade em resistir às tentações de não cumprir o dever, nem respeitar o decoro: *foi fado, foi sina!*».

Fado designa no sul a «profissão de prostituta», e *fadista*, «o rufião», ou aquele que frequenta assiduamente os prostíbulos ordinarios e passa a vida com meretrizes. É êrro pronunciar-se *fàdista*, com o *a* aberto, visto que ninguem pronuncia *fàdario*, nem *fàdar*. Sinónimos de *fadista* são *faiante* e *faia*, vocábulos de dificultosa identificação.

fagueiro: v. **afagar**

Este adjectivo significa hoje «agradável, brando, carinhoso», mas antigamente queria dizer, como o castelhano *halagüeño*, «enganador, traiçoeiro»:

«Êste é falso e fagueiro,
Sorrateiro,
Quando virdes êste cão
Levae sempre um pau na mão» — [1]

[1] Gil Vicente, Auto das Fadas.

faiança

Êste termo, do francês *faïence* ¦ ital. *faenza*, é muito usado hoje, para designar uma casta de louça, não transparente, mas vidrada, e pintada muitas vezes, a que dantes se chamava «louça de pó de pedra», a qual se diferençava da «louça do reino», em ser muito mais fina a pasta: — «Existem aqui (Coimbra) duas especies de faiança: A chamada impropriamente de Vandelli (professor da Universidade, que, quando muito, aperfeiçoou o fabrico desta louça), e a chamada ratinha» —[1].

Num anúncio publicado no jornal O SECULO, de 16 de março dêste ano, lê-se o seguinte: — «A louça é toda em pó de pedra» —. A parte a extravagancia, hoje ridiculamente arremedada do francês, de empregar a preposição *em* para designar a matéria de que uma cousa é feita (e não em que o é), temos aqui um exemplo, colhido em flagrante, da denominação portuguesa *pó de pedra*, correspondente a *faiança*, por oposição a *porcelana* e a *louça do reino*, bastante antiga, mas não mencionada no Léssico de André Nemnich[2].

Quanto a *louça em pó*, na linguajem de toda a gente que fala português, quere dizer «louça desfeita, mais meúda que se fôra em cacos»; pelo que não admira que o anunciante a desse como dizia, quási de graça.

faina

Em castelhano diz-se *faena*, e é termo de bordo, que se generalizou para significar «trabalho, azáfama», o francês *besogne*, «o que cada um tem a seu cargo fazer». A palavra é catalã, *fahena* ¦ latim facienda, plural de faciendum, participio de

[1] O SECULO, de 17 de maio de 1900.

[2] WAARENLEXIKON IN ZWÖLF SPRACHEN, Hamburgo, 1797

futuro passivo de facere, que deu em português *fazenda*, em castelhano antigo *fazienda*, moderno *hacienda*.

Em catalão *n(n)* resulta de *nd* latino, ou románico: cf. *anar*, português *andar*.

Outra forma catalã do mesmo vocábulo é *feyna*, na qual *ahe* se condensou em ditongo, com deslocação do acento tónico, como se observa no vocábulo castelhano e no português.

falacha

A verdadeira definição dêste vocabulo contém-se no seguinte passo: — «Rezende, 28. Escrevem de S. Cypriano, deste concelho... em quanto que os mais pacatos se entreteem a comer *falachas* (bolos de farinha de castanha pilada)» —[1]. Em geral omite-se nas definições o epíteto *pilada*.

A orijem dêste termo já foi dada na Revista Lusitana [2], *foliascula*, ou foliacea, mas não me parece bem segura: ¿Por que razão de *li* não resultou *lh*? Cf. *filho* | filium, *filhó* | foliola. E, ¿como é que *-cea* deu *-cha* no segundo etimo?.

falar, parolar, parola

Êste verbo, como o castelhano *hablar*, antigo *fablar*, procede do latim *fabulare*, que, com *parabolare*, substituiu na decadencia os verbos loqui e fari, com o último dos quais a primeira vista se poderia supor que o *falar* teria relação. Para convencimento do contrário basta considerar que *fari* é o infinito, a que corresponde a primeira pessoa do presente do indicativo *fateor*, «confesso», de que procedeu *confiteor*, «confesso-me».

Dos dois verbos *fabulare* e *parabolare* provieram os que

---

[1] O Economista, de 31 de janeiro de 1891

[2] vol. IV, p. 267.

nas linguas romanicas, com excepção do romeno, correspondem ao loqui latino: fabulare já vimos que produziu *fablar* e *falar*; parabolare deu o catalão *parlar*, o francês *parler*; em italiano existem ambos, com as formas *parlare* e *favellare*.

Dêstes verbos se derivaram, respectivamente, *a fala*, *el habla*, *la parla*, *la favella*; mas em francês, para se designar a *fala*, emprega-se *parole* | parabola, que deu ao português primeiro *paravoa*, e depois *palavra*, ao castelhano *palabra*, e ao italiano *parola*. Dêste, ou antes do francês *paroler*, veio o português *parolar*, cujo substantivo verbal e *parola* (*q. v.*).

Fala se denominava dantes, e ainda não está obsoleto, o que os franceses chamam *tirade*, que, por galicismo inutil, ha pouco tempo é empregado por escritores que só lêem francês, (e sabe Deus como o sabem), para designar um «longo discurso», quer na tribuna, quer principalmente no teatro. Era sistema antigo da escola chamada romantica, introduzir o artificio dessas grandes *falas*, em todos os principais papeis de qualquer comedia, suplicio dos actores, e tambem dos espectadores: — «A propria Medea quer dizer a *fala* de tragico desespero» —[1].

Do verbo *falar* se deriva um dos raros participios activos portugueses que ainda se empregam como tais; assim, *temente a Deus*, *voz clamante* [2] por exemplo. Diz-se que uma pessoa é *bem falante*, quando tem verbosidade, facilidade em se exprimir.

Em castelhano, ao contrario, diz-se *bien hablado*, empregando-se o participio passivo com valor de activo, sintaxe tambem muito portuguesa, como vemos em *esquecido*, «aquele que esquece», *pressentido*, «aquele que pressente», etc.

Outro participio activo é *tente* | tenentem: — «e no mesmo terço assistia por logo tente Alvaro Pirez de Tavora» — [3]. Hoje diz-se *lugar-tenente*.

---

[1] Antonio de Campos, O MARQUEZ DE POMBAL, *in* «O Seculo», de 11 de março de 1899.

[2] Gil Vicente, AUTO DA HISTÓRIA DE DEUS.

[3] Jeronimo de Mendoça, JORNADA DE ÁFRICA, l. 1.º, cap. V.

falquejar, falquear

O Diccionario Contemporaneo define êste verbo da seguinte forma: — «o mesmo que falquear» — ; e em *falquear* diz: — «desbastar (a madeira) com machado, enxó» — . Todavia, isto parece não ser rigorosamente certo, visto que José da Silva Picão, no seu estudo Ethnographia do Alto Alemtejo, estabelece distinção, que a definição não faz: — «se trabalham em pé [os carpinteiros], vemol-os com o machado, vibrando golpes certeiros na madeira... desbastando assim de *falquejo*, para depois aperfeiçoarem á enchó» —[1].

falua

O nome desta embarcação, muito usada no Tejo, parece ser o mesmo que *faluca* embarcação das costas da Berberia, o árabe felúk; neste caso, porem, *falua* pressupõe outra forma, felúq, com a terminação de unidade feluqe. No dialecto berberesco o q mal se ouve, correspondendo em valor à consoante inicial das palavras começadas por vogal em alemão, e por isso foi eliminado.

familia

Dá-se no distrito de Leiria êste nome à «totalidade da gente que está numa propriedade a trabalhar», ainda que as mais das vezes nenhum parentesco tenha com os donos da casa[2].

familiar, *familial*

Dantes, todos os autores se contentavam com a primeira destas formas, a única verdadeira, do latim familiare | fami-

---

[1] *in* Portugalia, i, p. 544.
[2] Informação do snr. Acacio de Paiva, dali natural.

lia. Modernamente, os franceses, que já tinham *familier*, da mesma orijem, porque êste adjectivo adquiriu a acepção de «trivial», e tambem a de «confiado, que não usa deferencia ou cortesia», inventaram outro adjectivo incorrectissimo *familial* impossivel em latim, visto haver já *l* no vocabulo radical (cf. regulare | regula, com morale | mores), e deram-lhe o sentido de «relativo à familia». Como era uma incorrecção, um barbarismo, foi logo sôfregamente adoptado em português, por cópia: — «Pondo em presença vasos de egual ondulação linear e ornamentação com o mesmo ar familial» —[1]. Deveria ter-se dito *familiar*, ou, *de familia*, porque não é fôrça que para cada substantivo haja um adjectivo correspondente, como é uso modernissimo e desnatural.

Com maior correcção vemos *familiar* empregado no seguinte trecho no mesmo sentido: — «Como se vê claramente, não sae da corrente geral das ideas dos publicistas sobre a sociedade familiar» —[2]. A relação expressa é a mesma.

Se extratarmos dos dois trechos aduzidos os adjectivos formados com o sufiexo *-ar*, ou *-al*, veremos a constancia da regra, que é: o sufiexo lejitimo é *-al*; o *l* muda-se em *r*, se o vocabulo radical contém *l*: *igual*, *geral*; *linear*, e portanto *familiar*.

fanadouro, fanadoiro

— «E por fim o *fanadoiro* é a espatula grosseira com que [os oleiros] alisam as superficies ou gravam os ornamentos» —[3].

[1] Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 3[illegible].

[2] Projecto de lei sôbre o Divorcio, apresentado ás Côrtes em 18 de março de 1898, pelo deputado Duarte Sampaio e Melo.

[3] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, *in* Portugalia, II, p. 76.

fanão

Esta palavra, muito freqüente nos nossos escritores do XVI e XVII séculos que se referiram à India, é, conforme o Glossário de Yule & Burnell [1], de origem indiana, malabar e tamul *panam* { sânscrito PAṆA, «moeda», mas primeiro, «bôlo no jôgo, parada» [2]. Os portugueses receberam o termo dos árabes e mouros que faziam comércio nos mares da India. Era de ouro, mas só depois cunharam-no também de ouro com muita liga, e mesmo de prata. Possuo uma destas moedas de ouro baixo; é circular e tem o diâmetro de um real de cobre da nossa moeda actual. Nos princípios do século passado o seu valor era deminuto, pois equivalia a dois dinheiros ingleses, isto é, 40 réis: — «Quatro mil fanoens de renda cada anno, que valem na nossa moeda 400 cruzados» — [3].

faqui; faquir

São dois vocábulos diferentes, e com diversíssimas significações: *faqui*, em árabe FAQIE, de FAQE, «saber teolójico», significa «jurisconsulto»; *faquir*, em árabe FAQIR, de FAQAR, «pobreza», que quere dizer «frade mendicante».

farinhar; farinheiro; farinheira

Em Aveiro êste verbo aplica-se aos tabuleiros das marinhas, quando neles o sal começa a alvejar.

---

[1] A GLOSSARY OF ANGLO-INDIAN WORDS AND PHRASES, Londres, 1886.

[2] Monnier Williams, A SANSKRIT-ENGLISH DICTIONARY, Oxónia, 1872.

[3] Lucena, VIDA DO PADRE FRANCISCO XAVIER, 92, col. I.

A acepção de *farinheiro* é diferente: — «Villa Nova de Fozcôa, 1. O estado geral das vinhas é regular. O que tem apparecido por aqui é a molestia a que dão o nome de *farinheiro*» — [1].

Qualquer dêstes vocábulos deriva de *farinha*, e indica aspecto parecido com o dela.

Farinheira designa um chouriço feito com gordura de porco e farinha ou meolo de pão.

faro, farum, fera, farão, faronejar

Duas orijens se atribuem ao primeiro dêstes vocábulos: a primeira, proposta por Júlio Cornu [2], é dissimilação de *frairo*, substantivo verbal de *frairar* ⟨ fragrare, *farar*, com perda do r, cf. *rôsto* ⟨ rostrum. Com relação a êsse r procedente de g, cf. *enteiro* ⟨ *intégrum*, *cheirar* ⟨ *flagrare* ⟨ fragrare.

A segunda é apresentada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, com muito enjenho, mas pouca probabilidade: *faro*, «farol», ⟨ grego PHÁROS [3].

Com respeito a *farum*, o Nôvo Diccionário deriva-o de *faro*: se considerarmos porém que *bodum* procede de *bode*, e designa o repugnante cheiro dêste animal, *frescum* o «cheiro da carne fresca», é aceitavel o atribuirmos a *farum*, «cheiro a *fera*», a derivação dêste último substantivo, que a mesma insigne romancista lhe atribui [4].

O *e* átono de *ferum* passou a *a* surdo por influência do r, cf. *amaricano* por *americano*, a terminação *-aria*, por *-eria* de *cutelaria*, cast. *cuchilleria*, *para* moderno, a par do *pera* antigo, o qual subsiste no falar desafectado. O *r* em grande

---

[1] O Economista, de 4 de agosto de 1894.

[2] Grundriss der romanischen Philologie, Estrasburgo, 1888, I, p. 772.

[3] Revista Lusitana, III, p. 160

[4] ib. p. 159.

número de linguas exerce influência na vogal que o precede, e entre elas a exerceu em latim, por exemplo; cf. corpus, corporis [1].

No Suplemento ao Nôvo Diccionário vemos *farum*, como sendo aplicado no Minho ao «cheiro do mosto». Nesta acepção se fundou provávelmente Cândido de Figueiredo para o derivar de *faro*.

De *faro* formou-se um aumentativo, *farão*, cujo tema *farom*, ou *faron*, deu orijem ao verbo *faronejar*, o qual ficou em relação a êsse aumentativo, como *farejar* para *faro*.

fatão

Em Viana-do-Castelo ouvi dar êste nome a uma ameixa grande, sôbre o comprido.

fateixa

Conforme o Diccionario Contemporaneo, esta palavra significa: — «ferro como a ancora, mas mais pequeno, com tres ou quatro unhas para fundear barcos menores. // Gancho de candieiro. // Utensilio de ferro em fórma de ancora em que se dependuram carnes para estarem expostas ao ar. // F. ar. *Kkattéf* [alias, *khattéf*]» —. Bluteau, que escreve *fatexa*, dá sómente os dois primeiros significados. Em qualquer acepção vê-se porém que é um objecto com ganchos ou unhas para aferrar, segurar: — «e doze arpeos de abalroar com suas fateixas talingadas em cadeias de ferro» — [2].

O étimo apontado no Contemporaneo, e que o Nôvo Diccio-

[1] Veja-se Padre Rousselot, Les articulations irlandaises, Paris, 1899, p. 13

[2] Fernám Méndez Pinto, Peregrinação, cap. LVIII.

NÁRIO escreve *catefe*, é o que foi defendido por Dozy [1], isto é, transcrevendo as letras árabes por êle apresentadas, HATAF. Depois de nos explicar ser regular a representação do som da 7.ª letra do alfabeto arábico por *f* nas linguas peninsulares, termina dizendo: — «celui [le changement] du *f* en *x* ne l'est pas, mais il faut appliquer ce que j'ai dit dans l'Introduction', à savoir, que la dernière consonne, qu'on entendait mal, est souvent changée arbitrairement» —.

Declaro que me não dou por convencido: compreendo perfeitamente a troca entre *t*, *l*, *r*, *n*, consoantes homorgânicas; não aceito, à sombra da regra geral que formulou o abalisado arabista holandês, que um *f* fosse tam mal ouvido, que se representasse por *x*, a não ser que dêsse estranho fenómeno se apresentem muitos mais exemplos.

João de Sousa [2] não traz o vocábulo; Eguilaz y Yanguas sujere FAṬAXE, que diz significar crucibulum [3], isto é, «cadinho». Se tal palavra existe em árabe, não sei: nos dicionários que pude consultar não a encontro; mas ainda quando exista, a significação de modo nenhum convém. Outro tanto direi de FAṬAIXE, a que no Vocabulário árabe-francês de Belot se dá como correspondente o francês *fusée*, e que pela sua estrutura mais se compadeceria com a palavra portuguesa.

Deduz-se de tudo isto que as palavras árabes que fonologicamente poderiam produzir a portuguesa *fateixa*, ou *fateira*, são inaceitaveis em razão dos seus significados; e que a unica, apresentada por Dozy, e cuja significação se acomoda às do vocabulo português, tem de ser rejeitada por causa da sua incompatibilidade fonetica. O *f* só pode provir das letras 6.ª, 7.ª, 20.ª, ou 26.ª, o *x* sòmente da 13.ª, e não ha vocabulo arabico que, com significação apropriada, satisfaça a tais condições.

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

[2] VESTIGIOS DA LÍNGOA ARABICA EM PORTUGAL.

[3] GLOSARIO DE LAS PALABRAS ESPAÑOLAS DE ORIGEN ORIENTAL.

Sôbre o significado do vocábulo arábico FATAIXE escreve-me o snr. David López que Dozy, no seu Suplemento aos dicionários árabes dá a seguinte definição: — «sac de papier dans lequel on met de la poudre et qu'on attache à un roseau; mis en contact avec le feu, il vole dans l'air comme des serpents ardents» —[1]. É pois «foguete».

fato, fateiro

Esta palavra é germánica, conforme Frederico Diez[2]: alto alemão antigo *fazza*, a que nos outros dialectos germanicos correspondem formas com *t* em vez da dúplice **z** (*=tç*) do alto alemão. Parece que nesses dialectos significa «roupa de vestir».

Na realidade, o vocábulo *fato* aplica-se em português a vestidos, com excepção dos que se chamam *roupa branca*. Antes, porém, teve significados muito diversos, e no de «rebanho de cabras» coincide ainda com o castelhano *hato*, anteriormente *fato*.

Nos seguintes trechos, todos extraídos das BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, do Padre António Francisco Cardim, pode ver-se a evolução do significado: — «puseram o fato na rua para o confiscar» —, isto é, «mobília e todo o trem de casa»[3]. — «fazendo muitas vexações nos christãos, para delles tirarem fato e dinheiro» —, isto é, «fazenda»[4].

— «registam [revistam] as pessoas e o fato» —[5].

Em uma acepção particularíssima é empregado êste vocábulo pelo Padre Gaspar Afonso, na sua castiça e interessante «Relação da viajem e sucesso da nau Sam Francisco»: — «candeia e

---

[1] SUPPLÉMENT AUX DICTIONNAIRES ARABES, II, 239 b.

[2] ETYMOLOGISCHES WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN, Bonn, 1870, II, *sub v.* **hato**.

[3] Lisboa, 1894, p. 104.

[4] *ib.*, *ib.*

[5] *ib.*, p. 281.

fogo se dá em cada fato, como elles chamam ás casas em que moram os Senhores (na Ilha Espanhola ou Haiti) » —[1].

Fateira, adjectivo, vem no Suplemento ao Nôvo Diccionario, como termo transmontano, por exemplo em *arca fateira* « arca para arrecadar a roupa ». V. **roupa.**

faxa, faxina, feixe, feixota

Êste vocábulo representa o latim fascia, « atado », e portanto deve escrever-se com *x*, e não, *ch*. É natural que o seu étimo imediato seja *facsia*, com metátese de *sc*, em *cs* como *feixe* (*facsis* por *fascis*: cf. *pexe*, *peixe* (*pecsem* por *piscem*. *Faxina* (e não, *fachina*) é um derivado, provavelmente de orijem italiana, onde *fascina*, designa « braçado de lenha ».

Acêrca de *faxina*, como unidade de lenha, equivalente a 60 K. em achas, veja-se o Suplemento ao Nôvo Diccionario, onde se encontrarão outras acepções do vocábulo.

Faxa, com o significado de *feixe* é transmontano: — « A ... mala tinha-a em casa no meio de uma faxa de palha » —[2].

Outro termo da mesma orijem, fascis, é *feixota*: — « O ... drilhado ou calçado do piso conserva-se meio occulto pelas ... e gravetos do piorno que em feixotas, se applica [*sic*] a combustivel na lareira » —[3]. Não prima por correcção gramatical o exemplo, mas não tenho outro para o substituir. V. **facha.**

febra; fêvera

F. Adolfo Coelho denominou em português FORMAS DIVERGENTES as diferentes evoluções que uma forma primordial adqu...

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLV, p. 46.

[2] VILLA-REALENSE, *in* « O Economista », de 24 de fevereiro de 18..

[3] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 541.

produzindo vocábulos diversos, como por exemplo *régua* e *regra*, ambos procedentes do latim regula, sem adjunção de outro elemento de derivação, preficso, inficso ou suficso, e só pela acção de leis fonéticas distintas, exercidas em periodos diversos da evolução de uma lingua. A êste fenómeno dão os franceses o nome de *doublets*, e os alemães o de *scheideformen*. A denominação hoje mais adoptada é a de *alótropos*, que quere dizer, como é sabido, «vários, mudaveis», e, neste sentido particular, «que tomam direcções diversas».

Assim como de um só vocábulo provém mais de um, por efeito de leis fonéticas diferentes, que nele operaram; do mesmo modo, de duas ou mais dições distintas pode resultar um vocábulo so, em que se compendiem, se reúnam os significados de todas, porque a operação de leis fonéticas as reduziu a um único produto, identidade conseqüente de forma em uma dada lingua, ou em mais, comparadas entre si. Vou referir-me aqui sómente à primeira destas hipóteses, exemplificando-a com o português. A palavra *fiar* compreende os significados das duas latinas fidare e filare, e a homonimia é devida, não a processo psicológico, a evolução de significado, mas à operação de uma lei fonética, fisiológica portanto, a bem dizer mecanica, a queda normal de *d*, ou de *l* na posição fraca, isto é, entre vogais, em português, o que é uma das caracteristicas que o diferença, com relação ao latim e a outros idiomas dêste derivados. Outros exemplos do efeito dessas leis fonéticas são: *se*, correspondendo ao latim si e se; *prego* de plico e praedico; e não já em vocabulos distintos, mas em formas diversas do mesmo vocabulo, *só* de solum e solam, *amava* de amabam e amabat, etc.

Alguns dêsses homónimos diferença-os a ortografia usual, com melhores ou piores fundamentos, como *vale* e *valle*, *pena* e *penna*, *retrato* e *retracto*, *cear* e *ciar*, *soar* e *suar*, *pus* e *puz*; outros não os diferença, devendo fazê-lo, como *concertar*, conecso com *certo*, e *concertar*, «compor» (melhor *consertar*, de consertus, participio pretérito passivo de conserere): outros, conquanto homónimos na lingua literária, não o são em alguns dialectos, como *lenho* e *lanho*, *tacha* e *taxa*, *nós* e *noz*, *passo* e

paço, osso e *ouço, cozer* de * cocere por coquere, e *coser* de cons(u)ere, e a ortografia usual avisadamente os conserva distintos.

Nenhuma lingua europeia mais do que a francesa falada apresenta dêsses homónimos; bastara citar as formas *sa* (escritas *sans, sang, sent, cent*), e *sẽ* (*sain, saint, sein, seing, cent, cinq*): dez vocabulos reduzidos a dois.

É no sentido de conservar distintas pela escrita formas unificadas pela pronúncia, que se diz serem as ortografias etimolójicas essencialmente conservadoras das linguas literarias; e é facto que, pelo menos nas pessoas que possuem conhecimentos literários, essas ortografias exercem certa influência impeditora de alterações extremas nos vocábulos.

Quando esse critério desaparece, ou quando uma lingua teve larga cultura literária antes que êle se manifestasse, o império das leis fonéticas determina empobrecimento no vocabulario, pela produção de muitos homónimos, e alterações fundamentais na gramatica pela confusão de formas anteriormente diversas, derivadas de um mesmo radical. No primeiro caso temos homonimia no léxico, no segundo homonimia na morfolojia da lingua, e esta última tende a imprimir-lhe carácter diferente.

Dá-se a êstes fenómenos de unificação o nome de HOMEOTROPOS, FORMAS CONVERJENTES, chamando assim àquelas que resultam de duas ou mais orijinarias. Vê-se que êste processo é o contrário do que primeiro indiquei — o de FORMAS DIVERJENTES ou ALÓTROPOS, o qual é um meio eficaz de uma lingua se enriquecer, ao passo que o outro determina a sua depauperação como disse.

Do mesmo modo que dois ou mais vocábulos ou formas distintas podem, como vimos, pela operação de leis fonéticas, adquirir na passajem de uma a outra lingua, ou dentro da mesma lingua, uma forma única, na qual se resumam os significados de todos êles; assim também de dois ou mais vocábulos, procedentes de linguas diversas, pode resultar um que compreenda as significações daqueles de que provém, figurando falsamente essa operação fonética como um produto puramente psicolójico.

a evolução do significado primitivo de um dêles, o que se chama «desenvolvimento de significação», ACEPÇÕES DIVERSAS de um vocábulo, ou SEMEIOLOJIA, SEMANTICA.

Nestas circunstancias creio eu que está o que acima citei: *fevera*, *ferra*, ou *febra*, ao qual atribuo étimos distintos, conforme os seus dois principais significados.

Bluteau da-lhe a seguinte serie de significações: «FEVERA, Fevera ou Fevara, ou (como dizem os Cultos) *Fibra*. As feveras são como huns fios de carne que se achão nas extremidades do figado, dos bofes, etc. *Fibra, æ*, Fem. *Cic.*

Feveras do açafrão... de algumas raizes que tem fibras diz Plinio...

Homem de fevera: Vid. Alentado. Valente.

Fevera, ou carne de fevera, he carne sem osso nem gordura. *Pulpa, æ*, Fem. *Pers*» —.

A falta de melhor, poderia talvez, com grande violência, deduzir-se do primeiro o último déstes significados, supondo-o uma ampliação particular de sentido, como o são os intermédios. Assim teem feito, que eu saiba, todos os etimologos que dêste vocabulo se ocuparam.

F. Ad. Coelho, no seu DICCIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, diz o seguinte:

— «Febra, fêbra: a parte musculosa dos vertebrados comestiveis. V. Fibra. Nome de diversos filamentos vegetaes. Filamento textil. Nervo, força, valor. (Lat. *fibra*)» —.

O DICCIONARIO CONTEMPORANEO DA LINGUA PORTUGUEZA que da, além de *fibra*, três formas, *fêvera*, *fevra*, *febra*, referidas a esta ultima as outras duas, atribui também a todas a etimolojia latina fibra.

A ultima significação de Bluteau é ai dada como 2.ª, e por F. Ad. Coelho como 1.ª. Diez [ETYM. WÖRTERBUCH DER ROMANISCHEN SPRACHEN] não traz êste ultimo significado, e da como étimo de *febra* igualmente o latim fibra. Körting [LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, n.° 3221], faz o mesmo, e é provável que a ambos passasse despercebida a definição especial que Bluteau dá como última.

João de Sousa omite o vocábulo *febra* nos VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, e é portanto de presumir que tambem lhe atribuísse orijem latina.

Outro tanto podemos dizer de Dozy e Engelmann (GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DERIVÉS DE L'ARABE), conquanto o primeiro dêstes orientalistas fizesse em outra obra [1] menção do vocabulo arabico de que me vou ocupar; vê-se porém que o não considerou representado na Península Hispánica.

Eguílaz y Yanguas também o não menciona no seu GLOSARIO ETIMOLOGICO DE PALABRAS ESPAÑOLAS... DE ORIGEN ORIENTAL, e é mesmo de supor que o arabista espanhol desconheça o significado especial do vocabulo em português, lingua que, com as mais da Península, foi incluída no Glossário.

O latim fibra, pois, tem sido para todos os etimologos a orijem do português *febra*, em todas as suas acepções. A conclusão seria talvez lejitima, apesar de o *b* medial latino permanecer, em vez de se mudar em *v*, como devera acontecer, visto o vocábulo ser popular; seria lejitima, repito, até facto positivo que a invalidasse; agora, porem, creio poder demonstrar que ja o não é.

Convenci-me disto ao ler, com toda a atenção que merece, um excelente trabalho apresentado por Hermano Almqvist ao Congresso dos Orientalistas, celebrado em Estocolmo e Cristiania no anno de 1889. Esse trabalho foi publicado no I fascículo dos do referido Congresso, que contém a Secção Semitica: intitula-se «Kleine Beiträge zur Lexikographie des Vulgärarabischen», «Pequenos subsídios para a lexicografia do árabe vulgar», título em demasia modesto, se o compararmos à grande valia dêsse estudo escrupulosíssimo e minucioso, resultado de observações directas do seu autor, feitas durante uma residência de trinta meses na Síria, Ejipto, Nubia e Sudão, como no-lo diz em um breve prefácio.

A paj. 371 e 372 do fascículo mencionado, no qual a dita memória ocupa de páj. 260 a 469, veem dois artigos, subordinados

---

[1] Citada por Almqvist na memoria a que vou já referir-me.

à epigrafe *Speisen*, «Comidas», e intitulados *'êras habra* e *habra mamutuda*, denominações vulgares de guisados ali usuais. Em ambos o vocabulo *habra* é definido como significando «carne sem osso nem gordura» — «*das fett- und knochenfreie Fleisch*... *Viande sans os*... *Viande sans graisse*» —.

Cherbonneau, no seu Dicionário arábico-francês (Paris, 1876) diz a paj. 1302: — «*hebar*, chair. Pulpe des fruits» —, e deriva o vocabulo do verbo *habar*, «amputer», acrescentando outro verbo derivado, *ahabar* — «être bien en chair» —. Concluo que êle atribui aos caracteres arábicos do substantivo indicado, e de que não dá os pontos vogais, a pronuncia *hebar*, porque no seu Dicionario francês arabico encontro: — «Pulpe, s. f. des fruits» —, depois o vocabulo indicado, expresso em caracteres arabicos, também sem vogais, e a sua transcrição em letra italica, *hebar*.

Em um léxico hebraico-inglês vejo *habar*, dado como vocábulo arábico, com a significação de — «that which cuts» — o que corta —.

Vê-se pois que é êste um termo de carniçaria, e dêles ocorrem-me de orijem arabica evidente os seguintes, em português: *acém*, *açougue*, *alcatra*, *magarefe*, *rês*, fora outros mais.

A definição pois do vocábulo *habar*, *hebar*, *habra*, *hebra* [1], conforme as pronunciações, dada pelo sr. Almqvist concorda em absoluto com a aduzida por Bluteau, e tal significação continua a ser, pelo menos no sul do reino e em parte do dominio transmontano, senão em todo, usualissima, com a pronunciação mais comum *febra*, como a traz o Dic. de F. Ad. Coelho ja citado.

O autor da Memória, alegando autoridades, apresenta-nos também a forma *'habra*, isto é, com ح em vez de ه *(h)* inicial, o que em nada influi na nossa inquirição. Com efeito, quer a palavra comece por uma, quer por outra destas consoantes, o facto é que, nos vocabulos que do árabe passaram ao português

---

[1] Sobre *e*, correspondendo na Península Hispanica ao FATHAH *(a... e)* seguido ou não de ا, vejase Dozy et Engelmann, GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, p. 26 e 27.

por mera audição, o *f* é o representante de qualquer dêsses sons (e também do ح, ou *j* castelhano actual = *q*), se o vocábulo foi introduzido no tempo do domínio ou permanencia de mouros na Peninsula; sendo esta uma das caracteristicas de que qualquer palavra arabe pertence a essa primeira importação, tanto em Portugal, como em Espanha, onde em castelhano esse *f* e o proveniente do *f* arabe seguiram ao depois o F latino inicial na permutação para *h*, ainda pronunciado na Andaluzia e na Estremadura Espanhola, mas nulo hoje no castelhano do resto da Espanha.

Digo ser essa uma das caracteristicas dos vocabulos arabicos pertencentes ao fundo das linguas romanicas da Peninsula, a que chamarei de primeira formaçao, popular ou espontanea. Ha de haver outras caracteristicas fonéticas, mas aqui não procurarei determiná-las, conquanto me pareça ser êste o trabalho geral que há a fazer com relação a vocábulos hispânicos de tal proveniência, os quais podem dividir-se em três periodos:

1.º Popular. Abranje os que o povo, desde o VIII até o XIV século, aprendeu de os ouvir à numerosa população moura que habitava na Peninsula: êsses constituem parte essencial do vocabulario peninsular: tais são quasi todos os que começam por *al* ou *a*, representativos do artigo arábico, os nomes de terras e outros próprios.

2.º Literário. Compreende as palavras que os nossos escritores e os espanhóis, que sabiam melhor ou pior o árabe, introduziram nas línguas hispânicas, empregando transcrição consciente, ou das suas letras, ou dos vocábulos, conforme os ouviam proferir: tais são *xarife*, *turjimão*, etc.

3.º Estranjeiro. O árabe é totalmente ignorado, e os vocábulos entram por vias indirectas, com as transcrições estranjeiras, já caprichosas, já cientificas, das línguas donde são recebidos imediatamente. Nesta última categoria estão incluidos vocábulos como *sofá*, *almeia*, forma absurda, tirada do mau francês *almée*, etc.

Voltando ao nosso tema, devo ainda dizer que a palavra *febra*, com o significado que tem o árabe *hebra*, *habra*, ou *habar*, só existe em português, sendo alheia aos outros idiomas ro-

panicos. O castelhano *hebra*, antigo *febra*, sómente compreende as três primeiras acepções dadas por Bluteau, as quais todas procedem do latim fibra; assim diz-se, por exemplo, *tabaco en hebra*, «tabaco em fio»; e déste vocábulo se deriva o verbo *enhebrar*, com a significação de «enfiar».

Direi mais que parece ter-se dado confusão entre os dois vocábulos *fèvera*, de fibra e *febra* de *habra* ou *hebra* arábico; homonimia que é naturalmente moderna, e poderia evitar-se, reservando-se essa última forma únicamente para o último significado, que coincide com o do vocábulo arabico, morfolojica e ideolojicamente, tanto mais que *febra* é no sul a pronunciação corrente, conquanto aí se diference perfeitamente e com toda a regularidade *b* de *v*.

Assim, parece-me que nos nossos dicionários há a fazer as seguintes correcções:

febra (V. **fèvera**): carne limpa de osso e gordura, para alimento, arabe *habra* ou *hebra*, ainda hoje de uso jeral nos países de lingua arábica, e que deve ter passado a português nos tempos da dominação maometana, como o indica a mudança de *h* para *f*. (Cf. *refém* ¦ RAHN = rahen, com *h* sonoro).

. . . .

fèvera (ou *febra*, com o qual se confundiu, e de que deve diferençar-se): nome de diversos filamentos vejetais; filamento textil, etc. Cf. o castelhano antigo *febra*, moderno *hebra*, «fio». Do latim fibra, por mudança de *i* em *ê* (cf. *cedo* ¦ cito), de *b* em *v*. (Cf. *livro* ¦ librum), e intercalação de *e* átono desunindo as duas consoantes consecutivas (cf. *fevereiro* ¦ februarium)[1].

Este vocabulo sujere ainda outra acepção de *fèvera* ¦ fibra, que se deduz do prolóquio *lá vem o fevereiro com as suas fèveras todas*, no qual *fèveras* equivale a «triajem», e é palavra inventada, com influência necessária de *fevereiro*.

[1] Este artigo foi já publicado na REVISTA LUSITANA, de onde o extrato, com pequenas alterações na redacção.

fecho, fechar

Fecho é o latim *pestulum* por pessulum, com mudança da inicial *p* em *f*, bastante rara; a de *stl*, *pest'lum*, em *ch*, é perfeitamente normal [cf. *macho* | masc(u)lum]. Esta etimolojia, apresentada não me recorda por quem primeiro, está admitida, e para confirmação dela basta citar o galego *pechar*, correspondente ao português *fechar*, e o castelhano *pestillo*, «fecho de correr», que é o latim *pestillum*, outra forma deminutiva, paralela ao pessulum citado.

Cf. ainda *fescoço* — *pescoço*, e v. **data.**

feijão

Êste vocábulo português representa o latim phaseolum, com mudança de sufiexo, isto é, *-on* por *-ol*: cf. *espanhon* e *español*.

De um artigo, publicado em tempo no jornal de Lisboa O REPORTER [1], extrato para aqui a copiosa nomenclatura portuguesa dêste legume, abreviando as definições:

Feijao branco: ou é de veia, ou sem veia no casulo. O feijão de veia é só bom para saco (para secar); o feijão para comer em verde não tem veia. Há também *feijão de vara*, que é o que se enrosca pela *rodeiga*, e o feijão *capão*, que é o que fica rasteiro; também se lhe chama *carrapato*, por ficar assim pequena a planta.

No feijão branco há também um que é muito graúdo, chamado *calço de panela*, pois cada feijão entende-se que pode *calçar* uma panela, que é sempre de ferro, e tem três pés: a de barro e sem pés chama-se *chaspa (q. v.)*.

---

[1] 17 de junho de 1897.

Feijão preto diz-se que é assim por qualidade, outros dizem que é degenerado.

O *feijão chicharo* ou *fradinho* tem êste nome provávelmente por ser pequeno, e por ser muito usado nos conventos para o caldo da portaria.

O *feijão de vajem branca* é branco emquanto tenro, e o *feijão arroz* chama-se assim por ser muito meúdo.

O *feijão-de-sete-semanas* é o mais temporão porque dá fruto em sete semanas. É amarelo.

É dos primeiros a semear-se na primavera, porque se o tempo lhe corre bem, perto do Sam João está carregado de vajens. Não é palhento como o das outras castas.

Ha mais as seguintes castas: *feijão rajado, feijão-de-bico-de-macho, feijão coimbrês, feijão vianês*.

As diferentes qualidades de feijão chamam em Trás-os-Montes *gradura*. — «Boa horta! Muita soma de feijão para verde, muita hortaliça, e inda por cima muita *gradura!*» —.

feira, feirar, feirão, feirante

O substantivo *feirão* não figura nos dicionários, mas sim *feirante*, que é o mais usado no sul, e designa «a pessoa que tem barraca ou quitanda em feira». Na Gazeta das Aldeias, publicação mensal do Pôrto, e que é um belo repositório de termos vernaculos, vemos empregado o dito substantivo no trecho seguinte: — «Não seria conveniente levar lá [à feira de abelhas que se realiza em Sobrado, próssimo de Valongo nos dias 24 e 25 de julho] colmeias móveis, pois os *feirões* que concorrem ao mercado, o que buscam é mel e céra?» —.

Vê-se por êste passo que *feirão* é quem concorre à feira «para comprar», entanto que, no sul, *feirante* é, como disse, aquele que alí se estabelece «para vender».

O verbo *feirar* esta abonado com o seguinte trecho do Alfageme de Santarém, de Almeida Garrett:

— «Feirae, feirae, meus nobres senhores,
São lindas armas
Feiremos d'amores,
Que mais lindos são» — [1].

feitiço

Em primeiro lugar cumpre advertir que esta palavra fo
português, adjectivo, quer provenha de facticium | factum
cere, «fazer», quer de ficticium | fictum | fingere:—
bonzos não ousaram a se determinar no que entre si trazião
nado, que era, segundo depois soubemos, ordenarem hum a
feitiço [finjido], em que matassem o padre e a nos todo
elle» — [2].

Feitiço, como substantivo, tem três significações:

A primeira é «bruxaria»: — «com receio de que lhe
feitiço» — [3]; e em texto mais antigo:

— «Se vossa alteza quiser
Ver os feitiços que eu faço» — [4]

A segunda significação é «objecto com que se faz a
ria»: — «A lagartixa que certo feiticeiro poz na couceira da
de hum lavrador, a qual em todo o tempo, que alli esteve,
molher, nem animal algum de casa poria, era feitiço» — [5]

A terceira é muito especial: — «O feitiço é o armazem
se fazem os pagamentos aos indigenas [no Zaire]. E uma e

---

[1] Acto II.
[2] Fernám Méndez Pinto, PEREGRINAÇÃO, cap. CCXI.
[3] Azevedo Coutinho, CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902.
[4] Gil Vicente, AUTO DAS FADAS.
[5] Bluteau, VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

berna, com um pequeno balcão junto da porta e toda a ca-
dade interior tomada por fazendas» —[1].

omo idolo, sentido em que se diz, mas se não prova, ter
derivado de português o termo francês *fétiche*, não há abo-
verdadeiramente vernacula; em tal acepção o termo usado
ortuguês é *manipanso*. Neste pressuposto, parece-me êrro
inar *feiticismo* o periodo de concepções relijiosas a que os
ses chamam *fétichisme*.

e *feitiço* procede *feiticeiro*, *feitiçaria*, *enfeitiçar*, etc.

bre o vocábulo *feitiço* é digno de leitura o que P. A. de
do escreveu com o título de SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS
CULO XV, servindo de aclaração a vários documentos que
om [2]; veja-se também Bluteau (VOCABULARIO, *loc. cit.*).

feitor

entido particular, isto é, o de «fabricante» adquiriu êste
ulo no norte do reino: — «Para a obra de encommenda es-
feitores —, porque os ha especialistas» —[3]. É um bom
para expressar o que os romanos denominavam f a b e r,
ce».

felipina, filipina

signa êste termo uma mistura de água, aguardente branca
car. A orijem dêste nome já de relance foi indicada no
mento ao NÔVO DICCIONARIO, e é a seguinte:

largo do Pelourinho, aí pelo primeiro até segundo quar-
século passado, existiu uma aguardentaria pertencente a

Relatorio do juiz Francisco Antonio Pinto, *in* O ECONOMISTA, de 19
de 1885

in REVISTA LUSITANA, IV, p. 197 e 198.

Rocha Peixoto, AS OLARIAS DO PRADO, *in* Portugalia, I, p. 267.

Marcos Felipe, que também tinha por sua conta o botequim da Praça do Comércio, que ao depois passou para as mãos do Martinho, que lhe transmitiu o nome, bem como ao do largo de Camões; também se lhe chamou o *botequim da neve*. Parece ter sido o Felipe quem deu nome à *felipina*, a que se refere Garrett no prefácio à LYRICA DE JOÃO MINIMO: — «com o charuto na bôcca e o ponche ou a philippina na mão» —.

Segundo se declara em nota, foi isto escrito em 1825, época em que estaria em voga o tal botequim.

fenasco

Na Índia portuguesa *fenasco* é o nome que se dá a *urraca*, ou aguardente, em concani *feni*, nos caracteres devanagricos transliterados P'ENI.

féndi, eféndi(m)

Esta palavra é uma forma abreviada, talvez berberisca, do vocábulo turco *eféndi*, que é o tratamento usual que empregam os turcos, como termo de cortesia, equivalendo a «senhor». Foi usado por João Carvalho Mascarenhas, na «Memoravel relação da perda da nao Conceição»: — «Fendi, eu é verdade que tambem sou dos que queriam fugir» —[1].

A acentuação, que no texto não está marcada, é na penúltima sílaba.

É preferível dizer *eféndi*. Com o sufixo *-m*, *eféndim* equivale a «meu senhor».

feno, feneiro

Em castelhano existe um vocábulo que nomeia o local onde se arrecada o feno, *heno*, isto é, *henil*. Em português chama-

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLVII, p. 109.

se-lhe geralmente *palheiro*, o qual própriamente devera designar aquele em que se armazena a palha, mas que além disso tem outros significados, como por exemplo nos dois excertos seguintes:— «Os pescadores da costa de Lavos habitam em casas de madeira, chamadas *palheiros* [1];— «Pelos meados d'este seculo Espinho era uma agglomeração de palheiros» [2]. — «Foi sendo moda entre as familias ricas da *Terra da Feira*, irem para alli tomar banhos e muitas d'ellas alli construiram *palheiros* proprios. Ao principio era móda serem feitos de tábuas, depois alguns os construiram de pedra e cal, mas terreos» —[3].

Na excelente publicação semanal GAZETA DAS ALDEIAS [4], num artigo assinado por M. Rodríguez de Morais, lê-se êste trecho: «arrecadando-as (as plantas) em abrigos, feneiros ou palheiros apropriados onde se conservam os fenos». É, sem dúvida, um neolojismo, visto que nenhum dicionário mencionou tal vocábulo; merece todavia ser aceito, porque supre uma falta, e está formado em perfeita analojia com as palavras *palheiro*, *espigueiro*, etc.

Ficaremos assim com duas designações diferentes, enteiramente intelijíveis; *palheiro*, «armazém para a palha», *feneiro*, «armazém para o feno», do mesmo modo que em castelhano se distingue *pajar* de *henil*.

fero

No Minho tem o sentido de «robusto, válido».—«Teve de ir a Vianna, onde o deram por fero» —[5].

---

[1] Portugalia, I, p. 383.
[2] *ib.*, p. 85.
[3] Pinho Leal, PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, III, p. 63.
[4] de 23 de maio de 1905.
[5] Alberto Pimentel, A PRINCEZA DE BOIVÃO.

ferrar, ferrão, ferreta

Ferreta é o nome que se dá no Minho ao bico de metal do fuso, do peão, etc.: — «O fuso... o terço restante, chamado ferreta, é de metal» —[1].

Denomina-se *ferrão*, em geral, a choupa ou ponta de ferro dos *paus ferrados*, e por analojia o aguilhão dos insectos, se é que, neste último sentido, a analojia não foi estabelecida pelo verbo *ferrar*, que no norte significa «picar, *morder*».

ferrejo, forrejo, ferrejial, ferrajial

Ferrejo ou *forrejo*, no Riba-Tejo, é «milho em verde, não sachado»; e no Algarve parece ter o mesmo significado: — «Os ferrejos estão excelentes» —[2].

— «As terras que cercam o «monte» chama-se-lhes ferragiaes» —[3].

ferroba

Esta forma, por *alfarroba*, que é a usual, não vem nos dicionários. Encontrei-a na «Relação do naufrájio da nau Santo Alberto», de João Baptista Lavanha: — «arvoredo com fruta mui amargosa da feição de ferrobas» —[4].

É o mesmo vocábulo, isto é o árabe AL-HARUB [5], mas sem o

---

1 Portugalia, I, p. 371.

2 O ECONOMISTA, de 17 de maio de 1883.

3 J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 274.

4 *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIV, p. 52.

5 João de Sousa, VESTIGIOS DA LINGOA ARABICA EM PORTUGAL, Lisboa, 1830.

artigo AL, e com enfraquecimento do *a* pretónico em *e*: cf. *rezao*, forma popular em vez de *razao*.

Outra palavra arábica, que esporádicamente aparece sem o artigo AL, que em geral a acompanha, é *comonia*, por *alcomonia*, na «Memoravel relação da perda na nao Conceição», de João Carvalho Mascarenhas (1627) [1].

fescoço

No Alentejo diz-se *fescoço* por *pescoço*. É uma mudança dialectal idêntica àquela que de pestulum produziu *fecho* (*q. v.*) na língua comum. V. **pescoço**.

fiambre

Êste vocábulo é castelhano, e não português [v. **deslumbrar**]. O que é português é a sua especialização, ao aplicar-se ao *presunto*. A forma portuguesa era *friame*, derivada, como a castelhana, de *frigidamen*, *frigidaminis* [2].

fidalgo, fidalga, fidalguinho

Como é há muito tempo sabido, *fidalgo* é uma polissíntese de *filho-de-algo*, cujo significado próprio se perdeu, a ponto de se dizer *fidalga* e *fidalguinho*, em fez de *filha-d-algo*, *filhinho-d-algo*.

Fidalguinho dos jardins [3] é o nome que dão no norte à

---

[1] vol. XLVII, p. 44, da BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES

[2] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, III, p. 166.

[3] D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *in* REVISTA LUSITANA, III, p. 170.

flor que também se chama *lóio (q. v.)*, o *bleuet*, ou *bluet*, francês, uma das raras flôres, verdadeiramente azuis, côr muito rara no reino vejetal.

Numa acepção muito especial é êste deminutivo empregado, como vemos do trecho seguinte: — «Estes macacos são oriundos da America do Sul e conhecidos no Brazil por macaco *prego* ou *mico chorão*. Entre nós, sem que saibamos porquê, tem o nome vulgar de *Fidalguinho*» — [1].

Dissera antes, ser o dito quadrúmano do género Cebus (C. fatuelus). O Nôvo Dicionário já rejistou esta denominação como sendo de Lisboa, não porém com tamanha individuação, e sem a abonar, conquanto a marque como inédita.

figle

É o nome de um instrumento de vento, feito de metal. O étimo é o francês *ophicléide*, artificialmente formado de dois vocabulos gregos, όφις «serpente», κλείς, κλειδός «chave». Pela formação parece que o nome caberia melhor ao chamado *serpentão*.

A forma mais antiga, o menos corruta, que apareceu em escrito português, foi provávelmente *figlid*, transcrita de um cartaz ou programa de 1847, por João de Freitas Branco, em uma das eruditas e substanciosas notícias teatrais que em tempos publicava no jornal A Vanguarda: — «Executar-se-hão umas variações de Figlid (*figle*, dizemos nós)» — [2].

figo, figueira

A nomenclatura desta apreciadíssima fruta, da qual direi que nada gosto, é principalmente algarvia, pois é nesse extremo sul

---

[1] O Seculo, de 5 de novembro de 1905.
[2] 11 de dezembro de 1899.

do reino que a sua cultura e o preparo do fruto sêco mais predominam. É extensíssima, copiosíssima, a enumeração das suas diferentes qualidades, e não é aqui o lugar para procurar exauri-la. Citarei apenas alguns epítetos, ou menos conhecidos, ou imperfeitamente definidos: «em ablativo de viagem, o melhor figo, o mais acreditado é o de «comadre»; vem depois o «mercador», o mais reles é o marchante» [1].

Figo de recheio: contendo améndoa e canela [2].

O Nôvo Diccionário, no Suplemento, inscreveu *figueira* com uma acepção inédita, como própria de Lamego — «espécie de verrugas nas bêstas». Na Gazeta das Aldeias lêmos, como expedida dos Arcos-de-Val-de-Vez, a seguinte pregunta, com a solução dada pelo veterinario Paula Nogueira: — «Tenho um cavallo de dez a doze annos com *figueiras*, que se vão estendendo dêsde a ponta da cauda, pela parte de baixo, até ao ânus, chegando a tê-las já na entrada do intestino. Haverá remédio pára curar ou ao menos attenuar êste mal? — **Resposta**. Pêla situação das lesões julgo que as *figueiras* são tumôres melânicos [«denegridos»], frequentes nos cavallos de côr clara ou russa *[sic]*. Esses tumôres, caracteristicos da doença chamada melanose, são de natureza maligna. De pouco serve extirpá-los, porque se reproduzem...» — [3].

Advertirei aqui ser errónea a escrita *russo*, em vez de *ruço (q. v.)*, castelhano *rucio*, adjectivo que designa côr, e nada tem que ver com o nome étnico *russo*, afim de *Rússia*, em castelhano *ruso*, *Rusia*, em russo *ross*, *Rossia*.

filho, filha, filhastro, filhastrar

A palavra *filho* ou *filha* adquire valor muito especial em várias acepções, acompanhada ou não de epítetos. Assim vemos

---

1 O Economista, de 5 de novembro de 1885.

2 *ib.*

3 1905, p. 249.

que *filho-do-olmo* em certa aldeia significa «enjeitado:—«De quem é filho este rapaz?—É filho do olmo.—O pae das creanças *sem pae* é aquela árvore enorme, que ali vês, é o olmo. Quando a vergonha ou a miseria pode mais que o amor maternal, as creanças são depositadas n'aquellas pedras que circumdam o olmo, e lá choramingam até que passe o primeiro lavrador, que as agasalhe em casa e as endireite na vida»—[1].

—«*The fatherless are the care of God*»—[2]: Deus é o pai dos órfãos—, pater orphanorum [Salmo XLVII, v. 5].

FILHO DA CASA, designa o individuo estranho, nela criado, às vezes nascido:—«via-se que ambas [as reclusas do Aljube, em Lisboa] se achavam satisfeitas com a reclusão... radiantes por serem filhas da casa»—[3].

Em jiria *filhos do mosqueiro* são uma especialidade entre os larápios:—«*Filhos do mosqueiro* são pois os gatunos que se introduzem no interior das casas, a occultas dos seus locatarios»—[4].

No NÔVO DICCIONÁRIO (Suplemento) vemos o verbo *filhastrar*, como transmontano, com o significado, a meu ver duvidoso, «compreender»: a não ser que se ampliasse arbitràriamente o verbo *filhar*, «colhêr».

Na mesma verba relaciona-se, em dúvida, êste verbo com a palavra castelhana *hijastro*, que quere dizer «enteado». Não vejo a mínima relação de significado entre os dois vocabulos; existe relação, mas é formal. *Hijastro*, dantes *fijastro*, é o latim *filiastrum*, citado por Isidoro Hispalense, derivado de filium, com um sufixo que se tornou pejorativo. Sôbre tal sufixo diz-nos Miguel Bréal:—«O lugar de orijem está no grego, em que havia verbos em -AZÔ, sem significação depreciativa... dêles se de-

---

[1] António Chaves, *in* O ALBERGUE DAS CREANÇAS ABANDONADAS, número unico, junho de 1903.

[2] Bulwer Lytton, ZANONI, cap. último.

[3] O SECULO, de 28 de abril de 1902.

[4] O SECULO, de 3 de junho de 1902.

rivavam substantivos em -ASTÊR, como ERGASTER, «trabalhador». Entre tais substantivos alguns há que parecem conter noção depreciativa: PATRASTÊR, «o que faz de pai», MÊTRASTEIRA, «a que faz de mãe», ELAIASTÊR, «a [arvore] que faz de oliveira, o zambujeiro». Aos romanos agradaram palavras destas. Em geral, podemos notar, o que é malevolo passa facilmente de um a outro povo. A lingua latina, portanto, possuiu as palavras patraster, filiaster» —[1].

filhó

Como étimo para êste vocabulo, que, como se sabe designa um bôlo de farinha de trigo e ovo, frito em azeite e polvilhado depois com açucar, propus o latim *folliŏla*[2], com assimilação do *o* à palatal *lh*, isto é, a sua mudança em *i* átono. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos propõe *foliŏlum*[3]. Baist *foliola*. O que me parece demonstrado é que *filhó*, com *o* aberto e o género femenino, há de provir de um vocábulo latino com a terminação *-ola*, quer femenino, quer plural neutro.

Ora essa forma hipotética tanto pode ser *folliola* plural de *folliolum*, deminutivo de follis, «fole», como *foliola* | *folium*, «fôlha».

fim

Êste vocábulo é hoje, na lingua literária, e mesmo na comum da conversação, masculino, como o era em latim. Todavia, provincialmente, mantém ainda nalguns pontos o antigo genero femenino que tinha.

---

[1] ESSAI DE SÉMANTIQUE, Paris, 1899, p. 46 e 47

[2] REVISTA LUSITANA, I, p. 211.

[3] ib. III, p. 133.

Aqui seguem dois exemplos, um antigo, literario, e o outro moderno, popular:

— «Se os jovenes amores
Os mais tem fins desastradas» —[1].

— «É a fim do mundo! Deus nos acuda!» —[2]. [Freguesia de Pedroso, concelho de Vila-Nova-de-Gaia].

fios

Êste vocábulo, no plural, designa «pano de linho usado, desfiado», e em muitos dicionarios falta esta acepção: é o que os franceses chamam *charpie*.

Outra acepção especial de *fios* vê-se no trecho seguinte, e tambem não consta dos dicionarios: — «*Fios* — Embora verdadeiros laços, differençam-se, dos por este nome conhecidos, em serem feitos de un só fio de arame amarello, destemperado, e presos, cada um de per si, a uma vara de urze, chamada pé, alguns centimetros cravada no chão» —[3].

Servem de armadilha, para apanhar pássaros.

firmal

Era uma joia, feita de metal precioso, ouro ou prata, e adornada com gemas, a qual servia para prender os vestidos:

— «Um firmal dũa senhora
C'um rubi
Pera o colo de marfi» —[4].

---

[1] Gil Vicente, O VELHO DA ORTA.

[2] O DIA, de 24 de maio de 1902.

[3] José Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, in Portugalia, II, p. 92

[4] Gil Vicente, O VELHO DA ORTA.

firmão: v. **formão**

fita: fito, de fito

Esta palavra dizem corresponder ao latim uitta, com mudança de *v* em *f*, esporádica em comêço de palavra, isto é, na posição forte: e como em toscano é *vetta*, com *e* fechado, o que prova ser breve o *i* da forma latina, o étimo apontado é bastante suspeito, apesar da coincidência do significado, pois o *i* breve latino dá *e* em português.

FITAS DE MADEIRA, ou DE CARPINTEIRO são as «tiras» que a plaina separa da tábua, e a que também se chama *aparas*, com menos propriedade, pois estas podem ser tiradas a enxó ou outra ferramenta.

Vocabulo com a mesma pronúncia e escrita, mas de orijem diversa, é *fita*, no sentido de «firme», como em *pedra fita*, termo de arqueolojia pre-histórica, que se aplica a qualquer pedra artificialmente erguida, por oposição a *pedra balouçante*, «a que está em equilíbrio instável».

O termo é tirado da nomenclatura vernácula, do onomástico local, por exemplo, onde encontramos *Pera Fita*, «pedra ficsa» (cf. *Pêro*, a par de *Pedro*). Êste adjectivo *fito*, *fita* é o latim fictum, fictam, particípio passado passivo, concorrente com **fixum, fixam**, do verbo **figere**.

A locução adverbial *de fito*, ainda é usual em Trás-os-Montes, com a significação de «pôsto a tôpo»: — «duas grandes pedras postas de pino, ou de fito» —[1].

---

[1] Manoel Ferreira Deusdado, O RECOLHIMENTO DA MÓFREITA, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

flaino

Andar a flaino corresponde ao francês *flâner*, e esta locução está abonada em um soneto atribuído a *Bocage:*

— «Quando hás de consentir, cruel fortuna,
Ao magro, de ôlho azul, de côr morena,
O bem de andar a flaino e de ir á tuna?» —[1].

É suspeita a atribuição: êste terceto é apenas a repetição, nem mesmo a paráfrase, do comêço de outro soneto bocajiano:

— «Magro, de olhos azuis, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura» —.

flanco

Êste vocábulo, de que hoje se está por galicismo abusando. apenas é português como termo de táctica militar. Em todos os outros sentidos cumpre, conforme as circunstáncias, empregar *lado, ladeira, encosta, costado, ilharga, ilhal,* etc.

flauta

A forma portuguesa é frauta:

— «E não de agreste avena ou frauta ruda» —[2].

À forma *flauta* atribui P. Marchot, como étimo *flautare* { *fa ut la* [3].

---

[1] O Economista, de 28 de julho de 1882.

[2] Lusíadas, I, 5.

[3] Jahresbericht über die Fortschritte der romanischen Philologie, 6, I, p. 289.

florada

O Nôvo Diccionario define esta palavra como sendo o nome e um — «doce de flores de laranjeira» —. Deve ter muito pouco que comer.

No convento de Santa Anna, de Leiria, dá-se êste nome a um doce de ovos que tem a forma de flores. É portanto esta que lhe deu o nome, e não a substáncia de que o doce é feito.

florosa

Na Madeira (Ribeira Brava) é a mesma ave que em outros pontos da ilha se denomina *papo-roixo* [1]

fó

É uma interjeição que expressa repugnáncia, muito usual na ilha da Madeira, e à qual no continente corresponde *phuh,* com h aspirado.

foca

No Minho, principalmente na marjem portuguesa do rio, significa «buraco».

focar

Feio verbo! É neolojismo, e quere dizer «pôr em foco». —«Pede-lhe um instante de paragem, para o focar» —[2].

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeiras, 1899.
[2] O Seculo, de 29 de março de 1901.

foicinha, foicinho, foicinhão

Estão já coligidos em dicionários modernos os dois primeiros derivados de *foice*, ou *fouce* (falcem), mas não o este *foicinhão*, que é o nome de uma *fouce* equivalente à gadanha, e com a qual se corta a palha: — «Corta a palha o foicinhão» [1].

fole-das-migas

Em gíria de malandrins significa «a barriga». A razão da locução é muito evidente, para que precise de ser explicada.

folgazão, folgazões

Hoje em dia toma-se na acepção de «divertido, indivíduo que folga, divertindo-se». Antigamente, porém, o sentido era «mandrião, desocupado», exactamente o do francês *fainéant*, com fundamento na significação própria do verbo *folgar*, «não trabalhar»: — «dahi a tres dias alguns homens folgazões, que são os que ordinariamente davam no mar todo o bom conselho» — [2].

Ainda hoje o correspondente castelhano *holgazan*, *holgazanes* quere dizer — «persona vagabunda y ociosa, que no quiere trabajar» —, como define o Dicionário da Academia Espanhola, sendo pois o que hoje chamamos *vadio*.

fôlha, folhedo

A palavra *fôlha* escrevo-a com circunflecso para a diferençar de *folha* — *fólha*, do verbo *folhar*, como *desfolha* = *desfolha*.

---

[1] O Economista, de 15 de outubro de 1887.
[2] Bibl. de clássicos portuguezes, vol. VII, p. 69.

e *desfolhar*, verbo postulado pelo particípio passivo substantivado *folhado*, por exemplo em *pastéis de folhado*.

Não está colijido nos dicionários o colectivo *folhedo*, exemplificado no trecho seguinte: — «Dizimam-nas [às môscas]... com auxilio do folhedo» — [1].

fontela

— «Em Sanhoane, Fontes, Medrões, etc. (Santa Marta de Penaguião), para se alcançarem os mesmos resultados [a vedação das vasilhas de barro] com a loiça negra de Visalhães, «para lhe tapar as *fontellas*», introduzem-se as vasilhas no forno do pão, deixando-as aquecer até ao rubro; tiradas para fóra verte-se immediatamente em cada uma farello e agua, mechendo rapido» — [2].

foral, fural

Na ilha de S. Miguel (Açôres) dá-se êste nome a uma rua estreita [3]. ¿Mas é *foral*, ou *fural*?

forçura; fressura

Estranho nome, que se dava às *frisas*, na antiga nomenclatura do teatro. — «1.° andar das forçuras, preço 2000, 2.° andar, camarotes, 2400» — [4].

---

[1] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 539.

[2] Rocha Peixoto, SOBREVIVENCIA DA PRIMITIVA RODA DE OLEIRO EM PORTUGAL, *in* Portugalia, II, p. 76.

[3] O SECULO, de 5 de julho de 1901.

[4] Alvará de 17 de julho de 1771, *in* COLLECÇÃO DE LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA, 1763-1774, Lisboa, 1829, p. 547.

Forçura é a pronuncia popular de *fressura* | *frixura* | *fri-xum* por frictum | frigere, «frijir»: cf. o castelhano *aso-dura* | *asar*, «assar»[1].

foreiro

Êste substantivo significa «que paga fôro»: mas no trecho seguinte aplica-se àquele que de direito o recebe, não se podendo se com propriedade:—«Restello, o nobre, o rico foreiro»[2]. Temos aqui um caso como o de *caseiro*. (V. no vocábulo **casa**).

forjoco, furjoco

—«do lado do norte uns buracos ou «forjocos», por baixo de enormes fragas»—[3].

Como ignoro a orijem da palavra, hesito na escrita. Se é um aumentativo de *furja*, por *alfurja* | árabe FURGE, «fenda», é claro que se deve escrever com *u*, o que, em todo o caso, será mais seguro. Note-se que *alfurja* é vocábulo diferente de *alforr…*, que em árabe se diz AL-ḤURG[4].

forma, fôrma

O primeiro dêstes vocábulos é o mais moderno, copiado do dicionário latino, proferido com *o* aberto, como costumamos pronunciar o *o* ao lermos latim ao nosso modo; corresponde-lhe em castelhano o vocábulo *forma* de orijem também artificial. O se

---

1 S. Bugge, *in* Romania, IV.

2 O SECULO, de 30 de maio de 1900.

3 Albino dos Santos Pereira Lopo, BRAGANÇA E BEMQUERENÇA, in «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», Série 17.ª, 1898-99, p. 13…

4 *ḥ* representa a 7.ª letra do alfabeto arabico, equivalente ao *j* castelhano actual.

gundo, *fôrma*, é de orijem popular, evolutiva, com *o* fechado, como era de esperar, atendendo-se a que é longo no latim *forma*, e fechado se conserva no italiano *forma*, em muitas das acepções que correspondem aos dois vocábulos portugueses. O segundo era em castelhano *forma*, que ao depois se alterou em *horma*, diferençando-se hoje *forma*, «fórma» de *horma*, «fôrma».

No Nôvo Diccionário (Suplemento) menciona-se a locução — «fôrma torta, de mau caracter, ruim» —. Não é exacta: a locução é *de fôrma torta*, e explica-se perfeitamente. Os çapateiros, para o calçado, usam de um molde com a configuração de pé, a que se chama *fôrma*, e não, *fórma*. Há uns sessenta anos, as fôrmas para os dois pés eram iguais, como ainda o são nos çapatos de ourêlo, ou de trança, nas chinelas mouriscas, nos çapatos chamados de *mouro*, emfim, em todo o calçado barato, de fancaria.

Quando se começaram a usar as fôrmas desiguais, as pessoas habituadas aos çapatos parelhos, com menor inclinação para dentro, e que podiam, indiferentemente calçar-se num ou no outro pé, consideravam-nos mais incómodos (e parece-me que tinham razão, e digo isto por experiência, pois em criança calcei muitos çapatos de fôrma direita): daqui proveio o dizer-se que «uma pessoa é fôrma torta», convém saber: «custa a ajeitar-se à nossa vontade, não nos entendemos com ela, ora está do direito, ora do avêsso».

Em S. Miguel dos Açôres a palavra *fôrma* aplica-se ao «botão de calça» [1].

Forma perdida: — «assaz rudimentares eram os moldes para taes reproducções [de braceletes de ouro pre-romanos, na Peninsula Hispanica], fôrmas que eram perdidas em seguida á fundição da peça, á maneira do systema ainda actualmente usado, assim chamado: de *fôrma perdida*» — [2].

---

[1] O Seculo, de 5 de julho de 1901.

[2] Ricardo Severo, Os braceletes d'ouro de Arnozella, *in* Portugalia, II, p. 65.

É esta uma acepção do vocábulo *fôrma* (e não, *fórma*) acompanhado de epíteto, que julgo não estar rejistada nos dicionarios, e me parece locução tecnica.

formálio

— «o formalio é uma placa com pinhas de prata, que se põe no peito do celebrante» —[1].

formão, firmão

Estas duas formas, com preferéncia manifesta dada à primeira, designa, nos autores portugueses que escreveram na lingua de Portugal, o que os autores portugueses que modernamente escrevem numa linguajem crioula, misto de muitos idiomas, e ortografias exoticas, querem que se chame *firman*: — «dizem que tinha formão do Gram Turco para poder ir por terra para o reino» —[2].

O vocábulo é persiano, FIRMAN, «ordem», e os portugueses adoptaram-no por intermedio do árabe, no sentido especial de «carta de recomendação», ou «salvo-conduto», concedido por autoridades soberanas mouriscas.

fôrno, furna

No Gerez tem êste vocábulo, do latim furnum, acepção especial, como vemos do seguinte passo: — «Os «fornos» do Gerez, abrigos de pastores onde só muito baixado se penetra» —[3].

---

[1] O DIA, de 21 de março de 1902.

[2] Diogo do Couto, DECADA 8.ª, cap. XV.

[3] Hermenejildo Capelo e Leonardo Tôrres, VIAGENS Á SERRA DO GEREZ E SUAS CALDAS EM SETEMBRO DE 1882, *in* «Boletim da Sociedade de Geographia», 4.ª serie, p. 533.

Furna é com todas as probabilidades derivado português de *fôrno*, com mudança da vogal *ô* em *u*, bastante singular, atenta a terminação *a* da palavra. O que é notável tambem é a relação estabelecida entre *fôrno* e *furna*, «concavidade, algar», e que vemos repetida, por mera coincidência, em uma língua da nossa tam remota, como é o búlgaro moderno, idioma esclavónico no qual do mesmo radical se derivaram *pezt*, «fôrno», e *pezterá*, «furna»: — «A mamunôa pode ser precedida de um corredor ou galeria que tem o nome vulgar de *furna*, nome que tambem se applica ás grutas» —[1].

forquilha

—«O mal da forquilha ou peeira é uma furunculose do espaço interdigitado, isto é, um furúnculo entre as unhas do boi» —[2].

O termo *peeira* vem já rejistado nos dicionarios neste sentido, e representa um latim *pedaria* ⟨ pes, pedis.

frade, fraire, freire, frei, freira, freirinha

Esta palavra, do latim fratrem, «irmão», adquiriu, além do seu sentido especial e hoje o próprio de «relijioso, pertencente a uma ordem relijiosa», outros muitos, quási todos depreciativos. Dêste modo, *frade* era o nome que, em Lisboa pelo menos, se dava, até data muito recente, a uns colunelos de pedra, ligados, ou não, entre si por cadeias ou varões de ferro, e que encerravam praças, ou edifícios, impedindo a passajem a veículos ou cavalgaduras: vinham a ser uma vedação, mais barata e cómoda que os gradeamentos. Quem procurar, ainda os encontrará por

---

[1] J. Leite de Vasconcelos, PORTUGAL PRE-HISTORICO, p. 48.
[2] GAZETA DAS ALDEIAS, de 15 de abril de 1906.

ai, em qualquer adro de igreja, ou algures. O nome foi-lhe dado indubitávelmente em razão do remate, que se parecia muito com uma cabeça tonsurada.

Peões lhes chamavam no Pôrto, e não sei se ainda chamam.

Frade, na jiria dos ladrões, no Pôrto, quere dizer «indivíduo da policia» [1], talvez em atenção ao capote que usam, comprido, a tocar no chão, como o hábito do frade, ou porque esta parado imóvel, como o *peão*, ou «frade de pedra».

É conhecida a denominação que se aplica a uma casta de feijão, isto é, *feijão frade*, ou *fradinho*.

Não é porém sómente ao feijão que se dá semelhante alcunha; é tambem ao milho, em certas circunstancias, como vamos ver.

Frade (Leiria) é o grão de milho que, quando se deita no braseiro, para se comer assado, não estoura.

Freira, ou *freirinha*: chama-se-lhe assim quando elle estoira, tomando forma que lembra uma flôr miuda e branca [2].

É evidente a razão destes epitetos: o de *freira* é devido à semelhança que se supôs haver com a cabeça toucada de uma freira; a de *frade* está em oposição a esta.

Conclui-se que tais denominações são antigas, pois há setenta anos que não há frades.

A par de *frade* | fratrem, temos *fraire*, comparável ao *fraile* castelhano, com vocalização do *t* latino em *r*, mas sem a dissimilação do *r* da 2.ª silaba para *l*, e *freire*, com a forma proclítica abreviada *frei*, castelhana *fray*, e o femenino *freira*, que, parece, não foi nunca usado em Espanha.

Freira na Ilha da Madeira é o nome de uma ave, Ostrelata mollis, Gould [3].

---

[1] O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885.

[2] Informação dos snrs. Acácio de Paiva e V. Abreu.

[3] Ernesto Schmitz, DIE VÖGEL MADEIRA'S.

fragária

Em Coimbra é o nome do morango bravo, muito ácido, a *fresa* espanhola, pois ao *morango* chamam *fresón*.

Hugo Schuchardt dá-nos como termo português *fresa* [1]. Nas Canarias, ao contrário, usou-se *morángana*, ou *moriángana* [2], sem dúvida uma forma derivada da que em português deu *morango*, isto é, moranicum ¦ mora, «amora».

Temos de explicar necessáriamente por influência portuguesa tanto êste vocabulo, como *coruja* [3], ali usado, e que em castelhano se diz *lechuza*.

fragulho

Termo açoriano: é o nome que dão nas ilhas dos Açôres às couves.

fralda, falda, fraldiqueira, fraldiqueiro, faltriqueira

Bluteau no seu Vocabulario diz-nos que a segunda destas formas é — «mais épica» — , a outra mais usada. Na linguajem actual distingue-se em geral *falda de monte*=*aba, vertente de monte*, de *fralda de vestido, de camisa*, etc.

Tenho dúvida sôbre se são duas formas do mesmo vocábulo orijinário. Os etimolojistas dizem-nos que *falda*, palavra que se encontra em várias línguas romanicas, é voz germanica, *falda*, «dobra, prega» [4], e a ela subordinam tanto *falda*, como *fralda*,

---

[1] Kreolische Studien, ix, p. 143.

[2] João Marquess of Bute, On the ancient language of Tenerife, Londres, 1891, p. 28.

[3] *ib.* p. 22.

[4] F. Körting, Lateinisch-romanisches Wörterbuch, Paderborn, 1891, n.º 3114, e Kluge, Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache, Estrasburgo, 1889, *sub voc.* **falt** e **falten**.

sem nos explicarem como se introduziu aquele *r*, que se repete ainda que em outra situação, no castelhano *faltriquera*, forma adjectiva de um deminutivo *faltrica*, ou *faldrica* ∠ *falda* = *fralda*. *Faltriquera* em castelhano quere dizer «aljibeira que se traz na saia, ou aba do vestido», e êste mesmo sentido tinha o português *fraldiqueira*, como vemos, por exemplo, no Clérigo da Beira, de Gil Vicente:

— «Duarte, tendes vos hi
Dinheiro na fraldiqueira?» —.

Não há portanto motivo para a interpretação «hábito, talar», proposta em dúvida para este vocábulo no Nôvo Diccionário, ao abonâ-lo com êste passo de Francisco Manoel do Nascimento: — «contas na mão, punhal na *fraldiqueira*, falando em Deus» — .

Fraldiqueiro, como adjectivo, que no femenino se substantivou naquele sentido especial, quere dizer «o que pertence à *fraldica*, à *fralda*, e assim *cão fraldiqueiro*», é o «totó pequeno, que está sempre no regaço, ou agarrado às saias».

Martinho Brederode, na colecção de formosas poesias intitulada Sul [1], usou a forma *faltriqueira*:

— «Cartas d'amor na faltriqueira suja,
Ramos de flores nas suadas mãos» —

frango

Esta palavra, que designa um «galo novo», considera-a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos como derivada de *franco*, «francês», e compara esta formação à de *galo*, que também quere di-

---

[1] Lisboa, 1905, p. 37.

zer «da Gália, ou França». Com respeito à mudança de *c* em *g*, confronte-se, como diz, *manga* | *mani(i)ca* [1].

O simples confronto mostra que é improvável o étimo proposto: visto que o *c* estava precedido de vogal em *manica*, é natural que o abrandamento do *c* em *g* precedesse a queda do *i*: além disso, francum não explicaria *frángão*.

frascal

«*Frascal* é naquella provincia [Alentejo] uma meda de lenha ou tojo, em geral quadrangular» [2].

freguês, freguesia (*frèguês, frèguesia*)

Duas etimolojias tem sido propostas para êste vocábulo, filius ecclesiae, e filius gregis, «filho da igreja», e «filho da grei».

A primeira parece que deve ser rejeitada, em razão do correspondente castelhano *feligrés*, visto como nesta lingua os grupos de consoante *l* não mudam êste em *r*, como sucede em português (cf. *claro* e *craro*), e portanto o *r* de *feligrés* deve provir de *r* latino.

Temos pois que filius gregis é o étimo que devemos ter como provável, admitindo que houve em português metatese do *r* para a primeira silaba, *freguês* por *fegrês*. Não direi que tudo esteja bem explicado, pois o não fica o *i* de *fili-*, mudado para *e* em castelhano, e para *è* em português, com supressão do *l* medial. — «Os presbyteros que os dirigem espiritualmente, cha-

[1] Revista Lusitana, III, p. 168.
[2] Diario de Noticias, de 21 de julho de 1904.

mar-lhes-hão seus filhos, *filies ecclesie*, filigreses, fregueses, recente denominação religiosa -- popular» —[1].

Fora da relıgião cristã foi o termo *freguês* usado por António Francisco Cardim, com referência aos sectários do budismo: — «Tornou outra vez, acompanhado de outro bonzo e de alguns seus discipulos e fregueses» —[2].

O termo *freguês* tem um sinónimo, *paroquiano*, como *freguesia* o tem em *paróquia*, ou, não sei por quê, *parróquia*, de *pároco*, ou *párroco*. O que é estranho é que, emquanto em português o termo *paroquiano* se não aplica jamais ao indivíduo que compra por hábito na mesma loja de venda, mas sim *freguês*, acontece em Espanha exactamente o contrário, pois lá o freguês da loja denomina-se *parroquiano*, mas o *freguês*, o *paroquiano* da mesma igreja diz-se *feligrés*.

frol, frolido

Na Revista Lusitana[3] dá-se como metatese a forma *frolido*, por *florido*, num texto anterior ao seculo XV. Não há metátese, visto que *frolido* é simplesmente o participio passivo de um verbo *frolir*, derivado de *frol*, que era a forma contemporânea, e ainda posterior, do vocábulo que actualmente se diz *flor*.

frouxel

Bluteau, no Vocabulario portuguez e latino define dêste modo a palavra: «A penna das aves, mais pequena, e mais molle» —. O Dicionario francês de Emilio Littré dá-nos de *édredon* a definição seguinte: «1.º Petites plumes à tige grêle, à barbules longues et fines, appelées aussi duvet [penujem], fournies

---

[1] Alberto Sampaio, As «Villas» do Norte de Portugal, *in* Portugalia, I, p. 583.

[2] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 226.

[3] vol. VIII, p. 242, A Visão de Tundalo.

par des oiseaux palmipèdes et surtout par l'eider, *anas mollissima*, qui vit principalement en Islande .. 2.° Un édredon, em couvre-pieds fait d'edredon... ÉTYM. du suédois *eider*, espèce d'oie du Nord, et *dun*, petite plume, duvet» —.

Cotejadas as duas definições entre si e com a tradução latina que da palavra portuguesa faz Bluteau, mollior auium pluma, parece que com *frouxel* nos poderiamos contentar, ou com *penujem*, prescindindo do francês *édredon*, que para França é ao menos afrancesado, e para cá nem aportuguesado foi.

fumeiro

Como se sabe, designa *fumeiro* a carne de porco ensacada, de *enchido*, e depois fumada.

Eis aqui uma transcrição que deixa claríssimo o significado: «DISPENSA. Vasto compartimento abarrotado de comestíveis. Ali se armazena o *fumeiro* dos suínos, isto é o producto da matança de doze a vinte cabeças graúdas, as melhores que saíram do montado... O fumeiro comprehende: grossas mantas de toucinho empilhado em salmouras proprias, ou em potes de barro e caixotes; as varas de enchido, como paios, chouriças, linguiças, morcellas, cacholeiras e farinheiras, cada qual em separado, e todas suspensas por cordas presas ao tecto, formando por este modo a *parreira* ou *latada* de carne cheia, previamente defumada nos vãos da chaminé... Em vasilhas observa-se egualmente a manteiga e os pésunhos e lacões» —[1].

fumó fumo

Esta palavra abona-se com a «Relação do naufrájio da nau Sam Tiago», de Manuel Godinho Cardoso: — «Após estes negros

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 537.

acudiram outros com um Fumó seu, que assim chamam [os cafres] aos [*sic*] que os governa» —[1].

Conquanto mais adeante a palavra se repita, hesito em considerar certa a acentuação marcada, pois a edição é de pouca ou nenhuma fé, não só porque os erros tipográficos pululam nela, mas principalmente em razão de a ortografia adoptada ser, quanto pode, arbitrária e incongruente.

funaragio

Assim nos apresenta o NÔVO DICCIONARIO êste vocábulo, com a nota de compilado pela primeira vez, e uma abonação de Latino Coelho — «o lenho de um funaragio» —. No Suplemento ao mesmo dicionário declara-se que, por informação obtida, o vocábulo novo é apenas um êrro de caixa pôr *naufragio*, mas que Latino o deixou passar, autenticando-o portanto. É pois o que os franceses denominam *coquille lexiologique*, «gralha lecsicográfica», que já figurou duas vezes, e será bom não figurar terceira.

No Suplemento chama-se-lhe «suppôsto disparate»: ¿Pois ainda resta dúvida? O facto de Latino Coelho o haver deixado passar também não está provado, visto que as quatro primeiras letras de *naufragio* trocadas em *funa-ragio* o podiam ter sido depois de feita por êle a revisão.

funé

Esta palavra é japonesa e quere dizer «embarcação»: — «uma ponte feita de barcos que [os japões] chamam funés» —[2].

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLIII, p. 64.

[2] Antonio Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS, I, p. 54.

fungueiro, fangüeiro, fragüeiro

O Nôvo Diccionário escreve a segunda destas formas *fangueiro*, isto é, com o *u* nulo para a pronúncia; na terceira marca as cimalhas no *u*, o que equivale a indicar que se pronuncia *fragu-eiro*, soando êsse *u*. Eu, em conformidade com o que expus na Ortografia Nacional [1], substituo pelo acento grave as cimalhas, com o fim de denotar que o *u* entre *g* e *e* ou *i* se profere.

O mesmo Dicionário remete de *fangueiro* (aliás *fangùeiro*) para *fragüeiro*, entendendo-se pois que são a mesma palavra com duas formas; e da última diz, como termo da Beira, o seguinte: — «pau tôsco e comprido; estadulho; pau em que encaba o vassoiro com que se varrem as cinzas e brasas do forno, para nêste se deitar o pão que se vae cozer; *adj*. ardente... (De fragua)» —.

É possivel, e mesmo provável que de *frágua* provenha o adjectivo *fragùeiro*, ali abonado com Francisco Manuel do Nascimento, o que nos leva a crer que é neolojismo dêste escritor, que tantos inventou, com maior ou menor felicidade.

Como substantivo, o étimo é suspeito, porque *frágua* é uma «forja», e não um «fôrno»; e por outra parte não pode haver étimo comum a *fragùeiro* e *fangùeiro*, sendo certo que o último procede de funicularium < funis, «corda» (> *funguairo* > *fungùeiro* > *fangùeiro* [2].

funil, funilaria

A palavra *funil*, muito usada na Estremadura, e menos no norte onde lhe substituem *embude*, castelhano *embudo*, é o latim

---

[1] Lisboa, 1904, p. 99 e 200.

[2] Revista Lusitana, II, p. 31.

infundile[1], por **infundibulum**. De *funil* se derivam *funileiro* e *funilaria*, que quere dizer não só «loja de funileiro» mas tambem «obra de funileiro», como se vê do trecho seguinte: — «a concorrencia de outras loiças, porventura a obra de funilaria em minima parte» —[2].

Funilaria designa também a «colecção enteira de condecorações com que um individuo se adorna», correspondendo neste caso ao que, em francês, também em tom de mofa, se chama *ferblanterie*.

Funileiro, não é únicamente o «fabricante de funis», mas em geral o que técnicamente se denomina *latoeiro de fôlha branca*, por oposição ao *latoeiro*, sem mais nada, que trabalha em *latão*, e não em *fôlha-de-Flandres*, como o *funileiro*, que o povo mudou em *fulineiro*, por influencia de *fôlha*.

Furada

Êste nome de várias terras costuma escrever-se às vezes, se não muito frequentemente, *Afurada*, o que é um êrro, visto que o *a* é o artigo, êrro semelhante ao que os franceses e ingleses cometem quando escrevem *Oporto*, por *o Pôrto*. É regra conhecida que, quando um nome comum passa a especializar-se como nome de terra, costuma acompanhar-se do artigo, se por outro modo não esta particularizado. Assim, temos *a Abrigada*, *a Granja*, *o Tramagal*, *o Ginjal*: mas *Pena-fiel*, ou modernamente *Penafiel*, *Paço-d'Arcos*, *Porto-de-Mós*, etc.

Quando o nome comum deixou de estar presente à memoria do povo, por se haver tornado obsoleto, o artigo muitas vezes elimina-se: assim, temos *Cascais*, e não *os Cascais*, *Azoia*, em vez de *a Azoia* (árabe AL-ZAUIIK, «a ermida»), *Valadares*, etc.

---

[1] Júlio Cornu, GRUNDRISS DER ROMANISCHES PHILOLOGIE, Bonn, 1888, I, p. 770.

[2] Portugalia, I, p. 266.

[redacted]

Ora *furada* é um nome comum, o qual significa uma «caverna artificial», como há, por exemplo, na Galiza a chamada *Furada dos Ca(n)s,* citada por Vilamil y Castro, como sendo uma importante gruta pre-histórica.

fura-mar

Aos sete vocábulos derivados do verbo *furar,* no imperativo, como substantivos, colijidos no Nôvo Diccionário e seu Suplemento, tenho a acrescentar os seguintes nomes de aves:

fura-bardo: Madeira, «gavião».
fura-mar: Madeira, «boeiro» [1].

fuselo

É um deminutivo de *fuso.* Eis aqui uma definição minuciosa: — «duas chapas de madeira... presas uma á outra por sete ou oito pausinhos redondos de um palmo de comprido... são os *fusellos*» — [2].

fuseola, fuseolo

Êste neolojismo é feito à imitação do francês *fusaïole,* termo de arqueolojia pre-histórica, derivado do italiano *fusaiòlo,* «gastão do fuso», isto é, o pedaço de chumbo ou outra substância pesada que mantém verticalmente o fio e o ajuda a torcer, pôsto na ponta, ou ferreta do fuso: — «As fuseolas que aparecem em grande abundancia nas ruinas das citanias, identicas ás usadas domesticamente na actualidade» — [3]. Ora, como ninguém dá seme-

---

[1] Ernesto Schmitz, Die Vögel Madeira's.
[2] Portugalia, I, p. 656.
[3] Portugalia, I, p. 317.

lhante nome às **usadas na actualidade**, melhor fôra dar-lhes o que teem em português.

V. **gastão.**

fúti

No Relatório da Campanha do Barué em 1902 [1], de João de Azevedo Coutinho, encontra-se a seguinte expressão usada na África Oriental Portuguesa:— «na esperança de [illegible] *futi* (fazer fogo)»—. Em nota acrescenta-se:— «*Futi*, espingarda»—.

gadanha, gadanho, gadanhar, agadanhar, engadanhar, esgadanhar, agatanhar, esgatanhar

Dois etimos tem sido propostos para a palavra *gadanha*, forma hoje mais usual, ou *guadanha*, a que Bluteau deu a preferencia, e que é a castelhana; e digo dois, ambos germanicos, porque o arabico, pelo Dicionário da Academia Espanhola proposto, não merece confiança, pois nem Dozy nem Eguilaz & Yanguas o admitiram, visto que ambos omitem o vocabulo *guadaña* entre os muitos de orijem arábica a que os seus glossários deram cabimento.

Ambos os ditos étimos germânicos se podem ver em Körting [2]. O primeiro dêles, que F. Adolfo Coelho parece preferir [3], relaciona *gadanha* com o verbo *ganhar*, e é aquele que a êste tambem deu orijem nas linguas romanicas, com excepção do romeno, em que o elemento germanico é, a bem dizer, nulo: * *waidanjan* «pascer, pastorear», que subsiste no alto alemão moderno *weiden*.

---

[1] in «Gazeta das Colonias», de 15 de maio de 1905.

[2] Lateinisch-romanisches Wörterbuch, 4162 e 8845.

[3] in Portugalia, I, 636 e nota.

o outro é uma base verbal, *hwat*, «atiar», o alto alemão moderno *wetzen*. Houve também quem propusesse *Guadix*, nome próprio de cidade na provincia de Granada, mas ninguém lho aceitou.

Declaro terminantemente que nenhum dêstes étimos oferece a mínima probabilidade de ser o verdadeiro: e mesmo o que parece ter recebido maior aviencia, e relaciona êste nome de alfaia agricola com o verbo *ganhar*, apresenta tantas dificuldades fonéticas e ideolójicas, que nos vemos na necessidade imperiosa de rejeita-lo. Com efeito, ¿como é que a única lingua romanica que conservou o *d*, o italiano *guadagnare*, «ganhar», é justamente aquela para a qual o vocábulo é estranho? E por outra parte, ¿se o dito verbo tanto no português *ganhar*, como no castelhano *ganar*, perdeu esse *d*, porque razão o conservaria num derivado?

Pelo que respeita à parte ideolójica, ¿qual relação se há de estabelecer necessaria entre um verbo, cujo significado é «pastorear», e um substantivo designando uma alfaia agricola aplicada à ceifa de herva, ou de mato? ¿Pois a vida de pastor não é a antitese da do lavrador?

Ve-se portanto que é êste um dos numerosos vocabulos de uso cotidiano, cuja orijem é desconhecida.

De *gadanha* procede *gadanhar*, «ceifar herva», o francês *faucher* | *faux*, «fouce de cabo».

A par de *gadanha*, «fouce roçadoura», temos um masculino *gadanho*, que quere dizer «dedo enclavinhado», como «para *gafar*, arrebatar»: e com *gadanho* temos uma série de verbos dêle derivados: *engadanharem-se os dedos com frio*: *agadanhar*, «estender os *gadanhos* para arrebatar»; *esgadanhar*, «arranhar com os *gadanhos*», que por influencia da palavra *gato*, criatura a quem é muito aplicável o verbo, se converteu em *esgatanhar*, como *agadanhar*, em *agatanhar*.

Com mudança do *d* em *r*, rara mas efectiva (cf. *mentira*, por *mentida*, e o castelhano *parihuela* com o português *padiola*, *q. v.*), tem os falares transmontanos os participios *engaranhados*, e *engaranhidos*, que pressupõem os verbos *engaranhar* e *enga-*

ranhir, e querem dizer «entorpecidos, tolhidos os dedos com o frio»: e o étimo imediato dêles é com certeza *gadanho* [1].

gade, gade

O Nôvo Dicionário rejista a segunda destas formas como termo de gíria, com a significação de «dinheiro».

A abonação de que tenho nota é da primeira, na mesma acepção; é possivel, porem, que haja nela êrro tipografico, o que não posso decidir porque nunca ouvi nem uma nem a outra: —«Quando não havia gade para vinho, meu pae batia-lhe» — [2].

gadelha, guedelha

O Diccionario Contemporaneo rejista sómente a segunda destas formas, o Nôvo Diccionário ambas, dando, como Bluteau, a preferência à primeira, que é a mais usual no povo, e tambem a galega. O que nenhum dos dois faz é consignar a significação de «madeixa de fios», a que Bluteau se referira na inscrição *gadelhas de lã*, e Roquete [3] traduzira para francês do modo seguinte: —«flocon de laine. *Guedelhas de seda*, étoffe de soie peluchée» —. Esta última locução foi empregada pelo cronista Rui de Pina na Crónica de El-rei Dom Afonso v, descrevendo as festas celebradas por ocasião do casamento da irmã de El-rei com o Imperador Frederico em fins do ano de 1449: —«El-rei... desafiou os cavaleiros para as justas reaes, que manteve na rua Nova com condições mui excelentes e de grande gentileza, e assi [foram] propostos grados e empresas mui ricas

[1] Na Revista Lusitana, I, p. 212 tratei dêste vocabulo, bem como de *padiola*, *parihuela*, p. 215.

[2] O Dia, de 25 de setembro de 1902.

[3] Dictionnaire portugais-français. Paris, 1855.

para quem mais galante viesse á tea, e assi melhor justasse. A que o infante Dom Fernando veio com seus ventureiros vestidos de guedelhas de seda fina como salvages, em cima de bons cavalos envestidos e cubertos de figuras e côres de alimarias conhecidas, e outros diformes» —[1].

Vê-se que foi o que hoje se chamaria *mascarada*. Meio século antes houvera outra em França, também por ocasião de um casamento entre pessoas da côrte de Carlos VI, na qual êste rei e mais cinco senhores se vestiram de selvajens, cobertos de guedelha de linho, à feição de pêlo, e assim apareceram na sala do baile, onde por ordem do rei se apagaram os brandões, com receio de algum desastre. O caso porém foi desastroso, e a planeada comédia converteu-se em pavorosa trajedia, breve, mas eloqüentemente descrita pelo cronista Froissart. Apesar da recomendação do rei, o duque de Orleãs entrou na sala acompanhado de seis homens com brandões; tirou um das mãos de um dêles par ver se conhecia os mascarados, que vinham presos uns aos outros, com excepção do rei, que, sendo o primeiro da fileira, se soltara para falar á duquesa de Berri. A luz da tocha pegou logo na guedelha de linho de um dêsses mascarados, guedelha que estava colada com pez a uma túnica, e assim pereceram dois logo ali, outros dois ao cabo de dois dias, no maior tormento, escapando o quinto, porque se lembrou de lançar sôbre si a agua que estava em uma dorna, para nela se lavarem copos.

O que é mais horroroso neste triste caso é que Froissart dá a entender que não foi só leviandade, mas acaso malvadez da parte do duque, o que o levou a chegar a tocha a um dos mascarados, quando nos diz, que o duque foi o culpado, pôsto que a pouca idade e talvez a ignorancia o levassem a semelhante acto de loucura [2].

Vê-se pois que a palavra *guedelha* ou *gadelha*, não significa ùnicamente «cabelo», mas também toda a imitação de cabelo ou

---

[1] cap CXXXI.
[2] CHRONIQUES DE FROISSART, livro, IV, cap. 7.º, Paris, 1881.

pélo, feita com qualquer substáncia filamentosa, lã, linho, ou seda, por exemplo.

gadi (gaddy)

Na interessante monografia escrita por F. X. Ernesto Fernandez, intitulada O REGIMEN DO SAL, ABKARY E ALFANDEGAS NA INDIA PORTUGUEZA, define-se assim êste termo: — «*Gaddy* era um estabelecimento em que se arrecadava *[sic]* direitos sobre o sal que d'uma provincia fosse exportado para outra. Era situada na passagem dos rios» — [1].

Todavia, o termo tem outra acepção, e significa o proprio imposto, no passo seguinte: — «Em antiquissimas pautas aduaneiras, conhecidas sob a denominação de *Cannusapulo*, ou tabella de direitos do tempo do dominante mouro, que vigorou nas alfandegas de Salcete e Bardez ate o anno de 1811, apparece um imposto que incide sobre o sal sob o nome de *Gaddy*» — [2].

O vocabulo esta escrito à maneira tradicional da India Portuguesa, usada na transcrição das palavras indijenas, isto é, *y* para *i* acentuado, e *dd*, para o *d* cacuminal, convém saber, proferido no ponto em que proferimos o *r* de *cara*. O *y* indicava o *i* acentuado, equivalendo a dois *ii*, como o *a*, *e*, *o*, acentuados se escreviam *aa*, *ee*, *oo*.

gado criado

Eis a definição autorizada desta expressão: — «quando é certo que na linguagem agricola *gado criado* quer dizer que é da lavoura de seu dono e não comprado pára simples negocio de marchante ou contratadór» — [3].

---

[1] in «Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa», 23.ª serie, p. 223, nota.

[2] *ib.* p. 223, texto.

[3] GAZETA DAS ALDEIAS, de 27 de agosto de 1903.

gafa, gafar, gafo, gafeira, gafém, gafaria, gafejar; gafanho (?), gafanhoto, gafanhão; Gafanha, Gafanhoeira, Gafes, Gafete, Gafarim

O sentido comum a todos êstes vocábulos parece ser o de «gancho, ganchoso, enganchar», cousa que já advertira Bluteau a respeito dos primeiros seis, por estas palavras: — «GAFA e Gafo. Segundo a etymologia dos que derivam *Gafa* do hebraico *gafaf*, que significa encurvar, entortar, arquear, he facil de entender os differentes sentidos em que se tomam estas palavras, porque *Gafa*, instrumento com que se curva a bésta, faz um effeito semelhante à Gafa, ou lepra, doença que encolhe os nervos das mãos e pés. Gafar é arrebatar com as unhas, e gafar-se de piolhos, he encher-se dos ditos insectos, que afferrão na carne, e com picadas molestão» —[1]. Isto nos diz no Suplemento, e no corpo do Vocabulário dissera: — «GAFA. He o instrumento com que se curva a verga da bésta, até encavala na noz» —. GAFAR, arrebatar com as unhas ou com instrumento a modo de *gafa*. — GAFO. Leproso ou Enfermo de certo genero de lepra, que não só corroe as carnes, mas deixa os dedos das mãos revoltos, como os das aves de rapina. — GAFEIRA sarna do cão. — He mal que dá nas cabras, pella-as e as mata» —.

Santa Rosa de Viterbo documenta o nome *gafo*, não só como significando «leproso», mas também «leprosório, lazareto, hospital onde os leprosos se abrigam, e são tratados»[2].

A. A. Cortesão[3] cita como orijem do vocábulo *gafo* português o castelhano *gafo* [¿e porque não o contrario?], e a êste dá como étimo, mas em dúvida, um árabe *acfao*.

Em árabe existe na realidade o adjectivo AQFAO, «encarqui-

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO, vol. IV, e Suplemento, I.
[2] ELUCIDARIO, Lisboa, 1798.
[3] SUBSIDIOS PARA UM DICCIONARIO COMPLETO, Coimbra, 1900.

lhado, contorcido», do radical qaraça, «encolher, encarquilhar»[1], correspondente ao hebraico citado, karar *(kafaf)* «vergar, dobrar»[2], e é possivel que do arabe proviesse o vocabulo. *Gafar* em galego significa «arrepanhar, esgadanhar, como fazem os gatos».

F. Adolfo Coelho[3] relaciona *gafo* e um copioso material de derivados com *gafa*, «garra»: o nome seria aos leprosos aplicado, em razão do fenómeno caracteristico de tam horrorosa doença, a mão recurva, revôlta, adunca, como garra de ave de rapina.

Atribui Körting[4] orijem germánica, e não arábica, ao vocábulo *gafa*, tanto castelhano, «garra, gancho», como português nas suas várias acepções, e diz que procede do baixo-alemão *gaffel*, correspondente ao alto-alemão *gabel*, «garfo». Efectivamente, o baixo alemão possui a palavra *gaffel*, que, conforme João Carlos Dähnert[5], quere dizer: — «espécie de gancho ou croque para içar e arrear cousas que estão pendentes de uma vara» —. Com estes vocábulos pareceria relacionar-se não só o *garfo* português e o *garfio* castelhano, «anzinho», mas tambem o castelhano *garfear*, «agarrar com anzinho», *garfina*, «garra» e *garfinar*, «roubar», e talvez o português *engalfinhar-se*, *galfarro*, etc., conquanto a introdução de *r* e *l* antes do *f* seja difícil de explicar nestas últimas fórmas, tanto portuguesas como castelhanas. *Gafa*, como adjectivo, aplica-se a uma doença da azeitona, que Bluteau descreve assim: — «Azeitona gafa. He a que com as nevoas se engela na Oliveira, e apodrecendo nella, cahe sem ser varejada» —.

Os vocabulos *gafa*, *gafar*, *gafento*, *gafado*, etc. aplicam-se a outras molestias, além da lepra do homem, da sarna do cão ou da cabra, e do pêco das azeitonas, como se vê do trecho segun-

---

[1] Belot, Vocabulaire arabe-français, Beirute, 1893, p. 696, col. II.
[2] Hebrew-English Lexicon, Londres, p. 128, col. I.
[3] Diccionario manual etymologico da lingua portugueza.
[4] Lateinisch-romanisches Worterbuch, 1896, n.os 3546, 3559.
[5] Platt-Deutsches Wörter-Buch, Stralsund, 1781.

tos — «Aparecem quasi todos [os gafanhotos] gafados (destruidos ou affectados de qualquer doença)» —.

A propósito do nome *gafanhoto*, dado ao *saltão*, direi que me parece ainda um ramo da mesma estirpe, e que lhe foi dado em razão da forma ganchosa das patas deanteiras. Ora, *gafanhoto* é um deminutivo (cf. *perdigoto* do radical de *perdiz*, perdic-), e tanto, que há um aumentativo *gafanhão*, que quere dizer *gafanhoto grande*. Um e o outro pressupõem um primitivo *gafanho* ou *gafanha*, que não está colijido, nem posso abonar, mas que naturalmente existe, visto que o vemos, no onomástico local, em *Gafanha*, aldeia do Douro, com derivados, como *Gafanhão*, na Beira-Alta, e *Gafanhoeira*, no Alentejo: e João Maria Baptista rejista mais *Gafanhoto* e *Gafanhotos* [1]. Pinho Leal [2] conta-nos umas historias a respeito de *Gafanha*, das quais a mais verosimil é que antes houvesse ali uma *gafaria*. Assim será. A. A. Cortesão aduz mais o substantivo *gafém*, «lepra», abonando-o: — «Que o faças seer saaom de *gafeem* [3]. *Gafejar*, na Madeira e na Estremadura significa, «fervilhar, pulular». Cf. Bluteau, *supra*. Tudo isto parece provir de *gafa*, «garra».

É de notar que saltão se diz em castelhano *langosta*, palavra que também denomina a *lagosta*, ⸗ locusta. A semelhança de forma, especialmente com referência às patas e ás turqueses, determinou a identidade do nome.

A êste respeito me ocorre a noticia dada por um periodico, de uma chuva de *lagostas* que em Espanha tinha devastado um campo. Eram gafanhotos. Parecida com esta bernardice publicou outro jornal uma tradução de um conto castelhano, e o tradutor dava-nos esta novidade estranha: o diabo é surdo porque tinha entalado a mão direita! O castelhano dizia *zurdo*, «canhoto», porque surdo se diz lá *sordo*. Outro ainda participava aos seus

---

[1] CHOROGRAPHIA MODERNA DO REINO DE PORTUGAL, VI, Lisboa, 1878.

[2] PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, Lisboa, vol. III, 1874.

[3] SUBSIDIOS PARA UM DICCIONARIO COMPLETO, Coimbra, 1900.

leitores que certas tropas estavam acampadas nas orelhas do Danúbio! O texto espanhol dizia *orillas*, «marjens», vocábulo que morfolójicamente corresponde ao português *ourela* porque *orelha* ⟨ auric(u)la é em castelhano *oreja*. São frequentíssimos êstes primores de tradução!

Em castelhano *gafa* teve maior desenvolvimento no seu sentido natural de «gancho», que o correspondente português: *gafas* quere lá dizer não só as hastes dos óculos fixos, que os seguram nas orelhas, mas, como termo faceto, os próprios óculos; como nós lhe chamamos, também por graça, *cangalhas*, aludindo à armação geminada de ferro ou madeira que se coloca sôbre o lombo das azêmolas, para se lhe meter carga. O diminutivo *gafete* quere em castelhano dizer «colchete», que também se diz *corchete*.

O verbo *gafar*, «agarrar», é pouco usado actualmente em português, e creio obsoleta a acepção em que se emprega em galego de *agadanhar*, *esgadanhar*, vulgarmente *esgatanhar*, como disse, por influência da palavra *gato*, que é o animal mais useiro e vezeiro em alimpar e afiar as unhas, seja em que fôr, mesmo na nossa pele.

Podemos estabelecer o desenvolvimento do sentido da palavra *gafa* em português do modo seguinte:

Gafa, «garra»: *gafar*, *(gafanho)*, *gafanhão*, *gafanhoto*, *gafejar*
«lepra»: *gafo*, *gafado*, *gafém*, *gafeiro*, *gafeirento*, *gafeiroso*, *gafarim*, *engafecido*
«sarna»: *gafento*
«doenças nas oliveiras»: *gafo*, *gafar*, *gafado*
Duvidosos: *galfarro*, *engalfinhar*
: *garfo*, e seus derivados.

Outros nomes próprios de povoações, derivados de *gafo* são *Gafes*, no concelho de Cabeceiras de Basto, *Gafarim*, no de Ponte de Lima, *Gafete*, no do Crato.

gaio

Vareta de pau muito flecsível, terminada na sua parte superior por umas laçadas, feitas com a própria vareta vergada [1].

gaio; gaiosa

Na Madeira é o nome da *gaivota*, durante o primeiro ano de nascida, conforme a copiosa e interessante monografia de Ernesto Schmitz, intitulada DIE VÖGEL MADEIRAS [As aves da ilha da Madeira], publicada no Anuário de Ornitolojia, vol. x, 1899, que muitas vezes tenho citado, para reunir aqui a riquíssima nomenclatura vulgar, com tamanha dilijência colhida pelo douto naturalista no seu valioso estudo.

No continente o nome *gaio* é aplicado a outra ave muito diferente, da família dos corvos, garrulus glandarius. É sabido que o vocábulo *gaio*, como adjectivo, significa «alegre», e dessa significação provém a locução adjectiva *verde-gaio*, «verde claro e vivo».

Derivado de *gaio*, «alegre» parece ser o nome de certo tributo: — «Não menos elucidativa é a *gajosa* ou *gayosa*, fôro que se pagava pelo casamento dos filhos» — [2].

gaiolo, garimpa

São sinónimos êstes dois vocábulos, sendo o primeiro o masculino de *gaióla*, e portanto pronunciado *gaiôlo* (cf. *ôvo, óva, pôrto, pórta*): designa qualquer dêles uma armadilha para caçar

[1] J. da Mota Prego, JORNAL DO COMMERCIO, de 11 de agosto de 1905.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, in Portugalia, I, p. 575.

pássaros: — « *Nassa, gaiolo* ou *garimpa* — Tem a forma de uma pyramide regular de base quadrada e é feita de varas encruzadas umas sobre as outras, seguras por meio de quatro vergas a um caixilho, tambem de varas, atadas ou pregadas nas extremidades » —[1].

Garimpa é talvez *grimpa*, com a vogal *a*, anaptictica ou intercalar.

•

gaita(s), gaitada, gaiteiro

Em Sam Miguel dos Açôres *gaitada* quere dizer « gargalhada », naturalmente pelo estridor que faz.

Em Lisboa significa « repreensão acerba ».

É um derivado de *gaita*, « instrumento de vento » de tom muito agudo, e é esta circunstancia o fundamento dos dois sentidos figurados acima referidos.

Gaitas se chamam os orificios que as lampreias teem por baixo da bôca. A suposta explicação de Bluteau, a que alude José Maria Adrião, TRADIÇÕES POPULARES COLHIDAS NO CONCELHO DO CADAVAL[2], com relação ao dito *sabe que nem gaitas* é fantasiosa: — « *porque as lampreias são excellentes, e que teem uns braços assemelhando as gaitas, d'ahi o ditado* » — É natural que em razão daqueles orificios às lampreias se chamasse *gaitas*, concorrendo para a aplicação do nome a forma roliça do afamado peixe. *Sabe que nem gaitas* quereria pois dizer « sabe que nem lampreias », « tem muito bom sabor », para quem o tiver, que pela minha parte dispenso o petisco.

Para crédito de Bluteau, a citação está errada toda: o que o doutissimo frade escreveu e vem no seu Vocabulário é o seguinte: — « Gaitas se chamam uns buracos a modo de Fagote, que a Lampreia tem pelo pescoço, e por serem aquellas partes sabor-

—

[1] José de Pinho, ETHNOGRAPHIA AMARANTINA, A Caça, *in* PORTUGALIA, II, p. 88.

[2] *in* « Revista Lusitana », VI, p. 129.

tas, derão occasião ao adagio, *Sabe como gaitas* » — Até os *buracos* foram transformados em *braços*, atribuindo-se falsamente ao nosso melhor leexicografo a rara invenção de peixes com braços e braços com buracos! Muita razão tinha Augusto Schleicher em recomendar que jamais se fizesse uma citação sem se ter o cuidado de escrupulosamente a conferir.

Erre cada um à vontade por sua conta, mas não atribua a outrem os disparates que lhe veem à cabeça.

Gaiteiro e o músico que toca principalmente a gaita de foles. Como adjectivo quere dizer «alegre», «garrido», como quando dizemos de um velho, ou de uma velha, que são *gaiteiros*. Com efeito, tanto a gaita ordinaria, como a de foles, são instrumentos alegres, e gratos ao ouvido, se nos campos soam; nas cidades, são mais um guincho e um ronco importunos, a juntar aos muitos rumores e sussurros que nos ensurdecem e desafinam os nervos.

gajo, gaja: gajé

São termos de calão conhecidos, derivados do caló, ou dialecto cigano de Espanha, *gachó*, *gaché*, pl. *gaches*. Se aceitarmos, porem, como completamente averiguado que o *ch* ali tem o mesmo valor que nos dialectos castelhanos, nomeadamente o andaluz, visto que é da Andaluzia que para Portugal veem em geral os ciganos, temos de admitir que a forma passou ao português por intermédio de ciganos orientais, pois é aí que nos a encontramos, por exemplo no dialecto dos da Moldo-Valaquia, com uma consoante medial analoga à portuguesa de *gajo* (pron. *gadjo*) «labrego». É provavel, porém, que a ortografia castelhana, adoptada para a escrita do caló, haja confundido, no mesmo símbolo **ch**, a forte *tch* (*ch* beirão ou castelhano) e a branda correspondente *dj*. É sabido que na transcrição, mesmo metódica e cientifica moderna, os arabistas espanhóis transliteram por **ch** a 5.ª letra do alfabeto arábico, que se profere *dj* na Asia e *j* vulgarmente nos paises barbarescos. Dêste modo, a forma portuguesa diferençar-se-ia apenas na mudança do acento para a 1.ª

silaba, o que se observa em outros vocábulos da mesma orgem (v. **parne**).

Quanto ao substantivo abstracto *gajé*, de calão igualmente, poderia êle representar um singular deduzido do plural caló *gachés*, de *gaché*, forma de singular que alterna com *gachón*, no andaluz aciganado, como se vê, por exemplo, na cantiga da Contrabandista da *Feria de Mairena:*

— «Si el resguardo le prendiera
á tiros le resgatara,
que los ojos e mi cara
son los ojos e mi gache» —.

É mais natural, porém, que a palavra *gajé* seja simplesmente deturpação do francês *degagé*, «desempenado, airoso; donaire, desembaraço».

O significado próprio de *gachó*, femenino *gachí*, em caló é «rapaz, rapariga, adultos, não ciganos»; e em português a de *gajo* é «qualquer sujeito a quem o fadista se refere com malevolência»: ¿Vês aquelle gajo? [1].

galão

O Diccionario Contemporaneo dá como quarta acepção dêste vocábulo «gole, cada um dos saltos que dá o liquido ao sair de um gargalo ou bocca de vasilha» —: e como quinta acepção — «corcovo, salto que o cavallo dá erguendo as mãos e ennovelando-se» —. Esta ultima definição vem por outras palavras no Vocabulario de Bluteau, e é com êste significado que se relaciona o modo adverbial, usado em Sam Miguel dos Açôres, *de galão*, «de salto, de chofre».

---

1 O Seculo, de 10 de setembro de 1900.

galego

Êste adjectivo é muito usado em português para diferençar castas, raças ou espécies, sem que por isso se queira dizer sempre que proviessem da Galiza.

Assim dizemos *couve galega; ginja galega*, por oposição a *ginja garrafal (q. v.)* que é a mais grada e de melhor sabor, menos azeda, etc.

Com alguns nomes, porém designa de certo orijem, como acontece, por exemplo, com *boi galego*, por oposição ao *barrosão*. — «Faz lembrar o *Taurus brachyceros*, ou *bos longifrons*, conhecido e domesticado desde o neolithico... e approxima-se muito do nosso typo actual do *boi galego*» —[1].

Como substantivo, *galego* designa não só o natural da Galiza, principalmente de condição humilde, mas também o português do norte, que exerce os mesteres que dantes eram a bem dizer privativos dos galegos verdadeiros, e entre êsses o de aguadeiro, mais especializado com um epíteto *galego de barril*, que A. de Campos empregou no romance o Marquês de Pombal neste sentido.

De Galiza derivou-se, além de *galegos*, (latim galaecos), outro adjectivo *galiziano*, *(q. v.)* em **gereziano.**

galela, galelo

O Nôvo Diccionário dá o termo *galelo* como transmontano, com a significação de «gomo da laranja». Leite de Vasconcelos[2] diz-nos significar «escadea, bagos de uva», e que a forma feminina *galela* quere dizer «rabisco», e por isso se diz *ir á galela*.

---

[1] Portugalia, I, p. 327.
[2] Respigos camonianos, p. 15, nota.

galheta

O NÔVO DICCIONARIO traz duas inscrições desta forma: 1.ª certas garrafinhas como as usadas na mesa para azeite e vinagre, e no serviço da missa, para vinho e água—, e a esta subordina o termo de jiria, com a significação de «bofetada».

À 2.ª forma diz-nos ser o nome de uma—«trombeta de guerra, entre os prêtos de Lourenço Marques, feita de chifre de cabrito. (De galho)»—.

Que o vocábulo não é indíjena vê-se pelo *lh*.

Ora o termo de jiria acima apontado não pode subordinar-se a *galheta*, «garrafa»; é preciso abrir para êle terceira inscrição, pois é simplesmente o castelhano *galleta* (pr. *galheta*), «bolacha», derivado do francês *galette*, com a mesma significação, e que se diz provir de *galet*, «seixo grosso e chato, boleado pelas aguas», que seria palavra bretã, mas parece deminutivo de *gal*, que no francês antigo significava «calhau» [1].

Confronte-se *biscouto (q. v.)*. Assim, como *bolacha* significa também, como termo de jiria, «bofetada», do mesmo modo se empregou a palavra espanhola, neste sentido figurado.

galhipo

«O isqueiro ter-se-hia vulgarisado principalmente com os progressos do uso do tabaco; e não obstante as actuaes disposições prohibitivas, ainda a sua utilização subsiste occultamente: o *cornipo* no planalto barrosão e no Soajo (*galhipo* em Lindoso) é um toro de chifre de bode, vedado com discos de cortiça e incluindo farrapos de linho chamuscado ou medulla de sabugo: com um fragmento de quartzo leitoso regional obteem a faisca e logo o fogo necessario para o fumo»—[2].

---

[1] E. Littré, DICTIONNAIRE DE LA LANGUE FRANÇAISE, Paris, 1881.

[2] Rocha Peixoto, ILLUMINAÇÃO POPULAR, in Portugalia, II, p. 37.

É longa a transcrição; contém ela, porém, tam perfeita descrição do objecto designado com o nome de *cornipo* ou *galhipo*, que entendi não dever suprimir-lhe nem uma palavra, e com tanto maior razão, quanto é certo ser omisso nos dicionários o termo *galhipo*.

galinha; galinheiro; engalinhar

Galinha era unidade monetária de Ajudá que valia 33.3 réis portugueses do continente, isto é, duzentos *búzios (q. v.)* [1].

Apontarei aqui os nomes de algumas castas de galinhas, transcrevendo-os do jornal O SECULO, de 23 de fevereiro de 1902:

brigadora
de asa de pato
de peito negro
paduana ou polaca
pedrês
de poupa.

O derivado *galinheiro* significa «a capoeira das galinhas e do galo», e o «indivíduo que vende galinhas».

No Alentejo o termo *galinheiro* tem significação menos restrita, como vemos do trecho seguinte:—Uma casa qualquer em que pernoitam e põem as aves domesticas do monte [casal], com excepção dos pavões e patos reaes (gansos), que dormem e nidificam fora ou ao ar livre e á solta» [2].

J. J. Nunez [3] cita a forma *galhinha*, que diz arcaica e que se explica por assimilação do *l* à palatal *nh* da silaba seguinte.

Modernamente introduziu-se o castelhanismo *galinheiro (gallinero)*, para denotar nos teatros o que antigamente era denomi-

---

[1] Carlos Eujénio Correia da Silva, UMA VIAGEM AO ESTABELECIMENTO PORTUGUEZ DE S. JOÃO BAPTISTA DE AJUDÁ EM 1865. Lisboa 1866.

[2] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, I, p. 545.

[3] REVISTA LUSITANA, III, p. 302.

nado *varandas*, isto é, «bancos corridos na ultima ordem», convem saber, ao pé do teto, lugares mais baratos que nenhum.

O verbo *engalinhar* é faceto e quere dizer «tomar engulho, agastar-se».

ganadeiro; ganância; ganhar, ganhão, ganharia, ganhança

Ganadeiro é castelhanismo muito usado, como outros, no Alentejo, e tem a significação de guardador de gado, em castelhano *ganadero*, de *ganado*, que é o mesmo vocábulo que o *gado* português, conexo com *ganar*, *ganhar*; conquanto não se explique facilmente a eliminação do *nh* dêste último verbo, a não ser porque proviesse directamente, em tempos antigos, do verbo castelhano, de que o substantivo *ganado* é apenas o participio passivo, substantivado como tantos outros: — «um terrivel lobo, que ha annos trazia inquietos os lavradores e ganadeiros»[1].

Importação directa de castelhano é *ganância*, que o povo rústico em Portugal diz, com maior vernaculidade, *ganhança*.

Ganhão é o trabalhador adventicio a jornal: — «Casinha dos ganhões... dormitorio e casa de descanço dos «ganhões» ou moços de lavoira, que constituem a *ganharia*» —[2].

Aqui, *ganhão* tem sentido especial, como se vê da definição clarissima. Antes, J. da Silva Picão abona o termo *ganharia* aqui empregado: — «A cosinha, em certas partes, tambem serve de refeitorio da ganharia e restante pessoal, como carpinteiro, terrador, etc.» .

gandula, gandum

O Nôvo Diccionario, no Suplemento, incluiu ambos estes vocábulos, o primeiro como de uso actual em Gaia, na acepção

---

[1] O Seculo, de 6 dezembro de 1900: correspondência de Avis.

[2] Ethnographia do Alto Alemtejo, *in* «Portugalia», I, p. 54 e 538.

de «garoto, vadio», o segundo como antigo, sem definição, mas abonado com o trecho seguinte: — «quando eu era choramigas da ausência, era papa arroz da mágoa: agora sou gandum da preguiça... *Anat[ómico] Jocóso*, I, p. 195. (Por *gantum*, *gaudério*)?» —.

Em castelhano temos *gandul*, que o Dicionário da Academia Espanhola define dêste modo: — «Gandul, la. (Del ár. YANDUR, majo, valenton) adj. fam. Tunante, vagabundo, holgazán. // Individuo de cierta milicia antigua de los moros de Granada y Africa» —[1].

A etimolojia foi dada por Dozy [2], e é natural que o termo viesse de Espanha para cá.

O moderno *gandul* e o antigo *gandum* devem de ser o mesmo vocábulo, e o significado primitivo é com certeza o segundo apresentado no Dic. da Academia Espanhola. As consoantes finais dos vocabulos arábicos eram, como adverte Dozy, mal ouvidas e sofreram substituições, de outro modo inexplicáveis.

Por longuíssimo não traduzo para aqui o interessantíssimo artigo por Dozy consagrado ao *gandul* andaluz e ao *gandur* mouro, com os seus correspondentes femeninos *gandulera* e *gandura*. Pela descrição dos *gandures* e *ganduras* vê-se que são uma especie de fadistas de lá, emquanto novos e novas, peralvilhos a seu modo, chibantes e amigos de se divertirem, mas de costumes corrompidos; depois de velhos e velhas fazem-se rufiães e alcoviteiras.

garrafa, garrafal

A palavra *garrafa* é também castelhana; mas é sabido que nesta lingua, como em francês *carafe*, só se aplica às de vidro ou cristal, com rolha de igual substancia, que se poem na mesa

---

[1] Madrid, 1899.

[2] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

com agua ou com vinho, porque a *garrafa* de *engarrafar* nhos e licores se denomina respectivamente *botella, bote* Dozy[1] diz-nos ser vocábulo de orijem arabica, yañ forma que, segundo afirma, não vem nos dicionários com tal gnificado, mas com o de um enjenho para tirar agua de po O radical é YARARA, «tirar água», de que proveem os subst tivos YURUF, «copo», e YURF, «púcaro».

De *garrafa* se deriva o adjectivo *garrafal*, que quere d «avultado, grande», tanto aplicado à *letra*, *letra garra* como à ginja, *ginja garrafal*. Este ultimo epiteto, tambem us em castelhano, *guinda garrafal*, é muito antigo, pois Blu faz dêle menção, descrevendo esta deliciosa fruta do modo guinte: — «He maior que as outras [ginjas], e mais doce, tem pé curto, e a cor tira a negro. Bahuino, na Historia univer das plantas, part. I, p. 220 e 221, he de parecer que he a Plinio chama *Cerasus* (cerásus) *Macedonica*» — .

O epíteto castelhano *(guinda garrafal)* encontra-se já m cionado por Navagiero (XVI século), que na Descriçao de G nada, ou como os nossos escritores antigos lhe chamaram Gra diz ser excelente a casta denominada *guindas garrafales*[2].

A ginja mais meúda e acre designa-se vulgarmente co nome de *ginja galega*. (V. **galego**).

Garrett

O apelido inglês do maior poeta nacional depois de Luí Camões, João Baptista de Almeida Garrett, esta recentement

---

[1] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DERIVÉ L'ARABE, Leida, 1869. Represento por Y a 19.ª letra do alfabeto arab qual é uma fricativa sonora, correspondente à surda, **jota** castelhano

[2] Escrita em italiano: *apud* Francisco Xavier Simonet, DESCRIP DEL REINO DE GRANADA, Granada, 1872, p. 245, (Apendice VI). O títul obra de Navagiero é, conforme R. Foulché-Delbosc, BIBLIOGRAPHIE VOYAGES EN ESPAGNE ET EN PORTUGAL, in «Revue Hispanique», p. 22, 1896: IL VIAGGIO FATTO IN SPAGNA ET IN FRANCIA DAL MA FICO M. Andrea Navagiero, Vinegia, 1563.

er pronunciado de um modo pretencioso e que nenhum fundamento racional pode abonar. Diz-se para aí entre gente que preume de instruida, e muitas vezes o é na realidade, *gàrré*. O que lhes seria difícil fôra dizerem em que se estribam e com que se scudam para tam anómala pronunciação. O apelido é inglês, e e a risca se quisesse proferi-lo como nesta língua, haveria de pronunciar-se *gárel*, com o acento na 1.ª sílaba, e um *t* proferido a segunda.

Se o nome fôsse francês, que não é, nenhum francês, ao vê-lo scrito com dois *tt* finais, deixaria de pronunciá-lo *gàréte*. A extravagante pronunciação *gàrré* é que não pertence a língua nehuma conhecida, e só prima pelo ridículo que é.

O facto, porém, é que o próprio poeta sempre pronunciou o eu apelido como se em português se escrevesse *garrète*, com *a* urdo na primeira sílaba, o acento tónico na 2.ª, e o *t* perfeitamente proferido. Assim lho ouvi eu várias vezes, assim o pronunciavam todos os seus contemporaneos, e entre êles o seu fidelíssimo amigo, discípulo, e poeta notável da escola romantica Franisco Gomes de Amorim, em casa de quem tive a glória de enontrar a Garrett, sendo eu uma criança de treze anos.

Não é de admirar êste aportuguesamento de nomes estranhos: também, por exemplo, *Stockler*, *Mayer* e *Van Zeller*, se portuguesaram na pronúncia em *estoclér*, *maièr* e *vanzeler*; ambem nunca ninguém pronunciou cá o nome do conhecido espingardeiro francês *Imberton* de outro modo que não fosse *imbèrtom*; e assim tantos outros. E hoje em dia que há a preocupaão de se arremedarem as pronúncias estranjeiras dos nomes, e s vezes com tanto acêrto, como o do glorioso poeta, tam esquecido já, que até lhe mascaram o nome, que era bem dêle, e como le o pronunciava e queria que lho pronunciassem, bem à portuguesa, e não com disfarces que o transtornam e afeiam.

garroteia, jarreteira

A ordem militar a que hoje chamamos à francesa da *Jarreeira*, foi denominada *Garroteia* um século depois da sua insti-

tuição em Inglaterra, em 1341. É imitação provavel do nome inglês *Garter*, que W. Skeat [1] deriva do galês *gar*, «pernil», «canela da perna», étimo céltico da palavra hispanica, de significado um tanto diferente, *garra*, de que provém *garrote*. A palavra *garter*, como a francesa *jarretière* { *jarret*, «curva da perna», quere dizer o que actualmente chamamos *liga*, «a fita com que se seguram as meias», e que por aquele tempo as prendia às calças, ou calções que vinham da cintura até o joelho. A forma francesa antiga, *jartier*, está para a inglesa *garter*, como *jardin* para *garden*, e é sabido que em francês o *g* orijinario antes de *a* da *ja*, como o *c* na mesma situação, *chá*. (V. **jardim**). A palavra *gar*, mais ou menos modificada, em todas as linguas célticas modernas conserva significação análoga, em bretão *garr*, em erse *cas*, «perna», etc.

Eis aqui a abonação do vocábulo *garrotea* em português: — «em França por sua ardideza e bondades foi [Alvaro Vaz de Almada] feito conde de Abranxes, e em Inglaterra por sua valentia foi recebido por companheiro da ordem da Garrotea, de que principes cristãos e pessoas de grande merecimento são confrades» [2].

garula

O Novo Diccionario dá êste vocábulo como termo de prAia, com a significação de — «perúa» —. Creio ser gralha lexicográfica, devida a erro de apontamento, em que se leu *u* por *n*, pois a êste vocábulo sempre ouvi dar o significado de «perna».

garvaia

Vestimenta rica. V. Revista Lusitana iii, p. 142.

---

[1] A concise etymological Dictionary of the English language, Oxónia, 1887.

[2] Rui de Pina, Crónica de El-rei Dom Afonso v, cap. xxxi.

gás

O Nôvo Diccionário emenda no Suplemento *gaz* para *gás*, e parece-me que tem razão; no que a não tem é em atribuir a invenção portuguesa a forma *gaz*, com *z*, é simplesmente cópia da escrita francesa. É incerta a orijem do vocábulo, que é artificial: a mais provável é haver sido fabricado por Van Helmont, físico flamengo do XVII século (1578-1644), tomando por base a palavra grega κ'άος, «massa informe». A razão da inicial *g* é a seguinte: os holandeses e flamengos proferem o *g* inicial como o actual *j* castelhano, e ao lerem grego dão êste valor ao κ'ι ou antepenultima letra do alfabeto helénico, que os romanos transliteraram por *ch*; aquele valor tem ela no romaico, ou grego moderno, já o tinha no grego bisantino, e provávelmente desde o II ou III século da era cristã, como pretende Frederico Muller [1].

gaspilhar

Não pense o leitor que êste verbo seja uma variante de *gaspear* (botas): não é.

Num jornal diário, em que se dá notícia do falecimento do eminente publicista Emídio Navarro, fazendo se enteira justiça à vernaculidade da linguajem portuguesa, que sempre e em toda a ocasião êle usou, uma coluna antes, lêmos com assombro o seguinte período: «Pede [o povo de Portugal] que [os governos] arrecadem e administrem honradamente os dinheiros publicos; que os não g a s p i l h e m em despezas inuteis e v o l u p t u a r i a s».

Eu não sei quem foi o articulista que escreveu êste desconchavo, onde pretendeu dar a entender que sabe (?) francês, conseguindo apenas mostrar que n ã o s a b e português, pois verbos

---

[1] Grundriss der Sprachwissenschaft, vol. III, t. II, Viena, 1887, p. 423.

desta lingua, com o significado que tem *gaspiller* em francês, não faltam, e já aqui, sem reflectir um segundo, me saltam dos bicos da pena três: *desperdiçar*, *extravaganciar* e *esbanjar*. ¿Que há de o povo entender por aquele *gaspilhar*, que não usa, nem encontra em dicionário algum português? ¿E essoutro estrambotico adjectivo *voluptuarias*? Alguem mais curioso, que o busque nos vocabularios, capacitar-se há sinceramente de que o ominoso govêrno vai com os dinheiros publicos estabelecer lupanares para recreio e deleite dos ministros.

gastão

Ninguém poderá saber a razão por que esta palavra tam portuguesa foi eliminada em dois dicionários modernos bastante copiosos, o CONTEMPORANEO, e o NOVO.

As definições dadas por Bluteau são como se segue: — «GASTAM de Bastão, ou Bordão. O remate redondo de Latão, Prata ou pao, em que descança a mão de quem o traz».

Gastão do fuso. O bocadinho de chumbo, ou latão, que cobre a pontinha do fuso, e ajuda a torcer o fio... Na sua prosodia declarando a significação de Verticillum diz Bento Pereira *Mauça* ou *Maunça do fuso*, em algumas partes do Reino se chamara assim o ditto gastão» —. Isto esta parafraseado: o que Bento Pereira diz é o seguinte: — «Verticillum... *a mauça ou maunça do fuso*» —.

J. Inacio Roquete, no DICTIONNAIRE PORTUGAIS-FRANÇAIS inscreveu: — «GASTÃO, *s. m.* pomme d'une canne, — *do fuso*. V. *Maunça*. — «MAUNÇA, s. f. poignee; botte d'aulx secs, — *do fuso*, rainure en spirale pratiquee au bout le plus mince d'un fuseau à filer» —.

Vê-se de tudo isto que *mainça* ou *mauça (q. v.)* e *gastão* do fuso são duas cousas distintas. Os dois dicionarios citados, se não trazem *gastão*, incluiram ambos *castão*, forma que, pelo menos com relação a bengala, é a mais usual hoje em dia; mas a respeito de *castão do fuso*, deixaram-no ficar no tinteiro, e o NOVO

[Di]cionário em *mainça* declara-nos que é — « remate do fuso » — [se]m nos dizer de que lado fica o tal remate, pois na bengala, [po]r exemplo, o remate de cima é o *castão*, e o de baixo a *pon*[tei]*ra*.

Em italiano há dois vocabulos muito parecidos: um é *fu*[s]*ola* ou *fusaròla*, o qual significa « pedaço de madeira, ou de [ca]no, com um buraco a meio, onde as fiandeiras seguram os fu[so]s »; o outro *fusaiòlo* ou *fusaròlo* — « rosca pesada que se enfia [n]a ponta ou ferreta [se é de ferro] do fuso, para que gire com [m]aior regularidade » —. Qualquer dos dois vocabulos deriva-se [de] *fuso*, pronunciado *fuço*, e não *fuzo*, pois *fuso*, com esta pro[nú]ncia é participio passivo do verbo *fóndere* « derreter » [1]. O *cas*[tã]*o* ou *gastão do fuso* será então o *fusaiòlo*, de que os franceses [fiz]eram o seu *fusarole*, que já passou artificialmente a português [co]m a forma errónea *fuseola (q. v.)*.

gata, gateira

Não é a fêmea do gato que vou mencionar aqui: é o termo [de] Sam Miguel dos Açôres *gata*, que corresponde ao *gateira* de [L]isboa, isto é, « bebedeira » [2]. É extraordinaria a quantidade de pa[la]vras que existem em portugues para designar, mais ou menos, [gr]aciosamente, êste vicio, e a manifestação dêle: formariam só [po]r si um curioso glossário, se se pudessem analisar todos por [fo]rma, que ficasse patente a orijem de cada um. Tesouro de [t]antos nomes pertence com certeza a terra de muitos bêbados.

geio, geada: v. geo

---

[1] P. Petrocchi, NÔVO DIZIONÁRIO UNIVERSALE DELLA LINGUA ITA[LI]ANA, Milão, 1887-1892.

[2] O SÉCULO, de 5 de julho de 1901.

geira

Esta palavra, já definida nos dicionários portugueses, é, como se sabe, o latim diaria, «que se vence num dia». Rejistarei apenas aqui a locução transmontana *ir à geira* [1], «ir para o trabalho diário», a qual confirma o étimo.

gemónias

O Nôvo Diccionário acentuou *gemonias*, e corrijiu no Suplemento para *gemónias*, mas com certa hesitação. Não há motivo para hesitar: *gemónias* acentuou J. Inácio Roquete [2], Francisco Adolfo Coelho [3], etc., e admira que o Diccionario Contemporaneo, o qual passou pelas mãos de um perito latinista, Santos Valente, deixasse passar o êrro crasso *gemonias*, devido unicamente a qualquer escrevedor ignorante, que não sabendo nem ao menos ler latim, remedou em português o francês *gémonies*, cujo acento tónico está no *i*, o que é de regra nesta língua. Como era desacêrto divulgou-se, segundo o costume.

Em Roma chamavam-se Gemoniae scalae, ou simplesmente Gemoniae, umas escadarias pelas quais eram com um gancho arrastados os supliciados, para serem arrojados ao Tibre. Figuradamente, usa-se esta expressão para indicar «extremo desacato, vitupério, castigo, justo ou injusto», infligido a qualquer, principalmente em oposição a triunfo, ovação que antes se lhe tivesse feito, ou se lhe houvesse de fazer.

generear

É verbo que não vem apontado em nenhum dicionario, e cuja significação, como se depreende do seguinte trecho, é «gerar»:

---

[1] Revista Lusitana, iv, 268.
[2] Dictionnaire portugais-français, Paris, 1885.
[3] Diccionario manual etymologico da lingua portugueza

[redacted]

— «choravam os Padres por deixarem os christãos filhos seus, que tinham *genereado* em Christo, e tiraram do poder do demonio» —[1].

Parece ser neolojismo, adrede fabricado para evitar o emprêgo duvidoso de *gerar*.

genesi, genesim, Génesis, génese

Gil Vicente usa o vocábulo *genesi*, agudo, no verso seguinte:

> — «... outro sacrificio figuram em si,
> Que matar bezerros, nem aves ali:
> Outra mais alta oferta soletra
> E outro genesi» — [2].

Deve ser uma hebraização rabínica do grego GÉNESIS. A outra forma *genesim* é já portuguesa: nasalizou-se o *i* final, como outros muitos de substantivos, tais como *marfim, rubim*, antigamente *marfi, rubi*, e até de partículas, como *sim, assim*, por *si, assi*.

Génesis em grego e latim é palavra femenina, mas costuma dizer-se o *Génesis*, como se diz o *Apocalipse*, também femenino, com elipse do substantivo masculino *livro da*, em referéncia ao primeiro do Velho Testamento, e ao último do Novo.

A palavra *génese*, «geração», que tomámos imediatamente do francês *génèse*, deve ser proferida com o acento na primeira sílaba, atenta a sua orijem grega, com *e* breve na penúltima sílaba: dêste modo fica sendo um aportuguesamento do vocábulo grego génesis, como *análise* o é de análusis.

gens: v. **jens**

[1] P. António Francisco Cardim, BATALHAS DA COMPANHIA DE JESUS NA PROVINCIA DO JAPÃO, Lisboa, 1894, p. 77.

[2] AUTO DA HISTÓRIA DE DEUS.

geo, geio, geoso, gear, geada, gêlo

Do latim gelu proveio por evolução portuguesa *ge*[illegible] postulado pelo verbo *gear*, substantivo participial *geada*, e[illegible] tivo *geoso*, abonado no trecho seguinte: — «Dizem de Por[illegible] que continua rasoavel o aspecto geral do campo. Durant[illegible] de fevereiro correu o tempo extremamente frio e *geos*[illegible] O substantivo *gêlo* e os seus afins e derivados devem ter[illegible] literaria, atenta a permanencia do *l* latino intervocalico.

Ha outro vocábulo *geio*, «socalco», o qual nenhuma [illegible] parece ter com o da minha hipotese.

geolho

Não é arcaismo em todo o reino esta forma, que e[illegible] toda a parte foi substituida por *joelho*. Em Caminha, por e[illegible] é a forma usual e corresponde ao castelhano *hinojo*, itali[illegible] *nócchio*, francês *genou*, do latim genuc(u)lum. A ter[illegible] derna *joelho* ou provém de outro deminutivo de genu[illegible] *c(u)lum*, como cuido, ou foi refeita pela metatese de [illegible] por *ageolhar* ⟨ *geolho*, como é o parecer de quási todos o[illegible] lojistas.

Gerez, gereziano

Do nome próprio *Gerez* formou Alberto Sampaio o a[illegible] *gereziano*:[2] — «como hoje no macisso gereziano» — [illegible] fôra, a meu ver *gerezino*, ou *gerezano*, ou *gerezao*, não [illegible] o adjectivo *galiziano* ⟨ *Galiza*, que também empregou: —[illegible]

[1] O Economista, de 26 de março de 1888.

[2] As «Villas» do Norte de Portugal, in Portugalia, [illegible]

allo gabado por Plinio... pelo trote d'andadura, pertence ao po *galliziano*» —[1].

Êste ultimo termo está já consagrado em publicação oficial ernácula e de bastante autoridade [2].

Disse que preferiria outra forma de derivação à que o douto scritor empregou, *gereziano*; é possível, porem, que a nossa omenclatura convencional geologica, em que infelizmente a vernaculidade da lingua tem sido tam pouco respeitada, o obrigasse àquela terminação com sabor tam afrancesado, como o do substantivo *macisso*, francês *massif*.

gineto; gineto, gineta

Conforme Bluteau [3], a acepção primordial do primeiro dêstes vocabulos é — «cavallo de casta fina» —, sendo secundárias as de — «cavalleiro, com lança e adarga, e estribos curtos —, homem a cavallo» —.

Seguem êste parecer o Diccionario Contemporaneo, o Manual etymologico, o Nôvo Diccionário, como já tinha feito entre outros o Portuguez-francês de Roquete. Todavia, o próprio Bluteau, no Suplemento, referindo-se a Capitão de ginetes, define esta locução com as seguintes palavras: — «responde este officio a General de Cavallaria do Reyno» —. Vê-se pois que a acepção, que deu como secundária de «cavaleiro armado» é a primária, sendo a de «cavalo» deduzida desta; e com efeito assim é em castelhano: — «A esta necesidad obedeció que los musulmanos tomaran á sueldo caballeros cristianos y que los cristianos hicieran lo mismo con ginetes moros; estos últimos alcanzaron gran celebridad en la península, tanto en Granada, donde los zenetes constituyeron uno de los partidos mas fuertes, como en los reinos cristianos, entre los cuales la palabra

[1] *ib.* p. 117.

[2] Recenseamento geral dos gados do continente do reino de Portugal, Lisboa, 1870, p. 30, 61, 62, 72, 108, 110, e *passim*.

[3] Vocabulario portuguez e latino.

zenete, nombre de su tribu ligeramente modificado ha quedado como apelativo de hombre á caballo, ginete, y se llamaban ginetes en la edad media los caballos de paseo y carrera. en Castilla la palabra zenete ha pasado á su lengua con ligera modificación ortografica para designar un hombre á caballo; su modo de cabalgar, á la jineta, ha quedado como escuela ó especie de equitación: ginetes se llamaban en la edad media los caballos de carrera y paseo en Cataluña; aqui se usaban tambien espuelas, estribos y pitrales ginetes en los aparejos de caballos y hasta las banderitas que coronaban las lanzas por debajo de los hierros» — [1].

Exemplo português de *ginete* com a significação de «cavaleiro» é o seguinte: — «dous mil e trezentos de cavalo, a fora os corredores, que agora chamam ginetes» — [2].

O vocabulo arabico tem *z* como inicial, e foi mudado na Peninsula Hispanica em *j*, como o foi semelhantemente em *girafa*, de ZARAF. É sabido que o A (*a* longo) valia muitas vezes por *e* no dialecto arabico das Espanhas.

O termo *ginete* vemo-lo modernamente empregado como designação de uma casta de sela: — «e o ginete ou *bastarda*, como denominam as sellas ordinarias» — [3].

A palavra *ginete, gineto, gineta*, segundo as localidades, nome de um animal carnivoro, é outra, tambem arabica, GARNAIT, conforme Dozy [4].

O termo *ginete*, como sinónimo de «cavalo fino», é hoje desusado em português, e tido por artificioso; não assim porém em castelhano, no seu sentido primordial, de «cavaleiro».

---

[1] Andrés Gimenez Soler, AFRICANOS EN ESPAÑA, in «Revue Hispanique», XII, p. 301 e 349.

[2] Duarte Galvão, CRÓNICA DE EL-REI DOM AFONSO HENRIQUES, cap. LII.

[3] BOSQUEJO DE UMA VIAGEM AO INTERIOR DA PARAHYBA E DE PERNAMBUCO, in «O SECULO», de 8 de junho de 1900.

[4] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

ginja, ginjinha, ginjeira, ginjal; guinda, Guinda

Ao português *ginja*, de que se derivou *ginjinha*, «aguardente em que se maceraram ginjas», expressão analoga à *laranjinha* brasileira, formada de *laranja*, e que tambem designa uma aguardente aromatizada com laranja», corresponde o castelhano *guinda*, que parece ter sido tambem português, atento o nome de *Guindais*, no Pôrto, designação onomástica que vem a corresponder no sentido a *O Ginjal*, defronte de Lisboa. *Ginjal* significa «sitio plantado de *ginjeiras*», como *pinhal*, «terreno onde há *pinheiros*», *ameixial*, «pomar de *ameixieiras*», etc.

A orijem presumida dêstes dois vocábulos é problemática, pois se com êles se relaciona indubitavelmente o francês moderno *guigne*, e talvez o antigo *guisne*, o romeno *vişin*, o russo *vishnia*, todos os quais teem uma nasal, o étimo que se lhe atribuiu, o alto-alemão antigo *wihsela* [1], não apresenta essa nasal. Outras formas analogas, com a nasal, ou sem ela, como o italiano *visciola*, existem disseminadas por quasi todas as linguas europeias, incluindo as eslavónicas, o grego moderno, o albanês, o húngaro, o turco, e pode ver-se a maior parte delas no Diccionário etimolojico romeno, de A. de Cihac [2], obra a todos os respeitos monumental, que obteve o premio Volney, em 1880.

ginjibirra

O NÔVO DICCIONÁRIO dá o vocábulo *genjibirra*, como designando uma bebida usada entre os indijenas do norte do Bra-

[1] V. Körting, LATEINISCH-ROMANISCHES WÖRTERBUCH, Paderborn, 1890, n.º 8892.

[2] DICTIONNAIRE D'ÉTYMOLOGIE DACO-ROMANE, «Elements slaves, magyars, turcs, grecs-moderne, et albanais», Francoforte, 1879, p. 459.

sil. Há engano manifesto: nem a palavra tem o menor vizlumbre de pertencer a linguas americanas, nem é natural que designe qualquer bebida indijena. É simplesmente a italianização, e por ela o aportuguesamento do inglês *gingerbeer*, «cerveja de gengibre», bebida refrijerante muito conhecida. *Birra* em italiano, como *beer* em inglês quere dizer «cerveja», e nesta lingua *ginger* significa «gengibre».

góɖo, godo (—gódo)

O Nôvo Diccionário dá-nos o vocábulo *godo*, com o aberto, *gódo*, como sinonimo de *gogo*, «seixo boleado pelas aguas», e diz-nos ser termo minhoto. Em Arcozelo, conforme nota que dali me foi remetida, a palavra *gôdos*, com *o* fechado, aplica-se a uns rólos de madeira, que se metem em canudos de lata terminados em borda na parte superior, para nêles se assentarem moveis, acima dos quais se quere assim evitar que subam os ratos. É digno de menção o termo.

golilha, goela

O primeiro dêstes vocábulos é castelhanismo, *golilla*, cuja forma antiga era *goliella*, de *gulella*, deminutivo de *gula*; de que também procedeu o português *goela*, que lhe corresponde na forma, não porém no significado, e que, como se vê, se deve escrever *goela* com *o*, como antes sempre se fêz, e não *guela* com *u*, como agora se está ortografando erradamente, e com o grave equivoco de poder ser lida a primeira silaba como a de *guerra*, isto é, sem se proferir o *u*. Efectivamente, é sabido que a *u* breve latino corresponde, tanto em castelhano como em português, *o*, conquanto neste se pronuncie há muito como *u*, quando é atono. No Brasil, porém, conserva-se a distinção entre *o* e *u* antes da silaba predominante.

golpelha, gorpelha, corbelha

O NÔVO DICCIONÁRIO dá-nos *golpelha* como alterado de *corbelha*, e outro *golpelha* ¦ uulpēcula, «raposa»:

«O lobo mais a golpelha
«Fizeram uma conselha».

Nenhuma dúvida há com relação a esta segunda *golpelha*, como procedente da forma latina apontada. Examinemos a outra.

Golpelha, gorpelha, «alcofão», parece terem-se confundido com a outra *golpelha*, e é talvez essa a razão porque o latim corbicula, deminutivo de corbis, «cesto», que deu a forma antiga *corbelha*, perfeitamente regular, produziu o alotropo *gorpelha*, com a singular mudança de *c* em *g*, e a mais singular ainda de *b* em *p*, permutação rarissima, que nem mesmo é comparavel a *supito* ¦ subitum, pois aqui as duas surdas *s* e *t* assimilaram ao mesmo genero a sonora *b*, concorrendo mais para esta assimilação eufónica o ser o vocábulo esdrúxulo, e o *b* pertencer, como o *t*, a silaba átona.

É moda, com referência ao enxoval da noiva, usar-se a palavra francesa *corbeille*; e quando digo moda quero dar a entender que o é na linguajem avariada dos annuncios de modistas e modistos, e na dos noticiaristas que os arremedam, por galantaria, ou por ignorancia.

Ora, *corbeille* quere dizer em geral «açafate, cesta bastante larga com pé», e não me consta que as noivas, para aparar as prendas, ponham uma cesta à disposição das pessoas suas conhecidas.

Assim parece-me que *prendas*, ou *mimos* ou *enxoval* são termos bastante finos para não causar vergonha usá-los; e se a todo o custo querem falar num aparador qualquer, chamem-lhe *açafate*, para que toda a gente os entenda. É verdade que o francês faz parte do curso de instrução secundaria; mas obrigatorio para todos por lei é sòmente saber ler, escrever e contar

em português, visto ser esta, por emquanto, a lingua da nossa terra.

goma

Espécie de tambor ou *batoque [q. v.]* na África Oriental Portuguesa: «O *goma* e o *cinzele* são feitos de madeira, de forma cylindro-conica, e com tres pés, cobertos só de um lado com pelle de bufalo, veado ou lagarto, e afinados por meio de pequenas pelas de borracha, que se fazem adherir á pelle onde sejam precisas.–São tocados com as mãos e transportados ao pescoço do tocador» —[1].

¿Em que se diferençam então um do outro?

gondão

Árvore de Timor «O regulo bom... é como a árvore de gondão, que dá sombra e frescura» —[2].

gonzar

Este verbo, derivado de *gonzo*, ouvi-o a um oficial de ourives, a quem dei a consertar o fusilão de uma cadeia de relójio. Preguntando-lhe eu se teria de ser substituido por outro, respondeu-me: «Vou ver se o posso *gonzar*». E na realidade *gonzou-o*, isto é, prendeu ou soldou uma parte do fusilão, junto á rosca, que se tinha quebrado.

---

[1] Azevedo Coutinho, A CAMPANHA DO BARUÉ EM 1902, *in* «Jornal das Colonias», de 19 de agosto de 1905.

[2] J. Pereira Jardim, NOTAS ETHNOGRAPHICAS SOBRE OS POVOS DE TIMOR, *in* «Portugalia», I, p. 356.

gordo

rtuguês, como para as outras línguas románicas das ste vocabulo é o latim gurdum, o qual, conforme a constava [audiui], era palavra hispánica.

e não sabe é a qual das várias línguas que na Hisavam ela pertencia: ao vasconço de certo que não, nesse idioma diz-se *gucen*; céltico também não pao ser.

jectivo tem em português acepção mais restrita que no, onde também significa «volumoso», como o in- o francês *gros*: em português quere dizer «que tem atéria adiposa», e tanto que diferençamos perfeita-o, em inglês *fat*, de *grosso*, «refeito», em inglês *stout*.

gorgomilos

cabulo está hoje quási desusado em estilo sério; toois ou três séculos era empregado sem o menor reando pelos gorgomilos cortados, cheios de sangue, o nome de Jesus» — [1].

gote

da África Oriental Portuguesa: — «*góte* (peça de pau ara equilibrar as panellas e as cestas)» — [2].

---

a. Fr. Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa,

al das Colonias, de 4 de julho de 1903.

gotejar

Se não é informação errada, por *copejar*, significa aquel verbo «lançar o arpéu ao atum».

É termo algarvio, como quási todos os referentes áquela pesca.

governado, governista

O primeiro dêstes vocabulos em jíria quere dizer «armado»:
«O Menezes, que não estava *governado*, isto é, que não tra-zia arma alguma comsigo» —[1].

O segundo é usado no Brasil com a significação de «partida-rio do govêrno»: — «Requerimentos envolvendo censuras passa-vam sem o menor protesto da parte dos governistas» —[2].

gozar, gôzo; gòzo(s)

Parece averiguado, que a palavra *gozar* castelhana proven de *gaudiare* | gaudium, sendo *goce*, antigo *goze*, um substan-tivo verbal rizotonico. O portugues *gozar* é provável que proced de castelhano, visto que ao *au* latino corresponde em portugue *ou*, *oi* (cf. *cousa*, *coisa* | causa), e o vocábulo nunca assim se escreveu. O plural é *gôzos*.

Quanto a *gòzo*, «raça de cães», o étimo é goticum (canem), de que também se derivaram o castelhano *gozque*, com o mesmo significado, e o catalão *gos*, «cão» em geral. O plural de *gòzo*, «cão», é *gòzos*, e não, *gôzos*.

---

[1] O Seculo, de 10 de setembro de 1900.

[2] O Economista, de 13 de junho de 1883, Correspondência particular do Rio-de-Janeiro.

gradura

Termo próprio da provincia de Trás-os-Montes, o qual se aplica genéricamente a toda a casta de feijão: — «Boa horta! Muita soma de feijão para verde.... e inda por cima muita gradura» —[1].

gramilho, gramulo

Em Caminha é o «fecho da porta». O Nôvo Diccionário rejista o vocábulo, com a forma *gramilo*.

grané, grani

O Nôvo Diccionário dá os dois vocábulos como tendo a mesma significação — «cavallo, égua» —, e diz-nos ser termo de jiria. É própriamente calão de ciganos alquilés, e o primeiro dêles é o que quere dizer «cavalo»; o segundo é o femenino, «égua»: em caló *grasté*, pl. *grastés*, fem. *grasni*, pl. *grasnias*. É provavel que o primeiro fosse modificado pelo segundo em português, e em caló ou dialecto dos ciganos espanhóis há também o femenino de *grasté*, que é *grasti*. O *s* mal se ouve, como no dialecto andaluz do castelhano. No dialecto dos ciganos romenos *grasnel* quere dizer «poldro», e *-ni* é um sufixo, com o qual de nomes masculinos se derivam outros femeninos. O primitivo é *gra*, que quere dizer «bêsta».

gravanha

Em Caminha é o nome que se dá à «rama sêca dos pinheiros».

---

[1] O Reporter, de 17 de junho de 1897.

graxa; engraxar, engraxado

Em Lisboa significa uma tinta preparada com que se dá lustro ao calçado por meio de fricção com escôva. No norte quere dizer «banha». Num sentido relacionado com este último vemos o particípio *engraxado*, empregado por Antonio Francisco Cardim: — «trouxe o say uns [livros] muito engraxados, parece estiveram ao fumo» —, isto é, «denegridos, çujos»[1].

grejó: v. **grijó**

grelha, grelheiro

O Nôvo Diccionario marca a pronúncia *grêlha*, que de certo é a normal, visto aquele *e* proceder de *i* latino, craticula; assim em Lisboa deveriamos pronunciar *grêlha*, isto é, *grâ-lha*. O facto porem é que na capital toda a gente diz *grélha*, e J. I. Roquete assim o acentuou também[2]. Deu-se pois a mesma alteração de *ê* em *é*, que se observa em *envéja*, antes, *envêja*.

A lingua romanica que possui palavra mais parecida com a portuguesa, e da mesma orijem, e a catalã, onde se diz *graella* (pron. *graelh-lha*): os castelhanos chamam-lhe *parrillas*.

Grelheiro é o operario que tem a seu cargo as *grelhas*: — «Continuam em greve os operarios grelheiros» —[3].

grémio, gremial

A palavra *grémio*, do latim gremium, «regaço», não é já usada senão no sentido figurado de «corporação, reunião» e, como hoje se diz, *clube* ou *casino*. O derivado *gremial*, em latim

---

[1] Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 71.
[2] Dicionnaire portugais-français, Paris, 1855.
[3] O Seculo, de 28 de fevereiro de 1905.

ecclesiástico gremiale, é o nome que se dá a uma espécie de avental, que pertence aos paramentos do sacerdote; em italiano grembiale «avental», é o mesmo vocábulo. (Cf. *lombo* em português, com *lomo* em castelhano, e ao contrário, *rumo* português, com *rumbo* em castelhano, e também *lamber*, com *lamer*):— «sandalhas e luvas... gremial e formalio... o gremial é um panno que se colloca sobre os joelhos do celebrante» —[1].

Grijó, grejó, igrejó

É conhecida no onomastico local esta forma, do latim (ec)clesiola, e deveria escrever-se *Grejó*. Como nome comum empregou-o L. Figueiredo Guerra, no seu interessante estudo Uma povoação subterranea:—«êste grijó de Estér ainda existia com capellão em 1548» —[2].

Tinha o significado de «capela, ou ermida». O genero porém está errado, porque é femenino, *esta grejó*, e não, *êste grejó*.

O Novo Diccionario rejista, como antiga, sem a abonar, a forma *igrejo*, em que se não fizera ainda a aférese do *i* inicial, procedente do *ei-* | ec- latino, que também encontramos nos Subsidios de A. A. Cortesão, sem citação alguma, como sinónimo de *Grijo*, nome de povoação; atento, porém, o sistema de trabalho ali seguido, o autor que a cita, é porque encontrou a forma em qualquer documento. V. **igreja.**

grima

Em Tras-os-Montes quere dizer «mêdo»:—«As noites são ás vezes escuras como a bocca d'um lobo, ouvindo-se com grima (medo) o piar das aves agourentas» —[3].

---

[1] O Dia, de 21 de março de 1902.

[2] *in* Portugalia, I, p. 612.

[3] M. Ferreira Deusdado, O Recolhimento da Moureira, *in* «Revista de educação e ensino», 1891.

A palavra tem aspecto de germânica: em alemão *grimm*, significa «sanha, raiva», em inglês *grim*, «medonho».

— Achilles himself was not more grim and gory —[1].

grou

É única esta forma em *-ou* para substantivos. J. Leite de Vasconcelos explica-a muito razoavelmente como orijinada numa forma latina *gruus*, masculino de *grua*, por *gru(i)s*, que tem a mesma significaçao, e compara-lhe *dous*, *dois* { *duos* [2].

guadanha: v. **gadanha**

gualdido, galdido, galder, galdir

Em castelhano existe um antigo adjectivo participial *galdudo*, que tem a mesma significação que o português *gualdido*, o qual deveria ter tido também a forma *galdudo*, e cuja terminação, propria dos participios passivos da 2.ª conjugação, se mudou na lingua moderna para *-ido*, que pertencia aos da 3.ª: cf. *tido*, dantes *teúdo*, *metido*, dantes *meteudo*, etc.

Esta consideração leva-nos a supor que o verbo seria *galder*, e não *galdir*, derivado do vasconço *galdu*, «perdido»: — «Sardinha que o gato leva, galdida vai ela» [3].

É possivel tambem que o verbo em português pertencesse sempre à 3.ª conjugação, e em castelhano à 2.ª, como acontece, por exemplo, com *cair*, em castelhano *caer*.

Duarte Núnez de Leão [4] adverte que é palavra grosseira.

---

[1] Lord Byron, Don Juan.

[2] Revista Lusitana, III, p. 265.

[3] Rifão.

[4] Origem da lingoa portuguesa, cap. XVIII.

que se não deve empregar, e Bluteau, citando-a, repete a recomendação.

Se alguma vez foi usado o verbo em outra linguajem, ignoro-o hoje em dia o seu uso está limitado ao participio.

guardanapo

No uso actual significa uma «toalha pequena, que se põe a cada comensal, para êle se limpar». Antes, porém, esta palavra designava o que hoje se denomina *lenço de assoar*, como se pode ver na rubrica da fala do primeiro frade, no «Auto das Fadas» («sortes, fados») de Gil Vicente: — «Assoa-se com o seu guardanapo» — .

Anteriormente, no mesmo auto, na fala da Feiticeira, vemos o mesmo vocábulo, igualmente no sentido de lenço, ou pano:

> Isto é fersura de sapo
> Que está neste guardanapo.

Bluteau [1] dá desta palavra a etimolojia mais provável, *guarda* e o francês *nappe*, que vale o mesmo que *Toalha*, porque o guardanapo serve de guardar — «não só o vestido de quem come, mas tambem a Toalha da mesa em que se come» —; e acrescenta: — «Os Antigos, quando erão convidados a comer fora de suas casas, levava cada hum com sigo o seu guardanapo» — .

O que parecerá extraordinario é que êste vocabulo só seja usado em Portugal, onde nunca à toalha da mesa se chamou *napa* e que, pelo contrario, os franceses lhe chamem *serviette*, significando *nappe* na sua lingua essa toalha. A noção, porem, do segundo componente está de todo perdida, visto que, como excepção aos substantivos compostos com o verbo *guarda*, no imperativo, êste perdeu a acentuação propria no seu primeiro elemento. (V. **guarda-peito**).

---

[1] VOCABULARIO PORTUGUEZ E LATINO.

Pelas citações que fiz de Gil Vicente, e pela definição de Bluteau, fica perfeitamente claro o modo de dizer *assoe-se a teu guardanapo*, em que esta palavra tem a significação de «lenço».

Todavia, *guardanapo* já tinha a mesma significação especial que tem hoje, por meados do seculo XVI, visto que o Padre jesuita Gaspar Barzeu, numa carta datada de 1551, referindo-se às refeições do rei da Etiopia, escreveu: — «El-rei em seu comer não tem nenhũ modo de estado, está assentado em hũ catre ou em hũa cadeira rasa de ferro cuberta com hum couro, ou em cima de hũa alcatifa; não tem mesa nem copa, só mente hũa trempem no chão e em çima hũa gamela de pao que terá 15 ou 20 palmos de roda, e no meo tem hũa maneira d escudela do mesmo pao sem nenhũa toalha nem guardanapo. Alimpão hũa mão com a outra» — [1].

guarda-peito

É consideravel o número dos nomes compostos com o imperativo do verbo *guardar*, *guarda*, e um substantivo apôsto como seu complemento objectivo. Nos nomes desta formação, tam frequente e ainda tam vivaz nas linguas romanicas, cada um dos elementos conserva a sua acentuação própria, estando, porém, como é de regra nelas, o acento predominante na silaba tonica do segundo componente. Excepções a esta regra, raras, como vimos em *guardanapo*, explicam-se pelo facto de se haver perdido a noção do significado do segundo elemento. No primeiro caso devem escrever-se com linha divisoria a mostrar a independência manifesta dos componentes: no segundo cumpre reunir os dois elementos, sem a linha, em uma só palavra, com um unico

[1] *in* MISSÕES DOS JESUITAS NO ORIENTE, Lisboa, 1894, p. 106.
Completei as abreviaturas, desuni as palavras, e fiz duas correcções evidentes, *razo* e *meza* para rasa e mesa.
Os textos transcritos foram visivelmente mal copiados.

acento, marcado ou não, conforme os preceitos de acentuação grafica seguidos por cada um [1]. O mesmo se deverá fazer, ainda quando o primeiro elemento seja substantivo e o segundo adjectivo, como em *guarda-mor*, visto o primeiro componente conservar a sua acentuação.

Abonarei aqui o vocábulo composto, só incluido no Nôvo Diccionario, e que serve de epigrafe a êste artigo, *guarda-peito* — «A cavallo os feirantes, vindos de longes terras com os primitivos trajos sertanejos, isto é, o chapeu de copa mamillar de couro, a *vestia* ou *gibão*, *guarda-peito* e guardas tudo tambem exclusivamente confeccionado de couro curtido» —[2]: *fabricado* seria melhor, visto o autor ser em geral vernáculo na sua linguajem.

guarda-sol, guarda-soleiro

O primeiro dêstes vocabulos está rejistado em todos os dicionarios e é usualissimo.

O segundo é um derivado sui generis: significa «fabricante de *guarda-sóis*, feito à imitação de *chapeleiro*, fabricante de chapéus», *sombreireiro*, fabricante de *sombreiros*, no sentido antigo de «umbellas» ou «sombrinhas», e não no do castelhano actual *sombrero*, cujo significado é «chapéu para a cabeça»: — «Reuniu a classe dos operarios guarda-soleiros» —[3].

guecho

Em Sam Miguel dos Açôres quere dizer «novilho» [4].

---

1 V. Ortografia Nacional, do autor, Lisboa, 1904, p. 213.

2 Fonseca, Bosquejo de uma viajem no interior da Parahyba e de Pernambuco, in «O Seculo», de 8 de junho de 1900.

3 O Seculo, de 24 de outubro de 1902.

4 O Seculo, de 5 de julho de 1901

gueiro

«no gueiro (casa onde os rapazes e assicanas (raparigas) se reunem para dormir)» [1].

É termo da Africa Oriental Poruguesa: na citação refere-se a Marromeu.

guilhoche, *guilhote*, guilhoché, guilhochi

O Nôvo Diccionario incluiu o vocábulo francês *guilhoche* ortografado à portuguesa, e no Suplemento declarou preferível *guilhoché*. É esta, na realidade, a forma usada pelos lavrantes e ourives, e designa um desenho formado pelo cruzamento de linhas paralelas, com outras igualmente paralelas, espécie de enxadrezamento: — «Ouro gravado a guilhoché, prata gravada a guilhoché» — [2].

Êste substantivo não é mais que o participio passivo do verbo *guillocher*, a que se atribui orijem histórica, o nóme de certo sujeito, de apelido *Guillot*, que parece ter sido inventado para o caso [3].

O desenho assim formado não se chama em francês *guilloché*, mas sim, *guillochis*.

guinda: v. ginja

guinde

Na Índia Portuguesa — «bacia de lavar a cara —».

O termo, segundo Monsenhor Rodolfo Dalgado [4], é marata, e

---

[1] Jornal das Colonias, de 30 de maio de 1903.

[2] Programa da Exposição de ourivezaria do Pôrto, *in* «Commercio do Porto», de 7 de março de 1883.

[3] Henrique Stappers, Dictionnaire synoptique d'étymologie française, Paris, 2.ª ed., n.º 4935.

[4] Revista Lusitana, vi, p. 81.

também dravídico, canarim ou tulo. No Dicionário Marata-português de Suriají Ananda Rau, a palavra ɢiṣṇī, em devanagrico, sem transliteração, e que transcrevo para aqui, tem a seguinte definição, que pouco se coaduna com o dito emprêgo do vocábulo: — «Vazo da agoa, uzado para trazer agoa sagrada. É vazo de barriga grossa, e pescoço e boca estreita e pequena. 2. Assim se chama tambem a um vazo da figura de bule» [1]. Estranha definição! Ha de ser caso dificultoso o lavar-se alguem num bule, ou numa garrafa, aparelho só comparável aos lavatorios usados nas hospedarias russas, e que são excelente fábrica de galeirões na testa, quando não de quebrar cabeças. Não teem válvula na bacia, que está munida de um orifício, o qual, posto um pé em um pedal, na base do lavatório, despeja continuamente a água que dentro lhe cai de uma bica, à altura do nariz de uma pessoa que esteja de pé: Curvada a pessoa, basta-lhe levantar a cabeça para apanhar na testa um beijo da bica, que lhe pode deixar memória perdurável do esquisito invento. Agradável surpresa, que ali espera o viandante!

guirlanda, grinalda

A forma primitiva dêste vocábulo deve ter sido a primeira, que, como vamos ver, ainda subsiste; a segunda é resultado de duas metáteses acumuladas, *guir-* para *gri-*, e *-lan-* para *-nal-*. O vocabulo parece ter vindo para as outras linguas romanicas da forma italiana *guirlanda*, de orijem germanica, ainda não perfeitamente explicada.

Teem esta palavra, ja numa, já noutra das formas apontadas, várias acepções.

Eis aqui uma, que não está rejistada: — «Nas guirlandas

[1] Suriagy Ananda Rau, DICCIONARIO MARATHA-PORTUGUEZ, coordenado conforme o Diccionario maratha-inglez de J. T. Molesworth, t. I [e unico], Nova Goa, 1879, p. 314, col. III.

[cabides e estanheiras] lá se veem [vêem] os serviços de cobre, arame, estanho, ferro e barro» — [1].

guisa, guisinho

O primeiro dêstes dois nomes de aves é na Madeira (Per Monis), aplicado ao *roquinho (q. v.)*; o segundo ao *abibe*, (Tringa vanellus, Lin.).

habitat

Êste termo, que do francês adoptámos, é o latim habitat 3.ª pessoa do presente do indicativo do verbo habitare, e significa, portanto, «habita».

É usado modernissimamente para designar a *vivenda* habitual de uma espécie, vejetal ou animal: — «O cavallo, gabado por Plinio... pertence ao typo galliziano, cujo habitat comprehende todo o noroeste da peninsula [Hispánica]» — [2].

Com vantajem seria substituído por *vivenda* êste extravagante nome, que só tem em português outro analogo, também forasteiro, deficit, e não menos arrevesado.

hagi, axi, *hagiaco*, ajiaco, axiaco

Conquanto, sem dúvida nenhuma, o *h* seja redundante, e a segunda escrita, que aqui dou, seja a única certa, como mais adeante indico, trato da palavra nesta altura das APOSTILAS porque assim a vejo escrita no texto com que a abono, a «Rela-

---

[1] José da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, in Portugalia, I, p. 538.

[2] Alberto Sampaio, AS «VILLAS» DO NORTE DE PORTUGAL, in Portugalia, I, p. 117, n. [1].

ção da viajem e sucesso da nao Sam Francisco», do Padre Gaspar Afonso: — «com tudo o comer, cousa geral em todas as Indias, ha de vir á mesa cuberto de h a g i, que é a sua pimenta vermelha, que lá ha de muitas castas e feições. E porque os grãos, ou cabeças della, que vem entre a carne cozida ou guisada, trazem já quebrada a sua virtude, como elles [os naturaes das Antilhas] cuidam.... mandam pôr outra crua em pratos pela mesa, como em saleiros, que mastigam e comem... como se... tivessem as linguas e gargantas ladrilhadas» [1].

O Novo Diccionário traz o vocabulo erradamente acentuado, *áxi*, e o Contemporaneo desfigurado enteiramente na pronuncia *ácsi* (!) que lhe atribui.

Eis o que a respeito da forma castelhana moderna *aji* nos diz Rodolfo Lenz, doutissimo autor do Diccionario etimolójico de las voces chilenas derivadas de lenguas indíjenas americanas, cuja publicação ainda infelizmente não está concluida: — «la planta i el fruto de la misma que se llaman en España «pimiento» i «guindilla» [*i. e.* jinjinha, «pimentão»] (*Capsicum annuum*). ... La palabra *ají*, a n t i g u a m e n t e *axí*, viene de Haiti i pertenece a la lengua taino de la familia lingüística de los aruak... Los indios peruanos llaman el ají *uchu*...; los de Chile *thapi*» — [2].

Esta escrita *thapi* representa a pronúncia *trapi*, com um *r* fricativo surdo, como o do inglês *try*, ou o *r* final de silaba, muito usual no Brasil: a moderna forma castelhana *ají* profere-se com o *j* castelhano actual, mas a antiga *axi* pronunciava-se com o valor do *x* inicial português de *xadrez*, por exemplo, e o acento tónico foi sempre e é no *i*, e não no *a*.

Explica-se que o Novo Dicc. errasse na acentuação que dá ao vocábulo, conquanto pudesse vê-lo com a verdadeira quer no Dicionario da Academia Espanhola (*ají*), quer no Vocabulario

[1] *in* Bibl. de classicos portuguezes, vol. XLV, p. 89 [fins do XVI seculo].

[2] Santiago de Chile, 1904-1905, p. 126.

haveres

Êste infinito substantivado no plural, além de significar «posses, bens», tem o sentido especial, popular, de «tesouros ocultos»:—«O povo acreditava que procuravamos *haveres escondidos*»—[1].

haxixe

É esta a forma portuguesa, ou se quiserem *axixe*, da palavra arábica HAXIX, que quere dizer uma casta de cânave, que os pretos da Africa Ocidental Portuguesa chamados ambundos denominam *liamba*, e que é inebriante, quando fumada. Os franceses escrevem *hachiche*, os ingleses *hasheesh*, e os alemães *haschisch*. V. em **harem.**

hejira

Assim se deve acentuar esta palavra, que tambem se escreve *hegira*, e poderia ortografar-se *ejira*; em árabe é EGRE, com ʿ sonoro inicial, que aqui transcrevo por E: quere dizer «fuga». A pronúncia *ejira*, é francesa. Mármol, *Rebelión de los Moriscos*, escreveu *hixara hexara* [2].

Êste vocabulo pertence aos fins do 2.° periodo a que me referi em **harem.**

herdade

Assim é definido êste termo, com relação ao Alentejo:—«Os campos do Alemtejo, aparte os arredores das povoações, são, na

---

[1] Portugalia, I, p 13

[2] V. Dozy y Engelmann GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

sua quasi totalidade, divididos em grandes tractos de terreno, que se denominam herdades» —[1].

Hereró, *hérrero*

Uma raça indómita da África Ocidental, que tem dado que fazer aos alemães, é denominada dos *Hererós*, nome que dão a si proprios *(Ova-hereró)*.

Êste nome, na pena dos nossos jornalistas, transformou-se em *herreros*, «ferreiros» em espanhol, com mais um *r*, e mudança de acento tonico para a penúltima sílaba. Disfarçado assim o nome dos valentes negros, trataram de lho explicar, e num jornal se escreveu que provàvelmente êle lhes viera de uma povoação espanhola, chamada *Herreros*, e até a localizaram na provincia de Ávila.

Escolheram mal: Havendo nada menos de doze localidades dêste nome entre Avila e Çamora, povoações e sítios de várias categorias, tinham feito melhor se dessem os tais pretos como oriundos de um despovoado denominado *Herreros*, na provincia de Segóvia, explicando dêste modo o seu despovoamento: os antigos habitantes expatriaram-se, e para os não conhecerem tingiram-se de preto, e são êsses os actuais *Herreros*; já se vê, na opinião dos ditos jornalistas, que teimam em assim crismar os hererós, sem o consentimento dêstes, atribuindo-lhes habilidades que, apesar de enfarruscados cafres, êles não teem, pois não consta que jamais se singularizassem pela sua perícia no ofício de Vulcano, como os ciganos no de caldeireiro. Esta extravagante alcunha, como era um despropósito, criou fama, e hoje até em livros e relatorios se lê. Ora, bastava consultar-se qualquer modesto compendio de geografia ou etnografia da África, para se

---

[1] J. da Silva Picão, ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO, *in* Portugalia, t. I, p. 270.

corrigir o êrro: e se quisessem obra mais autorizada, ao lançarem uma vista de olhos para o Dicionario Geografico de Vivien de Saint-Martin [1], que não é nenhuma obra rara, destar-se-ia o engano com muita facilidade. Aqui fica emendado.

Quem tiver curiosidade de se informar mais a preceito da língua que falam os hereros, e que não é castelhano de Ávila, pode ver com muito proveito um volumito da coleção Hartleben [2], escrito por A. Seidel, onde encontrará gramáticas das línguas *ochihereró* e *oxindonga*, ambas cafriais.

hetera

É uso escrever êste vocábulo *hetaira*, e *hetaíra*, de que resultam as pronúncias, errónEas ambas, *etáira* e *etaíra*.

O vocábulo é grego 'ETAIRA, proferido *hetaíra*, presumivelmente, no grego antigo, *etera*, no moderno. Em latim seria hetaera, pronunciado *etera*, se existisse; mas o que existe é um derivado hetaeria, pron. *eteria*, correspondente ao grego 'ETAIRIA, «confraria religiosa». Ora, assim como do latim sphaera ‹ grego SP'AIRA, se formou em português *esfera* e em francês *sphère*, é evidente que em português de hetaera resulta *(h)etéra*, e em francês deveria ter resultado *hetaire*, sem apice no *i*, ou *hetère*, e nunca *hétaïre*, que é um barbarismo. Parece-me loucura rematada imitar, por capricho, o barbarismo francês.

Hetera quere dizer actualmente «cortesã, prostituta de alto coturno», com sua côrte de basbaques, os quais lhe rendem culto ou lhe pagam o estadão, conforme as suas posses.

---

[1] DICTIONNAIRE DE GÉOGRAPHIE UNIVERSELLE, 1879-1899, II, p. 672, col. III.

[2] Lipsia-Viena-Pest.

homem

No calão dos ladrões do Pôrto esta palavra, seguida de um [...]teto, classifica os amigos dos haveres do próssimo, pela se[...]nte maneira: *homem de cardenho*, «gatuno de casas»; *homem* [...] *golpe*, «gatuno de algibeiras»; *homem de salto*, «ladrão de [...]rada»[1].

homeótropo

É um neolojismo, derivado artificial do grego HOMOIOS, «semelhante», e TROPOS, «maneira».

Serve o termo para designar o que eu denominei formas [...]nverjentes, isto é, uma só forma resultante, em virtude de [...]s fonéticas, de dois ou mais étimos diferentes, como *pena* [...] penna e poena, latinos, *vindo*, das formas antigas *vīndo* e [...]*indo*, a primeira participio passivo, a segunda gerundio do [...]rbo *vir*, antigo *vĩir*. O fenómeno contrario denomina-se aló[...]ropos, ou formas diverjentes, quando de um só étimo re[...]ltam vocabulos diversos, diferençados, ou não, no sentido, em [...]tude de leis diferentes de acomodação, ou porque entraram [...] língua em períodos distintos; por exemplo, *malha*, *mancha*, [...]*goa*, *mácula*, todos quatro procedentes do latim macula.

V. a palavra **moleiro**.

hompim

— «Nova Goa, 29 de setembro [de 1897]... Os parias ou [...]mpins *[sic]*, que fazem os despejos e outros misteres identicos, [...]sta completamente separada de todas»[2].

---

[1] O ECONOMISTA, de 28 de fevereiro de 1885

[2] O SECULO, de 21 de outubro de 1897.

horda

Esta palavra veio para português do francês, que a recebeu, segundo se afirma, do mongol, ou lingua tartárica dos mogores. Marcelo Devic diz-nos ser tártara, e que em turco é *ordu*, o que não explica por que razão se ha de escrever com *h* inicial: êsse *h* em francês serve só para evitar a ligação com a palavra precedente, pois se diz *la horde*, e não *l'horde*.

hortejo

Deminutivo de *hórto*. — «No hortejo que cerca a casa um terreno diminuto» —[1].

— «Quando o hortejo se reduz a proporções minimas, toma o nome de *quinchoso*» —[2].

hucha: v. **ichão** e **ucha**

hóspede, hóspeda

Contra a regra geral dos adjectivos em *-e*, que são uniformes, os substantivos estão sujeitos a muitas excepções; assim a palavra *hóspede* forma o femenino em *-a*: — «Esta conta era feita sem ospeda» —[3]. Os editores aclararam êste passo do ROTEIRO DA VIAGEM DE VASCO DA GAMA com a nota seguinte: — «determinar uma cousa que depende do consentimento ou vontade de outrem» —.

---

[1] Portugalia, I, p. 206: AS OLARIAS DO PRADO.
[2] *ib.*, p. 547: ETHNOGRAPHIA DO ALTO ALEMTEJO.
[3] Lisboa, 1861, p. 100.

Hucá

Diz-nos o Nôvo Dicionário que *houcá* é o nome que se dá ao cachimbo usado pelos banianes. Ora, Monsenhor Rodolfo Dalgado [1] transcreve *ucá* e translitera *hukkâ*, isto é, *hukkā*, pelo que a ortografia portuguesa, se o nome é usado por portugueses na India, tem de ser *(h)ucá*. Em qualquer caso, o ditongo *ou* da primeira sílaba é inadmissivel. O dicionário que cito na nota ([1]) declara ser vocábulo arábico, e aqui esta a razão do *hou-*, remedado do francês por escritor insciente, mas cubiçoso de fingir que sabe. Marcelo Devic, com efeito, traz o termo houca, dêste modo definido: — « Pipe turque ou persane peu différente du narghilé (Littre). De l'arabe *ḥouqqa*, ou si l'on veut du persan *ḥouqqa* [a pronunciação diverje, sendo a persiana mais parecida com as europeias], vase, bocal, et spécialement: « the bottle through which the fumes pass when smoking tobacco » (Richardson), le flacon où passe la fumée du tabac avant d'arriver à la bouche du fumeur » — [2].

hulha, hulheira, hulheiro

A palavra *hulha* é copiada do francês *houille*, de orijem incerta, como se pode ver em Stappers [3]; é uma feliz adopção, pois, conquanto ja tivessemos a locução substantiva carvão de pedra, não poderia esta servir para expressar acepções especiais que tem *hulha*, nem produzir derivados necessarios: — « A hulha liquida [agua], quer provenha dos mares derretidos, quer das torrentes » — [4].

---

[1] Dicionário Koṁkanî-português, p. 525, col. 1.

[2] Dictionnaire étymologique des mots d'origine orientale, Paris, 1876.

[3] Dictionnaire synoptique d'étymologie française, Paris, n.º 5802.

[4] Diario de Noticias, de 6 de outubro de 1903.

— «O fim das **hulheiras** (minas de carvão de pedra)» —[1]
«Os jazigos **hulheiros** reconhecidos neste país» —[2].

hurí(a)

Como já advertiu Dozy [3] com respeito ao castelhano, esta palavra passou às línguas da Península Hispânica por intermédio do francês *houri*, e assim muitos a escrevem cá, supondo injenuamente ser puríssimo árabe. O facto é que, em conformidade com o que nos dizem o mesmo Dozy e Marcelo Devic [4], o árabe HAURA, que daria em português *haura*, ou melhor *haurá*, é o nome que dão a uma das mulheres do paraíso de Mafoma; o plural é HUR. Deste plural fizeram os persas HURI, acrescentando-lhe o sufixo de unidade, e assim aumentado passou o vocábulo ao turco, regressando ao depois ao árabe, que lhe ajuntou o seu sufixo próprio de unidade E, formando HURIE, pronunciado *huria*, que é já a forma empregada nas MIL E UMA NOITES. Em português podemos pois escrever *huri*, ou *huria*.

hurrá

Esta interjeição veio do francês *hourra*, para o português da gente fina, porque o povo a não conhece. Está muito em moda nas saudações e saúdes, em que é repetida com uma sensaboria cosmopolita, que produz tédio. Não creio que jamais venha a vulgarizar-se.

Os franceses dizem que ela lhes veio da Rússia, não com o enjoativo caviar, mas provávelmente por intermédio das tropas

[1] [2] O ECONOMISTA, de 18 de julho de 1885.

[3] GLOSSAIRE DES MOTS ESPAGNOLS ET PORTUGAIS DÉRIVÉS DE L'ARABE, Leida, 1869.

[4] *op. cit.*

ıoscovitas que com os aliados entraram em França e chegaram té Paris, após o destronamento de Napoleão I.

Existe de facto em russo a interjeição *urá*, a que se dá como rijem a expressão exclamativa *u rai*, «no paraíso», étimo improvável, visto que, exijindo a preposição *u* genetivo no nome ue reje, a exclamação deveria ser *u raia*, e não, *u rai*, no cusativo.

Como na palavra *horda* (*q. v.*), não é fácil de explicar a inicial *h*, que os franceses lhe acrescentaram e não soa, mas que os ıgleses na realidade proferem.

É claro que esta interjeição nada tem que ver com o subsıntivo *urro*, do verbo *urrar* ¦ ul(u)lare (*urlare* ¦ *urlar*), *rrar*, por assimilação. Do verbo latino ululare talvez também roviesse, como forma diverjente, *uivar*, em castelhano *aullar*; f. o francês *hurler*, que tem esta orijem.



EMENDAS

abismo

Não é na versão grega do Velho Testamento, chamada dos Setenta, que o adjectivo ÁBUSSOS, correspondente a inanis da Vulgata, está empregado. Nos Setenta o versiculo citado reza assim: 'É DÉ GÉ ÉN ÁBRATOS KAÌ AKATASKEÚASTOS. Encontra-se o dito vocábulo na versão Judaeo-Greco-Barbara, edição rara existente na universidade de Ocsónia, conforme o que se lê no erudito artigo BIBLE, da PENNY-CYCLOPÆDIA.

Citei de memória, desatendendo o cordato conselho de Augusto Schleicher, isto é, o de se confrontarem sempre as citações antes que se mencionem: e quando reparei no êrro já não era tempo de o remediar, por estar feita a tirajem da fôlha. Aqui fica emendado.

A forma *avisso*, por *abismo*, do latim abyssus, figura num texto anterior ao século XV, A VISÃO DE TUNDALO [1].

acenha

Dou aqui mais uma abonação antiga da prioridade da forma *aceña*, em castelhano: «e el camino adelante fasta nana de forcados e dende derecho al açeña desertida» — [2].

Cumpre advertir que na epoca a que pertence o trecho subsistia ainda a diferença entre *ç* e *z* em castelhano.

---

[1] *in* «Revista Lusitana», VIII, p. 217.

[2] Julio Puyol y Alonso, UNA PUEBLA EN EL SIGLO XIII, *in* «Revue Hispanique», XI, p. 257: texto da *puebla*, ou «carta de povoação».

alcançar

Conforme R. Menéndez Pidal [1], é a combinação, ou como lhe chama, fusão de *incalceare*, por *adcalceare*, de que resultou primeiro *ancalcar*, e depois *alcançar*, em virtude de metátese entre o *l* e o *n*. Da forma *incalceare* proveio o substantivo rizotónico *encalço*, como o vemos na locução portuguesa *ir no encalço de alguém*, substantivo que pressupõe a existência de um verbo *encalçar*, já registado por J. I. Roquete [2] em português, mas que do mesmo modo existia em castelhano.

alcorão, *alminar*, almenara

Eis aqui uma abonação bem característica da palavra *alcorão* no sentido de «tôrre»: — «para o sul da barra principal, que chamam do Alcorão, por razão de uma tôrre ou pirâmide alta que parece serve de divisa para conhecimento da barra» — [3].

Os espanhois chamam *alminar*, em português *almenara*, à tôrre da mezquita. V. Ortografia Nacional [4], a propósito de *minarete* e *almenara (q. v.)*.

V. também dois artigos publicados na fôlha literaria do jornal O Século pelo snr. David Lopez, e um por mim, nos dias 26 de março e 9 e 23 de abril dêste ano.

João Carvalho de Mascarenhas, na Nova descrição da cidade de Argel (1621), chama-lhe simplesmente *tôrre*. «Havera dentro nesta cidade mais de cento e dez mezquitas bem lavradas, limpas, com suas alampadas e esteiras. Entre as quaes ha oito grandes que tem suas torres mui altas».

[1] Manual elemental de gramatica histórica española. 2.ª edição, Madrid, 1905, p. 123.

[2] Dictionnaire portugais-français, Paris, 1855.

[3] Antonio Francisco Cardim, Batalhas da Companhia de Jesus, Lisboa, 1894, p. 158.

[4] Lisboa, 1904, p. 224 e 334.

ália, álea, aléa

O Padre Manuel Bernárdez na «Descrição da cidade de Columbo» (Ceilão) usa a forma *alea*: — «Em lugar de azemolas se servem de aleas. Alea é todo o elefante sem dentes, quer seja macho, quer seja femea» — [1].

Mas, ¿deve ler-se *álea*, ou *alea*?

alquilar

J. Cornu deriva *alquilar* de *elocare*, mediante prolepse, ou resonancia antecipada do *l*. De *elocare* veio com certeza *alugar*, com mudança do *e* inicial em *a*-, e sôbre esta preferência de *a* como inicial veja-se também do mesmo romanista a utilíssima Gramatica histórica portuguesa (GRAMMATIK DER PORTUGIESISCHEN SPRACHE, *in* «Grundriss der romanischen Philologie», I. Strasburgo, 1906, páj. 980 e 949).

alva

Dá-se êste nome a uma extensão grande de areal, poeirenta, no distrito de Leiria, *Alva* de Pataias. Esta freguesia é notavel pela quantidade enorme de fornos de cal que ali trabalham [2].

bailadeira

Eis aqui uma abonação clássica do vocábulo: — «não poucas bailadeiras que os Pagodes para êste effeito [de solenidades relijiosas] sustentam» — [3].

---

[1] *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 79.

[2] Informação do snr. Acacio de Paiva, natural de Leiria.

[3] Padre Manuel Bernárdez, «Descrição da cidade de Columbo», *in* BIBL. DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLI, p. 107.

bisalho *(biselho)*

A pájinas 151 apontei o vocábulo *biselho*, com a respectiva abonação. Parece-me, porém, que há êrro tipográfico, e que a forma verdadeira é *bisalho*, que Bluteau, no seu VOCABULARIO, definiu do modo seguinte: —«He um atado, em que vem da India partida de diamantes brutos» . A palavra figura em quasi todos os dicionarios portugueses, ora escrita com *s*, ora com *z*, e esta autorizada por muitos escritores nossos, entre os quais citarei aqui Bernardo Gómez de Brito, «Memoravel relação da nao Conceição», *passim*, e nomeadamente a pajinas 39 (vol. XLVII da BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES): por que naquella nao vinham infinitos diamantes, e todos muito bons, e os mais delles de r o c a v e l h a... E por êste respeito de haver muitos... empregaram os mercadores quanto dinheiro tinham nelles, mandando-os naquella nao, os quaes vinham entregues aos officiaes: elles os coseram consigo cuidando de os escapar, e desta maneira deram os mouros com elles, tomando ao piloto grande quantia de bisalhos mais que a todos» —.

bruxa

Em abono da hipotese que formulei de que haja relação entre o vocabulo *bruxa* e o verbo *bruxulear*, como denominações vulgares dos fogos fátuos e do seu aspecto, aduzirei aqui um passo interessante da ETIOPIA ORIENTAL de frei João dos Santos:

«Ao longo do rio de Çofala e de Cuama se criam infinitos bichos como escaravelhos pequenos, cujo rabo lhe luz de noite como brasa viva, dos quaes tambem ha neste reino. Estes, tanto que vem a noite, se levantam em bandos pelos ares, e são tantos, que alumiam quasi todo o ar, e fazem espanto a quem não tem noticia do que isto é, como eu sei que fizeram a certas pessoas estrangeiras nestas terras, uma noite escura que dormiram ao

ngo dêste rio, as quaes fugiram com mêdo para a povoação dos
tres, cuidando que eram feiticeiras» —[1].

bufo

Ao que no competente lugar ficou dito acêrca dêste vocabulo,
acepção de indivíduo da policia secreta, devo acrescentar que
a germania, ou jiria castelhana, *buho* é sinonimo de *soplón*,
espião, malsim, denunciante». A forma antiga era *bufo*, exis-
ndo também o verbo *bufar*, «denunciar, malsinar» [2].
Parece, portanto, que neste sentido o vocábulo terá orijem
ediata castelhana.

cacique

— «o mundo acaba na primeira volta do caminho, em qual-
er aldeia sertaneja de cacique politico» —[3].
É esta uma abonação do termo *cacique*, no seu sentido figu-
ado, em português, e que nos proveio de Espanha, onde é fre-
quentes vezes empregado em tal acepção figurada.

canutilho

Sobre êste vocábulo escreve-me o Prof. R. Menéndez Pidal,
em 22 de março dêste ano, o seguinte: — «Las palavras *canuto*,
canutillo, *canutero*, aunque están referidas en el Dicc. de la
Academia à *cañuto*, etc., son las formas hoy corrientes y usadas
por todos, de modo que las formas con *ñ* vienen quedando anti-

[1] (Lisboa, 1891). Livro I, cap. XXIII. A 1.ª edição é de 1609.

[2] V. Rafael Salillas, El delincuente español. Lenguaje, Madrid, 1896.

[3] Jornal das Colonias, de 3 de março de 1906.

cuadas en boca de gente vieja ó aldeana. Yo desde mi infancia siempre oí como formas corrientes las con *n*».

À definição dada no texto cumpre acrescentar: «de ouro, de prata»; aos canudinhos de vidro dá-se de preferencia o nome de *vidrilhos*.

Em España a palavra *canutillo* abranje todos êsses significados, segundo tambem me informa o mesmo douto romanista.

chupão

O Nôvo Diccionario havia já rejistado êste nome da chaminé no Alentejo, como também proprio de Tras-os-Montes.

Não resta a menor duvida de que é igualmente conhecido o termo com tal significação no norte do reino, visto que essa acepção serve lá para metaforicamente designar o ramo do castanheiro que cresce verticalmente, como se vê do seguinte passo:

— «uma poda que [aos castanheiros] lhes tira tôdas as vergônteas nascidas no pé e ao longo do tronco, assim como os ramos mal situados e os que crescem a prumo *(chupões)*, que absorvem muita nutrição» —. (Gazeta das Aldeias, de 20 de maio de 1906).

cigano, cigana

As formas portuguesas dêste nome étnico teem, sôbre as demais usadas por outras nações, mesmo em relação à sua escrita, a vantajem de ser as latinizadas, empregadas por autores que escreveram em latim, como vemos dos trechos seguintes:

— «populos Egyptiacos ut vulgariter appellantur Ciganos»[1].

— «multa alia similia officia et servitutis ministeria obeunt Cin-

[1] Matias Corvino (1476), citado por P. Hunfalvy, na sua memoria Etwas über die ungarischen Zigeuner, in Actes du huitième congrès international des Orientalistes (1893), II Partie, p. 113.

gani et Cinganæ» . O segundo trecho é extraido da relação de um missionario italiano (1679) [1].

A forma espanhola *gitano*, foi usada em um texto castelhano do seculo XVII: — «si pecó Moysen en matar á un Gitano» — [2].

É evidente que neste passo *gitano* quere dizer «ejipcio», e não, «cigano».

corpo-santo

É interessante esta referéncia ao fenómeno: — «no meio desta agonia e aflição nos apareceram umas candeinhas que todas foram vistas pelas vêrgas e mastros, e bordos da nao; ao que, segundo os mareantes, chamam o Corpo-Santo» — [3].

duna

Neste artigo interpretei a denominação toponímica, ordinariamente escrita *Avel-o-mar*, como sendo *A-vê-lo-mar*, o que já fizera na ORTOGRAFIA NACIONAL [4]. O snr. Alberto da Cunha Sampaio, na sua erudita monografia AS PÓVOAS MARÍTIMAS DO NORTE DE PORTUGAL, desfaz a minha conjectura, que se fundara naquella escrita usual, declarando: — «... Na ortografia de «Abre-mar» o erudito autor [José Fortes], abandonando a dos letrados «A-ver-o-mar», ou «Avé-lo-mar», preferiu a lição do povo, que pronuncia do primeiro modo com o sentido claro de «Abra-do-mar», angra ou barra» — [5].

Fica assim feita a correcção, que não contende com a doutrina do artigo.

---

[1] *ib.*, p. 99.

[2] REVISTA LUSITANA, VIII, p. 261.

[3] Henrique Diaz, «Relação da viagem e naufragio da nao Sam Paulo», (1560), *in* BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES, vol. XLII, p. 65.

[4] Lisboa, 1904, p. 240.

[5] *in* Portugalia, II, p. 214, nota [3].

Além de *medão*, pode também usar-se *medo* (= *mêdo*), como fêz Jerónimo de Mendoça, na sua «Jornada de África» — «e deixando mui depressa a cova, se subiu por uns medos de areia» —[1].

gafo

Um amigo da Estremadura espanhola, provincia de Badajoz, diz-me que é ali vulgar o vocabulo *cañafote* em vez do castelhano comum *langosta* ou *saltamontes*, para designar o *gafanhoto* ou *saltão*. No vocabulo estremenho deu-se pois ali a metátese das consoantes das duas primeiras silabas, *ganafote*, por *gafanote*, e ao depois a contaminação da palavra *caña*, «cana», em virtude da qual o *g* inicial passou a *c*.

Neolojismos individuais são com certeza *gafeirar* e *gafeiração* no trecho seguinte: — «Pode vaccinar o resto do rebanho, [de gado lanijero] mas a vaccinação, ou, antes gafeiração tem quasi tanto perigo como a doença natural [bexigas]. Ha todavia vantagem em gafeirar» —[2].

gajo

É natural que a forma *gajo* seja derivada, por indução errada, dess'outra forma *gajão*, que parece, mas não é, aumentativa, e esta mais próssima de *gachón*; visto que no Brasil, conforme o Diccionario de vocabulos brazileiros, do Vizconde de Beaurepaire-Rohan, de onde passou para o Novo Dicc., a explicação, ela é — «titulo obsequioso de que usam os Ciganos para com pessoas extranhas á sua raça. Meu *gajão* equivale a meu senhor, ou cousa semelhante» —.

[1] in Bibl. de classicos portuguezes, vol. XXXIX, p. 17.

[2] Gazeta das Aldeias, de 3 de dezembro de 1905

[redacted]

Índice alfabético e remissivo das formas e dos vocábulos mencionados no texto do I volume, referidos a cada epígrafe

---

A

azevo, Azevedo: azevinho
azinho: azinhaga
azougar: avelar
azougue: açougue
Azoia: Furada



***bacalaiba:* bacalhau**
bacharel: bacalhau
baço: bubela
báculo: bago
Badajoz, Bodalhouce: aragoês
badejo: bacalhau
bogo: desastrado; espiga
bajular: baboujar
balde (de): baldo
bangue: chambo
***baobab:* embondeiro**
barata: carocha
barba(s): bigode; canicinho
***baroque:* barroco**
barraca: espera
barranco: barroco
barreirento: bombo
barril: caneco
bastarda: ginete
bastos: saco
batata: semilha
batota: bilhafre
bebedouro: arrasta
Belcouce: alcouce
beliche: cámara
bem-aventurança: ẽaugar
berjaçote: cotio
berrão: bilhafre
besco: bescate
bêvebra: baforeira
***bibelot:* brinco**
Bié: baruísta
bilro: espirro
biombo: bonzo, cágado, dáimio
biscainho: *euscaldunac*
bisco: biscato
biscouto: galheta
bispo: bubela
***bobèche:* aparadeira**
boccarra: cangarra
bodega: adega
bodum: faro
bogalho: bogacho
***boémio:* cigano**
bofetada: galheta
botanga: chila
bolacha: galheta
bolota: bejoga
bondoso: haplolojía
bonzo: dáimio
bordão: burro
borracha: cauchu, cerne
bote: batel
botequim: adega
bovina: chacina
braga: calceta, canicinho
buçal: buço
***buena:* arrenega**
***buhonero:* fofarinheiro**
bujio: burro
bule: chá
bus: chus
buz: bruços

[redacted]

C

[redacted]

cavalo: burro
cavide: cabide
cecear: ciciar
cedo: fêvera
cega-rega: chucharrão:
cemitério: arrenega
cenário: decorar
cesta, cêsto: bacio, espiga
cêvo: cibo
chabancas: ciciar
chada: achada
chafurdo: camiceiro
chalacear: caço
chaleira: bul
chama: achar, bombaça
chaminé: bombaça
chançarel: bacalhau
chão: chana; diabo
chapeleiro: guarda-sol
chapéu: charavasco
chato: escaparate
chavascal: charabasco
chave: facha
chavelho: apanha, cabeça
chávena: chá
cheda: cantadoura
chefe: cacique
cheio: deslumbrar
cheirar: cheiro, faro
cheiros: segurelha
chicango: ensaca
chícara: chá
chicharrón: chucharrão
chiqueiro: curral
chisseiro: chicua
chituredo: chicua
chola: cacho
chor: diabo
chuchar: chacina
cidadão: aldeão
cidade: citânia
cinzete: goma
cipai: ensaca
cirieiro: candeia
cisco: chisca
cividade: citânia
chamante: falar
claustro: crasto
coador: arrasta
coalhada: asada
coba: chicua
côcedra: colchão
côco: carranca
coelho: colheira, diabo
cofre: cova
cognome: alcunha
coireleiro: cada
coisa: aquela
colgar: colcha
comaca: cornaca
comonia: ferroba
compostouras: apanha
conca: cunca
concertar: consertar, fêvera
conde: condessa
confetti: confeito
confesso, confissão: discrição
considerar: bondoso
consolamento: abafador
constitucional: estatutário
copejar: gotejar
copo: cámara, cocho

[redacted]

[redacted]

Eça: essa
eguariça: asneira
eiró(s): arrió(s)
eixo: apanha
ejípcio: cigano
ejitanato: cigano
em: faiança
em-ader: ẽaugar
em-asprar: ẽaugar
emborcar: borco
embuçar: buço
empipa: embondeiro
empreita: espreitar
encabeçadas: desmochar
encarriçado: carriço
encher: achar; cacho
encinzeirado: acinzeirado
encrave: *enclave*
engadanhar: gadanha
engalfinhar: gafa
engalinhar: galinha
engaranhado, engaranhido: gadanha
engelhar: avelar
engonço: escancarar
engraxar: graxa
ensogadura: cabeça
enteiro: faro
entrevado: arredar
enveja: bójo; grelha
enxó: enxoval
enxame: enxoval
enxofre: enxoval
enxoval: golpelha
esbulhar: desbulhar
escarnecer: caço
escangalhar: canga
escano: escamel
escoitar: ascoitar
escumalha: chucharrão
esfera: hetera
esfregar: estregar
esgadanhar: gadanha
esguiçar: escarçar
esgatanhar: gadanha
esgraminhar: ancinho
esnoga: esmola
espádua: espada
espalda: espada
espátela: espada
espear: espiar
espelho: desastrado
espera: apanha, arrasta
espeteira: estanheira
espigueiro: canastro, feno
esquecido: falar
esquerdo: arrió(s)
estadoal: estatutário
estanheira: casa
estantígua: bruxa
estatura: estatelado
estrêla: desastrado
estro: desastrado
exame: enxoval
exército: enxoval

F

fábrica: cantiga
fabrico: escancarar
facada: cuquiada
facho: facha

[redacted]

F

ERRATAS ESSENCIAIS

Linha	Êrro	Correção
12	vocabulo	vocábulo
19	notabílissima	notabilíssima
4	existencia	existéncia
11	incluiu	incluíu
13	daquella	daquela
16	fron	from
24	trompeta	trombeta
11	*vintem*	*vintém*
23	longe	lonje
22	*arrenegada,*	*arrenegada*
18	, e *passim,* torquês	turquês
19	fruto e	fruto, e
2	vêmos	vemos
16	trouxemo-la	troussemo-la
21	peor	pior
11	esse	êsse
última	DICTIONAIRE	DICTIONNAIRE
7	quáis	quais
25	coxa	coixa
18	árabica	arábica
31	Tangere	Tánjere

Pájina	Linha	Êrro	Correção
201	31	ABABE	ARABE
202	13	*alqâhira*	*alqañira*
206	16	esse	êsse
213	21	salgueiro)» —.	salgueiro)».
232	30	qui	que
233	6	çetim	cetim
237	4	inglezes	ingleses
238	2	separadas	separados
246	26	u	ou
255	23	com o	como
262	3	palavra	palabra
275	18	Coll'i	Così
282	19	cappela	cappella
299	22	quer	quere
319	9	verga	vêrga
331	5	E termo	É termo
336	2	galinaceos	galináceos
»	32	*cotovêloa*	*cotovêlo,*
»	33	de um,	de uma
363	8	uimen para	a uimen por
368	26	artifícial	artificial
378	16	contraido	contraído
382	16	Hastemann	Hartmann
»	penúltima	DICTIONAIRE	DICTIONNAIRE
407	17	Ignóro	Ignoro
411	2	*espaldeiràda*	*espàldeiráda*
415	12	particularisar	particularizar
416	12	quer	quere
417	7	latino	latino,
437	4	tamul	támil

Linha	Êrro	Correcção
3	SEMÂNTICA	SEMÁNTICA
3	dois	três
5	Anna	Ana
9	designa	designam
15	dicionarios	dicionários
25	*t* latino em *r*	*t* latino em *i*
1	*filies*	*filios*
2	em	un
14	porque	por que
20	menos,	menos
3	ignoro-o	ignoro-o;
4	Poruguesa;	Portuguesa;

483.

DATE DUE

